



O Porto. Óleo sobre tela de Tarsila do Amaral (70 x 100cm). Acervo do Banco Central.
Reprodução fotográfica de Sandra Bethlem

.....

VIAGEM DO RIO DE JANEIRO
A MORRO VELHO



Mesa Diretora
Biênio 2001/2002

Senador Ramez Tebet
Presidente

Senador Edison Lobão
1º Vice-Presidente

Senador Antonio Carlos Valadares
2º Vice-Presidente

Senador Carlos Wilson
1º Secretário

Senador Antero Paes de Barros
2º Secretário

Senador Ronaldo Cunha Lima
3º Secretário

Senador Mozarildo Cavalcanti
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Alberto Silva
Senadora Maria do Carmo Alves

Senadora Marluce Pinto
Senador Nilo Teixeira Campos

Conselho Editorial

Senador Lúcio Alcântara
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros

VIAGEM DO RIO
DE JANEIRO
A MORRO VELHO

Richard Burton

Tradução de
David Jardim Júnior



Brasília – 2001

O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do País.

COLEÇÃO O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

Sua Majestade o Presidente do Brasil – Ernest Hambloch
Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil – Daniel P. Kidder
O Rio de Janeiro como é (1824-1826) – C. Schlichthorst
Viagem ao Brasil – Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz
Viagem na América Meridional – Ch.-M. de La Condamine
Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817 – Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied
Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo – Auguste de Saint-Hilaire
Brasil: Amazonas–Xingu – Príncipe Adalberto da Prússia
Dez Anos no Brasil – Carl Seidler
Brasil: Terra e Gente – Oscar Canstatt
Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho – Richard Burton

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2001
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 - Brasília-DF
CEDIT@senado.gov.br
<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

.....

Burton, Richard Francis, 1821-1890.

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho / Richard Burton ; tradução de David Jardim Júnior. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

530 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)

1. Minas Gerais, descrição. 2. Rio de Janeiro (estado), descrição.
3. Ouro, jazida. 4. Diamante, jazida. I. Título. II. Série.

CDD 918.151

.....

.....

Sumário

APRESENTAÇÃO

pág. 13

DEDICATÓRIA

pág. 17

PREFÁCIO

pág. 19

A REGIÃO MONTANHOSA DO BRASIL

Ensaio Preliminar

pág. 23

CAPÍTULO I

Partida do Rio de Janeiro

pág. 45

CAPÍTULO II

Petrópolis

pág. 57

CAPÍTULO III

De Petrópolis a Juiz de Fora

pág. 61

CAPÍTULO IV

Juiz de Fora

pág. 77

CAPÍTULO V

De Juiz de Fora a Barbacena

pág. 83

CAPÍTULO VI

Os Campos

pág. 101

CAPÍTULO VII

Barbacena

pág. 113

CAPÍTULO VIII

O Ouro – O Hotel – As Mulas

pág. 123

CAPÍTULO IX

De Barbacena a Nosso Senhor do Bom Jesus de Matosinhos do Barroso

pág. 135

CAPÍTULO X

De Barroso a São João d'el-Rei

pág. 145

CAPÍTULO XI

Passeio em São João d'el-Rei (Lado Sul)

pág. 155

CAPÍTULO XII

O Norte de São João d'el-Rei

pág. 167

CAPÍTULO XIII

São João d'el-Rei

pág. 179

CAPÍTULO XIV

Viagem para Lagoa Dourada

pág. 189

CAPÍTULO XV

Lagoa Dourada

pág. 197

CAPÍTULO XVI
Viagem para Congonhas do Campo
pág. 201

CAPÍTULO XVII
Congonhas do Campo
pág. 213

CAPÍTULO XVIII
Viagem para Teixeira
pág. 223

CAPÍTULO XIX
Viagem para Cocho D'água
pág. 229

CAPÍTULO XX
Viagem para a Mina de Ouro de Morro Velho
pág. 237

CAPÍTULO XXI
Notas sobre a Mineração de Ouro em Minas Gerais
pág. 249

CAPÍTULO XXII
A Vida em Morro Velho
pág. 271

CAPÍTULO XXIII
O Passado e o Presente da Mina da “St. John Del Rey” – Morro Velho
pág. 283

CAPÍTULO XXIV
A Vida em Morro Velho (continuação)
pág. 291

CAPÍTULO XXV
No Fundo da Mina
pág. 301

CAPÍTULO XXVI
O Nascimento da Criança
pág. 311

CAPÍTULO XXVII
O Mineiro Branco e o Mineiro Pardo
pág. 321

CAPÍTULO XXVIII
O Mineiro Preto – Reflexões Gerais Antes de Deixar as Minas
pág. 331

CAPÍTULO XXIX
Viagem para Roça Grande
pág. 343

CAPÍTULO XXX
Viagem para Gongo Soco e Fábrica da Ilha
pág. 355

CAPÍTULO XXXI
Viagem a Catas Altas de Mato Dentro
pág. 369

CAPÍTULO XXXII
Viagem para Mariana
pág. 381

CAPÍTULO XXXIII
Mariana
pág. 393

CAPÍTULO XXXIV
Viagem para Passagem e Ouro Preto
pág. 401

CAPÍTULO XXXV
Vila Rica, Hoje Ouro Preto (Lado Oeste)
pág. 413

CAPÍTULO XXXVI
Continuação de Ouro Preto (Lado Leste)
pág. 429

CAPÍTULO XXXVII
O Pico Itacolomi
pág. 447

CAPÍTULO XXXVIII
O Mineiro
pág. 455

CAPÍTULO XXXIX
Regresso a Morro Velho
pág. 491

CAPÍTULO XL
Viagem para Sabará
pág. 499

CAPÍTULO XLI
Viagem a Cuiabá
pág. 511

ÍNDICE ONOMÁSTICO
pág. 521

.....

Apresentação

QUEM É RICHARD F. BURTON

Sir Richard Francis Burton, explorador e orientalista britânico, nasceu em 19 de março de 1821, em Tarquay. Seu avô se estabeleceu na Irlanda como reverendo e seu pai, coronel do 36º Regimento, era irlandês de nascimento e caráter. Sua mãe, porém, exibia profundo orgulho da remota ascendência Bourbon, acreditando piamente provir do sangue do grande monarca francês, através de um casamento morganático.

Muitos notavam em Burton certas maneiras ciganas como um caráter ressentido, inimigo das regras rígidas e espírito vagabundo.

Tudo isso refletiu no seu estilo e nas obras numerosas que escreveu. Uma educação rígida legou-lhe certa timidez, mas levou toda a juventude entre a França e a Itália recebendo grande influência dos prosadores mais em evidência nesses países. Frequentou o Trinity College, da Universidade de Oxford, mas com seu ar crítico e o bigode petulante foi levado a travar duelos e seu comportamento excêntrico criou-lhe vários embaraços.

Foi mandado à Índia e se alistou no 18º Regimento de Infantaria de Bombaim, dali passando a trabalhar na Cia. das Índias, o que lhe deu ensejo de se aprofundar nas línguas do Oriente. Já em Oxford, sem auxílio de mestres, iniciou o estudo do árabe. Tal foi a aptidão demonstrada que em pouco tempo aperfeiçoou-se na língua hindustani e vários outros dialetos, assim como o persa e o árabe. Com o vasto cabedal lingüístico, pôde melhor penetrar nos segredos daqueles povos e seus primeiros livros, de 1851, são sobre um vale hindu: Scind, or the Unhappy Valery e Sindh and the races that Inhabit the Vallery of the Indus. Logo a seguir, publicou Goa and the Blue Montains. Publicou em 1852 uma curiosa obra sobre a arte da falcoaria, Falconry in the Vallery of the Indus.

Embora nenhuma dessas obras lhe granjeasse notoriedade, foram escritas com notável vivacidade e repletas de testemunhos verídicos.

A notoriedade começa com a viagem de Burton a Meca, cuidadosamente preparada e motivada pelo espírito de aventura e curiosidade. Até ali a Arábia era conhecida nos mapas europeus como a “enorme mancha branca”. Burton a estudou em extensão e profundidade no volume Pilgrimage to Al-Medinah and Meccah, de 1855. Podemos asseverar que é o precursor do Lawrence dos Sete Pilares da Sabedoria, tão vívidas e pungentes são as descrições, sobressaindo-se a notação pessoal em cada página. Suas perspectivas sobre os costumes e pensamento semíticos, assim como a pintura do modo de vida dos árabes emprestam a esse livro o valor de autêntico documento. Tudo redigido com humor, sobriedade de opiniões e linguagem rigorosa, dando a essa obra lugar de destacada curiosidade na Literatura. Seu livro seguinte é o produto de uma perigosa aventura que lhe foi proposta pelo governo indiano, peregrinação sem paralelo com as outras:

explorar o interior da Somália. Daí nasceu o volume publicado em 1856, First foot-steps in East-Africa, obra de características excitantes, cheia de ensinamento e humor.

Com o nome já consagrado e pertencendo à Royal Geographical Society, empreende outras viagens que se transformam em livros, como o Lake Regions of Equatorial Africa, de 1860, uma das primeiras contribuições ao estudo da África negra.

Todavia, desde 1861 começou a pertencer ao serviço diplomático e o Ministério do Exterior da Inglaterra o faz cônsul em Fernando Pó. Depois, o remove para Santos, no Brasil, quando escreve o volume que estamos prefaciando The Highlands of the Brazil, tendo viajado largamente nosso País e ido até o Paraguai – daí suas reportagens no volume Letters from the Battlefields of Paraguay (1870), e, em seguida, para Damasco e Trieste, onde vem a falecer em 20 de outubro de 1890.

Sua extensa bibliografia desafia a de qualquer outro viajante ou explorador pela variedade dos aspectos e poder descritivo.

Este volume, Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, é uma prova do seu estilo vivo e empolgante.

É tão grande seu valor documentário que a Coleção Reconquista do Brasil não pôde deixar de incluí-lo na sua programação.

Não contente de escrever somente obras originais, Burton se deu, com carinho especial, à tradução das Mil e uma noites, os célebres contos árabes em 16 volumes, publicação que durou de 1885 a 1888 e é o mais famoso de seus livros. Esse trabalho encheu-lhe os momentos de ócio em Trieste, pois esse monumento da sabedoria árabe e enciclopédia da vida oriental chegou até nós pela tradução de Burton.

Muitos outros livros publicou o fecundo escritor inglês.

Basta-nos para dar uma rápida idéia sobre o autor a bibliografia já citada, incluindo este que foi belamente traduzido por David Ricardo Jardim Júnior, e que decidimos publicar com o título Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho.

São Paulo, 6 de outubro de 1976.

MÁRIO GUIMARÃES FERREI

.....

Dedicatória

A SUA EXCELÊNCIA, LORDE STANLEY, *Conselheiro Privado, Membro do Parlamento, etc., etc.*

Milorde:

Não solicitei a honra de antepor seu nome a estas páginas. Uma “Dedicatória autorizada” poderia ser considerada como tentativa de buscar proteção, depois de cometer o crime de publicar verdades rudes e de defender opiniões que não são as de uma influente maioria. Sinto-me, porém, irresistivelmente tentado a dirigir-me a um colega antropólogo, cujo amplo e esclarecido conhecimento do mundo adquirido não somente em gabinete, mas na procura da observação de viagem e pelo conhecimento da humanidade, promete às nossas terras de origem as grandes medidas e a política de bases sólidas que, no último terço de século, tem compartilhado o destino de outras boas intenções. O glorioso ano de 1867, o começo de uma nova era no Império Britânico, pode tomar como divisa:

*“Anglia surge
Immo resurge, tuam refero tibi mortuae vitam.”*

O nome de Vossa Excelência é bem conhecido no Brasil, conhecido como o de um estadista dedicado ao progresso, cuja atuação se baseia na crença de que o bem-estar de seu próprio país aumenta com o progresso de todas as outras nações. Se minha mais recente viagem tiver o feliz resultado de chamar a atenção de Vossa Excelência para o Brasil, uma região tão rica em dádivas da natureza, tão farta em possibilidades ainda inexploradas e tão ansiosa de progresso; para um Império preso a nós pelos laços do comércio, pelo seu elevado e honroso desempenho no que diz respeito aos créditos públicos; para um povo que provoca a nossa admiração pela sua jovem e gloriosa história como colônia e por sua perseverança, patriotismo e confiança em si mesmo, na guerra dos últimos três anos; e para uma comunidade tão ligada à nossa pelo governo monárquico e constitucional, e pelas relações amistosas, que datam do Dia da Independência, estarei certo (para usar a frase estereotipada) de que tempo e trabalho não foram gastos em vão.

Tenho a honra de ser,

Milorde

Seu obediente servidor,

RICHARD F. BURTON

Ex-presidente da Sociedade de Antropologia de Londres

*Santos, São Paulo,
23 de julho de 1868*

.....

Prefácio

Antes que o leitor se embrenhe pelo interior do Brasil, guiado pelo meu marido, seja-me permitido dizer-lhe duas palavras.

Regressei à Pátria, para uma licença de seis meses depois de três anos no Brasil. Um dos muitos encargos que tenho de executar para o Capitão Burton é tratar da publicação das páginas que seguem.

Tive o privilégio, durante aqueles três anos, de ter sido a sua companheira quase constante; e penso que viajar, escrever, ler e estudar sob a direção de um tal mestre constitui, realmente, uma grande dádiva, para todo aquele desejoso de ver e aprender.

Embora ele costume dizer-me, com freqüência, à feição oriental, que “o muçulmano não pode admitir a igualdade entre o homem e a mulher”, escolheu-me, mesmo assim, para sua discípula predileta, de preferência a um estranho mais competente.

Sempre que há algo difícil a fazer, um risco a ser assumido ou qualquer oportunidade de esclarecer o espírito e de se educar, sou uma discípula fidelíssima; agora, porém, começo a

perceber que, ao passo que ele e seus leitores são velhos amigos, estou, humildemente, desconhecida, à sombra de sua glória. É tempo, portanto, para, respeitosa mas firmemente, afirmar que, embora eu aceite, com orgulho, a tarefa que me foi confiada, e me comprometa a não me valer de meus poderes discricionários para alterar uma única palavra do texto original, protesto, com veemência, contra os seus sentimentos religiosos e morais, em desacordo com uma vida plena de correção. Chamo a atenção, indignada, particularmente para a maneira deturpada de se referir a nossa Santa Igreja Católica Romana e para apoio ao antinatural e repulsivo costume da poligamia, que o Autor tem o cuidado de não praticar, mas que, do alto de um pedestal de moralidade, prega aos ignorantes, como recurso para o povoamento das nações jovens.

Sou obrigada a divergir dele em muitos outros assuntos; mas deve ficar entendido, não sob o aspecto comum das implicações domésticas, mas graças a um acordo mútuo de divergirmos e nos deleitarmos com as nossas divergências, uma vez que não faltam os pontos de interesse comum.

Tendo-me, assim, justificado e feito uma amistosa advertência ao compreensivo ou benevolente leitor – os outros que cuidem de si – deixo-o a navegar por esses bancos de areia e escolhos antropológicos, da melhor maneira que possa.

Londres, novembro de 1868.

ISABEL BURTON

OS *LUSÍADAS* DE CAMÕES

CANTO VI

XCV

Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são da fama amigos
As honras imortais e graus maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais da Moscóvia zibelinos;

XCVI

Não cos manjares, novos e esquisitos,
Não cos passeios moles e ociosos,
Não cos vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos,
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heróica de virtude;

XCVII

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que ele chame o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado com árduo sofrimento;

XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E lava a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura;

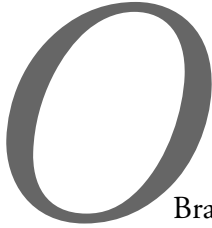
XCIX

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos ocupado,
Subirá (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

.....

A Região Montanhosa do Brasil

Ensaio Preliminar



Brasil é, especialmente para o viajante estrangeiro, uma terra de peculiaridades. Quando desembarca em Pernambuco, as perguntas que lhe são feitas, mal desce do escaler, são: É negociante? Engenheiro? Naturalista? Médico? — Não! então, tem de ser dentista! E — supondo-se que ele não seja um Duque Real ou um milionário com o valor da fortuna escrito na testa — o viajante fará bem, especialmente se se destinar à longínqua região ocidental da Terra de Santa Cruz, em fazer parte, ou vir a fazer parte, de uma das cinco castas reconhecidas.

Do mesmo modo que os estrangeiros, os escritores brasileiros têm sido, em sua maioria, especialistas, cada um preso à sua finalidade específica. Depois da fase dos cronistas jesuítas e franciscanos, os antigos viajantes, que precederam os cientistas, encarregados da demarcação das fronteiras, eram pura e simplesmente exploradores, que, quando chegaram a escrever, escreveram apenas Roteiros ou Itinerários. Entre os portugueses, pode ser mencionado o consagrado naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira,* mandado, em

* Alexandre Rodrigues Ferreira era baiano. Dedicou-se ao estudo da vegetação e da fauna brasileiras. Estudou Medicina em Coimbra, e, recomendado por Vanderlli, que foi professor de Botânica de D. Pedro II, veio para o Brasil, onde, de 1783 a 1792 excursionou do Pará a Mato Grosso, viajando pelos rios Amazonas, Negro, Branco, Madeira e Guaporé entre outros.

Suas coleções botânicas e zoológicas foram remetidas para Lisboa. Reunira os resultados de suas investigações sob o título *Viagem Filosófica*, mas não teve a satisfação de vê-los publicados.

Junot, comandante das tropas francesas que invadiram Portugal, ordenou a entrega de muito de seu material a Geoffroy de Saint-Hilaire que, aproveitando-se desse material, de desenhos e observações de Alexandre Rodrigues Ferreira, publicou em seu próprio nome vários trabalhos.

Em 1970 bela edição, coordenada por Edgard de Cerqueira Falcão, apareceu no Brasil com o título: *Viagem Filosófica às Capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*, do insigne naturalista patricio e não português como diz Burton. (M.G.F.)

1785-1786, em expedição científica ao rio Amazonas. O ativo e intrépido paulista, Dr. de Lacerda (1790), que, a propósito, foi proibido de usar instrumentos científicos por um certo D. Bernardo José de Lorena, capitão-general da Província de São Paulo – um verdadeiro Sultão da Waday – e que morreu na Capital de Cazembe, na África, era matemático e astrônomo. O Dr. José Vieira Couto (1800-1801), de Tijuco, hoje Diamantina, era mineralogista, assim como o Patriarca da Independência, o venerando José Bonifácio de Andrada e Silva, de Santos (1820). O Major Coutinho, experimentado viajante da Amazônia, é oficial de engenharia.

Os Países Baixos, nos velhos tempos, mandaram ao Brasil o literato e historiógrafo, Gaspar Barléu, aliás, Barlaeus (*Rerum per Ocatenium In Brasíliã gestarum Historia*, Amsterdã, 1647), cujo volumoso infólio em latim tem hoje um interesse antropológico; Piso de Leyden e o alemão Marcgraf (1648), que lançaram as bases do estudo sistemático da Botânica; Arnoldus Montanus (1671), plagiado pelo tantas vezes citado Dapper, e G. Nieuhof (1682). Entre os alemães, estão Hans Staden (1547); o Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied (1815-1817), naturalista e ornitologista; S. A. R. o Príncipe Adalberto da Prússia, que viajou no Brasil,¹ os sábios Spix e Martius (1817-1820),² Humboldt³ e Bonpland; o Barão von Eschwege, mineralogista; além do velho Varnhagen e de Schuch (Sênior), Langsdorff^{**} e Natterer, Pohl, Burmeister, e outros nomes bem conhecidos da ciência.

Os franceses, para não mencionar os antigos, como De Léry (1563), o “Montaigne dos velhos viajantes”; o capuchinho Claude d’Abbeville (1612), Yves d’Evreux (1613-1614) e Rouloux Baro (1651), contribuíram com o matemático La Condamine, o botânico Auguste Saint-Hilaire (1816-1822), o naturalista Conde Francis de Castelnau (1843-1847) e o astrônomo M. Liais (1858-1862). Além destes, há os nomes menos famosos de M. Expilly (1862), que, como nos conta em seu “Brésil tel qu’il est”,⁴ se apresentou na qualidade de fabricante de fósforos, e M. Biard (1862) que se apresentou como pintor retratista e produziu uma notável caricatura.

** Langsdorff, que estivera no Brasil em 1803, retornou em 1813 como Cônsul da Rússia. Encarregado por esse país, em 1820 organizou uma expedição científica da qual fizeram parte Riedel e Freyreiss que visitaram a Bahia, Minas Gerais e São Paulo. Em 1827 Riedel foi a Mato Grosso e Langsdorff dirigiu-se ao Pará.

Esta missão russa de naturalistas organizou um herbário de 60.000 exemplares de plantas brasileiras, o qual foi remetido para São Petersburgo, hoje Leningrado. (M.G.F.)

Os anglo-americanos mandaram os Srs. Hernden e Gibbon, oficiais de marinha (1851), para reconhecer o vale do Amazonas. O Sr. Thomas Ewbank (1856) era engenheiro. Os dois valiosos e hoje desprezados volumes do Sr. Kidder (1845) foram escritos por um missionário, e a produção conjunta dos Srs. Kidder e Fletcher era obra de missionários.⁵ Ultimamente, diversos “opúsculos” foram publicados pelos “General” Wood, Dr. Gaston e Rev. Dunn, colonizadores, e pelo Cap. John Codman, que comandou um vapor no litoral brasileiro.

Nós, ingleses, contribuímos com o “negociante britânico” Luccok (1808-1818); o mineralogista John Mawe (1809-1810); o preciso Koster (1809-1815), estabelecido no comércio de Pernambuco; o Reverendo Walsh, anglicano e protestante (1820); o Dr. Gardner, botânico (1836-1841); o Sr. Henry Walter Bates, competente naturalista e entomologista (1847-1859), que, em seus primeiros trabalhos no rio Amazonas, foi acompanhado pelo Sr. A. P. Wallace; o Sr. Hadfield (1854), que visitou a costa e estudou a navegação a vapor; o naturalista R. Spruce e o engenheiro William Chandless, que ainda prossegue sua aventureira viagem nas encostas dos Andes. Não devo concluir essa resumida lista sem mencionar o Dr. Lund, sábio dinamarquês, que viveu entre os sáurios extintos, nas cavernas de Minas Gerais, e o ictiologista e “homem de ciência pura”, Professor Luís Agassiz, de Boston (1865-1866), viajante recebido com o maior entusiasmo de que o Brasil é capaz*.

Nessa brilhante assembléia, um mero turista sentir-se-ia, ou deveria sentir-se, de certo modo deslocado. Também tenho, contudo, a minha especialidade – e *son pittor anch’io*. S. M. I. observou, com muita razão, que a África Central está, rapidamente, se tornando melhor conhecida na Europa que o Brasil Central.⁶ Mesmo no Rio de Janeiro, poucos acreditariam que o Vale do Rio São Francisco, popular, mas inaceitavelmente – do ponto de vista geográfico – chamado Mississípi Meridional, está no mais puro estado de natureza. Meu plano era, então, visitar a futura sede do Império, junto à grande artéria, para assim tornar conhecida a vastidão de suas riquezas e a imensa variedade de suas produções, abarcando tudo, desde sal até diamantes, que o homem possa desejar. Só em Minas

* Esta lista é bastante incompleta, mesmo para a época em que Burton a compilou. Mais informações podem ser obtidas em: “A Botânica no Brasil”, Mário G. Ferri, in *As Ciências no Brasil*, direção de Fernando de Azevedo, 2 vols. Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1957. (M.G.F.)

Gerais, o viajante encontra uma “região tão grande, um solo tão fértil e um clima tão salubre como os da Inglaterra”,⁷ uma atmosfera de *aestas et non aestus*, onde a “tirania dos ventos gélidos e dos frios precoces” é desconhecida; e, finalmente, um *fit habitat* – ou melhor, o velho lar⁸ para o homem tropical mais nobre do futuro, quando as chamadas regiões temperadas já tiverem dado o que tinham de dar. “Sustento a opinião”, diz o Sr. Bates, “de que, embora a humanidade não possa alcançar um elevado estágio de cultura apenas lutando com a não inclemência da Natureza em latitudes elevadas, só no Equador é que a perfeita raça do futuro alcançará o gozo completo da maravilhosa herança do homem, a Terra”.

A data da minha viagem foi muito feliz. O 7 de setembro, o glorioso Dia da Independência do Brasil, fora dignamente comemorado, com a abertura aos navios mercantes de todas as nações do rio São Francisco e do Mediterrâneo de água doce do extremo norte. O ministro da Agricultura e Obras Públicas tinha enviado um vapor, para ser lançado no curso superior do rio. O presidente de Minas concedeu, recentemente, a um engenheiro civil brasileiro uma concessão para explorar a navegação a vapor no rio das Velhas, tributário do São Francisco. Um empresário inglês estava construindo uma linha ferroviária para ligar a Capital do Império à cidade de Sabará, a futura São Luís; pretendia-se, assim, ligar ao Atlântico Sul o curso de água que recebe mil rios e abarca uma bacia de 8.800 léguas quadradas somente numa província que está em condições de sustentar vinte, em vez dos miseráveis dois milhões de almas atuais.

E isso não é tudo. O mais novo dos impérios e a única monarquia do Novo Mundo, tão ricamente contemplado com belezas naturais e riquezas materiais ainda enterradas em seu seio, tão esplêndido em posição geográfica, com uma linha costeira como a da Europa, entre o Cabo Norte e Gibraltar,⁹ parece ser o filho predileto da Fortuna. Em 1852,¹⁰ quando o tráfico de escravos cessou, o País ficou desanimado, e não sem razão, ante a perspectiva de um mercado de mão-de-obra deficiente¹¹, o trabalho servil era, então, a única fonte de prosperidade da agricultura; era, em última análise, seu ganha-pão.

Prevaleceu, porém, a estrela do Brasil, ou, como dizem os que lhe são hostis, sua “sorte”. Em 1860, a Carolina do Sul “reexaminou a conexão de Estado e União” e reformou sua independência. Cinco anos mais tarde, os sulistas começaram a trocar por mais felizes regiões seus desolados lares.

O movimento foi, prazerosamente, estimulado pelo Governo brasileiro; e, em janeiro de 1868, o número de imigrantes assim era apresentado:¹²

Província do Paraná ¹³ (perto de Curitiba, Morretes e Paranaguá) ¹⁴	200 pessoas
São Paulo (Município de Ribeira, Campinas, Capivari, etc.).....	800 pessoas
Rio de Janeiro (na capital e seus arredores).....	200 pessoas
Minas Gerais (rio das Velhas, etc.).....	100 pessoas
Espírito Santo (nos rios Doce, Linhares e Guandu ¹⁵).....	400 pessoas
Bahia.....	100 pessoas
Pernambuco.....	700 pessoas
Pará.....	200 pessoas
Total.....	2.700 pessoas

A lista oficial de imigrantes entrados no Rio de Janeiro, durante o ano de 1867 é a seguinte:

Portugueses	4.822, ou cerca de metade do total
Norte-americanos	1.575
Ingleses	647
Alemães	357
Irlandeses	220
Outras nações	2.411
Total	10.032

No ano corrente, espera-se uma entrada de 10.000; agricultores de primeira categoria parecem inclinados a vir para um país onde uma área igual de terreno produz três vezes mais do que na Luisiana. A cana-de-açúcar está suplantando, rapidamente, o algodão, que não é compensador, segundo se tem verificado,¹⁶ e os sulistas estão experimentando, na região do rio Doce, as possibilidades do café, que irá tornar-se, provavelmente, a cultura favorita.

Começou, assim, um acentuado influxo de homens trabalhadores e diligentes, acostumados a utilizar maquinaria agrícola e formando, em cada colônia, um núcleo, em torno do qual podem fixar-se agricultores europeus. À medida que a escravidão for diminuindo, tal imigração aumentará, e convém não esquecer que as duas não podem coexistir. A corrente imigratória far-se-á sentir de pronto, sem ajuda externa: aparecerão os alemães, os anglo-escandinavos e, em verdade, todos quantos vivem no fecundo Norte.¹⁷ E, assim, o Império, a despeito da falta de braços negros,

terá aumentado o volume de sua mão-de-obra e seguirá os passos da grande República Setentrional.¹⁸

No vale do rio São Francisco, começou o processo imigratório, e o pioneiro da civilização encontra-se, agora, em suas margens. O Sr. Dulot provou quão apropriada é a região montanhosa tropical do Brasil para tornar-se um lar para franceses. Muito mais, portanto, para a formigante colméia da Europa Setentrional e para os anglo-escandinavos, vulgarmente chamados anglo-saxões, que, em anterior e mais enérgico período de sua história, ter-se-iam mostrado e provado como os naturais colonizadores das zonas temperadas meridionais do mundo!

É evidente, em nossa presente situação, que cada libra esterlina gasta na catequese de raças destinadas a desaparecer, e na desolada e desesperada selvageria da África e da Austrália, é uma libra afastada de uma finalidade útil. Continuaremos a empregar quinze vasos de guerra, 1.500 homens e cerca de um milhão em dinheiro, por ano, para sustentar uma esquadra sentimental ou de navios imprestáveis, que já se mostraram impotentes para impedir a exportação de negros, em qualquer lugar e ocasião em que haja procura de mão-de-obra negra, e cujo principal efeito sobre a África Ocidental tem sido o de sustentar Serra Leoa, aquela Sodoma e Gomorra hamítica, encher alguns bolsos, atuar como máquina política para jogar poeira nos olhos dos outros e aumentar, consideravelmente, o sofrimento dos escravos e o infortúnio de seu continente.

Ao mesmo tempo, gabamo-nos de ter mais de 900.000 pobres ou pessoas que recebem ajuda. A ajuda aos pobres nos custa, por ano, um total, realmente gasto, de 6.959.000 libras: o aumento de 1866 para 1867 varia de 4,8 a 19,6 por cento. Na velha terra natal, a população aumenta em proporção geométrica, a subsistência em proporção aritmética. Já se disse que o flagelo da Inglaterra é “amamentar demais e comer de menos”.* O excesso de população acarreta os horrores do País Negro e de Terling e Witham no “Condado de Calf”. Daí o estado de “cidades árabes”, da miséria e servidão, os “amoladores de Sheffield e os oleiros de Manchester”.

O milhão e meio por ano, assim jogado fora para a “propagação da fé” e para a manutenção de uma esquadra impotente para a sua

* Vê-se aqui que o fenômeno da fome combinado com o do superpovoamento, que entre nós ocorre especialmente no Nordeste, não é invenção nossa, nem é exclusivo de nosso País. (M.G.F.)

finalidade política, deveria de há muito ter sido destinado à constituição de um “fundo de emigração”. Teríamos feito leais emigrantes dos infelizes irlandeses de Connaught e fornecido braços poderosos e almas dispostas às nossas colônias, que ainda precisam, como precisa o Brasil, de trabalhadores rurais e empregados domésticos. Durante o último quarto de século, permitimos que milhões de homens se exilassem de nossas praias para irem se tornar fenianos no Novo Mundo, um espinho atravessado na geração presente, que mostra ao mundo, em palavras de fogo, a ineficiência, para não se usar palavra mais contundente, de nosso sistema e um escândalo para o futuro. Mas o fatal sistema baseado no tripé “*Quieta non movere*”, “*Après nous le Deluge*” e a ordem de Glencrow, tão grata aos fracos de corpo e espírito, arrastou-nos à nossa última e menos desculpável dificuldade.

Há meia geração atrás, o proprietário rural irlandês, o programador da Constituição e partidário das “nacionalidades oprimidas”, deveria saber que, pelo menos em torno de Sligo, o descontentamento era grande, que homens armados se reuniam à noite, que os católicos tinham mandado às urtigas os impedimentos de padres e confessionários, e que os irlandeses estavam dispostos a desfechar, a qualquer momento, um golpe em prol do que sustentavam ser o seu direito.

Não se considerou, contudo, conveniente alarmar as pessoas respeitáveis em cujas mãos o destino da Grã-Bretanha caíra desde o ano da graça de 1832 e das quais somente o ano de 1867 e suas conseqüências nos podem libertar. O vulcão poderia roncar e referver sob os pés dos poucos iniciados, mas estes se limitavam a senti-lo e não dar demonstração. Todas as interpelações parlamentares sobre o assunto eram respondidas em estilo pedante, despropositado e auto-suficiente; nenhuma iniciativa poderia ser tomada sem se incorrer no ridículo ou na censura, e o resultado foi 1867.

O dano causado foi, destarte, irreparável, mas ainda podemos impedir a propagação do mal.

Os anglo-escandinavos e os anglo-celtas têm sido descritos como os grandes “escavadores” do globo. Diante deles, montanhas são derrubadas; eles escavam rios, constroem cidades, transformam desertos em vergéis – o Utah torna-se Deseret, a Terra da Abelha. O mundo ainda precisa deles; eles, por seu lado, podem encontrar um lar muito mais feliz que a Grã-

Bretanha, onde, em verdade, é difícil conceber como um pobre concorde em viver. O operário que vem para o Brasil, mineiro, carpinteiro ou ferreiro, torna-se feitor de mina – talvez proprietário de mina – feitor ou proprietário de terra, engenheiro. O modesto lojista da Europa aqui se torna pelo menos negociante, possivelmente capitalista. O simples mestre-escola é professor; o empregado de escritório eleva-se de 100 libras por ano a 300. A governanta, indo além de uma empregada doméstica de categoria superior, com um futuro enfadonho diante de si, torna-se, muitas vezes, a cabeça da casa, que governa com mão de ferro.

A esses e muitos outros, especialmente aos solteiros da Europa, o Brasil poderia dizer, nas palavras da Santa Escritura: “*Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos*”.

Tem-se dito que os ingleses das classes inferiores, expressão que inclui os irlandeses, não progridem, em via de regra, nos trópicos; que são, em geral, quando “entregues a si mesmos”, uma raça

Degenerada e extraviada, de homens
Que renegam os viris antepassados,
Na vaidade e volúpia mergulhados.

Estas páginas, porém, provarão que, com disciplina e rigorosa fiscalização, eles podem fazer maravilhas, e, quando os sulistas dos Estados Unidos tiverem fixado no Império, acostumados como são, na própria terra, a “dirigir” brancos e tratar com os proletários e os *colluvies gentium* da Europa, saberão oferecer o padrão de organização.

Até agora, o Brasil sofreu as conseqüências de ter uma terra virtualmente incógnita para a Europa. Falta-lhe aquele poderoso interesse derivado da “proximidade” e que subentende um ângulo de visão muito grande. Os livros publicados sobre o assunto são, em sua maioria, como já observei, de especialistas; colocam-se, portanto, na categoria de “*biblia a biblia*”, e nenhum merece ser catalogado em uma classe “que não pode faltar a qualquer biblioteca particular”.

Já em 1862, todavia, a Exposição de Londres mostrou que esta região supera a todas as outras no fornecimento de algodão que nossos fabricantes mais procuram. Depois daquela ocasião, o transitório pensamento da guerra talvez tenha feito bem a ambos os países, fazendo-os melhor se conhecerem. E agora as nossas sempre crescentes relações, sociais e comerciais, com

aquela vasta e admirável secção do Continente Sul-Americano, devem conduzir, oportunamente, a um conhecimento mais estreito e melhor do que se pode imaginar. Foi necessária uma grande desgraça nacional para expiar o grande pecado nacional de negligenciar nossas possessões das Índias Orientais. O Brasil, acredito, não corre, agora, o risco de ser esquecido.

Em 1864-1865, enquanto todas as outras nações exportavam para o Império 6.850,300 libras, a Grã-Bretanha forneceu 6.309,700 libras, de um total de 13.809,500 libras. O ano de 1866-1867 apresenta, apesar de grandes compras de matéria-prima, um acentuado declínio.¹⁹ Trata-se, contudo, de um fenômeno passageiro, efeito da depreciação da moeda e da deficiência da indústria, resultantes de uma campanha de três anos que drenou ouro e sangue para uma região distante – na realidade uma questão da Criméia na América do Sul, as dívidas anglo-brasileiras, finalmente, vão um pouco acima de 14.000.000 de libras.

Minha divisa, nestes volumes, como em outros, tem sido

Dizei em tudo a verdade
A quem em tudo a deveis.

E, certamente, o público tem direito à mais completa lealdade do escritor. Não é, contudo, tarefa agradável, quando se trata de minas de ouro operadas por companhias inglesas, descrever, corretamente, o sistema que as “ergueu”. Não é justo, porém, que o Brasil seja censurado pela inconsciência daqueles que “estabeleceram apressadamente seus mercados”; e quando “as especulações brasileiras não são as favoritas, todos os títulos de sociedades anônimas relacionados com aquele país ficam depreciados” quando a Revista de mercados de capitais ameaça o Império com os raios daquele Vaticano monetário, a Bolsa de Valores; e no momento exato em que o Brasil, antes de conseguir um empréstimo, é obrigado a pagar o que não deve, é mais do que justo mostrar as causas e dar aos erros seus verdadeiros nomes. Sem dúvida, a menos que se diga tudo, é preferível não dizer coisa alguma. O leitor, contudo, perceberá, espero, que eu me referi ao sistema, não aos indivíduos, e que, descrevendo dois sucessos, entre uma dúzia de fracassos, fiz questão de render homenagem à honestidade e à energia.

Embora tenha feito anotações para a Região Montanhosa do Brasil à medida que a ia visitando, meu trabalho é de todo deficiente no que

diz respeito ao “embelezamento” de que se queixam “viajantes sérios”. É, em sua maior parte, uma sucessão de duras e secas fotografias de linhas rudes e cores grosseiras, de todo sem brilho. A narração, de fato, só visa à utilidade da precisão. Chegará o dia em que descrições feitas por outras penas serão comparadas com a minha, oferecendo, assim, um padrão pelo qual o progresso do país poderá ser medido. Achei melhor colocar diante do leitor certos trechos em forma de diário, não para me poupar o trabalho e a preocupação de “digeri-los”, mas para apresentar a descrição de viagem mais simples e mais natural. Os brasileiros, que, como a maioria dos povos jovens, têm um voraz e quase feminino apetite por admiração e protestos de estima, acharão a minha narrativa rude e seca. Estrangeiros aqui residentes, que são em geral pouco apegados ao país,²⁰ e que consideram como parte do patriotismo e como um ponto de honra ficar sempre a favor de um compatriota contra um nativo, ainda que o primeiro seja um canalha completo, acusar-me-ão de “brasileirismo”; os imparciais, contudo, far-me-ão justiça por uma sinceridade que se recusa a lisonjear ou mesmo a exagerar os dons de uma região que prefiro a todas aonde minhas viagens me têm levado, até agora. Posso, assim, escapar à acusação abertamente feita a quase todos que têm escrito a favor do Brasil, isto é, que foram “induzidos” a isso, ou, para falar sem subterfúgios, que foram “comprados”.²¹

Usei de propósito a expressão “anotações”. Minha viagem cobriu mais de 2.000 milhas, das quais 1.150 milhas, em números redondos, feitas no vagaroso deslocamento de uma embarcação primitiva. O tempo gasto foi de cinco meses apenas, entre 12 de junho e 12 de novembro de 1867: outros tantos anos poderiam ser mais proveitosamente dedicados só ao rio São Francisco e, ainda assim, seria difícil apresentar-se uma descrição minuciosa. Tive, porém, o cuidado de coligir para viajantes futuros, que disporão de mais tempo que o permitido por minha profissão, informações colhidas de outrem relativas a aspectos da natureza, manifestações geológicas e inscrições em rochedos até agora inexplorados. Koester, no começo do presente século, chamou a atenção para aqueles “rochedos com inscrições” no leito do rio Paraíba do Norte. Acredito que tais antiguidades sejam encontradas em muitas partes da região nordeste do continente sul-americano, que se aproxima mais do Velho Mundo. E espero, em um livro futuro, mostrar distintos “vestígios de algum povo esquecido que possuiu o país

antes da presente raça de selvagens [a família tupi] e do qual não se preservou, ao menos, a mais vaga tradição”.²²

Meu segundo volume termina abruptamente nas cataratas do rio São Francisco, em vez de colocar o viajante em sua foz. Talvez tenha sido um capricho. O fato, porém, é que a minha pena se recusou a trabalhar com os modestos pormenores de uma viagem de poucas léguas por terra e uma simples descida do rio em vapor, enquanto o meu cérebro estava repleto de imagens plenas de beleza e grandiosidade. E o prosseguimento da narrativa não teria prestado qualquer serviço especial. Mil turistas em férias aprenderão, finalmente, que a febre amarela no Império não é um conviva permanente, que seu litoral poderá ser alcançado da Europa em dez dias, que nenhuma longa viagem marítima é mais cômoda e agradável, que o interior do Brasil, que a ignorância popular imagina ser uma região pantanosa, é excepcionalmente saudável, e tem sido utilizado como lugar de cura para inválidos, que não teriam perspectiva de vida na Europa, e, finalmente, que uma curta quinzena gasta no interior para uma viagem a Barbacena, pela Estrada de Ferro D. Pedro II, permitirá admirar os mais belos aspectos das três grandes divisões geográficas da região: o beira-mar ou litoral, a Serra do Mar, cordilheira marítima, e os campos ou prados. Merece também ser visitada a Niágara do Brasil, e o viajante verificará que Paulo Afonso, a rainha das cachoeiras, é mais acessível que o norte da Escócia. O interessado encontrará, por parte dos agentes da Companhia de Navegação Baiana e do Baixo São Francisco a maior atenção e, em seu escritório, obterá melhores informações gerais sobre a região do que obteria manuseando um guia turístico.

O Apêndice contém a tradução de uma monografia do Sr. Gerber, descrevendo Minas Gerais, uma das províncias típicas do Império do Cruzeiro do Sul. Trata-se de simples compilação, mas constitui excelente base para futuros trabalhos e um bom repositório de informações locais, ora escondidas do mundo nos meandros da literatura brasileira. Não consegui avistar-me com aquele distinto escritor em Ouro Preto, e apresso-me em desculpar-me por tê-lo traduzido sem sua expressa autorização.

Se eu fosse mencionar todos os nomes, de brasileiros e ingleses, a quem são devidos o prazer e proveito de minha viagem, a lista ocuparia muitas páginas. Não foram esquecidos nestes volumes, e, de agora em diante, não serão perturbados, a não ser com a sincera expressão de minha imorredoura gratidão.

Vou concluir. O leitor terá a bondade de não criticar os pequenos erros, que escaparem à revisão.²³ Durante minha ausência da Inglaterra, minha esposa, que viajou comigo através de Minas Gerais, encarregar-se-á do trabalho da revisão, mas ficará faltando, necessariamente, a derradeira pincelada.

* * *

NOTA²⁴

Este ensaio estendeu-se indevidamente, mas não ficará completo sem uma lista de autores cujos nomes citei, e algumas observações acerca da natureza de seus trabalhos.

John Mawe: a única edição que conheço é *Voyages dans l'Interieur du Brésil en 1809 et 1810, traduits de l'Anglais par J.B.B. Cyriès*,²⁵ Paris, Gide fils, libraire, 1816. Não conheço seu *Tratado sobre Diamantes e Pedras Preciosas*, incluindo sua *História Natural e Comercial*, ao qual se acrescenta uma descrição “sobre a melhor maneira de cortá-los e lapidá-los”, in-oitavo, Londres, 1813. Os ingleses do Brasil frequentemente encontram seus compatriotas, quando os encontram, em roupagem francesa. Somente assim foi que consegui os excelentes volumes de Mr. Koster, tantas vezes citados por Southey, e conhecido no Brasil como Henrique da Costa. A edição é *Voyages dans la Partie septentrionale du Brésil, &C.*, par Henri Koster, depuis 1809 jusqu'en 1815. *Traduits de l'Anglais par M.A. Jay. Paris, 1818.*²⁶

Voyage au Brésil dans les années de 1815, 1816 et 1817 par S.A.S. Maximilien, Prince de Wied-Neuwied; traduit de l'Allemand par J.B.B. Cyriès. Paris, Arthur Bertrand, 1821. O Príncipe Max, Senhor de Braunberg, fez sucesso, e suas coleções contribuíram valiosamente para ilustrar a História Natural do Brasil.

M. Auguste Saint-Hilaire visitou o Brasil na comitiva do Duque de Luxemburgo, e durante seis anos inteiros, de 1º de abril de 1816 a 1822, viajou mais de 2.500 léguas. Esse autor é respeitado pelos brasileiros mais que qualquer outro; ele é quase germânico, no que diz respeito à exatidão e escrupulo, e o único defeito que pode ser encontrado em sua narrativa é o da extrema concisão, defeito, aliás, muito raro. De sua obra oito volumes me são familiares, e citei-os de acordo com os seus respectivos números:

- I. *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*. Paris, Grimbert et Dorez, 1830.
- II. *Voyage dans le District des Diamants et sur le Littoral du Brésil*. Paris, Librairie Gide, 1833.
- III. *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*. Paris, Arthur Bertrand, 1847.
- IV. *Voyage dans les Provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine*. Paris, Arthur Bertrand, 1851.

Não pude encontrar sua *Flora Brasiliae Meridionalis*, que foi editada com a colaboração de MM. Jussieu e Cambassèdes, nem *Plantes Usuelles des Brésiliens*, nem *Histoire des Plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*.

O último autor francês cujas viagens ao Brasil tiveram importância foi o Conde Francis de Castelnau, que dirigiu a *Expédition dans les Parties centrales de l’Amérique du Sud*. Paris, Bertrand, 1850. 6 vols. in 8.

Referi-me, muitas vezes, a Robert Southey, cuja *História do Brasil* foi admiravelmente traduzida para o português por um brasileiro.

Os três fólhos, presentemente raros e excessivamente caros, merecem, sem dúvida alguma, outra edição, com notas e emendas. Esse “grande empreendimento” da “madureza” do laureado autor é caracterizado em seus dois valiosos volumes pelo Sr. A. de Varnhagen (*História Geral do Brasil*, ii, 344) “não tanto como uma história, mas como memórias cronológicas, coligidas de muitos autores e vários manuscritos, para servir à história do Brasil, Buenos Aires, Montevidéu, Paraguai, etc.”²⁷

Notas sobre o Rio de Janeiro e as Partes Meridionais do Brasil, tomadas durante uma residência de dez anos, de 1808 a 1818. Por John Luccock, Londres, Strand, 1820. Essas *Notas* pertencem aos dias em que as viagens eram descritas em in-fólhos; ficamos imaginando o que teria sido uma “obra”. O laborioso historiador, Sr. Varnhagen (ii, 481), refere-se ao fato de não ter conseguido encontrar o referido volume, e isso nos mostra que pouco conhecido ele é.

História do Brasil, etc., etc., por James Henderson. Londres, Longmans, 1821. Trata-se, também, de um in-fólio; é mais uma compilação do que um original, e carece, assim, da espontaneidade e utilidade de sua rival.

Notícias do Brasil em 1828 e 1829. Pelo Rev. R. Walsh, Londres, Westley & Davis, 1830. Os dois alentados in-fólios merecem ser generosamente corrigidos. O autor parece acreditar em todas as histórias que lhe foram contadas e vê o Império através dos óculos escuros de nossa furiosa era antiescravista, agora felizmente passada. É um dos autores que, de acordo com Saint-Hilaire, prejudicaram consideravelmente o prestígio britânico no Brasil.

Viagem ao Interior do Brasil. Por George Gardner, Superintendente dos Reais Jardins Botânicos de Ceilão, Londres, Reeve, 1846. Esse estimável autor passou no Império os anos de 1836 a 1841. Seu forte é botânica, mas é também um homem de conhecimentos gerais, que escreveu em estilo despreziosamente agradável, cujo valor ainda não foi apreciado.²⁸

Imensa massa de informações relativas ao Brasil pode ser encontrada em documentos oficiais e de outra natureza publicados em Lisboa, especialmente na *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas qua vivem nos Domínios Portugueses ou lhes são vizinhas*. Publicada pela Academia Real de Ciências. Lisboa, na Tipografia da mesma Academia, 1812. Os sete in-oitavos são lidos por pouca gente a não ser estudiosos, e presentemente o público inglês tem muito a aprender com a notável literatura portuguesa. Em via de regra, desprezamos a língua, porque é nasal, e nutrimos a velha e errônea idéia de que o português, o mais latino de todos os idiomas neolatinos, é um “dialeto bastardo do espanhol”.

Anais Marítimos e Coloniais, publicação mensal redigida sob a direção da Associação Marítima e Colonial. Lisboa, Imprensa Nacional. Foram publicadas muitas séries dessa valiosa coleção. Não consegui adquirir um exemplar na Imprensa Nacional. A Real Sociedade de Geografia de Londres não concordou em enviar seus exemplares além do Atlântico, e manifesto minha gratidão a meu amigo, o geógrafo Mr. Alexander Findlay.²⁹

Uma obra extensa, mas valiosa (que um índice tornaria dez vezes mais útil), em 9 volumes, é *Memórias Históricas do Rio de Janeiro e das Províncias Anexas à Jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil* por (Monsenhor) José de Sousa Azevedo Pizarro de Araújo. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1822. Outra é a *Corografia Brasílica* do (Padre) Manuel Aires de Casal. O livro (impresso em 1817) é bem conhecido, mas não o autor: jamais se soube qual é o lugar de seu nascimento e a única coisa que se conhece sobre

sua vida é que ele voltou com a Corte a Portugal, e ali morreu. A despeito de algumas inexatidões, sua obra tornou-se clássica. Como meras compilações geográficas, temos o *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*, por J. C. R. Millet de Saint Adolphe, Paris, Ailand, 1845. Essa obra, em dois volumes, é simples compilação e repleta de erros.

As obras de uso local são:

Memórias sobre as Minas de Minas Gerais, escrita em 1801, pelo Dr. José Vieira Couto. Esse excelente livrinho, que é filosófico, despidido de preconceitos e apresenta ainda eloqüentes e pitorescas descrições, foi republicado por Laemmert & Cia., Rio de Janeiro, 1842. Há freqüentes referências a ele, nas páginas seguintes.

Viagem Mineralógica na Província de São Paulo, por José Bonifácio de Andrada e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Não posso mencionar a data, pois no meu exemplar falta a página com o título, e ninguém da família Andrada pôde me informar a respeito. Foi traduzida para o francês pelo Conselheiro Antônio de Meneses Drummond, e publicada no *Journal des Voyages*.

História do Movimento Político que no ano de 1842 teve lugar na Província de Minas Gerais. Pelo Cônego José Antônio Marinho. O primeiro volume foi publicado por J.E.S. Cabral, Rio de Janeiro, Rua do Hospício, nº 66, em 1844; o segundo no mesmo ano, por J. Villeneuve e Compie, Rua do Ouvidor, nº 65. O Padre Marinho era um ardoroso “luzia” ou liberal; era muito estimado, porém, e, depois que o movimento revolucionário foi esmagado, ele viveu o resto da vida no Rio da Janeiro, participando ativamente dos negócios públicos. Há, também, uma *História Cronológica* do caso, sustentando o ponto de vista contrário, e publicada, segundo se diz, sob os auspícios do Presidente de Minas Gerais, Bernardo Jacinto da Veiga.

Informação ou Descrição Topográfica e Política do Rio S. Francisco, pelo Coronel Ignácio Acióli de Cerqueira e Silva, Rio de Janeiro. Tipografia Francesa, de Frederico Arverson, Largo da Carioca, 1860. O Coronel Acióli tem trabalhado árdua e eficientemente no campo da literatura brasileira.

Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais, para o ano da 1864, organizado e redigido por A. de Assis Martins e T. Marques de Oliveira, 1º ano. Rio de Janeiro, Tipografia da Atualidade. Um segundo volume apareceu em Ouro Preto, Tipografia de

Minas Gerais, 1864 (para o ano de 1865). Esperava ver o terceiro volume em 1868, mas ainda não foi publicado.

Rapport partiel sur le Haut San Francisco, ou Description topographique et statistique des parties de la Province de Minas Geraes comprises dans le bassin du Haut San Francisco, précédée de quelques aperçus généraux sur la même Province, par Eduardo José de Moraes, Lieutenant do Génie de l'Armée Brésilienne. Paris, Parent, 1866. Trata-se do projeto de um canal.

No que diz respeito ao tupi, ou língua geral,³⁰ assunto agora de tão profundo interesse para o Brasil, de cujas partes colonizadas o elemento “índio” está desaparecendo rapidamente, recorri a:

Gramática da Língua Geral dos Índios do Brasil, reimpressa pela primeira vez neste continente depois de tão longo tempo de sua publicação em Lisboa, por João Joaquim da Silva Guimarães, Bahia, Tipografia de Manuel Feliciano Sepúlveda, 1851.

Dicionário da Língua Tupi chamada Língua Geral dos Indígenas do Brasil, por Antônio Gonçalves Dias. Lipsia, F.A. Brockhaus, 1858. O autor era lingüista, viajante e poeta, e sua morte prematura provocou o maior pesar em sua pátria.

Crestomatia da Língua Brasileira, pelo Dr. Ernesto Ferreira França. Leipzig, Brockhaus, 1859.

Um útil manual para os estudiosos da flora do Império é o *Sistema de Matéria Médica Vegetal Brasileira, etc., etc.*, extraída e traduzida das *Obras de Car. Fred. Phil. de Martius*, pelo Desembargador Henrique Veloso de Oliveira. Rio de Janeiro, Laemmert, 1854. É algo mais que uma tradução do volume em latim³¹ do erudito bávaro.

No rio de São Francisco fui acompanhado de:

Relatório concernente à exploração do rio de São Francisco desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico, durante os anos de 1852, 1853 e 1854, pelo Engenheiro Henrique Guilherme Fernando Halfeld. Impresso por ordem do Governo Imperial. Rio de Janeiro: Tipografia Moderna de Georges Bertrand, Rua da Ajuda, 73. Esse pequeno in-fólio tem dimensões apropriadas à viagem. Não é muito grande nem muito caro.

Atlas e Relatório concernente à exploração do rio de São Francisco desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico, levantado por ordem de S.M.I. o Senhor Dom Pedro II pelo Engenheiro Civil Henrique

Guilherme Fernando Halfeld em 1852, 1853 e 1854, e mandado litografar na Litografia Imperial de Eduardo Rensburg, Rio de Janeiro, 1860. Os mapas honram a litografia brasileira. Sua Majestade Imperial, Membro Honorário da Real Sociedade de Geografia de Londres, teve a bondade de enviar, em 1865, um exemplar desse enorme in-fólio à nossa biblioteca.

Para o rio das Velhas, muni-me de um exemplar de:

Hydrographie du Haut San Francisco et du Rio das Velhas, rasultatis au point de vue hydrographique d'un Voyage effectué dans la Province de Minas Geraes, par Emm. Liais. Ouvrage publié par ordre du Gouvernement Impérial du Brésil, et accompagné de Cartes levées par l'auteur, avec la collaboration de MM. Eduardo José de Morais et Ladislau de Sousa Melo Neto, Paris et Rio de Janeiro, 1865. É uma obra que tem autoridade e o estilo do in-fólio é digno da matéria.

M. Liais nos diz no prefácio (p. 2) que “coligi numerosos documentos sobre uma multidão de outras questões, além das hidrográficas, e estudou conscientemente o solo, as minas, o clima, as produções naturais, a agricultura e a estatística da região”. Promete que as mesmas sejam publicadas com o atlas, mas de forma mais portátil. Creio, todavia, que, além de cinco outras memórias sobre diversos assuntos científicos,³² ele apenas já publicou *L'Espace Céleste*,³³ que contém notícias sobre suas viagens e seus trabalhos no Império.

* * *

Esta lista de estudos não é muito grande. Ainda seria menor, contudo, se não fosse a gentileza de meu excelente amigo, Dr. José Inocêncio de Morais Vieira, bibliotecário da Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

NOTAS AO ENSAIO PRELIMINAR

1. *Viagens de S.A.R. Príncipe Adalberto da Prússia no Sul da Europa e ao Brasil, com uma excursão ao Amazonas e Xingu*. Tradução da Sir Robert H. Schomburgh e John Edward Taylor. 2 vols. Bogue: Londres, 1849. Os Condes Bismarck e Oriolla acompanharam o viajante, que desceu o Xingu até Piranhaguara.
2. *Viagens no Brasil*, pelo Dr. Joh. Bapt. von Spix e Dr. C.F. Phil. von Martius. Londres, Longmans, 1824. 2 volumes in-oitavo. Vi essa tradução na pequena Biblioteca Inglesa de Pernambuco, mas jamais consegui encontrar o original.

3. Segundo M. de Castelnau, a Biblioteca do Rio de Janeiro conserva um curioso documento, altamente característico dos tempos coloniais: é uma ordem de prisão e deportação contra Humboldt, para o caso de ser ele encontrado em território brasileiro.
4. Cito, com prazer, a opinião de M. Liais a respeito dessa lamentável obra (*L'Espace Celeste, 210*): "C'est faire injure au bon sens de ses lecteurs que d'écrire de pareilles absurdités. Au reste le livre en question est rempli d'inexactitudes. Si l'auteur l'avait intitulé *le Brésil tel qu'il n'est pas*, il serait d'une vérité parfaite".
5. *O Brasil e os Brasileiros, retratados em esboços históricos e descritivos*, pelo Rev. D. P. Kidder e Rev. J.C. Fletcher. Filadélfia, Childs & Peterson. Londres, Trunner & Cia. 1857. Uma nova edição, corrigida, foi publicada recentemente por Sampson Low & Cia., Londres. É uma obra que tem sido qualificada, de maneira um tanto áspera, em documentos oficiosos, de ser "uma fastidiosa e deliberada apologia, que causou muito mal". O maior mal que causou ao público foi provocar um impudente plágio, impresso em 1860 pela Sociedade de Propagação da Religião, Paternoster Row, 56, Londres, e intitulada *Brasil: sua História, Povo, Produções Naturais, etc.*
6. Não chamo o país de "Brasil" quando ele não o era; e em verdade, nenhuma nação o faz, a não ser a nossa. Pior ainda é o repetido anacronismo "Brasis", só admissível entre 1572 a 1576, quando o Estado foi dividido em dois governos; esse erro, contudo, continua a ser repetido pelos nossos jornais mais bem informados.
7. A superfície da Inglaterra é de 57.812 milhas quadradas; a de Minas Gerais 20.000 milhas quadradas.
8. "É antes nos grandes vales aluviais dos rios tropicais e subtropicais, como o Ganges, o Irrawaddy e o Nilo (deixe-me acrescentar o Eufrates, o Níger e o Indo), que podemos esperar encontrar os vestígios das primeiras habitações do homem." Falconer, *Revista quinzenal de geologia*, 1865. E a grande Lei do Progresso está, aparentemente, criando os futuros continentes e ilhas mais rapidamente nas latitudes tropicais que nas temperadas.
9. M. Van Straten de Ponthez (*Le Brésil*, ii, 27). Sir John Herschel (*Geografia Física*, pág. 87) informa-nos que a América do Sul tem uma superfície de 6.800.000 milhas quadradas e uma linha costeira de 16.500 e que "é precária em bons portos". Isso não se aplica ao Brasil, que tem alguns dos melhores portos do mundo.
10. Em 1850, o tráfico de escravos foi proibido por lei; em 1852, foram tomadas medidas enérgicas, e, a partir de então, ficou virtualmente extinto. Uma comissão da Câmara dos Comuns (19 de julho de 1853) apresentou os seguintes dados:

Em 1847 foram importados.....	56.172
Em 1848 foram importados.....	60.000
Em 1851 foram importados.....	3.287

Em 1853, foram importados 700 (a maior parte dos quais apreendida pelo governo).
Em 1854 o único navio negreiro que apareceu foi confiscado pelas autoridades na baía de Sarinhaém (Pernambuco) e seu carregamento libertado.

Isso resultou de uma maioria esclarecida, que, como diz M. Reybaud, ergueu o grito: “Não mais tráfico de escravos! Colonização europeia!” De modo algum foi a obra dos cruzadores britânicos. Em 3 de maio de 1862, o Sr. Christie informou oficialmente ao secretário de Negócios Estrangeiros de S.M. que a importação cessara e parecia impossível seu reaparecimento; no entanto, mantivemos em vigor a Lei Aberdeen, um dos maiores insultos jamais dirigidos por um povo forte a um povo fraco.

11. Uma obra recentemente publicada e atribuída a S.A.I. o falecido Maximiliano, que visitou a Bahia, entre 11 a 19 de junho de 1860, conta um melodramático episódio ocorrido dentro da baía, entre um navio negreiro e um cruzador. Infelizmente, ele acrescenta que os escravos que se salvaram nadando foram empregados pela E.F. Baianas cuja concessão proíbe severamente o trabalho servil.
12. Baseio-me na autoridade de Mr. Charles Nathan, do Rio de Janeiro, que, em 1867, firmou contrato com o Governo Imperial para a transferência, em 18 meses, de 1.000 famílias, ou 5.000 agricultores. Na lista acima não figuram “os ladrões, etc. de Nova York que, geralmente, têm-se infiltrado no rio da Prata, nos últimos meses”. A mudança de navegação a vapor de Nova York para Mobile e Nova Orleães em parte remediou o mal dessa exportação da “escória”.
13. Colonos vindos principalmente do Missouri, trazendo capitais consideráveis e que, em poucos anos, tornarão muito importante aquele centro.
14. Mr. C.A. Glennie, cônsul em exercício em São Paulo, há longo tempo, calcula a imigração para Ribeira em 400 a 500 almas, e o resto que passou por Santos em 375 almas, ou 75 famílias x 5.
15. O rio Doce foi preferido devido ao seu magnífico aspecto, facilidade de transporte e superioridade do solo, no qual qualquer arado pode ser usado.
16. Assim, um acre de terra plantada de algodão produz 12 arrobas (cada arroba é igual a 12 libras), e cada arroba de algodão limpo rende 10\$000, ou seja 120\$000 (mais ou menos £ 12). A mesma terra produz 35 arrobas de açúcar a 5\$000 = 175\$000, além da cachaça, etc.
17. Em fevereiro de 1868, um grupo de 53 pessoas foi mandado de Londres ao Rio de Janeiro e estava sendo organizado um segundo grupo de famílias irlandesas, no total de 338 almas. O dinheiro das passagens foi providenciado pelos próprios interessados e a combinação é que eles, ao desembarcarem no Brasil, tivessem garantidos dez dias de manutenção gratuita, e a opção de comprar 100 acres de terra por pessoa, a 2 xelins por acre, pelo prazo usual de 5 anos. Em março de 1868, fui informado de que um agente do Governo estava providenciando o transporte de 500 agricultores, com pequenos capitais, de £1.000. Os 391 imigrantes acima aludidos deveriam se fixar nas colônias Príncipe D. Pedro (Stª Catarina) e Cananéia, em São Paulo.
18. A corrente de imigração irlandesa dirigiu-se aos Estados Unidos, em 1847, quando imperava a fome. Em 1º de março de 1845, a população da ilha era de 8 1/2 milhões de habitantes, aproximadamente; em 1º de abril de 1868, era de pouco mais de 5 1/2

milhões, e calcula-se que, em 1º de abril de 1871, mal excederá a da Bélgica. Durante os vinte anos que se sucederam àquela data (1866) a grande República recebeu um aumento de 3.500.000 almas, ou seja, uma terça parte da população do Brasil. Este último, segundo se tem verificado, dobra a sua população em 30 anos.

19. O Brasil importou da Inglaterra:

Durante o semestre que terminou em 30 de junho de 1866... £3.789.882

Durante o semestre que terminou em 30 de junho de 1867... £2.738.460

Mesmo com essa queda, porém, continua a ocupar o oitavo lugar na lista de nossos importadores, vindo abaixo dos Estados Unidos, Alemanha, França, Holanda, Egito e Turquia; acima da Itália, China e Bélgica, e muito acima da Rússia e da Espanha.

O progresso da receita brasileira pode ser visto abaixo:

Em 1864-65.....	56.995.982 \$ 000
Em 1865-66.....	58.146.813 \$ 000
Em 1866-67.....	61.469.437 \$ 000
Em 1867-68 pelo menos.....	61.535.000 \$ 000
A estimativa para o exercício fiscal de 1869 é:	
Receita.....	73.000.000 \$ 000
Despesa.....	70.786.932 \$ 000
Superávit.....	2.203.067 \$ 000

20 “Como todos os países que lutam para serem incluídos entre os países do mundo que têm confiança em si mesmos, o Brasil tem de se haver com informações tendenciosas de uma população estrangeira flutuante, indiferente ao bem-estar da terra que habita temporariamente, e cujas apreciações são influenciadas, principalmente, por interesses privados. É lamentável que o Governo não tenha achado necessário tomar medidas decididas para corrigir as impressões errôneas, no exterior, a respeito de sua administração; e que seus agentes diplomáticos se esforcem tão pouco para divulgar declarações corretas e autorizadas, relativas aos assuntos internos” (Agassiz, *Viagem ao Brasil*, págs. 515-516). “À Rio de Janeiro on ne connaît guère que Rio de Janeiro, et l’on méprise un peu trop tout ce qui n’est pas Rio de Janeiro” diz Saint-Hilaire, com muita razão.

21. Atualmente, é, segundo a crença geral, a maneira com que dispõem de sua opinião aqueles que pensam bem do Brasil. Encontramos amplas referências a “propagandistas assalariados do Brasil e lacaios de sua legação” mesmo na “Correspondência do Brasil, com uma introdução”, Londres, Ridgway, 1863.

22. Southey (*História do Brasil*, ii págs. 30, 653). O autor acrescenta: “Rochedos esculpido com representações de animais, do Sol, da Lua e das estrelas, com sinais hieroglíficos e, se se pode confiar em um descuidado franciscano, rochedos com caracteres também têm sido encontrados, recentemente, na Guiana, a parte mais selvagem da América do Sul, até agora inexplorada”.

23. Antigos viajantes observaram uma “fatalidade” que acompanha as obras relativas ao Brasil: o despropositado número de erratas exigido por Manuel Aires de Casal, Spix e Martius, José Feliciano, Fernandes Pinheiro, Eschwege, Pizarro e Araújo, e a primeira publicação de Saint-Hilaire.
24. Nas páginas seguintes, aparecerão com muita frequência os nomes de alguns autores. O objetivo dessas repetidas citações do que se tornaram hoje “obras clássicas” é complementar, e não crítico: ninguém reconhece melhor do que eu mesmo quão pouco meus erros e minhas limitações justificariam meu papel de crítico. Há uma Sociedade Hackluyt, destinada a reeditar com anotações as obras que datam de alguns séculos. Os modernos, porém, devem ser lidos como escrevem; e, depois dos dias em que escreveram, muita coisa mudou. Com o decorrer do tempo, eles passarão a merecer os cuidados das Hakluyts e, enquanto isso, as notícias de seus trabalhadores serão tão valiosas para os futuros estudantes quanto são enfadonhas para o leitor de hoje.
25. Esse venerável autor mereceu a gratidão do Brasil, por ter chamado para ele a atenção da Europa.
26. A obra está repleta de erros graves; por exemplo, no primeiro volume: cava em vez de cará (Pref. XXXVII), assogados em vez de afogados (12), poco em vez de poço (13), alsandega por alfândega (52), alqueise ou alqueere em lugar de alqueire (55 e 219), jaguadas por jangadas (93), cacinebas em vez de cacimbas (131), homens em vez de homens (214), andhorina em vez de andorinha (232), guardamare em vez de guarda-mor (295), Serra Pequeno em vez de Pequena, etc.
27. O Sr. Varnhagen está sujeito, de certo modo, à mesma restrição. A parte histórica de sua obra é muito menos valiosa que as partes dedicadas a informações de caráter geral, e os capítulos conclusivos são de todo insatisfatórios.

A história de Southey foi continuada, em dois volumes, por “John Armitage, Esquire”, Smith & Elder, Londres 1836. O autor era comerciante no Rio de Janeiro, mas escreveu baseado em fidedignas informações oficiais, e seu livro será sempre muito interessante. A edição inglesa e a tradução portuguesa estão esgotadas e mereceriam reedição, se possível com notas e amplificações.
28. O objetivo desta nota não é o de mencionar autores ingleses contemporâneos – Hadfield (1854) e outros. Não posso deixar, contudo, de manifestar minha admiração pela obra *Um Naturalista no Rio Amazonas*, de Henry Walter Bates, Londres, Murray, 1863. “Os editores alegam que o nosso público não se preocupa com o Brasil” – disse-me, certa vez, o autor. Sua obra, sem dúvida, corrigiu tal idéia.
29. Poderá parecer curioso que nenhuma menção aqui tenha sido feita à *Revista Trimestral* publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Essa publicação é distribuída de maneira tão descuidada que se torna inútil. A biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, que é um dos estabelecimentos brasileiros que mais se aproxima de uma universidade, não tem uma coleção completa da revista, pois faltam os números correspondentes a quatro anos, e, a partir de 1866, não lhe foi encaminhado exemplar

algum. A respeito do próprio Instituto, nenhuma informação pessoal posso prestar; durante as minhas freqüentes viagens ao Rio de Janeiro, nunca tive a honra de ser convidado para assistir às suas reuniões.

30. A primeira publicação sobre o assunto foi a *Arte da Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* pelo venerando Anchieta, publicada em Coimbra, em 1595, e hoje uma raridade. O jesuíta Padre Luís Figueira também publicou uma *Arte da Gramática da Língua Brasileira*, Lisboa, 1687. Tenho um exemplar da 4ª edição, Lisboa, 1795.
31. *Systema Materiae Medicae Vegetalis Brasiliensis Compousuit Car. Frid. Phil. de Martius*. Lipsiae, apud Frid. Fleischer, 1843.
32. São elas: 1) “De l’Emploi des Observations Azimutales pour la Determination des Ascensions droites”, etc.; 2) “Théorie des Oscillations du Baromètre”; 3) “De l’Emploi de l’Air chauffé comme force motrice”; 4) “De l’Influence de la Mer sur les Climats” e (anunciada para 1865); “La Continuation des Explorations Scientifiques au Brésil”.
33. Emm. Liais, astrônomo do Observatório Imperial de Paris.
“L’Espace Céleste et la Nature tropicale. Description physique de l’Univers, d’après observations personnelles faites dans les deux hémisphères”. Preface de M. Bubinet, desseins de Yan Dargent. Paris, Garnier Brothers (sem data).

.....

Capítulo I

PARTIDA DO RIO DE JANEIRO

*Rien au monde n'est aussi beau, peut-être,
que les environs de Rio de Janeiro.*

Saint-Hilaire

Pretendo descrever, neste volume, uma excursão de férias que fizemos às minas de ouro do Centro de Minas Gerais, via Petrópolis, Barbacena, através dos campos e montanhas do Brasil. Nossa viagem tem algo digno de despertar o interesse geral; dentro de alguns anos, terá seu guia e passará a constituir uma parte do “Grand Tour” do Século XIX. E atrevo-me a predir que muitos dos que hoje vivem atravessarão o território a uma velocidade de furacão, fazendo sessenta milhas por hora, contra cerca de uma semana gasta para essa distância com nossos primitivos meios de locomoção. Talvez mesmo possam voar. — Quem sabe?

Pretendia eu, então, visitar as nascentes do rio São Francisco, o grande curso de água aqui trivialmente chamado o Mississípi brasileiro, e descê-lo em toda a sua extensão, terminando em *bonne bouche*, pela Rainha das Cachoeiras, Paulo Afonso. Nessa segunda parte da viagem, já não uma excursão de férias, visitaria as lavras de diamante.

Depois de dezoito meses tediosos, gastos em Santos, São Paulo, foi-me, benevolentemente, concedida licença para ausentar-me por Sua Excelência, Lord Stanley, Principal Secretário de Sua Majestade para os Negócios Exteriores. Por determinação de Sua Majestade o Imperador do Brasil, foi-me fornecida uma “Portaria”,¹ ou licença especial de viagem, que trazia a assinatura de Sua Excelência o falecido Conselheiro Antônio Coelho

de Sá e Albuquerque, Ministro dos Negócios Exteriores, nome imortalizado pelos decretos de 7 de setembro de 1866 e 31 de julho de 1867, que admitiram o mundo à navegação fluvial do Brasil e a regulamentaram. O Ministro da Agricultura e Obras Públicas, Sua Excelência o Conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas, que demonstrou o mais vivo interesse pela viagem, honrou-me com uma carta circular, dirigida às autoridades de sua própria província, a da Bahia, da qual foi, recentemente, presidente e onde a sua vontade é lei. Finalmente, o eminente deputado por Alagoas, Dr. Aureliano Cândido Tavares Bastos Júnior, cujo patriótico entusiasmo pelo progresso tem advogado com tanta veemência a liberdade da navegação de cabotagem e a abertura de grandes linhas fluviais,² teve a bondade de dar-me várias cartas de apresentação.

Sob tais auspícios, nós – quer dizer, minha esposa e o inevitável Ego – com um negrinho que atendia pelo nome de Chico ou Frank, depois de esgotarmos a agitação da “Saison do Rio”, deixamos aquela encantadora, mas algo lânguida, preguiçosa e embaladora capital, no fortunado dia das Oitavas de Pentecostes, quarta-feira, 12 de junho de 1867. Amigos nos levaram suas tristes despedidas, prognosticando toda a espécie de desgraças, desde carrapatos até esfaqueamentos. O que o Dr. Couto chama de “velho sistema de terror” ainda não se tornou obsoleto, e fui considerado como um assassino *in posse*, porque a Sr^a Burton resolvera acompanhar-me. Uma “síntese de hábitos cognatos” induziu o Sr. George Lenon Hunt a assistir ao nosso embarque, e não ficou sozinho, pois há “meninos bonzinhos” mesmo entre os filhos de John Bull no Brasil.

“A Baía do Rio”, como suas belas irmãs, desde a “Mullions” da Cornvalha até a Baía de Nápoles, deve vista em “trajes de gala”. É mais encantadora quando se estende sob seu rico dossel etéreo, enquanto um verniz de atmosfera diáfana imprime às distâncias uma suave e maravilhosa beleza; quando o manto azul é de um azul perfeito, brilhante, quando as tonalidades castanhas são riscadas de cor-de-rosa e vermelho, e quando as próprias cores nacionais se fazem lembrar: verde, vivo como o da esmeralda, e amarelo, reluzente como ouro brunido. Então, os ribeiros são prata, com as margens pintadas de alaranjado e cobre, ao se erguerem sobre as brancas areias ou incrustadas na floresta, então as nuvens que passam formam ilhotas flutuantes, enquanto suas sombras viajam pelas águas do mar interior, de um verde tão puro. Então, a cabana caída do camponês, tão

pequena e tão frágil, erguendo-se junto à brancura da areia, torna-se opala e granada, sob as ondas de luz que só fazem lembrar uma eterna primavera. E cada hora tem seu próprio encanto. Há sublimidade no nevoeiro matinal que flutua distante sobre um rochedo em terra ou o mar agitado; há grandeza, beleza e esplendor no brilho das ondas sob o sol do meio-dia, quando a brisa se impregna do perfume de mil flores; e há uma graça, um descanso inexplicável, nos matizes de púrpura-vinho que a tarde espalha sobre o mar.

Combine-se com essa delicada e feérica, essa singular beleza feminina de colorido, um poder e majestade nascidos do tamanho e da abrupta grandeza das montanhas e picos, de precipícios e rochedos, que afetariam o espírito de Staffa e que proibem qualquer suspeita de efeminação. Tais efeitos da Natureza, ao mesmo tempo masculinos e femininos, altamente suaves e enérgicos, não podem deixar de afetar o caráter nacional. O velho dito humanístico de que a família de Tio Sam não precisa ser um grande povo porque o Niágara é uma grande catarata é menos verdadeira do que costumam ser os ditos desta natureza. Os “Aspectos da Natureza” são, hoje, reconhecidas influências sobre o idealismo e o intelecto do homem. “Onde há o grande e o belo, aparece logo a poesia”, diz o Sr. Castilho, com notável instinto poético;³ e, agora, mesmo nós, desta pequena ilha, prontamente compreendemos que “o tamanho torna-se, a longo prazo, uma medida do poder político”. E não será a Beleza a forma visível do Bem? Como estas páginas mostrarão uma viagem à “Terra do pau-brasil” não se parece com uma viagem a qualquer outra terra. Há uma pela primeira vez, e que devem esperar jamais ver de novo. Ao mesmo tempo, encontraremos entre o povo pronunciados traços de caráter e uma energia quase selvagem, que se faz sentir dos ossos à flor da pele.

Há, contudo, ocasiões e temporadas em que a Baía do Rio, a Feiticeira, apresenta uma fisionomia perigosamente tempestuosa, para a qual não convém muito olhar. Há dias, por outro lado, principalmente no começo do inverno, em maio e junho,⁴ em que sua carranca se adoça em sorrisos, e em que às lágrimas seguem-se as gargalhadas. Assim era aquela quarta-feira, o dia das Oitavas de Pentecostes do ano da graça de 1867; veio logo depois de uma tempestade dessas de provocar naufrágios.

O Rio de Janeiro, “a mui leal e heróica cidade”, vista do bairro e posto da Prainha, aliás, cais Mauá, é a reprodução fiel de certos sítios anônimos do Tâmisia, o pequeno cais sob uma cobertura de zinco, gentileza,

uma amenidade de aspecto, que os filhos do austero Norte vêem entre pilhas de sacos de café, cujos grãos, espalhados pelo chão, revelam que o implacável “furador” mergulhou em suas profundidades, retirou algumas amostras e levou algum café para o suprimento do lar. Perto do rude embarcadouro de tábuas rangedoras, vêem-se canoas encharcadas e barcos flutuantes, uma draga, alguns pequenos vapores esparsos, uma multidão de navios sendo carregados e uma série de cascos estragados; um cachorro morto flutua preguiçosamente diante de nós, a fumaça de Dover nos sufoca, o ruído dos martelos tem o poder de irritar nossos nervos e conhecemos o gosto daquele velho patriarca que abrigou, certa vez, o Bruto de Tróia. Aqui, porém, o pitoresco morro da Saúde encosta-se à praia, vestido de uma tanga de capim e árvores, enquanto atrás, elevando-se a grande altura, o gigantesco e isolado bloco que culmina no pico da Tijuca, domina o cenário, como o monarca das montanhas que é.

Para sudeste, ficam os edifícios pintados de amarelo do Arsenal da Marinha, compridos e baixos, fazendo lembrar Lisboa, com janelas zelosamente gradeadas. Perto, estão um barracão vermelho, outro preto e mais alto, um grande e antiquado guindaste pintado de verde, montões de coque e carvão vegetal, canhões enferrujados e caldeiras e tanques velhos atravancando o chão; em frente, flutua um navio, há pouco nascido para a vida oceânica, e uma multidão de embarcações menores, prontas para rebocá-lo até a praia. De novo, porém, a parte superior do quadro da íngreme colina da São Bento, com a maciça fachada quadrada do mosteiro marcada pelas balas de canhão do intrépido corsário francês,⁵ com suas torres piramidais, cujos cataventos foram consumidos pelo tempo, e com seus quintais de ricos gramados e viçosas bananeiras estendendo-se bem longe, às nossas costas.

E, agora, está a caminho o pequeno vapor *Petrópolis*, fazendo nove nós por hora, bem diferente da falua, que tinha de ser usada pelos viajantes de 1808 a 1825. Deixamos para trás a ilha das Cobras, ilhota de encostas verdejantes e escarpas de granito, com um cais novinho em folha e antigas construções, fortaleza e outras, pintadas de ocre, para se caracterizarem como edifícios públicos; deixamos para trás o canal de navegação, repleto de casos e de mastros, deixamos para trás a Alfândega, pintada de vermelho, que, segundo se diz, custou £300.000, e que já apresenta uma graciosa curvatura no centro; deixamos para trás os prédios baixos e sólidos, com a torre de costume, da ilha das Enxadas, conhecida pelos britânicos por

“ilha do Carvão”, que foi vendida por uma ninharia, e agora vale um milhão de libras esterlinas; deixamos para trás a muralha oriental da baía, diminuída pela distância, formada na parte superior por morros irregulares, por elevações cheias de contraste, e embaixo por uma cidade e aldeias próximas, com casas e vilas, fortes e igrejas; deixamos para trás a “ilha do Governador” (Salvador Correia de Sá), que os ingleses chamam, muito apropriadamente, “Long Island”, pois tem 28 milhas de comprimento, onde, como os animais comedores de formiga foram comidos,⁶ as formigas acabaram comendo os agricultores; deixamos para trás Paquetá, do velho “Pacatá”, que apresenta a figura de um 8, aquela “bela jóia insular” sombreada por mangueiras, cajueiros, jabuticabeiras e camarás⁷ semelhantes à oliveira, a linda Capri do Rio, como foi chamada, clássica, encantadora e, felizmente, sem Tibério; deixamos para trás a curva de Magé, que iludiu os primeiros descobridores, levando-os a chamar de “Rio de Janeiro” aquele pequeno Mediterrâneo e o que levou seus descendentes ao erro de se chamarem fluminenses, ou povo do Rio; deixamos para trás⁸ rochedos, cada um apresentando moitas de vigorosa verdura, frutos daquela poderosa combinação de sol equinocial e chuva tropical; deixamos para trás penedos de granito branco, os blocos *perchés* e as rochas *moutonnés* de De Saussure (“Em verdade – exclama um amigo – o nome mesmo é penedo!”), alguns do tamanho de uma casa, arredondados pela água, outros cheios de arestas e lembrando as massas de gelo, segundo a Teoria Glacial, caídas das altas montanhas da Suíça. Olhamos para trás e nosso olhar mergulhou no alto mar, através da Porta Colossal, protegida por um exército de picos. Olhamos para a frente, para a cadeia de montanhas do norte, a serra do Mar; para o nordeste, eleva-se a serra dos Órgãos⁹ propriamente dita, com suas quatro agulhas de um azul mais carregado, desenhando-se no fundo coberto por um vapor indefinível e que podem se parecer com tudo, menos com tubos de órgãos; mais ao norte, fica a serra da Estrela,¹⁰ onde uma garganta e uma saliência do rochedo, chamada Cabeça de Frade, marca o natural zig-zague seguido pela estrada, enquanto ao noroeste os picos piramidais e agudos da serra do Tinguá prolongam a imponente cadeia de montanhas em direção a São Paulo. E agora, tendo deixado para trás, sem sobressaltos, onze milhas, dirigimo-nos a uma região salpicada de cabanas e com uma linha baixa de mangues, tendo ao fundo outeiros cobertos de verduras e, com certa freqüência, encimados por uma igreja pintada de branco. Era o

“Desembarcadouro de Mauá” e ali terminaria o primeiro ato do drama de um dia de virgem.

Antes de pisarmos a pequena ponte de desembarque, de tábuas rangedoras e vacilantes, que leva aos vagões ferroviários, notemos, incidentalmente, que a baía de Mauá e a ilha de Paquetá fornecem ao Rio ostras, que, bem que de qualidade inferior, são as melhores que lhe chegam. Os pescadores deveriam, como seus irmãos do Norte de São Francisco da Califórnia, mandar buscar ovas de ostra de Nova Iorque, ou melhor, de Baltimore. O molusco original poderia, enquanto isso, ser muito melhorado pela aplicação da cultura científica de ostras. Devem elas ser colocadas durante seis meses onde não haja corrente para o mar alto, mas onde a maré montante misture água salgada com água doce. Deve haver coletores artificiais, para impedir que as ostras sejam levadas e se percam, e que poupem o trabalho e a despesa de removê-los para outro lugar. Na última quinzena, as ostras podem ser alimentadas com farinha¹¹ ou produto semelhante. Assim, veremos que as “barbas” longas, espessas e negras cederão lugar a uma carne delicada, e que a chatice angular será substituída por uma forma arredondada e gorda.

Aqui começa o segundo ato. A Estrada de Ferro Mauá, na qual uma locomotiva apitou pela primeira vez no Brasil,¹² constitui, em verdade, um capítulo muito pequeno, no melhor e último “Evangelho” que começou a ser pregado um ano antes do Brasil tornar-se independente, com a primeira “Lei Ferroviária Stockton e Darlington”, de 19 de abril de 1821. Na Festa da Indústria, quando seu padrinho a inaugurou, dizem que exclamou: “Para a barra do rio das Velhas”, isto é: A caminho do vale do São Francisco. Infelizmente, porém, o dobro da importância autorizada – £60.000, em vez de £30.000 – foi gasto em uma estrada de rodagem, e não em uma estrada de ferro, e a profecia ainda não se cumpriu.

A máquina nos levou, devagar, com esforço, por um vale, ou melhor, por uma garganta acima que serpenteava pela encosta da montanha. Depois, chegamos a uma faixa das Lagoas dos Pântanos Pontinos – uma verdadeira terra de crocodilos, coberto de lamaçais e mangue, miasmas e mosquitos, úmida mesmo durante a estação mais seca, e, em outros pontos, arenosa e estéril. Em torno da estação isolada, “Inhomirim”, o terreno está coberto de piripiri,¹³ alto e copado como o anapas siciliano, ou como o produto da Laguna Whydah. Revela a salinidade do solo e jamais foi transformado

em papel. Os morros em torno apresentam uma pobre vegetação de segunda mão, cuja madeira só pode ser utilizada para fazer cercas. À esquerda, passa a “Estrada de Estrela”. Algumas poucas palmeiras e bananeiras, ou altas jabuticabeiras, escuras de respirar um ar malsão e cobertas de *Tillandsia*,* mostram que os moradores ou colonos não estão muito longe. Quando se aproxima das montanhas marítimas, há ricas pastagens e clareiras para o gado, tudo trabalho dos últimos dois anos, feito a despeito da mortal febre palustre. Depois de onze milhas ou mais, exatamente 16,5 quilômetros, chegamos a Raiz da Serra. Ali, nós estrangeiros quedamo-nos maravilhados diante do colossal anfiteatro da “Garganta Oriental”, que tínhamos diante de nós, com paredes cobertas até o alto de espessa floresta, com tremendos contrafortes erguendo-se a pique e com ladeiras de puro granito, formidáveis montanhas-russas para brincadeiras de Titãs. Como iríamos subir era um mistério, até que nosso guia especial, o infatigável George F. Land, também britânico, nos mostrou, partindo do plano para uma espécie de garganta à direita, o caminho de uma enxurrada superficial que alimenta o córrego Inhomirim.¹⁴ É a pedra angular do gigantesco arco invertido, sobre o qual a admirável estrada construída pelo Governo serpenteia penosamente.

Agora, começa o terceiro ato – o melhor da peça. Nossa bem carregada carruagem era puxada por quatro mulas; cavalos de puro sangue não fariam trabalho semelhante. Lá seguimos, abençoando os que haviam projetado aquela estrada macadamizada, macia, com sarjetas e parapeito:¹⁵ é um Simplon, com curvas prodigiosas; o declive é de 1:16. Há certos lugares em que uma pessoa pode conversar com outra no terceiro ziguezague acima ou abaixo dela, e um pedestre, que seguir o velho trilho de mulas, chegará ao alto da montanha antes da carruagem, que galopa durante quase todo o trajeto. Lá fomos subindo, debaixo daqueles gigantes da floresta virgem, altos e esbeltos como a raça de homens daquela região e lutando, com feroz energia, como as vítimas do “Buraco Negro”, pela vida, que é sol e ar, cada uma delas ostentando a “estranha divisa Excelsior” (não Excelsius) e cada uma delas formando, depois de velhas, um horto, um jardim botânico de epífitas e parasitas ao longo de cortes perpendiculares de dura argila vermelha com base em gneiss azul e cobertas por uma delicada vegetação de musgos (os

*Trata-se de um líquen e não de um musgo como consta no original. (M.G.F.)

alemães aqui resmungam que as ervas daninhas* crescem em toda a parte e não a grama) – abaixo de penedos suspensos, e perto de abóbadas trogloditas, cujas úmidas proximidades têm cortinas e franjas de uma linda vegetação suspensa, de samambaias samelhantes a fitas, de delicadas avencas, contrastando com os fetos arborescentes, de cinco pés de altura.¹⁶ Por toda a parte, o suave farfalhar das folhas e o tilintar argentino e o murmúrio da água correndo constituem uma música para os nossos ouvidos. Essa profusão de beleza é constante na Cordilheira Marítima do Brasil, sempre presente para saciar a sede do viajante. Lá fomos subindo, pouco a pouco aliviados da pressão atmosférica excessiva, com o ar se tornando cada vez menos denso e mais etéreo, e uma correspondente leveza de espírito fazendo-se sentir. A branca estrada brilha ao sol como se tivesse sido polvilhada de prata, e fragmentos de quartzo cristalizado sugeriam diamantes aos olhos nórdicos. A cada volta, surgia uma maravilhosa vista das terras mais baixas e, por sorte, tivemos um belo dia, naqueles lugares onde chove tanto.¹⁷ Habitualmente, pela manhã, um espesso nevoeiro branco se estende, baixo como as águas de um lago, ou se eleva em espirais fumacentas dos lugares onde a folhagem não oferece obstrução mecânica. À tarde, a fria neblina das montanhas, densa como a fumaça de caldeiras, agarra-se aos rochedos, desce pelas majestosas encostas, levanta-se sobre as gargantas e os vales e revolteia sobre os escuros e altaneiros picos: dá a impressão de um oceano de espuma avançando para inundar o mundo. Muitas vezes, ao crepúsculo, quando a baía, ao sul, ostenta toda a sua glória, cai sobre a Serra uma chuvarada inclemente.

O mais belo panorama fica no alto da Serra, o cimo do caminho, cerca de 970 metros acima do nível do mar,¹⁸ especialmente quando uma chuva tardia lavou a atmosfera de poeiras, esporos e corpúsculos. Ali paramos, encantados com a beleza da vista. O quadro se insere em uma “aspa” monstruosa, cujos extremos são, à direita ou oeste, um gigantesco cone de granito nu; à esquerda, uma encosta de montanha vestida de densas florestas e ostentando

*Esta expressão “ervas daninhas” é evitada pelos ecologistas. Utilizada pelos agrônomos e agricultores, para indicar que são invasoras de culturas com as quais competem, tem um sentimento antropocêntrico. O ecologista as encara como quaisquer outras plantas. O simples fato de produzirem oxigênio, durante a fotossíntese que realizam, mostra um de seus aspectos benéficos, inclusive para o homem. (M.G.F.)

uma dessas curiosas protuberâncias de gneiss descoberto,¹⁹ pórfiro ou diorito, tão comuns na Cordilheira Marítima. Entre eles, vista como à *vol d'oiseau*, está a baía do Rio, reduzida a minúsculas proporções: será melhor descrita por seus planos de perspectiva. O primeiro é a irregular e alcantilada encosta da montanha, em cuja crista nos encontrávamos, com vales e ravinas e centenas de pés de profundidade, e cobertos de espessas florestas, como que saídas recentemente do Dilúvio. Esse plano cai, íngreme e abruptamente, sobre o segundo, o Beiramar,²⁰ ou planície marítima, pontilhada de manchas, de um verde brilhante, de campos e brejos, e de morros semelhantes a túmulos arqueológicos; a Estrada de Ferro, saindo da estação vermelha e preta, estende suas linhas retas e curvas sobre a superfície, e termina na orla da baía. Possivelmente, se veja o trem, com sua comprida coluna branca de vapor avançando e sacolejando em sua vigília – e não deixa de ser pitoresco àquela distância o destruidor final do moribundo feudalismo. O terceiro é a superfície argêntea do plácido mar interno, quebrado pela superfície escura da ilha do Governador, ainda de frente da brilhante Paquetá, ambas centros de formação de satélites menores. Por trás dessa bacia, a massa branca da cidade, estendendo-se perto das vagas, com navios que pontilham a linha costeira; acima, começando com a “ligeira volta para a esquerda” que penetra no nevoento Atlântico, está o perfil bem conhecido do majestoso bloco, o Pão de Açúcar, curvando-se para trás do morro de Santa Cruz; o fantástico Corcovado, lá está, como um bico de papagaio; o cume da Gávea, mesmo àquela distância singular e estranho, e a torre maciça do morro da Babilônia, ao passo que o pico da Tijuca, aparentemente duplo e bifendido, se eleva, com seu contorno sem nuvens, de um azul mais forte sobre o azul do céu. E, para a direita, ainda há um quinto plano belo e misterioso, onde a fímbria das montanhas se confunde com o começo do céu.

Isso é belo, é maravilhoso, é um encanto! Mas não há, aqui, anorexia, e certas necessidades, materiais, apetite por exemplo, começam a se tornar impudentes. Um vento frio sopra sobre o caminho e o termômetro caiu de 72° (F) para 62°, o ponto em que se sente frio nos Trópicos. Passamos pela Barreira da Serra, o muito mal colocado posto de pedágio, que está pedindo um dístico “de essendo quietum de Theolonio”, e pela estação de Vila Teresa. E, depois, pelo bairro do sul de Petrópolis, o “Ueberfalz” dos colonos alemães, sendo a parte norte da cidade seu “Baixo Palatinado”. Deixamos o vale de Maurim à direita e, descendo rapidamente, vimo-nos, depois de uma última etapa de

dez milhas,²¹ comodamente instalados no Hotel Inglês, mantido pelo Mr. e Mrs. Morritt.

Aqui, o pano cai sobre um cenário agradável, composto, principalmente, de um quarto de dormir e de uma sala-de-jantar.

NOTAS DO CAPÍTULO I

1. Antigamente, a Portaria dispensava o viajante de pagar transporte, pedágios e outras pequenas despesas. Não tentei fazer essa insignificante economia, e não sei dizer se ainda pode ser posta em prática.
2. Seu livro, *O Vale do Amazonas* (Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1866), é um estudo estatístico de grande valor sobre o rio, e muito merecedor de tradução.
3. Essa parte do Brasil é um justo meio-termo entre os extremos físicos que, ou estimulam excessivamente, ou deprimem a imaginação.
4. As estações europeizadas nesta parte do Brasil, “adaptadas ao Hemisfério Meridional”, são as quatro normais (a divisão ariana era, originalmente, de três estações: inverno, primavera e verão), a saber: 1. primavera, começando a 22 de setembro; 2. verão, 21 de dezembro; 3. outono, 20 de março, e 4. inverno, 21 de junho. Os índios guaranis dividiam o ano, mais sensatamente, em duas metades, “Coaraci-ara”, estação do sol, e “Amana-ara”, estação da chuva. “São divisões que reconhecemos agora”, diz o Sr. José de Alencar, em seu admirável romance *O Guarani*, vol. I, 361, “e as únicas estações que realmente existem no Brasil”. Além disso, pode-se dizer que o Rio de Janeiro, cidade colocada no intervalo entre ventos alíseos e variáveis, não tem “secas” ou “chuvas regulares”, resultado também ocasionado nos últimos anos pela expansão de cultivo de terras e desflorestamento.
5. Duguay-Trouin, que bombardeou a cidade, em 1711.
6. Especialmente as espécies chamadas tamanduá (i. e., “taixi-mondé pegador de formiga”) mirim, ou pequeno comedor de formiga (*Myrmecophaga tetradactyla*), em oposição ao grande comedor de formiga, o tamanduá-cavalo ou tamanduá-bandeira (*Mymecophaga jubata*, Linn.). A expressão muito empregada, mirí, merém ou mirim (português – inho-inha- zinho, etc.), sufixo emprestado do tupi-guarani, significa pequeno, menor, em oposição a “oçu”, “uaçu”, “guaçu”, “uçu” (varia de acordo com a sílaba que o precede) magnus, major, maximus. Este último corresponde à terminação *ão* em português.
Aconselha-se aos antropólogos visitarem a Ilha do Governador, onde há ostras chamadas localmente de sambaquis, ricas em crânios de aborígenes e machados de pedra.
7. Lantana, uma verbenácea, árvore silvestre comum nas campinas do Brasil.
8. Ainda lemos nas gazetas e “Compêndios de Geografia” ingleses franceses, “Rio de Janeiro ou Rio de Janario, sobre o *Rio River*”; “*Rio de Janeiro, située à la embouchure du fleuve du même nom*” (Dictionnaire de la Conversation, F. Didot, Paris, 1857).

9. Pode-se aventar a hipótese de terem os seus descobridores chamado de serra dos Órgãos por causa das gigantescas cactáceas (*cactus arvoreus*, em espanhol “*organo*”), abundantes naquela montanha. No que diz respeito à altitude, um erro muito espalhado afirma que a serra dos Órgãos não vai além de 1.300 metros. O Professor Agassiz (*Viagem ao Brasil*, cap. 2) informa que a serra tem altitudes entre 2.000 e 3.000 pés, no máximo, e, no cap. 15, citando M. Liais, que diz ter observado a altitude máxima de 7.000 pés, ele ignora Gardner, que encontrou uma altitude ainda maior. Segundo o Capitão Bullhões, o alto da serra está 883,21 metros de altitude, a estrada em frente ao Palácio de Petrópolis a 842 e o pico de Tinguá a mais de 2.000. O Pico da Tijuca tem 1.050 metros de altitude e o Corcovado 664.
10. A serra da Estrela provavelmente é assim chamada como lembrança das lindas montanhas de Portugal Central. É uma parte da serra do Mar ou Cordilheira Marítima, que corresponde à cadeia Alleghany ou Apalaches, no norte do continente. Essa cadeia começa ao norte do Espírito Santo (16° - 17° de lat. Sul), onde continua na serra dos Aimorés, e dessa se estende cerca de 150 milhas de E.M.E. para O.S.O É uma barreira que separa as terras baixas, quentes, úmidas e assoladas pela febre do litoral ou beira-mar das terras altas, secas e saudáveis do interior, e que, embora situadas a poucas milhas da Capital, ainda se encontram no estado natural. Estrela, o porto no sopé da cordilheira, ao norte de Mauá, era uma localidade muito movimentada durante o primeiro quartel deste século; todas as importações e exportações do Extremo Oeste passavam por lá, e estava ligada à Capital por barcos de fundo chato. Era, então,
- “Differtum nautis, cauponibus atque malignis”.*
- A companhia de navegação faliu e a localidade está arruinada.
11. Quando se falar em “farinha”, simplesmente, o leitor compreenderá que se trata de farinha-de-pau, isto é, da euforbiácea *Manihot utilissima* (não da *Jatropha manihot*), a mandioca-preta ou venenosa, que, nas colônias francesas, é chamada *cassave*, de onde vem cassava ou *cassada*, em inglês. Não será descrita a sua preparação, pois isso tem sido feito há um século por viajantes.
12. Pelo *Esboço Histórico das Estradas de Ferro do Brasil* (por C. B. Ottoni, Rio, Villeneuve, 1866), ficamos sabendo que o contrato foi firmado em 27 de abril de 1852; os trens começaram a correr em toda a extensão da linha em dezembro de 1854; a regulamentação da Companhia foi baixada em 23 de dezembro de 1855, e o custo total foi de 1.743.764\$121 (£174.300), ou 105.683\$000 por quilômetro (£ ou \$510.568).
13. Piripiri parece-se, no som, com papiro, mas a semelhança é superficial. *Piri* é uma denominação onomatopaica da planta menor e *piripiri* é o nome das espécies maiores. A língua tupi usa freqüentemente a onomatopéia e, como muitos outros idiomas bárbaros, emprega a repetição como aumentativo. Assim, *muré* quer dizer flauta e *muré-muré*, flauta grande. *Ará* é papagaio; *ará-ará* (contraída para arara), papagaio grande. Como observa M. Goetling, esse recurso era usado na maior parte das línguas antigas, inclusive no grego.
14. Pizarro acha que Inhomirim é corrupção de *Anhumirim*, no campo pequeno, e Mawe, muito fraco em lingüística, degrada a palavra para *Moremim*. O rio é também chamado, devido ao porto perto de sua foz, de rio da Estrela, e os barcos, nos velhos dias, o seguiam, rumo às montanhas. A corrente do vale, em zigzague, pode ser considerada como sua

nascente. Alguns o chamam de rio Fragoso, mas Fragoso é nome de uma fazenda situada em sua margem, onde há uma estaçãozinha a dois quilômetros da Raiz da Serra.

15. Os viajantes de 1808 a 1816 falam na estrada e calçada de Estrela, mas, sem dúvida, tratava-se de um rude original da edição moderna.
16. Uma praga no Brasil, chamada, no país, samambaia (*Mertensia dichotoma* ou *Pteris caudata*). Não sei por que Saint-Hilaire escreve camambaia (III, i, 13); esta não é, certamente, a ortografia moderna. Mr. Caldcleugh (*Viagens na América do Sul*, 1819-2. Londres, Murray, 1825) confunde aquele feto com a embaúba (*Cecropia peltava*, v. Cap. XXIX, a árvore que a preguiça gosta tanto". Gardner (pág. 478) não comete tal erro.
17. Temos os seguintes dados sobre as chuvas de janeiro a dezembro de 1867, relativos a locais de formação semelhante, na Província de São Paulo:

Meses	Santos, ao nível do mar	Alto da Serra, cume da Cordilheira Marítima	São Paulo, a 35 milhas do mar
Janeiro	11,18 pol.	11,6 pol.	2,21 pol.
Fevereiro	8,22 pol.	12,6 pol.	2,96 pol.
Março	10,39 pol.	15,8 pol.	3,46 pol.
Abril	3,04 pol.	9,5 pol.	1,77 pol.
Mai	8,86 pol.	13,3 pol.	3,43 pol.
Junho	4,85 pol.	10,2 pol.	1,10 pol.
Julho	13,98 pol.	17,9 pol.	5,04 pol.
Agosto	4,57 pol.	11,2 pol.	3,00 pol.
Setembro	12,20 pol.	15,2 pol.	3,19 pol.
Outubro	6,88 pol.	11,8 pol.	2,67 pol.
Novembro	10,00 pol.	13,8 pol.	2,76 pol.
Dezembro	6,24 pol.	4,9 pol.	3,90 pol.
Totais	100,41 pol.	147,4 pol.	35,49 pol.

18. Não o medi. St. Hilaire, II, i, 11, atribui ao desfiladeiro da serra, por onde passou, a altitude de 1.099,55 metros = 3.617 pés, e a Petrópolis a altitude de 732,80 metros = 2.405 pés acima do nível do mar. Como vimos antes, o Capitão Bulhões atribui menor altitude ao desfiladeiro e maior a Petrópolis.
19. É a "Cabeça de Frade" a que aludi antes. Em todo o Brasil, é um nome muito comum para tais acidentes de terreno e data, sem dúvida, dos tempos em que os sacerdotes descalços eram importantes no país. Há, também, vários rios do Frade, em que morreram afogados franciscanos e frades de outras ordens.
20. Também chamada serra Baixa, em oposição a serra Acima, as serras do interior do Brasil. A expressão corresponde à expressão italiana Maremma, as terras junto ao Mediterrâneo, de Livorno a Amalfi.
21. Quer dizer, oito milhas até o alto da Cordilheira – são três pela estrada velha – e duas até o hotel.

.....

Capítulo II

PETRÓPOLIS

*Aqui pelo contrário pôs Natura
Por brasões da primeira arquitetura
Volumes colossais, corpos enormes,
Cilindros de granito desconformes,
Massas, que não ergueram nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil anos.
“Assunção”, Frei Francisco de São Carlos*

D

ediquei algumas páginas a essa excursão tipo Cockney, a essa versão brasileira da viagem de Londres a Richmond. Minha intenção, em parte, foi permitir que os milhares de pessoas que bem conhecem o caminho possam verificar a precisão de minhas descrições. Os livros de viagem, convém observar, dependem, para assumir caráter permanente, da opinião dos “entendidos”, isto é, daqueles que vivem ou que viveram entre os cenários descritos. Há uma obra, muito lida na Inglaterra, que se chamou no Egito de *Romance do Nilo*; a despeito das muitas edições, está condenado à morte.

Além disso, como foi insinuado no capítulo anterior, as pessoas em gozo das férias e outros turistas não irão desprezar por muito tempo o “Império do Cruzeiro do Sul”. As belezas de ontem e de amanhã podem ser alcançadas dentro de três semanas de tranqüila e variada viagem, saindo de Lisboa; e quem viajar de carruagem do Rio de Janeiro a Juiz da Fora, terá visto a Natureza na África Equatorial e nas planícies do Industão. Algum dia, o público esquecerá a fato de ser a febre amarela endêmica no Brasil,¹ e compreenderá a verdade de que seu clima, levando-se devidamente em consideração a sua natureza tropical, é um dos mais saudáveis do mundo.

O mesmo motivo que me levou a descrever cuidadosamente a viagem da metrópole a Petrópolis, dispensa-me de descrever o resto. No entanto, nessa sua hora da mais extrema necessidade, quando a Estrada de

Ferro D. Pedro II ameaça aniquilar as carruagens, aliciando-lhes os passageiros a acabar com a linha de Mauá, retirando-lhe o sal e o café, e quando até mesmo Mister Morritt, que, em 1841, levou a cavalo a última mala postal a Manchester, ameaça fechar seu hotel e desistir de seus esforços, iniciados em 1853, Petrópolis merece que eu lhe dedique algumas linhas de louvor.²

Não é coisa fácil encontrar-se, a menos de cinco horas do Rio de Janeiro, um lugar de gosto europeu, onde o exercício pode ser feito livremente e a gente se possa dar ao luxo de sentar-se sem ter suado. Nenhum lugar é mais adequado para o Colégio Pedro II, que se encontra no coração da cidade, e a região que fica a oeste da cidade é de valor incalculável como sanatório. Petrópolis foi poupada pela febre amarela de 1849-1861,³ e pela cólera de 1856. Conta com inúmeras fontes da água mineral, principalmente ferruginosa, e, no “Município da Corte”, a Colúmbia do Brasil, muitas pessoas de ambos os sexos sofrem de desarranjos gástricos e precisam de um “Bismarck”: sangue e ferro. Sem dúvida alguma, Sua Majestade Imperial não irá abandonar esta St. Cloud, esta cidade que ele mesmo criou, a “pequena e miserável aldeia de Córrego Seco”, convertida por ele em Corte e centro de veraneio.

Petrópolis – ou melhor, a “Cidade de São Pedro de Alcântara” – data, pode-se dizer, de 1844. É uma criança, mas bastante desenvolvida para já contar com uma câmara municipal e vereadores, autoridades policiais, e todos os outros ingredientes do governo autônomo ou desgoverno. Essa fome de municipalismo, parte da “funcionomia”, reina no Brasil, do mesmo modo que nos Estados Unidos. O Sr. Baynard Taylor a chama de um “esnobismo vulgar”. Creio que, em toda a parte, os jovens têm vontade de subir e que poucos homens desprezam um “bom emprego”. Quem vir Petrópolis em um dia claro e brilhante, chegará à conclusão de que tal vista “refresca os olhos”. Pelas artérias principais da cidade, a Rua do Imperador e a Rua da Imperatriz, correm límpidos, borbulhantes, em seus leitos de cascalho, o rio Piabanha⁴ e os córregos que o alimentam, mais puros que os de Salt Lake City. Margeados por capim verdinho, são atravessados por pontes pretas e vermelhas e serão sombreados por aveludadas *stapelias*, os copados cedros brasileiros⁵ e as curiosas barrigudas, o bombax redondo como um pote e semelhante a um fuso. Estamos na terra que produz o pinheiro e a palmeira, uma combinação mais poética e pitoresca que a da laranjeira com

a jabuticabeira, também comuns aqui. Casas esparsas, vilas e quiosques, chalés e casas de campo, estendem-se, alinham-se sinuosamente, dando à cidade, no papel, o aspecto de um gigantesco caranguejo, cujo centro é o lugar onde começa o Piabanha propriamente dito. A policromia é o gosto reinante, e bom – exceto quando combina pilastras brancas com o chão cor de chocolate. Muitos telhados são pintados de vermelho – os britânicos podem resmungar: “Sangue de porco”, mas o colorido ressalta, como o olho de uma cobra, a fresca verdura da floresta em torno. Na estação das flores, os jardins são deslumbrantes; há passeios campestres por todos os lados, e os moradores podem encontrar a solidão a cinco minutos de sua porta. O oficial de marinha que se queixava de Petrópolis, porque era obrigado a olhar sempre para cima, poderia, facilmente, ter descoberto pontos em que, olhando para baixo, admiraria paisagens maravilhosas e encantadores panoramas verdes e azuis. Nem é um sacrifício, na verdade, contemplar sobre as encostas das montanhas e os picos tão diferentes uns dos outros pelos formatos; aqui, com a floresta virgem vista em perfil por uma clareira; ali recortada pelas sombras, enfeitada profusamente com toda a sorte de lianas, coberta de maravilhosas orquídeas e outras epífitas, recoberta com gigantescos musgos* de forma grotesca,⁶ e rica em todas as formas vegetais, desde a orquídea ao cardamomo, do simples bambu à palmeira e à complicada mimosa, de delicadas folhinhas do mirto às gigantescas aráceas e às esquisitas cecrópias, com ramos dispostos em candelabro.

E a população de Petrópolis não é menos agradável que a paisagem. Não estamos na “Helvétie Meridionale”, mas em uma Ems tropical, onde os vales são *thals*, os córregos são *bachs* e os morros são *gebirge*; onde os rapazes de cabelos brancos nos saúdam e as mulheres de fisionomia franca nos sorriem, e onde o sotaque da Pátria chega aos nossos ouvidos como gratas reminiscências. Comparados com o formalismo para não se dizer a rigidez, e, de vez em quando, o mau humor, da raça luso-latina, essas abelhas da colméia nórdica parecem particularmente alegres, e meu amigo Theodore de Bunsen me explica que, via de regra, os alemães crioulos são aqui bem melhores do que os teutos em sua própria terra.

* Embora o original diga musgos, percebe-se, claramente, que o autor está se referindo a líquenes. (M.G.F.)

NOTAS DO CAPÍTULO II

1. É, em parte, por culpa dos escritores brasileiros que essa má fama tem-se tornado crônica na Europa. Assim, no *Compêndio Elementar* do Sr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil (4ª ed. Rio: Laemmert, 1864, pág. 472), lemos que o clima do Rio de Janeiro “é pouco salubre, principalmente depois da invasão da febre amarela, que ali ficou endêmica”. O pequeno volume publicado pela Sociedade de Propagação da Religião, em 1860, foi prematuro, ao afirmar que a febre amarela no Brasil é um conviva permanente. A enfermidade, entre 1850 e 1861, apareceu na costa, sem alcançar o interior, e depois desapareceu tão subitamente quanto aparecera. É lamentável ver-se tais afirmações em livros destinados a “difundir conhecimentos” e pensar no destino do estudioso que, antes de saber qualquer coisa, tem de passar por um tríptico processo: aprender, desaprender e tornar a aprender.
2. É assim que, em 1867, apesar da companhia que explora a estrada de rodagem ter pago bons dividendos, de cerca de 13 1/2%, o valor das ações não se tem elevado acima da cotação de 46 2/3% do valor nominal. (Relatório Anual de Mr. Henry Nathan).
3. Baseio-me em um curto relato a respeito da febre amarela, da autoria do Dr. Croker Penell, Rio, 1850. A febre amarela no Brasil, ao que parece, não se manifesta em altitudes elevadas: a Cidade de São Paulo, também situada a 2.000 a 2.400 pés acima do nível do mar, escapou do flagelo. Na Venezuela, segundo ouvi dizer, a febre alcança até cerca do dobro dessa altitude.
4. Seu nome vem de um pequeno peixe de água doce. Mr. Walsh chamou-o de “Piabundã”. Tive o cuidado de verificar a sentido das palavras indígenas, de há muito esquecido no Brasil.
5. *Cedrella odorata*, uma madeira de cheiro muito agradável. Os brasileiros supersticiosos cortam, mas não queimam essa madeira, da qual saiu a “Vera Cruz”. O bordo gozava da mesma fama na Inglaterra.
6. Chamada no Brasil barba-de-pau. Ignora-se aqui a utilidade dessa planta epífita, da qual podem fazer-se cilhas e cintas, em que a elasticidade é necessária. Por outro lado, as qualidades adstringentes dessa planta são bem conhecidas. Em casos de deslocamento de osso, ou de uma queda de cavalo, o paciente é colocado em um banho quente, em cuja água foi fervido o musgo, e logo sente os efeitos do “processo de curtimento”.

.....

Capítulo III

DE PETRÓPOLIS A JUIZ DE FORA

Au milieu d'une des vallées les plus accidentés du globe, véritable vallée Alpine, une route magnifique, aux pentes douces et régulières, comme il en existe à peine encore dans l'Europe même, oeuvre gigantesque par les immenses travaux d'art qu'elle a occasionés, et qui fait honneur au Brésil, unit Petrópolis, ou mieux Rio de Janeiro, à Juiz de Fora.

Mr. Liais

N

os velhos dias, quando havia motivo para se temer uma viagem pelo Brasil, gastava-se, a cavalo, uma semana entre Petrópolis e Juiz de Fora. A distância é de 91 1/4 milhas, ou, mais corretamente, 146,8 quilômetros. Chegaríamos ao fim da jornada em nove horas, sem incluir as paradas. Pode-se dividir o percurso em três seções: quarenta milhas de descida, vinte e uma de terreno plano no vale fluvial, e trinta milhas de subida.

Éramos seis no carro, de tipo irlandês; o Major Newdigate e seu irmão, ainda “excitado” com a viagem do Canadá; um personagem que chamarei de Mr. L’pool, e nosso hospedeiro, Mr. Morrirt. Nunca vi homem de gênio tão bom como este último; foi admirável a inabalável paciência com que suportou o fogo cerrado das interrogações, partido de quatro pessoas armadas com quatro séries de vários cadernos de anotações, e cada uma delas fazendo suas próprias perguntas, simultaneamente com as outras. Demos-lhe o apelido de “Anjo Morrirt”.

Às 6 horas da manhã do sábado, 15 de junho de 1867, o mal equilibrado carro, carregando dezessete passageiros e vinte e oito malas postais, um peso total de três toneladas, partiu do Hotel Inglês e reviveu muitas lembranças de viagem em diligência. Era puramente inglês, aparelhado à *la Brésilienne*. O painel, em vez das armas de Sua Majestade, tinha o letreiro: “Celeridade”. Alguns campônios escravos, de ambos os sexos, usavam

camisas garibaldinas, como sinal de que eles estavam à venda. O ajudante do cocheiro exibia um chapéu lustroso e brilhante; o cocheiro era um jovem e robusto alemão, e as parelhas se compunham de quatro mulas pequenas e fogosas. Era um espetáculo vê-las empinar e dançar e, quando o cocheiro as atiçava, galopar frenéticas, especialmente no frio da manhã de Petrópolis. “Tudo bem” é, então um temporário “Tudo mal”. Por outro lado, nenhum passageiro poderia resmungar a velha queixa:

“Estradas rudes e cavalos fracos
Cocheiro bêbedo e ajudante dormindo.

Atravessamos, em nosso *char-à-banc*, a Cidade de D. Pedro, descendo o vale do Piabanha, sobre a nobre rodovia chamada União e Indústria.

A velha estrada real para Minas Gerais, descrita pelos viajantes, e ainda traçada em nossos mapas, fica bem mais abaixo, à direita. É assinalada por grandes casas abandonadas e por enormes cercas de pita,¹ curiosa em sua floração, último produto de uma longa e dura vida. Já em 1840, Gardner atravessou dez léguas de uma estrada de rodagem destinada a ligar a Capital de Minas com a do Império; e a Assembléia Provincial de Ouro Preto abriu um crédito equivalente a £40.000, importância essa que deveria ser recuperada pela cobrança de um pedágio. A nova linha, cuja implantação é admirável, foi traçada pelo Superintendente, Capitão José Maria de Oliveira Bulhões, o Corpo de Engenheiros do Império, e seus ajudantes, os Srs. Flageollot e Vigouroux, assistidos pelos dois Keller, pai e filho.² Vi, sem surpresa, na floresta virgem, compressores franceses, instrumentos civilizados que não haviam chegado a Londres em 1865, quando os cascos dos cavalos e as dispendiosas rodas vindas de Long Acre ainda executavam o trabalho pesado.³

Os animais foram mudados na “Fazenda do Padre Correia”, situada em um verdadeiro buraco, cercado de morros baixos. É mencionada com gratidão por muitos viajantes.⁴ O bom padre-fazendeiro, tão celebrado por seus pêssegos, já morreu há muito tempo, e a casa, que, antigamente, recebia a realeza, agora aloja os animais da companhia. O aspecto da estrada torna-se mais variado daí para diante. Há tropas de mulas, divididas, como de costume, em lotes de sete ou mais animais, sendo cada lote dirigido por seu próprio “tocador”. Esses navios do luxuriante deserto sul-americano vão carregados de sal e artigos diversos, que constituem as importações pro-

vincianas, e trazem do interior café e algodão, em bruto e beneficiado. As bestas eram nosso tormento: paravam no meio das estradas, ajuntavam-se como se dispostas a desafiar-nos. O “cachorro brabo”,⁵ uma verdadeira instituição nacional, investia contra nós em cada curva de estrada. O carro de quatro rodas era visivelmente germânico, muito diferente do “plaustra” brasileiro, que chegou inalterado do Portugal moderno, vindo da antiga Roma. Os porcos vinham em bandos ao nosso encontro; como é comum no Império, eram gordos e bem nutridos, especialmente os porcos-canastras, de pernas curtas e corpo de barril.⁶ Algumas cabras, de malhas claras e barbichas pretas, faziam-me lembrar da África. Os carneiros estão longe de ser merinos; magros, sujos e chifrudos, justificam o preconceito popular contra sua espécie.⁷ O gado bovino constitui um espetáculo penoso, ferido e comido pela larva branca do tzétzé local.⁸ Chegará o dia em que a boa carne de São Paulo e do Paraná suplantarão, no Rio de Janeiro, a carne de animais cansados, mal alimentados e comidos pelas larvas, que monopolizam os matadouros, atualmente.

Em todos os pontos onde paramos, encontramos a habitual variedade de aves domésticas. Há algumas poucas galinhas-d’angola, às vezes albinas, brancas de todo. São raramente comidas, não porque a carne seja má, mas porque são úteis por gostarem de comer formigas. Os pombos multiplicam-se; aqui, como na Rússia, são um “emblema sagrado”. Os gansos são aves para serem olhadas e, geralmente, estão a salvo dos brasileiros, que acreditam que sua alimentação principal é constituída por cobras, como acreditavam os antigos britânicos. A não ser que sejam engordados, são secos e sem gosto, como os perus, talvez o pior de toda *la volaille* do Império. O melhor são os patos, especialmente os jovens “muscovias” ou “mamilas” (*Anas moschata*, “canard-de-barbarie” nativo do Brasil). Há uma outra variedade, de proporções quase anserinas, e que freqüentemente é mais brava, voando de seus lares e para lá regressando. Dos galináceos propriamente ditos, há a raça comum, a cochinchina, que aqui não é “a número um para a mesa”; a carijó, com belas manchas pretas em fundo branco; a nanica, um belo tipo de garnisé; a galinha napeva, de pernas curtas;⁹ a sura, uma variedade sem rabo, a topetuda ou cacarutada; a lustrosa e a arrepiada, que é a *frizzly chicken* dos Estados Unidos, usada nas superstições africanas. Esta última, quando tem as pernas cobertas de penas (emboabas ou sapateiras) é uma excelente poedeira. A ave alta e magra, de grito peculiar e cocoricó

prolongado, que os viajantes converteram em galo músico, e que os supersticiosos acreditam ser descendente da ave que advertiu São Pedro, assusta o ouvido do estrangeiro.¹⁰ Há, também, galinhas de carne preta, que são vendidas muito barato, porque se crê, como na Somália se acredita a respeito de todas as aves, que são uma espécie semivulturina. Observamos, especialmente, os galináceos hermafroditas, galinhas com esporas e o ar altivo dos galos. Uma das mais interessantes e, de longe, a mais feia, é a galinha mestiça ou galinha-da-índia, uma ave magra, de pernas amarelas e penas de cor verde-garrafa avermelhadas nas pontas; o pescoço e o peito, muito vermelhos, são destituídos de pena naturalmente, mas parecem ter sido depenados. Um exemplar dessa ave é mantido no galinheiro, como o porco da cocheira da Pérsia, para conservar a saúde geral, atraindo todas as doenças. Os casais galináceos, que se preocupam com o problema da prole, devem ser informados de que, no Brasil, os capões são notáveis amas-secas, tratando dos pintos com cuidado maternal. E a mistura de pernalta com galináceo, a agami ou ogami da bacia amazônica, que, como já se disse, tem tanta semelhança com uma ave doméstica quanto o cão de pastor com as ovelhas, e que é na região chamada juiz-de-paz. O juiz-de-paz, longe de ser um “quaker” coberto de pena, e, a despeito de sua “bela figura e elegância”, é o mais turbulento e belicoso membro da família.

Reservo para um futuro volume minhas observações sobre os magníficos galináceos do Brasil. A Europa não adotou senão uma ave do Novo Mundo. Resta a curassoa (ou mutum, *Crax alector*); as muitas espécies de jacu (*Penelope*), de carne mais saborosa que a de nosso faisão; o nambu ou inhambu (*Tinamus*); a capoeira (*Perdix guianensis ou dentata*) e muitos outros.

Inúmeras casas perto da estrada parecem estar, mas não estão, abandonadas; os moradores estão tirando cipó,¹¹ como se diz, por lá, coloquialmente; fogem, durante o dia, para o mato, para escaparem ao recrutamento.¹² O terceiro trecho da estrada, de Pedro do Rio a Posse,¹³ torna-se interessante. O vale do rio, alargando-se, apresenta uma vista do agora respeitável Piabanha, que já não é uma simples torrente de montanha. Gigantescas encostas de granito, coroadas pelas florestas, apresentam suas paredes nuas e lisas, exceto quando perfuradas pelos buracos causados pelo tempo e cobertos de tillândsias e bromeliáceas, capazes de crescer até em uma mesa de chá, que se ostentam viçosas e brilhantes no azulado ar da manhã. O

clima revela-se bem melhor que o de Petrópolis; a brisa quente e úmida do mar, condensada pelos frios cumes da montanha, molha a Serra e se dissolve; ali reina o glorioso verão, com o inverno a poucas milhas do sul. Os cafeeiros começam a aparecer, mas poucos viçosos ainda; o solo é pobre e os arbustos foram plantados muito perto uns dos outros. Uma plantação mais dispersa daria resultado muito melhor no conjunto; além disso, há falta de mão-de-obra e o solo é raramente “beneficiado”,¹⁴ apresentando um tapete de ervas daninhas.

Posse é uma localidade de certa importância, que recebe a rica produção da região situada de Porto Novo do Cunha para leste. Depois de Luís Gomes, a sexta parada, a terra não exige mais cuidados, a não ser o rodízio de culturas; e o algodão é um remédio que está curando todos os males atuais. Desde a estrada até o húmus recoberto de grama do vale do rio, o Professor Agassiz encontrou deriva em contacto imediato com o piso de rocha cristalina, e observou que, quanto mais espessa é ela, mais viçosos são os cafeeiros. Ela determina, diz ele, a fertilidade do solo, devido à grande variedade de elementos químicos que contém e do processo de compressão a que esteve submetida sob a gigantesca camada de gelo. A teoria glacial inseriu no Brasil essa débil cunha; o estudioso, contudo, fica intrigado, em face da ausência dessas ranhuras e estrias, que, em outras terras, mostram a ação dos campos de gelo. Nenhuma explicação satisfatória foi apresentada a respeito; o sol e as chuvas dos trópicos dificilmente poderiam fazer o que não fizeram o gelo e as súbitas mudanças climáticas.¹⁵

O Piabanha corre, agora, entre as alturas da sombria floresta virgem, e essa verdura escura, contrastando com o amarelo acinzentado ou o verde-claro das terras mais pobres, denota a sua riqueza. Nas clareiras, encontramos uma pasta de argila vermelha¹⁶ densamente tingida com o óxido de ferro, procedente da mica e com base em um gneiss cinzento esbranquiçado. As encostas constituem uma linha dupla de vegetação viçosa, a “vestimenta” pela qual o agricultor brasileiro julga o solo. Em certos lugares, os precipícios são tão densamente cobertos de árvores e plantas rasteiras, que o rio corre invisível em seu leito. Pago um milhão de libras a quem avistar um bosque de bambu, em viagem de trem em Londres ou Paris.¹⁷ As canas aparecem formando cones e colunas vivas, que envolvem as árvores, concentradas em moitas espessas, em serpentinas e arcos, assumindo as figuras mais fantásticas, nessas curvas ondulantes e graciosas com que se

deleitam os olhos. Há uma variedade imensa, desde o espinheiro taquaraçu de folhas grandes e caule grosso, até a copada e lanceolada criciúma, que cresce como a cana-de-açúcar, ao passo que outras espécies se debruçam sobre a estrada, fazendo lembrar um caniço de pesca. Os tirsos das plantas trepadeiras, agarrando-se aos troncos mortos, sugerem ciprestes. O cipó-matador é nosso velho amigo, o “escocês estrangulando o crioulo” do Istmo do Panamá ou a “árvore parricida” de Cuba. Uma vez tornado tão forte como sua vítima, esse vampiro vegetal às vezes se levanta da espiral estranguladora e fica erecto, como um pára-raios.¹⁸ “Aves das mais belas plumagens se combinam com a esplêndida florescência das florestas que habitam”, especialmente os *Rhamphastus (discolorus)*, de grande bico preto e pescoço amarelo, família exclusivamente americana. Ouvimos, partido da espessura da mata, seu grito: “Tucano! Tucano!”, mas não podemos, como os viajantes de 1821, convertê-lo em cozido. Como são muito caçadas, essas lindas aves são muito ariscas e costumam empoleirar-se nos mais altos rochedos e galhos das árvores; durante dois anos, tentei, em vão, roubar seus ninhos, a fim de verificar se o bico colossal está ou não dentro do ovo. Os tucanos são amansados com facilidade e, com seu bico semelhante ao “nariz de Lorde Hood”, são tão engraçados quanto um bobo da corte.

De repente, nosso velho amigo, o Piabanha, serpenteia para a direita, e tivemos de deixá-lo para sempre. Ele desemboca no Paraíba do Sul,¹⁹ em Três Barras, as três águas irmãs, que nos fazem lembrar Nore, Suir e Barrow; o Paraibuna, com o qual iríamos travar conhecimento, é o mais setentrional do trio. Correndo ao longo de um vale plano, avistamos o Paraíba, sem termos medo de seu posto fiscal.²⁰ Aquele lugar era terrível para estrangeiros que contrabandeavam diamantes e ouro em pó, e levou muitos infelizes à prisão perpétua ou ao exílio em Angola. O rio, que eu conhecera tão pequeno perto de São Paulo, é aqui tão largo quanto o Tâmisia em Battersea, e majestoso como um rei do vale, de sorte que nem pude dizer, realmente, que já o conhecia. A obra-de-arte da engenharia raramente é artística, mas a ponte, feita em Birmingham, com 320 toneladas de ferro e grades pintadas de vermelho, montadas por Mr. O’Kell, constitui, sem dúvida, uma complementação da paisagem; seu cinabre faz destacar vivamente a luxuriante verdura, do mesmo modo que o chapéu do pescador torna as ondas mais verdes. Essa bela ponte, e outra na cidade de Paraíba do Sul, que custou 800 contos, serão postas de lado

e três outras vão ser construídas para a Estrada de Ferro D. Pedro II. Assim corre o dinheiro, e, assim, aquele rio terá três pontes, enquanto meia dúzia de outros não têm nenhuma.

Às 11h30min da manhã, depois de quatro horas de viagem efetiva, chegamos a Entre Rios,²¹ o meio do caminho. Ali, um almoço – e um mau almoço, por sinal – esperava os viajantes. Enquanto era servido o feijão, fui examinar os alicerces de uma estação ferroviária, que envergonhará os galpões que têm esse nome na maioria das estradas de ferro anglo-brasileiras; isso me faz lembrar dos venerandos remanescentes da linha de Stephenson, a “Liverpool a Manchester”, que ainda existem, por exemplo, na Ponte Newton. Alguns meses depois de nossa viagem, a estrada de ferro foi inaugurada até Entre Rios, atravessando, assim, a bela estrada macadamizada. E, pior ainda, a D. Pedro II pretende alcançar Paraíba do Sul, a cerca de trinta e oito milhas de Porto Novo do Cunha. Um olhar ao mapa mostrará, acima de qualquer dúvida, que a ferrovia será lançada para o norte, em direção às cabeceiras do grande rio São Francisco. Como sempre, porém, a linha constitui uma questão partidária e política. Por que, então, não fazer um acordo – construir a linha tronco para o norte e um ramal para leste?

Em Entre Rios,²² descêramos para uns 200 metros acima do nível do mar; a atmosfera é desagradável, quente e úmida, alimentando febres; a água ainda pior. No hotel, portanto, só tratamos de matar o tempo. Nas imediações, o vale, coberto, outrora, de luxuriantes florestas, foi limpadado para a plantação de café e deverá ser lavrado para o plantio de algodão. As chuvas torrenciais, seguindo-se às queimadas de todos os anos, arrastaram o humo carbonífero dos morros para as depressões estreitas, e pantanosas, que são frias demais para o cultivo; cada córrego é um escoadouro de adubo líquido que se dirige para o Atlântico, e o solo superficial é de pura argila. Também aqui as terras sofrem dois flagelos especiais: os grandes proprietários e o sistema de agricultura herdado dos aborígenes, ou vindo da África Central e perpetuado pelos desleixados métodos de cultura, necessários em toda a parte onde é empregada a mão-de-obra servil. No Brasil, como na Rússia e no Sul dos Estados Unidos, onde vastas plantações têm de ser meramente roçadas, o solo virgem constitui um importante fator, no que diz respeito ao valor real da propriedade territorial; a falta de adubo e a necessidade de pousios só permitem que seja aproveitada metade do total das terras – às vezes, mesmo, uma décima parte – para o cultivo

anual. Esse mal deve ser mitigado, antes que o país possa ser colonizado ou grandemente melhorado, mas não é fácil sugerir uma adequada medida, sem os males da “desapropriação”.²³

Em Serraria, o pouso seguinte, começa a subida, e a estrada, como era de se esperar, acompanha a margem do rio Paraibuna.²⁴ Esse escoadouro de águas da vertente oriental da Mantiqueira, ou Cadeia Transmarítima, é um rio largo e raso, muito semelhante ao Piabanha, quando o vimos pela última vez. Serraria é um ponto importante para a Companhia, pois é a saída dos municípios cafeeiros de Ubá e Mar de Espanha.

A União e Indústria, branca e brilhante, serpenteia ao longo do sinuoso rio, que abriu fundos canais irregulares no rochedo queimado pelo sol. De ambos os lados, há camadas de argila vermelho-escuro, penetradas por calhaus e massas de feldspato decomposto, não desintegrado, coberto por uma densa vegetação de sempre-vivas, que se rejubilam quando chega o inverno, e só quando chega o inverno. Atravessamos a serra das Abóboras, e nossa atenção se concentra na Pedra da Fortaleza.²⁵ Essa “Montagne Pelée”, um gigante entre sua raça colossal, é um bloco aparentemente singular, de gneiss cor de chocolate, que se levanta a cerca de 170 metros a partir da margem do rio, onde este faz uma curva; corremos sob uma parede vertical, de uns 100 metros de altura, que recebe os raios de sol e os irradia como uma fornalha. Seus contrafortes castanhos, eriçados, onde são desgastados pelo tempo, de grandes bromélias, que se parecem com turfos de capim, deram à minha esposa a idéia de uma igreja, e simples manchas verdes no alto do rochedo mostram seu revestimento por uma floresta alta. Quando rodeávamos a base do rochedo, com o rio inavegável à nossa direita, avistamos uma capivara, tomando sol e contemplando, calmamente, o rio sujo.²⁶ Gaviões e urubus voavam alto, o martim-pescador esvoaçava sobre a água, patos e mergulhões brincavam nas margens do rio, pombos selvagens passavam voando nas alturas, rolinhas saltitavam junto à estrada e anuns, pretos e brancos, balançavam-se nos galhos, em silêncio, mas, sem dúvida, pensando: *il fait trop chaud*. Os matos em torno pareciam um lugar bem apropriado para a caça; fomos informados, contudo, que as onças ainda existem, mas os veados foram todos mortos.

O Paraibuna ignora, atualmente, a mineração de ouro; suas areias, outrora eminentemente auríferas, foram dragadas, na busca do precioso metal e dos topázios brancos, cor-de-rosa e amarelos, antigamente um ramo

da indústria local, hoje de todo abandonado. O solo vermelho ferruginoso e o quartzo oxidado provavelmente ainda contêm ouro, mas as jazidas da superfície se esgotaram. Nos dias coloniais, a governo, *mirabile dictu!*, proibiu a mineração naquele rio, receando que o valor do minério sofresse grande redução através do mundo. Ouvei a mesma coisa em Londres, quando a Califórnia se mostrou como El Dorado. Contudo, como disse um velho garimpeiro, “a noite não tem olhos”, e o ouro desapareceu, apesar das ordens, sem afetar o seu preço no globo.

No grande pouso do Paraibuna, fica a Ponte do Registro, onde são cobrados os tributos devidos, que pesam sobre as mercadorias importadas pala Província de Minas Gerais. Em 1825, o imposto era de 3\$640 por carroça, ou seja, um pouco mais de 17 xelins; em 1867, elevava-se para 20\$000, cerca de £2. Desse modo, a província paga um duplo imposto, no porto de mar e em sua fronteira; e o mal é pouco compensado pala dupla tributação sobre cada veículo destinado ao Rio de Janeiro e pela redistribuição da carga, depois do pagamento dos tributos em território de Minas. Não há economista político que não deva condenar esse estranho sistema de tributação interna, que vem do velho costume colonial de colocar barreiras entre as províncias e interferir no comércio, estimulando a prática da corrupção e do contrabando. Há muitos anos já se propôs acabar com essa calamidade.²⁷ É muito mais fácil, porém, advogar a supressão de tributos que suprimi-los quando se pensa na arrecadação.

A ponte tem sido sempre um espetáculo pouco agradável aos olhos. Em 1842, quando Minas e seu pai, São Paulo, “se levantaram” ou “se insurgiram”, o oficial encarregado de defendê-la incendiou-a, para impedir o avanço das tropas legalistas, e em 1843, Castelnau ainda a encontrou sem ter sido reparada. Atualmente, compõe-se de tábuas novas, sustentadas por velhos pilares de pedra e já sem cobertura. Um pouco além dela, uma cabana esfregalhada mostra o cenário de outra ação revolucionária; esta Rocinha da Negra²⁸ pertence, atualmente, ao Conselheiro Pedro de Alcântara de Cerqueira Leite. À esquerda, fica a barra, ou foz, do Rio Preto,²⁹ a fronteira meridional de Minas. Atravessando esse afluente ocidental, estende-se a estrada velha do Rio de Janeiro, via Rodeio, Vassouras e Valência, para o sul de Minas.

Mais além, à direita, fica Rancharia, localidade que mal chega a ter dez anos de idade. A igreja de costume fica na frente da praça, a casa grande de costume fica no fundo da praça e o chafariz de costume no meio da praça; daí o ditado:

O chafariz,³⁰

João Antônio e a matriz,

que descreve a constituição dessas localidades. Em torno da *grande place*, vêem-se chácaras, utilizadas pelos fazendeiros ricos nos domingos e dias-santos; durante o resto do ano, ficam fechadas. Há meia dúzia de vendas, que não vendem nada. Como é costume no Brasil, o cemitério ocupa uma elevação bem visível, e as moradas dos mortos estão muito mais bem situadas que as dos vivos. Também certas repartições, que, entre nós, em geral se ocultam, como que envergonhadas, aqui se apresentam isoladas e chamando a atenção.

Perto de Rancharia,³¹ o terreno modifica-se, em vista de sua distância da Serra. Desaparece a fartura de águas das montanhas marítimas, os regatos minguem, as subidas são mais longas e menos íngremes, o rico solo de argila vermelha da Província do Rio de Janeiro mais ao sul, agora se alterna com a marga mais clara, muito mais seca, poeirenta e, como no resto de Minas, em geral, muito mais porosa e friável. As matas negras, de frondosas árvores, cederam lugar às gramíneas verde-amareladas e, perto do rio, há bambuzais, muito menos belos que os de antes. Alguns viajantes encontraram granadas embutidas no gneiss; a pedra é tão comum como sem valor.

A capela de Matias Barbosa, uma igreja situada em um outeiro à direita, anuncia o Pouso de Matias, antigo Registro Velho. Nos tempos coloniais, ali ficava a principal “contagem”, onde eram pagos os impostos e, ainda em 1801, ali se cobrava o “quinto” de ouro para a Coroa. O contrabando era, então, para o mineiro o que era o furto para a engenhosa mocidade de Esparta. O superintendente e seus guardas, com espiões em toda a região, vigiavam atentamente todos aqueles que não tinham diante dos olhos a ameaça da cadeia ou das costas da África. O contrabandista armazenava seus valores no cabo do chicote, ou na coronha da garrucha, ou, ainda, no forro da sela. Os estrangeiros apavoravam-se com a revista. Luccock chamou o superintendente de “Lorde” e Caldcleugh (ii.202) conta-nos a triste história do que aconteceu a uma adepta feminina da liberdade de comércio improvisada. Aqui, durante algum tempo, morou meu amigo, Dr. G. ..., cuja bem-sucedida prática no tratamento da sarna merece ser noticiada. O paciente, se escravo, era rolado na lama e solenemente advertido sobre a necessidade de tomar banho; às “senhoras da sociedade” a mesma receita era aplicada, com quixotesca gravidade, sob a forma de um óleo viscoso, que produzia o mesmo efeito.

Prosseguindo viagem, encontramos subidas íngremes e um morro empinado, coberto de brincos-de-princesa ostentando lindos lírios, plantas parasitas e uma profusão de maracujás ou flores-da-paixão, nativas,³² um dos presentes do Novo ao Velho Mundo. Muito abaixo de nós, o Paraibuna disputava, burburinhando, um lugar ao sol em seu leito. Casas e plantações tornaram-se mais freqüentes e a praga das grandes propriedades já não pesa sobre a terra.³³ Mudamos de animal, pela última vez, na Ponte do Americano, uma ponte com sólidas traves de madeira, e partimos a galope pelo vale do rio acima, vale este que se alarga, agora, de vez em quando, oferecendo espaço para fazendas. Uma capela mortuária e um cemitério de muro recém-construído, à esquerda, constituíram, dessa vez, um espetáculo agradável, e, antes do sol se pôr, fizemos uma volta a avistamos Juiz de Fora.

A estação fica na extremidade norte, a outra extremidade, portanto, distante cerca de dois quilômetros do mato cerrado que rodeia a cidade. Estávamos todos exaustos, e mesmo *blasés*, por doze horas de caleidoscópica viagem, para ver um caminho cuidadosamente cascalhado, com os dormentes e trilhos para uma estrada de ferro, em frente de uma cerca viva cuidadosamente podada, que protegia não um bem tratado parque, mas um brejo não drenado. Por trás dele, em uma pequena elevação, com um belo terreiro embaixo, estava uma vila, com uma torre quadrada, que dava a impressão de ter sido trazida, já armada, de Hammersmith. Afinal, apeando, com os joelhos dormentes, fomos conduzidos por Mr. Morrith ao chalé construído, em curiosas proporções, de tijolo e madeira, materiais intratáveis. No devido tempo, surgiu o conforto, e com cigarros e conversa, e a ajuda dos Srs. Swan e Audemar, passamos, com grande prazer, nossa primeira noite em Minas Gerais. E um sono profundo, na leveza, frescura e pureza do ar, constituiu o final mais satisfatório do fim de um dia de viagem.

NOTAS DO CAPÍTULO III

1. *Agave americana* ou *A. foetida*. Sua fibra é bem conhecida e a robusta haste de suas flores, com 10 metros de altura, fornece as melhores lâminas para assentadores de fio de navalha e a melhor cortiça para os naturalistas pegadores e pregadores de insetos. Essa é a parte chamada propriamente pita, denominação que se estendeu a toda a planta.

2. O germe da idéia foi um estudo sobre estradas de ferro feito para o Barão de Mauá, por um engenheiro inglês, Mr. Edward Brainerd Webb. A estrada de rodagem foi projetada, em 1857, sob a direção do Sr. Mariano Procópio Ferreira Laje. Quando nela viajamos, o Sr. Audemar era engenheiro residente. O Prof. Agassiz (*Viagem ao Brasil*, pág. 63) fala de “engenheiros franceses”, mas omite o nome do Capitão Bulhões, que aparece em todas as inscrições. Assim, os estrangeiros, no Brasil, muitas vezes reclamam e conquistam as honras devidas aos naturais do país.
3. Em abril de 1868, foram experimentadas na estrada, com pleno êxito, locomotivas rodoviárias; ônibus a vapor para o transporte de passageiros e máquinas de tração para mercadorias pesadas serão introduzidos, em vez das mulas.
4. John Mawe (1809) fala sobre o Padre “Correio”, seus negros, suas forjas e sua hospitalidade. Luccock (1817) descreve o Padre “Correio”, sua mansão e suas ambições. St. Hilaire (1819), Caldclough (1821) e Gardner (1841) não se esqueceram dele e o Rev. Walsh (1829) viu parte da Família Imperial na fazenda.
5. “Bravo” – que, às vezes, quer dizer venenoso – uma expressão que se aplica às plantas, e em geral é pronunciado “brabo”. Daí vem o vocábulo inglês mutilado, “brab”, ou tamareira selvagem. É um legado do galego, que chama o vinho verde de “binho berde”. A peculiaridade vem de longe, como Scaliger observa:

Haud temere antiquas mutat Vasconia voces,
Cui nihil est aliud “vivere” quam “bibere”.

6. Porco-canastra é uma expressão derivada de tatu-canastra, que difere do tatu-verdadeiro (o tatu-preto de Azara, *Ensaíos*, tomo 3, 175) e do tatu-peba ou tatu-chato.
7. “O carneiro era e ainda é”, diz Luccock (pág. 44), “uma carne pouco apreciada pelos brasileiros, alguns dos quais alegam, talvez pilheriando, que a mesma não é um alimento apropriado aos cristãos, porque era a carne do Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo”. St. Hilaire (ii(III)i.44,225) lança dúvida sobre tal afirmação e diz que a carne de carneiro é muito má, nas regiões quentes do Brasil. Mr. Walsh (ii.54) confirma a opinião de que há um preconceito popular contra a carne de carneiro, e o mesmo acontece em Nápoles, convém lembrar. A objeção é também mencionada por John Mawe (i. cap. 5 e especialmente no cap. 7).

Meu segundo volume mostrará que, pelo menos em uma parte do Brasil, a carne de carneiro é preferida à de vaca, e considerada como o alimento natural do homem, e também que tal carne é excelente, não só nas pastagens das montanhas, tão apropriadas à criação de gado ovino, como nas cálidas margens do São Francisco.

No Império, de um modo geral, porém, os preconceitos alimentares são muito arraigados e a arte de Soyer é pouquíssimo cultivada.

8. É chamado berne. A palavra é, geralmente, explicada como corruptela de verme, mas acredito ser de origem guarani. O berne é mencionado por Azara, que acredita que ele penetra na pele. O Príncipe Max (i. 29) duvida disso, com razão. Contam-se muitos casos de negros que morreram em consequência de bernes no nariz e outros lugares; se

são mortos quando espremidos, em vez de serem retirados, naturalmente os bernes podem acarretar graves conseqüências. O tratamento habitual é a aplicação de pomada mercurial.

9. Essa ave tem dificuldade para correr e engorda com muita facilidade. Encontrei a raça em Unyamawezi e tentei levar para a Inglaterra alguns exemplares presos em gaiola, mas todos morreram no caminho.
10. Segundo se diz, isso é conseqüência do gogo, uma moléstia que acarreta o espessamento das membranas do pescoço. John Mawe conta que, no seu tempo, a ave valia muito, quando tinha boa voz. Essa voz sempre me pareceu rouca.
11. Tirando cipó. Essa palavra, escrita pelos estrangeiros, às vezes sipó e outras vezes, mais erradamente ainda, çipó, significa em tupi raiz: cipó, por exemplo, é a salsaparilha trepadeira. No Brasil, é equivalente à trepadeira dos portugueses, à liana dos ingleses e a “tie-tie” do anglo-negro. Segundo se diz, o melhor para fazer corda é o cipó-cururu. Naturalmente, essas trepadeiras não foram ainda bem estudadas.
12. Devo lembrar aos meus leitores que, durante a Guerra da Criméia, quando se falava em recrutamento, a população de certas zonas de Berkysshire, segundo se diz, “fugiu para as minas, e levou uma espécie de vida de Robin Hood debaixo do chão”.
13. Guarda da Posse era uma antiga denominação de postos militares.
14. Beneficiado. Melhoramentos feitos por um arrendatário, chamados benfeitorias.
15. Meu excelente amigo, Du Chaillu (2ª Exp. cap. 15) encontrou essas marcas, distintamente visíveis em rochas perto do Equador. “Ao falar de rochedos soltos e sinais de geleiras, devo salientar que, quando atravessei a região montanhosa que vai de Obindji à Terra de Ashira, tive a atenção despertada para traços bem distintos de estrias, na superfície de vários dos blocos de granito, que ali se encontram espalhados, no alto e nas encostas dos montes. Eu estava bem consciente de quão disparatado seria supor que os movimentos de gelo, que modificaram a superfície da Terra nos países nórdicos, possam ter ocorrido aqui no Equador; mas acho, por outro lado, necessário relatar o que vi com os meus próprios olhos”. Esse testemunho é ainda mais importante pelo fato de não lhe atribuir o autor, segundo parece, a importância que tem.
16. Chamado “barro vermelho”, de uma cor de tijolo.
17. Chamado taquara no Brasil (*Bambusa tagoara*, Mart.). Outro nome indígena é taboca. O taquaraçu tem, às vezes, 13 metros de altura, e a grossura de um braço de homem; os ramos são armados de espinhos curtos e grossos, e os botocudos, como os hindus de Malabar, utilizam-no para a construção de embarcações. Vi brasileiros que carregam consigo grandes pedaços de taquaraçu, para servir de cantil. Quando novo, o taquaraçu guarda uma certa quantidade de água doce, muitas vezes útil aos viajantes. O exterior silicoso torna o bambu adequado para a fabricação de pontas de setas, e, segundo se diz, os selvagens fazem navalhas com ele.
18. St. Hilaire, III, i. 30. Bates, i.50, também descreve essa figueira epífita, que ele chama de “cipó-matador ou liana-assassina”.

19. O Paraíba, chamado do Sul, para distingui-lo do rio que banha a província do mesmo nome, no norte, quer dizer, segundo se diz, o contrário de “catu”, bom, que dá o Iguatu, rio de água boa, de Southey; Paraíba seria, então, rio de água ruim (“Pará”, rio, e “aiba”, ruim). Outros querem que seja uma corruptela de Piraíba, “rio do peixe ruim”. Outros, ainda, fazem vir a palavra de “pira” e “aiba”, a doença de peixe ou escamosa, isto é, a lepra. O “rio mau” seria uma excelente denominação descritiva. É um dos mais perigosos rios do Brasil. Muitos operários que trabalhavam na construção da estrada de ferro perderam a vida ali. Uma descrição de seu curso e do povoamento de suas margens, escrita por um inglês, em dias já esquecidos, refere-se à Província de São Paulo.

Supõe-se, habitualmente, que, em tupi ou língua geral, “pará” significa rio e “paraná”, o mar. Se houver alguma distinção entre as duas palavras, o contrário é que deve ser o caso.

20. Um posto, onde, nos velhos tempos, eram examinados os passaportes e pagos os impostos.

21. O nome equivale ao nosso Delta, ao Doab da Índia e ao Rincon da América Espanhola.

22. Abaixo de Entre Rios e a 16 milhas acima de Porto Novo do Cunha, há corredeiras, onde o rio desce cerca de 40 metros em duas milhas. Onde elas terminam, o pequeno rio Sapucaia deságua na margem esquerda e, em frente, há uma ilha que se eleva a menos de 2 metros acima da água. Ali têm sido encontradas ágatas e jaspes sanguíneos, exatamente semelhantes às formações que serão descritas no rio São Francisco.

23. Um amigo brasileiro escreveu-me: “A iníqua lei de 1823, que pôs termo as concessões de terras, provocou a ocupação indevida das terras, em vez da baseada em títulos legais. Assim, as melhores terras foram exploradas e arruinadas.”

24. Luccock (pág. 407) observa que “deve ser provavelmente, em consequência da cor escura das pedras, que o rio tem o nome que tem, e que deveria ser escrito Parabuna; se paraibuna for a palavra correta, a expressão deriva da tonalidade escura da água”. Caldcleugh (ii.200) explica a palavra como vinda de “Pará”, rio, e “ibuna”, preto. Há estudiosos que acham ser uma corruptela de “Paraiúna”, rio que carrega águas escuras, uma descrição pitoresca e extremamente correta.

25. Castelnau atribui-lhe uma altura total de 150 metros, com uma parede de 100 metros. Acrescenta: “aucune plante ne poussait sur cette vaste surface”, enquanto que as paredes mais íngremes são recobertas de plantas aerófitas.

Seria interessante examinar aquelas rochas, que talvez pertençam às antigas camadas sedimentares, metamorfoseadas pelo calor em substâncias altamente cristalinas, chamadas laurencianas, que é a mais antiga conhecida no continente norte-americano. O “animal da aurora do Canadá” ainda não foi descoberto no Brasil; é verdade que ainda não foi procurado.

26. *Hydrochaeris Capybara* ou *Cavia Capyvara* (Linn.). O nome indígena é, como de costume, bonito e pitoresco. Capiuara ou capivara quer dizer “comedor de capim” e não, como diz o T.D., que “vive entre o capim”. O original é “caapim” ou “capii”, que deu, por corruptela, “capim”, e “g-u-ara”, comedor, composto de um “g” relativo, “u”, “uu” ou “vu”, comer, e “ara” a desinência verbal que, curiosamente, se parece com o hindustani “wala”.

Assim, a designação argentina de “capiguara” (Southey, 1.137) é mais correta que a brasileira; os hispano-americanos em geral chamam o animal de “capincho” ou “carpincho”, e os viajantes a corromperam para “cabiáis” ou “chiguiré”. Não sei por que St. Hilaire III, i. 181, escreve “capimvara”, pois a pronúncia não é essa, de modo algum. H.A. Wedell (Castelnau, vol. vi. 248) informa-nos “Le vrai nom de cet animal en Guarani est Capuqua, qui signifie ‘habitant des prés’”. No interior, como se verá, o povo o confunde com o caitetu ou caititu, ou tagaçu, o pecari (*Dicotylos labiatus*, não o *D torquatus*). Os selvagens usavam seus dentes como enfeites.

Esse roedor é do tamanho de um porco de porte médio; é um animal muito feio, semelhante a um porquinho-da-índia que tivesse crescido demais (chamado *Guinea-pig* em inglês, quando é, realmente, brasileiro). O focinho é redondo e a queixada muito funda, como a de um porco engordado; nada com a cabeça quadrada bem erguida, como o hipopótamo, e, segundo se diz, leva os filhotes nas costas, como aquele animal. Seu grunhido, e não ornejo, é uma espécie de “Uh! Uh!” É gregário, vivendo em bandos de 10 a 60 animais e, segundo as velhas lendas, o chefe do bando era cavalgado por um demônio pigmeu chamado Caapora, ou “o habitante da mata”. Quando se torna arisca, em conseqüência da caça, a capivara não sai de dentro da água, exceto para se aquecer ao sol. Na América Espanhola, ela é comida, e M. Isabelle afirma, como muitos outros, que a carne não é má, depois de ser colocada, durante dezoito horas, em água corrente. Os brasileiros usam sua pele, raramente sua carne. Humboldt (*Voyage aux Régions équatoriales du Nouveau Continent*, vol. ii. 217) encontrou bandos de 60 a 100 capivaras e acredita que esse granívoro coma peixe. A capivara aparece na poesia brasileira; escreve em suas *Parábolas* o Sr. José Joaquim Correia de Almeida:

Assim procede o político
Que os princípios não extrema,
Calculadamente segue
Da capivara o sistema.

27. St. Hil. III, i. 47

28. Rocinha da Negra (Mr. Walsh). Aqui, devo importunar o leitor com algumas explicações necessárias.

A roça ou roçado no Brasil é um *defriché*, uma clareira para finalidades agrícolas, geralmente, como na África, a pequena distância da casa ou casas da fazenda. Tem, algumas vezes, mas na maioria das vezes não, um pequeno rancho para abrigar os trabalhadores. Em certos lugares, “rocinha” pode significar uma casa de campo. O sítio é uma pequena fazenda, com suas dependências. A chácara ou chacra é uma palavra emprestada do tupi. Os índios a aplicam às suas miseráveis cabanas, e, no Peru, “chacrayoc” significa “Senhor do Campo”; os sul-americanos transferiram o nome para suas bonitas vilas e casas de campo. O Sr. William Bollaert (*Ant. do Peru*, etc., pág. 67) diz que a palavra significa, em língua quíchua, “propriedade rural, fazenda, plantações”. O Sr. Clements Marliham (*Gram. e Dicionário Quichuas*) traduz a expressão por “quinta” (casa e terreno), assim chamada porque o arrendatário paga uma quinta parte ao proprietário. A fazenda é a “hacienda”

espanhola, a “plantation” de nossas colônias tropicais, incluindo as terras e as casas. O proprietário é chamado fazendeiro e a classe, no Brasil, representa a das famílias de proprietários rurais da Inglaterra e dos “planters” das Índias Ocidentais. Nas províncias setentrionais do Império, as fazendas são chamadas de engenho (O “Ingenio” de Southey é espanhol), especialmente quando se trata de uma fazenda de plantação de cana-de-açúcar, e o proprietário é o senhor-de-engenho, um dos membros da aristocracia nacional, e que não deve ser confundido com o lavrador. A engenhoca é um engenho pequeno.

29. Caldcleugh (ii. 200) confunde o Paraibuna com o Rio Preto, que, diz ele, é uma “simples tradução da palavra indígena Paraibuna”. É o equivalente português de “uma” (antigamente Huna), “Rio de água preta”, realmente “Yg-una”, abrandado para “Y una”. O Y ou Yg, significando água, foi omitido e substituído por Rio Una. Rios de água preta, ou melhor, marrom escuro, cor de café, são comuníssimos perto do mar, mas bem raros no interior. A tonalidade, evidentemente, se deve à decomposição de vegetais e, muitas vezes, sob o sedimento escuro, encontramos a areia branquíssima do fundo do rio.
30. Chafariz é corrutela do nauro-arábico “shakari”, e a palavra é ridicularizada pelos espanhóis, que preferem a “fluente” latina. Matriz é a igreja paroquial, com capelas filiais em torno.
31. Os antigos brasileiros empregavam a palavra “rancharia” para indicar uma reunião de ranchos ou cabanas. O Príncipe Max (iii. 151) usa, por engano, a palavra “Ranchario” (“rancharios ou aldeias de Camacãs”, iii, 34) e torna-a sinônima – o que não é o caso – de aldêia ou aldeia. Esta última palavra vem do árabe *el-dawat*; em Portugal e na Índia Portuguesa tem a significação de *village* em inglês. St. Hil., III, i. 5, nos diz que, no Brasil, a expressão se aplica exclusivamente às povoações de nativos catequizados, chamados “mansos” ou “aldeados”. Assim podia ser em seu tempo, mas hoje a palavra não é usada com tanta exclusividade. Era, assim, semelhante à “redução” das colônias sul-americanas da Espanha, especialmente quando podia gabar-se de um missionário.
32. *Passiflora (incarnata?)* sem perfume. O Sistema enumera dez espécies silvestres.
33. O resultado tem sido o mesmo observado na França, nos Estados Sulinos da União e na Grã-Bretanha. Quando será que o economista político perceberá devidamente o benefício derivado da subdivisão da terra?

.....

Capítulo IV

JUIZ DE FORA

*E, encostas abaixo, romântica Ashburn, corre
A diligência, transportando seis.*
Byron

A denominação exata e adequada de Juiz de Fora é “Cidade de Santo Antônio do Paraibuna”, mas como um juiz de paz colonial em terras estranhas, cargo hoje obsoleto,¹ sempre ali esteve presente nos tempos de antanho, tornou-se conhecida por aquela trivial denominação. Mawe (1809) refere-se a ela como uma fazenda, chamando-a de “Juiz de Fuera”. Luccock (1817) diz que ali havia “uma capelinha e algumas casas pobres”. Em 1825, ainda era “povoação”. Em 1850, foi promovida à categoria de freguesia e vila, isto é, paróquia e município. Em 1856, tornou-se cidade, e, em 1864, o município contava com 23.916 almas, inclusive 1.993 votantes e 33 eleitores. Tal é o progresso no Brasil, onde a situação é favorável e – *nota bene* – onde foram abertas comunicações.

A localidade compõe-se de três partes distintas: Santo Antônio, a cidade propriamente dita; a estação da Companhia Union and Industry, e a colônia de alemães “D. Pedro Segundo”. A situação é boa, a cerca de 700 metros acima do nível do mar. A leste, fica a planície por onde serpenteia o rio. A oeste, elevações cobertas de mata oferecem um panorama que domina a “Pedra da Fortaleza” e as montanhas de Petrópolis. O cume é denominado Alto do Imperador, desde a visita imperial, e o acesso não é difícil. Das partes mais baixas dessa montanha, um fio branco de uma cascata, parecida com a cachoeira de cristal de um velho relógio de pechisbeque (horrível mistura!) corre para o escoadouro

principal. A colônia alemã tem cerca de 1.000 almas em casinhas caiadas, e os moradores parecem pobres e malsatisfeitos. Em junho de 1867, uma Escola de Agricultura Prática² não parecia ter muita pressa de ser acabada. Depois disso, fui informado de que o estabelecimento foi completado, que o material fora importado e que tudo estava correndo a contento.

A estação, onde nos hospedamos, orgulha-se de nada ter a ver com a “cidade velha”. Ali ficam, além do palacete no morro e do chalé, uma capela, duas ou três casas toleráveis, uma pequena hospedaria e estrebarias, moradas de negros e grandes armazéns, onde são guardados sal e café.

A cidade apresenta a habitual mistura de miséria e esplendor. Minas, deve-se lembrar, é uma das três províncias que não foi diretamente colonizada por Portugal; São Paulo é seu progenitor e a filha ainda não pode vangloriar-se de ser melhor do que o pai. Juiz de Fora é uma simples rua empoeirada ou lamacenta, ou melhor, uma estrada, ao longo da qual estão plantadas palmeiras aos pares. Seu único mérito é a largura e quando forem introduzidos os carris urbanos por algum brasileiro de iniciativa, essa boa disposição será reconhecida. Na calçada tem-se de andar aos pulos. As casas são baixas e pobres, em sua maior parte de “porta e janela”, como se diz. Entre elas, contudo, há grandes e espaçosos sobrados, com ananases dourados nos telhados, bolas de vidro enfeitando as sacadas, gárgulas fantásticas, aves de barro e cimento dispostas nas margens e todos os demais requintes arquitetônicos do Rio de Janeiro. Ali se reúnem os ricos fazendeiros; nas noites de sábado, vêem-se grandes grupos de amigos e famílias, homens, mulheres e crianças, negros, negras e negrinhos, que vão à igreja. Não se joga pouco nessas ocasiões; há homens que jogam como poloneses ou russos – Rooshuns como eram chamados – e os lucros do café e do algodão se dissolvem, com bastante frequência, no monte ou no voltarete. Em Paris, o bacará se encarrega disso.

Os edifícios públicos são excessivamente modestos. A prisão não guardaria um criminoso londrino durante um quarto de hora. A coletoria, onde são arrecadados os impostos, é pequena. A Matriz de Santo Antônio, no fundo de uma praça diminuta, é de um aspecto tolerável, mas a capela do alto do morro não tem torre e está em péssimo estado de conservação. Aqui vimos, pela primeira vez, o alto e negro cruzeiro, comum em Minas, provavelmente introduzido por missionários italianos e que fazem lembrar a Normandia, na França; é guarnecido com todos os instrumentos

da Paixão: escada, lança, esponja, coroa de espinhos, martelo, cravos, tenazes e um original galo de pau.

O dia seguinte ao de nossa chegada, domingo, foi de descanso absoluto. A estação vangloria-se de uma bonita capela, excepcionalmente bem cuidada e livre de enfeites exagerados. O interior tem um altar muito simples e bancos de madeira envernizada, um quadro da Assunção e três castiçais de cada lado de um crucifixo de prata. Ninguém pode ficar acocorado no chão, e é proibida a entrada de cães; não há necessidade de escarradeiras. A expectoração, segundo observei, é um hábito tão espalhado no Brasil quanto nos Estados Unidos. A maior parte dos homens faz tal coisa instintivamente; alguns, enquanto assobiam, por não terem em que pensar; outros porque a consideram higiênica; acham que, assim, conservam um hábito de economia do organismo, que abre o apetite ou a disposição para beber. Minha opinião é de que cuspir é natural, por assim dizer, e que abster-se de cuspir é artificial, um hábito acarretado pelos soalhos encerrados ou belos tapetes.

A parte mais agradável do dia foi passada no jardim e quintal do palacete. Eu antes me havia encontrado com seu proprietário, o Comendador Mariano Procópio Ferreira Laje; durante a minha segunda visita, ele estava, mais uma vez, na Europa. Em 1853, o Comendador organizou a Companhia União e Indústria, da qual ainda é o diligente presidente; transformou Juiz de Fora em uma cidade, a capela foi construída por ele, o chalé era de sua propriedade, e ele havia plantado um viveiro de árvores e um pomar em um terreno que era, há doze anos, um brejo na margem direita do Paraíba.

Nosso exigente gosto inglês não encontrou defeito na casa e seu terreno, a não ser que a achamos um pouco extravagante, pois o contraste com a natureza era um tanto violento: é chocante ver-se uma vila ajardinada italiana em uma floresta virgem. O palacete, que custou £30.000 ou £40.000, tem colorido e medalhões demais; além disso, há uma ponte muito feia que leva a um pavilhão de estilo muito afetado, ambos de ferro batido, e a ponte lamentavelmente parecida com um viaduto. O pequeno lago, com ilhotas cobertas de moitas de bambu, pontes chinesas anãs e um bote a remo, conduzido por negros, e não a vapor; a “Gruta da Princesa”, os grotescos caramanchões e assentos e as artificiais figuras de madeira são enfeites excessivamente artificiais, e a ema³ e os veados, não andando soltos no parque, mas engaiolados com os macacos e os faisões prateados, fazem lem-

brar uma exposição de animais ferozes. As plantas européias e as tropicais, porém, são magníficas, e medimos uma folha de arão de quase 1 metro e meio de comprimento. Que contraste com seu representante inglês, o pequeno *Arum maculatum*, cujas bagas envenenam as criancinhas!

Andamos pelo pomar cultivado ao ar livre, e encontramos nossas árvores favoritas; ali ficamos durante horas, sentados na relva, chupando tangerinas,⁴ gozando a sombra perfumada das jabuticabeiras e admirando os jovens pândamos e palmeiras. Mr. Swan descreveu-nos a grande recepção oferecida pelo Comendador ao professor Agassiz, o homem a respeito do qual o profético Spenser sem dúvida escreveu:

Infundável seria o trabalho daquele
Que contasse do mar a abundante progênie
Que, de longe, ultrapassa a progênie terrestre.

Depois de nos fartarmos com o espetáculo da cachoeira e do “Alto do Imperador”, voltamos à cidade, passando pelo Hotel Gratidão, ao qual é muito duvidoso que qualquer hóspede se tenha tornado grato. Juiz de Fora estava toda enfeitada, para a festa de seu padroeiro, Santo Antônio, conhecido na Europa principalmente pelo seu relacionamento com porcos.

Aqui, tem ele por dever arranjar noivos para as moças casadoiras e, se não cumpre esse dever, costuma ser espancado e obrigado a dormir no frio, ao ar livre. O repique dos sinos era quase abafado por marteladas. A matriz estava repleta, ficando a flor dos fiéis nas tribunas, repleta de sorrisos para os estrangeiros. “O filho do lugar – diz o provérbio árabe – não enche o olho”.

Em Juiz de Fora, conheci o Comendador Henrique Guilherme Halfeld, a respeito do qual falarei mais, no próximo volume. Ele me deu algumas informações sobre o rio São Francisco e contou-me, quando me despedia que, com 72 anos de idade, ia casar-se com uma jovem de 16. Oxalá seja satisfatório o resultado!

NOTAS DO CAPÍTULO IV

1. O Juiz de Fora, segundo Koster (i. cap. 4), era nomeado pelo governo superior por três anos e, de suas decisões, havia recurso para o Juiz Ouvidor ou Auditor, outro dignitário hoje obsoleto.

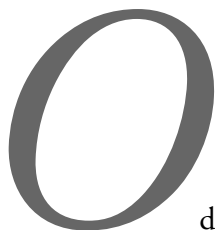
2. A cláusula 4, número 2 do contrato, datado de 29 de outubro de 1864, determinava a instalação dessa “Escola Prática de Agricultura” pela “Union and Industry Company”. Esses úteis estabelecimentos estão, pouco a pouco, espalhando-se pelo Brasil oriental, e um deles prestará melhores serviços que todas as escolas que, cada ano, lançam no mundo um enxame faminto de “doutores” e bacharéis. Serão seguidos, e espera-se que em breve, por escolas de minas; atualmente, os filhos do Império do Ouro e do Diamante têm de ir estudar na Europa.
3. O avestruz sul-americano ou de três dedos (*Rea americana*). Pesa de cinquenta a sessenta libras, e é, assim, cerca de uma terça parte menor que o avestruz africano de dois dedos, a maior de todas as aves. Tem uma penugem cinza-escuro, que até agora despertou pouco interesse no comércio. Na Província do Rio Grande do Sul, é usada a palavra avestruz. Ema é corruptela do árabe *neamah*, e, no entanto, mesmo o cuidadoso Southey (vol. i, cap. 5, pág. 129), e Gardner, para não se falar do resto, chamam a ave de “emu”. Os aborígenes do Brasil a chamavam de “Nhandu” ou “nhundu”. Segundo o Príncipe Max (iii., 12), os brasileiros também a conhecem por “tuiu”, e Southey acrescenta “chrui” (i., 8, 253). Nunca ouvi nenhuma dessas palavras, que são puramente guaranis.
4. Não conheço laranjas melhores que as brasileiras. A árvore, contudo, é muito incerta, e mudas semelhantes, plantadas no mesmo solo, produzem frutas muito diferentes. Cada província tem as suas próprias laranjas, e, para não citar outras, basta mencionar a seletas do Rio de Janeiro e as embigudas da Bahia. A mais comum é a laranja-da-china, que dá em todo o litoral e até longe, no interior. Iríamos passar por lugares do rio São Francisco onde essa espécie não prospera. Pizarro menciona duas subvariedades dessa laranja chinesa, uma mais avermelhada do que a outra, por fora e por dentro. São Paulo é notável por suas tangerinas, nome que vem de Tanger; parecem-se com as pequenas mandarinas da China, mas não tão delicadas. Há duas variedades, as pequenas e as grandes, e Pizarro distingue três subvariedades, que ele chama “da China, da Índia e da Terra ou Boceta!”

Capítulo V

DE JUIZ DE FORA A BARBACENA¹

A partir de Juiz de Fora on ne trouve plus qu'un chemin inégal, aux pentes inadmissibles, dans lequel, pendant la saison des pluies, on peut à peine cirucular à cheval, et avec la condition de mettre bientôt son animal hors de service.

M. Liais



O dia seguinte (segunda-feira, 17 de junho de 1867) assistiu à partida de um alegre grupo e à nossa despedida do “conforto”, durante toda uma estação. Mr. L’pool resolveu nos acompanhar ao norte, enquanto o Major e Mr. Newdigate, com Mr. Morrirt, preferiram o sul. Ao meio-dia, estaríamos separados por cem milhas, algo de se admirar no Brasil, onde os homens se movem devagar. Iríamos também perder o Sr. Francisco Alves Malvero, tesoureiro da Union and Industry Company, que, por sua inteira responsabilidade e com uma liberalidade realmente digna do Novo Mundo, permitira a nossa viagem até Barbacena.

Às 6 horas de uma enfarruscada e escura manhã, as duas carruagens, devidamente carregadas, estavam paradas lado a lado, mas voltadas para rumos opostos, e prontas para partirem no mesmo momento. Imediatamente, Godofredo, um jovem e robusto alemão, ex-marinheiro, natural do então aventureiro Ducado de Luxemburgo, segurou as rédeas e, com um toque de trompa e chapéus sacudidos, iniciamos a viagem. Nosso carro, leve e sólido, “O Barbacenense”, estava repleto. Nele se encontravam uma senhora brasileira, com duas negras com seu negrinho cada uma, e mais um ex-tenente austríaco, casado e fazendeiro no interior; do lado de fora, havia dois criados negros e uma grande coleção de malas. Sentamo-nos atrás do cocheiro e seu ajudante, indo minha mulher no meio, para evitar o perigo de ser atirada para fora.

O primeiro trecho era de terras pobres, e a estrada seguia o vale do rio, às vezes cortando alguma encosta de morro que se projetava no vale. O mato estava coberto de orvalho e parecia branco, em consequência das folhas aveludadas do capim-gordura,² assim chamado por ser gordurento e viscoso.

O capim apresentava flores e sementes vermelhas, evocando a criação de gado, mas em poucas semanas fica seco e constitui, então, uma forragem pobre; as tropas de mulas irão sofrer, e devorar tudo o que encontrarem. Os botânicos o colocam entre as plantas que seguem os passos dos homens; ele cobre estradas abandonadas, ocupa o terreno quando roçado na mata virgem e toma posse dos campos que são deixados em repouso durante os cinco anos que seguem, em geral, a duas colheitas sucessivas. Segundo St. Hilaire, a “ambitieuze graminée” não é nativa no Brasil, e disseram-lhe que se tratava de um presente das colônias espanholas.* Agora sua origem estrangeira foi esquecida.

O terreno começa logo a elevar-se, as matas tornam-se menos densas e as delicadas açais³ desaparecem juntamente com outras plantas da Cordilheira Marítima. O ar e o solo são demasiadamente frios para o cultivo do café e da cana-de-açúcar, exceto uma pequena quantidade produzida para consumo da casa, no quintal, e, muitas vezes, beneficiada no pátio. O arroz e o milho, contudo, dão bem; os legumes e o tabaco prosperam; todos os ranchos têm um terreno para secar grãos; o sorgo, o centeio e o lúpulo poderiam, sem dúvida, ser cultivados exceto nos terrenos nus dos morros desmatados; e, nos terrenos baixos, poderia ser plantado, com êxito, o algodão. Tão rico é o solo brasileiro, mesmo em seus pontos mais pobres.**

Sentimos falta das estações em estilo gótico suíço, com seus frontões de fantasia e seus telhados pintados de vermelho. Em Saudade, encontramos um velho telheiro, sem nada a recomendá-lo, a não ser um semicírculo de belos coqueiros.⁴ Logo depois, atravessamos, pela última vez, o Paraibuna, cujo vale segue para a esquerda. Se o solo não melhorou,

* Realmente, o capim-gordura, *Melinis minutiflora*, não é uma gramínea nativa no Brasil. Tem origem africana, mas pode dizer-se que está naturalizada, pois hoje cresce e se propaga com facilidade, por toda a parte, em nosso país. (M.G.F.)

**Esta é, sem dúvida, uma afirmação errônea, inspirada pela exuberância de vegetação e pela riqueza em espécies de nossa flora. As análises de solo demonstram, sem sombra de dúvida, o grande predomínio de solos pobres em nosso país. (M.G.F.)

as paisagens ficaram mais belas: morros cobertos de capim, com graciosas curvas arredondadas e moitas de palmeiras e de outras árvores.

A vida animal tornou-se mas visível. O urubu voa em direção ao sol nascente; o gavião caracará (*Falco crotophagus*, ou *F. degener* ou *F. brasiliensis*, o china-china-de-azara) empoleirava-se, como o maina indiano, nas costas das vacas pastando ou trotava atrás delas, catando os carrapatos; aquela singular ave de rapina, reverenciada pelos índios guaiacurus, estava, evidentemente, prestando um serviço interessante. A maria-preta, uma espécie de tentilhão, voava pela estrada, pousando aqui e ali. O japé e o papa-figos de uma cor violeta brilhante (*Oriolus violáceo*), esvoaçavam, enquanto o melro ou pássaro-preto (*Turdus brasiliensis*), o sabiá (*Turdus rufiventris*), o rouxinol brasileiro, de canto mavioso, entoavam com entusiasmo seus hinos matinais. Bandos de anus,⁵ pretos e brancos, balouçavam-se nos galhos das árvores.

As casas de cupim⁶ são grandes colunas ou pirâmides de barro, amarelas ou pardacentas, de acordo com a terra, e chegando às vezes, a uns dois metros de altura. São espalhadas como túmulos, às vezes aos pares ou grupos de três, como se tivesse sido acrescentada uma sucursal, muitas vezes de um formato sugestivo para um hindu piedoso; em nenhum lugar do Brasil, contudo, são tão grandes e numerosas como na Somália. Os cupinzeiros de perto da estrada parecem estar abandonados, e alguns supõem que os cupins abandonam suas casas depois de feita, o que é absurdo. Abertos, parecem um hotel monstruoso, tal como Asmodeus o veria, e bastam alguns golpes decididos com uma picareta sobre a dura crosta desses cupinzeiros que parecem desertos, para se ver sair de seu interior uma multidão tão frenética quanto os hóspedes de um hotel que fogem ao grito de “Fogo!” O cupim não prejudica muito ao fazendeiro, e tem inúmeros inimigos, especialmente o *Myothera*, pica-pau do campo (*Picus campestris*), os sapos, os lagartos, o *Myrmecophaga* e o tatu. Alguns viajantes descrevem o formigueiro como um *ménage a trois* e o mesmo se diz das casas da marmota americana.

Não se trata, contudo, de uma família feliz, se se leva em conta que o sapo, depois de comer o cupim, é comido pela cobra, e a cobra comida pela seriema,⁷ uma ave cujo gosto coincide com o *Gypoggeranus africanus*, mas falta-lhe a caneta atrás da orelha que fez os holandeses dar-lhe denominação tão literária. Há, também, quem acredite que os cupins novos são aprisionados e escravizados, como africanos ocidentais, pela maldosa e impiedosa formiga das fazendas,⁸ que representa, assim, o maldoso e

impiedoso homem branco. A mesma lenda, contudo, se conta a respeito da formiga quenquém e, possivelmente, vem dos diferentes tamanhos das formigas.

A estrada, toleravelmente boa para o Brasil, é execrável em comparação com a do primeiro dia. Em muitos lugares, é dupla ou tripla. Esses desvios denotam lamaceiros piores que os da estrada de Cheshire. A superfície é dura e aglutinada; em dezembro, pisada pela passagem constante das boiadas, enche-se de saliências e de pressões chamadas caldeirões.⁹ Esses caldeirões, um horror para os viajantes brasileiros, consistem em pequenas elevações de paredes delgadas, duras e escorregadias, divididas por depressões paralelas de barro pegajoso, no qual as mulas afundam até os joelhos ou até a barriga, perdendo-se, muitas vezes, as ferraduras e, de vez em quando, até o próprio casco. Os animais velhos e precavidos andam na lama, não na parte alta do sulco, que provoca quedas perigosas. O remédio seria escavar as estradas para drenar os “caldeirões”; desmatar as proximidades, para admitir sol e vento, e, em casos extremos, estender toros de madeira na lama. Presentemente, a mata chega até junto das estradas, porque os viajantes preferem cavalgar à sombra. Seria fácil para eles escolher a parte mais fria do dia; além disso, nunca senti o menor inconveniente, no calor do meio-dia; e, finalmente, o Brasil, como a África Ocidental – e possivelmente pelas mesmas razões –, está livre de insolação. Nesse estágio da sociedade, porém, “trabalhar para os outros”¹⁰ desacredita uma pessoa consideravelmente, e o verdadeiro português, da velha escola, prefere fazer qualquer coisa a satisfazer as necessidades de seus vizinhos.

Estávamos viajando pela estrada que liga a metrópole do Império à Capital da Província do Ouro e dos Diamantes; na estação chuvosa, de novembro a abril, os lodaçais afastam as carruagens. O custo anual dos reparos vai a 300\$000 por légua. O zelador, contudo, como em toda a parte no Brasil, espera receber e nada fazer, exceto, talvez, votar. Em toda a extensão daquela estrada, onde hoje não há uma milha que não precise, com urgência, de conserto, só encontrávamos, de vez em quando, um negro sozinho, coçando a cabeça, e, muito de vez em quando, raspando o chão com uma enxada.

No Império, essas vias de comunicação são divididas em estradas imperiais, provinciais e municipais, mas em todas as três categorias o problema é o mesmo. Quando se vai construir uma estrada, é feita uma concessão, freqüentemente em pagamento a serviços políticos, ao empreiteiro, que

executa o trabalho bem ou mal, conforme o caso. A estrada é, então, aberta ao público e deixada a estragar. Quando o estrago converteu o caminho em uma buraqueira, onde os animais podem atolar e morrer, então, possivelmente, manda-se construir, ao longo da velha estrada, uma outra, cujo destino, com o correr do tempo, será inevitavelmente o mesmo. Muitas vezes, meus amigos brasileiros observaram que, quem viaja por aquelas estradas não precisa mais ser castigado no futuro, se acaso se tornar merecedor de castigo.

Naturalmente, depois de morar três anos no Brasil, conheço as dificuldades da construção de estradas. A argila vermelha que aqui, como na África, cobre o esqueleto da Terra exige um revestimento sólido para que a estrada possa durar, e a macadamização é um processo dispendioso, que exige reparos constantes. Os rios e ribeiras não são os de um país “bem comportado” como a Inglaterra: minguam até desaparecer, enchem até se transformarem em imensas correntes, e não é brincadeira o custo da construção de pontes e sua conservação. A opinião pública, de modo algum consciente da importância de estradas de rodagem e estradas menores, constitui outro obstáculo; muitos acham que uma boa estrada é aquela que lhes permite cavalgar sua mula comodamente, seus pais fizeram tal coisa sem consertar as estradas e encurtar o caminho – portanto, assim podem eles fazer, etc.

Estas páginas, contudo, mostrarão que, no Império, destinado a se tornar tão poderoso e pujante, as comunicações significam civilização, prosperidade, progresso – tudo. São mais importantes para o bem-estar nacional que escolas ou jornais, pois estes a elas se seguirão. E os viajantes que querem bem a esta terra têm de se bater por tal coisa, mesmo correndo o risco do exagero.

Depois de saudade, a região se mostra deserta. Além de algumas vendas isoladas, que vendem secos e molhados, feijão, farinha e os outros gêneros de primeira necessidade, só vimos duas casas de fazenda, pertencentes ao fazendeiro conhecido por Mirandão e a seu genro. O monótono barulho do monjolo,¹¹ a única máquina poupadora do trabalho humano que Portugal permitia a seu grande filho, proclama o atraso da agricultura.¹² Um morro da argila escorregadia, com camadas de terra vermelha ou cor de malva, chamada em São Paulo “taguá”, atrasou nossa marcha; e Godofredo muitas vezes teve de “deslizar” e empregar o poderoso freio, na descida.

A próxima parada, Chapéu d’Uvas, é assim chamada por causa de um velho cultivador de parreiras que permitia aos sedentos encher o

chapéu de cachos de uvas. Um certo viajante moderno conta que, entre essa localidade e Curral Novo, assim como em outras partes do Brasil cobertas de matas, há uma raça de pigmeus, com cerca de três pés de altura, branca como os europeus e sem cabelo no corpo. Isso faz lembrar os “Wabilikimo” ou “homens de dois côvados”, gravemente localizados pelo “Mapa da Missão de Mombas” na costa do Zanzibar; e o leitor deverá lembrar-se das pormenorizadas informações sobre os anões “Obengo”, trazidas, há pouco, da Terra de Ashango, por meu aventureiro e infatigável amigo, Paul du Chaillu.

Aqui, o Caminho do Mato, vindo do nordeste, encontra-se com o Caminho do Campo, que se dirige a noroeste. A localidade tem o aspecto normal dos pousos à beira da estrada, uma simples rua desgarrada, com uma pobre capela; já não pode ter a pretensão de ser “uma das mais belas e civilizadas localidades que se vê, desde que se sai do Rio de Janeiro”. Mal pode fornecer o bastante para o consumo local, apenas, e os viajantes têm de trazer consigo o de que necessitam. Havia carroções parados na estrada e, à primeira vista, sugeriam os dos Estados Unidos. Tinham feito o que teriam feito em Illinois – carregado homens e materiais e dirigiam-se ao poente.

A parada seguinte nos fez conhecer Retiro,¹³ um grupo de ranchos habitado por negros, que tinham hasteado um santo negro e um “mastro de São João”. Ali avistamos, pela primeira vez, a serra da Mantiqueira, com a qual eu travara conhecimento em São Paulo. Tenho algo a dizer sobre essa interessantíssima formação. Não é uma linha, mas uma coleção de sistemas cristalinos, vulcânicos e sedimentares. Seu paredão mais meridional está à vista da cidade de São Paulo, formando a serra da Cantareira, contraforte setentrional do vale do rio Tietê. Dali, segue para leste, avançando em direção do norte, e sua importância vai aumentando de maneira acentuada e, dentro em pouco, forma o ponto culminante das montanhas brasileiras. Um pouco além desse ponto – 1°20' de long. Oeste (Rio) – obedece à grande lei da América do Sul, e, em geral, na verdade, do Novo Mundo, e, curvando-se em um ângulo de 115°-120°, torna-se uma cadeia meridional e não dirigida de leste para oeste, como são, em sua maioria, as cadeias de montanhas do chamado Velho Hemisfério. Divide em duas partes a Província de Minas, seguindo a linha de Barbacena, Ouro Preto e Diamantina, e separa as bacias atlânticas do rio Doce, Mucuri, Jequitinhonha e outros menores de vertente ocidental, abrangendo as bacias do Paraná, Paraguai e Prata e do rio São Francisco. Essa cadeia afeta a superfície quase tanto quanto

aos Andes mais a ocidente; detém as chuvas que inundam as terras no flanco do lado do mar; com isso, o solo é irrigado e a terra se cobre de florestas mais densas. As encostas do interior são mais regulares; abundam as campinas e a vegetação consiste, principalmente, de gramíneas e dos matos chamados no Brasil de caatingas e carrascos.¹⁴ Ao norte de Diamantina, a cadeia torna-se a serra do Grão-Mogol; depois forma, na Bahia, a serra das Almas e a Chapada Diamantina, após o que se abaixa na planície da margem meridional do São Francisco. Dali, estende-se cerca de 860 milhas geográficas entre 10° de lat. Sul e 24°2'. A parte meridional estende-se quase paralelamente à serra do Mar. Nas proximidades de Barbacena, já se afastou muito, e sua distância máxima da costa do atlântico vai a cerca de 200 milhas em linha reta.

O ponto culminante da Mantiqueira e do Brasil em seu conjunto é o pico do Itatiaioçu, palavra muito pitoresca, que significa o “grande rochedo brilhante”, devido ao aspecto flamejante de suas três altas cristas. O pico principal fica a 22°38'45" de alt. Sul e 1°30' de long. Oeste (Rio). A *Revista Trimensal* (1861) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro adota a altitude média de 3.140 metros ou 10.300 pés. O Dr. Franklin da Silva Massena reduziu a estimativa para 2.994 metros e o Père Germain, do Seminário Episcopal de São Paulo, que visitou o pico em 1º de maio de 1868, elevou a altitude para 2.995 metros.¹⁵ A formação é essencialmente vulcânica, tendo sido ali encontradas duas crateras e mais de duzentas grutas, tendo achado os exploradores fonte de enxofre e grandes depósitos de piritas de enxofre e ferro. Os cumes se cobrem, todos os anos, de neve, que, às vezes, dura uma quinzena, e os planaltos são repletos de morangueiros silvestres. Falarei mais a respeito desse assunto quando descrever a Província de São Paulo. Limitar-me-ei a observar, por enquanto, que essa parte da Mantiqueira é um sanatório, que fica à cômoda distância de três dias do Rio de Janeiro, pela Estrada de Ferro D. Pedro II e ao sul do vale do Paraíba.

O Padre Casal chama a cadeia central e simétrica de “serra da Mantiqueira”. O Dr. Couto a denomina, muito adequadamente, de “serra Grande”; seus picos, o de Itabira, de Itambé e do Itacolomi, para não se falar no Itatiaioçu, excedem em altura todos os outros do Império, exceto os visitados por Gardner na serra do Mar, perto do Rio de Janeiro. O nome com que aparece em geral em nossos mapas e que está sendo adotado pelos brasileiros é serra do Espinhaço.¹⁶ Essa generalização deve-se, segundo creio, ao Barão von Eschwege, que, na última geração, comandou o Corpo Imperial

de Engenharia de Ouro Preto e que escreveu muito a respeito da geografia e da mineralogia do país. O chamado Espinhaço, contudo, não constitui a espinha dorsal do Brasil, embora possa constituir a de Minas Gerais. Uma comparação mais aceitável da espinha dorsal seriam as cadeias da Mantiqueira, das Vertentes e da Canastra, a da Mata da Corda e a grande cordilheira a oeste do rio São Francisco, conhecida nos mapas como serra da Tiririca e de Tauatinga.¹⁷ Ao norte do 11° de alt. sul, ela se bifurca na serra de Borborema, que se estende para nordeste, e serra dos Coroados, que ruma para noroeste.

A palavra ‘Mantiqueira’ tem uma origem ainda desconhecida. Em geral, é traduzida por “ladroeira” e supõe-se ser uma gíria local. Alguns acham que vem de “manta”, figuradamente “roubo” ou “traição”. Na primeira metade do século presente, seu nome metia medo, como até hoje metem os Apeninos e os Abruzos. Os antigos viajantes contavam mil lendas a respeito de seus bandidos, e os tropeiros ainda tremem com os casos contados em torno das fogueiras, em seus pousos. Os bandidos costumavam laçar suas vítimas e atirar os cadáveres, devidamente saqueados dos diamantes e ouro em pó, aos abismos e precipícios mais profundos; há uma tradição segundo a qual um desses Gólgotas foi descoberto, porque uma árvore, crescendo com muita rapidez, trouxe consigo uma sela, em vez de frutas. O ajudante de cocheiro afirmou-me que, quando se construiu a estrada, foram encontrados tesouros em diversos lugares. As quadrilhas mais célebres dos últimos anos eram chefiadas por certo Schinderhans. “O Chefe Guimarães”, um “português muito respeitado” de Barbacena; cerca de 1825, ele e seu dileto amigo, o cigano Pedro Espanhol, morreram na prisão. Outro ator da tragédia foi o Padre Joaquim Arruda, homem rico e bem relacionado naquela parte da província. O *fidus Achate*, que todo o mundo considerava seu Fra Diavolo, era um certo Joaquim Alves Saião Beiju, mais conhecido por Cigano Beiju.¹⁸ O Reverendo “Rue” (*Ruta graveolens?*)* teve, em 1831, um mau fim, depois de sete anos de bem-sucedida vilania; ajudado pelo cigano, fugiu da prisão e escondeu-se em uma caverna, perto de São José de Paraíba, e foi morto a tiros pelo destacamento que o perseguia.

* Por estranha que possa parecer esta tradução, ela espelha fielmente o que o autor diz no original: “The Reverend “Rue” (*Ruta graveolens?*) came in 1831 to a ban end...”

Ruta graveolens é o binômio latino que designa, cientificamente, a planta conhecida vulgarmente como arruda. Aquele nome deve estar em itálico mas no texto original isso não acontece. (M.G.F.)

A Mantiqueira, porém, está, agora, livre do terror, e são lindos os seus picos azulados que atraem nossa vista. Em seu sopé, encontramos o pouso de Pedro Alves, onde o almoço normal – e não, *hélas!*, “abençoada galinha e gordo presunto” – nos esperava. Devo observar que nem o *gourmand* nem o *gourmet* devem visitar o interior da América do Sul, especialmente as montanhas e planaltos do Brasil.

Alimentados com o “quantum interpellat”, começamos a descer, serpenteando um morro, onde Godofredo se lembrou de um braço quebrado e seu ajudante de três costelas fraturadas. Cada buraco da estrada fazia nosso veículo pular e sacolejar, de maneira bem semelhante aos vagões de Brighton, nos primeiros dias das estradas de ferro. A ventania atirava bambus para perto da estrada, e as desgraçadas mulas nos mostraram à farta sua qualidade. Atravessamos o rio do Pinho, um dos que formam o rio das Mercês da Pomba, que deságua no Baixo Paraíba, e drena a Mantiqueira Oriental. No sopé da última, fica a localidade de João Gomes, com uma praça com palmeiras plantadas, uma igreja e o Hotel da Ponte.

Ao nos aproximarmos da subida, a água foi se tornando de novo abundante; segundo se diz, aqui chove ou neblina de dois em dois dias. Essa *Westmoreland* brasileira suga até o fim as nuvens vindas do mar e faz o que pode para transformar o extremo oeste em uma região árida e desolada. Depois de vários contrafortes e encostas, galgamos a montanha, que mede cerca de 6 quilômetros e meio, cobertos em uma hora. M. Liais escreveu, prematuramente: “les ingénieurs de la Compagnie Union et Industrie ont trouvé un bon passage dans la serra da Mantiqueira,” mas confessou não tê-la visto. A subida é a leste, enfrentando o tempo e exposta à força completa dos ventos nordeste e sudeste, carregados da água do Atlântico. No entanto, uma comissão enviada recentemente, sob a direção do falecido Mr. John Whittaker, encontrou uma passagem de rampa mais disfarçada e sem o inconveniente principal de ser voltada para o lado do mar.

Gneiss e granito, espessamente atravessados por veias de quartzo claro e esfumaçado, compõem a camada inferior. A superfície apresenta a habitual argila vermelha, ferruginosa, com mica e feldspato degradados; os cortes mostram pedregulhos soltos e protuberâncias que se descascam como as camadas de uma cebola. Blocos de diorito aparecem, especialmente sobre o solo em elevação, mas não *in situ*. Quando há sol, notam-se fragmentos de mica prateada, que tem um belo brilho. Caldclough encontrou, perto do

cume, arenito vermelho velho, entre o qual e o vermelho novo se situam, segundo penso, as formações carboníferas mais encontradas no Brasil.

Isso levaria à dedução de que estamos agora a oeste da grande formação de carvão que foi assinalada, com intervalos, entre Bagé, no Rio Grande do Sul (31° 30' de lat. S.), e a Província de Pernambuco (8° 10' lat. S.).¹⁹ Se isso é verdade, a região situada entre a Cadeia da Mantiqueira e o litoral deve ser explorada, para a procura de depósitos carboníferos.

A lama profunda, pegajosa como alcatrão, e na qual as rodas atolavam o eixo, obrigou os homens a descerem e tentarem alguns atalhos com grande esforço. Enquanto subíamos, encontramos dois córregos cristalinos, que desciam das escarpas argilosas à nossa direita e tinham sido convertidos em bebedouros por alguma alma caridosa, que, sem dúvida, sabia o que é a sede, e se apiedou de homens e animais sedentos. No alto, vadeamos uma bacia de lama e os animais – que já haviam desistido de qualquer sinal de mau humor – pararam com o corpo trêmulo, o pêlo molhado e os focinhos murchos. Uma oportuna mesa natural de pedra nos convidou ao repouso e deleitamo-nos com o panorama.

Estávamos no ponto culminante oriental do planalto da Cordilheira Brasileira, e dali raiavam as nascentes dos vales do Paraíba do Sul, do rio Doce e do Paraná, que se transforma no poderoso rio da Prata. Abaixo de nós a terra se apresentava mapeada em uma infinidade de aspectos que se estendiam no quadrante de sudeste para sudoeste. Era a habitual paisagem brasileira, cheia de beleza, renques após renques de montanhas, morros, montes e elevações, e horizontes ondulados, cujos contornos ostentavam as formas familiares ao Rio de Janeiro: pães-de-açúcar, corcundas, gáveas e bicos-de-papagaio. O revestimento da terra era a capoeira, ou mata secundária,²⁰ tão velha que, em algumas partes, parecia quase virgem; as cores eram verde-escuro, verde-claro, verde-acinzentado, verde-azulado, azul mais claro e azul vivo, em sucessão regular, enquanto as manchas de nuvens, ajuntando-se diante do sol, marcavam a paisagem com sombras. Os viajantes procedentes das regiões temperadas preferem essa mistura de cinzento à perfeita glória do Deus do Dia. A sudoeste, um longo e alto paredão roxo, rajado de púrpura e capeado por uma faixa amarela azulada, que tanto pode ser capim como pedra, prende o olhar. É a serra de Ibitipoca,²¹ contraforte da Mantiqueira, que se estende de nor-nordeste a sul-sudoeste. No alto daquela serra, dizem, há uma pequena lagoa, piscosa. Esses pequenos lagos nas montanhas são muito comuns no interior do Brasil, e podem ser encontrados mesmo nos blocos que se elevam das planícies perto do mar.²²

Avancei, disposto a poupar as mulas, e cheguei a uma bacia diminuta, onde camadas de mica escura e formações de turfa anunciavam uma mudança de região. A propósito, devo dizer que o Brasil é muito rico em turfa, que jamais, contudo, foi usada como combustível. Como se trata de turfa recente, terá de ser submetida a um certo processamento, especialmente de compressão; e o falecido Mr. Cinty, do Rio de Janeiro, tirou patente de um método para aproveitamento das turfeiras. Naquele lugar, cerca de 1.300 metros acima do nível do mar, uma rústica e maltratada cabana protege alguns moradores do sol causticante e dos ventos cortantes. Uma curta ladeira leva à grande descida. O solo era ainda de terra profunda, matéria vegetal decomposta, poeira de florestas extintas que forma a turfa. Com as chuvas, o chão torna-se um lodaçal, e, em seca, uma argila muito dura, que põe violentamente à prova nossas eficientes molas inglesas. Na metade da descida, encontrei algo que fazia lembrar uma carroça de Northumberland, em meados do século passado. Tinha dez juntas de bois, e os carreiros, armados com os habituais ferrões, rudes pontas de ferro, na extremidade de varas de dez pés de comprimento, gastavam um dia, praguejando, cutucando e batendo nos animais, para caminhar uma légua na Serra.

Em José Roberto, a estrada ficou seca; estávamos em uma terra de pastagens. As novas mulas mantiveram um meio galope até Nascimento, uma bonita venda, em um descampado diminuto, ou melhor, um buraco, coberto de capim verdinho, coqueiros altos e farfalhantes e as belas brácteas cor-de-rosa das primaveras (*B. brasiliensis*),²³ que, em Minas Gerais, transforma-se em árvore.

Depois de avançarmos quase 13 quilômetros da crista da Mantiqueira, e a cerca de 50 de nosso destino, alcançamos a Borda do Campo. Uma denominação e uma natureza iguais encontram-se perto da cidade de São Paulo; ali, contudo, o campo começa perto da serra da Mantiqueira, ao passo que aqui a Mantiqueira se interpõe. Com curiosidade, comparei as minhas primeiras impressões: em Minas, a terra é mais cortada para profundos valos, ravinas e pequenos e estreitos vales, e os capões, ou manchas de matas, são mais importantes. Reservo para outro capítulo as características secundárias.

A estação seca estava, então, em seu apogeu, e a região parecia batida e entorpecida com a estiagem. Avistamos, de longe, Barbacena, com as torres de suas igrejas, emoldurando o cume de uma escura elevação ao norte, já avermelhada aos raios oblíquos do sol. A paisagem, mais uma vez, fazia lembrar São Paulo, e estávamos de novo respirando o ar fresco, claro e

leve do planalto, um tônico depois do calor úmido da subida da Mantiqueira. Grandes fazendas espalham-se em torno; chamou-nos logo a atenção o aspecto das denominadas Campo Verde e Nascimento Novo.

Nossa oitava muda, belas mulas brancas para a descida, esperava-nos em Registro Velho. Era o primeiro dos três, que, nos tempos da Colônia, aguardava o desprotegido viajante que ia de Minas Gerais ao litoral. Trata-se de uma grande casa branca de madeira e estilo rude; sua antiga ocupação desapareceu e foi-lhe encontrada outra utilidade. As “tropas de ouro” das minas anglo-mineiras sempre pernoitam aqui, evitando as ruas da cidade, onde os tropeiros perdem seus sapatos e gastam seu dinheiro; o pasto, porém, é execrável.

O proprietário, “Capitão”²⁴ José Rodrigues da Costa, hospeda os viajantes à sua própria maneira, pondo-os para fora, se eles se queixam do preço excessivo da hospedagem. Antes de visitar as diversas companhias, a gente fica sem compreender por que elas não se unem, para montarem um estabelecimento próprio. O capitão, todavia, é digno de confiança, ou melhor, como é rico, é merecedor de confiança.

Há, aqui, uma fábrica de cigarros muito elogiados, de Minas ao Rio de Janeiro. Duas salas abrigam os trabalhadores, de ambos os sexos, e há um cortador para cada meia dúzia de enroladores. É usada palha de milho, em vez de papel, prática que vem diretamente dos aborígenes. “Après qu’ils ont cueilli le petem” (folha do tabaco)²⁵ – diz de Lery sobre os tupinambás “et, par petite poignée, pendu et fait sécher en leurs maisons, ils en prennent quatre au cinq feuilles qu’ils enveloppent das une autre grande feuille d’arbre en façon de cornet d’épices; mettant alors le feu par le petit bout et le mettant ainsi allumé dans leur bouche, ils en tirent de cette façon la fumée”.

O tabaco é forte e uma “pitada de fumo enrolada em uma folha” não tarda a aglutinar-se, e tem de ser desenrolada e enrolada de novo, antes de ficar em boas condições. Um grande pacote daqueles cigarros é vendido por um xelim, mas o lucro da fábrica vai a £160 por mês. O fumo de rolo, via de regra, é bom no Brasil, e esse é muito bom.

No trecho seguinte, foi atravessado o rio de Registro Velho, afluente do rio das Mortes.²⁶ Estávamos agora, portanto, na bacia meridional brasileira dos rios Paraná, Paraguai e Prata. Virando à direita da estrada do Rio de Janeiro, passamos pela pequena e decadente colônia de José Ribeiro. Um proprietário deste nome vendeu o terreno à União e Indústria, e esta criou uma colônia de alemães. A única casa decente é a do Diretor. E, agora,

parece estarmos chegando ao começo do fim, em um pequeno trecho de caminho muito bem macadamizado pela Companhia. Era como rolássemos em uma mesa de bilhar e galopamos com vontade, com o ar da tardinha de meio do inverno mordendo nossos rostos e nossos pés.

Já estava quase escuro, quando entramos na cidade de Barbacena, que parecia tão movimentada como uma grande catacumba, e depositamos a velha senhora, com sua enorme bagagem e as escravas e seus *moutards*, antes de podermos esticar as pernas dormentes no Hotel Barbacenense. O Sr. Herculano Ferreira Pais, o proprietário, tinha, infelizmente, conhecido melhores dias; demonstrou tal coisa, oferecendo-nos, com grande cortesia, muito mal aplicada, não o jantar, mas um longo rosário de desculpas. “A casa não era digna de nós... Nós éramos gente muito importante... A cidade era, infelizmente, tão pobre... O povo não passava muito acima de seu trabalho. Recebiam todas as ordens com protestos tácitos e nos olhavam como seus avós teriam olhado John Mawe, que, em 1809, esteve em “Barbasinas”.²⁷ Afinal, porém, apareceu a comida e até chegamos a achar bom o odioso vinho espanhol. Os quartos eram pequenos, os leitos eram catres, o ar estava frio, e os cães da rua latiam horrivelmente. No entanto, dormimos o sono de um justo. Era um peso retirado dos ombros aquele dia de diligência, que fora excessivamente duro para o sistema nervoso.

NOTAS DO CAPÍTULO V

1 – Os trechos são, proximadamente	Milhas	H.	M.
1. Juiz de Fora a Saudade	6	0	35
2. Saudade a Estiva	10	0	55
3. Estiva a Chapéu d’Uvas	4	0	45
4. Chapéu d’Uvas a Pedro Alves	10	1	25
5. Pedro Alves a João Gomes	4	0	30
6. João Gomes a José Roberto	9	1	15
7. José Roberto a Nascimento Novo	8	2	15
8. Nascimento Novo a Registro	8	0	50
9. Registro a Barbacena	4	0	35

Total, 63 milhas em 9 horas e 5 minutos; a viagem regular é de 12 milhas por hora nos trechos bons da estrada, que são muito poucos.

2. *Tristegis glutinosa* ou *Mellinis minutiflora* (Palis). É também chamado capim-catinga, pois se supõe que seu cheiro peculiar se parece com o do negro. Não o achei desagradável. St. Hilaire, que descreveu por- menorizadamente esse capim (I, i. 195; III, ii. 223-5, e III, ii. 29, 31, 54 e 175), diz que a capim-catingueiro é o mesmo que o capim-gordura e o capim-melado do Rio de Janeiro e São Paulo. Também o viu chamado de capim de Frei Luís, o religioso que o introduziu, com o fim de beneficiar o país; seu nome é hoje desconhecido. Segundo Martius, o capim-catinga é uma ciperácea. Alguns brasileiros afirmam que o capim-catinga é o capim-gordura ainda novo. Gardner (475-477) observou que, ao norte de 17° de latitude Sul, o capim-gordura só cresce perto das casas. Não vejo razão para que tal capim não possa constituir uma excelente forragem.
3. *Tuterpe edulis*, em tupi, açai. A parte terminal do tronco cilíndrico, comprido, verde e succulento, que contém os rudimentos das futuras folhas, é o palmito. Muitas palmeiras contêm esses tecidos embrionários comestíveis; no Brasil, a *Euterpe* é a que produz o melhor palmito.
4. E não “cocoeiro”, como diz o Professor Agassiz. A *Cocos butyracea*, uma das mais belas palmeiras do Brasil, era vista em todo o interior, quando o visitei, até a palmeira carnaúba (*Copernicia cerifera*) tomar o seu lugar.
5. No plural, anus. A palavra tem sido muito deturpada: anuh, annu, etc. O anu-preto é o *Crotophaga ani* (Príncipe Max). O branco é o *Cuculus Guira* Linn, ou cuco-malhado; é o piriguá-de-agara, e, segundo se diz, vai do litoral até o Planalto Central. A maior variedade é o *Crotophaga major* Linn.
6. Mais exatamente, co-pim, de “Co”, ninho, gruta, buraco, e “pim”, picar, ferrão, ferro, ponta. Em certos lugares, o cupim constrói, nos troncos e ramos das árvores, ninhos de barro que se parecem com quistos gigantescos. Azara escreve também cupiy.
7. A seriema (*Dicolophus cristatus*, Illiger; *Palamedea cristata*, Gmelin) será repetidamente mencionada no segundo volume. Tem o tamanho aproximado de um peru pequeno, com o qual é muitas vezes confundida; corre como uma avestruz; anda geralmente aos pares e constrói seu ninho em árvores baixas. Seu grito não é desagradável e ela se domestica com facilidade. Há quem suponha que a ave que devora as térmites é uma espécie de coruja (*Strix cucularia*, ou coruja-do-campo) que põe seus ovos em buracos de tatu abandonados.
8. *Alta cephalotis*. Os brasileiros a chamam de saúva, corruptela do tupi “içauba”.
9. Os buracos abertos nos rochedos costeiros pelas ondas também têm esse nome.
10. Todas as escolas do Império deveriam adotar a divisa dos Cantões Livres:

“Um por todos e todos por um.”

e usar algumas máximas gaélicas: “Um e todos”, “A união faz a força”, “Cuido de todos e espero que todos cuidem bem de mim”.

11. Mawe chama o monjolo de “preguiça” e apresenta um desenho desse rudimentar moinho de água, que já foi descrito por todos os viajantes. Caldcleugh o chama de

um jogo. St. Hil. (III, i. 121, etc.) escreve, erroneamente, “manjola”. A palavra aparece na poesia brasileira, p. ex., nas *Parábolas* (nº 113, wolf) de José Joaquim Correia de Almeida:

“Deputado vil comparsa
Representou de monjolo”

12. Foi assim que, em 1633, a primeira serraria construída no Tâmsa, em frente de Durham Yard, foi demolida, “para que nossos trabalhadores não fiquem sem emprego”.
13. St. Hil. (III, i. 233) traduz retiro por “Chalêt”. Nesta parte do país o sentido é de nosso “shooting box”. No rio São Francisco é diferente, como se verá.
14. Caatinga não deve ser confundida com catinga, antes mencionada. A primeira veio do tupi “caa”, floresta, mato, folha, erva, e “tinga”, branco. Descreve admiravelmente o mato ralo que cresce em terrenos cobertos de argila seca ou de areia, composto de árvores que têm, em média, de 10 a 20 pés de altura, ou a décima parte das árvores das matas, e que parecem pálidas e doentias em comparação com a folhagem verde das florestas virgens. “Carrasco”, em Portugal, é um mato baixo e rijo, e supõe-se que a palavra vem de *Quecus* e *rusceus*, carvalho picante. Os mineiros aplicam esse nome a uma vegetação mais espalhada e enfezada que a da caatinga, com a altura média de 3 a 6 pés, e onde, freqüentemente, é abundante a *Mimosa dumetorum*, um arbusto característico do carrasco. Ambos esses tipos de vegetação permitem que o sol penetre através de seu revestimento pouco espesso e, graças ao orvalho, cresce entre as raízes um capim bom para pastagem.
15. A altitude de 2.994 metros foi aceita pelo excelente geógrafo brasileiro, Sr. Cândido Mendes de Almeida. Père Germain verificou ser de 1.560 metros a altitude da mais alta habitação.
16. Não “Sierra Espenhaço” (Herschfel, *Geografia Física*, 292).
17. Muitas vezes escrita, erroneamente, Tabatinga, que significaria literalmente “cabana branca” e que os dicionários transformam em “fumaça”. O tupi “tauá” parece ser a mesma coisa que “taguá” ou “tagoá”, que Figueira traduz por “barro vermelho”, ao passo que “tinga” quer dizer branco. É o caulim, de todo branco, ou ligeiramente amarelado, às vezes misturado com areia, mas, na maioria das vezes, puro; é o feldspato desintegrado, que tem sido confundido com o giz por estrangeiros; quando falta o calcário, é empregado para caiação. Os antigos escritores definem-no como o “wundererde” da Saxônia, uma litomarga argilosa endurecida. Em 1800, um certo João Manso Pereira, segundo se diz, executou obras de arte com material encontrado na Lagoa da Sentinela, perto do Rio de Janeiro.
18. Os ciganos do Brasil, que ainda são numerosos em Minas Gerais, tomam seu nome de alimentos, aves e outros animais, árvores e flores. Koster explica “cigano” como corruptela de egípciano; na verdade, é sinônimo de “gitano”. Muitos ingleses residentes há longo tempo no Brasil ignoram a existência de ciganos no País.

19. Não pretendo fixar os limites. O de 23º forneceu exemplares. M. Charles van Lede (*De la Colonization au Brésil*, Bruxelles, 1843, chap. 10) descreveu as minas de carvão de Santa Catarina.

20. Do mesmo modo que na África intertropical, no Brasil, quando a floresta virgem ultrapassa a maturidade, uma vegetação diferente, mais composta de arbustos e de colorido menos carregado, antes herbácea que lenhosa, toma seu lugar. Logo se aprende a distinguir entre as duas e nenhum agricultor brasileiro as confunde. A floresta virgem é mais escura e sombria; há menos vegetação rasteira, o terreno é mais limpo e os cipós são maiores, mais numerosos e mais úteis. A vegetação que perdeu sua virgindade é muito mais rica em flores e frutas, em orquídeas e bromeliáceas. Alguns botânicos acreditam que as sementes ficam guardadas no solo durante séculos e séculos; outros, que elas são transportadas pelo vento e por animais, o que parece mais provável. Essa vegetação secundária é chamada capoeira e, quando velha, capoeirão; quando é nova ainda, capoeirinha. Dizem que, depois de muitos anos, reaparece a vegetação característica da floresta virgem. Não posso opinar a respeito.

A palavra “capoeira” vem de capão, capões, corruptela de uma palavra tupi, “caa-poã”, ilha de mato, na montanha ou na planície. “Cáa”, mato, e “poã” que vem de “apoã”, subs. e adj., que significa globo, bola, ilha, e também redondo e inchado. A designação é perfeita e compara-se com a do português clássico, ilha de mato, moita; na França “bouquet de bois” e no inglês do Canadá, “motte”. Assim, “capoeira” o oposto a mata, matagal, mata virgem, mato virgem e, em tupi, “caa-eté”, que seria, literalmente, a floresta “verdadeira” ou “virgem”, sendo “eté” uma partícula que aumenta e prolonga a significação do substantivo; assim: “aba”, homem, “abaeté”, um homem de verdade ou um grande homem. Caeté, sujeita a muitas alterações, como caité, etc., é o nome de muitas localidades brasileiras.

21. Meu informante explica que isso significa “aqui” (ibi); “termina” (tipoca) Essa explicação parece fantasista. “Ibi”, em geral, significa “terra”: “Ibi-tira”, serra ou montanha e “Ibi-tira-cua”, vale. “Poc” significa arrebentar.

22. Por exemplo, Itabaiana, em Sergipe, o Monte Monserrate perto de Santos, e várias montanhas de Minas, que serão mencionadas. Podemos lembrar do “Poço das Feiticeiras”, que jamais seca, situado no Brocken ou Blocksberg granítico, ponto culminante do Hartz, da Alemanha do Norte.

23. O Príncipe Max escreve *Bugainvillea* e *Buginvillea* (i. 58). O preciso Gardner *Bugenvillea*, o que mutila o nome de um grande navegador. Os colonos franceses estranhamente chamam a árvore de olho-de-judeu, e os brasileiros de porca-rotta.

24. As patentes militares são comuns no Brasil, como no Extremo Oeste dos Estados Unidos, antes da Guerra, ou na Grã-Bretanha, até os últimos dias dos Voluntários. Raramente se referem a oficiais de linha; quase sempre é à Guarda Nacional. Esta última, organizada em 31 de dezembro de 1863, consistia, em 1864, de 212 comandantes superiores e um grande quadro de oficiais, com 595.454 praças, distribuídos na artilharia, cavalaria, infantaria e infantaria de reserva. Formava, como na América do Norte, um curioso contraste

com o exército regular, que, até a Guerra do Paraguai, tornou imperativo seu aumento; contava com 1.550 oficiais e 16.000 praças, enquanto a polícia, em 18 províncias, não ultrapassava 4.467 homens. Esses dados provam eloqüentemente o espírito ordeiro e respeitador da lei do povo brasileiro.

25. A planta e a folha do tabaco é chamado em tupi “petum”, “petume” ou “peti”. Daí a expressão usada popularmente no Brasil, “pitar” por fumar. É curioso notar que os portugueses aplicam a palavra que a Europa adotou, derivada de “Tobago” apenas ao rapé, e reduziram tabaco à vaga e genérica palavra fumo.”

Afirma-se, geralmente, que o tabaco brasileiro contém, como o de Havana, apenas dois por cento de nicotina, um pouco mais que o da Turquia e o da Síria, ao passo que o do Kentucky e da Virginia têm, em média, de 5 a 6 por cento, e o produzido em Lot-et-Garonne, etc., 7 por cento. Como ainda devem ser feitas experiências, acredito em tal coisa apenas no que diz respeito ao tabaco cultivado na Bahia. Tanto em São Paulo como em Minas, há variedades locais da erva-sagrada, cuja força nos leva a acreditar em proporção muito maior.

26. A origem desse nome sinistro será explicada dentro em pouco. Mr. Walsh (ii. 235) chama o rio do Registro Velho de rio das Mortes, o que não é verdade, pois apenas a parte inferior do curso assim é chamada. Foi aqui que esse mistificado viajante foi vítima de um cômico acesso de medo, sem motivo algum.
27. Este erro é infortunadamente seguido por este excelente geógrafo, M. Balbi.

.....

Capítulo VI

OS CAMPOS

*Nuvens,
sombrias, neblinas, luz do Sol dourada,
Raios da Lua, tudo vem e toca
E, tudo tem resposta, e tudo chega
Falando aos corações amargurados
E espíritos ansiosos.
Wordsworth*

A palavra “campo”¹—*campus*—é corretamente traduzida por “prairie” em inglês. Não se trata, porém, de uma planície elevada, como os “mares de capim” do Orenoco, as tediosas estepes da Tartária, ou as grandes depressões da Rússia e da Polônia, leitos mortos de lagos e pauis; nem se parece, neste paralelo, com os ondulados planaltos de Kansas e os territórios além do Mississípi. No Brasil Oriental, há uma superfície de elevações arredondadas de 100 a 200 metros de altitude, geralmente de rampas muito íngremes, e dispostas sem regularidade, não tem gigantescos altos e baixos, como as largas protuberâncias dos mares do Cabo. Cada eminência é separada de sua vizinha por uma fenda ou um vale, rasos ou profundos, que podem, muitas vezes, ter sido lagos, geralmente cobertos de matas e, durante a época das chuvas, ficam cheios de lama ou inundados. Na Província de São Paulo, a superfície dos montículos tem um perfil mais baixo e, algumas vezes, adquire a aparência de uma planície, ao passo que, em Minas, raramente tem, exceto em suas linhas ribeirinhas, um terreno suficientemente nivelado para permitir a localização de uma cidade. O abaixamento das elevações e o achatamento das depressões continua, progressiva e ininterruptamente, em toda a Província do Paraná, e atinge o máximo nos pampas ou “llanos”, as terras nuas de argila do Sul.

Os campos formam a terceira dessa parte do Brasil, estendendo-se para oeste da serra do Mar e da região costeira. É um planalto

sedimentário e estratificado, de cerca de 650 a 830 pés de altitude, prolongado, para leste, em direção ao mar, pelas grandes cadeias não estratificadas e plutônicas, que têm uma altitude média de 1.000 a 1.330 metros. Em certo ponto da serra dos Órgãos, Gardner encontrou 2.500 metros acima do nível do mar, o que quer dizer que, no Brasil, como na África Zanzibiana, a linha de pontos culminantes não fica no interior, mas perto da costa.² Além disso, as montanhas não atingem a altitude das da Grécia, 2.750 metros. Aqui encontramos nas vastas formações de itacolomito e itabirito, que caracterizam as cadeias de montanhas do interior e que se estendem, com intervalos, até os Andes. O solo de rochas cristalinas, granito e sienito, que, em alguns lugares, formam protuberâncias e que, em sua maior parte, são vistas onde os leitos dos grandes rios cortaram os depósitos superiores. Assim, para só se mencionar um exemplo, no vale do Nilo, com 400 milhas de comprimento e 12 de largura, o granito abre caminho para as cataratas, através do calcário e do arenito. Em Unyamwezi, encontrei enormes irrupções de rochas plutônicas em rochas netunianas.* M. du Chaillu (2^a Exp.-cap. XV, pág. 292) descreve a mesma coisa, em Mokenga, na Terra de Ishogo, a cerca de 150 milhas em linha reta da costa da África Ocidental.

Descansando, aqui harmoniosamente, ali desarmoniosamente, naquela base ondulante, cristalina e estratificada, tanto no interior como na costa, encontram-se, como mostram as brechas naturais e os cortes artificiais, camadas de seixos, principalmente quartzo, ora arredondados pela água, ora pontiagudos e angulares, dispostos no mesmo nível ou formando faixas onduladas, como se depositados por águas tranqüilas e pela ação do gelo.³ Sobrejacente, outra vez, fica a profunda e rica argila, que faz o Brasil, como a África, uma Ofir, uma terra vermelha, ocrácea, altamente ferruginosa, homogênea e quase não estratificada, outrora uma pasta de areia e argila com seixos e grandes “boulders”** espalhados indiscriminadamente através do depósito. A superfície silicosa e argilosa, pobre e amarela, escassa em humos, com areia quartzosa e freqüentemente contendo ferro. Essa formação tem a vantagem de evitar as terríveis tempestades de areia da Ásia e da África.

Ao avistar, pela primeira vez, esses campos, lembrei-me muito de Ugogo, na África Oriental, a árida região de prados, roubada de suas

* Expressão usada para designar rochas formadas por depósitos de origem marinha. (M.G.F.)

** “Boulder”, palavra sinônima de natação. Designa um fragmento de rocha de diâmetro superior a 25 centímetros, sendo, em geral, arredondado. (M.G.F.)

chuvas pelas montanhas da chuvosa Usagara. Impõe-se, então, por si mesma, a analogia da formação das terras do interior da África⁴ com o planalto brasileiro. O principal ponto de diferença – e um simples olhar a um mapa revelará isso – é que a vasta região lacustre do continente paralelo aqui é imperfeitamente representada, sendo a encosta de drenagem da América do Sul mais regular, por não terem suas “bacias continentais” grandes fendas nas rochas, como o leito do Tanganica, nem vastas depressões, como as da Vitória Nianza. Desse modo, as artérias principais encontram, nessa parte do mundo, um caminho ininterrupto para o Oceano, e, assim, na América do Sul, cujas montanhas e rios igualam, ou melhor, superam os de todos os outros continentes, não há lagos, ao passo que a América do Norte e a África, com seus mares internos de água doce e seus Nianzas, têm cordilheiras relativamente baixas. Os lagos, nesta região, tornam-se pantanais, terras irrigadas pelas inundações, e, muitas vezes, como no caso da Xaraies e da Uberaba, simples extravasamentos de grandes rios, tranqüilos e rasos lençóis onde arbustos submersos e florestas inundadas formam moitas verdes; onde os terrenos secos, como as pequenas planícies dos mares escuros das florestas africanas, apresentam belos campos pontilhados de flores, ostentando palmeiras e as magnólias, e com poligoniáceas, malváceas, convolvuláceas, portulacáceas, canas altas e o arroz chamado arroz do pantanal (*Oryza paraguayensis*).⁵ Esses pântanos sustentam uma considerável população de canoeiros, e têm sido cantados pelos poetas brasileiros. Constituem uma feição característica das regiões centrais sul-americanas.

Um aspecto típico dos campos é o que se chama em Minas de “esbarrancado” e em São Paulo de “voçoroca”.⁶ À primeira vista, tem-se a impressão de que surgiu uma gigantesca mina. Pode ser natural ou artificial, e o olho inexperiente dificilmente distingue entre a Natureza e a Arte. No primeiro caso, trata-se geralmente, senão sempre, do efeito da água de chuva infiltrando-se através da superfície, até uma camada de areia ou outro material subjacente que forma um reservatório abaixo da rocha, *in situ*. Sem demora, a seca cria um vácuo; as chuvas pesadas, então, alargam a cavidade e, finalmente, a encosta do morro; solapam a base, que, de súbito, empurrada para a frente pela pressão da água, com a força irresistível de uma erupção, deixando um enorme buraco de forma cônica irregular, às vezes raso, algumas vezes profundo, como a cratera

de um vulcão extinto. Acidentes fatais têm acontecido em virtude dessas avalanches de terra, que não são desconhecidas nas Ilhas Britânicas;⁷ e, em 1866, várias casas perto de Petrópolis foram soterradas por enormes fragmentos, medindo alguns milhares de metros cúbicos. Depois do desmoronamento, um regato perene geralmente nasce da irrupção da água, provocando uma longa fratura do nível mais baixo, e criando um vale, onde antes havia uma montanha. As condições meteorológicas transformam o talho irregular em uma pedra redonda no alto e, assim, com o tempo, uma porção considerável de elevação é engolida pelos buracos, que séculos aplainarão. Alguns desses deslizamentos de terras são “vivos”, isto é, em processo de aumento; são conhecidos pela água depositada no fundo; sua “morte” é causada por gramíneas, arbustos e árvores, cujas raízes e copas, dispersando a chuva, detêm seu desenvolvimento.

Essas vastas fendas, que abrem vales e ravinas irregulares, transformaram, em alguns lugares, a Província de Minas em uma sucessão de empecilhos, que só o tempo poderá transpor. Nada é mais interessante para o viajante do que as arestas vastas, as fantásticas espirais e a florida ornamentação de uma catedral gótica, espalhando-se a partir dos lados verticais ou íngremes dessas brechas provocadas pela água, cujos ângulos são determinados pela natureza do subsolo. São melhores vistas de baixo e me fizeram lembrar de uma parte de um “canyon” de deserto. Os matizes são muito vivos, do mesmo modo que as formas são variadas; todas as cores do arco-íris lá estão, rebrilhando no quartzo e na mica, detritos de antigas rochas. As paredes são rajadas de cores resultantes de metais decompostos: púrpura escura, um belo vermelho do sesquióxido de ferro pulverizado, verde do cobre, amarelo do hidróxido de ferro, branco de neve de feldspato decomposto, prateado do talcoxixto, azul e violeta de óxidos de manganês, castanho escuro de depósitos carbonizados de turfa, carregados de ácidos húmicos e pintalgados de caulim duro e mole.⁸ Não tardamos a distinguir a formação artificial⁹. O solo desta última é de limonita aurífera vermelha escura; barrancos lisos e camadas de cascalho e conglomerados mostram que mineradores estiveram trabalhando e, freqüentemente, há casas aruinadas a pequena distância.

A vegetação desses altos campos gramíneos oferece um vivo contraste com as densas matas de Beiramar e da Serra, onde o horizonte visível muitas vezes pode ser alcançado com a mão. Essa singular fecundidade do mundo vegetal costuma iludir o estrangeiro, dando-lhe a idéia de uma excessiva fertilidade e profundidade do solo.¹⁰ Se examinar de perto, porém, verá as próprias raízes se estendendo ao longo da superfície, de maneira a se alimentarem de cada centímetro disponível de humo muito raso, e os raízes pouco profundos dos gigantes vegetais tombados revelam que nenhum deles conseguiu penetrar na argila ferruginosa das enormes camadas de barro vermelho, cujo núcleo de gneiss azul muitas vezes fica a poucos pés abaixo da superfície do solo. E quando aquelas árvores, talvez o resultado de um século e forçadas por uma atmosfera de estufa, com chuva e sol à vontade, são cortadas, são substituídas, como já se disse, por um crescimento de vegetação mais pálida, mais amarelada, que revela logo a pobreza do solo.

Por seu lado, o campo, um solo de pedra e capim enfezado, habitado principalmente por tatus e cupins, dá a idéia de uma teimosa esterilidade, o que está muito longe de ser o caso. Ainda não vi, no Brasil, o que Mr. Bayard Taylor chama de “espontânea produção de florestas pelos campos”. Botânicos e viajantes, além disso, não estão de acordo a respeito do revestimento original da região; alguns acreditam que ela foi sempre destituída de grandes árvores; outros, que constituiu, nos velhos tempos, de uma floresta primitiva. A verdade, provavelmente, fica entre os dois extremos. Sem dúvida, como no Congo Superior e nas “prairies” do Missouri, grande parte das terras ora ocupadas pelos campos foi antes coberta por florestas, mas as árvores, especialmente perto das localidades habitadas, foram queimadas ou derrubadas. Desse modo, a precipitação pluvial, já em parte retida pelas serras, diminui ainda mais; os regatos, tão abundantes na direção de leste, minguaram e secaram, ao passo que os ventos, não encontrando barreiras para detê-los, aumentaram de violência. As queimadas anuais, que aqui ocorrem em agosto, destinadas a adubar a terra, representando um sucedâneo dos saís, e a promover o crescimento de erva nova para pastagens, na realidade destroem o solo e não deixam viva coisa alguma, além dos cerrados¹¹ de árvores enfezadas e tortas, com folhagem coriácea e casca suberosa, que, com o decorrer do tempo,

aprenderam a resistir ao fogo, ao sol, à chuva, ao frio, ao orvalho, à geada, ao granizo e à seca*. No Piauí e nas outras províncias setentrionais, o campo e, ou “mimoso” ou “agreste”; o primeiro tem seu capim anual, macio, suculento e flexível; o outro, que, provavelmente, é uma criação natural, é conhecido por sua produção áspera, grosseira. O solo afeta muito a vegetação. Muitas vezes, viajando no campo brasileiro, atravessamos uma curta divisa, e verificamos, do outro lado, que a vegetação assume um novo aspecto, sem diferença de paisagem e sem outra causa aparente. Mas, em toda a parte, nos campos, mesmo desertos, há ricas manchas admiravelmente adequadas ao cultivo de milho e algodão e, na maioria das vezes, capões¹² vicejam nas encostas, onde são protegidos do vento, e se estendem pelas margens dos córregos. A madeira, o artigo de maior necessidade para o colono, depois da água, ainda existirá, naqueles lugares, por muitas gerações.

Lancemos o olhar sobre a vegetação que aparece em Borda do Campo. A primeira observação que se faz é que o campo não tem uma vegetação tão pobre quanto o “llano”, o pampa e, especialmente, a estepe; será suficiente aqui mencionar os tipos mais destacados.

Os cerrados consistem de árvores de uns 3 a 6 metros de altura, parecidas com nossas aveleiras e macieiras, e com as oliveiras do sul da Europa, e são, em geral, acácias e outras leguminosas. Tais são, por exemplo, o jacarandá-do-campo, uma mimosácea, cuja madeira não é muito apreciada; a sucupira¹³ (*Bowdichea major*), madeira muito reta e dura, usada para eixos de roda; o angico (*Acacia angico*), que produz cachu, e o barbatimão ou barba-de-timão (*Acacia adstringens*, Veloso) de pequenas folhas, cuja casca é adstringente e rica em ácido tânico, e cujas folhas servem de alimento à cantárida. A árvore “antediluviana”, a nobre e valiosa araucária (*Araucária imbricata* ou *brasiliensis*),¹⁴ o pinheiro-brasileiro, só é vista perto de lugares habitados e é, provavelmente, imigrante do Paraná, onde forma florestas primitivas. O retorcido piqui¹⁵ (*Caryocar brasiliensis*) dá uma fruta oleosa e mucilagínosa, com uma semente em parte comestível. O tingui¹⁶ (*Magonia glabrata*, St. Hil.) é uma planta inútil, que dá, pendente, um fruto disforme,

* Naturalmente a palavra “aprenderam” é aqui usada em sentido figurado. Através dos tempos, durante a evolução, foram selecionados caracteres que protegeram a vegetação contra o calor e o frio excessivos, entre outros fatores ambientais. Alguns, como cascas espessas, que protegem contra grandes variações de temperatura, protegem, igualmente, contra o fogo; não foram, todavia, selecionados por ele. (M.G.F.)

parecido com um fungo enorme. O pau-terra e o patari, este de grandes sementes, fornecem bom carvão; a casca, as folhas e os frutos do último são usados para tingir de preto. O cedro-do-campo (?) e várias espécies selvagens de *Psidium* são muito comuns. Há várias solanáceas: o juá,¹⁷ vulgarmente chamado mata-cavalo e rebenta-cavalo, cuja fruta amarela se parece com o “bengan selvagem” da África, e a fruta-de-lobo (*Solanum undatum*, *S. lycorarpum*, St. Hil.), de cheiro gostoso, que, segundo se diz, pode ser comida pelo lobo, mas é venenosa para o gado. A fruta, verde clara, do tamanho de uma bola de futebol,* é usada como detergente e como um dos ingredientes do sabão. A árvore mais valiosa, a rainha dos cerrados, é a aroeira (*Schinus terebinthifolius* ou *Schinus molle*); sua madeira duríssima resiste admiravelmente ao tempo e fica muito bonita quando envernizada. As folhas são usadas como epispásticos,** a decocção serve para aliviar o reumatismo e outras enfermidades, e a resina, esfregada em seus cachos de frutas vermelhas, é agradável, mas os habitantes da região a evitam. Dizem que quem dorme à sombra da aroeira apanha tumores nas juntas, e as pessoas muito sensíveis que passam perto da árvore sofrem inchação no rosto – isso aconteceu à esposa de um dos meus amigos de São Paulo.¹⁸ Ao contrário do que se dá nas terras de matas verdadeiras, nas regiões da Serra e do Mato Dentro, as árvores têm, em sua maioria, folhas decíduas, e, quando estas caem, o seu aspecto é de desagradável nudez.

O revestimento do solo perto da estrada é feito por um capim que cresce em tufos, chamado barba-de-bode (*Chaetaria pallens*). Quando novo e verde, é comido pelo gado; é, porém, sinal da pobreza de um solo, que já foi muito pisado. O capim-redondo e outros capins melhores crescem ao largo e, em Bertioga, ao sudoeste de Barbacena, há, segundo me disseram, aveia selvagem, como na Califórnia, que amadurece durante as chuvas e permitiria uma criação de gado em larga escala.¹⁹ A resistente luzerna dos Estados Unidos e a alfafa da República Argentina e do Paraná serão algum dia experimentadas e poderão concorrer para a produção de feno de primeira qualidade. Nas depressões, encontramos capim alto, de diversas

* Esse tamanho está bastante exagerado. Os maiores frutos que vi, desta planta, tinham cerca de 15 centímetros de diâmetro. (M.G.F.)

** Epispásticas são substâncias que irritam a pele. Por isso achamos estranho dizer o autor que as folhas são usadas como epispásticos. Mas essa é a tradução literal do original: “The leaves are used as epispastics...” (M.G.F.)

espécies, chamado pelo povo de sapé (*Saccharum sapé*, St. Hil.), que aparece no terreno mais fértil, quando cultivado em demasia, ou quando já sofreu muitas queimadas. A samambaia, também, que cobre grande parte dos campos, cresce nas mesmas condições. Em sua maior parte, os arbustos e plantas menores são medicinais, e o povo²⁰ está bem a par de sua utilidade. Além da *Cinchona* há o carapiá,²¹ muito bom para as dores no peito, que perfuma o ar, do mesmo modo que o saudável alecrim-do-campo (*Lantana microphylla*, Mart.),²² uma labiada. A vassoura (*Sida lanceolata*) que produz álcalis e se parece com a tasneira, é muito usada como emoliente, em infusão ou decocção; o assa-peixe branco,²³ uma das compostas, tem efeito semelhante ao da camomila; o aromático velamedo-campo (*Croton fulvus* ou *C. campestris*) é um sudorífero e dissolvente conhecido de todos. Entre os arbustos, há muitas espécies selvagens de ipecacuanha chamada poaia (*Cephaelis ipecacuanha*); a labiada chamada, em virtude de sua forma, cordão-de-frade (*Leonotis nepetifolia*, Mart.), um poderoso narcótico; a Composta carqueja (*Baccharis, Nardum rusticum*, Mart.), de folhas triangulares alongadas e bagas esbranquiçadas nos ângulos, tônico amargo, aromático e antifebril, muito usado na fabricação da cerveja teuto-brasileira.

Parece desnecessário dizer que nada pode haver de mais puro do que o ar desses campos; o prazer de respirá-lo combate mesmo a monotonia de uma viagem em lombo de mula, e o viajante europeu nos trópicos recupera toda a sua energia, mental e física. As manhãs e a última parte das tardes constituem a perfeição do clima; as noites são frias, claras e serenas, como em um deserto árabe sem areia. Não faltam, também, aos campos a beleza da forma e do colorido. Há grandeza em sua vasta continuidade, que se vai perdendo à distância. Os olhos podem repousar na paisagem durante horas, especialmente quando ela é avistada de uma elevação, variegada pelas nuvens vespertinas, cujos eclipses parecem ir e vir, o que dá mobilidade à paisagem, caminhando sobre a superfície ondulada das ondas terrestres verde-claras ou ouro pálido, destacadas na atmosfera intensamente azul da manhã ou nos matizes cor-de-rosa do entardecer, sobre as depressões e as moitas de árvores verdejantes, embaixo. Se analisarmos o encanto, sua essência parece ser a instabilidade do oceano, quando sabemos que aqui há a solidez da terra.

NOTAS DO CAPÍTULO VI

1. Na região do extremo oeste, essas terras são chamadas Campos Gerais, muitas vezes abreviado para Gerais. A palavra visa expressar a conveniência das terras para a agricultura e a criação de gado em geral. Outra modificação do campo é o tabuleiro, que, quando muito grande, torna-se uma “chapada”, ou planalto. No vol. II, cap. 8, distingo entre tabuleiro coberto e o tabuleiro descoberto. A campina é uma pequena formação no tabuleiro, geralmente uma ladeira em direção à água, onde o terreno é melhor e o capim fornece forragem superior.
2. O Itatiaiaçu é, como mostrei, muito mais alto, mas, naquele ponto, a Mantiqueira está, também, perto da costa.
3. Os glacialistas reconhecerão nisso uma das muitas formas do fenômeno do deslizamento. Provavelmente, o mesmo será encontrado na grande bacia da África Central intertropical, com uma tendência à ação glacial rumo ao Equador e à habitual e notável continuidade. No Brasil, a argila e a marga às vezes repousam na areia, o que parece indicar litoral marítimo recente.

Não poderá a teoria glacial explicar o “freddo e caldo” de Monti? Temos, segundo creio, liberdade de pensar que nosso sistema solar, porção subordinada do grande universo estelar, pode ter atravessado, em suas vastas órbitas, espaços onde a temperatura era mais baixa e mais alta do que é presentemente. As variações da eclíptica, que se presume ser uma causa da mudança de clima, exigem 25.000 anos para se completarem.

4. M. du Chaillu encontrou na Terra de Ashango, na costa da África Ocidental, uma cadeia de montanhas correndo de noroeste para sudeste, de mais de 1.000 metros de altura, dividindo as águas que correm para o oceano das que correm para o interior, e correspondendo, assim, exatamente, à Usagara. Eu também observei sua continuação no curso do rio Congo.
5. Estão equivocados os autores que consideram o arroz originário da Ásia. Há espécies selvagens na África Central e no centro da América do Sul.
6. “Voçoroca” é uma denominação local; daí vem o nome da cidade de Sorocaba, antigamente conhecida pela boa qualidade de suas mulas. A terminação “caba” ou “aba” significa lugar, tempo, modo ou instrumento. A palavra tupi que quer dizer buraco é “coara” (quara). Daí, Araraquara, o buraco de arara.
7. Ouvi falar a respeito deles na Irlanda, onde se forma um vácuo ou cavidade entre a superfície turfosa e o substrato de saibro. O acidente recentemente ocorrido em Santa Lúcia (Nápoles) foi também devido, em parte, à pressão do solo arenoso, encharcado pelas chuvas freqüentes e abalado por constantes terremotos.
8. O barro vermelho, na presença de matérias orgânicas, principalmente plantas decompostas, torna-se negro ou azul, pela redução parcial do peróxido de ferro. Se o barro vermelho entra em contacto com a água, o peróxido transforma-se em hidróxido amarelo e, assim, sob a influência do carbono, produz a tauatinga branca. As argilas graníticas, porém,

podem ser de um vermelho vivo, amarelas, brancas, azuis ou negras e, por sua mistura, castanho-avermelhadas ou marrons. *Decomposição dos Penedos no Brasil*. Por G.S. de Capanema. Rio, 1866.

9. O esbarrancado da lavra.
10. Isso se refere especialmente às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.
11. O cerrado português é um parque; o cerrado brasileiro (chamado cerradão, quando é alto) é definido como “campos cobertos de arvoredo denso”; o “chaparral” espanhol, que Humboldt acredita derivar de uma árvore chamada chaparro, aplica-se, como o outro, tanto à vegetação quanto ao solo. O Sr. Luís D’Alincourt (in p. 129, *Sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*, Rio de Janeiro, 1830) escreve a palavra “serradão”. As duas formas do mesmo som sibilante (*c* e *s*) são, muitas vezes, usadas indiferentemente em português. (Neste caso, porém, certa é apenas a grafia cerradão.) (M.G.F.)
12. O mal feito por esses capões é a geração de carrapatos e moscas, que atacam o gado; mas isso não tem proporção com o bem que fazem.
13. O nome é pronunciado de várias maneiras. De acordo como o Sist., é rico em estricnina (princípio adstringente) e muito usado na medicina caseira.
14. Essa araucária não deve ser confundida com a *Araucaria excelsa* da Ilha de Norfolk, nem com o pinheiro-chileno. Tudo dela é útil: a semente, a madeira, a terebintina, que tem sido usada como incenso, e a fibra, que pode ser usada para enfardar forragem. Reservei uma notícia pormenorizada do mesmo para minha descrição da Província de São Paulo.

John Mawe e o Príncipe Max não parecem ter ouvido falar que esse pinheiro pertence à parte mais meridional da Província de Minas Gerais. Diz Southey que o nome indígena é “curieh”, com a última sílaba aspirada. Mais usualmente, é “curi” ou “cori” e entra na formação da palavra Curitiba, do Paraná.
15. St. Hil. (III, ii. 27) escreve pequi, mas prefere piqui, como a palavra é pronunciada. Em tupi, piqui quer dizer pato pequeno, patinho.
16. Gardner escreve tingi, que seria pronunciado em português tinji, o que não acontece.
17. Juá ou mata-fome é o que Caldcleugh (ii. 208) chama de Juan Matafome e compara com a groselha amarela. Na p. 210, ele fala de mata-cavalo como sendo “um pequeno arbusto coberto de bagas...” como um *Solanum*, que realmente é. Não tenho certeza se essa planta é venenosa; uma variedade cultivada é muito apreciada na Província de São Paulo, e, segundo me disseram, o juá é comido pelas crianças, que aqui costumam comer o que os adultos não comem.
18. Os índios usavam o suco verde dos ramos novos para moléstias dos olhos.
19. Mr. Walsh (i. 76) verificou que o que supunha ser um imenso rebanho de carneiros, “não era nada mais que os rijos tufo de uma espécie de aveia selvagem, cujos cimos curvados pareciam, à distância, muito com um carneiro pastando”. Ele encontrou a *Avena sterilis* também perto de São José.

20. É moda zombar do curandeiro, o médico prático do Brasil; no entanto, desde os dias de Marcgraf e Piso, ele transmitia aos botânicos os conhecimentos que aprendera com os habitantes da floresta. Como observa o Príncipe Max, o curandeiro podia curar a hérnia, sangrar e tratar das feridas mais perigosas e praticar o banho de vapor, que, como a Idade da Madeira e a Idade da Pedra, é quase universal; isso era feito de acordo com o método habitual dos selvagens, esquentando-se uma grande pedra e jogando água em cima dela. “La malade se plaça aussi près qu’elle put au-dessus de l’endroit échauffé, ne tarda pas à transpirer fortement par l’effet de la vapeur qu’elle recevait, et recouvra la santé.”
21. Corruptela de caa-pia ou piã (coração, fígado), uma morácea.
22. Alecrim derivado do árabe *el-liklil el jabal*, “a coroa da montanha”.
23. Suponho que esse *Eupatorium* seja assim chamado porque servia para fazer espetos.

.....

Capítulo VII

BARBACENA

*Respirando os ares límpidos,
A viração mais amena
Da liberal Barbacena.*

Padre Correia, *Poesias*, vol. iii, 11

U

ma feliz inspiração induziu-me a procurar o Dr. Pierre Victor Renault de Sierck, vice-cônsul da França, médico homeopata e professor de Matemática, Geografia e História em Barbacena. Estando há trinta e quatro anos no Brasil, ele conhece, como a palma da mão, todos os recantos de Minas Gerais, especialmente no que se refere aos rios Paracatu e Doce e viveu entre as tribos mais selvagens, cujos idiomas aprendeu. Foi tesoureiro da mina de Morro Velho e, entre 1842 e 1843, trabalhou com o Sr. Halfeld na construção da estrada de rodagem. Casou-se com uma brasileira e todas as pessoas importantes da cidade são seus compadres ou comadres.¹ Quem melhor eu poderia desejar para servir-me de cicerone? Embora meio inválido, em consequência das muitas viagens e acampamentos, o Dr. Renault, amável e cordialmente, colocou-se à nossa inteira disposição, pegou a bengala e nos levou para ver a cidade.

Barbacena da Rainha fica a 21°13'9" 1 de lat. S. e 0°49'43"3 de long. O. (Rio), no ponto culminante do planalto, a 1.270 metros, em números redondos acima do nível do mar.² O clima é essencialmente temperado; a temperatura máxima anual é de 26,6° à sombra. A cidade teve sua origem no Arraial da Igreja Nova da Borda do Campo, pouso para as tropas entre Ouro Preto (22 léguas) e Petrópolis (40 léguas); seu comércio principal consistia em quitandas e comestíveis semelhantes, vendidos por

algumas velhas.³ O lugar era muito adequado para uma povoação de tal origem. No Brasil, as cidades fundadas por eclesiásticos ocupam as melhores posições, colinas e elevações com uma bela vista; os leigos preferiam os terrenos baixos, perto da água e do ouro. A localidade foi elevada a vila em 1791, pelo famoso ou infame Visconde de Barbacena, capitão-general das Minas, que lhe deu seu próprio nome. Mawe (1809) descreve-a como uma povoação de 200 casas, governada por um ouvidor ou juiz auditor. Foi elevada a cidade por lei provincial de 9 de março de 1849.⁴ A população do município era em 1864, de 23.448 almas, com 1.954 votos e 39 eleitores, cobrindo 1.400 alqueires de terra.* A cidade tinha 5.000 habitantes em 1849; era, então, uma espécie de oásis central do deserto formado pelo mato meridional, a região coberta de florestas que havíamos atravessado e pelos campos do norte, que iríamos atravessar. Os viajantes que iam para Minas ou de lá voltavam, demoravam-se, prazerosamente, na cidade; agora, metem-se numa carruagem da União e Indústria.

Em 1867, um censo aproximado deu 3.600 habitantes dentro do “toque de sino”. Isso retroage a meio século; em 1825, a população era estimada em 3.600 habitantes, dos quais 300 brancos, sendo o resto negros e mulatos. Tal, contudo, foi o primeiro efeito das estradas de ferro na Europa, tais serão as conseqüências do melhoramento das comunicações no Brasil. O elemento branco prepondera hoje, consideravelmente, e os escravos, segundo se diz não vão além de 200 cabeças.

Na última geração, o Barão de Pitangui ganhou £400.000 no comércio; a indústria não oferece, hoje, perspectivas de tais fortunas. Uma casa que custava £2.000 nos dias em que a mão-de-obra era barata, vende-se, agora, no máximo por £500, e esta é a regra geral em Minas. Em 1864, mais de 60.000 sacos de sal passaram pela cidade,⁵ em 1867, o número caiu para 50.000.

Em 1842, a “mui nobre e leal Cidade” iniciou uma espécie de movimento “separatista”, que tomou o nome de “Revolução de Barbacena”. Minas e seu vigoroso genitor, São Paulo, ficaram extremamente descontentes com a lei de reforma judiciária e eleitoral (3 de dezembro de 1841), que, criando chefes de polícia, delegados, subdelegados e inspetores de quartirão,

* Se o autor se refere a alqueire paulista, este mede 24.200 metros quadrados; se, porém, se trata de alqueire mineiro, fluminense ou goiano, o valor é justamente o dobro, ou 48.200 metros quadrados. (M.G.F.)

cobria o país de uma nuvem de agentes preventivos. As duas províncias alegavam que aquelas medidas vinham no interesse de uma oligarquia e que, desta sorte, os cidadãos eram postos à mercê do governo. Ao mesmo tempo, porém, repudiavam o republicanismo e proclamavam a maior lealdade ao Chefe de Estado. Minas, também, estava furiosa com o governo conservador de 1841 e ainda mais com seu presidente provincial, Bernardo Jacinto da Veiga. O movimento foi desfechado em Sorocaba, na Província de São Paulo. Pouco depois, a Câmara Municipal de Barbacena (10 de junho de 1842) reuniu-se e proclamou o Tenente-Coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha presidente em exercício de Minas, tendo o Sr. José Pedro Dias de Carvalho como secretário. Pomba e Queluz sublevaram-se imediatamente, mas o presidente em exercício, ou “intruso”, em vez de marchar sem demora contra a capital, Ouro Preto, esperdiçou seu tempo em um passeio militar a São João d’el-Rei e outros lugares. Nos dois meses seguintes, ocorreram muitas peripécias; o “Massena” do conflito foi o atual Senador Teófilo B. Otôni, a quem foi oferecida a vice-presidência. No princípio de agosto, o então Barão de Caxias, depois de reduzir São Paulo à ordem, apareceu diante de Barbacena, e a cidade teve de curvar-se em face do seu “manifesto destino”.

Barbacena, a cidade branca do alto da colina, tem a forma de uma cruz ou de um T, com casas dispersas em torno; o logradouro principal, a Rua do Rosário, é a perpendicular, estendendo-se na direção aproximada de norte para sul, ao passo que o braço oriental é truncado. As duas ruas mais importantes não têm calçamento no centro; de cada lado, há uma faixa calçada, acompanhando os passos, pessimamente feitos. As praças principais, meros alargamentos das ruas, são: o Largo da Câmara, onde fica a sede do município; a Praça da Alegria, atrás da matriz, e a Praça da Concórdia, a leste. Em uma delas, uma peça de máquina, destinada à mina de Morro Velho, atravanca o chão; o equipamento está em uma enrascada: as estradas lamacentas não têm condições de permitir o seu transporte e a municipalidade ameaça aplicar sanções se ela continuar ali. As casas são, em sua maioria, de “porta e janela”, a melhor pertence ao deputado geral Barão de Prados, que, por ocasião de nossa visita, se encontrava no Rio de Janeiro, participando dos trabalhos legislativos.

Caminhamos com dificuldade pela rua principal, cujo nome provém da modesta capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, santa muito cultuada em todo o Brasil pelos escravos e negros. As igrejas de sua

invocação são geralmente conhecidas por uma coroa de gesso na fachada e, embaixo da coroa, a ela preso ou não, um rosário terminando em uma simples cruz.⁶ Para além, fica uma ermida, ou local de culto particular, com um sino dourado. Esses pequenos sacrários caracterizam as cidades mais antigas de Minas. Embriões de estalagens ainda pululam; contamos meia dúzia. A lucrativa e destruidora “Arte de Curar” tem muitos adeptos: seis alopatas, cinco boticários (em geral práticos), quatro parteiras, conhecidas pela cruz de madeira presa à parede de suas casas, e um homeopata. Um pedaço de papel branco preso dentro da janela indica “casa para alugar”, o que, em Barbacena, parece ser a condição normal de todas as casas. O material de construção favorito é o bem conhecido adobe, o tijolo secado ao sol de México e Salt Lake City; em Minas, é uma massa de barro, pesando uns 15 quilos. Alguns moradores têm, em suas casas, alicerces de pedra, para impedir que a umidade e as chuvas acabem provocando o desmoronamento de tais massas de barro, não levadas ao forno, e arrastando-as. O beiral das casas projeta-se para a frente desmesuradamente.

Visitamos a matriz de N. Sr^a da Piedade, voltada para N. NE. e com uma bela vista sobre a rua principal e o descampado adiante. O terreno em ladeira exigiu a construção de um “adro” – plataforma ou terraço – elevado e revestido de pedra. Ali, como acontece conosco, estava o antigo cemitério, onde repousam, *in pace domini*, os antigos vigários e os rudes mandões. Assim canta o Padre Correia (*Cavaco*, p. 157, Woolf):

“Dos cemitérios e do adro,
Ressuscitam vãos espectros.”

O adro é enfeitado, na entrada e nos cantos, com pequenas pirâmides de folhagens bem podadas e “promiscuamente” misturadas com velhos salgueiros, todos sedentos, e a mesquinha, hirta e mais do que inútil casuarina. O estrangeiro espanta-se de ver essa selvagem australiana feita como um abeto escocês-naturalizada entre as gloriosas belezas vegetais do Brasil e da Índia; suas raízes se espalham demasiadamente e empobrecem o solo; enquanto suas vizinhas graciosamente curvam os ramos, ela os vira para cima, com impudente pretensão, e sua finalidade precípua na criação parece ser a de hospedar

“A importuna, monótona cigarra”,

as alegres mendigas, cujo cricrilar incessante abafa o som das vozes. A fachada da igreja de adobe e pedra, caiada, tem quatro janelas; na velha Província de São Paulo, o número é, *sine qua non*, de cinco, a Santíssima Trindade ocupando a frente, como nos campanários góticos, e José e Maria os lados. Um rachão suspeito e uma perigosa saliência aparecem perto da entrada; são atribuídos à água da goteira. Há duas torres quadradas, baixas e atarracadas, de acordo com a moda antiga no Brasil, e uma cruz e uma estátua quebrada. O perfil apresenta a grande nave de costume e a capela-mor curta, uma sacristia menor atrás da maior, como no interior da Inglaterra. O material de decoração é a esteatita, pedra azulada, muito abundante nestas paragens; freqüentemente, é pintada de azul, para ficar mais azul ainda, “e assim”, exclama um talentoso escritor brasileiro, “assim assassina a Natureza.” Essa pedra pode, como o lápis-lazúli, ser cortada com uma faca e, exposta ao ar, logo endurece, absorvendo a água da pedreira. É muito apropriada, assim, para entalhes e esculturas grosseiras. Alguns dos monólitos têm quase 5 metros de comprimento.

A entrada da igreja é protegida pelo habitual pára-vento de madeira lisa e caixilhos de vidro. O balcão do coro fica em cima da porta; embaixo dele, há dois afrescos da autoria de artista nacional, representando a Paixão do Salvador, duas pias de água-benta e, à esquerda, uma pia batismal de granito rajado de verde.⁷ Diversas janelas pequenas, no alto das paredes, deixam passar uma luz difusa, e há duas tribunas, para acomodar as pessoas importantes. O soalho de madeira, um parquete de paralelogramos móveis, de dois por um metro, mostram que ali já foi um cemitério, costume que ainda perdura no sul da Europa; no Brasil, durou até que uma lei sensata, um dos benefícios da febre amarela, acabou com esse piedoso absurdo. As paredes estão repletas de papéis eleitorais e outros documentos públicos, e, de ambos os lados, há um púlpito branco e dourado do estilo habitual, que poderia ser chamado de “ninho de andorinha”. As seis capelas menores⁸ têm altares pintados de branco, verde e dourado; os pilares de pedra repousaram sobre consolos, mas estes têm pedestais na base e não carecem de fundamento, como na maioria das igrejas brasileiras.

O arco do santuário que leva ao altar-mor apresenta um candelabro de prata maciça, pesando 60 quilos, oferecido pelo piedoso Barão de Pitangui. A cortina que protege o trono tem uma cruz negra em um pano

mortuário de seda e lã, que custou £ 100, e foi oferecida pelo filho do Barão. Os paramentos do altar foram feitos pelas irmãs do Barão. E há uma bela imagem de mármore italiano, representando um anjo-da-guarda em sua devoção, também ali colocada à custa do Barão, que nisso gastou £360, em memória de seu pai.

O altar-mor é branco e dourado, com uma imagem do Senhor Morto e uma Nossa Senhora de madeira pintada, um tanto maior que o tamanho natural. O efeito não é mau. Há um grande tabernáculo; quatro castiçais maciços de pechisbeque sustentam as velas e quatro quadros a óleo, modernos e toleráveis, representam a “Flagelação”, “Nossa Senhora junto à Cruz”, “A Agonia no Horto” e a “Ressurreição no Túmulo”. Fiz com cuidado essa descrição, que serve para todas as igrejas nas cidades “de bom-tom” do Brasil, situadas dentro da influência civilizadora da Capital.

Visitamos, depois, a igreja de Nossa Sra. da Boa Morte; é um grande edifício, situado na encosta ocidental, mais bonito de longe. O exterior de granito e esteatita é grotesco, tendo as torres dois relógios, aparentemente simulados, e que deixam o trabalho para o relógio de sol que há perto, e uma sacristia moderna, muito feia, de um estranho estilo, foi pregada à construção original, que traz a data de 1815. Assim, Castelnau errou ao supor que a construção inacabada fora abandonada, como o Aquiles do Hyde Park. Essas igrejas do Brasil pertencem às irmandades, que as constroem mais depressa ou mais devagar, conforme permitem os fundos arrecadados; os estrangeiros mostram-se dispostos a profetizar que a construção cessou, e censurar a falta de zelo em nossos dias. E, no entanto, as construções prosseguem.

O interior tem as cores habituais, branco e azul. Nossa Senhora da Assunção ocupa o alto e, abaixo dela, fica uma Virgem reclinada. Há dois púlpitos de pedra pintados de azul, o lugar para o órgão, sem o órgão, e três placas votivas na parede. Para o lado do poente, fica o cemitério, com sua capela mortuária, que deve sua existência ao nosso excelente cicerone. Essa “colônia dos mortos”, apesar de só ter três anos de existência, está se enchendo depressa; o catarro e a pneumonia, com suas numerosas variantes, constituem as principais *causae causantes*. À entrada, encontramos com um defunto preto, carregado em uma padiola por quatro irmãos de cor, que, rindo e conversando, cobriram de terra o cadáver.

Chocado pela brutalidade com que um branco batia em um cão – espetáculo raro no Brasil, onde, via de regra, os animais são muito bem tratados – perguntei quem ele era, e fiquei sabendo que se tratava de “um italiano”. Há muitos desses imigrantes em São Paulo – mais em Minas – de fato, eles vão do Pará a Buenos Aires. Não gozam de boa reputação, e meus amigos freqüentemente me avisaram que muita gente desconfiava que eu fosse da terra que produziu César e Napoleão, Dante e Macchiavelli. O *perfervidum ingenium*, a clarividente sutileza dos ausônios é uma desgraça para ele nestes países: é meio esperto demais, ou, aliás, bastante. Volta ao italiano do século XVI; é moreno, astuto, e sem escrúpulo, como Rizzio. Alguns correspondem à velha classificação: “fur atque sacerdos”. Um certo Fr. Bernardo, segundo se diz, vendeu, como leite da Virgem, “ovos de mosquito”, como aqui são chamados os glóbulos homeopáticos. O leitor pode pensar que estou abusando de sua credulidade; documentos oficiais, porém, provam que⁹ aqueles eclesiásticos negociaram “verdadeiras lágrimas de Nossa Senhora em rosários”, apresentaram detritos como se fossem relíquias de santos e venderam “passaportes para o céu”, a um “soberano” por cabeça. O mineiro¹⁰ pode cantar, com Beranger:

Ó’ Jesuíta bilioso,
Que distração, não vemos nada!
Quanto defunto religioso,
Quanta relíquia desperdiçada!

Saindo da Boa Morte, descemos a sinistra Ladeira da Cadeia, e contemplamos a prisão: através das janelas gradeadas podemos ver três mulheres. Em quase todos os casos de homicídio premeditado no Brasil, dois dos personagens ativos são uma mulher e um negro. O último edifício público a ser visitado foi o Hospital da Misericórdia, situado em uma fria depressão, ao norte da cidade. Na entrada, lê-se a inscrição:

*Pauperis infirmi sit in ore Antonius Armond,
Et pius, et magnus vir, pater egregius.*

Latim um tanto esquisito, mas muito bem intencionado. Todos os louvores ao Sr. Antônio José Ferreira Armond (n. em 11 de março de 1798, m. em 1852), que, em cinco anos, construiu a capelinha

de Santo Antônio e o estabelecimento de caridade, para o qual ele deixou £12.000, uma propriedade e quatorze escravos. Na ausência do padrecura, o boticário civil nos mostrou todo o prédio e nos deu licença de colher violetas no pátio ou jardim central.¹¹ Os quartos são limpos e têm cada um seis doentes; os homens livres pagam cerca de quatro florins por dia e os escravos metade. O estabelecimento não goza de bom conceito; dizem que os doentes morrem por falta de cuidado, e os brasileiros costumam zombar de uma “misericórdia” que cobra cama e comida. Também fica longe de água de boa qualidade, coisa que não é fácil em Barbacena. A melhor é fornecida por um chafariz situado na parte leste da cidade; há nele uma inscrição com o nome da Câmara Municipal e o ano de 1864.

Em seguida, visitamos o jardinzinho do Dr. Renault, atrás da casa, cuja vegetação é um espelho do clima temperado; o jardim está repleto de cravos, rosas, violetas e verbenas,¹² gladiólos e heliotrópios. As laranjas são excelentes e, com elas, nosso cicerone faz o seu “Tokay”; sai a cerca de quatro pence a garrafa e é, segundo diz ele, a melhor bebida para ser tomada com o pinhão. Em Morro Velho consegui uma excelente receita, digna de ser conhecida em um país onde há milhões de laranjeiras e pinheiros, cujos frutos apodrecem no chão.¹³ Também nos foram mostrados belos exemplares de panelas feitas à mão, de esteatita ou pedra, que são muito apreciados e conhecidos fora de Barbacena. O melhor talco para olaria vem da aldeia de Melo, a seis léguas de distância, e de Mercês do Pomba,¹⁴ cidade situada a dez léguas para leste, na encosta da Mantiqueira. A formação encontrada em talcoxistos e micaxistos; os de melhor qualidade são bastante isentos de poções cristalizadas de hidróxido de ferro que acarretam a decomposição. É cortado com facilidade, endurece rapidamente e, como dura muito, é geralmente usado em toda a região. O preço das panelas varia de acordo com o tamanho, indo de quatro pences a doze xelins, sendo algumas bastante grandes para nelas caber meio quarto de rês. As panelas menores rivalizam com o “pepper pot” usado nas Índias Ocidentais para cozinhar carne. Algum dia essa pedra-sabão será aproveitada com vantagem e os fornilhos de cachimbo, pelos quais tenho procurado em vão, estão especialmente “indicados”.

NOTAS DO CAPÍTULO VII

1. “Compadre” e “comadre”, assim chamados com relação ao afilhado ou afilhada, ainda formam no Brasil um parentesco religioso, como nos dias em que, entre nós, eram “afins em Deus”. Já vi irmãos que chamam um ao outro de “compadre” e a mesma expressão aplicada por esposas aos maridos. Esses padrinhos irmão e irmã podem legalmente se casar, mas a opinião pública é manifestamente contrária a tais uniões, do mesmo modo que os moralistas da Inglaterra, com respeito ao casamento de um homem com a irmã da esposa falecida. Quem tiver alguma intriga amorosa com uma comadre, tornar-se-á, depois de morto, um demônio peculiar, cujo único objetivo em vida parece ser o de amedrontar os tropeiros. Os estrangeiros residentes no Brasil acabam obrigados a seguir o costume, que tem seus lados maus, como também seus lados bons. Nos lugares pequenos, por exemplo, todos os habitantes estão ligados pelo batismo, senão pelo sangue, de modo que as pendências podem ser mais facilmente resolvidas.
2. M. Liais, a mais recente e melhor autoridade, diz que a altitude de Barbacena é de 1.137 metros, ou cerca de 1.250 metros, acima do nível do mar.
3. O Sr. A. D. de Pascual a chama de “Freguesia dos Carijós”, em 1792. Acredito que tenha sido um equívoco.
4. Castelnau (i. 198) diz ser de 1841.
5. O saco de sal pesa de 2 arrobas (30 quilos) a 2 arrobas e 3 quilos. Verifiquei que, em 6 sacos, o peso médio era de 2 arrobas e 1 quilo.
6. As contas parecem despertar nos negros a saudade de sua terra; na África, é com contas que se fazem os mais belos objetos. Naturalmente, estou me referindo à “conta popó”.
7. Mawe, cap. 10, diz que há, nas vizinhanças de Barbacena, “une carrière de granit tendre, blanchâtre, dont on fait des meules”.
8. Minha esposa anotou os padroeiros dos seguintes:
 - Lado direito:
 - Nº 1. São Miguel, Santa Cecília e Santa Luzia.
 - Nº 2. Nossa Srª do Carmo e Nossa Srª do Rosário.
 - Nº 3. Nosso Senhor dos Passos.
 - Lado esquerdo:
 - Nº 1. Santo Antônio e Santa Rita.
 - Nº 2. Nossa Srª das Dores e Srª Bárbara.
 - Nº 3. São Sebastião, São José e Menino Jesus.

Há, ainda, uma capelinha separada para o SS. Sacramento, com um crucifixo, etc., e São Vicente de Paulo.

9. Apêndice ao Relatório Presidencial de Minas para 1865, p. 39. Além disso, a maioria das igrejas destas terras tem um pedaço da Vera Cruz, devidamente fornecido pelos especuladores italianos.
10. “Mineiro” é habitante da Província de Minas Gerais, e não deve ser confundido pelo estrangeiro como os “minas” africanos, de São Jorge da Mina, na Costa da Guiné. Varnhagen (*História*, ii. 281) informa-nos de que, a princípio, “mineiro” era uma expressão aplicada apenas ao minerador de ouro. O natural do Rio Grande é rio-grandense; o natural de São Paulo, paulista (substantivo) e paulistano (adjetivo), e não paulense, como diz o excelente manual *Brasil, suas Províncias e cidades Principais*, por William Scully, Londres, Murray & Co., Paternoster Rox, 1866. Há uma peculiaridade no uso da palavra paulista; por ex.: “O fazendeiro paulista” é correto.
11. A palavra portuguesa “pátio” vem do árabe *bathab*, do mesmo modo que “saguão” vem de *sahn*. No Brasil, o pátio é, habitualmente, chamado “quintal”, que, contudo, também significa uma espécie de jardim ligado à casa.
12. Planta nativa, a *Verbena virgata*, de M. Sellow. É uma poderosa sudorífera e, para o tratamento de resfriados, produz o mesmo efeito que as folhas de limoeiro.
13. O Conde Hogendorf, ex-ajudante de campo de Napoleão, que se refugiou no Brasil, fez esse vinho, que M. de Freycinet (*Voyage de l’Uranie*, i. 231) compara com a Málaga. St. Hilaire também descreve o processo de fabricação, mas de maneira muito imperfeita (III, ii., 347). Eis a receita de Morro Velho, para se fazer nove galões de vinho de laranja: “Tomam-se duzentas laranjas doces, descascam-se cinquenta e põem-se as cascas de molho em um galão de água. Espreme-se todo o caldo, e põe-se o mesmo em um barril, com trinta e duas libras de açúcar refinado. Enche-se o barril de água, e mexe-se e sacode-se bem, junta-se um quarto de bacia de fermento, e, enquanto este for fazendo o efeito, vai-se jogando no barril a água das cascas, de maneira que o barril fique sempre cheio. Logo que cessa a fermentação, põe-se um quarto de galão de aguardente velha, ou restilo, tampa-se o barril e deixa-se a bebida descansar durante sete meses, antes de engarrá-la. Às vezes, são necessários três dias para começar o trabalho, e este continua durante trinta a quarenta dias. Para se dar ao vinho sua cor, deve-se queimar uma xícara de açúcar no restilo, antes do barril ser tampado”.
14. Alguns escrevem Mercês da Pomba. A expressão, contudo, contém uma dessas elipses tão comuns em português e tão difíceis para o estrangeiro; a frase completa seria: (Nossa Sr^a das) Mercês do (Rio da) Pomba. O rio Pomba é um importante afluente do Paraíba do Sul e as terras em torno dele são conhecidas por “Mata”.

.....

Capítulo VIII

O OURO – O HOTEL – AS MULAS

*Jardins, vergéis, umbrosas alamedas,
Frescas grutas então, piscosos lagos,
E pingues campos, sempre verdes prados,
Um novo Éden fariam.*
José Bonifácio de Andrada e Silva

Entre as curiosidades que nos foram mostradas pelo Dr. Renault, nenhuma era mais interessante que a barra ou lingote de ouro, usada, antigamente, no Brasil. No Brasil-Reino, em 1808, segundo o Sr. Henderson, foi proibida a circulação de ouro em pó,¹ até então o meio de troca – naturalmente, o seu uso não terminou logo no interior – e introduzidas moedas dos três metais habituais. A barra de ouro continuou a circular até 1832. O peso variava, de acordo com a quantidade de ouro levada pelo mineiro à Intendência de Ouro Preto ou a outros lugares. O exemplar que vimos tinha de 7 a 8 centímetros de comprimento e valia £15; às vezes, as barras pesavam vários marcos, correspondendo cada marco a cerca de 330 gramas. O metal era devidamente verificado, o quinto real era retirado e a barra carimbada com o número, data, armas do reino e o toque, sendo mais puro deste o de 24 quilates, e, finalmente, com o valor da barra, em onças, oitavas e grãos. Era acompanhada da “guia” habitual, uma espécie de manifesto, sem o qual a barra de ouro não podia sair da província.

Depois das barras, veio o tempo das oitavas de ouro (peso correspondente à oitava parte da onça portuguesa) e suas subdivisões. Em 1816-1822, a oitava valia 1\$500, mas os impostos reduziam seu valor corrente a 1\$200 (= 7 francos e 50 cêntimos), sendo agora paga a 3\$500. As outras moedas eram os vinténs de ouro (0\$037,5 = 23 7/16

cêntimos) meias patacas e patacas (= 0\$300), cruzados de ouro (= 750),² meias oitavas e oitavas. Algumas dessas moedas eram rudimentares, como as piastras egípcias, e o público se queixava de que elas se perdiam com muita facilidade.

A idade do ouro acabou em 1864. Durante o último trimestre daquele ano, as ruinosas falências ocorridas no Rio de Janeiro exigiram medidas excepcionais. O governo deu autorização, e não pela primeira vez, ao Banco Imperial, instituição privada como o da Inglaterra, para lançar, em vez de pagamento em espécie, uma circulação forçada de papel-moeda em uma proporção três vezes maior que o lastro de ouro e prata à sua disposição. O privilégio foi prorrogado e, como mostram os dados, ainda não houve grande abuso.³ Os tempos, porém, eram maus, a guerra com o Paraguai estava absorvendo as reservas metálicas a troco de nada, e as moedas de ouro foram retiradas da circulação e substituídas por notas do Tesouro. Os brasileiros em breve tiveram de relembrar que havia alguma coisa igual aos “assignats” da França. No curto intervalo de três anos, o ouro desapareceu inteiramente do Império do Ouro e do Diamante e, a não ser nos meus, não vi uma única moeda de ouro. A prata é rara, porém não tão rara, e ultimamente houve uma nova emissão de moedas de prata, um tanto depreciada para troco. O metal mais empregado nas moedas é o cobre, introduzido pelo celebrado Vasconcelos, “grande arquiteto de ruínas e flagelo dos ministérios”: a moeda mais corrente é a de 40 réis, o “peny” brasileiro. É mais feio e mais malfeito que seu correspondente britânico, mas está a ponto de ceder lugar a uma peça de bronze mais pura, com 95 partes de cobre, 4 de estanho e 1 de zinco.

O lugar do ouro e da prata é, assim, ocupado pelas notas, que vão do mínimo de 1\$000 até o máximo de 500\$000, as últimas raramente emitidas. Qualquer metalista, no sentido em que a palavra é empregada nos Estados Unidos, compreenderá o resultado dessa excessiva emissão de papel-moeda. É fatal à economia, dobra as pequenas despesas, e seu efeito é que, ao mesmo tempo que exporta para a Europa ouro e diamantes, café e cacau, algodão, tabaco e açúcar, o Brasil nada recebe em troca, a não ser o refugio dos mercados, entregue pelos mais altos preços possíveis.⁴

Mais desastroso ainda, devido aos temores e desconfiança, tem sido o efeito dessa emissão desordenada de papel-moeda sobre o mil-réis. Viajantes nos afirmam que, em 1801, essa unidade prática de valor

correspondia a 5 xelins e 7 1/2 “pence”. Em 1815, representava 6 francos e 25 cêntimos. Em 1835-1836, ia a 30-32 “pence”. Quando desembarquei em Pernambuco, no mês de junho de 1865, estava ao par = 27 “pence”. Em 1867, caíra para 13 3/4 “pence” e, nas circunstâncias atuais, nada há que impeça, segundo tudo indica, a sua queda para dois “pence”, como ocorreu com a moeda das repúblicas sul-americanas.

O Brasil, porém, é um país jovem, riquíssimo de recursos ainda inexplorados. Uma dívida de 60 milhões de libras esterlinas, o “lastro do navio”, é, para ele, literalmente, uma picada de pulga, levando-se em conta o seu enorme excesso da exportação sobre a importação, quer dizer, da receita sobre a despesa. Se algum dia chegar à bancarrota, será porque, com o bastante para pagar as dívidas, não conseguiu ter à sua disposição dinheiro suficiente para as despesas imediatas. O Brasil dispõe de bens clericais que podem ser secularizados, de terras públicas que podem ser vendidas, de um sistema de tributação direta que pode ser adotado, impostos sobre importações que podem ser cobrados em ouro quando tal processo não desacreditar seu próprio crédito, e minas de metais preciosos a serem exploradas. Todos os metalistas concordarão comigo que, quanto mais depressa o papel-moeda for substituído pelo ouro, tanto melhor. Já em 1801, o Dr. Couto propunha elevar o valor do metal, fazendo a oitava valer 1\$500, em lugar de 1\$200, política de alta clarividência. Vimos o que um prêmio reduzido sobre o ouro provocou na França, onde o metal foi tratado como um artigo de comércio, e não como um padrão inflexível, o velho ponto de vista inglês. Aquela providência teria evitado desconto do papel-moeda e as pesadas despesas da Caixa de Amortização, essa forma peculiar à América do Sul do “sinking fund” (fundo de amortização).

O sistema monetário do Brasil, aritmeticamente considerado, é bom, porque tornou os decimais familiares ao povo. Os estrangeiros esquecem-se disso, quando se queixam da longa série de algarismos confusos. A verdadeira unidade de valor é o real (plural réis), que se escreve 0\$001;⁵ um conto, um milhão de réis, escreve-se 1:000\$000, ou, sem os três últimos algarismos da direita, 1:000\$, e, como é usado geralmente no Brasil, colocam-se dois pontos à direita dos milhares.

As antigas subdivisões do mil-réis são principalmente convencionais, como nosso guinéu. São: 1) o tostão = 100 réis, ou o décimo do mil-réis; 2) a pataca = 320 réis (que exigência do esforço da memória!); 3) o

cruzado = 400 réis; 4) o selo (raro) = 1 1/2 pataca = 480 réis; 5) o meio mil-réis = 500 réis ; 6) o patacão = 3 patacas = 980 réis. As horríveis moedas de cobre são de 1 vintém = 0\$020 e de 2 vinténs = 0\$040. Os antigos viajantes eram obrigados a ter uma mula só para carregar essas moedas espartanas.

Jantamos juntos na “table d’hôte”, um grupo variegado, o ex-tenente austríaco, o cocheiro e vários cidadãos de Barbacena. Tudo combinou muito bem e, à noite, o nosso bom cicerone nos forneceu as informações que exporei a seguir, não sem a advertência de que o doutor é um entusiasta de seu país de adoção.

Os Campos de Barbacena, as onduladas planícies além da Mantiqueira, que se elevam de 3.000 a 3.500 pés acima do nível do mar, são, evidentemente, muito apropriadas à criação de gado. A principal utilidade do gado leiteiro é, presentemente, produzir queijo, que é exportado para a Capital do Império. Cada vaca dispõe de cerca de seis acres quadrados de pastagem; trinta e duas garrafas de leite rendem 2 libras; as mulheres e crianças de uma família fazem, facilmente, de meia a uma dúzia de queijos por dia, e os vendedores às vezes arrecadam 200 de uma única fazenda. A descrição que faz St. Hilaire do rude processo de fabricação do queijo ainda não se tornou obsoleta; a massa do queijo é dura e branca, igual, talvez, à “bala de canhão” holandesa, mas não pode ser comparada com o “stilton” ou o “roquefort”; como o parmesão, é bom para ser ralado. Esperam-se melhoramentos na produção de queijo e mesmo de manteiga, que John Mawe nos diz ser desconhecida antes de 1809.

Os cereais dão muito bem nos solos mais ricos: o trigo,⁶ o milho, que, no Brasil, ocupa o lugar da aveia; o centeio e o trigo-sarraceno, também chamado trigo-negro; os dois últimos são robustos e exigem poucos cuidados. Os tubérculos são abundantes. A batata americana é conhecida com inglesa ou irlandesa e dá duas vezes por ano, e a batata-doce (*Tuber parmantier*), quatro vezes. Há também inhame (*Caladium esculentum*); mangarito⁷ (*Caladium sagittifolium*) e o conhecidíssimo e excelente cart (*Dioscorea slata*, St. Hil.). Vi, pela primeira vez, o jacutupé⁸ e o tupinambor ou tupinambo ou taratufo.⁹ Das frutas, peras, maçãs; ameixas, brancas e pretas; cerejas,¹⁰ castanhas e pêsegos dão bem, e merece ser aperfeiçoado o seu cultivo. A uva, especialmente a que chamam de manga ou americana, dá duas vezes por ano; a vindima é pobre em julho, mas, em dezembro, os cachos são maravilhosamente grandes e abundantes. Da

colheita de frutas não amadurecidas, faz-se bom vinagre; das maduras, um borgonha de qualidade inferior; as passas dão uma excelente aguardente, parecida com a “raki” da Síria.

As amoreiras crescem bem; não perdem as folhas na estação fria, mas as renovam continuamente; podem ser utilizadas no segundo ano. Fui informado de que o Sr. Abricht, atualmente na colônia de Joinville, encontrou cinco espécies nativas de bicho-de-seda. Castelnau (146) afirma que o verdadeiro *Bomby mori* não é encontrado em parte alguma do Brasil; observou, contudo, espécimes muito grandes da *Saturnia*, conhecida pelos chineses e indianos. A urumbeba (*Cactus spinosus*), também chamada figueira-do-inferno, é nativa; e o inseto da cochonilha¹¹ aparece espontaneamente, mostrando que o nopal do México ou do Tenerife pode ser naturalizado. Tanto o solo como o clima são propícios ao cultivo do lúpulo, atualmente importado, por preço muito elevado, da Europa. A robusta e quase indestrutível planta do chá dava colheitas de bom valor no mercado; essa indústria foi destruída pela queda de preços no Rio de Janeiro. O algodão, tanto em sua forma herbácea como na chamada arbórea, tem nascido nos terrenos de “capões” e, inteligentemente cultivado, poderá ser uma riqueza para a província. O tabaco de Rio do Pomba, a 15 léguas de Barbacena e de Rio Novo, conquistou uma medalha na Exposição Industrial do Rio de Janeiro; o de Baependi, especialmente o fumo-crespo, é uma folha escura e robusta, muito apropriado para a fabricação do “Cavendish”, e a planta dá bem em todo o território de Minas Gerais. O solo poderá ser muito melhorado pelo adubo, e a produção também, se for tratada pelo estilo da Virgínia, com as folhas secadas, cuidadosamente, em barracões fechados, por meio do fogo. O índigo cresce por toda a parte, e produz o belo anil, que rivaliza com o produto da Índia.¹² O Dr. Renault afirma que cada colméia de abelha-européia dá de doze a quinze enxames em seis meses, e 750 gramas de cera, com 20 litros de mel, ao passo que cada litro desse último produz quatro litros de ótima aguardente. Nada, devo observar, é mais conveniente no Brasil que “lá petite culture”, abelhas, bicho-de-seda, cochonilha, sementeiras, que podem assegurar trabalho para mulheres e crianças.

O Hotel Barbacenense — pronuncia-se Otel, sem aspiração do h — é idêntico às hospedarias do interior do Brasil. Como é freqüentado por estrangeiros, há sal na mesa, o que não é um uso geral no país. Um tremendo quarto de vitela aparece, quando possível, ao lado da galinha assada

ou cozida, da carne de porco, da lingüiça, da couve picada com toucinho e do inevitável feijão da cozinha nacional. A pior parte de tudo isso é a “nota”, que tem todas as “belezas da carestia”; a não ser que tenha havido um acordo especial, a multiplicação dos itens constituiria uma lição para um “hotel familiar” em Dover Street, Picadilly, ou em qualquer outro lugar onde esta obsoleta instituição, a velha hospedaria inglesa, mantenha sua antiga tradição de desonestidade. Os brasileiros, como os russos, se orgulham de uma tendência generosa para a negligência e a prodigalidade; além disso, a excessiva cortesia que caracteriza o povo impede o cavalheiro de observar abertamente que foi espoliado. Assim, ele paga com aparente satisfação, parte, e resmunga.

O “Major”, como nosso hospedeiro seria chamado no “Far West”, mais ao norte, mandou-nos uma conta despropositada; possivelmente, ficou excitado diante do aspecto anormal de Mr. L’Pool. A roupa de nosso companheiro de viagem consistia, primeiro, de um alto chapéu de feltro, estilo bandido, enfeitado com um cocar de penas raras; seguindo, de um puído casaco de caça e um desgastado colete, e complementos, só usado pelos ingleses ricos; terceiro, de uma larga faixa de seda, bela como um cravo-de-defunto, sobre a qual estava afivelado (quarto) a guaiaca, cinto de couro não curtido, no qual o selvagem gaúcho dos Pampas leva dinheiro, quando tem dinheiro. Nesse caso, levava (quinto) um “Colt” de seis tiros, carregado e (sexto) uma faca de mato de imitação de prata, muito “ordinária” aos olhos dos brasileiros; havia ainda (sétimo) um par de tamancos, chinelos de pau, usados exclusivamente em casa, e estes providos de fitas de couros, como as que eram usadas nas sandálias de nossas venerandas progenitoras nos dias em que Carlos X ainda era rei. Acrescente-se a isso uma capanga¹³ de lona ordinária, na qual o tropeiro guarda fumo, pederneira e outros artigos tão misturados como os de algibeira de um escolar. Assim equipado, o usuário era o perfeito modelo de um “gentleman” inglês em viagem.

O Brasil pode ser imprevidente, pródigo, descuidado, mas a Grã-Bretanha do Norte, não. Mr. L’Pool examinou, com atenção, a “continha”, e imediatamente verificou que nos tinham sido cobradas 32 garrafas de cerveja, que o “Major” bebera, para afogar suas mágoas. Coitadinho do velho, sua família não lhe permitia nem “molhar os lábios”! Quando lhe foi feita a reclamação, ele se ofereceu, seriamente, mas com amarga

ironia, para reduzir a conta a nada... à quarta parte... à metade, mas, tendo sido devidamente repelida a fina mordacidade do filho daquela terra onde, segundo parece, os bobos eram dez, e morreram onze, o “Major” tirou 14 xelins de outras tantas libras esterlinas, e assim a Batalha das Garrafas terminou.

Boas notícias nos esperavam em Barbacena. Mr. J. N. Gordon, superintendente-chefe da grande mina inglesa de Morro Velho, tivera a amabilidade de nos mandar algumas mulas, para Juiz de Fora; nossa demora levava a tropa a dirigir-se para o norte, e estávamos com muito medo de perdê-la. Paga-se aqui, por animal, 5\$000 por dia, para cada um, incluindo o guia montado. Esses animais, contudo, raramente são bons, jamais seguros, especialmente para quem não tem muita prática de viagem a cavalo; e a comodidade das viagens no Brasil depende, primordialmente, do animal e da sela. Nossa satisfação, portanto, não foi pequena, quando encontramos dez boas bestas, sob os cuidados de Mr. Fitzpatrick, cuja única obrigação consistia em cuidar dos animais e dos seus arreios. Na Pérsia, chamaríamos esse dono dos cavalos de Morro Velho de Mirakhor, chefe das estrebarias; aqui ele é um escoteiro ou escudeiro – e posso dizer a seu respeito que não permitiu que seus homens bebessem, e que tudo ocorreu para nós da maneira mais confortável.

Não há viajante que não se queixe da teimosia e rabugice das mulas; não há viajante que não alugue mulas, um mal necessário, pois os cavalos não agüentam fazer longas viagens, nesta parte do Brasil. A besta deve ser compreendida estudando-se o mulato e o eunuco; como esses dois monstros amáveis, ela parece encarar toda a criação com um mesmo e indistinto ódio. A mula não toma afeição ao dono, por melhor que ele a trate; o cavaleiro jamais pode confiar nela, e, de todos os animais, é o mais afetado pelo medo. Seus truques são inúmeros, e a mula parece ter consciência de que sua traição pode sempre levar a melhor em uma luta; os velhos, portanto, preferem os cavalos às mulas. É um engano acreditar-se na resistência desses animais: aqui, pelo menos, cheguei à conclusão de que o sol cedo os cansa e que eles exigem muito alimento, muita água e muito descanso. Durante minhas viagens pelo Brasil, uma mula caiu comigo ao atravessar uma ponte, a despeito da tão proclamada sagacidade muar; outra caiu de lado, prancheou-se, como dizem os brasileiros; uma terceira, aliás, um macho

muito perverso, deu um tal pulo, quando me encontrava tranqüilo depois e descuidadamente sentado na sela, que uma hora depois eu ainda estava tonto. E, em resumo, não andei 100 milhas sem que minha cavalgada beijasse o chão, uma, duas três vezes. Em um ponto, contudo, aquele quadrúpede ultrapassa o bípede. Olha para o que é mais importante, e acompanha os passos de um irmão bastardo, enquanto o bípede aprende – e, o que é mais curioso, o pai de família lhe ensina tal lição – a fazer o contrário.

Nossa pequena caravana consistia de dois tropeiros, os almo-creves de Portugal, os arreeiros da Espanha. Miguel era o tocador e Antônio o guia. Havia três mulas bagageiras, inclusive “Fabboux”, o bode expiatório, e “Estrela”, encarnação do mal, sempre disposta a escoicear a mão que a alimentava. Esses animais traziam as velhas cangalhas descritas, pormenorizadamente, por Mr. Luccock e pelo Príncipe Max, arrumadas por mãos hábeis, de modo que o montão de bagagens heterogêneas estava firme como se tivesse sido cimentado. As cavalgadas eram “Ruão”, um burro castanho, “Machinho”, um burro pardo, “Estrela nº 2”, uma boa mula branca, e “Camundongo”, robusto e dócil, já velho e, portanto, toleravelmente seguro. Cada animal tinha uma remonta; nada como as mudanças de montaria, depois de algumas horas sob um sol causticante. Havia três cavalos: “Castanho”, “Alazão” e uma velha madrinha, chamada “Prodígio”, sendo realmente sua idade o único prodígio. Todos os animais estavam em boas condições, com bons olhos e bons dentes, mordendo os freios e pondo espuma pela boca, para mostrar sua disposição. Não havia “bicos-de-papagaio” e poucas pisaduras nas costas. “Lombo limpo, bom arreeiro” – diz o provérbio.

Uma palavra, antes de deixar Barbacena. Segundo observa M. Liais, não haveria dificuldade na construção de uma estrada de ferro passando por essa cidade e por Santo Antônio de Rio Acima e Sabará, no rio das Velhas; ao contrário, diz ele, esse trajeto é o mais indicado para uma estrada. Se assim for, a velha e melancólica cidade tem um futuro. Juiz de Fora pode ser considerada alegre, porque tem a chegada e a partida diária da diligência. Barbacena é galvanizada por uma carruagem quinzenal, que estimula um teatro de amadores e um sábado de bilhar. Íamos, agora, enfrentar a tristeza de outros lugares para os quais o único transporte é o lombo de mula.

LINGOTE DE OURO

	N ^o 1470	(1815)	B
Armas reais	Toque 22	4-1-18	

Comprimento..... 88 milímetros
Largura..... 6 milímetros
Espessura..... 41 milímetros

NOTAS DO CAPÍTULO VIII

1. “Canjica”, a forma diminutiva de “canja”, palavra em que os anglo-indianos dificilmente reconheceriam a familiar “congee”, ou água de arroz. No Brasil, a expressão se aplica a uma sopa de “papa de arroz”, a um tipo de milho cozido, ao ouro granular e às pepitas, que, segundo diz St. Hil. (III, i. 70), são chamadas “mazamorras” no Uruguai ou Banda Oriental, e, finalmente, ao cascalho diamantífero, como se verá mais tarde.

2. St. Hil. III, i. 336.

3. Em 1^o de abril de 1867, o total do papel-moeda em circulação no Brasil era o seguinte:

Notas do Tesouro	42.560:444\$000
Banco do Brasil.....	73.476:710\$000
Outros bancos.....	2.461:700\$000
Total.....	118.498:854\$000

Essa soma aumentara, em 31 de março de 1868, para 124.686:209\$000.

Na presente sessão legislativa, contudo, foi aprovada uma lei autorizando a emissão de 45 milhões (mil-réis) de papel moeda.

O papel-moeda não apresenta ao viajante tantas dificuldades no Brasil quanto nos Estados Unidos. O único risco que se corre de prejuízo – se tiver o cuidado de preferir o papel imperial – é o do recolhimento das notas. Os papéis de bancos particulares custarão de 2 a 5 por cento, em toda a parte, exceto no lugar de sua emissão.

4. Sendo esse preço o dobro dos correntes nos mercados da Europa. O mil-réis, convém salientar, é um erro financeiro, semelhante ao rublo da Rússia e à rupia do Indústão; tudo custa um mil-réis. Vemos, assim, na Europa o “carlino” e o “paolo” fazendo o papel do franco e do xelim.

Tenho perfeita consciência de que o “absurdo de se desestimular a exportação de metais preciosos” foi demonstrado há dois séculos e meio. Alega-se, contudo, que os países novos, em sua maioria, apresentam exceções à lei econômica, ou melhor às operações, e que o Brasil é um deles.

5. O símbolo, do dólar (\$), nos Estados Unidos precede e no Brasil segue os algarismos. Antigamente, no Brasil, às vezes se escrevia U, o que parece confirmar a idéia de que o sinal é uma contração de U.S. Outros acreditam que vem de uma “moeda de oito” (reales), o dólar espanhol que deu origem ao dólar americano, e que as linhas paralelas foram traçadas sobre o 8 para distingui-lo. Outros, ainda, crêem que o sinal vem das colunas e volutas da moeda espanhola, que os árabes comparavam a uma janela ou a um canhão. Outro uso é preceder de Rs. (réis) a grandes somas, como Rs. 100:000\$000.

N. B. Depois de ter sido escrita a nota acima, um decreto, de 5 de setembro de 1868, autorizou o ministro da Fazenda a emitir 40.000:000\$000, de papel-moeda. Por ato de 28 de setembro de 1867, fora autorizada a emissão de 50.000:000\$000, tendo sido emitida toda a importância, menos 3.614:000\$000.

6. O trigo pode dar nessas altitudes em regiões subtropicais, mas está sempre sujeito à ferrugem.
7. O Príncipe Max (ii. 76) chama a planta de “le mangaranito” (*Arum esculentum*). St. Hil. fala do “mangareto branco” e de uma variedade de cor violeta, chamado “mangareto roxo”.
8. Segundo o Dr. Renault, Martius ainda não classificou o jacutupé. É, evidentemente, um legume de flores papilionáceas, que se prende ao chão por uma raiz de 4-5 decímetros de comprimento, por 1-2 de diâmetro. A flor, azul-violeta, é seguida por um conjunto de favas, que se parecem com a “fève de marais” (Windsor beans?). Essas favas são muito venenosas, matando os animais em pouco tempo. A substância tóxica pode ser um novo e especial alcalóide, ou, como parecer, por analogia, talvez a brucina. Acredita-se que suas propriedades tônicas resultem do grande desprendimento de ácido carbônico. As favas são plantadas em setembro e as raízes podem ser comidas depois de seis meses; quando colhidas, não podem ser guardadas por muito tempo. A fécula bem raspada produz uma excelente goma e é muito usada pelas donas-de-casa brasileiras para engrossar a sopa ou para fazer doce, que muito se parece com o doce de coco. O jacutupé dá melhor nas terras leves, onde haja sombras.
9. Disse-me o Dr. Renault que esse helianto também é chamado alcachofra-do-canadá e perada-terra. Pertence à grande família das Campostas, gênero *Helianthus*. Tem sido confundido com a batata-doce (*Convolvulus batatas*) pois em ambas as plantas as tuberosidades das raízes são meras tumefações. Alguns acham que é nativo do Chile, outros que é nativo do Brasil, onde, contudo, é pouco cultivado, e só em quintais. É uma planta resistente, que daria na Europa. Diz o Dr. Renault que a raiz seria uma bênção para os pobres, e opina, com o filósofo, que um novo prato tem mais importância para a humanidade do que a descoberta de uma nova estrela ou planeta.
10. Ainda não vi uma cereja no Brasil.

11. Em muitas partes de Minas Gerais, o cactus figueira-da-índia dá sem espinhos; é comido pelas crianças, não por todo mundo, como em Malta, onde é considerado uma fruta refrescante, muito apropriada para a refeição matinal. No que diz respeito à cochonilha, a tintura que tornou absoluta a púrpura de Tiro, disse, há tempos, o Dr. Couto: “A cochonilha, planta em que se cria esta tinta igual ao ouro no valor, e da qual temos tanta abundância, cresce inutilmente entre nós. Entre 1800 e 1815, foi tentada uma pequena exportação de cochonilha, mas a adulteração com farinha não tardou a liquidar a tentativa.” O Príncipe Max (*Voyage au Brésil*, vol. i, cap. 3) diz que, em “Sagoarema”, a árvore tem sido cultivada e alcançava o preço de 6\$400=31 francos. Falarei mais a respeito da cochonilha quando descer o rio São Francisco.
12. Foi baixada uma lei isentando de imposto o índigo do Pará e Maranhão. No governo do Marquês de Lavradio, terceiro Vice-Rei do Rio de Janeiro (1769-1778), foram tentadas exportações, da Capitania do Rio de Janeiro; o artigo era excelente, mas, como no caso da cochonilha, a excessiva adulteração desmoralizou o comércio. A planta é, em sua maior parte, a *Solanum indigoférum* (St. Hil.)
13. Essa capanga foi imitada dos índios, que, quando caçam, a colocam no ombro, como uma “carnassière”, é de cordas de algodão entaçadas e pintadas, alternadamente, de amarelo ou vermelho com a casca de catuá.

.....

Capítulo IX

DE BARBACENA A NOSSO SENHOR DO BOM JESUS DE MATOSINHOS DO BARROSO¹

*S'il existe un pays qui jamais puisse se passer
du reste du monde, ce sera certainement la
Province des Mines.
St. Hilaire, i. 4*

Afastamo-nos, agora, da mais populosa parte de Minas, que se estende para o norte, entre Barbacena e Diamantina. A estrada direta ou de noroeste, com cerca de 150 milhas, entre nós e a mina de Morro Velho, tem sido percorrida sem despertar interesse.² Resolvi, pois, confiar nas mulas, e fiz um ângulo reto para oeste, com um lado de trinta e outro de noventa milhas em linha reta, à moda do vôo do corvo.

O bom Dr. Renault nos forneceu cartas de apresentação, não se esquecendo de uma para o Sr. Francisco José de Meireles, dono da hospedaria de Barroso, onde pretendíamos passar a noite. Neste país, às “recomendações”, como são chamadas as cartas de apresentação, são, às vezes, mais valiosas que o papel-moeda. O Dr. Renault acompanhou-nos a cavalo algumas milhas,³ e senti-me triste ao separar-me dele. Um homem com quem se pode conversar e trocar idéias, e que gosta de conversar, deve achar Barbacena, tal como é atualmente, um castigo, um purgatório.

A marcha de hoje será de cerca de cinco léguas,⁴ e ocupará o tempo normal, outras tantas horas. Se a estrada corresse ao longo do vale do rio das Mortes, a distância entre Barbacena e São João d’el-Rei seria encurtada, digamos de quarenta e oito para trinta e seis milhas. Os antigos, porém, adotavam o costume dos selvagens – costume esse penosamente familiar a quem já viajou na África. Tornavam as subidas e descidas tão curtas

quanto possível, seguindo uma linha reta e desprezando os zigzagues. Sua intenção, naturalmente, era a de alcançar o planalto mais rapidamente e segui-lo na maior extensão possível. O paulista costuma dizer: “Suba o morro devagar, para poupar sua besta; ande depressa no plano, para abreviar a viagem, para sua própria segurança.” E, assim, nossa estrada avançava através de colinas e morros e vales, cobertos de capim ralo, brilhando à luz, mas desprovido do brilho que tem na Arábia e em Sindh. O horizonte tinha, evidentemente, o mesmo contorno, mas achatado, à distância em saliências e protuberâncias. A superfície fulgurava, penosamente, às vezes, com debris de mica e quartzo cristalizado: havia feias ladeiras de terra clara, com seixos rolados e os esbarrancados eram de tamanho monstruoso.

O guia, Antônio, tendo afirmado que conhecia o caminho, não perdeu tempo em perdê-lo. Em uma das muitas e complicadas voltas, virou para o sul e nos levou à Fazenda de Caniagora.⁵ Através de uma depressão coberta de mato, sobre um leito de carbonato de cálcio, corre o pequeno rio Caieiro, afluente do rio das Mortes. Essa dolomita, que cobre um espaço de dezesseis léguas quadradas, é vendida por 0\$280 a 0\$320 o alqueire, em Barroso. É empregada na construção, e a cal queimada é paga em Juiz de Fora de 2\$000 a 3\$000.

Encontramos dois campeiros, pastores de gado, e em vão lhes oferecemos dinheiro. Estavam indo, com seus mulambos, para o campo⁶ – uma mentira juvenil – e não tinham tempo de guiar-nos. Condescenderam, porém, em nos ensinar como nos devíamos guiar. Passamos por um grande forno de cal e, pouco antes do pôr-do-sol, descemos uma comprida ladeira, que nos levou de uma elevação desolada a uma depressão muito pitoresca. Uma vista *à vol d’oiseau* nos mostrava um oásis (de ficção) em um deserto. Tudo brilhava com o capim-angola (*Panicum altissimum*) e com rosas e a *Poinsetia*, cujas brácteas de um vermelho vivo, sempre a parte mais destacada do quadro, formavam como que o centro da paisagem e iluminavam, como lâmpadas, o colorido das flores mais discretas. A vegetação do lugar ficava entre a da Inglaterra e a da Índia, do salgueiro-chorão, o cactus siciliano, a laranjeira e a palmeira, a bananeira-de-são-tomé, ao cafeeiro e a cana-de-açúcar. O “útil” também não era esquecido; os quintais estavam repletos de inhames e várias verduras. A pequena aldeia vangloria-se de uma igreja, Nosso Senhor do Bom Jesus de Matosinhos do Barroso; de uma

capela que acomoda Nossa Sra. do Rosário e de uma praça pronta pela metade, com as duas casas comerciais de costume, vendendo secos e molhados. As casas bem caiadas estão dispostas, como é habitual, em linhas simples ou dispersas. Cada uma tem seu quintal, onde estão plantadas flores, árvores frutíferas e verduras, com alguns cafeeiros e alguns pés de cana-de-açúcar. Tal era Barroso, quando o visitamos. Era, antigamente a Fazenda do Barroso, cujo último dono foi o Capitão José Francisco Pires, e tornou-se, agora, distrito do Município de Barbacena.⁷

Um curioso contraste havia entre a beleza e a elegância – desculpem a expressão – dessa aldeia brasileira, e o aspecto grosseiro e pouco amável das povoações da Inglaterra e da França modernas e da “Nova América”.

Apresentamos nossa carta ao Sr. Meireles, que condescendeu em nos mandar apear,⁸ pois, de outro modo, permaneceríamos montados. Uma “pitoresca e suja” turba de tropeiros apareceu à porta e nos olhava como se tivéssemos vindo daquelas “partes de fora” que Virgílio descreve. O estabelecimento era a combinação comum da terceira ou quarta fase assumidas pela hospitalidade venal, em uma terra onde um de cada dois cavalheiros montam uma casa de comércio.

O nº 1 é o pouso, um mero terreno de acampamento, cujo proprietário não se importa que os tropeiros ali dêem água aos seus animais e os amarrem em estacas. No primeiro quartel deste século, os viajantes freqüentemente eram condenados a passar as noites “à la belle étoile” naqueles gergens de acomodação, que, agora, se tornaram populosas aldeias e cidades.

O nº 2 é o rancho, que representa o “Traveller’s Bungalow”, mas ao qual faltam o catre, a cadeira e a mesa. Essencialmente, é um telheiro comprido, tendo, às vezes, na frente, uma varanda de postes de madeira ou colunas de tijolo, e outras vezes com paredes externas e mesmo com compartimentos internos, formados de taipa,⁹ isto é, armações de madeira cheias de barro. Ali, os tropeiros descarregam os animais, que são soltos no pasto, enquanto seus donos acendem uma fogueira, penduram um caldeirão, A moda cigana, em um tripé de paus, estendem no chão, para servir de cama, os couros que servem para proteger as cargas, e fazem uma espécie de biombo com as selas, cangalhas e jacás.¹⁰ Um poeta brasileiro descreve o rancho:

E por grupos apinhados,
em seu centro estão arreios,
sacos, couros e bruacas.

(Bacharel Teixeira)

Só mesmo um tropeiro conseguiria dormir em tais lugares: formigam, por toda a parte, terríveis insetos parasitas que penetram na carne e fazem seu lar entre as unhas das pessoas.

O nº 3 é a venda, progresso indiscutível, mas não de todo respeitável. Fui uma vez censurado, por confessar ter gozado os extremos opostos da fazenda e da venda. Esta corresponde a “pulperia” das colônias hispano-americanas, ao “emporium” de aldeia da Inglaterra, combinado com a “grocery” (mercearia) e a “public house” (botequim); vende de tudo, desde alho e livro de missa, até cachaça, doces e velas; às vezes, é dupla, com um lado para secos e outro para molhados. Um balcão, sobre o qual se embalança uma grosseira balança, divide-a no sentido do comprimento. Entre ele e a porta, ficam tamboretas, caixas e barris virados para baixo. O freguês cumprimenta o dono, levando a mão ao chapéu, e o dono o convida para sentar-se. Atrás do balcão, é o espaço sagrado, que leva ao gineceu. As prateleiras de madeira sem verniz estão cheias de latas, canecas e outros recipientes, e, em ambos os lados, garrafas cheias e vazias, em pé ou deitadas. No chão, há sacos de sal, e barris abertos, com rapadura e feijão, um caixote ou dois com milho, pilhas de toucinho e carne salgada, a popular “carne-seca”, uma corda de fumo preto enrolada em uma estaca e garrafas e garrafões de cachaça. As mercadorias são guardas-chuvas, ferraduras, chapéus, espelhos, cintos, facas, garruchas, espingardas baratas, munição e linha de costura – na verdade tudo de que podem precisar homens ou mulheres rústicos. A venda tem, em geral, um quarto onde os viajantes podem se acomodar, com uma gamela¹¹ para abluções, um catre, uma mesa de pernas compridas e um banco baixo.

O nº 4 é a estalagem ou hospedaria, em uma das quais nos hospedaremos em Mariana; e o nº 5, finalmente, é o hotel, mais pretensioso, com o qual o leitor já travou conhecimento em Barbacena.

Tínhamo-nos esquecido da aconselhável precaução de mandarmos encomendar o jantar com antecedência, e um atraso de duas horas o transformou em ceia. O “menu” era o de costume. A carne consistia em um naco de porco assado, no qual se absterá de tocar qualquer estrangeiro, no

Brasil, depois de ter travado conhecimento com o sistema de criação do animal preferido por São Jorge. Diante dele, os porcos vendidos nos mercados da Índia são um exemplo de boa criação. Há, em geral galinha “*au riz*”,¹² com cabeça e pescoço, miúdos e quatro pés, mas, provavelmente, faltando uma asa e uma coxa. Os ovos fritos¹³ são tão comuns como os pombos e omeletes na Itália. O Brasil, como a Inglaterra, é uma terra de um só molho, pimentas vermelhas e amarelas,¹⁴ colhidas no quintal e esmagadas com caldo de limão. A feijoada,* conhecida na região como tutu de feijão,¹⁵ é o pão de cada dia de muitos lugares onde o pão de trigo não é procurado e o pão de milho é desconhecido. Ouvi um irlandês chamá-lo de “cataplasma de feijão”, e essa denominação cabe, sem dúvida alguma. É uma mistura de farinha com feijão, temperada com toucinho – o óleo, e a manteiga de cozinhar do país. O tecido adiposo do porco, depois de serem tirados os ossos, as entranhas e a carne, ligeiramente salgado, fica higienicamente bem adaptado ao feijão, combinando carbono com nitrogênio; infelizmente, ele faz parte de quase todos os pratos, e não faz bem à digestão do “jovem Brasil”. O mesmo se pode dizer em muitos lugares do Oeste dos Estados Unidos e da China, onde o povo é quase que feito de carne de porco.** Segundo parece, é um alimento favorito em terras jovens. Na Europa, como se sabe, durante muitos séculos, o único alimento animal geralmente usado era a carne de porco, sendo muito pouco conhecidas as carnes de vaca, vitela e carneiro. O arroz é cozido sensatamente. Os brasileiros conhecem o processo, ao passo que os ingleses e anglo-americanos ainda persistem em comer a casca.¹⁶

Como sobremesa, aparecem a canjica, milho cozido, e doces, apreciadíssimos por todas as classes e idades. A canjica é temperada com rapadura, e acompanhada de marmelada ou goiabada. As duas últimas são apresentadas em caixas de pau ou latas rasas. São as preferidas de todos, supondo-se que facilitam a digestão, e acompanhadas de queijo salgado, do mesmo modo que em Yorkshire se serve queijo junto com pudim. O vinho, quando há, é chamado Lisboa e é um rum de melaço, com corante e valendo metade do pior vinho das uvas de Barcelona; seu nome popular é “cáustico”. Às vezes, há um vinho de Bordeaux, e, então, podemos perguntar, como fez o alemão com o sacerdote que o hospedou: “Senhor Batre, esse é binho ou binakre?”*** Toda refeição

*Há aqui evidente engano do autor; o tradutor manteve-se fiel ao texto. (M.G.F.)

**Esta forma bizarra de descrever uma situação real é do próprio original. (M.G.F.)

***No original aparece esta frase, assim mesmo, entre aspas. (M.G.F.)

termina, invariavelmente, com uma xícara de café, não a “água de batata” da Inglaterra, mas, embora forte, malfeito. Os grãos são torrados, até ficarem pretos, como no Egito, e socados, e não moídos, como na Inglaterra, mas são sempre prejudicados com o hábito de se jogar a água fervendo no coador muito cheio. Além disso, o gosto do brasileiro pelo doce o transforma em um xarope com a mistura de rapadura,¹⁷ e rapadura é coisa dura, como observa, com razão, o brasileiro Mr. Merryman. Naturalmente, depois do jantar, senta-se e conversa-se um pouco, como em Utah ou em uma cidadezinha russa.

Tal é o jantar, o protótipo do almoço. Esse último, contudo, nas melhores hospedarias termina com uma sobremesa de chá e café com leite, o último sempre esquentado, com pão, ou, quando não o há, com biscoitos, geralmente “rosca”, e manteiga irlandesa.

O povo é como o Rei Jorge I, que preferia suas ostras estragadas, e os bons cidadãos que gostam de “provar” peixes e ovos, queixam-se de que a manteiga fresca feita pelos alemães não tem gosto, e vê muitas pessoas temperá-la, como os moradores de Suez fazem com a água do Nilo, com uma pitada de sal. Esse complemento das pequenas refeições me faz lembrar de nossos “jejuns” em Oxford, cujos dias eram conhecidos por comermos não só carne, como peixe.

Minha esposa teve permissão de pendurar sua rede em um quarto interno; nós passamos a noite em cima e em baixo de mantas e cobertores grossos, na varanda. O ar era frio, mais frio que em Barbacena. Tínhamos descido pouco a pouco, e um estrangeiro deveria esperar que aquele vale apertado nos trouxesse mais calor. No Brasil, é o contrário. Como já disse, os primeiros habitantes, a não ser os padres, construíram casas, que depois se tornaram aldeias, vilas e cidades, em depressões, onde era abundante e próxima a água para os monjolos e para os usos caseiros. Em vista da excessiva evaporação, essas terras baixas são mais frias à noite que as elevações, e como o sol brasileiro não é de brincadeira, o frio é seguido pelo outro extremo. Uma pequena diferença de altitude, aqui, determina o valor ou desvalor da propriedade territorial. Quando se diz que um terreno é “frio”, isto quer dizer que ele é baixo e sujeito às geadas, que destroem as plantações de café e cana-de-açúcar; o terreno pode ser, geologicamente, igual ao seu vizinho do outro lado do morro, mas é impróprio ao cultivo, a não ser de algodão e cereais, muito menos valiosos. Há muito tempo,

Teofrastus¹⁸ observou que há menos gelo nos morros que nos vales, e é velha a constatação de que a ascensão do ar quente protege, nas elevações, a vinha e outras plantas, que pereceriam nos vales.

NOTAS DO CAPÍTULO IX

1. A duração da viagem e a extensão aproximada dos trechos de Barbacena, via São João e São José a Morro Velho são as seguintes:

1. Barbacena a Barroso	5h. 5'	24 milhas ingl.
2. Barroso a São João	7h. 10'	24 milhas ingl.
3. São João a São José	1h. 30'	6 milhas ingl.
4. São José a Lagoa Dourada	6h. 10'	24 milhas ingl.
5. Lagoa Dourada a Camapuã	5h. 15'	15 milhas ingl.
6. Camapuã a Congonhas do Campo	8h. 0'	24 milhas ingl.
7. Congonhas a Teixeira	5h. 0'	14 milhas ingl.
8. Teixeira a Cocho de Água	8h. 25'	24 milhas ingl.
9. Cocho de Água a Morro Velho	3h. 0'	12 milhas ingl.

Assim, o tempo total foi de cinquenta horas, gastas para cobrir 163 milhas inglesas; a média, portanto, foi de 3 1/5 por hora. Quando viajei sozinho, meus homens iam sempre montados e, assim, fazíamos, facilmente, seis a sete milhas por hora.

2. Em 1825, Caldcleugh (ii. caps. 17-18). Mr. Walsh (1829) viajou via São José. Castelnau foi o último, em 1843.
3. Essa escolta complementar chamada “despedida” e, do mesmo modo que no Oriente Próximo, é costume generalizado em todo o interior do Brasil.
4. Quando falo de léguas terrestres, refiro-me, a não ser indicação em contrário, à velha légua brasileira, que corresponde a um pouco mais de quatro milhas inglesas. Entre o povo, a légua corresponde a uma hora de viagem a cavalo. Supondo-se que os animais caminhem uma jarda e dois passos por segundo, — menos nas subidas e mais nas descidas, ou vice-versa, de acordo com o animal — temos 3.600 segundos = 7.200 passos. No que diz respeito à légua e outras medidas de comprimento, darei todas as informações necessárias no Apêndice do Vol. II.
5. Meu amigo, Mr. Copsey, informa-me que a fazenda em questão é geralmente conhecida por “Fazenda do Melo” ou dos “Caieiros”.
6. O Príncipe Max (iii. 89) e alhures, os chama de “campistos”, um erro.

7. Em 1829, quando Mr. Walsh passou por “Barroza”, como o chama, o lugar ainda era uma fazenda. É curioso assinalar que, no mapa de Mr. Gerber (1862), Barroso é colocado na margem setentrional ou direita do rio das Mortes, quando fica na margem oposta. No mapa de M. Burmeister (1850), a localização não aparece.
8. Seria uma falta de educação apaar sem ser convidado, especialmente em uma casa particular. E, aqui, todas as honras e cerimônias devidas às casas particulares são devidas às hospedarias, ao mesmo tempo que o estalajadeiro é tão exigente, pelo menos, quanto os moradores.
9. O “pisé” da Bretanha e o “puddle” da Inglaterra, encontrado, via Daomé e Sindh, etc., até a Austrália. A maneira da execução é quase a mesma, em toda a parte, e não a descreverei, portanto. Quando o barro seca, e contém pequenos seixos do quartzo, constitui uma boa parede. Sempre exige, no entanto, ser bem rebocada e protegida por largos beirais, para proteção contra a chuva, e de um alicerce de pedra ou tijolo, para evitar que a umidade do solo desgaste sua base.
10. O jacá é um cesto feito de taquara: é um paralelogramo chato, onde se colocam os sacos de sal ou café, e fica preso e bem junto da cangalha. A “bruaca” é um couro amaciado na água, amoldado e cozido para formar uma caixa rústica, com tampa e que, seco, torna-se duro como pau. Os antigos escreviam “boroacas”, os modernos “broacas” ou “bruacas”. O Príncipe Max (ii. 365) prefere “boroacas”, *sacs de peau de boeuf durcie*.
11. Gamela, espécie de bacia feita de alguma árvore macia, geralmente a gameleira (*Ficus doliaria*), tendo, às vezes, uns 2 metros de circunferência. V. cap. 21, 2, para mais informações sobre esse popular utensílio. Nas casas do família, apresenta-se com vários formatos, redondos, quadrados e oblongos, e se parece muito com bacias do madeira que vi em Harrar, na África Oriental.
12. Galinha ensopada, em geral toleravelmente feita, mas sempre vítima de “morte súbita”.
13. Ovos estrelados; são servidos quentes, fartamente engordurados e muitas vezes nadando em um líquido marrom.
14. Molho do pimenta (*Capsicum*). Há muitas espécies de pimentas conhecidas e cultivadas pelos aborígenes; o sistema menciona dez espécies. A melhor é, provavelmente, a amarela e redonda pimenta-de-cheiro (*C. ovatum* ou *odoriferum*, também chamada juá), superior, na minha opinião, à do Nepal. Há também, a “cheiro-comprido” e a “cheiro-doce”. Os estrangeiros freqüentemente trazem consigo da Europa um preconceito infantil contra esse excelente estomacal, superior, para o apetite, a qualquer absinto. O Príncipe Max tinha mais razão: “Dans ces forêts humides... cette épice est excellente pour la digestion, et peut aussi passer pour un fébrifuge très salutaire (iii. 6). O mesmo se dá com Paul du Chaillu (Ashangoland, cap. 8).” “Acredito que a própria pimenta seja um útil medicamento neste clima, pois muitas vezes me vali dela, com êxito, quando sentindo-me mal e febril, coloquei uma quantidade moderada de pimenta em minha alimentação.” Os brasileiros são grandes apreciadores da pimenta, como eram os seus antecessores índios, que usavam muita quantidade de pimenta. Entre as espécies bem conhecidas, encontramos o pimentão (*Capsicum cordiforme*, ou, em tupi, “quiiá-açu”), e também o pimentão-comprido, muito cultivado pelos selvagens. Os brasileiros, contudo, não parecem gostar muito das

grandes cascas cozidas, que os espanhóis apreciam tanto. Nos antigos livros, encontramos muitos nomes nativos para as diferentes espécies: pimenta-poca, poca-doce, quiiiaqui, quiiá – apuá (com a corruptela Cujepiá), quiiá-cumari ou cunvari, quiiia-açu (com a corruptela cuiemoçu), inquitai, psijurimu, sabaá e outros. O nome genérico em tupi era “quiiá” ou “quiiua”; em caraíba, “axi”, em peruano, “api”.

15. O feijão (*Phaseolus vulgaris* toma aqui o lugar do ful (*Mudammas*, etc.) egípcio. Tem muitas variedades: mulato, fidalgo, preto, roxo, encarnado, cavalo, etc.
16. Já expliquei isso em *Regiões Lacustres da África Central*, i. 393, mas os britânicos comedores do arroz ainda se alimentam como o filho pródigo na miséria.
17. A rapadura é uma preparação peculiar à América do Sul, um tijolo de açúcar não cristalizado, do qual não foi retirado o melão. No Peru é chamada “chancaca” ou “raspadura” (St. Hil. III, ii. 266). O viajante tem que usá-la, na região do extremo oeste do Brasil. Sua única vantagem é ser muito portátil. Nunca a vi nos Estados Unidos e em outras terras produtoras de cana-de-açúcar.
18. Teofrastus, v. 20. Cito valendo-me da pág. 74 de um valioso livro que me foi, gentilmente, enviado por meu editor, *Essay on Den*, de William Charles Qells. Editado por L.P. Casella, F.R.A.S. Londres, Longmans, 1866.

.....

Capítulo X

DE BARROSO A SÃO JOÃO D'EL-REI

De todas as invenções, excetuadas somente as do alfabeto e da imprensa, as invenções que abreviam as distâncias foram as que mais fizeram pela civilização de nossa espécie.

Macaulay

Levantando, no dia seguinte, antes do amanhecer, verificamos, pelo couro cheio de manchas de sangue de nosso animal, que ele fora brutalmente atacado pelo morcego (*Vespertilio Naso* ou *Phyllostomus Spectrum*), um filóstomo; chamado na região morcego andira ou guandira. Esses grandes morcegos marrons, de vôo de fantasma e gosto de canibal, estão limitados ao continente americano e preferem determinados lugares. Encontrei muitos deles na ilha de São Sebastião (São Paulo), onde não há criação de gado. Parecem escolher o pescoço, ombros, cernelhas e quartos traseiros dos animais, isto é, os lugares onde podem atacar correndo o menor risco de serem perturbados.¹ Quando há algum lugar “esfolado”, este é escolhido, antes de qualquer outro. Os tropeiros afirmam que a sangria não é prejudicial. Notei que sempre ela enfraquece o paciente. Em São Paulo e Minas, não chegou ao meu conhecimento qualquer caso do homem ter sido mordido pelo “horrível morcego-fantasma”. O animal, porém, causou muitos danos nas primeiras colônias européias no Novo Mundo. Cabeza de Vaca (1543) foi ferido pelo monstro marrom de nariz foliáceo, perto da Lagoa Xaraies. Os Srs. Bates e A. R. Wallace e meu excelente amigo, Sr. Charles H. Williams, da Bahia,² foram atacados, no Amazonas, onde o rinófilo parece ter decididamente, preferência pelo homem. Koster fala na utilização de uma pele de coruja para proteger os animais contra o “nariz de folha”.

A maneira como os morcegos atacam tornou-se assunto de discussão, nos últimos anos. O ferimento é infligido com delicadeza e habilidade; nunca vi meus cavalos e mulas amedrontados, quando atacados. O Príncipe Max afirmava, antes das dúvidas de hoje: “Ce vampire (*Phyllostomus*) fait avec ses dents un grand trou dans la peau des animaux.” Gardner acredita que a punctura é feita com a afiada e recurvada unha do polegar. O Tenente Herdon acha que os dentes mordem, enquanto as narinas são dotadas de um aparelho de sucção. Outros atribuem o ferimento às papilas da língua, que seria o órgão da ação. A armadura da mandíbula, contudo, fala por si mesma. Deve ser uma visão do Dia do Juízo acordar de súbito e ver, na ponta do nosso nariz, no ato de sugar nosso sangue vital, aquela face demoníaca com seu focinho deformado, orelhas semelhantes às de um sátiro e olhos fixos, do formato de pires, completados por um corpo medindo mais de sessenta centímetros de ponta a ponta das asas. Não é de se admirar que aquele animal tenha sugerido ao ingênuo selvagem o demônio “Chimai”, que lhe tira as forças, sugando-lhe a seiva da vida.

Partimos às 4h30min da manhã – o mais tarde que nos seria permitido fazer, mesmo nesta estação – pois coisa alguma prejudica mais os animais do que viajar enfrentando o sol da tarde. A vereda que seguimos atravessa campos do mesmo estilo anterior, pintados de amarelo pelo capim baixo e perfumados pelo rosmaninho-do-campo. Até as gramíneas haviam perdido a frutificação vista abaixo da Mantiqueira. Tudo, com exceção do sol, nos dizia que o meio do inverno havia chegado. Atravessamos a vau alguns córregos, todos correndo para o norte, rumo à artéria principal; perto de um deles, fizemos a refeição matinal e convencemos os tropeiros de um acampamento de ciganos próximo a compartilhar conosco o café. Poderíamos, facilmente, ter comido no rancho de metade do caminho, no rio Elvas.³ Aqui há uma ponte, no estilo da antiga Minas, com uma saliência no meio, enorme balaustrada e uma cobertura de pesadas telhas.

Quando, sob o sol fortíssimo, passamos por Olaria e outros povoados, brancos no meio da verdura fresca das depressões, suspirávamos por uma sombra. Ao meio-dia, avistamos, comum frêmito do prazer, muito embaixo, o vale do rio das Mortes Grande, por cujas nascentes havíamos passado na Mantiqueira, a “sueste” do Barbacena. Aqui, seu vale, mesmo nessa estação seca, tinha muita água; durante as chuvas, devia ser um lago. Um pouco além, o rio recebe um afluente meridional, o rio

das Mortes Pequeno, e os dois, reunindo-se a oeste de São João, formam o rio das Mortes verdadeiro. Este, por sua vez, desemboca no rio Grande, também chamado Paraná, o rio principal daquela artéria e que separa as províncias de São Paulo e Minas Gerais.

A cerca de seis milhas à nossa direita, elevam-se as escarpadas linhas da serra de São José. Para a esquerda, fica São João d'el-Rei, ostentando uma dúzia de igrejas, estendida como um lençol branco em uma encosta severa e irregular como o leito de Togi. A nossos pés, na pequena planície ribeirinha, estava o arraial⁴ de Matosinhos, um lindo subúrbio, distante uma milha e três quartos – mais exatamente, mil setecentos e sessenta metros da cidade. Atravessamos a bem conservada rua principal e entramos em uma praça quadrada, formada pelas melhores casas, cada qual com seu jardim, realçadas por alguns poucos cafeeiros de tamanho prodigioso e muito viçosos.⁵ Não há padre aqui, mas a igreja do Espírito Santo, pelo menos do lado de fora, parece muito conservada. Durante a festa da romaria, a localidade se enche de gente vinda de toda a região, para ter o prazer espiritual de rezar dia e noite.

Matosinhos fica onde outrora estava o famoso Capão da Traição, expressão que veio dos dias em que o rio foi batizado de rio das Mortes, ou melhor, dos assassinatos. No fim do Século XVII, os paulistas, especialmente os taubateenses, ou habitantes de Taubaté, cidade paulista do vale do Paraíba do Sul, encontraram lavras de ouro na maior parte de sua capitania, hoje Província de Minas Gerais, e imediatamente reclamaram os direitos da descoberta. Um de seus potentados, chamado Manuel de Borba Gato, arrogou-se o título de Governador das Minas e foi apoiado por seus conterrâneos. Estes resolveram expulsar, alguns dizem que massacrar, os forasteiros, isto é, os imigrantes de Portugal e da Europa. Estes últimos, apelidados de “fariseus de Minas”, escolheram como seu governador o português Manuel Nunes Viana, “branco e europeu”, e assim começou, em 1708, a Guerra dos Caboclos⁶ e dos Emboabas,⁷ ou, em outras palavras de “peles-vermelhas” e “galinhas com penas nas pernas”.

Viana, o Homem de Olhos Verdes do Destino mandou, de Ouro Preto, um milhar de mineiros, sob o comando de um vilão sedento de sangue, Bento do Amaral Coutinho, para ajudar os forasteiros. Os paulistas, que estavam acampados no Capão da Traição, foram persuadidos a depor as armas e torpemente massacrados até o último homem, pela turba de escravos e sicários que acompanhavam Amaral. O governador e capi-

tão-general do Rio do Janeiro, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, que sucedera a Artur de Sá, seguiu para o arraial, com quatro companhias de soldados; foi, porém, enfrentado por Viana, o homem da vontade de ferro, e, sem demora, induzido a retirar-se.⁸ Em 1708, o governador foi sucedido por Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que era homem de índole diferente. Venceu Viana, tendo-lhe dado permissão para se retirar de Minas e viver em sua fazenda, perto do rio São Francisco. “Não se sabe se seus méritos foram recompensados pela Corte”, diz Southey.⁹ “Foram, contudo, reconhecidos pela (sua?) história.” Albuquerque, segundo se acredita, perdoou Viana por ordem datada de 22 de agosto do 1709. O rei (D. João V) posteriormente revogou essa ordem e determinou que tanto o chefe de bando como Amaral e seu secretário, Fr. Miguel Ribeiro, fossem presos. Alguns dizem que Viana morreu solto, outros dizem que morreu na prisão da Bahia. Essas discórdias civis acarretaram resultados duradouros. Os paulistas e mineiros são primos; mas os dois ramos ainda estão separados pelas batalhas do ouro do rio das Mortes e outros lugares.

Para além do belo subúrbio, fica a “Água Limpa”, pura como o Neva; bem merece o nome. O leito de pedregulhos é atravessado a vau, e, durante as chuvas, basta para a comunicação uma “pinguela”, uma viga, muitas vezes um simples tronco de árvore ainda arredondado e, quase sempre, sem corrimão.¹⁰ Um pouco acima, fica uma ponte em ruínas, datando do tempo em que havia em Matosinhos uma rendosa mina de ouro, que acabou com o rompimento de um dique, como em “*Sadd El Arem.*” Ao chegarmos à Câmara Municipal e Prisão, fomos detidos pela procissão do dia de *Corpus-Christi*; tiramos os chapéus, e ficamos sentados ao sol, até a procissão passar.

Nada há de notável na “função”. Todas as irmandades¹¹ ou Ordens Terceiras lá estavam: os brancos com opas vermelhas, os pardos com opas verdes, e os pretos – naturalmente – com opas brancas. Não faltavam os anjinhos, de saias curtas, calças compridas com babados, sapatos de cetim e asas, todos com menos de dez anos, aparentemente o “*nec plus ultra*” da idade angelical, e todos aprendendo a vaidade com gosto. Havia uma profusão de velas de cera e muito pouca arte nas imagens. O sacerdote mais importante carregava o Santíssimo, sob um pálio bordado, e militares com banda de música vinham atrás.

Essas procissões eram muito estimuladas por Nóbrega e os grandes luminares jesuítas de 1550. Sem dúvida, o espetáculo, a melodia e

o mistério arrastaram muito tupi tresmalhado do rebanho para o aprisco dos padres.¹² Aqueles ardorosos missionários foram seguidos por homens que pensavam como Hosius: “Retirem da Igreja a pompa e o cerimonial, e suas doutrinas tornar-se-ão fábulas de Esopo”. O rito não tardou a declinar e tornar-se um sistema de farsas e mascaradas, “cerimônias irreverentes e palhaçadas ridículas”.¹³ Em nossos dias, é perfeita e devidamente decoroso e cumpre o útil objetivo de reunir as pessoas”. É uma combinação de passeio, visita e piquenique – na realidade é o derivativo, o grande desfile, para a pobre vaidade humana, aqui tão pouco exaltada, em comparação com a Europa. E, como em toda a parte do Brasil, os cidadãos, primeiro, têm pouco que fazer fora de casa, e, segundo, têm ainda menos o que fazer em casa, esse estilo de devoção floresce. Em São João, ouvimos o toque de sinos de Oxford: durante todo o dia e metade da noite, escutava-se o “dobre”, toque vagaroso, quando é usada a corda, e o “repique”, toque ligeiro, em que o badalo é manejado com a mão. Era uma “fornalha de música”, uma “sinfonia de tempestade”.

Seguimos pela Praia ou Cais Oriental, revestido de pedra, ao passo que a outra margem não é. Essa última, “*en revanche*”, tem um pitoresco pedaço de aqueduto, ultimamente reparado. O rio de São João, chamado por alguns, descritiva mais erroneamente, rio Tijuco,¹⁴ atravessa a cidade, dirigindo-se ao reservatório comum a nordeste. Nesta estação, é um fio de água, correndo em um leito enlameado. Como muitos ribeiros outrora rurais da Inglaterra, precisa apenas de alargamento e limpeza. Duas pontes em estilo antigo, de sólida alvenaria, atravessam o córrego, cada uma com três arcos com cerca de vinte pés de vão; a leste, perto da Câmara, fica a Ponte Nova, parecendo muito velha, e encimada por uma cruz. Para oeste, fica a Ponte do Rosário.

Vista desse córrego, São João d’el-Rei é notavelmente pitoresco. Os edifícios muito brancos da parte norte da cidade espalham-se, triangulares, ao longo do cais; dali, abundante em casas altas, templos maciços e grupos de maravilhosas verduras e lindas flores, a cidade espalha-se, tendo ao fundo a selvagem e notável paisagem da Serra, outrora El Dorado, o foco do depósito aurífero. Para a esquerda, também estendendo seus pés para a cidade neles descansar, fica a serra do Lenheiro, que, segundo se diz, chega a uns 1.000 metros acima do nível do mar.¹⁵ É cheia de arestas e saliências, formadas por duras ardósias talcosas, com as quais em breve iríamos

familiarizar-nos, e o mato ralo e escuro encontra ali seu clina, o conjunto parece um cacto amplificado, um vasto espinheiro. Para a direita, está a Bocaina, a passagem do rio das Mortes, e, mais longe ainda, a serra de São José, irmã da do Lenheiro, mostra seus paredões.

Depositamos nossos quentes e empoeirados corpos no Hotel Almeida, de propriedade do Sr. Joaquim de Almeida, e mandamos nossas cartas de recomendação ao Capitão Custódio de Almeida Magalhães, que, obsequiosamente, insistiu para que fôssemos “passar mal” em sua companhia. Logo que chegamos, olhando para a porta da rua, vimos, no ato de montar a cavalo, um chapéu indubitavelmente britânico: branco, maciço e de abas largas. Ao contrário de Eothen, mas muito à feição de outros ingleses em circunstâncias semelhantes, tomamos a liberdade de indagar a nacionalidade do usuário do chapéu e, quando passou a surpresa provocada por aquela indiscrição, vimo-nos sentados, conversando com o Dr. Lee, natural de Kent. Ele se casara em São João d’el-Rei, ali se fixara e ali estava, “chegando e saindo”, há trinta e três anos. Logo em seguida, ele nos apresentou ao Sr. Charles C. Copsy, de Cambridge, que conhecera alguns de meus colegas de escola. Também ele passara pela Igreja; era tenente-coronel de um corpo brasileiro de voluntários de verdade, setenta e quatro jovens resolutos, bem armados e uniformizados; além disso, professor de Inglês, Geografia e Matemática no Liceu.

Foi uma agradável surpresa encontrar-nos tão inesperadamente com aqueles dois cultos cavalheiros britânicos, avivar lembranças, relatar aventuras e ouvir as ninharias referentes à nossa terra. Mais agradável ainda, foi verificar que a conservação dos hábitos domésticos não haviam permitido que eles se tornassem brasileiros. Brasileiro é bom, e britânico é bom; a mistura, como se diz de outras coisas, estraga duas coisas boas. É muito sugestivo o velho ditado:

Un Ingleze Italinato
É il diavolo incarnato.

Em verdade, “on n” a que trop souvent à rougir des compatriotes que l’on rencontre das les éloignées”. E, pela gentileza de meus compatriotas de São João, só lhes posso pedir que recebam os nossos cordiais agradecimentos.

Antes de terminar em sono esta noite tão agradável, convém prepararmo-nos para uma visita à cidade no dia seguinte.¹⁶ Quando Sebas-

tião Fernandes Tourinho descobriu, em 1572, as minas de esmeraldas, que se revelaram simples turmalinas verdes cor de capim, o interior brasileiro passou a ser, sem demora, atravessado por intrépidos bandos de exploradores e pioneiros, em sua maior parte paulistas. Os nomes geralmente citados são os de Bartolomeu Bueno da Silva, apelidado o Anhangüera, traduzido em geral para o Diabo Velho, e fazendo lembrar o Shaitan Ka Ohai de Sindh; seu cunhado, Antônio Rodrigues Arzão, de Taubaté; Fernão Dias Pais Leme, seu genro; Manuel de Borba Gato, já mencionado, e Tomé Pontes. Os primeiros veios e filões¹⁷ foram encontrados no rio agora chamado rio das Mortes, e a abundância de minério fez com que a região fosse chamada as Minas Gerais. Os cronistas deleitam-se em repetir que, naquele tempo, um alqueire de milho valia umas 275 gramas de ouro, hoje = £23, e um alqueire de farinha umas 145 gramas, enquanto um cavalo ou um boi valia de 300 a 400 gramas de ouro. Esses preços, acrescentam eles, liquidaram com a agricultura. Penso, antes, que o contrário é que deveria ser o resultado.

O arraial do rio das Mortes começou a existir em 1684. Em 1712, (*alii* 29 de janeiro de 1714) D. João, o Magnífico, denominou-o Vila de São João d'el-Rei.¹⁸ Em 8 de dezembro de 1713 (*alii* 1715), o Governador e capitão-general de São Paulo enviou seu primeiro ouvidor, Dr. Gonçalo de Freitas Baracho. Pela Lei Provincial nº 93, de março do 1838, São João d'el-Rei foi elevada a cidade, sede de uma comarca¹⁹ e de um distrito eleitoral. Em 1828, o Sr. Walsh atribuía ao Município uma população de 9.000 a 10.000 almas. Em 1859, esses números tinham-se elevado para 21.500, dos quais 15.200 eram livres, 100 estrangeiros e 6.200 escravos, elemento que estava em rápido decréscimo.²⁰ Havia 39 eleitores, dos quais 16 eram escolhidos pela cidade, 300 jurados e 1.600 votantes. A cidade tem cerca de duas milhas de comprimento do norte ao sul, contando com dez praças, vinte e quatro ruas e 1.600 casas, das quais oitenta são sobrados. O recenseamento de 1859 apresentou os seguintes dados:

Homens, livres	3.150
Mulheres, idem	4.650
Estrangeiros	50
Homens, servis	260
Mulheres, idem	390
Total	8.500

Não pretendo, nesta hora tardia, tecer reflexões acerca do mormonismo. Mas o que pensa o leitor, ou o que pensariam Milton e Priestly, acerca da relatividade desses números em um país tão francamente povoado? Não será um desgaste de capacidade produtiva? Na fértil Província do Pará, segundo meu amigo Mr. Williams, nascem de quatro a cinco crianças do sexo feminino, para uma do sexo masculino. Não é lamentável ver os homens, cegos pelos preconceitos da educação, negligenciando desse modo os bens que os deuses oferecem? Sem dúvida alguma, é tempo de algum Ilmo. Senhor Dr. Brigham Jovem surgir na Terra.²¹

NOTAS DO CAPÍTULO X

1. Southey, (i. 144) conta que esses morcegos mordem as orelhas dos cavalos, e os aterrorizam. O Príncipe Max (ii. 61) nunca ouviu homens mordidos por eles.
2. Todos os três do grupo foram sangrados no dedo grande do pé, na mesma noite. O Sr. Williams sentiu a dentada do animal e encontrou um ferimento com cerca de um oitavo de polegada de diâmetro.
3. Ou rio das Elvas, popularmente pronunciado Ervas; por isso, alguns viajantes escrevem “Hervas”. Será ele o “Widasmaoth”, que o Sr. Walsh (ii. 227) coloca perto do Barroso?
4. Arraial ou Real significa, o propriamente, o quartel do rei em um acampamento. Assim, diz Camões (iii. 42):

“Já no campo de Ourique se assentava
o arraial soberbo e belicoso.”

Daí, acabou significando campo de batalha. Em Minas Gerais, a palavra foi aplicada à povoação ou aldeia, nos velhos dias, porque aquela era, em sua maioria, fortificada e, em geral, situada perto de território ocupado pelos índios.

5. Nesses lugares, que são, em geral, bem aguados, senão estrumados as árvores frutíferas e os arbustos dão excepcionalmente bem. O “café do quintal”, por exemplo, significa algo muito mais viçoso que o cafeeiro que cresce no campo.
6. Segundo o preciso Varnhagen, “cabloco” ou “cabocolo” significa “pelado”, porque os aborígenes removiam os cabelos do corpo, como os cristãos brasileiros costumavam fazer, e os povos orientais ainda fazem. Marcgraff (*Hist. Nat. Bras.* 268) apresenta “carivocas” e “caboclos” como a mistura do branco, negro e índio, no que é apoiado por Gardner (pág.

- 22). O Príncipe Max chama os índios civilizados de “caboclos” (i. 30) e, em outro lugar (i. 110), dá a palavra como equivalente a tapuias, índios puros. St. Hil. (III, ii., 253) afirma que a expressão caboclo ou caboco é aplicada, depreciativamente, aos índios puros. No Amazonas, segundo informa o *Naturalista* (1.35), o índio civilizado é chamado do tapuio ou caboclo. De acordo com a minha experiência, a palavra significa, atualmente, um homem com mistura do sangue de raça vermelha e é aplicada, um tanto depreciativamente, mais ou menos como “negro”. Conheci, contudo, um homem que se chamava pelo apelido de “caboclo”. O Príncipe Max (i. 30-31) diz que a mistura do sangue branco e índio produz o mameluco, do negro e índio o cariboco (popularmente cafuz, que deu a corruptela cafuzo) e os indígenas são chamados de índios, os civilizados de caboclos e os selvagens de gentios, tapuias ou bugres.
7. Alguns escrevem “embuaba”. Casal dá, a respeito, uma explicação satisfatória (i. 235). V. Southey (iii. 885). Em muitas partes do Brasil, a galinha com penas nas pernas ainda é chamada de “emboaba”.
8. A tradição local diz que Viana, com 4.000 homens, encontrou-se com D. Fernando em Congonhas do Campo e obrigou-o, sob ameaça, a regressar ao Rio de Janeiro.
9. *História* (iii. 83)
10. Os índios do Brasil, como os do Orenoco, fazem pontes suspensas de cipó trançado da maneira mais simples, pontes essas que balançam acima da água. Um “corrimão” também de cipó permite à pessoa que atravessa manter o equilíbrio.
11. Fazendo confusão com essas instituições, o Sr. Walsh (ii. 134) diz haver dois conventos em São João, em uma ocasião em que não era permitido o estabelecimento de ordens religiosas em Minas Gerais.
12. “Les naturels ne connaissent de la religion que les formes extérieures du culte. Amateurs do tout ce qui tient à un ordre do cérémonies présentes, ils trouvent dans le culte chrétien des jouissances particulières”. Príncipe Max, ii. 395.
13. St. Hil. (III, i. 100). Uso as suas palavras, pois ele era um verdadeiro católico e “professante”, tanto quanto um cientista pode ser. Na Província do Pasto, no meio dos Andes, Humboldt viu índios dançando, mascarados e carregando campainhas, em torno do altar onde um franciscano fazia a elevação do Santíssimo.
14. Rio Tijuco significa “rio de lama”. A palavra tupi (ou língua geral) “tijuca” serve para denominar muitos lugares do Brasil onde os primeiros exploradores encontraram um mau “tijuco-paba” ou “tijuco-pão”, atoleiro ou lamaçal. O Dic. traduz “tiju”, por escuma, e “tijuca” por lama, barro podre ou apodrecer. Em São João, o rio Tijuco é um pequeno córrego vindo do norte, que, juntando-se ao Barreiro, vindo do besto, vai desaguar no rio Acima, a parte ocidental do córrego Sio João.
15. Alguns dizem 5.700 a 6.000. A cidade, porém, está apenas a 40 metros acima do nível do mar (Aroeira) e cerca do 70 metros abaixo de Barbacena. Lamento não ter feito observações para verificação da altitude, pois a temperatura leva a acreditar em uma altitude do 60 metros.

16. Vali-me, livremente, dos “Apontamentos da População, Topografia e Notícias Cronológicas do município da cidade de São João d’el-Rei, Província de Minas Gerais”. Por José Antônio Rodrigues, São João d’el-Rei. Tip. do J.A. Rodrigues. O autor ainda exerce a advocacia. Sua monografia é uma das muitas e valiosas monografias publicadas no Brasil; elas são pouco conhecidas pelas Sociedades de Geografia de Londres e Paris, e os viajantes deveriam ter o cuidado de consultá-las.
17. Veio é o filão de metal. Veeiro significa o corpo do metal. A palavra comum é véia, por ex.: “veias do quartzo que são veeiros”.
18. A maneira correta do escrever é São João d’el-Rei; todas as outras, como Del Rei, D’el Rey, D’El Rei e inúmeras modificações, são obsoletas ou errôneas. O antigo hispano-árabe “El” é reservado, em português, para o Rei, e exige um apóstrofo; a partícula “d” não pode exigir letra maiúscula, e, em português moderno, escreve-se Rei, e não Rey, que é espanhol.
19. Nos tempos da Colônia, a Comarca era um distrito dentro da jurisdição de um corregedor. Esta última denominação desapareceu, e a principal autoridade judiciária é o juiz do direito. Do mesmo modo, o juiz municipal tomou o lugar do juiz ordinário, de cujas decisões cabia recurso para o ouvidor. A comarca do rio das Mortes compreende os Municípios de São João, São José e Oliveira. Os municípios de uma comarca, por sua vez, são divididos em freguesias ou paróquias, e estas, também, se dividem em distritos.
20. Segundo fui informado, em 1867 o número de escravos no município era de cerca do 1.350 e na cidade de 500. Isso não é de se admirar em uma região pastoril, onde o trabalho livre é preferível à brutal negligência do africano, e cujos escravos têm sido, em sua maior parte, vendidos às zonas agrícolas do Rio do Janeiro, que ainda reclamam mais.
21. O texto pode parecer paradoxal àqueles, aos muitos que ainda acreditam que o canibalismo e o sacrifício humano, a escravidão e a poligamia são, por si mesmos, abominações, a soma de todas as vilanias, etc. Considero-os como outros tantos passos, ou melhor, condições necessárias, através das quais a sociedade civilizada se ergueu até o seu estado adiantado atual. Sem canibalismo, como poderia o zelandês ter conservado seu físico invejável? Certamente, não seria comendo ratos e morcegos. Sem escravidão, como poderiam as Antilhas e o sul dos Estados Unidos ter eliminado a selva? O homem branco não poderia e o negro não o faria. Sem poligamia, como poderia a estirpe de Abraão ter-se multiplicado tanto? No máximo, teria chegado ao dobro, em meio século. No Velho Mundo, uma volta àquele estado do seus primeiros tempos constituiria um retrocesso, uma volta ao barbarismo. O mesmo não se dá, porém, com as terras novas, que representam, numericamente, as condições que esquecemos há séculos.

.....

Capítulo XI

PASSEIO EM SÃO JOÃO D'EL-REI (Lado Sul)

*Hasta los palos del Monte
Tienen su destinacion:
Unos nascem para santos
Otros para hacer carbón!*

Essa citação, tomada ao Dr. Rodrigues, refere-se, um tanto vagamente, ao passado e ao futuro de São João. Para aqui, pouco depois do grande terremoto de Lisboa (1755), foi proposto transferir a sede do governo. Em 1789, como se verá, o movimento patriótico de Minas escolheu São João para sítio de seu Washington e Ouro Preto para a universidade.² Infelizmente, é difícil encontrar-se uma localidade importante, ou mesmo sem importância, na Província de Minas, que não sustente sua pretensão de tornar-se a metrópole imperial. Basta citar Campanha, Baependi, Minas Novas, Paracatu, Guaiçuí e até mesmo o lugar desabitado junto à corredeira de Pirapora, no rio São Francisco.

Na história, essas coisas se repetem. O Brasil nem sempre se mostrou satisfeito com sua presente capital, exposta, como é, aos ataques das grandes potências marítimas, e muito mais vulnerável do que era São Petersburgo, antes da Guerra da Criméia. Dentro em pouco, a mais antiga pretendente, São João d'el-Rei, verá seu nome mais uma vez sugerido. Duvido, porém, que o projeto seja levado a sério; as muitas vantagens de sua situação são contrabalançadas por uma posição pouco central.³ O vale do São Francisco não custa profetizar – será, com o correr dos tempos, a sede escolhida para a metrópole do Império dos Diamantes.

No mais curto dia do ano, dispusemo-nos a visitar a cidadezinha, guiados pelo Sr. Copsy, cujo conhecimento do local facilitou tudo. Na Rua Municipal, encontramos a sede da municipalidade, um grande prédio, cujo andar térreo exhibe janelas gradeadas e sobre cuja fachada, em cima da porta, há as armas imperiais e da Justiça em relevo; além do mais, não é acompanhado de uma loja. Nas cidades brasileiras, como nas colônias espanholas, uma homenagem prática é tributada ao comércio em quase todas as melhores casas, cujo andar térreo é transformado em loja ou armazém. Esta, a Câmara Municipal, tem, como acompanhamento, a cadeia – outra “instituição”. É um tanto bárbaro, tem um sabor do ciumento Begum Sombre, realizar sessões legislativas sobre a cabeça dos enterrados vivos; e a desmoralizadora proeminência e publicidade do encarceramento de mendigos deveria ser abolida, e será abolida, logo que o permita a renda municipal, presentemente muito reduzida.⁴

O prédio, de pedra embaixo e adobe em cima, é policrômico, e não destituído de beleza. Tem pouco mais de 24 metros de fachada por 26,5 de fundo, nada do quadrado habitual e da usadíssima cor de vinho. Conta com cinco entradas, todas com portas gradeadas de ferro: a principal tem guaritas para sentinelas. Visitamos o salão nobre de 22 metros por 11, onde, como de costume, uma grade de ferro separa os jurados dos vereadores reunidos em sessão. O teto do lado oeste está, confessadamente, precisando de reparos. No lado norte, fica a Biblioteca Pública, aberta diariamente, e severamente decorada com o retrato de um benfeitor local. Batista Caetano, o “sujeito compenetrado” de Mr. Walsh, morreu. O bibliotecário atual é surdo como uma porta, e ignora quantos volumes tem sob sua responsabilidade. Calculamos em 3.200, e fomos corrigidos pelo *Almanaque*, que afirma irem eles a mais de 4.000. O alimento intelectual consiste, principalmente, de fólhos antigos e hoje dificilmente legíveis, e atarracados *in quarto*, que alimentaram o espírito dos clérigos e o corpo das traças. Aqui, como na velha Roma, o bibliotecário poderia cantar:

*Constrictos nisi das mihi libellos
admittam tineas trucesque blattas.*

São João tem razão de lembrar seus homens de letras. Um dos seus filhos, Manuel Inácio de Alvarenga, escreveu a *Gruta Americana*

e, com o pseudônimo de Alcindo Palmireno, foi membro da Arcádia Mineira.⁵ A segunda notabilidade foi João Antônio Ferreira da Costa e a terceira o satírico Padre Manuel Joaquim de Castro Viana. Acrescente-se a esses três poetas um certo número de “oradores sacros”, os “terrores do pecado” e eloqüentes “ecos do Evangelho”. Além desses, um arquiteto, um pintor e um escultor são mencionados pelos estudiosos. Há, na cidade, dois coros e quatro professores de piano. Toda pessoa de certa educação até mais ou menos, um músico.

Daí, subimos o morro, para ir ao Externato de São João. Esse estabelecimento foi fundado em 1848; chamava-se, a princípio, “Duval College”, nome de seu fundador, Mr. Richard J. Duval,⁶ que foi empregado das minas de São José, quando seu primo, Mr. G. V. Duval, era diretor da Gongo Soco. Depois, o colégio passou a ser dirigido por um francês, M.A.M. Delverd, e foi denominado Liceu pelo Conselheiro Carlos Carneiro de Campos. Sua localização, no extremo sul da cidade, é admirável, e tem uma vista magnífica. O velho prédio já abrigou a Casa de Intendência, onde se fazia a inspeção do ouro, a Fundação,⁷ a Residência dos ouvidores e o quartel das tropas de linha. Infelizmente, sua própria localização apresenta uma séria desvantagem. Nestas terras, onde a arte ainda não adquiriu força suficiente para dominar a Natureza, as violentas tempestades que abrem a estação das chuvas, flagelos de fogo e água, são perigosamente elétricas. Há cerca de quatro anos um raio atingiu o Liceu; um bólido, semelhante ao que entrou na Igreja de Stralund,⁸ demoliu uma das extremidades do frontão e só por milagre escaparam todos os oitenta alunos. Tomo a liberdade de sugerir uma despesa de £5 com um pára-raios.

Assistimos à aula de Geografia ministrada pelo Professor Copsy, e completei-a com algumas observações referentes à África Oriental e Central. Os jovens pertenciam à nata social: bem-nascidos, bem-vestidos, bem-comportados e, aparentemente, bem-dispostos a estudar. Além daquele estabelecimento aristocrático, São João possui escolas mais humildes. Há duas “Casas de Minerva”. A primeira, Escola Nossa Sr^a das Mercês, na parte norte da cidade, dirigida por D. Policena Tertuliano de Oliveira Machado. A segunda fica no centro da cidade; seu inspetor-geral é São Francisco e sua diretora D. Antônia Carolina de Campos Andrade.

Dirigimo-nos, então, para o norte, rumo à Santa Casa de Misericórdia, uma das mais antigas de Minas. Foi construída em 1817, no

lugar onde ficava o Asilo dos Pobres, por Manuel de Jesus, monge espanhol, que não dispunha de fundos superiores a £2. Atualmente, o hospital conseguiu todos os privilégios gozados pelo estabelecimento congênere de Lisboa; foram-lhe legadas grandes somas, sendo-lhe acrescentada uma bela capela caiada, sob a invocação de Nossa Sra. das Dores. Possui, também, anexos para insanos, leprosos e portadores de doenças contagiosas. O preço do internamento é de 2\$000 para homens livres, por dia, e 1\$500 para escravos. O número de pacientes vai de sessenta a setenta por ano.⁹

Depois, voltamo-nos para oeste, passando pela igreja de São Gonçalo Garcia, pertencente à Confraria Episcopal de São Francisco e São Gonçalo, agregada ao Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Pertencem a essa ordem homens de todas as cores e de todas as classes, exceto a servil. O prédio é uma simples casca, uma inacabada ruína, de tão exposta, e, sem dúvida, exigirá muito tempo para se tornar uma Casa de Deus apresentável. Perto, fica uma magnífica cambucaia, parecida com um mirto Eugenia, quatro vezes aumentado. Também se vêem ali duas majestosas sapucaias (*Quatele* ou *Lecythis Ollaria*), vestígios da floresta virgem, que outrora adornou a terra. Os aborígenes usavam essa planta para dela extrair o “cauim”¹⁰ ou vinho: as folhas me fizeram lembrar de duas enormes mangueiras, no consulado de S.M. em Fernando Pó. A pesada fruta da árvore, que, sem dúvida alguma, serviu de modelo para a olaria indígena, tão celebrada como armadilha de macaco, e tão apreciada pelas araras, torna perigoso dormir embaixo da sapucaia, como da “calabash” africana, da “Jack” da Índia ou do “dorynan” de Bornéu. Os poderosos ramos ostentam os bem feitos ninhos de barro do furnarius, aqui chamado João-de-Barro (*Merops rufus* ou *Turdus figulus*). Os aposentos são feitos em miniatura, como as partes de um “Kraal” dos cafres, e a pequena entrada não é voltada, necessariamente, para a mesma direção; os vizinhos viram as costas uns para os outros, tão civilizados como os londrinos ou os parisienses. Esses pássaros de um amarelo avermelhado costumam divertir os viajantes. Sentia-me em sociedade, quando os via passando na estrada na minha frente, sem dúvida alguma para chamar minha atenção, e tagarelado à sua moda, talvez com esperança de uma resposta. Nesse caso, certamente não precisamos perguntar a J.J. Rousseau se as aves conversam ou não.¹¹

Já que estamos na iminência de visitar a igreja mais famosa de São João, se não de Minas Gerais, será aconselhável uma ligeira digressão

sobre a arquitetura eclesiástica nessa parte do Brasil. Nos velhos tempos, a primeira idéia dos mineiros de ouro ou especuladores bem sucedidos era mandar construir e consagrar um templo; daí, o número excessivo de santuários nas velhas cidades, e a acentuada raridade de prédios modernos. Se os pedreiros, porém, eram facilmente encontrados, o mesmo não se dava com os arquitetos; em conseqüência, as igrejas constituem um testamento eloqüente da piedade e inteligência dos antigos mineiros, mas não de sua “instrução”. O estilo, em sua maior parte introduzido pelos jesuítas, é pesado e desgracioso; tenta combinar as linhas verticais do gótico com a linha horizontal da arquitetura clássica, e falha visivelmente. O viajante não deve esperar encontrar as naves com colunas, os clerestórios, as capelas da Virgem, ou as casas capitulares do Hemisfério Oriental. Quando a construção é em forma de meia cruz os braços do transepto são escondidos pelas sacristias, corredores e outras peças, que ocupam o espaço entre as paredes duplas. Poucas têm tetos entalhados e decorados; uma simples cortina, cobrindo o trono toma o lugar dos véus, frontais e superfrontais; não há estantes ou pendentives do púlpito, não há capas de livros artísticas nem marcadores trabalhados – em verdade, o requinte eclesiástico brilha pela ausência.

Nada igual ao Panteon ou à Catedral de Ruão foi jamais aqui tentado. A igreja brasílica é a forma mais humilde do Palácio da Justiça Palatino e do Templo Sagrado, que os entusiastas brasileiros fazem descender do Tabernáculo no deserto. A integridade do Palácio, contudo, foi dividido entre a nave e o coro. Esse plano pode ser bastante grandioso, quando suas dimensões são as da velha catedral da Bahia. Geralmente, porém, a primeira impressão para o estrangeiro é que se encontra em um simples casarão, e seu efeito é muito pobre, quando falta o elemento físico da grandiosidade: o tamanho.

Por outro lado, a igreja, no Brasil, tem a vantagem de não exigir qualquer rumo para a fachada; Jerusalém fica tanto ao norte, como a sueste como a oeste desta região. A igreja é quase sempre construída no ponto mais alto e mais belo, e há em frente um grande espaço aberto, pelo qual São Paulo e Westminster em vão suspiraram. O perigoso sistema de edifícios invadindo uns aos outros, das velhas cidades, é desconhecido, a atmosfera pesada de nossos centros urbanos está ausente e onde nenhuma chaminé pode ser encontrada, não é de ser temida a concentrada escuridão

da fuligem. Inexiste, evidentemente, a sombria tristeza de uma praça de Londres gradeada de ferro, com seu ar de prisão. O rápido crescimento das árvores e a admirável abundância de água, finalmente, formam ornamentos naturais e artísticos sempre à mão.

A igreja da Ordem Terceira de São Francisco, nossos velhos frades cinzentos, opostos aos frades negros ou dominicanos, pertencem a uma irmandade que conta com mais de 5.000 membros, em sua maior parte do sexo masculino. Como seus irmãos do Carmo, são independentes da jurisdição paroquial, e a fiscalização compete à sua sede, no Rio de Janeiro. O templo está construído na parte mais alta da praça, e uma bela escadaria de pedra conduz ao adro ou plataforma. Há um chafariz de duas bocas, alimentado por água vinda das montanhas do sul da cidade, e a simetria exige um chafariz correspondente do outro lado. O cemitério da irmandade fica atrás da igreja, e um modesto hospício dos Irmãos da Terra Santa destoa um tanto do conjunto.

Tem-se dito que o escultor da igreja de São Francisco não usava régua, mas compasso; não há uma única linha reta, a não ser a vertical; o formato escolhido foi o oval, a divisão é em naves e mesmo os telhados são curvos. As dimensões são 53 metros por 14, e a alvenaria é tão sólida que as paredes sustentam os degraus do púlpito, que têm cerca de 70 centímetros de largura. Uma inscrição sobre a porta principal dá a data da inauguração, 1774. A tradição local conta que a igreja foi construída sobre uma humilde capela, que teve permissão de ali ficar, como a cabana da velha sob o teto do palácio de Anushiraw, o Justo. Como é fácil ganhar fama! A fachada tem duas janelas, o frontão é encimado pela cruz grega de dois braços, ou cruz do sepulcro, e o tímpano apresenta Jesus Crucificado, São Francisco recebendo os estigmas e alguns acompanhamentos. Sobre a entrada principal, estão os instrumentos da Paixão e os “braços”, literal e metaforicamente, do Orago ou Santo Padroeiro; a pirâmide sustenta uma Nossa Sra. da Conceição com nuvens de pedra, entre querubins gorduchos, que exibem uma substanciosa divisa:

*Tota pulchra es Maria, et
Macula originalis non este in Te.*

Isto mostra quão cedo o dogma ibérico, antigamente tão popular na Inglaterra católica, fora reconhecido no Brasil, e quão prontamente a “doutrina progressiva” da co-redenção será aceita.

O material de construção é excelente, uma bela esteatita azulada e, às vezes, de um verde maçã, que, quando são raros os fragmentos de ferro octaédrico, recebe um belo polimento. A escultura faz lembrar os trabalhos em madeira, com laboriosíssimos altos-relevos; é o trabalho – Hibernice — de um homem sem mão, cujas obras encontraremos espalhadas em toda aquela parte da Província. Esse homem é, geralmente, conhecido como o Aleijado ou Aleijadinho;¹² alguns o chamam de O Inacinho, outros de Antônio Francisco. Seu trabalho foi feito com as ferramentas amarradas por um ajudante aos cotos que representavam os braços, e seu caso não é o único de surpreendente atividade de um tronco de homem ou de mulher. Prova-o a falecida Miss Biffin.

O campanário tem 33 metros de altura, e é de um formato particular, e muito comum em Minas Gerais: paralelogramas tornados quase cilíndricos por pilastras bem ajustadas aos ângulos; os capitéis são originais, em parte coríntios, em parte grandemente compósitos. Esse pode ser chamado o estilo de torre “redonda-quadrada”, e nada, a não ser a novidade da excentricidade, o recomenda. Os povos jovens, como as pessoas jovens, devem aprender que o gênio começa limitando e acaba criando; quando o último processo precede, precocemente, o primeiro, o resultado tende a ser sem gosto, desgracioso, grotesco. Os defeitos principais das torres são suas cúpulas, meros fornos, copiados, segundo parece, do formigueiro dos cupins ou do ninho do João-de-Barro. Ambas poderiam ser retiradas e substituídas por algo que se harmonizasse com o corpo da igreja. Pode-se subir com facilidade nas torres; uma grade de ferro as torna seguras e o repique dos quatro sinos é melhor que o habitual.

Passando em torno do polido “tapa-vento”, muito bem trabalhado, oferta da boa Mrs. Lee, avistamos um recinto do qual o Sr. Rodrigues diz que “nada deixa a desejar”. Que me seja lícita, porém, uma delicada crítica quanto aos vitrais e às almofadas trabalhadas. Os azuis e brancos parecem frios e rudes, mesmo sob esse sol maravilhoso, e as belas madeiras de lei do Brasil são raspadas e pintadas, para ficarem parecidas com o mármore. A balaustrada da galeria superior, de onde estão suspensos os candelabros, é pintada de vermelho. E do centro do teto, pende um lustre enorme,

com cerca de trinta e seis luzes, muito mais apropriado a um teatro do que a um santuário.

O coro, como é habitual no Brasil, ultrapassa a entrada. É suportado por um arco baixo e escuro, do tal vão e tão pequeno arqueamento, que merece o título do manuelino, tal como é visto na gloriosa Terra do Belém, em Lisboa. O sienito o mantém de pé, a despeito de todo o empuxo, e as iniciais de quem o projetou merecem figurar sobre ele. Há os seis altares laterais do costume.¹³ Do altar-mor, podemos notar que o santuário e a nave têm tetos diferentes. O trono e os nichos laterais mostram colunas retorcidas o com festões, brancas e douradas, cheias de rocortes e entalhes, com querubins pintados, de expressão desagradavelmente jovial.¹⁴ O Retábulo é a Santíssima Trindade, em tamanho natural. O Criador distingue-se do Preservador por uma túnica vermelha e um triângulo dourado, em vez de Pacoroa, ficando entre os dois, de asas abertas, um pombo branco e vermelho. Embaixo, há uma grande imagem de Nossa Senhora da Conceição, sustentada por Santa Rosa de Viterbo e Santa Isabel, Rainha de Portugal. “Tudo infunde respeito”, diz o livro que nos serviu de guia. Que teria dito disso tudo meu velho preceptor, Mirza Moliamed Ali, o Shirazi?

Os brasileiros têm um grande pendor hereditário para a escultura em madeira, na qual a terra do Ebro se destaca no mundo. Aqui, a obra-prima é São Pedro de Alcântara, com a túnica rasgada e tudo mais, esculpido em um só bloco. A imagem mais cultuada é a do Senhor Bom Jesus de Monte Alverne, a respeito do qual se conta a história seguinte: Estando a Ordem, simultaneamente, na falta de uma imagem e de dinheiro, dispôs-se, de qualquer modo, a fazer a encomenda; apareceu uma pessoa que reclamou, como sinal, apenas o material e os instrumentos de sua profissão, pedindo pelo serviço uma quantia avantajada. No tempo marcado, apresentou sua obra à Irmandade e desapareceu. Os homens sensatos supõem que tenha sido algum pecador arrependido, que escolheu aquela curiosa penitência para salvação de sua alma. Esperávamos ver a imagem, mas a única informação que conseguimos a respeito do sacristão foi: “Está na rua” – resposta geralmente dada a todo aquele que indaga o paradeiro de alguém, nas cidades do interior brasileiro.

Mais ao sul, e com uma linda vista, está a modesta capela do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Tem em frente quatro palmeiras, e o morro

que lhe dá acesso é coberto de capim-do-campo e graminha, ambos amarelos de fome e sede. Por aquele caminho, em 17 de junho de 1842, os revolucionários mancharam, vindos de Elvas, e tiveram a cidade a sua mercê. Um mês depois, os deputados provinciais ali se reuniram e aprovaram solenemente o movimento. O presidente em exercício cometeu o erro fatal de deixar 500 homens sob o comando de Alvarenga, um de seus melhores oficiais, para guarnecer a cidade, em lugar de mandá-lo para o campo de batalha. É aqui que, no dia 7 de setembro, a Sociedade Ipiranga se reúne, para festejar o Dia da Independência.

Descendo o morro, entramos no correio, um indicador da civilização no Brasil. Encontramos uma sala e três funcionários, que nunca tinham ouvido falar em “entrega postal”.¹⁵ É um fato lamentável, em uma cidade que, como a velha Ilchester, tem uma dúzia de igrejas, que queima 2.400 quilos de cera por ano e onde há um alfaiate especializado em fazer batinas.

NOTAS DO CAPÍTULO XI

1. A idéia é horaciana:

*Cum faber, incertus scammun faceretne
Priapum, Maluit esse deum...*

2. Varnhagen, com razão, considera isso uma grande idéia, e sugere que tanto a capital, como a universidade, fiquem na Província de Minas. O brasileiro pode “esperar um pouco” pela metrópole, mas não deve ter paciência para esperar pela *Alma Mater*.
3. São João fica a 24 léguas a sudoeste de Ouro Preto, Capital de Minas, e a 60 léguas a noroeste do Rio de Janeiro. Segundo se diz, uma estrada que passasse por Bom Jardim, a 18 léguas ao sul, reduziria a distância de 60 para 50 léguas. Calcula-se em 28 léguas a distância entre São João e Rio Preto, a cidade mais próxima da Província do Rio do Janeiro, e em 34 léguas a distância entre São João e a mina de Morro Velho.
4. Em 1859, a renda anual da Câmara era de 6:000\$000 a 7.000\$000. Os impostos eram:

Arrecadados pela Coletoria Provincial.....	21:000\$000
Arrecadados pela Coletoria Geral (Imperial).....	22:000\$000
Total.....	43.000\$000

- Não incluindo impostos sobre exportações e importações e pedágios (barreiras), que podem alcançar outro tanto. Assim, diz o Sr. Rodrigues que o município contribui para os cofres públicos com mais de cem contos de réis (£10.000) por ano.
5. Manuel Inácio de Alvarenga foi preso pelo Conde de Resende, nos cárceres subterrâneos da Ilha das Cobras, mas não deve ser confundido com outro famoso conspirador, o poeta lírico, Inácio José de Alvarenga Peixoto (*Plutarco Brasileiro*, por J.M. Pereira da Silva, págs. 323-330. Rio de Janeiro, Lemmert, 1847). V. caps. 35 e 36.
 6. Mr. R.J. Duval ganhou dinheiro aqui, tornou-se Inspetor de Tráfego da E.F. D. Pedro II e morreu em 1861. Seu filho, segundo acredito, é comerciante no Rio de Janeiro.
 7. Mr. Walsh (ii. 138) apresenta uma boa e minuciosa descrição da fundição de ouro. Diz, porém, erroneamente, que em Minas, antigamente, cada comarca tinha sua intendência e sua casa de fundição. O erro foi notado por St. Hilaire.
 8. Essas “bolas de fogo” são uma forma freqüente dos raios no Brasil, como na África Oriental, e merecem uma observação cuidadosa. Em São Paulo, vi muitas vezes o fluido elétrico subindo no céu, para o lado Suleste, e, a uma altura de cerca de 60°, projetar um certo número de globos, como um monstruoso pistolão. As casas são, muitas vezes, atingidas por esses globos, como tive ocasião de testemunhar pessoalmente, e nada, a não ser esses bólidos, pode explicar a maneira por que se incendiou um de meus mapas.
 9. Em 1864-1865, o hospital tinha de fundos 95:941\$019. A receita foi de 10:357\$654, a despesa de 7:800\$983, e o saldo favorável de 2:556\$871. O Recolhimento de Expostos ganhou 13:241\$000, gastou 500\$000, e teve um “superavit” de 12:741\$000. O número de internados no hospital foi de 224; de mortes, 51; de curados 124, e de doentes ainda em tratamento, 49. Dos “expostos” durante o mesmo período, cinco de cada dez morreram.
 10. O T.D. traduz “cauim” por vinho e “cauim-tatá”, literalmente por aguardente. Tem-se, em geral, a palavra como derivada de caju (a fruta do *Anacardium occidentale*) e *yg* ou *i*, água. Aquela fruta assegura a necessária fermentação. O “cauim”, como o “koumis” é escrito pelos viajantes de maneiras tão diferentes que mal podem ser reconhecidas; por exemplo, “caoui”, “caouy”, “caowy”, “kaawy”, etc. É um termo genérico, e se aplica, a cerca de trinta e duas diferentes preparações de mandioca, banana-de-são-tomé, milho, abacaxi, batata-doce e cana-de-açúcar, cultivada ou selvagem. O Príncipe Max (i. 115) compara a forma mastigada com a “ava” ou “kava” descrita por Cook na Oceania.
 11. A última apreciação desse célebre personagem, o “eleuthero maniac”, é feita pelo Sr. Castilho (Escav. Poet.):

João Jacques (certo animal
Que trata de educação)
 12. O Aleijadinho era, segundo acredito, o apelido de um pintor, José Gonçalves, que viveu no Rio de Janeiro (*Pequeno Panorama da Cidade do Rio de Janeiro*, por Moreira de Azevedo. Rio, Paula Brito, 1861. Vol. i, pág. 77). Há uma biografia desse artista, mas não consegui encontrá-la.

13. Os altares da direita são:

Nº1. São Luís de França, São Boaventura, Santo Antônio e o Menino Deus.

Nº2. São Pedro de Alcântara, Santa Quitéria e São Bento (que não deve ser confundido com São Benedito).

Nº3. Jesus Crucificado beijando São Francisco de Assis (o padroeiro dos missionários que construíram São Francisco da Califórnia), apoiado por Francisco de Paula e um Papa. Na base do altar, São Francisco de Assis morto.

À esquerda, os altares são:

Nº 1. São Francisco de Assis, São João Nepomuceno e a Sagrada Família.

Nº2. São Lúcio, Santa Bona (que era casada), São Domingos e São João Evangelista.

Nº3. Santa Margarida de Cortona, São Roque e São João Nepomuceno.

O sistema de seis altares parece ser geral em Minas, onde algumas igrejas ficam atravancadas para cabê-los.

14. “Serafins de semblantes risonhos”.

15. Até há muito poucos anos, os viajantes faziam a mesma queixa dos Estados Unidos. O serviço postal de dois pence na Inglaterra data apenas de 1683, quando David Murray, de Paternoster Row, o projetou.

.....

Capítulo XII

O NORTE DE SÃO JOÃO D'EL-REI

Não há uma pedra posta pela mão do homem no centro de suas cidades, que não exprima uma idéia, que não represente uma letra do alfabeto da civilização.

Manuel de Araújo Porto-Alegre

Completamos o círculo da parte norte da cidade visitando os nossos compatriotas na Rua da Prata, a Belgravia local, e a melhor rua da cidade. Eles nos cumularam de pequenos presentes, uma sineta e amostras de ouro da velha mina, ferro magnético e jaspe rolado pela água, a verdadeira formação de diamante de Bagagem.¹ Levamos conosco uma valiosa receita, que denominei de pílulas do Dr. Lee, uma simples semente do *Ricinus communis* tomada de três em três horas, a terceira sendo, em geral, suficiente. Ele merece uma medalha da Sociedade Humanitária, por ter tornado tão fácil o que para alguns é impossível. Mostraram-nos a azeitona-da-áfrica, um arbusto de cinco metros de altura, com folhas semelhantes às do chá e uma copa arredondada. Ela produz, em todas as estações, cápsulas redondas, contendo umas cinco amêndoas de três lados, com o tamanho correspondente a uma quarta parte da noz de avelã; proporcionalmente, são mais oleosas do que a “Palma Christi”.² Um quarto de alqueire* dá cinco garrafas de um óleo claro, sem cheiro, empregado para finalidades culinárias.

Também vimos o copal brasileiro, do qual há grandes depósitos em Minas e São Paulo; o que vimos procedia de Oliveira, situada a

* Alqueire é antiga medida de capacidade para substâncias secas e líquidas, variando em valor de lugar para lugar. Em Lisboa o alqueire equivalia a 13,8 litros e por isso no Brasil tinha o mesmo valor. (M.G.F.)

16 léguas a noroeste. Esse breu, como é vulgarmente chamado, é o produto de florestas extintas, compostas de várias espécies de *Hymenaea* semimineralizadas pelo calor e pela pressão. Como o da África Oriental, apresenta o que se chama “pele de galinha”, ou marcas de areia; muitas vezes, contém moscas e fragmentos de cortiça; é alterado por álcool, e quase se dissolve no éter no clorofórmio. Esse ótimo verniz era exportado para a Europa, no princípio deste século, antes que as costas da África Ocidental e Oriental, passassem a fornecer o produto preferido pela indústria. Tornará a aparecer em nossos mercados, quando se resolver o problema da mão-de-obra no Brasil. Os aborígenes costumavam fazer do copal verde ou bruto – o “chakazi” do Zanzibar – cilindros de um pé de comprimento e com a espessura de um dedo, servindo de molde uma taquara oca. Esses batoques eram presos ao lábio por meio de um diminuto gancho e ficavam pendurados até o peito do usuário.

Também nos foram mostrados exemplares da baunilha nativa, preparada pelos nossos anfitriões. As vagens são penduradas em uma corda e postas a secar, todos os dias, ao sol e ao ar, mas de maneira a não se tornarem excessivamente secas. Por duas vezes, com um certo intervalo, é aplicado o óleo da “azeitona-da-África”, por meio de uma pena. Há quem corte as vagens e salpique dentro delas açúcar e sal. Esse valioso produto é de há muito conhecido no Brasil; uma lei colonial de 1740 proibia o seu corte. O autor do poema *Caramuru*, cuja primeira edição é de 1781, fala sobre ele (Canto 7, es. 47):

A baunilha nos cipós desponta,
Que tem no chocolate a parte sua:
Nasce em bainhas, como paus de lacre,
De um suco oleoso, grato o cheiro acre.

Ao passo, porém, que os espanhóis exploravam a “vaynilla” (*Epidendron vanilla*), mesmo em sua época do ouro e da prata, os portugueses, especialmente os paulistas e os mineiros, sistematicamente a negligenciavam, e nossos livros a ignoram. No entanto, a planta cresce em grande parte do Brasil intertropical, e, em certos lugares, perfuma a atmosfera. Parece, portanto, se reproduzir sem a arte.³ As vagens que nos foram oferecidas em São João eram grandes, carnosas e muito escuras; conservaram durante meses seu cheiro característico.

Continuamos nosso caminho, atravessando a Ponte do Rosário, para visitar a parte norte da cidade. À nossa esquerda, estão as ruínas da igreja de São Caetano, que desmoronou em 1864, ou por aí, e que não foi restaurada. Um bom sinal! Aquele velho adágio, quanto mais perto da igreja mais longe da graça, tem uma significação geral, e, em todo o Brasil, a Idade da Fé deve ser seguida pela Idade do Trabalho; além do mais, estradas construirão igrejas, mas igrejas não farão estradas. A peculiaridade daquele tempo era ter o altar-mor muito maior do que a nave. Um certo guarda-mor, o comandante local, ordenou ao arquiteto que assim fizesse e obrigou a se calarem os opositores, afirmando: “Tudo que é mor, é maior”.⁴ A mesma igreja trazia a insolente inscrição: “O Rei depende de nós, e não nós dele”. Minha autoridade salienta, a respeito, quão pródigos de fidalguia eram aqueles homens, que, em sua maior parte, reconhecidos plebeus no Velho Mundo, compravam títulos e “fundavam famílias” no Novo.

Subimos a Rua da Prata, com dificuldade. Algumas vezes, há um passeio muito alto ladeando as ruas calçadas, mas tanto a rua como o passeio são igualmente atroz. As pedras, em forma de rim, são tão escorregadias quanto duras, e o novato caminha por ali como uma criança brincando de amarelinha. Os efeitos sobre o dedão do pé e o dedo mindinho dos são-joanenses devem ser sensíveis – e não poderia o mal, ou grande parte dele, ser remediado com umas poucas carroças de cascalho ou macadame bem pulverizado? Naturalmente, não se vê veículo algum de roda; as “pessoas carregadas” têm de se contentar com a antiquada cadeirinha ou bangüê,⁵ uma liteira superdesenvolvida, carregada por duas mulas. “Em revanche”, a cidade é bem abastecida de água, e se se dispusesse a gastar dinheiro, cada praça e cada rua teria o seu chafariz. Presentemente, há três grandes chafarizes, além de nascentes, cujas águas os homens preferem, que estão espalhadas pelos arredores da cidade. Algumas, segundo nos disseram, desapareceram, e as chuvas que, como é habitual nessas regiões montanhosas do Brasil, começavam em agosto, agora adiam sua chegada até novembro, sendo a causa provável o desmatamento.

Sentimo-nos de todo *morgués* pela população juvenil; os jovens tiravam nosso retrato mentalmente como se cada par de olhos fosse o de um carcereiro. Em Barbacena, os jovens nos olhavam boquiabertos; aqui, eles, além disso, punham a língua de fora, não para fazer careta, mas de puro estarecimento. Os cidadãos são considerados como vivos, inteligentes,

amantes do estudo e ávidos de informação; a curiosidade dos menores promete bem – sem curiosidade não há indagação. Notamos ermidas, ou pequenos oratórios, espalhados. Por outro lado, não há um mercado fixo e a quitanda⁶ é exposta nos habituais “quatro cantos”, isto é, nos pontos em que as ruas se cruzam. O lugar predileto dos alfaiates é o da sombra. Isso se compreende, quando se sabe que, nos últimos quatro anos, a temperatura mínima tem sido de 6,6° e a máxima de 36,6°. Havia muitas casas para alugar e indícios de depreciação das propriedades em São João, depois que terminou sua segunda e última “*aurea aetas*”. Um “palacete”, construído por £5.000, em uma ocasião em que a mão-de-obra valia menos da metade do que vale atualmente, é vendido agora por £750. Aqui, porém, como em qualquer outro lugar, há três avaliações distintas, a saber: a do comprador (-), a do vendedor (+) e a do avaliador (+- ou =).

Vendo a igreja de Nossa Sra. do Rosário, não precisamos ser informados de que se tratava de um lugar especial de culto para o *Homo niger*. O templo revela seu mau gosto, na forma e no colorido; não há campanários, pois a última torre foi demolida, para se evitar a sua queda; uma lâmpada de prata, pesando 25,74 kg, furtada há pouco e provavelmente por um membro da irmandade, deixou a ordem pobre. Os hamitas têm um cemitério melhor que a igreja; sua situação foi bem escolhida e, no portão, há uma caveira, não dolococéfala, como deveria ser, baseada no dístico

Eu fui o que tu és,
Tu serás o que eu sou.⁷

do que nós, antropólogos, duvidamos.

Na parede da igreja do Rosário, mostraram-nos uma “Deusa Astréia” ou figura da Justiça, de pedra, semidecapitada e caída no chão; não deixava de ser sugestivo. Logo em seguida, chegamos à igreja matriz, cuja padroeira é Nossa Sra. do Pilar, e que reúne as irmandades “dos Passos, do Sacramento, da Boa Morte, de São Miguel, das Almas (do purgatório) e de Santa Cecília”. Abster-me-ei de descrevê-la, depois da igreja de São Francisco. A construção data de 1711, exceto a fachada moderna, obra do Sr. Cândido José da Silva. Há seis altares laterais, e um, na parte superior, para o Sacramento. O altar-mor é, como os dois púlpitos, de madeira antiga dourada e o teto é também dourado, pintado e retabular, ao passo que a nave é simples-

mente abaulada. É curioso constatar que o templo está terminado. Como os governos provinciais costumam conceder pequenas subvenções anuais às “matrizes”, em geral estas sempre ficam precisando de um acerto final.

Descansamos em casa do professor de latim do Liceu, Dr. Aureliano Pereira Correia Pimentel. Que o elevado gosto literário não acabou em São João, pode ser provado pelo fato de estar aquele cavalheiro estudando, sem professor, hebreu e sânscrito. Ele teve a bondade de oferecer-me as sátiras, epigramas e outros poemas do Padre José Joaquim Correia de Almeida,⁸ e aconselhou-me a traduzir a *Assunção* de Frei Francisco de São Carlos.⁹ São conhecidos alguns nobres traços de caráter do professor. Pouparei à sua modéstia o aborrecimento de vê-los impressos: há, porém, poucos homens, com mais família que fortuna, dispostos a reduzir os juros sobre uma herança de cinqüenta a cinco por cento.

O fim de nossa peregrinação foi a igreja de Nossa Sra. do Carmo, administrada pela Ordem Terceira daquela padroeira; seus principais benfeitores eram o Barão do Itambé e o falecido João da Silva Pereira Gomes. Os ornamentos da fachada, de esteatita cortada, com iniciais caprichosas e os querubins do Aleijadinho, as torres redondas-quadradas com pilares compósitos e os consolos e colunas internas são como as de São Francisco. O interior está sendo reparado com madeiras de cedro, esculpidas por um autodidata, Sr. Joaquim Francisco de Assis Pereira; a madeira será, sem dúvida alguma, a despeito de todos os nossos apelos, pintada e dourada. É uma pena que esse costume a impeça de ser apresentada *au naturel*; um teatro deveria ser tão brilhante quanto possível, mas a luz difusa da religião se torna muito melhor a *delubra deourum*.

Os Terceiros do Carmo alojaram seus mortos melhor que os vivos, em carneiros situados a cerca de três metros acima do solo, a oeste da igreja. O cemitério, quadrado, mede uns noventa metros de perímetro, com paredes de mais de 6 metros de altura, e tem portões gradeados, de ramagens, com as iniciais do artista português J. J. F. (Jesuíno José Ferreira). Em frente da entrada, fica uma pequena capela mortuária, cujo interior tem claustros, como o Campo Santo de Pisa em miniatura; nas espessas paredes, há filas de carneiros, túmulos de família, segundo parece muito procurados.

Tínhamos andado muito, durante todo o dia, e foi com grande satisfação que voltamos para casa. O Professor Pimentel jantou conosco, nossos patrícios também estavam lá, de sorte que o resultado foi um simpósio

agradabilíssimo, com o acompanhamento musical de rolhas arrancadas. Bem raras são, em verdade, essas “*noctes coenaeque deum*”. Separamo-nos já de madrugada, prometendo ir fazer a primeira refeição na manhã seguinte em Matosinhos.¹⁰

Antes de sair de São João, subi sua serra, de notável memória, guiado por um rio-grandense, o Capitão Cristovão José Ferreira. Dali se tem uma bela vista da cidade, do alto da montanha, que tem cerca de 50 metros de comprimento, levando à capela dos Mercenários, cuja confraria, de negros e índios, é dedicada à Nossa Sra. das Mercês. Desse ponto, na íngreme encosta, avistamos o cemitério geral, no alto do morro à nossa direita, a velha matriz embaixo, com a parte norte da cidade rodeando-a, e, no fundo, o córrego que

picciol flumicello
Lo cui rossore ancor? mi raccapriccia,

enquanto, na elevação oposta, a igreja-espetáculo, São Francisco, orgulho da parte sul da cidade, completa a perspectiva.

De lá, subindo um morro denteado, onde estava sendo retirada pedra para construção, avistamos as antigas lavras de ouro. Ali estava o verdadeiro El Dorado de El Dorado, o foco aurífero, todo furado e esquadrinhado à busca do ouro, com poços, buracos e pedreiras, agora cheios de areia, e escavado pelo tempo em ravinas, pelas quais correm as águas da serra, em ângulos retos. O berço do ouro era a parte superior da montanha rochosa; de então para cá, ela foi desgastada até o nível inferior. Há também uma formação chamada jacutinga, cuja maior parte tem futuro; basta dizer que, de 75 a 84 por cento, consiste de ferro nicáceo. À nossa esquerda, fica a horrorosa capela de Nossa Sra. do Monte, parecida com os templos das modernas colônias espanholas, com duas janelas (com persianas pintadas de vermelho) e uma só porta, dando a impressão de um rosto sem nariz. Perto da Igreja do Carmo não encontramos vestígio da lagoa lamacenta. Em um fundo de pedreira ali perto, conta Mr. Walsh, os cidadãos costumavam procurar tesouros submersos e enterrados, e procuramos em vão pelo tanque do Dr. Such. Depois de visitarmos a obra de abastecimento de água, voltamos para casa pela Rua da Alegria, que, até há pouco tempo, tinha o nome, “menos honesto”, de Rua da Cachaça. Assim, *chez nous*, *Grass Church Street* (Rua da Igreja da Grama) virou *Grace Church Street* (Rua da Igreja da Graça).

Íamos, agora, visitar a *St. John Del Rey Mining Company (Limited)*, que aqui iniciou suas operações; e estas poderíamos observar *in situ*. Sua fundação ocorreu em 5 de abril de 1830 e, no dia 4 de maio, ela mandou de Liverpool para o Rio de Janeiro dezenove homens, chefiados por seu comissário, o falecido Mr. Chas Herring Jun. O contrato¹¹ dava-lhe permissão para explorar os campos de minérios situados imediatamente ao norte da cidade. As jazidas se encontravam em um grande veio paralelo a um vale de cerca de 1.300 metros de comprimento por 150 de largura, e em pequenos veios perpendiculares que dele partiam. Os trabalhos dos naturais do país tinham consistido em um talho aberto e seus mineiros haviam escavado, no tanque do Dr. Such, uma pedreira irregular, com cerca de 35 metros de profundidade. A engrenagem de bombeamento, com rodas de çaçambas, que trabalhavam, cada uma, por oito a dez homens, falhou, e o poço não tardou a ficar cheio de água e lama até cerca de 10 metros de sua borda.

Em agosto de 1830, foi iniciado, a partir da margem do córrego para leste, um corte aberto, a nível de galeria, protegido em ambos os flancos por obras de alvenaria. Por meio dele, explorava-se o filão principal, ao mesmo tempo que só cortavam os veios transversais, abaixo do nível atingido pelos antigos exploradores. Além disso, serviu para drenar as águas superficiais, acumuladas durante as chuvas. Naqueles dias, a estação seca acima da superfície começava em abril, a subterrânea em julho, de modo que só restavam quatro meses livres. O poço da St. John foi aberto ao mesmo tempo em um terreno aurífero favorável, a oeste do tanque. A leste, iniciou-se a abertura de outro poço, para escoamento e drenagem. Ambos os poços serviam para ventilação, e ambos eram equipados com cabrestantes e bombas,¹² para bombeamento e recolhimento do material. Foram construídas represas, para assegurar a lavagem durante a seca, e residências, depósitos, escritórios e outras obras de superfície. O superintendente e o agente da mina conseguiram servidões de cursos de água, e começou, então, a operação normal da retirada, pulverização e separação na batéia,¹³ seguida pelo processo mais científico de fundição e amalgamação do material piritífero, que era enviado a Londres para ensaio.

O total de salários montou, no primeiro ano, a £2.310. Os trabalhos, contudo, não foram compensadores; e, em 1835, depois de um prejuízo de £26.287 18 s. 4d., Mr. Herring transferiu-se para Morro Velho.

Assim terminou, em São João, a *Aurea aetas* nº 2, e, a partir de então, a Mãe do Ouro¹⁴ reinou quase sem ser molestada. Até os últimos anos, uma pequena quantidade do precioso metal, cerca de £2.000 por ano, tem sido exportada pelo município.

A indústria da cidade está numa fase má. São João tem um banqueiro, o Capitão Custódio de Almeida. Panos de algodão e lã, lisos e listrados, são feitos a mão. São tingidos com índigo, urucu (a conhecida *Bixa orellana*) e outras tintas abundantes na região. Esses panos são resistentes e duram muito mais que os tecidos em máquinas; são caros, porém, e a produção mal satisfaz o consumo local. Há plantações de chá, e o preparado pelo Padre Francisco de Paula Machado, em sua chácara, na estrada para Oliveira, é muito vendido em São João e apreciado no Rio de Janeiro.

Cereais e tubérculos são cultivados por toda a parte. Há madeiras de 1ei¹⁵ de várias espécies, mas, atualmente, são produzidas em pequena quantidade. Os altos e saudáveis campos tornam a criação de gado a atividade favorita; o gado vacum é razoavelmente bom, os cavalos e muares carecem de sangue novo, e o mesmo pode-se dizer dos porcos, que fornecem os apreciados lombo e toucinho. Os queijos são também exportados. Há grandes extensões de terrenos baixos admiravelmente aproveitáveis para a cultura do algodão, que pode tornar-se uma fonte de riqueza. Um pouco de lã vegetal, limpa ou em bruto, assim como couros e peles, é exportada, para compensar a importação de sal, que é a mais importante.¹⁶ Cerca de 100.000 alqueires desse artigo indispensável entram anualmente no município, para venda e consumo, transportados por tropas de mulas pertencentes a fazendeiros e comerciantes.

As plantações de cana-de-açúcar fornecem cachaça e vinagre, com um pequeno excedente para a comercialização. Em 1859, o município tinha 48 engenhos, sendo 30 movidos a água e 18 por juntas de boi. No mesmo ano, a cidade contava com 64 casas comerciais de brasileiros e estrangeiros, uma hospedaria, várias tavernas (locandas) e 4 boticas. A carne-seca e a de porco são, como é costume, as mais consumidas, e quatro bois são abatidos diariamente.

No princípio deste século, São João foi assustada por um familiar do Santo Ofício, designado pelo inquisidor-geral, Cardeal Nuno da Cunha. Segundo se conta, um certo Padre Pontes viu-se nas garras do

Sagrado Tribunal. Desejando mudar de estado, esse padre formulou as seguintes perguntas ao Vigário da Vara, isto é, vigário com poderes judiciais:

– O Padre Pedro deseja casar-se com Maria, tendo a dispensa de Sua Santidade para esse fim. Pergunta: Pode o Padre Pedro fazer tal coisa?

O Vigário, homem inteligente, respondeu:

– Para mim, é um caso virgem, mas se Pedro tem a dispensa, pode assim fazer.

E Pedro, apresentando uma dispensa falsificada, fez o que queria: foi casado, com todas as honras, pelo Padre Sebastião José de Faria, com o Padre Francisco Justiniano como testemunha. O caso chegou ao exterior, a falsificação foi descoberta, a Inquisição era, naqueles tempos, um osso duro de roer e o amante ardoroso estava destinado à prisão, com terríveis perspectivas. Escapando, ele se tornou o “Dr. Vieira” e viajou para Roma, onde, tendo o caso sido tomado como uma brincadeira, foi perdoado. Os atores sofreram mais do que o autor da farsa, caindo ambos nas mãos do Santo Ofício. O Padre Sebastião voltou para casa, depois de provar sua inocência. O Padre Justiniano ficou nas garras do Santo Ofício; e ainda não se sabe se foi relaxado, isto é, se foi estrangulado e assado, ou se morreu de morte natural, exilado ou cativo.

NOTAS DO CAPÍTULO XII

1. O Dr. Couto batizou o lugar de Nova Lorena, em homenagem ao seu patrono, mas o batismo não foi aceito pelo povo.
2. Vi apenas um desses arbustos, no quintal de D. Maria Benedita, e não a reconheci como planta africana.
3. O Professor Morren, de Liège, mostrou que os órgãos reprodutores da *Vanilla planifolia* apresentam peculiaridades que exigem a fecundação artificial; no México, esse processo é efetuado por um inseto.
4. É, como se vê, um trocadilho. A mesma idéia, expressada por “grand” e “gros”, deu ensejo a um diálogo entre Napoleão o Grande e seu bibliotecário, quando este último objetava contra o tamanho de um volume.
5. A palavra vem do hindustani “Banghi”. É o “takht-rawarn” das peregrinações a Meca, de um formato humilde e sem camelos. Fiz uma descrição da liteira de camelos em minha *Peregrinação a Medina e a Meca* (vol. i, 305).

6. Na língua bunda, “kwitanda”, que deu quitanda em português, é a praça do mercado, e “standa” significa venda, “venditio” e também feira ou empório; assim, “A venda” seria algo como “Eis tén polin”, que se tornou Istambul. No Brasil, quitanda, não é o lugar da venda, mas a coisa vendida (“mon marché”, como diz o cozinheiro francês) e “quitandeira” é a mulher que a vende.
7. São João não fundou uma filial da Sociedade de Antropologia de Londres.
8. Rio de Janeiro, Laemmert, 1863.
9. “A Assunção da Santíssima Virgem”, agora um clássico brasileiro, publicado no Rio de Janeiro, em 1819. O autor nasceu no Convento Franciscano da Imaculada Conceição, em 13 de agosto de 1763, e ali morreu, ou melhor se exauriu de mortificações, em 6 de maio de 1829. Seu objetivo foi o de misturar, com louvores à Virgem, descrições de “nosso belo país” e, sem dúvida, conseguiu alcançá-lo.
10. Os futuros viajantes, que disponham de mais tempo, são aconselhados a visitar as corredeiras do rio Carandaí e São Tomé das Letras, a 18 léguas a sudoeste e a 9 léguas de Campanha. Essa literária denominação vem de um rochedo onde estão escritas as letras ST, iniciais de São Tomé. As pessoas instruídas que visitaram o lugar opinam que estas e outras figuras curiosas, especialmente uma onça nitidamente delineada, são produzidas por raízes e plantas apodrecidas. O material, contudo, é o arenito laminado, elástico ou inelástico (itacolomito) e a infiltração do óxido de ferro produz, entre as lâminas, essas dentrites. Já as vi, em cortes ferroviários perto de São Paulo.
11. Como garantia para o pagamento do imposto sobre o ouro, a licença exigiu o depósito de uma caução de 50 contos de réis em apólices do Governo Brasileiro, para serem usadas pelo Tesouro Imperial, sem pagamento de juros. Essas apólices foram vendidas em 1834, por £3.713 13 s.11 d.
12. Os tambores em torno das quais se enrolam as cordas que arrastam o minério. Chama-se “ginrace” a circunferência que fazem os animais ao movimentarem o cilindro.
13. Essa batéia corresponde, na mineração de ouro, à “calabash” da Guiné e ao “pan” da Califórnia e da Austrália. No Brasil, ela pode ser de vários formatos, tamanhos e espécies de madeira; habitualmente, é uma bacia redonda de cedro, com 1 1/2 pé de diâmetro, côncava, com uma profundidade de 80 a 135 centímetros e formando, no centro do cone achatado, um pequeno orifício, chamado pião da batéia, no qual vão colocar-se os diamantes ou o ouro em pó. A batéia é manejada com o habitual movimento rotatório, que exige alguma prática, e a água e a poeira mais leve são removidas, por meio da inclinação da batéia e com os dedos. O lavrador, às vezes, acrescenta cachaça ou caldo de babosa, ou uma infusão das plantas chamadas capoeira e itambamba, que, salpicada sobre o conteúdo da batéia, clareia, segundo se acredita, mecanicamente, como a água fria ou o conteúdo de um ovo, clareia o café.
14. Mãe do Ouro, duende brasileiro, que guarda os tesouros inexplorados. É antes brincalhona do que malevolente; de vez em quando, porém, se torna assassina. Assim, os índios das ilhas Manitulinas acreditam que o Manitu proíbe seus filhos de procurar ouro.

15. As madeiras de primeira qualidade são chamadas, no Brasil, madeiras de lei, porque, nos tempos coloniais, não podiam ser tiradas sem permissão. A palavra portuguesa “madeira” vem de “matéria”, usada por César e outros escritores.

16. As exportações em 1859 foram:

Industrial.....	1.292:000\$000
Comércio.....	1.216:800\$000
Total.....	3.508:800\$000

As importações foram, em 1859:

sal, ferro, cerâmica, secos e molhados.

Total..... 2.305:900\$000

Há, portanto, um saldo favorável de 1.202:900 \$000 por ano (= £120.000, calculando-se 1 mil réis = 1 florim).

.....

Capítulo XIII

SÃO JOÃO D'EL-REI

*Capitania tão largamente prendada da Natureza,
em mil recursos úteis do Estado e dos particulares, e tão
caída até ao presente em desamparo e descuido.*

Dr. Couto

Era sábado, dia dos mendigos, de acordo com velho costume do Brasil. Nós éramos estrangeiros, e, portanto, boa presa. A praia estava repleta de aleijados de todos os gêneros e alguns usavam a “indumentária adequada” da semana. Jamais eu vira tanto mendigo em tão pouco espaço. Estava comigo uma pessoa que ainda acredita na caridade e nas lendas medievais acerca das esmolas e, mesmo na hospitalidade concedida, sem o saber, a pessoa de ordem elevada no Reino Espiritual: um daqueles desgraçados poderia ser São José ou algo mais alto. Todos, portanto, receberam moedas de cobre, e os resultados foram a gloriosa reunião do Clã dos Esfarrapados, o gasto de todo o dinheiro trocado, e não aparecimento de São José e o freqüente aparecimento de “Santa Impudência”.

Mr. Copsy, aproveitando-se das férias de verão, juntou-se ao nosso grupo. Não é coisa fácil despedir-se de uma esposa brasileira, especialmente quando jovem e bonita, essas senhoras não conseguem compreender que se faça uma viagem de passeio inocentemente, e fiscalizam com rigor a fisionomia do esposo, quando este, ao retornar vira o rosto para um lado. Mr. Copsy, portanto, só se sentiu à vontade depois de “atravessar o primeiro córrego”,¹ onde, como os demônios e feiticeiras não gostam de água corrente, Atra Cura ficou para trás.

Chegando a Matosinhos, o celebrado subúrbio, almoçamos com o Dr. Lee e sua simpática esposa são-joanense, cuja amabilidade e hospitalidade nos cativaram, apesar do tempo ser tão curto. Passeamos pelo grande quintal, onde a laranja é a mais banal das frutas, e encontramos a espirradeira² crescendo com uma exuberância egípcia; uma rosa de pétalas reduzidas e folhas verdes, muito cheirosa, era a verbena (*Verbena virgata*, Sellow), poderoso sudorífero, usada externa e internamente contra as mordeduras de cobra. Quando partimos, o Dr. Lee nos ofereceu um filhote de mastim, respondendo pelo nome de “Negra”, de corpo magro, pêlo malhado, cabeça quadrada, ombros quadrados e patas enormes. É a raça chamada em Minas cão de fila, e vi exemplares que me fizeram lembrar do buldogue inglês puro sangue, não do animal de estimação que agora traz esse nome. “Negra” quase chegou aos rápidos do São Francisco, antes que eu fosse obrigado a separar-me dela.

Despedindo-nos, pesarosos de nossos excelentes anfitriões, seguimos caminho pelo vale do rio das Mortes Grande. As águas do rio estavam sujas, possivelmente em consequência das lavagens de ouro, e a Ponte de Santiago permanecia como fora descrita há trinta anos, uma desconjuntada estrutura de madeira velha, com um telhado e uma passagem encascalhada para pedestres, com sessenta metros de comprimento. As autoridades locais a tinham comprado, recentemente, por £600, e ela corre, assim, todos os riscos da ruína; esses instrumentos da civilização deveriam, na presente época do Brasil, ser arrendadas a empresas, mediante a obrigação de cobrar pedágios moderados e fazer os reparos necessários, regularmente. A estrada é péssima, e, depois das chuvas, deve ser quase intransitável. Já falei a respeito das vias de comunicação no Brasil, de um modo geral. Nesta província, as estradas imperiais são raras³ foram aprovadas verbas para a construção de uma estrada real em Goiás, mas as câmaras municipais não se combinaram, e a estrada não saiu do papel.

Passamos por muitas chácaras, agora em ruínas, relembrando os dias de opulência de São João. Um lugar celebrado fica a cerca de duas milhas da ponte, à margem direita do rio e na estrada de oeste, que vai para Lagoa Dourada. O lugar deserto é hoje chamado Vargem de Marçal Casado Rotier, um franco-português, e tem sido falado como a futura capital do Brasil.

À esquerda, ergue-se a Serra do Córrego, prolongamento sueste da Serra de São José: a massa irregular de calcário e arenito ainda conserva, segundo dizem, ouro e cristal de rocha. Em seu sopé, fica uma arruinada

povoação de cabanas miseráveis e belas árvores frutíferas, e, mais adiante, a capela de Nossa Sra. do Bom Despacho. A igreja era bem tratada, quando o ouro abundava no córrego e havia pomposas festividades anuais; nos últimos quinze anos, caiu em ruínas. Para além dos morros setentrionais, ficam as Caldas ou Termas de São José, mais conhecidas como Água Santa; Segundo Mr. Copsy, as fontes têm uma temperatura de 22,2° e são ricas em carbonato de sódio; comparou-as às de Buton (33,3° F.), boas para o reumatismo e ricas em muriato de magnésio e sódio. As águas minerais são encontradas em muitas partes de Minas, mas, até agora, os “estabelecimentos balneários” foram muito negligenciados e os pacientes não encontram sequer alojamento. Ultimamente, contudo, tem sido tomadas providências enérgicas para a solução de um problema de tanto interesse para o bem-estar geral.⁴

Logo depois, atravessamos o Morro da Candonga,⁵ que fica ao sul da serra de São José e é cortado por profundas ravinas, semelhantes a crateras de vulcões extintos. Do alto desse morro, avistamos, à direita da estrada, a formação calcária chamada Casa de Pedra,⁶ ou, mais poeticamente, Gruta de Calipso. Vimos, de súbito, a nossos pés, a igreja da Trindade e a cidade de São José, singular e romântica. A depressão é atravessada pelo córrego de Santo Antônio, tributário do rio das Mortes; embora mais alta que o São João, a cidade deve acumular calor no tempo quente, frio no tempo frio, umidade no tempo úmido.⁷ Estendendo-se de nordeste para sudoeste, fica a serra de São José, que separa os vales do rio das Mortes e do Carandaí; forma, segundo dizem, uma linha dupla, com um sulco gigantesco cortando-a pelo meio. O paredão perpendicular, com uns 70 metros de altura, de arquitetura ultraciclópica e que fica a 155 metros acima da depressão, é uma Jebel Mukattam, parecida com as “Palisades” do Hudson. Sua crista brilha com curiosas projeções, pontas aguçadas, lanças, agulhas e tubos de órgãos, enquanto os fragmentos enchem as terras baixas de feldspato e ardósia argilosa. É a primeira das muitas que não tardaríamos a ver, com suas linhas retas cortando a região, dividindo-a em vastos compartimentos e fornecendo-lhe ouro. O precioso metal ainda é lavrado em Nossa Sra. da Conceição de Prados,⁸ embaixo do Ponto do Morro, a nordeste.

O calçamento da íngreme “Calçada” era ainda pior mesmo que o de São João; e chegamos à casa de Mr. Robert H. Milward, a quem eram dirigidas nossas cartas de apresentação, plenamente dispostos a apear. Tal felicidade, porém, não nos estava reservada; Mr. Milward encontrava-se

fora da cidade, e não conseguimos ver Mrs. Milward, embora ela conseguisse nos ver muito bem. Voltamos nossos passos, entre grupos de “jacubeiros”,⁹ alguns deles “gente de casaca”.¹⁰ Sua única ocupação, quando não estão fazendo sapatos, parece ser a de jogar peteca¹¹ diversão muito a gosto de ambos os sexos. Não esperávamos encontrar a “galinha obrigatória” na hospedaria mantida pelo Capitão Severino, mais conhecido por Joaquinzinho, e não ficamos desapontados. Felizmente para nós, porém, sábado é dia de carne em São José.

Enquanto a carne estava sendo preparada, passeamos pela encosta sul da depressão e visitamos a matriz, consagrada a Santo Antônio. Segundo os cronistas,¹² é a igreja mais bela e mais majestosa da província; está muito bem situada, em frente das montanhas, da cidade e dos vales e terras ribeirinhas de leste. De acordo com a tradição local, foi construída em 1710, por Marçal Casado Rotier, e os sacramentos foram pela primeira vez ali ministrados em 1715. Naquelas priscas eras de fé, o rico fundador da igreja mandava, todos os sábados, um bando de 200 escravos, cada um carregando uma bateia de terra aurífera; assim, as paredes de taipa estão repletas de ouro, do mesmo modo que o “pisé” do palácio de Daomé está molhado com rum ou sangue humano – “honoris causa”.

O estilo é barroco, ou velho jesuítico, e se parece com o de São Bento, no Rio de Janeiro; é, contudo, mais primitivo, pretensioso e grotesco. A nave é retangular, com afrescos muito sem arte, de santos em tamanho natural, Gregório e Ambrósio, Agostinho e Jerônimo, além da Anunciação, dos Reis Magos e do curral ou presépio de Belém. O teto é um semi-hexágono, com painéis e pinturas não mal executadas. Há seis altares laterais, e o terceiro à esquerda contém uma grande cruz. Dois púlpitos presos às paredes laterais são pobres e nus, com baldaquinos muito ornamentados, fazendo lembrar o “cavalheiro africano”, sem coisa alguma em cima do corpo e uma cartola na cabeça. À esquerda, há um coro ou lugar para o órgão de formato curioso, sustentado por esquisitas cariátides e cornucópias, e copiosamente enfeitada e pintada. O órgão é tolerável, e, na verdade, dizem ser o melhor de Minas; o organista teve a bondade de nos apresentar uma demonstração de sua arte. Debaixo do coro, há duas singulares figuras, chorando amargamente, sem se saber por quê. Acima, projeta-se um suporte de lâmpadas, uma águia heráldica de tamanho natural – parecida, de certo modo, com as que sustentam nossas estantes – cujo bico sustenta uma

corrente para lâmpada; há uma dessas aves jupiterianas em frente de cada altar.

O altar-mor é uma verdadeira massa de dourados e entalhes, e sua cobertura cheia de frisos, apresenta uma abóbada quadripartida. Na parede direita, estão as *Bodas de Caná* e à esquerda a *Última Ceia*, grandes pinturas, mas cujos assuntos não são tratados da maneira habitual. O retábulo sob o dossel de madeira dourada representa Santo Antônio, realizando o milagre dos animais. Ele faz a demonstração com entusiasmo. O povo, sem dívida “céticos” e “nescios infieis”, recusa-se a adorá-lo, mas o outrora turbulento asno, novo exemplo de zelo sem conhecimento, cai, humildemente, de joelhos. Traz ao espírito o velho hino:

*Cognovit bos et asinus
Quod puer erat Dominus.*

Três degraus levam ao trono do Santíssimo, bela peça de madeira e ouro, sempre, contudo, excetuando os gorduchos anjinhos banhados a ouro, brigando com o bom gosto. Acima, há uma imagem de Nosso Senhor subindo ao Céu.

A Sala dos Milagres apresenta uma oferta votiva datando de 1747. Os homens de cabeleira postiça e envergando casacões vermelhos eram irmãos selvagens de

“Sir Plume, senhor compenetrado e vão.”

A sacristia contém a costumeira pia batismal, decorada com uma cabeça incrível, alguns quadros insignificantes e velhas cadeiras genuflexórias de bela madeira negra, com assentos e encostos muito altos, de couro gravado em relevo. Esses móveis são comuns nas igrejas de Minas; alguns padres do interior têm predileção por eles, e encontrei-os, às vezes, em casas particulares. São pitorescos, mas, pelo amor de Deus! para que sentar-se de maneira tão incômoda, forçando o ângulo dorsal? Um tamborete seria preferível. A sacristia é rica em turíbulos, cálices e outros artigos de prataria eclesiástica; segundo se diz, há ali 640 quilos de prata e metal folheado de prata. A parte grotesca é a Capela dos Sete Passos, as sete passagens principais da Paixão de Nosso Senhor, começando com o Jardim das Oliveiras e terminando na crucificação. As imagens são de tamanho natural, feitas de madeira pintada, e nada pode ser mais semelhante a um templo budista, terras onde não excede a arte budista.

Andamos pela cidade, examinando os monumentos menores. A Casa da Câmara, em frente à Matriz, é, sem dúvida, a melhor das trezentas casas. Contamos, além da igreja paroquial: 1, São João Evangelista; 2, Rosário; 3, Santo Antônio dos Pobres; 4, a capela de São Francisco de Paula e 5, as Mercês, ainda em reparos. Um total de sete igrejas é uma média bem razoável, para uma população de 2.500 almas.¹³ Descendo a calçada, atravessamos a pontezinha de pedra, bem conservada, e dirigimo-nos ao chafariz principal. O acesso à sua plataforma de laje data, sem dúvida, dos tempos de antanho; na parte frontal, há três máscaras e duas bicas, ainda encimadas pelas armas de Portugal. Tudo isso se parece com o jardim do negro Hassan, mas seria, sem dúvida, ótimo para um banho público.

Para além, a terra vermelha está cortada e removida pelas minerações de ouro. “São José d’el-Rei” (D. João V) era uma solidão deserta, no século XVII, quando os paulistas começaram a penetrar com suas bandeiras no vasto e misterioso interior. Guiados pelo bravo e enérgico aventureiro, João de Cerqueira Afonso, um grupo de exploradores, procurando pelas- vermelhas e “terra amarela”, alcançou as margens do rio das Mortes e fundou o costumeiro “Arraial”. O outro atraiu emigrantes e em 19 de janeiro de 1718, cerca de dois anos antes de Minas Gerais ter sido elevada a capitania independente, o arraial tornou-se vila e município, no governo de D. Pedro de Almeida, Conde de Açumar. Em junho de 1842, aderiu aos insurgentes, e, em 1848, foi rebaixado a mera “povoação”. Mas “Resurgam” era sua divisa, e, em 7 de outubro de 1860, assumiu as nobres obrigações da cidadania.

Em abril de 1828, São José tornou-se sede da Associação Geral de Mineração, que assegura a exploração de três léguas de solo aurífero e cujos interesses eram defendidos por Mr. Charles Duval.¹⁴ Em 1830, a St. John Del Rey também conseguiu a concessão de um terreno. Verificou-se, porém, que a água era muito abundante na mina e muito escassa na superfície; em conseqüência, a retirada e a lavagem do ouro processavam-se devagar. Dois anos depois, os diretores desistiram da mineração, as “instalações” foram compradas por Mr. Milward, e o capim cresce alto nas ruas.

As atividades em São José, a não ser comer jacuba e jogar peteca, estão paradas. A cidade já teve cinco fábricas de panos, com setenta teares, onde eram feitos 30.000 metros de tecidos de algodão da região; cinco olarias e oito fornos, que produziam por ano, 3.000 alqueires de cal.

Em 1855, o juiz municipal calculou as exportações em 450:000\$000 e as importações em 250:000\$000.

A natureza, com sua habitual conduta caprichosa, produziu em “São José dos Jacubeiros”, nada menos que José Basílio da Gama, ex-noviço jesuíta, protegido de Pombal, membro da Arcádia Mineira, autor do celebrado poema épico, ou melhor, romance metrificado, *O Uruguai* e glória de sua terra natal. Como era de ser esperado, porém, o lugar de seu nascimento não registrou o dia em que ele nasceu, e que se supõe ser em 1740, mais ou menos; os nomes de seus pais só há pouco foram descobertos, e, nas sete igrejas locais, não há uma simples lápide em honra do maior poeta brasileiro.

Seu “Exegi monumentum” concluirá este capítulo:

Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna.
Tu vives e gozas a luz serena e pura.
Vais aos bosques de Arcádia, e não receies
Chegar desconhecido àquela areia.
Ali de fresco, entre as sombrias murtas,
Uma triste a Mireu¹⁵ não todo encerra
Levantas de estranho céu, sobre ele espalhas
Co’ a peregrina mão bárbaras flores.
E buscas o sucessor, que te encaminhe
Ao teu lugar, que há muito que te espera.

NOTAS DO CAPÍTULO XIII

1. Córrego é pronunciado pelo povo “corgo” e, às vezes, assim é escrito, pelos poetas e pelos ignorantes. Os ingleses transformam a palavra em “corg”, pelo mesmo princípio que mato vira “mat”, restilo “restil”, dono “don”, pardo “pard” e doce “dose”. Seus ouvidos não distinguem a semi-elisão da vogal final. E aqui podemos ver a maravilhosa riqueza e a excepcional variedade da língua luso-latina, que quase ignora as palavras gerais e cuja específica terminologia sobrecarrega tanto a memória do estrangeiro. Córrego corresponde ao inglês *rill*, não devendo ser confundido com o sangradouro (e a forma menor, bebedor ou bebedouro) o dreno natural de um lago ou elevação, nem com arroio, que corresponde a *fumara*, *nullah*, torrente montanhosa intermitente. O córrego é um tanto maior que o

regato, que, por sua vez, não deve ser confundido com o rego, simples escoadouro artificial. Acima do córrego, vem o ribeiro, cuja forma feminina, ribeira, significa, classicamente, a margem de um rio, assim como riba (ou ribanceira, margem alta). Em certas partes do Brasil, a expressão é aplicada, impropriamente, a um grande rio navegável, como, por exemplo, Ribeira de Iguape. Vêm, em seguida, riacho, que corresponde ao *Stream* inglês, ribeirão, e, finalmente, rio, que é, arbitrariamente, também aplicado a cursos da água menores. Muitos rios não passam de córregos. Cada termo tem suas formas aumentativas e diminutivas, estas últimas muito apreciadas nestas terras. Às vezes, ambas as formas são unidas, excentricamente, mas com uma significação especial. “Ribeirãozinho”, por exemplo, aplica-se a um curso de água da classe ribeirão, mas menor do que os ribeirões em geral.

2. Espirradeira *Nerium odorum*, ou *oleander*. A palavra é aplicada, às vezes, à hortelã-do-mato (*Peltodon radicans*, Labiadas?) A espirradeira não é muito apreciada e o povo ignora suas propriedades tóxicas.*
3. Só conheço uma, a de Filadélfia.
4. No *Relatório Anual do Presidente de Minas* (Rio, Tipografia Esperança, 1867), somos informados (pág. 68) de que foram tomadas providências para assegurar acomodação nas águas minerais de Caxambu, Município de Baependi, e nas “águas virtuosas” de Campanha. As águas de Baependi são distribuídas em nove fontes, já conhecidas. Contêm – diz o Sr. Júlio Horta Barbosa – gás carbônico livre, carbonatos, sulfatos, como sulfato de ferro e são muito apreciadas na cura de moléstias da pele. Eis a análise das águas da Serra de Picu:

Ácido sulfúrico.....	0,072
Gás carbônico.....	0,126
Cloro.....	0,032
Sílica.....	0,043
Cálcio.....	0,145
Magnésio.....	0,035
Sódio.....	0,142
Ferro, alume, etc.....	0,035
Total.....	0,630 em 1.000 gramas ou 1 litro.

5. Esta palavra tem o sentido, na gíria, de tramóia, trapaceiro. Assim, um trapaceiro é chamado candongueiro. Provavelmente, teve a sua origem na Costa da África.
6. É uma expressão usada em lugar de caverna. Mr. Walsh (ii. 223) visitou-a e descreveu-a. Segundo Mr. Copsy, essa gruta está equidistante de São João e São José, a 6 milhas de cada uma, perto do rio Elvas. Fica em uma elevação isolada, de formação calcária, com cerca de 100 metros acima de um brejo e tem mais ou menos 440 metros de comprimento. O túnel natural é um modelo de leito de rio subterrâneo. O teto tem saliências de estalactites,

* O gênero “*Nerium*” pertence à família das Apocináceas e jamais deveria ser o nome vulgar espirradeira aplicado a outra espécie senão a “*Nerium*” “*oleander*”; especialmente não deveria ser usado com relação a uma planta de família tão diversa como a das Labiadas. (M.G.F.)

os lados são trabalhados pela infiltração da água e o chão de argila, que ainda conserva os ossos de animais extintos. As paredes internas de calcário pouco espesso formam as habituais curiosidades. O púlpito em estilo gótico e a igreja dão para uma passagem escura, que leva à “Gruta do Lustre”. Atrás desta, há uma coluna de calcário e outra câmara, que se comunica com o exterior. Estou cansado de olhar cavernas, depois de Marnoth e Adelsberg, e não há piquenique que justifique a perda de um dia.

7. Isso fica provado pelo fato de termos subido quase que o tempo todo. M. Gerber não dá a altitude, que é, geralmente, tida como sendo cerca de 1.800 metros. Podemos diminuir a uns 800 metros, um pouco abaixo da de Barbacena.
8. Prados, a nove milhas de São José, provavelmente está destinada a tornar-se importante, como uma das estações da futura estrada de ferro, via Lagoa Dourada, para as nascentes do São Francisco. Atualmente, a especialidade da pequena cidade é a selaria, havendo 20 oficinas dessa indústria, empregando 150 trabalhadores; os artigos são vendidos por atacado, a 20\$000 cada um.
9. Jacubeiros de São José é uma expressão altamente depreciativa, aplicada pelos vizinhos são-joanenses. As brigas por causa da “precedência urbana” são muito vivas aqui, como entre Perth e Dundee. Jacuba é um alimento de escravos, e Padre Correia diz, a respeito de um ingrato:
“Nem agradece a jacuba
Que não comeria em Cuba.”
A jacuba é também apreciada pelos tropeiros e, especialmente, pelos barqueiros do rio São Francisco. Consiste em farinha de milho misturada com rapadura e água fria. St. Hil. (III, i. 270) omite a rapadura.
10. “Gente de casaca”, em oposição aos que andam de jaleco ou em mangas de camisa. A casaca é sempre de casimira preta.
11. Em tupi, a palavra significa primordialmente “bater”. O Dic. a define como “volante” ou “sopapo” feita de folhas de milho. A frase “fazer alguém de peteca” significa usar alguém como o macaco usou o gato, para tirar castanhas do fogo. Os botocudos jogam uma espécie de futebol, com uma pele de preguiça com enchimento.
12. Casal (vol. ii) e Pizarro (vol. viii), de modo especial. Naturalmente, os mortos eram enterrados dentro e em torno dela. Esse costume só foi abolido em Roma e Nápoles em 1809.
13. Em 1828, contava, segundo se disse, 2.000 almas. Em 1864, a população do município era de 24.508 almas, com 1.209 votantes e 35 eleitores.
14. Mr. Charles Duval, que foi casado com uma polonesa, ainda lembrado no país, depois se tornou comissário-chefe de Gongo Soco e morreu em 1857, aproximadamente. Mr. Walsh (ii. 117, 118) descreve seu sistema de tratar o quartzo e as piritas; não tendo conseguido avistar-me com Mr. Milward, que, atualmente, está encarregado das operações, não posso dizer se sua informação é correta.
15. Seu nome poético ou pastoril.

.....

Capítulo XIV

VIAGEM PARA LAGOA DOURADA

*Aeris tanta est Clementia ut nec nebula inficiens,
nec spiritus hic pestilens, nec aura corrumpere;
medicorum opera parum indiget.*
Gerald. Cambr., Cap. 9

As camas de São José não eram macias. Combinamos levantar à uma hora da madrugada, e a maior parte de nós passou a noite conversando sobre os velhos tempos. As mulas fugiram, porém, e, com o termômetro marcando 2,2°, os negros estavam entorpecidos de frio. De qualquer maneira, partimos às 4h30min. A estrada, a princípio, atravessa terras cobertas de matas; pelo menos, essa foi a nossa impressão, na escuridão de meio do inverno. Era quase como se estivéssemos galgando um infundável paredão de pedra, ligeiramente inclinado, e deslizando do outro lado. Dentro em pouco, o caminho começou a serpentear, através de uma garganta, na sombria Serra de São José; a descida é má, pior que a subida, e a umidade da madrugada não favorecia o exercício de nossas faculdades, perceptivas ou reflexivas.

Às 8 horas, desesperadamente sonolentos, friorentos e cansados, chegamos ao rio Carandaí, que, escoando as águas da encosta ocidental da cadeia meridional de montanhas do norte de Barbacena, deságua no rio das Mortes Grande, que, por sua vez, vai para o rio Grande e para o Paraná. O nome é explicado pelo grito de um homem afogando-se: “A cara anda aí!” O termo é, provavelmente, tupi e “cara-andaí” deve significar “o gancho do gavião” ou curva. No Brasil, como no Oriente, há abundante filosofia, superstições, fantasias, descrições e facécias folclóricas. Por exemplo: “Araxá”, cidade assim chamada porque “olha para o Sol”, “ara” significando dia e “axá”, o que

olha para, na opinião popular quer dizer: “há de se achar”, referindo-se, ou ao quilombeiro,¹ ou ao ouro, que é tido como farto.

Tendo feito nossa primeira refeição na Ponte do Carandaí, subimos para uma espécie de *plateau*. Este tabuleiro era gramíneo e coberto por algumas árvores raquíticas, como *Ilex* e *Arbustus* das clareiras tirolesas, enquanto que as encostas e depressões mostravam os enormes esbarrancados vermelhos e os capões de mato do campo de Minas. Havia apenas duas fazendas, nos milhares de acres quadrados, bem providos de córregos, correndo em vales estreitos. A estrada subia e descia, e não faltavam os habituais atoleiros.

Três léguas, compridas e mortais, estenderam-se diante de nós, até quase a hora do pôr-do-sol. Depois de muito *anathema esto*, chegamos a uma povoação situada no alto de uma colina, primitiva como uma taba tupi.² Dali, descendo por um caminho íngreme e sinuoso, vimo-nos em algo mais civilizado, a Freguesia de Santo Antônio da Alagoa (vulgarmente Lagoa Dourada).³ Apresenta-se sob a forma de uma única rua, forma predileta nas partes antiquadas do Brasil, que faz lembrar as povoações de Gabão ou do rio Congo e que sobrevive nos subúrbios de cidades civilizadas como São Salvador da Bahia. Cerca de cinquenta casas de um só pavimento, com os beirais dos telhados projetando-se muito para a frente, davam a impressão, quando vistas de baixo, de uma colossal escadaria, subindo de norte para o sul, que se estendia ao longo da margem meridional de um córrego de leito diminuto. É um dos formadores do Brumado, chamado pelos antigos córrego ou ribeirão do Inferno. Depois de seis ou sete léguas, ele deságua no Paraopeba. Segundo alguns, é seu principal formador, e encontramos agora na bacia do São Francisco. Dominando a rua, semelhante a um largo, ficam os remanescentes de uma igreja nova, destinada a São Jordão; é altamente significativa como se mostra: uma ruína, antes de se tornar uma construção. Mais para baixo, fica a matriz de Santo Antônio, velha e com uma torre antiquada, uma armação de madeira separada. Além disso, para uma população de 600 almas, mais os visitantes dominicais, há duas capelas à disposição, a das Mercês e do Rosário, sem torre.

Atravessamos a espichada aldeia e fomos “arranchar” em uma espécie de casa de campo rústica, que trazia a “estranha divisa”:

CASA HOSPERIA VSVO (*sic*, palavra invertida)

Dom Miguel de Assumpção (*sic*, cão) Chaves

Os covis que serviam de quarto de dormir eram imundos, o chão de terra batida e os tetos do estilo mineiro, isto é, de esteira: simples

tiras de taquara, com cerca de 2,5 centímetros de diâmetro, cruzando-se em ângulos retos. Essa esteira primitiva tem suas vantagens; é barata, limpa e bastante aberta para não impedir a ventilação; nos melhores estabelecimentos, é trançada com um padrão de fantasia, com figuras ou em forma de tabuleiro de xadrez. As camas tinham, por toda cobertura, um pedaço de chita colorida, coisa não muito agradável, quando a coluna de mercúrio está marcando 1,7º; os ocupantes, em geral, tremem de frio dentro dos finos “ponches”;⁴ naturalmente, não tínhamos esquecido de levar cobertores ferroviários.

Era domingo, 23 de junho, véspera de São João, talvez o mais antigo “dia-santo” do mundo civilizado. É, não seria preciso dizer, a comemoração do solstício setentrional do “Mundi Oculus”, quando começa seu “Dakhshanáyan”. É a festa do poderoso Baal (ou Bool. 1 Reis, xviii, 22-24), o grande “mestre” o “marido” da Lua, o poderoso “Senhor” da luz e do calor, o Sol deste grande mundo, ao mesmo tempo olho e alma. Encontramo-lo chamado Bel e Belus na Assíria e na Caldéia, Beel na Fenícia, Bal entre os cartagineses, Moloch (isto é, Malik, ou rei) entre os amonitas, Hobal na Arábia (Drs. Dozy e Colenso), Balder (Apolo) na Escandinávia, Belenus em Avebury e Beal na Irlanda.⁵ A pira flamejante é em honra do “Mundi Animus”, a luz solar. Assim, lemos no *Quatuor Sermones*: “No culto de São João, as pessoas ficam em casa e fazem três espécies de fogueiras: uma de ossos, limpos, e não de madeira, e essa é chamada fogueira; outra é de madeira limpa, e não de ossos, e é chamada fogueira de madeira, para as pessoas se reunirem em torno dela; a terceira é feita de madeira e ossos, e é chamada fogueira de São João”. Assim, os adoradores do Sol, do norte da Inglaterra, dos condados centrais e de Cornualha acendiam em seus mais altos morros e picos enormes *feux de joie*, que chamavam de “Dar-tine”. E, neste momento, no coração da região montanhosa do Brasil, estávamos assistindo à arrumação e à queima da fogueira, vendo irlandeses semipagãos de Leinster e Connaught, mesmo de Queen’s County: dançavam em torno da fogueira e as crianças pulavam aquele comemorativo “Beal-tienne”⁶ (fogo de fogueira de Baal). E as Torres Redondas, em que eram acesas as fogueiras assinaladoras, ainda estão à vista.

Aqui, também, observamos o efeito do clima sobre as grandes festividades nacionais. O *yeule* ou *yule* nórdico – o feliz Natal – a Festa do Solstício Meridional, tem pouca importância nestas latitudes, onde o

tempo é quente e chuvoso e as estradas são más. O meio do verão é o tempo frio do ano; a temperatura é, então, muito agradável, e as estradas estão em boas condições. Os habitantes reúnem-se nas cidades paroquiais, vindos de todas as direções; cada lugar tem sua fogueira, desfile de bandas e as pessoas ficam sentadas toda a noite e hasteiam, alegremente, o “Mastro de São João”.⁷ Participam da festa ignorando de todo a sua origem e, em verdade, muitas vezes perguntei, mas em vão, a eclesiásticos europeus a ver gente que caminha sobre a fogueira de São João sem queimar os pés. Naturalmente, a resposta é que aqueles que atravessam as chamas o fazem sempre muito depressa e, muitas vezes, com a sola dos pés molhada. As moças abrem ovos dentro da água, para ver, nas formas que o ovo toma, as feições de seus “Futuros”. Todas consultam seu futuro, naturalmente matrimonial, torcendo pedacinhos de papel, que são abertos, ou não, pelo frio.⁹ Os ignorantes acreditam que São João fica dormindo durante sua festa, e, por muita sorte, pois, se acordasse, destruiria o mundo. Pobre santo! Cantam, em seu louvor, canções compridas, que começam com:

São João se soubera que hoje é seu dia,
Do Céu desceria com alegria e prazer.¹⁰

A animada festa é mais agradável na roça do que na cidade, onde o bimbalar dos sinos e as explosões das girândolas começam antes de amanhecer. A gente fica surdo com os ridículos foguetes, e os moleques, isto é, os negrinhos, tomam as ruas, supinamente desagradáveis, lançando buscapés, que fazem tudo o que podem para queimar as pernas das pessoas.

A aldeia em que estávamos é um lugar pobre, mas sua situação é notável e seus habitantes dizem que é o arraial mais alto de Minas, ao mesmo tempo que a Serra das Taipas¹¹ é a montanha mais elevada e o Pico do Itacolomi o rei dos montes. A povoação ocupa um dos mais altos planaltos – pelo fato de suas águas correrem para as extremidades meridional e setentrional do Império. No entanto, esse “wasser-schied” que separa dois dos maiores sistemas fluviais conhecidos no mundo, é de altitude moderada, que não excede uns 1.300 metros. Uma semelhante anomalia da Natureza é muitas vezes vista nas divisões entre bacias de alta importância, como as do rio Grande–Tocantins, Madeira–Paraguai, Nilo–Zambezi, Missouri–Colorado e Indo–Bramaputra.

O nome, a disposição e a direção dessa grande “Linha Divisória” ainda provocam confusão. O povo, que é pobre em denominações gerais, chama-a de “Espigão Geral”,¹² para distingui-la do “Espigão Mestre”, a noroeste, que separa o Tocantins e o Paranaíba.

O Barão von Escwege ligou os dois por uma vasta curva, que contorna os vales do Amazonas, do Paraná e do São Francisco, e chamou o Espigão de “Serra das Vertentes”. Nisso, foi seguido por Burmeister, ao passo que St. Hilaire, de acordo com a moda dos departamentos franceses, preferia chamá-lo “Serra do São Francisco e do rio Grande”.¹³

Esse maciço montanhoso forma, na América do Sul Oriental e Equinocial, a terceira e mais interior cadeia transversal, sendo as outras a serra do Mar e a da Mantiqueira. Seguindo uma direção que pode, *grosso modo*, ser descrita como de este para oeste, ela liga as grandes cadeias do norte e do sul. Começa na serra Grande, ou do Espinhaço, a cerca de 0°30' long. W. (Rio de Janeiro), depois segue um paralelo, entre 20° e 21° de lat. S., dando nascimento a grandes cursos de água para o norte e para o sul, e logo se tornando a serra do Piuí.¹⁴ Continua rumo a oeste, numa extensão total de 180 milhas, até atingir o maciço abaulado chamado serra da Canastra, que fica a cerca de 3°30' long. W. (Rio) e 47° (Green.). Alguns mapas, seguindo Spix e Martius estendem a serra da Canastra até a serra Negra de Sabará, e daí para o norte, até a divisa de águas entre o rio São Francisco e o Paranaíba. M. Gerber e a maioria prolongam a serra da Canastra até a “Mata da Corda”, que se estende até 17° lat. S., e cujos últimos contrafortes veremos no rio São Francisco.

NOTAS DO CAPÍTULO XIV

1. “Quilombo” talvez seja corruptela da palavra bunda que Fr. Bernardo Maria de Cannecatim (Lisboa, 1804) apresenta em seu conhecido dicionário, “curiumbu” (ku riumbu), i. e., povoar. No Brasil, aplica-se às povoações situadas no mato, de escravos fugidos e outros malfeitores; algumas dessas aldeias, como o Quilombo dos Palmares, viverão na História. Encontramos “calhambola”, “carambola” ou “auilombola” e, no Príncipe Max (i. 281), “gayambolos”, que só posso considerar como outro equívoco; um deles, contudo, ocorre nas *Cartas Chilenas*, celebrada sátira brasileira:

E manda a um bom cabo que lhe traga
A quantos *quiombolas* se apanharem,
Em duras gargalheiras.

2. A taba é o *kraal*, ou aldeia dos índios, um conjunto de “ocas”, ou cabanas. A ocará é o espaço aberto, em geral circular, cercado pelas ocas.
3. De acordo com o Dicionário Geográfico, *sub voce*, o nome era, originariamente, Alagoa Escura.
4. O poncho da América espanhola. Aqui é um pesado capote sem mangas, de lã, azul com barra vermelha; quando o tecido é bom, essa vestimenta é preferível a qualquer capa ou impermeável, e protege contra o sol do mesmo modo que contra a chuva. Um poncho de linho branco é usado pelas pessoas mais ricas, quando viajando durante o calor do dia.
5. Sei que se tem alegado que quase todos os “Bels”, “Bals” e “Bils” que surgem com tanta frequência em apoio à teoria do “Baal” são formas de “Bil”, bom, “Bally”, comuna, “Bile”, árvore, “Bealach”, estrada e “Bil” ou “Beul”, foz de um rio. Mas os irlandeses pagãos sem dúvida cultuavam, com montes, árvores, poços e pedras, os corpos celestes. Seu ano era o “Belame”, “pequeno círculo de Belus”. Como, pois, poderiam omitir o Sol, objeto de adoração universal? Os “Baldeisbad” da Escandinávia são descritos por muitos viajantes, e Leopoldo von Buch verifica, no norte da Noruega, que eles são vistos em ambas as costas do Báltico e chegam até a Prússia e a Lituânia. Não posso compreender como um culto universal seja considerado característico dos celtas insulares. (*Athenaeum*, nº 2.073, 20 de julho de 1867). O ponto mais ao sul em que encontrei fogueiras foi em Guimar, no belo Tenerife. Ali todo sujeito chamado João tem de “servir bebida” para os amigos, no dia do solstício de verão. Esse dia provavelmente tornou São João tão popular na pia batismal da cristandade; daí, também, nossos “jones” (i.e. “John’s”, a mesma forma que Johnson) e “Evans”, genitivo de um nome gálico equivalente a John. São João parece ter favorecido de maneira especial o país basco. Em sua fogueira é colocada uma pedra, que lhe serve como genuflexório; na manhã seguinte, procuram-se, na pedra, os cabelos do santo, que, naturalmente, viram logo relíquias. A fogueira é de ervas e os que a pulam não sofrem “um arranhão”.
6. Até recentemente, as brasas eram espalhadas pelos campos cultivados, para produzir uma boa colheita.
7. O mastro de São João é um tronco de árvore alto e fino; algumas vezes, nem se chega a derrubar a árvore, limitando-se a cortar os galhos; em geral, porém, a árvore é derrubada, descascada e enterrada de novo. Isso se faz, em via de regra, uma semana, mais ou menos, antes da festa. No alto do mastro, há uma bandeira de cerca de 60 centímetros de lado, com a figura do santo, que, entre os pretos é, muitas vezes, negro. Esse “mastro” faz lembrar, aos viajantes ingleses, o “shaft” e o “May-pole”. A fogueira era conhecida pelos indígenas do Brasil, que a chamavam de “toriba”, de “tori”, acha de lenha.
8. Os equinócios, assim como os solstícios, eram celebrados com festivais de fogueira, como o Dia da Páscoa, o Holi da Índia, e o “La Beal teinne” irlandês, assim como o “Ali-hallow-een” (31 de outubro). E se o cristianismo teve uma origem astronômica, o mesmo aconteceu com

- todas as outras religiões avançadas, pois a religião é a crença nas coisas invisíveis, começando pela Terra com os assuntos terrenos, e terminando no céu, com o Grande Desconhecido.
9. Na Irlanda “Brideogh”, uma imagem de Santa Brígida, a Virgem Vestal. A adivinhação era feita na véspera do dia dessa santa apócrifa “pelas raparigas solteiras a fim de descobrir seu futuro marido”. Da mesma forma, na Alemanha as donzelas tratam de conhecer o futuro esposo na véspera de Santo André, véspera de Santo Tomás, véspera de Natal e véspera do Ano Bom. Antes de meia-noite, na véspera de Santo André, joga-se chumbo derretido, através das partes abertas de uma chave, em água tirada do poço na mesma noite, e a forma tomada pelo metal indica os instrumentos da profissão do futuro marido.
 10. A métrica e a rima desses versos são muito comuns entre os roceiros; o fim do primeiro verso rima com o terceiro hemistíquio e a sílaba final do segundo verso fica sem rima. Dessa maneira são em geral compostas as “modinhas”, que podem ser comparadas às baladas. Quando essas, como está na moda, são recitadas, e não cantadas, a peculiaridade favorece uma patética ou sentimental queda no tom da voz, de acordo com o tema. É curioso observar que a mesma forma de estrofe é encontrada entre os “Sindhis selvagens”. Dei exemplos no meu livro *Sindh e as Raças que habitam o Vale do Indo*, Dep. 88 e 116.
 11. Alguns a chamam de Alto das Taipas. Fica ao norte da montanha meridional que liga as serras de Ouro Preto às de Barbacena, e Burmeister a chama de serra de Barbacena.
 12. É talvez mais conhecida por serra da Lagoa Dourada.
 13. Um nome muito comum no Brasil. Esse “rio Grande” é o formador oriental do Paraná-Paraguai-Prata. O Paraná é formado pela junção desse rio com o Paraíba.
 14. A palavra quer dizer “água do pium”, um certo mosquito. St. Hil. (III, i. 169), contudo, dá como significado “água da andorinha” (mbiui). Muitas de suas derivações, por outro lado, são fantasiosas, tomadas de vocabulários. Assim, ele diz (II, i. 166) que “capitinga” vem do guarani “capii”, capim e “pitiunga”, mau cheiro (T.D. Pitéu = bafio, fartum), quando a palavra significa simplesmente “capim branco”. Do mesmo modo, ele dá como significação de “Peripitinga” (III, i. 238) “torrente fétida”, quando é “torrente chata”, “pitinga” = chata, e não pitiunga.

.....

Capítulo XV

LAGOA DOURADA

Cram-bi-ba-bambali-i-iv.
Canção brasileira para brinde

Depois de deixarmos nossa tralha no pardieiro, dirigi-me ao Palacete da Comissão, onde se hospedavam os engenheiros encarregados de projetar a futura linha de estrada de ferro, que em breve acabará com o “terrível desperdício de possibilidades” entre os vales do Paraíba e do São Francisco. Mr. John Whittaker era, então, o Chefe da Comissão, tendo como assistentes Mr. Thos. Hayden e Mr. Chas. A. Morsing, além de um certo número de empregados subalternos. Tudo se encontrava em uma confusão admirável e funcional; mulas caminhavam no pátio, havia selas penduradas nas paredes, caixotes espalhados pelo chão e instrumentos encostados aos cantos. Era o sinal de separação, pois metade do grupo ia para o norte e a outra metade para o sul.

No dia de São João, fizemos uma pequena alta e fomos convidados a bater a primeira estaca. Ao meio-dia, dirigimo-nos ao córrego, à frente de uma pequena multidão de espectadores, cujas mulheres e filhos, como de costume, contemplavam da janela o desfile. A estaca foi devidamente enterrada, tendo minha esposa dado a primeira martelada e quebrado a garrafa. Estendeu-se a corrente e foram tomadas visadas para “N. 74° W.” e “S 73° L.” A inauguração foi devidamente comemorada. Bebemos com muitos vivas – pam! pampans! e hip! hip! hip! hurras!, à saúde do Brasil, da Inglaterra e especialmente ao prolongamento da Estrada de Ferro Dom Pedro Segundo, foram trocados muitos discursos de saudação e a banda de música nos escoltou até o nosso “rancho”.

A cena da cerimônia foi o lugar onde a Lagoa Escura se tornou a Lagoa Dourada. Quando foi descoberta aquela depressão, onde hoje se encontram as casas, e a fim de drená-la, os velhos mineiros resolveram o problema geográfico de ligar duas vertentes. Por meio de cortes profundos, que ainda permanecem nos níveis mais baixos, eles viraram os afluentes do Carandaí, que corre rumo ao sul, para o Brumado, que corre rumo ao norte. Aqui foi descoberta a maior parte do metal precioso, e há muitas tradições relativas à sua antiga riqueza. Mr. Walsh¹ apresenta uma descrição das velhas lavras, ora inativas; fala em uma pepita de uns vinte quilos, que se revelou o núcleo comum com filamentos que se ramificavam em todas as direções.

No que diz respeito à linha a ser seguida pela estrada de ferro, através do “País Camponês,” três términos tinham sido ardorosamente defendidos pelas diversas correntes, e foi enviada uma comissão para fazer o levantamento e decidir por si mesma. Os três vales que reivindicam tal honra são os do Pará, do Paraopeba e do rio das Velhas. O Pará passa a oeste de Pitangui, e desemboca no São Francisco, cerca de 19° 30' lat. S. Desafortunadamente, a grande serra divisória que precisa ser transposta via Santa Rita, Laje e Desterro avança em muitos contrafortes com numerosos e notáveis declives, demandando extensas voltas, além de túneis, pontes e outras obras de arte dispendiosas.

Além disso, restringe o São Francisco num ponto em que este rio não é navegável e não é possível torná-lo, atualmente, apto à navegação.

O Paraopeba² corre a leste do Pará e quase paralelamente a ele, apresentando algumas vantagens. Do rio das Mortes ao Carandaí, a distância é apenas de cinco léguas. Em Lagoa Dourada, o terreno é favorável; daí, a estrada poderia descer o vale do Brumado e entrar no do Paraopeba, depois de oito léguas. Essa linha passaria a 14 léguas da atual capital de Minas, através de campos onde floresce a agricultura, e em cujos fundos há florestas desocupadas.³ Por outro lado, M. Liais provou que o Paraopeba, do mesmo modo que Sabará, não fica próximo do meridiano do Rio de Janeiro, e que, sendo muito para oeste, torna necessária uma volta inútil. Além disso, o Paraopeba só é praticável na extensão de trinta (alguns dizem vinte) léguas entre a foz do Betim (20°10' lat. S.) e cachoeira do Choro,⁴ situada a 19°30' lat. S. Finalmente, como Liais mostrou, o rio São Francisco não pode ser considerado seguro, mesmo para embarcações rebocadas, da Foz do Paraopeba até a terrível corredeira de Pirapora.⁵

Durante a tarde, passeamos, indo às margens do pequeno Brumado. A batéia retirou alguns fragmentos de ouro; segundo disseram, o

dono da terra apura, às vezes, três a quatro florins por dia, o que mal é compensador. O dia terminou como todos os grandes dias terminam entre os britânicos de verdade: com um grande jantar, oferecido por Mr. Whittaker, que ofereceu um jantar de verdade. O bom vigário, Rev. Francisco José Ferreira, que rezara a missa, devidamente, às 11 horas da manhã, assentou-se à cabeceira; minha mulher ficou na extremidade oposta, e os lados foram ocupados por dezessete brasileiros e oito estrangeiros. A comida era, como de costume, galinha e carne, feijão, arroz, farinha e molho de pimenta, de fato “mexiribocá”,⁶ com queijo, cerveja e vinho do Porto da adega dos engenheiros. A única peculiaridade foi o sistema de brindes, segundo o velho costume de Minas. Logo depois da sopa, cada um faz um pequeno discurso e canta, com o tom mais anasalado possível, um pequeno trecho de canção sentimental, geralmente uma quadra e um estribilho. Eis dois exemplos:

Aos amigos um brinde feito
Reina a alegria em nosso peito.
Grato licor, alegre, jucundo,
Que a tudo este mundo,
desafia o Amor!

A audiência repete a última palavra e, alegremente, a prolonga, com um melancólico murmúrio: “Amo..o..o.. r.”

Como é grata a companhia,
Lisonjeira a sociedade,
Entre amigos verdadeiros,
Viva a constante amizade...
Amizade! (coro).

O Sr. Cipriano Rodrigues Chaves destacou-se, grandemente, tanto cantando⁷ como discursando. Todas as espécies de “saúdes” foram bebidas e tornadas a beber. No fim, propôs-se um brinde aos casados; os solteiros protestaram, e seguiu-se uma luta geral, amistosa e furiosa; os centauros e lapitas vieram fazer a paz. Tal ocasião

Toda a mesa,
Com gritos joviais tornou-se uma Babel.
Depois do jantar, levamos nossas cadeiras, e fomos tomar o café na porta da rua. A temperatura não tarda a se tornar bem fria, nessas depressões

da região montanhosa do Brasil; nos fundos, forma-se uma fina camada de gelo e há lugares em que se congela, durante a noite, a água colocada em um prato fundo. Voltamos para o rancho, onde Mr. Copsy fez para nós um “crambambali”,⁸ um *brulé* nativo, altamente aconselhável naquelas frígidas altitudes e “experimentamos” alguns copos da bebida. As fogueiras da “vigília” não foram acesas de novo, mas um grupo de dez homens passeou pelas ruas, e acabou nos fazendo uma serenata. Só nos separamos muito tarde, e sentamo-nos até que “*Sat prata biberunt*”.

Passsei muitos “alegres Natais” menos alegres na Alegre Inglaterra e não esqueceremos logo aquele dia do meio do verão em Lagoa Dourada, no ano da graça de 1867.

NOTAS DO CAPÍTULO XV

1. (ii. 162)
2. “Paraopeba”, que o Dr. Couto escreve “Paropeba”, e outros “Paraoupeba”, significa, segundo dizem, não sei com que autoridade, “rio da folha”.
3. Os habitantes ribeirinhos do Paraopeba dizem que ele é navegável por canoas abaixo do Salto de Santa Cruz, perto de Congonhas do Campo, em uma extensão que corresponde quase ao dobro da mencionada no texto.
4. Lembrando-nos, etimologicamente, do “Bab-El-Mandab”, Porta ou Passagem do Lugar do Pranto.
5. Aqui não é o lugar adequado para se falar sobre o rio das Velhas, que será descrito nos capítulos iniciais do segundo volume.
6. Mexiriboca é uma denominação burlesca de um prato equivalente ao “hodge-podge” inglês: carne, arroz, feijão, farinha e outras coisas, tudo misturado e comido com colher.
7. Essas canções cantadas à mesa eram universais na Europa. Na antiga Alemanha, quando se sentavam depois do jantar, os convivas tinham de recitar alguns versos, sob pena de serem obrigados a beber um copo até a borda. Acredito que o costume foi introduzido no Brasil pelos invasores holandeses, no século XVII. Não é seguido no litoral, onde a regra é a “discurseira” portuguesa, mas ainda é conservado com certas partes do interior. Que diria disso o sábio autor da *Arte de Jantar*?
8. Darei a receita fornecida pelo fabricante: Despeje em uma terrina uma garrafa da melhor cachaça, acrescente-se uma quantidade suficiente de açúcar, queime-a. Ponha, aos poucos, uma garrafa de vinho do Porto e, quando a chama enfraquecer, um pouco de canela e umas talhadas de limão. Apague, e terá a maravilha dos “crambambali”.

.....

Capítulo XVI

VIAGEM PARA CONGONHAS DO CAMPO

*Vêm-se dentro campinas deleitosas.
Gélidas fontes, árvores copadas,
Outeiros de cristal, campos de rosas,
Mil frutíferas plantas delicadas.
Caramuru*

Embora a alegria se prolongasse até de madrugada, a tristeza voltou pela manhã. Mr. Copsy foi obrigado, por dever profissional, a virar as costas para nós. “Prodígio”, a velha “madrinha” branca, pulou uma vala, durante a noite, e, por milagre, não foi acompanhada pelos outros animais. O inteligente animal, sem dúvida, tinha boas recordações da alimentação dos últimos lugares de pouso, e resolveu prolongar o prazer. Levantamo-nos às quatro horas da manhã e só conseguimos montar às nove. Fomos acompanhados pelos engenheiros e, em verdade, não poderíamos ir sozinhos. Nada mais fácil, nos campos em geral, que a “errada”, que o povo chama de “comprar porcos”. O terreno freqüentemente é uma rede de caminhos e trilhos, estradas que vão do nada ao coisa nenhuma. Quando se pergunta pelo caminho, a resposta infalível é: “Não tem errada” – e, logo em seguida, a gente chega a uma encruzilhada, onde se cruzam ou se encontram quatro ou mais estradas. Os habitantes conhecem cada palmo de terreno; não se extraviam, e nem podem conceber que alguém o faça.

Além disso, é um mero trilho, sem comércio, comunicações e comodidades; os poucos habitantes são naturalmente inteligentes, mas jamais se elevam acima do semibarbarismo. Se a gente lhes pergunta as horas,

olham para o Sol e dizem que é nove da manhã, quando é meio-dia. Se se quer saber a distância, a resposta será, provavelmente: “Uma légua, se o animal do senhor é bom; se não for, uma légua e meia”... Koster divide suas léguas em léguas grandes, léguas pequenas e léguas de nada, que podem ter quatro milhas. Atravessando a velha lagoa, galgamos uma subida de argila vermelha e, em breve, desembocamos no campo. Da elevação, avista-se, muito ao longe, no azulado nordeste, o alto paredão do Itacolomi. O terreno é cortado de ravinas brejosas, geralmente atingidas pela estrada em ângulo reto. As estradas de ferro terão de procurar, forçosamente, seguir o leito de algum curso de água; de outra sorte, terão pela frente um osso duro de roer.

Depois que caminhamos cinco milhas, atravessamos a vau um regato e comemos juntos nossa última refeição. A ocasião foi solene. Nestas terras, onde tudo se movimenta, as pessoas não dizem “adeus”, mas “até a primeira”, “até logo” ou “até a volta” (pronunciado “vorta”); e eu já havia de há muito aprendido a substituir *adieu* por *au revoir*. De fato, nós todos esperávamos nos encontrar de novo, e alguns de nós se encontraram antes do que esperávamos. Mr. Whittaker, então, cavalejou sua mula e, seguido pelos animais menos ligeiros, foi para o seu lado, enquanto nós fomos para o nosso.¹

Levamos duas horas para chegarmos a Olhos d’Água,² assim chamado por causa de uma pequena lagoa à sua esquerda. Descansamos em um rancho, onde as mulheres estavam fiando em uma velha roca o algodão que crescia diante de suas portas; é um passatempo generalizado em Minas, como na antiga França. Depois de nos refazermos, com laranjas e bananas, seguimos viagem, e avistamos, mergulhada em um profundo e romântico vale, uma fazenda de propriedade do Padre Francisco Ferreira da Fonseca. Era uma vivenda encantadora, encoberta pelos morros e embelezada pelos salgueiros, palmeiras e araucárias. A paineira crescia, imponente, com seu tronco ligeiramente protuberante,³ afilando-se no alto, e armado de espinhos fortes, afiados e recurvados, sobre os quais ninguém pode passar, a não ser as amazonas do Daomé. As grandes folhas são palmadas e as flores em profusão, cor-de-rosa e brancas, rivalizam com as mais belas tulipas; estas produzem logo frutos com sementes providas de tufo de pêlos, a chamada paina, muito útil, mas ainda não utilizada. Ao lado da estrada havia uma capelinha consagrada a Nossa Senhora da Lapa, e, em frente dela, uma esplêndida gameleira, pirâmide de verde e refrescante sombra, rivalizando com

o sicômoro de Halmalah, ou as figueiras selvagens que adornam a fronteira oriental do selvagem Ugogo.

Cerca de meio-dia, chegamos a Campuão,⁴ povoação junto a um ribeiro, atravessado por uma perigosa ponte. A igreja estava em reparos, e algumas fazendas próximas mostravam que a terra pode produzir café e cana-de-açúcar. Entramos, então, na formação cretácea, que corresponde à de São Paulo, e, espalhado na estrada, vê-se sílex escuro, encravado em sílex branco.

Indagamos onde poderíamos descansar, e nos indicaram uma espécie de rancho deserto, verde pela decomposição, imagem viva do perigo de febres. Um certo José Antônio de Azevedo nos levou para dentro, e logo se revelou uma boa bisca “o perfeito salafrário avarento e insolente”, o modelo da falta de educação, resmunguento e de capacidade inescrupulosa. Esse velho bruxo nos espantou. O viajante, nestas terras, torna-se tão acostumado com a amabilidade e a hospitalidade dos brasileiros, que sente vivamente as pequenas manifestações de incivilidade, que lhe passariam despercebidas na França ou na Inglaterra. E quanto é rara aqui a falta de educação se pode avaliar pelo fato de ter sido esse Azevedo a única e lamentável exceção dessa regra de delicadeza e boa vontade.

Naquele dia, sofremos muito com os carrapatos,⁵ e compreendemos a pilhéria popular acerca do mineiro, isto é, que ele é conhecido por suas botas e pela comichão. A praga é do gênero *Ixiodes* de Latreille, e os entomologistas ainda não chegaram a acordo se há uma ou duas espécies. Na opinião popular, o carrapato grande é diferente do miúdo, tão pequeno que mal pode ser percebido. Spix e Martius seguem esse ponto de vista, e Pohl denominou o primeiro de *Ixiodes americanus* e o outro de *Ixiodes collar*. St. Hilaire (III, ii, 32) e Gardner (293) acreditam que só há uma espécie, que varia muito, de acordo com a idade.⁶ É o “tick” do vale do Mississípi e, quando inteiramente desenvolvido, parece-se com o nosso “tick” de carneiro.

É um ácaro, quando visto por uma lente, mostra uma cabeça armada com um tríplice ferrão; os dois ferrões externos, quando entram na carne, se dobram, formando um triângulo com a base para fora e para baixo, o que torna difícil remover a praga. Os três pares de pernas longas e um de pernas curtas são todos providos de extremidades afiadas e formando fortes ganchos, e o corpo chato é coriáceo e difícil de ser esmagado; a cor é de um marrom avermelhado, semelhante à do percevejo doméstico. O

carrapato jovem, no começo da primavera, não passa de um ponto, com capacidade de importunar na razão inversa do seu tamanho. Cresce depressa e, quando intumescido pelo sangue, fica do tamanho de uma ervilha, ou maior.

Na maior parte de Minas e São Paulo, o carrapato domina; parece estar no ar; cada folha de capim tem sua colônia; bolos de centenas se agarram aos gravetos; miríades são encontrados nas moitas de arbustos. Magro e achatado quando nas plantas, logo que se prende ao homem ou qualquer outro animal, o carrapato começa a crescer, engorda rapidamente e, no fim de uma semana de boa vida, cai, *plena cruoris*. Os cavalos e o gado vacum sofrem grandemente com o *Ixiodes*, e chegam mesmo a morrer de inanição. O viajante logo se vê usando um cinto de mordeduras, como os *shingles* de Lancashire. O carrapato ataca nos lugares mais inconvenientes e o ferimento venenoso e irritante provoca uma febre semelhante à febre provocada pelo piolho na Rússia. Na África Oriental, o Dr. Krapf encontrou um percevejo “p’hazi,” cuja mordedura, na sua opinião, é mortal; trata-se do *papazzi*, ou carrapato, que, às vezes, mata pelo ataque constante. Na África Oriental, eu costumava espalhar pólvora no chão das cabanas e fazia explodir os animalejos, antes de entrar na habitação. Durante a excitação da viagem, o incômodo é relativamente leve; quando, porém, se deita para dormir, a vítima é perseguida pelo rastejar dos minúsculos bandidos e o calor da cama aumenta muito seu sofrimento.

O *habitat* favorito do carrapato é a capoeira, a mata secundária, onde o gado costuma pastar. O mato baixo chamado caatinga e carrasco também é um bom lugar para a criação de carrapatos. As queimadas anuais destroem milhões deles, mas os capões servem para protegê-los e os ramos das árvores ficam repletos dos animalejos. O carrapato não vive em certas altitudes; no entanto, quando galgava o pico de Jaraguá, perto de São Paulo, verifiquei que minha roupa estava cor de pimenta com sal. Abaixo de certas latitudes, também o *Ixiodes* desaparece. Gosta acima de tudo de lugares frios e úmidos, nas ensolaradas regiões montanhosas, onde atua à semelhança do mosquito do beira-mar quente e úmido, e é menos comum nos lugares secos e ensolarados. Nas cabeceiras do São Francisco, o carrapato é uma praga; quando descí o rio, ele desapareceu, de repente, mais ou menos na metade do caminho, para reaparecer depois, mas a intervalos. É difícil estabelecer-se uma regra determinada a respeito de sua presença. A água lhe é

fatal, e os animais se libertam dela nadando em rios largos. Os viajantes são também aconselhados a tirar as roupas infestadas e pendurá-las ao sol.

O estrangeiro, com o corpo pintado como o de uma onça, pede um remédio e recebe uma dúzia de receitas. Todas têm uma finalidade comum: fazer com que os ferrões do animalejo se retraiam, sem que a cabeça fique na pele, pois, do contrário, o resultado seria uma infecção, que pode durar meses, ou mesmo anos, às vezes provocando perigosas moléstias cutâneas. Alguns aplicam pomada mercurial; outros cortam o corpo do carrapato no meio, com uma tesoura; alguns enfiam nele um alfinete aquecido ao rubro. Muito comum é aplicar cinza de charuto e, quando as picadas são muitas, esfregam no corpo cachaça e uma forte infusão de tabaco, seguindo-se um banho tépido, para remoção da nicotina absorvível.⁷ Em muitos lugares, quando atacado por uma multidão ao mesmo tempo, achei esses métodos muito vagarosos; o recurso mais fácil é arrancar os carrapatos, antes que eles tenham se agarrado com muita força, e lavar a irritação com água e cachaça.

O remédio geral para essa praga será a derrubada do mato emaranhado e irregular, chamado mato sujo, e sua substituição por uma vegetação mais limpa. Há muitas aves comedoras de carrapatos, como, por exemplo, o gavião carcará, que presta ao gado bons serviços. Infelizmente, essas aves não são protegidas por lei, no Brasil.

O decrépito barbaças, nosso hospedeiro, depois de deixar bem patente sua independência, dignou-se a cozinhar um pouco de feijão, arroz e cebola, aos quais ajuntou o conteúdo de nosso cesto de provisões. Seu rancho era tão sujo quanto ele próprio, mas sua cozinha se elevava acima da média dos chiqueiros, apesar de ser ele miserável, e não apenas pobre. Embora tivesse setenta anos de idade, vivia com duas negras; havia na casa apenas uma cama, e nada o convenceria, nem mesmo um copo de conhaque, a abandoná-la. Estava velho e precisava de certas comodidades. Tivera, há pouco, “amarelão”,⁸ uma icterícia muito comum aqui. Dificilmente ele consentia que fosse colocada uma rede, com medo de estragar as paredes de taipa. O velho e suas namoradas não pararam de conversar a noite inteira. À mesa, eu me surpreendera, ao ver aparecer uma faca do mato e uma pistola de repetição. Minha esposa não conseguira dormir, ouvindo a conversa em voz baixa, e, prestando atenção, escutou essas sinistras palavras: “Pode facilmente matar a todas.” Imediatamente armou-se, e a cadela *Negra* começou a rosnar, em sinal de solidariedade. Naturalmente, nada ocorreu; a matança

mencionada provavelmente era das galinhas do nosso hospedeiro, cujo assassinato em nossas mãos ele temia. Quaisquer que possam ser os incômodos de quem viaja, no Brasil, por aquelas paragens, a verdade é que, via de regra, o viajante está perfeitamente seguro.

Na manhã seguinte, deixamos o velho Pongo, a quem os tropeiros chamavam de “Filho do Ganha-Dinheiro” e “Neto do Paga-me Logo”, resmungando, queixando-se de que havíamos furtado seus moirões e suas cercas para acendermos fogo. A difusa luz matinal mostrou-nos um horrível lamaçal, que faria arrepiar os cabelos de muita gente; os animais meteram-se nele, arquejantes, e o negrinho Chico ficou atolado, até ser socorrido. Logo adiante, fomos detidos por um largo fosso, onde tinha havido uma porteira. Esse procedimento arbitrário é comum nas zonas menos habitadas, e, certa vez, em São Paulo, isso nos fez perder um dia inteiro de viagem. As fazendas e plantações são muito afastadas umas das outras por aqui. Passamos por uma fazendola, com uma bonita casa pintada de branco, pertencente ao Sr. João Lopes Teixeira Chaves. Ele nos fora descrito como “um homem muito brabo”, que, “se estivesse de mau humor”, iria nos recusar o “pouso”. Eu deveria ter experimentado e, sem dúvida, teríamos descansado com muito conforto, infelizmente, não tínhamos brasileiros em nosso grupo; se tivéssemos, tudo teria sido fácil.

Essa parte da região montanhosa é coberta por uma terra vermelha, fria; as araucárias se mostram em grande quantidade e muito viçosas; os pés de feijão que crescem nas roças diante dos ranchos mostram que a produção de “mantimento” é a principal atividade da zona. Há indícios de criação de gado, e porcos magros e de pernas compridas fuçam o solo. Às oito horas da manhã, a paisagem me fez lembrar um nascer do Sol a que eu assistira do Pico do Tenerife. Abaixo de nós, estendia-se uma água cor de prata, correndo e ondulando-se sob a brisa suave; partindo das praias bem delineadas, estendiam-se cabos verdejantes e promontórios pedregosos; ilhotas penugentas projetavam suas cabeças escuras no meio da alvura das ondas; muito longe, conseguíamos distinguir, fracamente, a costa mais azulada do Estreito. A decepção foi completa, como no “Bahr-bila-Ma” árabe ou “mar sem água”, e no “Mrig-trikhna” ou “sede do gamo” dos hindus.⁹ Ao descermos, verificamos que a água era um nevoeiro de frio, ou antes, uma nuvem fina, com distintas e palpáveis bolhas condensadas pelo chão. Nesta estação, o fenômeno ocorre quase todas as manhãs.

Galgamos, então, uma montanha, em cujo alto se espalham caminhos de terra vermelha, numa largura de mais de um quarto de milha. Havia no alto uma casa isolada, mas, ao lá chegarmos, tivemos a surpresa de encontrar Suaçuí,¹⁰ uma rua com cerca de trezentas casas, ladeada por faixas de calçamento grosseiro, para impedir o barro vermelho de ser levado pelas enxurradas. A direção é leste-oeste, e as casas têm jardins e pomares nos fundos. No meio da parte mais baixa do logradouro, fica a matriz de São Brás, sobre um adro elevado de pedra, duas torres com um par de sinos e uma fachada restaurada e copiosamente caiada. As mulheres vestiam jaquetas de baeta vermelha, a roupa favorita do inverno, e as crianças se escondiam atrás das portas, enquanto passávamos. O Sr. Antônio José Cardoso, do Hotel Nacional, forneceu-nos água quente, toalhas limpas e um bom almoço, de que estávamos bem precisando.

Às onze horas, tornamos a montar e enfrentamos o sol quente, depois do frio e da umidade da manhã. Galgamos uma subida e chegamos à capela de Nosso Senhor dos Passos e à escola da aldeia, e dali avistamos uma bela paisagem, coisa que iria repetir-se de então para diante. A estrada é muito ruim, atravessando uma série de ondulações do terreno, separadas por córregos, que alimentam o Paraopeba. Menos de uma hora mais tarde, atravessamos a ponte sobre aquele rio, cujas águas são vermelhas, devido à lavagem do ouro; mesmo depois de desaguar no São Francisco, conserva, segundo dizem, seu colorido durante uma certa distância. Perto da Fazenda do Coronel Luís Gonzaga, encontramos uns doze ciganos, todos do sexo masculino, e descansando, sem barraca, enquanto seus animais pastavam o capim da beira da estrada. Esses misteriosos vagabundos são raros em São Paulo e numerosos em Minas, onde são vendedores de cavalos e ladrões de galinhas, como em todos os outros lugares, de Kent à Catalunha. São, evidentemente, de raça diferente daqueles, e seus cabelos longos e ondulados são a primeira coisa que se nota. Reservarei para outro volume informações imparciais sobre o “cigano” brasileiro – objeto de medo, antipatia e superstição por parte do povo.¹¹

Depois de atravessarmos o córrego Piquiri, encontramos terras muito melhores, que produzem várias espécies de mandioca, uma de cujas variedades, a mandioca roxa, amadurece aqui em cinco meses. Há muitas encostas cobertas de grama (*Triticum repens*) e o mato é rico em uma ciperácea, trepadeira que, misturada com o capim-gordura novo, dá uma excelente

forragem. Essa planta é chamada, no Brasil, andrequiá, a “faca-de-andré”, expressão híbrida, luso-indígena,¹² que expressa bem sua capacidade cortante. A estrada é margeada por giestas cobertas de flores amarelas, em profusão, o que faz o europeu lembrar-se de suas madrelilas. O povo a chama de “flor-de-são-joão”, porque é mais bonita no meio do inverno, quando as belezas florais são relativamente raras. Com justiça, ela conquistou um lugar na poesia:

Outra engraçada flor que em ramos pende
(Chamam de flor-de-são-joão)

Caramuru, vii, 36¹³

diz Fr. José de Santa Rita Durão. Notáveis, também, são as pétalas alvíssimas e as compridas vagens verdes dos arbustos leguminosos de folhas fendidas (*Bauhinia fortificata*, o mororó dos índios), aqui chamados unha-de-boi, ou, como alguns preferem, unha-de-vaca.¹⁴ Outra bela planta é a poaia, uma espécie de ipecacuanha,¹⁵ “a plantinha de perto do caminho” que o embeleza com suas florinhas vermelhas e amarelas. Observei aqui que os africanos nascidos no Brasil conservaram o costume de sua terra de marcar o caminho errado com um graveto atravessado no chão.

A aldeiazinha de Redondo tem uma capela consagrada a Nossa Senhora da Ajuda e, melhor ainda, uma bela perspectiva. Depois do primeiro plano, formado pela mata e pelo capim muito verde, cobrindo o solo de um ocre quase roxo, aqui chamado sangue-de-boi, vem uma depressão, que se levanta do outro lado, junto do sopé de um elevado rochedo. Essa cadeia, que se estende, com relação a nossa posição, para o leste e o norte, é chamada por alguns de Serra de Deus te Livre, sem dúvida por causa dos perigos de sua travessia. É mais geralmente conhecida como Serra do Ouro Branco, nome de uma cidade que fica na estrada real – cuja linha branca avistávamos, serpenteando entre as ravinas – entre Barbacena e Morro Velho. O maciço continuava a ser avistado, mas uma elevação do terreno escondia a cidade de nossos olhos.

Santo Antônio foi, e ainda continua a ser, chamado Ouro Branco, para se distinguir de Ouro Preto, cujo minério é escurecido por um pouco de óxido de ferro, ao passo que o outro é, naturalmente, ligado a uma rara formação de platina.¹⁶ O novo metal, descoberto apenas há duzentos e vinte e cinco anos, e agora usado mesmo para relógios, é encon-

trado em Minas no cascalho de rios que correm em tabuleiros e colinas baixas. Um pedaço pesando meia onça foi encontrado na lavra do Barão de Itabira, perto de Mariana. Mais duro que o ferro, e muito semelhante ao ouro, deu muito trabalho aos antigos fundidores, que gastaram com ele muito solimão (sublimado corrosivo) e se maravilhavam de ver as barras parecendo latão, que, no entanto, davam o toque de 22 quilates. Conta o Dr. Couto que, em 1780, aproximadamente, um desconhecido levou uma parcela do mineral para a casa de fundição do governo em Sabará e, como era extremamente refratário, quando dividido em dois, e se rachava com a amolgadura, o funcionário declarou-o sem valor. O mineiro desapontado, foi-se embora, observando que jamais esperava ser valioso, algo que ele possuía em tal quantidade que poderia carregar vários cavalos. Embora se conjecturasse que o material viera das proximidades da aldeia de Santa Ana de Ferros, o valioso depósito jamais apareceu. O mineralogista examinou o lingote que encontrou na Intendência de Sabará; pesava de 110 a 150 gramas, e era platina com uma quinta parte de ouro.¹⁷ Alguns jornais brasileiros atribuíram-me o redescobrimento da mina. Antes fosse verdade.

Cerca de três horas da tarde, quando a viagem se tornara uma delícia, chegamos à crista de um morro e, de repente, avistamos Congonhas, como Trieste é avistada, ou melhor, como Trieste era avistada, outrora, de uma velha diligência. A localidade se situa na parte meridional de um lindo vale, em oval, cujo longo diâmetro, de nordeste para noroeste, é formado pelo rio Maranhão.¹⁸ A água corre em uma terra coberta de verdura esmeraldina um rico terreno de prados, raro em Minas, onde as depressões são estreitas. Cortes e entalhes de argila branca, vermelha e amarela na parte superior do leito são os únicos vestígios das minas de ouro, outrora ricas. Para o norte, fica uma vasta e fragosa serra, reta e semelhante a um paredão; é chamada Serra (de N. Sr^a) da Boa Morte, nome de uma aldeia e uma capela dessa invocação; seu ponto culminante é o pico de Itabira, que avistávamos então, e, naquele ponto, ela forma um semicírculo que se estende até as montanhas de Congonhas, um maciço a oeste. Para leste, fica a grande cadeia de Ouro Branco, cujo aspecto varia muito, de acordo com os diferentes ângulos em que é observada.

À primeira vista, Congonhas parece ser toda uma igreja e um convento. Logo, porém, aparece um segundo templo, mais para o lado do vale ribeirinho; tem duas torres e é pintado de branco e preto, como a igreja

de Nossa Senhora do Monte Madeira, que os estrangeiros e os marinheiros chamam de “O convento”. Casas caiadas, ofuscantes à luz solar, espalhavam-se formando uma linha no eixo transversal entre os dois santuários. Descemos uma ladeira rochosa e calçada, de uma inclinação excessiva, e, em breve, nos vimos sob o teto do Alferes Gurgel de Santa Ana, que mereceu a nossa imorredoura gratidão, oferecendo-nos banhos quentes e “café de fazendeiro”¹⁹ e nos fazendo esperar pelo jantar apenas três horas.

NOTAS DO CAPÍTULO XVI

1. Deixo estas palavras como foram escritas. Encontramo-nos, de novo, mais de uma vez, com prazer, e não esperando o que iria acontecer. Em 21 de junho de 1868, Mr. Whittaker faleceu, no Rio de Janeiro, chorado por todos os amigos, e por ninguém mais do que por nós.
2. “Olhos d’Água” é uma expressão provavelmente traduzida do árabe. Há muitos lugares com essa denominação no Brasil.
3. Outra espécie de árvore de algodão sedoso, *le fromager ventru*, é chamada, devido à sua prodigiosa protuberância central, de “barriguda” (*Chorisia* ou *Bombax ventricosa*, Arr.). Há, no Brasil, como na África, muitas espécies dessa árvore, algumas com a casca enrugada, mas desarmada, outras com espinhos; as flores são de um cor-de-rosa esbranquiçado ou brancas e cor-de-rosa, e caem com facilidade, como as flores do *calabash*; as folhas são inteiras ou com dois lóbulos. O tronco produz uma resina viscosa e, em algumas espécies, o centro esponjoso fica cheio de grandes larvas, que os selvagens costumam comer. A fruta, do tamanho de nossas maiores peras, tem um algodão, do qual ainda não foi feita qualquer tentativa séria de utilização.
4. Ou *Camapuã*, que se traduz por “seios arredondados”, em contraposição a *camapirera*, “peitos caídos”. “Cama” significa seio e *apoã*, contraído para *poã*, redondo.
5. Não *carapato*, como escreve Mr. Walsh, nem *garapato*, como escreve a Sociedade de Propagação Religiosa.
6. Diz-se que ele nasce na estação seca.
7. Conheci no Brasil um viajante francês que ficou gravemente intoxicado, depois de esfregar na pele uma mistura de fumo e cachaça.
8. Em português correto, “amarelidão”. Koster (ii.19) alude a essa moléstia, que identifica com a icterícia. Segundo ele, os africanos estão muito sujeitos a ela, no Brasil.
9. A miragem. Os árabes também a chamam de *Bahr-el-Ghizal*, o Mar do Demônio. *Bahr-el-Mejanin*, O Mar dos Loucos (que esperam beber de suas águas) e *Bahr-el-Ifrit*, ou Mar do Diabo.

10. St. Hilaire (III, 2,262) dá *Çuaçu* como significando veado, no dialeto dos índios de Aldeia das Pedras; assim, *suassui*, *suaçui*, *suassui* seria traduzido por “água do veado”. O celebrado naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira explica que a palavra indígena correspondente a veado macho, *Sua-açu*, (não seria *suia-açu*, como grande?) significa “cabeça grande”, mas acha que a palavra seria derivada, mais provavelmente, de *cuu*, ruminar. Assim, *cuu-açu* seria um ruminante, *cuu-mirim* seu filhote (não menor no sentido de pequeno). Casal escreve *Sassuby*; Pizarro *Sassuby* e *Suassuby*. Spix e Martius *Sussuby* e St. Hil. (I, i. 400) acha que a palavra vem de “chuchu”, papagaio pequeno, e *Yg*, água – *Rivière des petites parroquets*. Mr. Walsh escreve *Sua-Suci* ou *Sussuy* e conta ter ouvido um relato que o fez lembrar-se da *Arae Philenorum*. Segundo parece, aquele reverendo homem era um poço de credulidade. Burmeister prefere *Suassui*, o *Almanaque* *Suassuy*. Vulgarmente, escreve-se *Sussuby* e *Sassui* e é a palavra traduzida por “veada com filho”. No Estado de São Paulo, há uma localidade chamada “Suá Mirim”, que, segundo dizem, significa “veadinho”.
11. Conhece-se tão pouco sobre o assunto, que o habitualmente bem informado *Anglo-Brazilian Times* ignora a presença de ciganos no Império.
12. Segundo o Capitão Speke (*Diário*, etc. cap. xiii.), Mtesa, o déspota de Uganda, mandava cortar em pedaços seus súditos criminosos, depois da morte, não com facas, cujo uso era proibido, mas com folhas afiadas de capim.
13. Caramuru, vii.36
14. O “Sistema” prefere unha-de-boi, e classifica o vegetal entre as plantas adstringentes mucilaginosas.
15. Poaia é, no Brasil, o termo genérico dessa espécie de rubiácea. A verdadeira raiz emética é distinguida como poaia verdadeira, ou de botica. Segundo o “Sistema”, ipecacuanha vem de *ipeca-goene*, “a plantinha de perto do caminho”; é, antes, a plantinha que provoca vômito (*goene*) e, sem dúvida, os curandeiros selvagens conheciam o seu uso. Como é usada em certas doenças femininas, poderia significar “a plantinha da mulher” (*Cunhã*). A palavra sofreu corruptela para *epicaquenha* e *picaonha*. Há muitas espécies: a *ipecacuanha* preta (*I. Officinalis* Arruda); a *ipecacuanha* branca (*Viola ipecacuanha*, ou *Pombalia ipecacuanha*, Vandelli).
16. Mr. Walsh (ii. 125) diz que o ouro preto “contém uma liga de prata, que adquire uma tonalidade castanha, em virtude da oxidação, quando exposta ao ar”. Essa afirmação é de todo incorreta.
17. D. Antônio de Ulhoa, sábio espanhol que viajou no Peru (1748), fala a seu respeito como o terceiro metal perfeito ou nobre. O nome dado foi “platina”, diminutivo de “plata”, que, em português seriam “prata” e “pratinha”. A Europa, suponho, preferiu o bárbaro *platinum* para torná-la semelhante ao *ferrum* e ao *cuprum*.
18. “Maranhão” (antigamente escrito *Maranhã*) quer dizer emaranhado. O pequeno rio nasce a S.E., perto de Queluz, e serpenteia rumo ao Paraopeba.
19. “Café de fazendeiro”, café que bebem os ricos fazendeiros, não a “água de castanha” de Portugal, para não se falar de outras terras. O primeiro deixa a xícara branca manchada e o segundo não.

.....

Capítulo XVII

CONGONHAS DO CAMPO¹

*Distante nove léguas desta terra,
Há uma grande ermida, que se chama
Senhor de Matosinhos.
Cartas Chilenas, IV*

Nossa Senhora da Conceição, aqui uma invocação favorita da *Bona Dea* e da *Magna Mater*, é uma Loreto mineira; não se pode deixar de admirar ver tal trabalho em uma localidade de 600 almas, desassistida, além disso, de patronos celestes. A mineração do ouro explica o motivo; casas desertas ainda mostram o escudo entalhado de algum velho fidalgo; além disso, no começo do século passado, os índios, agora extintos, ainda estavam na terra, e trabalhavam de boa vontade, ou eram obrigados a trabalhar, na arquitetura eclesiástica. O viajante, no Brasil, freqüentemente encontra, em lugares desertos, sólidas e majestosas construções que não poderiam ser tentadas nos dias de hoje. A igreja de Congonhas não dispõe de propriedades; além do mais, perdeu, ultimamente, uma dúzia de seus poucos escravos, e a opinião geral dos brasileiros esclarecidos é decididamente contrária ao aproveitamento do trabalho servil pelos sucessores dos Apóstolos. Mas de 11 a 14 de setembro, Congonhas tem a sua Romaria, ou peregrinação. Cerca de 7.000 pessoas, então, hospedam-se nas casas que ficam vazias o resto do ano, e os donativos de muitas moedas de cobre e algumas notas elevam-se a cerca de £2.000 por ano, o que aqui equivale a £20.000. A Irmandade de Bom Jesus de Matosinhos distribui as esmolas entre os habitantes da povoação santificada. Não havia melhor maneira – e que isso seja dito com todo o respeito pela crença popular – de se fundar uma cidade no antigo Brasil do que se instituindo uma Pedra Protetora, uma Cruz Aliviadora ou uma Imagem Milagrosa,² tais coisas eram encontradas facilmente, do mesmo modo

que hoje, criamos uma fonte de água mineral de Spa enterrando no chão alguns pregos enferrujados, com quássia, e cobrando meio xelim de entrada.

Como o diretor do colégio estava ausente, procuramos o Vice-diretor, o Rev. Padre Antônio José da Costa, natural de São José, e residente em Congonhas apenas há um mês. Amavelmente, ele nos censurou por termos ido ficar em uma hospedaria, quando havia tanto lugar vago entre os crentes, e, pegando a sua penca de chaves, tratou de nos mostrar as curiosidades.

Começamos pelo princípio. A íngreme e mal pavimentada calçada que havíamos descido na véspera tem um ramo à sua direita; este coloca o visitante na base de uma alta colina, em cujo tope situa-se o Santuário, em linda posição. Em frente, fica a igreja; à direita ou oeste, fica uma longa fila de casas de dois pavimentos, brancas na parte de cima e amarelas-ocre na de baixo. O terceiro lado, o oriental, da praça da colina é formado por casas mais pobres, de “porta e janela”, pousos dos romeiros.

Subindo a colina – exemplo típico, presumo, do “caminho áspero e estreito” – e cortando a praça pelo meio, há uma avenida de construções anãs, chamadas os Sete Passos. Os dois mais baixos são antigos, o par seguinte é modesto e os três outros ainda serão construídos, quando forem suficientes as contribuições dos piedosos: estas últimas contêm duas dos quatorze normais “passos de Roma”, e, quando terminadas, o lugar será usado para enterrar aqueles que mereceram. Antigamente, o belo calçamento de pedra em torno do templo custou um total de £34 £40; hoje, um simples “passo” custa £600. As despesas consistem apenas na mão-de-obra, pois a região inteira é constituída por material de construção.

Os oratórios são pequenas capelinhas baixas, de alvenaria, caídas de branco com arremates nos quatro cantos e encimados por pequenas cúpulas de “meia laranja”. Não têm janelas, mas uma simples porta, fazendo lembrar o tipo mais humilde da *Kubbaah*, que protege e honra os remanescentes de Shaykh e Wali, na Arábia e Sindh. O inferior, de número 7, não tem inscrição e representa a Última Ceia. Estátuas de madeira, em sua maior parte simples máscaras, sem entranhas nem espinha dorsal, vestidas como o turco tradicional do Mediterrâneo cristão, estão sentadas em torno de uma mesa, ricamente provida de bules de chá (ou mate), copos, bebidas e travessas. Nosso Senhor está dizendo: “Um de vós me trairá.” Todos olham com expressão de horror e surpresa, exceto Judas, que está sentado perto da porta, hediondo no aspecto e mostrando tão pouco cuidado em disfarçar

sua vilania quanto Iago nos palcos ingleses. Minha mulher, seguindo o costume do lugar, tirou a faca do prato de Judas e cravou-a em seu olho, ou melhor, no profundo corte que atravessa seu osso malar, e ainda lhe golpeou o ombro. Pobre Judas, que, de acordo com os princípios israelitas, devidamente aplicados, merece a gratidão afeiçoada da Raça Redimida!

O passo seguinte, a Agonia no Horto, apresenta uma inscrição peculiar, que se supõe, não sei por que mistério, ser grego. Copiei-a, no interesse dos helenistas:

ETIOD(sic)CTVS IND (sic)
GORID FIOLIXIVS
OLDBDT

O primeiro dos novos passos mostra o agitado e um tanto irlandês São Pedro cortando a orelha a um soldado, enquanto o Salvador se prepara para curar o ferimento. A inscrição *Tanquam ad latronem*, etc. não merece comentário; os soldados pagãos o merecem. Certamente, jamais houve guerreiros romanos tão narigudos, a não ser que eles usassem suas probóscides como os elefantes usam as trombas. Mas, grotescos como são, e de todo desvaliosos como obra de arte, aquelas caricaturas de pau servem, não tenho dúvida, para fixar firmemente sua intenção no espírito público e manter viva uma certa espécie de devoção. Já se fez alusão à influência civilizadora, ou antes, humanizadora, do serviço paroquial e do “padroeiro”.

Chega-se à igreja por quatro degraus semicirculares, protegidos por uma grade de ferro; aqui uma inscrição comemora a origem da peregrinação:

MDCCLV
VADa
BUNa JESU MATUSINORa
Pa Ra BENED XIV
PRIMUS HIC CULTUS OBLATUS
A. MDCCLVIII
Ra Na Fa JOSEPHOa
TEMPLUM CONSTRUCTUM
MDCCLXI
TANOa REAEDIF
CUI FAXIT
AETERNITAS

No começo, era apenas um cruzeiro de madeira preta junto à estrada, com uma grosseira imagem de Nosso Senhor e dedicada ao Bom Jesus de Matosinhos. Lá pelo ano de 1700, a imagem começou a fazer milagres; o terreno foi consagrado, e construiu-se uma capelinha, germe da atual igreja e do seminário.

Antes de se chegar à entrada do templo, dois lances de largos degraus afastam-se um do outro, depois se juntam no adro, formando a habitual área espaçosa e calçada, que, nesse caso, tem na frente uma bela balaustrada de pedra, da qual se divisa uma linda paisagem. Nos ângulos dos lances da escadaria e nos intervalos em frente do adro, há doze estátuas gigantescas³ dos quatro maiores profetas, que têm de ser alguns dos doze arbitrariamente escolhidos, pois não se sabe onde estão os menores. Cada estátua está metida em vestes convencionais do Oriente, segurando um rolo de papel trazendo uma passagem de seus livros, em latim e em letras grandes, do velho estilo. O material é esteatita, encontrada nos arredores da cidade, e o artífice foi o ubíquo Aleijadinho, que de novo aparece na fachada. O grupo tem um belo efeito a distância e, no Brasil, a idéia é original; compara-se, porém, de maneira desfavorável com a igreja de Bom Jesus de Braga, perto do Porto e com o mais humilde dos santuários italianos.

A fachada é, naturalmente, caiada de branco, exceto nos cantos, que são de pedra escura. Há duas janelas, acompanhadas de uma clarabóia muito simples; há também pequenas aberturas em ambas as torres. Essas torres são abobadadas e acabam em amplas extremidades, com uma esfera armilar suportando um anjo, que carrega uma cruz. A entrada é ornamentada com pedra-sabão entalhada, material muito abundante nesta região; os querubins e os instrumentos da Paixão são melhor executados do que habitualmente. A feição mais artística é representada pelas portas de madeira de lei pesada, com raios em alto-relevo e pintadas de um verde eclesiástico. Vi esse estilo pela primeira vez na velha Olinda e muito o admirei; algumas das saliências têm uns doze centímetros.

Pouca coisa se tem a dizer sobre o interior da igreja; as paredes são almofadadas e pintadas com afrescos pretensiosos e repletas de gravuras sem valor, ao passo que as imagens são abaixo da crítica. Há quatro altares laterais, o primeiro de São Francisco de Assis, o São Francisco predileto do Brasil, e o segundo à esquerda tendo uma imagem de São Francisco de Paula, que se supõe ser uma reprodução perfeita da imagem parisiense.

No lugar para o órgão, há um pequeno instrumento, e o coro, a sua esquerda, projeta-se no corpo da igreja. Há dois púlpitos de pedra nua, suportados por animais góticos; os querubins laterais são bem esculpidos, mas o dossel não tem valor. Os confessionários são quatro: dois fechados e dois abertos; os primeiros dispõem, geralmente, de uma espécie de biombo curiosamente furado. Os últimos, às vezes portáteis, consistem de uma grade semelhante a uma peneira, destinada a separar o santo sentado do pecador de joelhos. Talvez esse exercício religioso dos velhos tempos possa, agora, ser modificado para uma boa finalidade, determinando-se que o sacerdote e o penitente sejam estranhos um ao outro, e, como ambos, sem dúvida, se oporão a tal coisa e a detestarão, um novo encanto será acrescentado à mortificação.

O santuário tem um teto abaulado, com dois curiosos afrescos: “A Santíssima Trindade no Céu” e “O Sepultamento de Nosso Senhor”. Há, também, os quatorze passos da Paixão. O altar-mor tem uma grande imagem de Nosso Senhor do Calvário, com Santa Ana amparando a Virgem, São Domingos, Santa Luzia, Santa Verônica com o véu e o soldado romano com a lança. Na base, há um altar-túmulo e, quando é removida uma tábua, aparece o Senhor Morto, o grande objeto da romaria, uma imagem em tamanho natural de Nosso Senhor de Matosinhos, um Cristo morto, com anjos rezando, ajoelhados, os fiéis se prostram diante dele, beijando-lhe a mão com devoção imensa, como revela o afundamento do soalho em frente da imagem. A um lado, fica um pequeno presépio de Belém. Quatro belos lustres de prata maciça iluminam o altar-mor e o corpo da igreja.

A sacristia tem a pia de costume e os demais pertences, com quadros, como o resto da igreja, e dois bispos de Mariana no teto. A leste, fica a Sala dos Milagres, uma galeria baixa e comprida, contendo “ex-votos” de centenas de pessoas, quadros memoriais relembrando curas e salvamentos e modelos em cera de membros deformados pela doença. Ali é conservado o original da velha cruz de madeira, na qual está gravada:

INRI
(o crucifixo)
NO. S.D.
MATVZINHOS

Fora da igreja, e para o lado do nascente, há duas pedras cravadas no chão, perto das paredes, que me pareceram granito quartzoso. Uma é a Pedra Crescente, que, a despeito de atrair anualmente muitos beijos, cresce constantemente; a outra não é dotada dessa faculdade de crescimento. Nosso guia eclesiástico observou, sensatamente, que não afirma a veracidade do fato, mas que o mesmo é possível, pois tudo é possível ao Criador. Essa explicação, desde os dias do *numquid Deo quidquam est difficile?* ainda é popular, de Londres a Pequim; infelizmente, está de todo fora da questão; ninguém nega que o Onipotente tem poderes de fazer o que muitas vezes duvidamos que faça. Em Iguape, no litoral de São Paulo, há uma pedra irmã, com os mesmos predicados. Em ambos os casos, as partes que ficam ao redor do mineral são pisadas, raspadas e levadas como relíquias e remédios. É possível que o crescimento venha disso. A inofensiva superstição nos faz lembrar, entre outros exemplos,⁴ a fenda de trinta centímetros de largura – em uma rocha granítica perto de St. Evans, que, quando tiver a largura suficiente para permitir a passagem de um burro carregado – que fantasia grosseira; – anunciará o fim do mundo, isto é, a conclusão da atual era de quietude da Terra, e o recomeço das convulsões, se os convulsionários dizem a verdade.

Passamos à visita ao colégio, inaugurado há cerca de trinta e sete anos. Seu fundador foi o falecido Reverendo Padre Leandro de Castro, lazarista português, que também fundou o Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Sobre a porta de entrada, está a data de 1844, indicando o último acréscimo. O prédio é grande, tendo dez janelas na fachada e cerca de quarenta laterais; nada vimos, porém, de curioso, como Mr. Luccock descreveu:

“Atrás da igreja, há outra singularidade sacra, um jardim imitando o Paraíso, onde Adão e Eva, debaixo da cruz, estão sentados, ao lado de uma fonte, em toda a nudez da inocência.”

O atual diretor é o Rev. Padre João Rodrigues da Cunha, natural de Sabará, e seu salário, segundo foi dito, é de £180 por ano. O Governo Provincial deve contribuir com £400 por ano, mas o nosso guia se queixou de que a subvenção não era paga há dois anos, por culpa da Assembléia. Há sete professores e três padres para os assuntos espirituais; os alunos vão de sessenta a setenta, e todos usam batina. Não poderia haver melhor situação para um colégio. Há três anos, Congonhas está sem médico ou boticário, e, como acontece, muitas vezes, entre os passageiros e as tripulações dos navios

que não têm cirurgiões, ninguém sentiu falta deles. Naturalmente, tivemos notícia da costureira velha com mais de cem anos.

Segundo se diz, os capuchinhos se propuseram a assumir a direção do colégio, mas com uma condição impossível: isenção da lei civil e sujeição apenas à diocese. Isso foi considerado – *procaciter atque injuriose?* – como “tendência à obsoleta teocracia” e “restauração dos tempos de Gregório VII e Inocêncio IV”. Os brasileiros sensatos têm aversão à universidade eclesiástica, com seu *curriculum* de *Trivium* e *Quadrivium*; onde a juventude aprende, nos exercícios espirituais, o desprezo pelas questões mundanas; onde a política está sujeita à religião; onde o Estado se torna servo da Igreja, que inculca, a crença incontestada, a obediência cega, a austeridade, o ascetismo e a humildade. Virtudes de todo impróprias para os cidadãos de uma comunidade livre. Os brasileiros sensatos não concordam que a Filosofia seja a serva da Teosofia e que as fantasias tradicionais usurpem o lugar dos ensinamentos da natureza; não querem ver a razão humana ser apresentada como impostora e a liberdade de imprensa condenada como o “dilúvio da tinta infernal” e setenta e oito outros “erros modernos”. Além disso, não faltam as informações desfavoráveis sobre os hábitos de higiene dos seminários, como, por exemplo, o fato de se misturar salitre na comida.⁵

Por outro lado, não há dúvida sobre a eficiência do ensino e da disciplina dos estabelecimentos dirigidos pelo clero regular da Europa. E, nesse ponto, não me competindo emitir opinião a respeito de tais questões, em nenhum país, a não ser o meu, deixo de lado essa grande discussão, que não parece de molde a ser resolvida dentro de poucos anos.

Saindo do colégio, descemos o resto da íngreme calçada, passando, à direita, pela arruinada capela de São José. No fundo, corre o pequeno rio Maranhão, que, antigamente, dividia as comarcas de Vila Rica e Rio das Mortes, e é atravessado pela habitual ponte de madeira. Do outro lado, fica a povoação de Matosinhos, defronte de Congonhas do mesmo modo que Gateshead com relação a Newcastle-upon-Tyne. Há ali uma matriz consagrada a Nossa Senhora da Conceição, com uma fachada tolerável, e, perto da entrada, um brasão, esculpido em pedra-sabão. O interior ainda está sendo preparado. Há cerca de trinta anos foi atingido por um raio.

Visitei as lavras de ouro, e achei-as de pouca importância. Caldcleugh deixou uma descrição da indústria,⁶ que ainda estava em atividade em 1825. O precioso metal, de 22 quilates, era encontrado nos poros

e cavidades do quartzo friável ou desagregado injetado na pedra-sabão. Mr. Luccock encontrou ouro em pó “entre a ágila micácea e outras partes componentes do solo” e as últimas continham o minério “com igual certeza e em quantidades mais ou menos iguais, quer prevalecesse o vermelho, quer qualquer outra tonalidade do castanho ou amarelo”. A matriz foi esmagada pelos britadores, e o ouro liberado correu, da maneira habitual, pelas raias ou planos inclinados, onde couros colocados em direção contrária à camada de pêlos detinham as partículas maiores.⁷

Apresentamos nossos melhores agradecimentos ao amável vice-diretor; sua atenção e amabilidade mereceram toda a nossa gratidão. Antes de nos despedirmos, ele nos ofereceu, como lembrança, uma caixa de palitos feitos com uma liana muito apreciada da região, chamada cipó-de-salsa. Por que será que o palito, higiênico e cômodo, ainda não venceu o preconceito popular na Inglaterra?

NOTAS DO CAPÍTULO XVII

1. Congonhas é chamada “do Campo”, para se distinguir de Congonhas de Sabará. O nome é comum no Brasil, sendo aplicado pelos tropeiros e viajantes a muitos lugares onde são encontradas as diversas variedades de iliciáceas, da qual a mais valiosa é o mate (*Ilex Paraguayensis*, embora St. Hil. III, ii, 249, defenda, obstinadamente, a forma velha e incorreta *Paraguariensis*). Não descreverei o arbusto, pois isso já foi feito por todos os escritores, até Southey, inclusive*.

A palavra brasileira congonha é genérica, abrangendo todos os arbustos dos quais se faz “o chá do Paraguai”. É também especificamente aplicado ao *Ilex congonha*, comum em Minas e no Paraná. O chimarrão de congonha é a única infusão bebida sem açúcar. A caraúna é uma congonha de qualidade inferior. Diz Luccock (p. 523): “Escrevendo-se, comumente se chama a congonha de caacunha. O nome veio de uma planta, da qual se faz uma infusão e que é um excelente remédio para os incômodos da mulher”. Isso é uma confusão de ipecacuanha com congonha, que, na língua tupi, era chamada de *caa-mirim*, a folha pequena.

2. Essas imagens são chamadas “aparecidas” ou “aparecidos”, porque aparecem em praias marítimas, rios, cavernas etc. É moda agora negar que os católicos adorem imagens; no

* O autor, em nota, indica o nome científico do mate como *Ilex Paraguayensis*, acrescentando “embora St. Hil. II, ii, 249, defenda obstinadamente a forma velha e incorreta *Paraguariensis*”. Ora, esta última é a forma correta hoje aceita sem discussão por todos os taxonomistas: *Ilex paraguariensis*. (M.G.F.)

que diz respeito aos católicos instruídos, isso é um truísmo; o contrário ocorre com o vulgo. E é muito fácil, através de uma simples contagem, estabelecer-se a proporção entre uns e outros.

3. A altura é quase dois metros e meio. À direita, estão Jeremias, Ezequiel, Oseas, Joel, Nahum e Habacuc, tendo em frente Isaías, Daniel, Amós, Obadias, Jonas e Baruc. Assim, os quatro “grandes profetas” não estão na ordem de precedência. Todos concordam que as estátuas são doze, no entanto, em uma relação que me foi fornecida, encontrei-as assim descritas: À direita, Ezequiel, Habacuc, Oseas, Joel e Nahum. À esquerda Baruc, Daniel, Jonas, Amós e Obadias.
4. *Exempli gratia*, a venerável Pedra de Londres, de muitas fábulas. Sem dúvida, essas maravilhas pétreas originam-se do “Tu es Petrus”, etc.
5. Apêndice ao Relatório Presidencial de Minas de 1865, p. 38. Um eficiente documento.
6. *Viagens*, ii. 227. Mr. Walsh (ii.173) passou por Congonhas, descreveu o chá do Paraguai, mas nada disse sobre o templo e as minas de ouro. No entanto, ele viajou entre os turcos e escreveu um livro sobre a Turquia.
7. Esse antiquado sistema ainda é usado em Morro Velho. Reservo uma informação mais pormenorizada sobre ele em um capítulo futuro.

.....

Capítulo XVIII

VIAGEM PARA TEIXEIRA

*São pois os quatro A A por singulares
Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares.
Manuel Botelho de Oliveira*

Saímos de Congonhas pouco depois de meio-dia. Mais uma vez, descemos a colina e atravessamos o Maranhão; depois, alcançamos o valezinho do ribeirão Santo Antônio, por onde correm as águas vindas da serra da Boa Morte. O solo é, em sua maior parte, de greda, semelhante ao caulim, e os barrancos da estrada, outrora nivelados com o chão e agora afundados muitos pés abaixo dele, desgastados pelas chuvas torrenciais e pelas pisadas dos homens e dos animais, ainda mostram uma argila vermelha escura. A estrada apresenta muitas paisagens artísticas do *salvage soyle*. Congonhas, como uma pérola engastada entre esmeraldas, aparece ao longe, e a serra de Ouro Branco ainda brilha, no alto, majestosa na límpida atmosfera.

Nesta estação, o tempo é regular como um cronômetro. As noites são frias e nevoentas nas depressões; nas elevações, frias e claras, com o céu muito alto, os planetas fazendo a Lua aparecer menos viva e as estrelas que não se esqueceram de luzir porque estão tão perto do Equador.¹

A aurora vem com as nuvens, mas a nuvem
A beleza da aurora não ofusca.

Entre nove e dez horas da manhã, temos todos os benefícios do Sol, cuja refulgência ignora um fio de cirros, uma vesícula de vapor. Depois de três ou quatro horas de destilação solar, as nuvens, como flocos de algodão, se concentram no nascente; flutuam altas na imensidade azul,

depois se coagulam, formando nuvens encarneiradas, e finalmente tecem pendentes de púrpura, inocentes, contudo, de chuva ou trovões. Às vezes, preparamo-nos para o vento e a umidade, mas todos concordam que os sinais são de frio aumentado. Nem sempre é assim. Às três da tarde, não temos mais razão para nos queixarmos do calor, e os crepúsculos são frios e claros, deliciosamente tranqüilos, as noites dos comedores de lótus.

Depois de duas horas de viagem, entramos na terra do ferro, toda negra e vermelha, pontilhada de mica. O solo mais escuro era uma degradação da misteriosa “jacutinga”, e o amarelo-castanho avermelhado vinha da hematita, pedra de ferro argiloso, apresentada freqüentemente em peças modulares e botrióides; há, também, martite compacta ou ferro magnético, que muitas vezes oferece exemplares perfeitos da dupla pirâmide e, em alguns lugares, uma crosta do amizalóide quartzoso chamado “canga”. A água ferruginosa corre esplêndida como pedras preciosas em um leito do mineral. Apenas avistamos duas casas: a Fazenda do Pires, com sua avenida de araucárias, e, profundamente enterrada nos morros, uma fundição de ferro, pertencente ao Comendador Lucas Antônio Monteiro de Castro.

Começamos, então, a subir a serra de Santo Antônio, contra-forte da serra de Ouro Branco, na direção leste-oeste, que é paralela ao espigão Geral ou serra das Vertentes, da qual dista cerca de trinta milhas, ao norte.² É um conjunto de enormes montes de argila cortados nas encostas por afloramentos de argila xistosa e ardósia, finamente laminadas, as profundas depressões separando os montes são cobertas por um matagal extenso e muito viçoso, efeito dos cursos de água e dos orvalhos noturnos. As elevações enfeitam-se de flores e botões, em sua maior parte cor-de-rosa e amarelos, e o tapete de relva parece bastante macio para ser alisado com a mão. Nesta estação, é uma superfície brilhante de amarelo-esverdeado, com manchas de outras cores, e as orlas vistas contra o ar parecem gastas como um veludo roçado. A estrada serpenteia ao longo das encostas dos morros, e um passo em falso significaria uma queda de mais de oitenta metros de altura. Nenhum sinal de habitação estava à vista, a não ser algumas ruínas sem telhado, em uma depressão à direita, que fazia lembrar uma casa mal-asombrada. De fato, a paisagem era particularmente selvagem e romântica.

Do alto da orla da bacia, avistamos, muito embaixo, um rio bifurcado correndo pela montanha, entre avenidas de mato espesso. O ramo principal, correndo de oeste para leste, era de um azul pálido; recebe um

córrego, cujas águas, ligeiramente esverdeadas, vêm de sudeste, servindo de escoadouro da parte setentrional da serra de Santo Antônio, que aqui separa os vales do rio Paraopeba e do rio das Velhas setentrional.³ Ambos os pequenos cursos de água são chamados de “córregos desconfiados” e o ângulo de descida mostra que suas enchentes são perigosas. Reunindo-se perto das ruínas de uma ponte, que foi levada por uma inundação em janeiro de 1867, eles tomam o nome de rio da Prata.

Aqui, então, sob os meus olhos, encontrava-se a tarefa que iria me ocupar em cerca de três meses de navegação fluvial. Segundo dizem, aqueles pequenos cursos de água são as cabeceiras do rio das Velhas. Como se verá, um volume maior vem de uma parte da serra Grande (do Espinhaço), chamada “serra de São Bartolomeu”, que fica a cerca de trinta milhas para nordeste. O rio da Prata, contudo, é maior em comprimento; é a divisão mais a sudeste da grande bacia cujo rio maior é o São Francisco.

De indefinível interesse é a primeira vista de um córrego recém-nascido nestas novas terras, podendo ser comparado à sensação de se ver uma criancinha, com a diferença de que a nascente irá se transformar em rio, ao passo que a criancinha pode não se transformar em homem. Um amplo panorama apresenta-se diante de nossos olhos. O pequeno regato, tão modestamente correndo por seu canal, torna-se, em pouco, uma torrente montanhosa, com avanços e paradas, e cachoeiras e inundações, que arrastarão tudo diante de si. Depois, transformar-se-á em majestoso rio, banhando amplas terras, com as margens desertas ou povoadas, cobertas de campos ou de florestas, sustentando o humilde povoado ou a poderosa cidade. Afinal, muito longe, abre-se a foz e aparece o porto, movimentado com os navios, um elo na corrente de comunicação que tornam irmãs todas as nações e que deve civilizar, se ainda não civilizou, a humanidade. Parados diante da pequena fonte, contemplamos essa visão com um estremecimento de agradável emoção, a que não deixava de se misturar uma leve sensação de ansiedade. Quantos riscos e esforços não teriam de ser enfrentados, quantas dificuldades não teriam de ser vencidas, antes que a tarefa pudesse ser executada, antes que pudéssemos ver as cenas que imaginávamos!

O rio das Velhas deve seu nome, segundo a tradição local, a três índias velhas que o explorador paulista, Bartolomeu Bueno, o “Diabo Velho”, encontrou acoradas à margem do rio, quando, em 1701, o atingiu, em Sabará. A etimologia é muitas vezes incerta. Os índios, como informa o Sr. Rodrigues

Valério, competente autoridade, chamavam o rio de “Guiaxim” e, por corruptela, “Guaicui”,⁴ nome que ainda é encontrado nos mapas mais antigos. Essa expressão significa “rio da velha” (no singular) e, provavelmente, os primeiros exploradores fizeram confusão, traduzindo-a no plural, e seus descendentes se encarregaram de inventar a história, agora clássica, das três velhas.

Atravessamos a vau os dois braços que formam o rio da Prata, cujas águas são cristalinas. Os leitos e os barrancos ribeirinhos são semeados de *galletes* aluviais, pedras roladas pela água e seixos. As duras argilas talcosas são cortadas em formas peculiares: algumas parecem-se com as bolas e ovos usados pelos fundibulários indianos; outras não podem ser distinguidas, a não ser por um observador experimentado, de nossas rudes machadinhas de pedra. Fazem lembrar, naturalmente, as armas dos aborígenes, e são formadas pela natureza tão artisticamente como as que os celtas usavam, nas tribos de beira-mar, para abrir suas ostras e mariscos. Em ocasião futura, direi algo sobre a “Idade da Pedra” no Brasil, que, como todas as outras grandes regiões do globo até agora exploradas, mostra distintamente a época:⁵ revela todas as variedades, desde a mais rude cunha paleolítica de arenito, até a ponta de seta bem trabalhada de cristal de rocha e o machado de pedra polida ou neolítico, rivalizando com as machadinhas célticas. Além disso, no interior longínquo, a Idade da Pedra ainda não foi inteiramente superada pela Idade do Ferro.

Galgamos o lado oposto, da terra mais vermelha, dessa interessante bacia, guiados por um mamelão que se ergue em sua crista. Outra grande depressão se apresenta diante e abaixo de nós; a superfície, onde não fora cortada por esbarrancados ou brechas para a passagem de água, apresentava um mato baixo e grandes moitas de árvores, uma prova da superioridade do solo, também melhor protegido que seu vizinho mais ao sul. À direita, fica uma pequena povoação de mineradores, São Gonçalo do Bação, com uma igreja branca e ranchos escuros. O nível mais baixo é uma mancha de verdura, chamada Teixeira, rica de coqueiros e bananeiras, pés de milho e mandioca, algodão e a planta fibrosa chamada jucá ou baioneta. Tem o aspecto de um desses lugares tranquilos, onde o homem pode facilmente chegar à velhice.

A paisagem do norte é um quadro. Estávamos, agora, em presença das grandes formações de itacolomito e itabirito. O sol poente, encimado por nuvens muito brancas, alinhadas com nuvens carmesins, lançava raios de ouro sobre o acastelado penhasco de Itabira do Campo,⁶ – a Moça de Pedra entre os prados –, que os homens de Cornualha também

chamavam de pico de Cata Branca. Antes de chegarmos àquele ponto, nós o havíamos avistado e, então, se parecia com um morro coroado por dois blocos de alvenaria um tanto fora do prumo. Visto da bacia do rio da Prata, para norte-noroeste, as rochas do alto do pico pareciam formar um único bloco. Aqui, a cabeça era um tridente, com as três pontas altas e negras e, contornando para leste, muitas vezes o veríamos, elevando-se de súbito e único, como a chaminé de pedra do rio da Prata. Sua forma e seu plano relembram muitas semi-esquecidas lendas de castelos encantados e montanhas mágicas, e contam-se histórias interessantes sobre a água que mana de seu sopé e sobre um poço cavado pela natureza em suas profundezas.

Passamos por um rancho, cujo dono, alto e barbado, com um chapéu de abas largas caído sobre os olhos, olhou-nos grosseiramente, e não respondeu às perguntas que lhe fizemos sobre a possibilidade de nos conceder hospedagem durante a noite. Esse indivíduo, chamado João Militão, tem fama de ser “valentão”, ou, pior ainda, “capanga”, assassino profissional. Esses capangas, relíquia dos tempos bárbaros, infelizmente ainda não desapareceram no interior das províncias brasileiras. Como a honra continua a ser uma inspiradora de ação, e o duelo é desconhecido, os ofendidos recorrem aos serviços de facínoras mercenários, e o inimigo é alvejado de trás de uma árvore, como o proprietário rural irlandês da geração passada. À medida que a instrução avança e que os costumes sejam adotados pelo intercâmbio com o mundo, essa calamidade irá, como o Poderoso, tornando-se obsoleta. Tratamos o Sr. Militão tão grosseiramente, pelo menos, quanto ele nos tratou e, na manhã seguinte, ele, civilmente, travou conversa conosco, a respeito dos papagaios que estávamos caçando.

Felizmente, encontramos hospedagem na casa seguinte, que era de um seleiro, José Teixeira; sem dúvida ele não era rico, mas era simpático e amável, e sua mulher ajudou-nos a nos arranjarmos da melhor maneira possível em nossa cama de varas e capim. O terceiro e último morador do lugar apareceu, logo depois, armado de uma espingarda e muito excitado. Havíamos encontrado na estrada um cachorrinho branco, andando sem destino e doente; um de nossos companheiros deu-lhe uma chicotada, e ele não ganiu nem saiu da estrada, mas ali ficou, teimosamente, sem tentar morder alguém. Como seu pêlo estava molhado, não suspeitei de hidrofofia, mas, chegando à casa de Teixeira, fomos informados que ele estava raivoso há alguns dias e já mordera vários animais.

NOTAS DO CAPÍTULO XVIII

1. De fato, muitas vezes tive a impressão, no rio São Francisco, mesmo quando o ar era mais seco, de que as estrelas luziam mais do que de costume.
2. No mapa de Burmeister, a serra de Santo Antônio fica no vértice do ângulo formado pela serra de Ouro Branco, no sudeste, e serra da Cachoeira, no nordeste. Desse modo, ela aparece como uma reentrância ocidental na serra Grande ou do Espinhaço. No mapa de Gerber, não aparecem nem a figura nem o nome.
3. Não deve ser confundido com o rio das Velhas do Sul, outro rio importante visitado por Castelnau, que nasce perto de Desemboque, corre para noroeste e desemboca no Paranaíba, o grande ramo setentrional do Paraná-Paraguai-Prata. No futuro, sempre que se falar no rio das Velhas, não será acrescentado “do Norte”, que fica, porém, subentendido.
4. Esta palavra é, aparentemente, uma aglutinação de “Goiamin”, velha, “cunhã”, mulher, e “ig”, água. Possivelmente, vem de “cacuaio-ig”, que teria a mesma significação. Ives D’Evreux dá as seis idades da humanidade: 1 – “Peeitan”, criancinha; 2 – “Konguantinmiry”, criança; 3 – “Konguantin”, adolescente; 4 – “Konguanmoucou”, moça; 5 – “Konguanmoucoupoire”, mulher; 6 – “Ouainuy”, velha.
5. O Brasil teve uma bem definida idade da madeira, e os índios ainda usam clavas e espadas de pau. Tive a satisfação de ver a universalidade e ubiqüidade da “Idade da Pedra” afirmada pelo conceituado antropólogo Mr. E. B. Taylor, *Pesquisas sobre a História Primitiva da Humanidade e o Desenvolvimento da Civilização*. Esses rudes machados de pedra são mencionados em “Notas sobre a Antiguidade do Homem” (pp. 85-87, *Revista de Antropologia*, nº 1, maio de 1863, Trubner & Co.), e a literatura sobre o assunto está se tornando volumosa.

Para mim, essa era é especialmente interessante, porque abrange o período em que os homens não tinham, ou, o que dá na mesma, não sabiam que tinham alma. A alma, na verdade, parece só ter sido descoberta na Idade do Bronze.

6. O Dr. Couto, que encontrou cobre cristalizado em seus flancos, traduz o nome para “Moça ou rapariga de pedra”. St. Hil. dá *Yta biina* como “pièrre qui brille”. “Yta”, muitas vezes escrita “Ita”, aparece em palavras compostas brasileiras emprestadas do aborígine e quer dizer rocha, pedra ou metal, especialmente ferro. “Itabira”, segundo a explicação generalizada, significa “pedra pontuda”. Castelnau a chama de “Itabiri”, mas a perda de seu MSS obrigou-o a recorrer muito à memória. O distintivo “do Campo” impede a confusão com “Itabira do Mato Dentro”, um imponente pico a nordeste. Encontraremos Catas Altas do Campo, em contraposição a Catas Altas do Mato Dentro. Esses aspectos geográficos serão examinados no Cap. 30.

De Itabira, vem o nome do mineral, “itabirito”, uma rocha de quartzo granular e ferro de diversas variedades, muitas vezes puro óxido. Eschwege, que criou a palavra, descreve o minério como xisto ferruginoso, e considera-o como a matriz do diamante. Em Itabira do Campo começa a cordilheira ferrífera mais ocidental, nesta parte de Minas Gerais, que chega até Cural d’el-Rei, cruza o rio das Velhas em Sabará e, perto dali, forma a serra da Piedade. Em suas encostas mais baixas, há abundância de ouro, em geral associado com o ferro.

.....

Capítulo XIX

VIAGEM PARA COCHO D'ÁGUA

*Clima alegre, fértil e jucundo,
E o chão de árvores muitas povoado:
E no verdor das folhas julguei que era.
Ali sempre continua a primavera.*

Eustáquidos, pelo Fr. Manuel de Santa Maria Itaparica

Para a direita ou leste e a cerca de uma milha e meia do pico de Itabira, há uma bela elevação, onde estão situadas as minas e a aldeia de Cata Branca.¹ Alguns pormenores concernentes à sua fortuna anterior serão interessantes; a mina pertence, agora, à Companhia de Morro Velho, e melhores dias lhe estão reservados de novo.

As terras, pertencentes originalmente a colonos pobres, brasileiros e portugueses, passaram para as mãos do Conde de Linhares, que vendeu a concessão ao falecido anglo-americano, Dr. Cliffe. Este, homem de energia verdadeiramente transatlântica, e de muita confiança em si mesmo, partiu com seu direito à “Brazilian Company”, fundou-a em 28 de janeiro de 1833 e, naquele ano, o superintendente, Mr. A. F. Mornay, completou a compra.

Os terrenos da mina, inclusive a fazenda de Santo Antônio, que foi comprada, e Aredes, que foi arrendada, ficam em boa situação, a 1.450 metros acima do nível do mar,² a menos de duas milhas da aldeia de Córrego Seco, a uma distância de quatro a seis milhas, pela estrada real, da cidade de Itabira e a 35 da capital provincial. O terreno era pobre, mas, nas proximidades, havia grandes roças ou fazendas, que forneciam mantimentos a Ouro Preto.

A serra de Cata Branca, onde fica a mina, estende-se de leste para norte, de oeste para sul. A rocha nela encontrada é, segundo se consta-

tu, quartzo mináceo granular, com ouro visível, como na Califórnia. A orientação da camada é N. 150 w. e o ângulo de inclinação de 80° a 85°. Em alguns lugares, a estratificação era quase vertical e, em outros, curvada sobre a encosta da montanha, sendo geralmente irregular. O veio, estreito na superfície, alargava-se abaixo de 2 a 6 metros e, na maior profundidade, atingindo 70 metros. A formação de quartzo era de muitas variedades, transparente, esfumado, branco comum e azul, o que prova a sua riqueza; os flancos eram de material quartzoso pesado, impróprio, tanto para ser triturado como para ser arrebetado. A extremidade sudeste era a mais produtiva. No lado ocidental da jazida, encontravam-se formações ferruginosas de canga e jacutinga; a última era atingida por perfurações feitas abaixo da serra, que é, ali, uma massa de peróxido de ferro; as obras, contudo, careciam de ventilação, e foram abandonadas. O filão, que não se pode considerar “permanentemente produtivo”, é cheio de cavidades, tubos, canos e ramos, a que os mineradores brasileiros chamam de “olhos”, cercados de um material macio, principalmente quando correm verticalmente, e mais ricos em ouro livre que o usual. Junto destas bolsas, mas não disseminados pelo veio, encontrava-se pequena quantidade de pirita aurífera, ferro e arsênico. Finíssima areia amarela, óxido de bismuto, corria pelo meio do filão, produzindo ouro granular. Os melhores espécimes variavam de 21,75 a 22 quilates, nosso ouro padrão.

O veio de Santo Antônio fica paralelo ao de Cata Branca e a leste do mesmo. A mina de Aredes, a 8 milhas a sudoeste, ficava além do Pico; nesse ponto, a serra é coberta de rochedos de quartzo duro, muito numerosos na base do grande veio. Esses rochedos descansam na argila comum da região, macia e de várias colorações, e são cortados por linhas de quartzo transparente, que dá um pouco de ouro muito bom. Essa formação estende-se para o sul e a oeste do Itabira; foram feitas aberturas nela, e uma, a de Sumidouro, com êxito. Aredes mostra, também, uma pequena formação de jacutinga, contendo ouro vermelho, às vezes combinada com paládio e acompanhada de óxido de manganês. O solo era bom e continha de uma a duas milhas quadradas de terra arável, que produz todos os cereais da Europa.

O Dr. Mornay, depois Superintendente de Cocais e Vice-Diretor de Cuiabá, começou com o salário, além de casa e dos requintes da civilização, de £3.000 por ano, e isso era pago com um capital de 6.000 ações de £10. Em novembro de 1833, sucedeu-o o Comandante Cotesworth,

que depois morreu em Liverpool. Este último era, como todos os superintendentes do “Serviço”, então apreciados na Inglaterra, um disciplinador rigoroso, ativo e enérgico, amigo de cavalgar os animais até que estes afrouxassem, rabugento no que dizia respeito aos seus direitos e “zeloso no cumprimento de seu dever”, o que acarretou divergências. Encontrando a mina reduzida à condição de um imenso buraco, o Comandante Cotesworth teve que tirar (*to fork*)³ a água que enchia as galerias e nivelá-las, cotá-las (*dial*)⁴ e medi-las de novo. A mineração começou com a antiquada prática de “britar”, ou melhor “esmagar”, por meio de mós feitas de material quartzoso duro e resistente; logo depois, entrou em operação a melhor maquinaria do Império. Em 1835, além de trabalhadores assalariados, a “Cata Branca” empregava 38 europeus, 76 negros e 34 negras.

Em 1844, a mina desabou. O solo tornara-se lamacento, e a jacutinga líquida não pôde ser drenada por qualquer força mecânica; o terreno não estava devidamente protegido pelo madeiramento e os desabamentos laterais aumentaram até se tornarem enormes. O resultado foi que treze trabalhadores, entre os quais um inglês, foram mortos; alguns aumentam o número, que outros afirmam ser exagerado.

O fracasso da “Cata Branca”, fato sob todos os pontos de vista lamentável, resultou de duas causas. Em primeiro lugar, havia uma total ausência de economia, e, como Mr. Moshesh observa muito bem, com particular aplicação a Minas, até mesmo o ouro pode ser comprado demasiadamente caro. Em segundo lugar, os trabalhos foram malfeitos. A jacutinga era, então, uma formação desconhecida, mas os mineiros ingleses, especialmente os da Cornualha, já sabiam tudo e, por conseguinte, não toleravam que lhes ensinassem coisa alguma. Aqueles que não os julgam por seu próprio padrão, têm de admitir que eles haviam adquirido, empiricamente, alguns conhecimentos de mineralogia, nenhum de geologia. Mas, desde os dias de Howel ou Houel, “rei da pequena Bretanha”, tinham sido mineiros criados pelo céu, com ares de onisciência. Quem pode se esquecer do ingênuo discurso do chefe de grupo da Cornualha, que disse a Robert Stephenson que um habitante do Norte nada podia conhecer a respeito de mineração? Vi o oferecimento de um “prático da Cornualha” para fazer por £50.000 o que um “teórico”, quer dizer, um profissional, um homem que estudou em escolas científicas, não faria por £100.000.

O Sr. Prático foi levado a sério por um público de práticos – na Inglaterra ainda se agarra à velha superstição do conhecimento empírico, que leva muita gente a morder a isca – e o resultado foi que os acionistas práticos se viram, em breve, habilitando-se em falência.

O fato é que Tre, Pol e Pen são bons homens, mas precisam tomar a sério o que foi asseverado um pouco a oeste de sua terra, a saber, que

John P. Robinson

Disse que ele não entendia de tudo na Judéia.

Encontraremos aqueles mesmos males, gastos exagerados e falta de conhecimento exato, na história de muitas outras aventuras mineiras. Daí o fato de, nesta terra de ilimitadas riquezas minerais, tantas companhias terem do que se queixar e tantas minas terem sido, para se usar a expressão técnica, “golpeadas”.

Depois de uma noite agradavelmente restauradora, levantamos com a aurora; mais uma vez, contudo, a madrinha se extraviara, as mulas a haviam acompanhado e a bela manhã já se tornara bem quente, antes que pudéssemos montar a cavalo. O caminho não tardou a entrar no vale do rio da Prata, um riacho em um berço de areia e cascalho, um mundo grande demais para tão pequeno córrego. Por seis vezes atravessamos as límpidas águas, que correm para o norte, cortamos duas grandes encostas, por onde descem as águas vindas de oeste, ultrapassando a linha principal, e paramos para o almoço debaixo de uma figueira, à margem do córrego do Bação. O pequeno arraial desse nome, rico em verduras e árvores frutíferas, ficava próximo, e os mineiros saíram de seus ranchos, para nos ver e conversar conosco. Retornamos ao vale, agora coberto de areia solta e margeado, como de costume, por barrancos e montículos de argila vermelha. Outra íngreme subida para o contraforte à esquerda foi amenizada pela beleza da vegetação e nossos ouvidos eram embalados pelo murmúrio constante dos inúmeros regatos. As aves eram mais numerosas que de costume; os papagaios faziam algazarra de árvore em árvore, um barulhento pica-pau⁵ gritava no mato e os gaviões pairavam ao alto, no céu sem nuvens. Avançamos, então, cautelosamente, por um caminho calçado de pedras, sufocados por nuvens de areia. Um corte de incipiente arenito e, aqui e ali, muros de pedra, mostraram-nos que estávamos nos aproximando de uma povoação.

Depois de cerca de quatro horas de cavalgada, avistamos Itabira do Campo, em uma depressão abaixo de nós. O ribeiro que a divide, correndo de leste para oeste, é atravessado por uma razoável ponte de pedra, e suas margens são usadas para coradouro, ficando brancas com as roupas e negras com as lavadeiras. Ao sul da freguesia ficam as capelas de Nossa Sr^a das Mercês e Bom Jesus de Matosinhos; a oeste, fica a do Rosário, enquanto no centro da localidade estão a matriz de Nossa Sr^a da Boa Viagem e a igreja de St^a Teresa. Na realidade, as acomodações das igrejas dariam para alojar toda a população, embora sem muito conforto; a maior parte dos templos está em ruínas.

Galgamos outra ladeira escorregadia, a rua da entrada; havia ali boas casas, mas todas trazendo inscrita na porta a desolação do abandono. O calor do sol nos induziu a apear em uma venda da Praça de Santa Teresa, cuja torre, com seu telhado e seus beirais salientes, nos fazia lembrar uma capela da Suíça. O povo mostrou-se muito amável, e nos ofereceu café, com a menor demora possível; muitos casos nos foram contados dos velhos dias, ainda não perdidos na noite dos tempos, em que os habitantes do lugar arranjavam empregos para os filhos, casavam as filhas com ingleses e gozavam da excitação dos lucros e perdas. Itabira progrediu com a Mina de Cata Branca, e decaiu, quando a mina afundou. Os itabirenses continuam, mal sustentados pelo mercado de Morro Velho e a lembrança dos melhores tempos mal dá para manter viva a esperança do futuro.

Embora advertidos de que dificilmente conseguiríamos chegar a Cocho d'Água antes do anoitecer, e bem cientes dos horrores de uma viagem à noite no Brasil, e de uma estrada desconhecida, partimos à uma hora da tarde. Outra rua, uma volta para a esquerda, e estávamos de novo no vale do rio da Prata. Este era, agora, um “rapazelho”, no pior significado da palavra, turvo, barulhento e raso. Seis milhas de uma estrada surpreendentemente boa, levaram-nos a Mazagão,⁶ fundição de ferro do Capitão Manuel França. Desse lugar ao nosso destino, havia apenas seis milhas, mas a ponte estava caída, não havia estrada ao longo da alcantilada margem esquerda e tivemos de fazer uma volta inútil de uma légua, para oeste, noroeste e norte.

Subidas cobertas de argila e rocha levaram-nos a uma altura extremamente íngreme; de ambos os lados, o terreno era coberto de “mato sujo”. A única prova de que não estávamos em uma região de todo deserta

foi a casa de um certo Pereira, um pequeno sítio. Só nos encontramos com um grupo, provavelmente voltando de alguma festa de família, casamento ou batizado. As moças iam à frente dos pais, como fazem quando passeiam nas antiquadas cidades da Itália e do Brasil, com papai e mamãe na retaguarda, fiscalizando com quatro olhos qualquer olhar dirigido ou recebido. Uma donzela, muito bonita, de tez bronzeada, cabelos pretos e olhos maliciosos, estava montada à maneira masculina, uma prática sensata, mas agora obsoleta aqui, exceto entre os caipiras⁷ e os escravos. Eu a recomendaria, contudo, às mulheres que viajam pelo Brasil; aqui, os silhões e as saias são realmente perigosos, para os membros e para a vida.

Trotando pelo tabuleiro, que achamos muito curto, alcançamos, depois, de novo, o vale do rio, por outra longa e tediosa descida. No fim dessa marcha, havia montes alcantilados no rumo do sul e encostas suaves e cobertas de capim no rumo do norte. A estrada era um ziguezague da pior espécie; alcançamos outra vez o rio, agora um regato comparável à agitada juventude de Aquiles.

Impiger iracundus inexorabilis acer.

Uma torrente em torvelinho, não exatamente amarela, mas escura e carregada, pouco convidativa para a natação ou uma travessia a vau. Vista de cima das encostas cobertas de capim, a torrente da água era imponente, margeada de penhascos de 100 metros de altura e sombreada por árvores gigantescas, cipós pendentes e maravilhosas florestas virgens, espetáculo que surpreenderiam os admiradores do pequeno Dart, a maravilha do sul da Inglaterra. A ponte era pouco segura, mas nos agüenta. Não foi pequena a preocupação que senti. O Sol já lançava seus últimos raios sobre o cimo das montanhas, três destacadas elevações ao norte, uma espécie de “Três Irmãs”, iluminadas pelo reflexo. A noite segue-se ao pôr-do-sol de repente, a estas alturas e nessas baixas latitudes; a encosta era desesperadamente comprida, os animais estavam exaustos e, em certos lugares, buracos de sete metros de profundidade abriam-se no meio do caminho.

Afinal, depois de cansarmos os olhos de tanto procurar, des-cemos o ultimo lance da estrada e o dia morrera quando chegamos, com grande satisfação, a Cocho d'Água. Lá encontramos Mr. L'Pool, que apres-sara a marcha, disposto a chegar a lugar seguro antes do anoitecer.

E, aqui, aventurei-me a dar um conselho destinado a formar um “viajante tranqüilo”. Que todos os pensamentos fiquem subordinados a si mesmo. Que nenhuma fraqueza ou considerações por sexo ou idade o impeça de escolher, ou, pelo menos, tentar escolher, o animal mais resistente, o melhor quarto, a carne mais macia e o último copo de vinho. Quando estiver viajando, vá na frente dos outros, monopolize a estrada e empurre para fora dela todos os outros que se aproximarem: provavelmente eles aprenderão a ceder no futuro. Se um companheiro escolher um animal, uma sela ou uma rédea, trate de apossar-se dela: provavelmente, ele tem algum motivo para isso. De manhã, cuide do principal: cubra a cabeça, proteja o pescoço, encha as botas de algodão. À medida que o sol for subindo, vá se desembaraçando das proteções, abra o guarda-sol e chupe laranjas, não se esquecendo dos pequenos expedientes para refazer as forças que sua inteligência sugerir. Jamais vá para um hotel, se há uma casa particular no raio de uma légua, e, acima de tudo, tome nota de suas despesas. Finalmente, se convidar alguém para jantar, “encare-o de frente”, quando ele estiver bebendo, para evitar que ele gaste outra garrafa. Assim, sua viagem me custará 123 mil-réis, quando seu amigo gastará no mínimo 750 mil-réis por cabeça.

NOTAS DO CAPÍTULO XIX

1. “Cata é, às vezes, erroneamente escrito “calta”; é derivado de “catar”, quase sinônimo de “buscar”, mas com a significação de “caçar”. Os mineiros aplicam a expressão a um poço aberto na camada superior até que alcançam o material aurífero, qualquer que seja a sua formação.

Castelnau visitou a mina em 1843 e deixou uma boa descrição histórica da mesma, baseado em observações de M. Weddell. Minhas notas foram tomadas dos relatórios da “Brazilian Company” de 1833 a 1837, complementados por informações autorizadas.

2. Altitude sem dúvida muito exagerada. Mr. Gordon, de Morro Velho, fez observações, com um aneróide de Pelissier, na serra e não no pico de Cata Branca. Estas foram, em 12 de julho de 1864:

1. Bar. 27°40' Term. 15° 11h da manhã
2. Bar. 27°37' Term. 17,2° 1h da tarde

Isso reduziria a altitude à metade da mencionada no texto. Mr. Gordon também localizou, devidamente, o Pico do Itacolomi de Ouro Preto, a leste de Itabira. Os mapas dos Srs. Burmeister e Gerber colocam o primeiro a este-sueste (39°) do último.

3. A expressão *fork* significa reduzir a água ao seu nível devido, até que possa ser vista a extremidade do tubo da bomba.
4. O teodolito era chamado *dial*, e, em consequência, *dialling* era aplicado aos nivelamentos e levantamentos subterrâneos.
5. Chamado pica-pau-chão-chão.
6. Esta palavra espalhou-se nas colônias portuguesas, entre o Brasil e o Indústão, onde a escrevemos “Mazagaum”, como se tivesse alguma relação com “gaum”, aldeia. O nome é marroquino, e relembra as vitórias cristãs no porto de Mazagan.
7. Em São Paulo, prefere-se “caipira” e em Minas, “caipora”. O “caypor” de Mr. Bates é, segundo presumo, um erro de imprensa. Ambas as formas são corruptelas de “caa”, mato e “pora”, que habita. Assim, a palavra significa, literalmente, habitante do mato, ou selvagem. “Tapuia-caapora” seria um tapuia selvagem (brabo), “aba-caapora”, homem do mato. Entre os aborígenes, “caapora” (não capipora) é um espírito ou demônio que vive na floresta, um diabrete do mato, malicioso e que gosta de roubar crianças, que guarda em um oco de árvore. Nos velhos autores, encontramos “curupiora”; o velho jesuita Simão de Vasconcelos interpreta a palavra como “demônio do pensamento”, espírito das trevas; outros, “espírito dos bosques”, em oposição a Jurupari ou Juruperi, o Diabo. Evidentemente, há confusão, física e metafísica. O Sr. José de Alencar explica que “Curupira” vem de “curumim”, criança e “pira”, mau; o Curupira é, habitualmente, representado como um diabrete anão. Popularmente, “caipira” é empregado depreciativamente a ambos os sexos, e corresponde ao *calf* de Essex, *longtail* de Kent, *tikes* de Yorkshire e *bumpkins* de Norfolk. Uma pessoa pode, por pilhéria, usar a expressão, com referência a si mesma ou a sua família, mas uma outra pessoa deve abster-se de fazê-lo. O nome que corresponde, sem conotação ofensiva ao inglês *backwoodman*, a *voyageur* (Canadá), *coureur des deserts*, *coureur des bois* é “sertanejo”, que os clássicos escrevem “sertanista”, de “sertão”, o interior, o extremo oeste, expressão que será explicada oportunamente. Southey (*Explorações*, etc., iii, 900) faz de “sertanejo” um habitante do “sertam” e de “sertanista” uma pessoa empenhada em explorar o “sertam”.

.....

Capítulo XX

VIAGEM PARA A MINA DE OURO DE MORRO VELHO

*Cultiva-se em Minas precisamente como se cultivava
no termos dos paulistas e dos emboabas.*

Relatório do presidente de Minas Gerais
para 1865 – Apêndice, p. 25

Avargem do Cocho d’Água,¹ nome humilde de um lugarejo humilde, assim é chamada por causa de uma cisterna de pedra, ainda visível, na casa hoje arruinada do falecido Tenente Domingos Soares, um pequeno fazendeiro crioulo.² O Dr. Couto menciona o lugar como um “sítio” e pousa na antiga estrada de Ouro Preto ao então Tijuco. Atualmente, compõe-se de uns dezesseis ranchos espalhados por uma depressão, que produz uma cana-de-açúcar, boas batatas e muita lenha para a grande mina inglesa.

José Clemente Pereira, nosso hospedeiro, fora presenteado por sua esposa com doze filhos, e estes já lhe tinham dado cinco netos; a família povoa o lugar. Essa “criação de almas” e de cidadãos para a comunidade avança, aqui, como em qualquer ponto de Minas, em progressão geométrica, e não aritmética. Voltarei ao assunto. Nós todos esperávamos dormir, como seres humanos que bem mereciam um descanso; mas a noite era muito fria, a pobre avó estava com uma tosse horrível e a cadelinha “Negra” rosnou furiosamente, até ficar inteiramente intoxicada de cachaça, derramada em cima dela, com essa intenção.

E aqui, deixem-me explicar o que é cachaça, antes de entrar em casas civilizadas, onde a palavra e o que a palavra representa são igualmente abomináveis.

“Cachaça” ou “caxaça”, a “cachass” dos estrangeiros, é a “tafia” dos escritores franceses, uma bela palavra desperdiçada, como a “tortilha” espanhola, que significa bolinho. A cachaça é “schnapps”, o “kwass” do Brasil. O tipo mais comum é destilado de refugo de melão, metido em um alambique velho como as pirâmides e rico em azinhavre. O peculiar óleo volátil ou éter não é retirado da superfície; o gosto é de cobre e fumaça, em igual proporção, e, quando a catinga contamina a bebida, não sai nunca mais.³ Se assim não fosse, poderia ser aceita na Europa, como a aguardente de milho do Canadá e a aguardente de batata de Hamburgo, da qual é feito o verdadeiro conhaque. Há duas espécies de cachaça: a comum, feita de cana-caiana,⁴ e a “crioulinha” ou “branquinha”, da velha cana madeirense; esta última é preferida, por ser mais “fresca” e fazer menos mal. A aguardente, diz o Dr. Johnson, é a bebida dos heróis, e aqui os homens bebem heroicamente sua cachaça; o efeito é cirrose, hidropsia e morte. Os estrangeiros não se acostumam logo com o cheiro, mas quem se acostuma pode contar com o “delirium tremens” e um túmulo precoce. A cachaça tem seu uso legítimo, para banhos em caso de insolação ou para tratar das mordeduras de insetos. O hospedeiro brasileiro em geral põe uma garrafa da bebida ao lado da bacia de água quente.

A “caninha” ou “cana” espanhola é um artigo superior, feito de caldo de cana fermentado em tonéis; é o nosso rum e, quando conservado por alguns anos, especialmente enterrado, o cheiro lembra o rum de Jamaica. Os antigos viajantes habitualmente preferiam essa “pinga” ao vitriólico gim e aos adulterados conhaques que tinham penetrado no país; como a garrafa é vendida por um “penny” ou dois “pence”, não há vantagem em adulterar o conteúdo. Bebida com moderação, especialmente nas manhãs frias e nas noites úmidas, faz mais bem do que mal. O brasileiro acha que não pode misturá-la⁵ e preferem bebê-la pura; não lhe poupam elogios, dizendo que a bebida refresca no calor, esquenta no frio, seca os molhados e molha os secos. Alguma vez já faltou ao homem pretexto para beber?

O “restilo”, como o nome indica, é uma redestilação da cachaça ou da caninha e afasta o desagradável cheiro do espírito de melação. Essa forma é pouco conhecida em São Paulo; em Minas, é a bebida preferida, e os fazendeiros chamam-na, jocosamente, de “vinho brasileiro”, preferindo-o, e com razão, às horríveis bebidas importadas, a preços exorbitantes, da “Península”. Há uma terceira destilação, o “lavado”. Segundo dizem, é tão forte e anidrido, que, se

lançado ao ar, desce como um borrifo e quase se evapora. Não é, contudo, destilado em argila queimada, e não se toma, assim, álcool absoluto.⁶

Os efeitos dessa bebida sobre a população, e a frequência da cachaçada ou brigas de bêbedos, muitas vezes terminando em tiros ou facadas, serão descritos nas páginas seguintes.

Eram 5,15 da manhã do sábado, 29 de junho de 1867, nono pouso a partir de Barbacena e décimo sexto dia de viagem depois de nossa partida do Rio de Janeiro, quando fomos chamados para montar a cavalo e iniciar nossa última jornada. Um espesso nevoeiro ofuscava o círculo lunar, aqui sinal de frio, e não de chuva. Nosso escoteiro, contudo, conhecia cada palmo do cantinho; seguimo-lo, com plena confiança, atravessando uma ponte recém-reparada, subindo e descendo morros escorregadios e percorrendo curtos trechos planos, por onde se alargava o vale do rio, que agora serpenteia de leste para o norte. Torno a chamar, por gentileza, de vale esse sulco longitudinal que separa a cordilheira em duas cadeias meridionais; à direita, fica o contraforte ocidental da serra Grande ou do Espinhaço, e o flanco oriental da cadeia que liga o pico de Itabira ao pico do Curral-d'el-Rei fica à esquerda.

Enquanto Lúcifer brilhava entre o crescente e o horizonte como o arauto do Sol nas montanhas do Brasil, e o ar se tomava sensivelmente mais frio, e a pálida luz do amanhecer ia aumentando, ligeiramente esverdeada; quando os reflexos vermelhos riscavam os fragmentos da terra nublada e o alegre cardeal⁷ começava a entoar seu canto matinal, vimos, de novo, à nossa esquerda, o rio infante, a agitada torrente da véspera, agora transformada em rio das Velhas e trazendo o signo da idade adulta, um curso de água respeitável, avançando firmemente três milhas por hora, largo como o Tâmisia em Richmond, não ignorando as canoas, e em condições, dentro em pouco, de ser navegado por vapor. O Dr. Couto o chama O Rio Vermelho, mostrando que as margens eram, então, muito lavradas e lavadas, na procura do ouro; sua cor é, agora, amarelada, lamacenta.

Uma viagem de uma hora, terminando com uma íngreme descida, nos levou ao arraial e freguesia de Santo Antônio do rio das Velhas.⁸ Não se sabe a data de sua fundação, sendo, provavelmente, quando as minas de Batatal,⁹ do Soco, do Engenho de Água e do Papamilho produziam ouro em abundância. Em 1801, tinha uma centena de casas; em 1820, sua população era de 1.200 almas; em 1847, o Sr. Silva Pinto¹⁰ calculava-a em 1.086 e o *Almanaque* (186-) sugeria 1.300, baseando-se nos 115 votantes e

três eleitores. Presentemente, tem cerca de quarenta e cinco casas de moradia, espalhadas na margem direita do rio. A aldeia dormia um sono de morte; em vão as mulas pararam, sem serem convidadas, na venda habitual e no rancho particular da Companhia. A pequena matriz estava silenciosa, muda como estava a capela filial, e não tínhamos desejo de perturbar seu sossego. A aldeia tem casas de comércio e oficinas; dedica-se à agricultura e à criação de gado, mas o preço dos transportes impede a exportação. Aos domingos, quando o pároco reúne a população, para discutir seus escândalos e praticar o culto, o lugarejo se galvaniza de certo modo e, às vezes, um mineiro de Morro Velho, embriagado, apresenta um espetáculo, que termina com uma “dança de todos os personagens”.

A hora seguinte foi gasta em um lamaçal que as chuvas haviam transformado em matriz de uma pequena mina de ferro, constituída por ferraduras de animais. O caminho foi consertado recentemente, e, em certas partes, constituído de novo, por M. Gerber, de Ouro Preto. Os tropeiros, como de costume, preferem a estrada velha, mais conhecida e, em consequência, ambos os caminhos são abomináveis. No fim de uma légua, avistamos à margem esquerda do rio uma igrejinha caiada de branco, St^a Rita, e, no rio, havia duas pilastras, outrora ponte, construídas por homens que ignoravam a arte e o ministério de construir pilares. Para além, fica a Mina do Mono da Glória, pertencente a cinco proprietários; as piritas, muito bem esmagadas por seis cabeças das velhas “chapas” brasileiras, rendem 21 gramas de ouro de 21 quilates por tonelada. Aqui também fica a Mina do Morro de Santa Rita, antigamente um corte aberto, agora caído, quase fechado, e não mais explorado.

Dizem que St^a Rita fica a uma légua de Morro Velho; se assim for, é a légua mais comprida que já andei em minha vida. Em frente, a Estalagem, uma grande fazenda, leva à mina de Santa Rita, de propriedade de D. Florisbela da Horta, viúva que explorou sua propriedade com a energia brasileira dos tempos antigos. Essa lavra, onde, de vez em quando, ainda há trabalho de exploração de ouro, é parcialmente piritífera e tem também óxido de ferro aerífero com palhetas de cristal; esse minério é tirado com uma face aberta, como em uma pedreira, depois esmagado e finalmente pulverizado. A perda de negros era grande; o Dr. Walker, terceiro superintendente da Morro Velho, informou-nos que, em um tempo excepcionalmente curto, 24 dos 40 homens habituados ao trabalho morreram de disenteria e inflamação no peito.

Neste ponto, o leito do rio é obstruído por montículos semelhantes a túmulos e massas de cascalho, grosso e fino; a maior parte se cobriu de uma leve vegetação, plantada pela mão do Tempo, desde 1825, quando a mineração entrou em decadência. O duro material ferruginoso, chamado, na região, de marumbé,¹¹ escurece o solo. Fizemos um ângulo bem pronunciado para a esquerda da estrada de Sabará e atravessamos o rio das Velhas, pela ponte de Santa Rita, que tem 90 metros de comprimento, com nove vãos, apoiados por treliças ou cavaletes, sendo as vigas sustentadas e impedidas de empenar por correntes diagonais. Construída em 1853, a ponte foi freqüentemente reparada pela companhia inglesa; em 1859, Mr. Gordon deu-lhe o toque final e, a partir de então, foram retirados dois pilares de sustentação, fazendo uma feia saliência. Uma travessa ou peça de apoio de madeira remediará o defeito; mas há um ano para pensar em levar adiante a empresa.

Para além da ponte, viam-se representar claramente a energia e o capital dos nórdicos. Aqui, a três milhas de Morro Velho, começa a propriedade “Fernão Pais”, comprada em 1862 pela Grande Companhia, por £11.583. As minas, em sua maioria piritíferas, são as de Gaia, Guabiroba (muito valiosa), Samambaia, Serviço Novo, Mato Virgem e outras menores. Os novos proprietários abriram uma estrada de sete metros, estabeleceram uma pequena via férrea para levar o minério até as usinas de britagem e abriram um rego, um curso de água artificial, por meio de um terreno muito duro; foi escavado o local para o pilão; a estrutura está sendo montada, enquanto o trabalho começa imediatamente, e a velha casa senhorial à direita da estrada foi reparada para abrigar os mineiros ingleses; suas enérgicas vozes nórdicas saudaram o nosso guia de longe.

Avançamos, durante algum tempo, pelo vale do rio, que se estende para a esquerda, e observarmos sinais de inundações regulares até o sopé da montanha. Parte desses terrenos pertence à Companhia, e parte não, o que, para falar em termos brandos, constitui um inconveniente. Galgamos, então, uma subida de argila vermelha, descemos uma ladeira de igual formação, depois avançamos por outra íngreme elevação, chamada, apropriadamente, Monte Vidéu.¹² Essa Bela Vista ofereceu-nos o primeiro vislumbre de nosso destino e trouxe alegria aos nossos corações. Em frente, erguem-se as altas torres do paredão encimado pelo pico de Curral d’el-Rei, com sua cruz de madeira. Mais perto e em um horizonte mais baixo, fica o

Morro Velho, também coroado por uma cruz e suportando nos ombros Timbucu e Boa Vista, os bairros negros de casas de paredes brancas e telhados vermelhos.¹³ A nossos pés, a depressão ocupada pela cidadezinha, Congonhas, cujo terreno é uma mistura irregular de fundos e saliências, pontilhados de igrejas e vilas, de jardins e pomares, e embelezada com o curso de um regato cristalino. No morro da direita, a Fazenda Bela Fama, onde a Companhia mantém uma grande tropa de mulas, utilizada para trazer mantimentos e outros artigos. A esquerda, há outros montes e outros picos, com os quais dentro em pouco iremos travar melhor conhecimento.

Nada pode ser mais agradável do que aquele panorama, visto naquela clara manhã; aqueles, porém, que descem pela primeira vez envoltos no nevoeiro de Monte Vidéu, estremecerão no umbral da Staffordshire brasileira: uma região negra. O ângulo da estrada é o de um telhado, e sobre o barro vermelho há uma camada de argila finamente pulverizada, que, de longe, tem a aparência de uma vasta montanha. A parte colorida é constituída por uma porção diminuta de piritas cúbicas de ferro, não auríferas, sendo o barro utilizado por causa de segmentos coloridos pela plumbagina; na Europa, este mineral é empregado para produzir ácido sulfúrico, e serve para muitas finalidades técnicas.

A parte vermelha e a parte preta podem ambas ser evitadas, seguindo-se uma estrada de 1,25 milha pelo leito do rio, abaixo da ponte de Santa Rita e, em seguida, acompanhando-se o ribeirão do Morro Velho.¹⁴ Este último é o escoadouro principal, o zig-zague natural e o melhor caminho para a grande mina, que, certamente, merece uma estrada de carruagem, em vez do atual caminho de mulas.

Uma vereda que segue um corte profundo, com os pétreos remanescentes de uma antiquada calada, algumas cabanas, a capelinha do Bonfim e uma casa grande, de um fornecedor de carvão, constituem a entrada da cidade. Atravessamos a ponte sobre o ribeirão, e dali prosseguimos sobre o calçamento de escorregadias pedras em forma de rim, com o negro revestimento de ferro, usadas na velha e modorrenta povoação. Seus habitantes raramente abrem os olhos antes de oito horas da manhã, quando, a poucas centenas de metros além, centenas de homens estão trabalhando noite e dia; e os cidadãos acordados estavam provavelmente, apenas meio acordados; pareciam muito contrariados e nenhum levou sequer a mão ao chapéu.

Nossa Senhora do Pilar de Congonhas de Sabará – os nomes aqui são compridos, segundo parece na proporção inversa da importância do lugar ou da pessoa que os leva – embora muito sonolenta, é toleravelmente bem tratada. A praça principal tem algumas casas de dois pavimentos e enfeitadas, e os dignitários da localidade trataram de assegurar a presença de uma necessidade da vida municipal brasileira, o teatro,¹⁵ decrépito, embora tenha apenas quinze anos. A matriz, restaurada pelo falecido Fr. Francisco de Coriolano, tem uma fachada de três janelas e um frontão coroado por uma cruz; as torres apresentam telhados suíços, virados nos cantos, à moda chinesa de Macau; possivelmente é uma derivação inconsciente da imagem adorada pelos pagãos de Pomeco e Tlascalla. Junto à porta gradeada, há um anteparo curiosamente pintado com as cenas da Paixão, além dos quadros representando as quatorze passagens, pendurados nas paredes.

O comércio floresce em vinte estabelecimentos, inclusive um laboratório e algumas farmácias. Os habitantes do interior do Brasil, como os do oeste dos Estados Unidos, e muito ao contrário dos “bananas”¹⁶ do litoral, ainda exigem as pílulas digestivas de nossos avós e os “persuasivos peristálticos” do Dr. Kitchener. Não será que isso se deve, em parte, ao espírito tão *tenax propositi* com que ambas as nações sustentaram guerras, durante anos, quando nós nos cansávamos dos combates e ansiávamos pelo “lar”, depois de alguns meses de campanha? Nestas terras, o boticário jamais é um pobre boticário. Duzentas libras de drogas de má qualidade lhe rendem £2.000 e o sustentam para o resto da vida; por mais estranho que pareça, homens que poderiam ser tratados de graça pela Companhia preferem a botica e suas conseqüências.

Congonhas curou-se da *decadence et abandon* com que St. Hilaire a encontrou há 47 anos. Construída para a mineração, decaiu com a mineração, e com a mineração “ressurgiu”. Em 1830, tinha 1.390 almas; em 1840, cerca de 2.000, com três igrejas, uma das quais uma ruína inacabada; em 1847 (Sr. Pinto), 913, naturalmente sem incluir Morro Velho; em 1864, 6 eleitores, 211 votantes e 4.000 habitantes, acrescentando-se 1.000 mineiros. De então para cá, o número, certamente, não diminuiu.

Da praça, viramos para a esquerda, subindo uma terrível ladeira de pedra, que se levanta adiante, quase a prumo, e corta a elevação que separa as bacias de Congonhas e Morro Velho. À margem da estrada parcial-

mente pavimentada, há um armazém de aspecto apresentável, e o Hotel Congonhense, onde o Sr. Gehrcke, um velho alemão que fala inglesa, empregado da Companhia, recebe quem não traz consigo cartas de apresentação; ali também vive, de sua arte, um pintor retratista italiano. Muito acima de nós, à direita, fica a igreja do Rosário, repleta, apesar de não ser dia-santo. A escura fachada do santuário, sem torre, apresenta um sombrio aspecto, com as pedras que fazem lembrar um bastião; uma inacabada coroa de Portugal e um lugar vazio para as “Quinas”, embaixo, contam a sua história. A nave e o altar-mor são caiados de branco, e a ornamentação é pobre e de mau gosto – gosto de negro.

Embaixo, à direita, fica o armazém de Alexander & Filhos, que fabricam sua própria cerveja, chamada “Inkerman”, à qual a mistura de rapadura torna um tanto mais capitosa que o mais picante dos maltes escoceses, e que tem derrubado muito sujeito robusto, com tanta facilidade quanto faria uma bala dos russos. A cerveja que o antigo Egito, embora ainda não tivesse a *pale ale*, preferia decididamente ao vinho, deveria ser sustentada em Minas, em face das demais bebidas, sobretudo a cachaça. Mr. Henry D. Cocking, do Departamento de Ferreiros, fabrica sua cerveja em casa, mas importa os ingredientes. A se julgar pelo sucesso dos alemães no oeste de São Paulo, também aqui o bom tônico irá florescer. Em frente do estabelecimento dos Alexander, fica o grande rancho de Melo & Cia., onde os mineiros negros fazem suas compras; mais além, está o velho hospital, com seu jardim agora ocupado pelo ex-feitor de minas, Cap. Andrew e pelo Sr. Antônio Marcos da Rocha, que já foi empregado do estabelecimento de Gongo Soco, atualmente “Encarregado de Matas e Florestas” em Morro Velho. A estrada é protegida por troncos de árvores colocados obliquamente e rebocados com argila, para servir de sarjeta: esse recurso é comum nas regiões montanhosas do Brasil, e, em algumas estradas, especialmente de São Paulo, os cavalos têm de passar sobre um tronco, de dois em dois passos.

A vista, nesse ponto, torna-se muito bonita. A descida se faz através de uma aléia de coqueiros, cujos cachos de frutas se penduram abaixo das folhas. Do outro lado, há um capinzal, de capim-angola (*Panicum guineense*), uma viçosa folha de 20 centímetros de comprimento por 3,5 a 4 de largura; é plantado em caules cortados à semelhança de cana e, na estação devida, fornece por semana três toneladas de forragem doce e su-

culenta. Infelizmente, esse belo local é um foco de difteria. Acima do capinzal, no alto de um outeiro amarelo-avermelhado, fica o presbitério do Rev. Armstrong, branco e limpo como o seu colarinho. As lindas janelas ogivais muito estreitas e uma cruz ultra original fazem a capela destacar-se entre as vilas esparsas e fileiras de casas.

À direita, na próxima margem do ribeirão, montões de minério cinzento e pedras esmagadas denotam a proximidade do “Serviço da Praia”.¹⁷ Um trenzinho, que percorre uma linha com 800 metros de comprimento, furando os morros e atravessando duas pontes, liga esses trabalhos com a sede, transportando o produto das “minas pobres”, para ser beneficiado, no caso de um acidente fechar as minas superiores. Aqui também, os bicames, ou regos com grande inclinação, transportam o lodo e os refugos. A maquinaria que os submete a um novo tratamento consiste de duas rodas e pilões abrigados em um comprido telheiro.

Depois de subirmos uma pequena colina – a última, graças a Deus! – passamos por um bonito bangalô anglo-indiano, onde mora Mr. James Smyth, superintendente do departamento dos negros. Do outro lado da depressão em que corre o ribeirão, há barracas, denotando a mineração de Mingu, cujo minério é piritífero, como o do veio principal. Mais além, fica o amplo hospital novo e as residências dos médicos, Drs. M’Intyre e Weir.

A “Casa da Tranqüilidade” era a mais bela das perspectivas; amáveis, muito mais amáveis, porém, são os encantos das “Galashiels”, diz o Dr. Weir, que, com filial reverência, tem pendurado à parede uma gravura da rústica aldeia escocesa. Para lá, ainda, fica a capela católica, uma profusão de cruces: cruces fora, cruces dentro, cruces no ar – até as janelas são cruces. Para os cristãos primitivos, que escândalo teria sido isso! Ao norte do vale, fica o Morro Velho; uma cicatriz vermelho-escuro em sua encosta meridional mostra onde os proprietários brasileiros encontraram seu primeiro ouro, e onde algumas cabanas foram soterradas por um desmoronamento de terra. A alta cruz de madeira preta foi erguida por Mr. Gordon, para poupar sua gente, que, antes, nos dias determinados pelo padre, peregrinavam por três árduas milhas, até o pico de Curral d’el-Rei. O “Velho Monte” tem uma bela vista, mas no “mato sujo”, o Rei dos Carrapatos tem a sua corte e a conservará, até ser expulso pelo capim-da-bahama ou outra vegetação imigrante parecida.

Deixando à esquerda, em uma eminência, a grande casa branca do armazém da Companhia, dirigido pelos Srs. George Morgan e Matthew, encontramos a Casa Grande, que não deve ser confundida com as “casas grandes” do Vale de Gila. Nela fica a sede da superintendência, e é pintada com o amarelo oficial, ornada com uma parreira e tendo em frente uma varanda, construída para receber Sua Majestade Imperial. Para oeste e em ângulo reto com a Casa Grande, fica o Sobrado, onde se acomodam os hóspedes e onde, embora pretendêssemos que nossa visita iria durar uma semana, iríamos passar, indo e vindo, um agradável mês de ativo descanso, “a melhor de todas as bênçãos da Terra”. Esse anexo hospitaleiro existe em todos os velhos estabelecimentos do Brasil, e, nas cidades do interior, mesmo agora, ninguém vai morar em uma casa que careça de acomodações separadas, onde amigos e estranhos possam ser recebidos.

O cenário feriu meus olhos não familiarizados com uma mistura de Petrópolis brasileiro e de Neilgherry de Ootacamund; há algo de inglês nas casas muito bem cuidadas, tendo em frente canteiros de flores cercados de grades e um regato escuro em leito de ardósia; com um sabor de Suíça na claridade do ar e nos caminhos amarelados em ambas as margens do vale do ribeirão. Seria possível que estivéssemos a tão pequena distância da Grande Mina? Onde estavam as feições habituais, a fumaça venenosa, a vegetação de um “verde ferruginoso”? Tudo em torno de nós ostentava uma verdura variada, aqui uma fila de *aloés*, como a babosa, cujas folhas verdes e amarelas lhe deram, no Brasil, o título de “árvore-da-independência”. Vimos ali um cedro, único sobrevivente da antiga e nobre raça, mostrando que aquele vale era coberto, outrora, como o resto da região, pela mata virgem. As esplêndidas trombetas brancas da *Datura*, vulgarmente chamada trombeteira,¹⁸ erguem-se de massas de verdura, com quatro metros de altura; o uso fatal de sua semente, tão comum na Índia, onde há uma casta de envenenadores profissionais chamados “Dhaturiyah”, aqui pertence aos negros. As melastomáceas de diversas espécies variam em tamanho, do pequeno arbusto à árvore elevada; a flor-da-quaresma¹⁹ é bela em sua floração de branco, cor-de-rosa e lilás escuro, e as brácteas cor de malva de buganvília brasileira, aqui de estatura pouco comum, são realçadas pela *Fúcsia* silvestre, brilhante com flores do mais rico escarlate, enquanto as plantinhas humildes da Inglaterra colaboram para o encanto e esplendor dos trópicos.

Estávamos cavalgando há quatro horas, estávamos famintos como caçadores, e assim, com outro olhar de admiração ao exterior, dissemos *au revoir* ao nosso bom chefe dos cavalos e a todos os seus muares, e, depois da mais calorosa das recepções, sugerimos um almoço, que não nos deixou esperando.

NOTAS DO CAPÍTULO XX

1. Caldcleugh (ii.269) escreve Coxo de Água e o *Almanaque* Coxo d'água. O leitor já notou, antes disso, que a etimologia da língua portuguesa, notavelmente rica, ainda é incerta. É natural que isso aconteça com um idioma falado desde o curso superior do Amazonas até Macau e o Japão. A eliminação da letra final da conjunção genitiva é de todo arbitrária.
2. Crioulo aplica-se, no Brasil, a negros e coisas criadas no Brasil e também a pessoas nascidas no Império, mas não de sangue misturado.
3. Um processo mais cuidadoso provavelmente evitará muito desse mal. Atualmente, o aquecimento e resfriamento imperfeitos da rude máquina produzem inevitavelmente uma bebida de qualidade inferior. Nunca consegui acender uma lâmpada com a segunda destilação e muito menos com a primeira.
4. *On a d'abord cultivé dans le canton in canne de Cayenne, mais quand on a connu celle de Taitè, on lui a donné la préférence* (Príncipe Max, i.83). A maior parte dos escritores afirma que a “Cayenne” (caiana) foi trazida de “Otaheite”; mais ou menos em 1832, essa cana de Otaheite” foi introduzida na Luisiana e na Flórida, que, anteriormente, cultivavam a *ribbon cane*, a crioula do Brasil. O autor acima mencionado nos conta que, em seu tempo, a espécie mais comum era chamada “aguardente de cana” (em oposição a aguardente do reino, i. e., rum, gim, conhaque, etc.); quando melhor destilada, “aguardente de mel” e a melhor “cachaza” ou “cachassa”, ambas escritas erroneamente. Essas expressões caíram em desuso.
5. Mr. Walsh (ii. 8) informa, gravemente, acerca da “caxas”; “Meu hospedeiro disse-me que era um completo e excelente cordial, quando tomado puro, mas advertiu-me contra o perigo de misturá-la com água”. Apesar de tão sensato conselho, o viajante logo experimentou uma combinação “quente” e classificou-a como bebida de modo algum desprezível.
6. O restilo é o melhor para conservar exemplares de animais e plantas, mas afeta o delicado colorido da cobra-coral, por exemplo, e assim as descrições da mesma freqüentemente são errôneas. Se for usada a cachaça, ela tem de ser mudada, depois de alguns dias.
7. Um lindo tangará vermelho (*Tanagra episcopus?*), chamado cardeal na região.
8. Aliás, Santo Antônio do Rio Acima, distinguindo-se, assim, de Santo Antônio do Rio Abaixo, outra aldeia.

9. Esta denominação, comum nas províncias de Minas Gerais e São Paulo, significa que as pepitas de ouro encontradas são tão comuns quanto batatas-doce.
10. O trabalho desse cavalheiro foi-me prometido em Ouro Preto. Infelizmente, o promitente esqueceu-se da promessa.
11. Diz o Dr. Couto que “marumbé” ou “marumbis”, que ele escreve “marombés”, é minério de cobre das espécies cinzentas. Ele, sem dúvida, tinha a mania de cobre.
12. Não Monte Video, Anglice: a vulgar derivação é “Montem Video”, “Vejo o monte”.
13. Aqui chamadas pelo nome africano de “senzalas”.
14. Antigamente o ribeirão de Congonhas, que, correndo de oeste para leste, foi desviado, para os serviços e escoamento da mina inglesa.
15. Creio que o Brasil, com um terço da população da Inglaterra, tem o mesmo número de teatros, 166. Poderemos criticá-los, quando tivermos melhorado os nossos próprios.
16. Os habitantes do Rio de Janeiro assim são chamados pelos rijos paulistas. O amplo uso de *aloés* no interior é comentado pelo Sistema.
17. Voltarei a falar nesse “Serviço da Praia” no Capítulo 26.
18. Trombeteiras e figueira-do-inferno são os nomes gerais de todas as variedades da *Datura Stramonium*. O arbusto mais comum é o *Brugmansia candida*. Veio, provavelmente, do Hindustão.
19. A casca dessa árvore é usada para tingir de preto.

.....

Capítulo XXI

NOTAS SOBRE A MINERAÇÃO DE OURO EM MINAS GERAIS

Quand la population plus considérable, et que les Brésiliens sauront exploiter leurs mines d'une manière régulière, on en tirera des avantages qu'on ne procurerait pas aujourd'hui sans faire d'immenses sacrifices.
Eschwege, *Pluto. Bras.* 78

V

SEÇÃO I OURO

iajantes que estiveram no Brasil na época pré-californiana, St. Hilaire¹ e Walsh, por exemplo, acreditando, firmemente, que a riqueza é coisa do Demônio, gostavam de exaltar, à la Fenelon, aquelas tolas pseudo-virtudes, a Frugalidade, a Simplicidade, a Resignação, *La Pauvreté*, sua missão na Igreja, etc. e tal. Moralizavam, como São Paulo e Plínio, *ad libitum*, sobre os males que o ouro acarreta para a humanidade e, principalmente, sobre os males que a extração de ouro causara a Minas e a outros lugares, esburacando uma vasta extensão do país e divertindo a indústria de atividades mais proveitosas e duradouras. Adotavam o ponto de vista sentimental diante do ouro. Mammon ainda velava pelo ouro pisado no pavimento do céu. Lembravam que “só o ouro incita as paixões”; lembravam o *auri sacra fames*, o *aurum irrepertum*, *et sicum melius situm*, o *auri sanies* e “a maldição da raça humana”, esquecendo-se de que o precioso mineral é um simples objeto de tráfico, como a madeira, o milho e o vinho. Provavelmente, esperavam que os homens cultivassem miseráveis batatas, quando em suas terras cresciam guinéus e diamantes e ouro; desejavam, talvez, que o camponês, levado por princípios filantrópicos, tornasse a jogar o ouro e os diamantes nos rios que os produziam. Salientavam a decadência das cidades e aldeias de mineradores, como se as ruínas resultassem de terem sido perturbadas as entranhas da Terra, “uma dádiva da Providência”, como dizem os que assumem a res-

ponsabilidade de dirigir o curso da “Providência”. Mesmo civilizado Castelnau lamenta os *hochets de la vanité humaine* que exalta o diamante, ignorando o fato de que se trata de uma simples moeda de maior valor, de uma nota bancária incombustível.

Muito mais sensatos foram, naquela geração, os escritores brasileiros, que consideravam o mineiro, como o agricultor, um dos pilares gêmeos do Estado. Com razão, atribuíam eles a decadência dos estabelecimentos de mineração à ignorância da ciência física e à obra de um sistema político destruidor. Esperavam os dias em que a “mineração profunda” deixaria mais terra para a agricultura, mas também sabiam, muito bem, que as terras aqui não valem nada, e que os solos onde se faz a mineração não são aproveitáveis, via de regra, para a agricultura. E repeliam as objeções contra as minas de diamantes e de ouro tão prontamente como se essas tivessem sido feitas contra as minas de carvão, cobre ou chumbo.

Estes capítulos mostrarão, eu espero, que a exploração de ouro e diamantes apenas começou em Minas Gerais, e, na verdade, em todo o Brasil. Martim Afonso de Sousa, depois de tocar em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, ancorou, no dia 12 de agosto de 1531, na Ilha de Cananéia, agora chamada Ilha do Abrigo. Ali, encontrou um certo Francisco de Chaves, apelidado de “Bacharel”, que, segundo se diz, vivera trinta anos à beira-mar e estava informado de que o ouro abundava no interior, nas proximidades da costa. O grande viajante mandou, em 1º de setembro do mesmo ano, um grupo de oitenta homens, comandados por Pedro Lobo, para o interior. Esse grupo, a primeira Bandeira,² foi aniquilado pelos bárbaros carijós e tupis; um segundo grupo foi enviado, para punir os selvagens e, assim, a extração seguiu de pronto à descoberta do precioso metal. Pode-se dizer, no entanto, que, nestes três séculos e um quarto, nada foi feito, em comparação com o que resta fazer. Na Califórnia, segundo informa Mr. J. W. Taylor, “apesar da eficiente aplicação da energia hidráulica e de outras maquinarias aperfeiçoadas, a produção de ouro em minas e aluvião³ diminuiu de sessenta milhões de dólares em 1853, para vinte milhões, em 1866”. Também na maior parte da Austrália, a mineração de superfície está exausta, e os mineiros de picareta e bateia têm de ceder lugar às companhias, com máquinas e grandes capitais. No Brasil ainda há muito ouro de aluvião por descobrir, mas a grande riqueza consiste no ouro enterrado no solo.

A mineração de ouro de Minas Gerais, especialmente a de Morro Velho, corrige um erro científico vulgar. Lembro-me, de como, há poucos anos, um distinto presidente de Sociedades de Geologia costumava indicar a formação de ouro com o punho virado e os dedos voltados para baixo, supondo-se que os outros metais tinham depósitos no sentido contrário, pouco acima e muito abaixo.⁴ A generalização do Dr. Couto, acredito, também se baseia em dados insuficientes, quando apóia a crença de seu apreciado Lehmann,⁵ no sentido de que o sol é o principal agente na alquimia do ouro, observando que as minas aqui ficam nas encostas orientais das montanhas e raramente em outros “rumos”. Por outro lado, aqui como na Cornualha, a tendência é para uma direção de leste para oeste dos veios metalíferos, segundo se tem observado. Isso é, vulgarmente, explicado pela “direção em geral para oeste das correntes voltaicas, combinada com a direção geralmente meridional da agulha magnética”. Também no Brasil afirma-se que as cadeias de montanhas auríferas são, em sua maior parte, meridionais. Plínio (xxxvii, 15) tem razão em afirmar que o diamante, se seu “adamas” hexaédrico não é o corindo, mas um diamante de verdade, é, em geral, encontrado muito perto do ouro. E podemos observar que, nesta parte do Brasil, pelo menos, o ouro é, inevitavelmente, acompanhado por alguma forma de ferro. O mesmo se pode dizer com respeito aos diamantes.

Os depósitos de ouro de Minas Gerais podem ser divididos em três formações, todas produto de rochas primitivas e metamórficas.⁶ São:

1. Ouro de quartzo ou cascalho;⁷
2. Jacutinga;
3. Formações piritíferas;

Todos os exemplares de ouro de quartzo que me foram mostrados fizeram-me lembrar, imediatamente, o ouro da Califórnia e da Costa da Guiné, e os trabalhos de mineração que vi no rio São Francisco eram os mais grosseiros possíveis. Os brasileiros dividem esse ouro em três espécies. A primeira é o ouro do rio ou do córrego; é, ou solto, ou metido no meio de seixos, *galettes* e pedrinhas ovais de quartzo, arenito, granito, gneiss, itacolomito, talcoxisto e do conglomerado chamado canga.⁸ Sendo depositado, em diferentes épocas, pela “chuva e pelos rios”, esse ouro estende-se da superfície até 4 e até mesmo 7 metros de profundidade. Via de regra, todavia, cedo se esgota. A segunda formação era conhecida como “ouro de

grupiara”, expressão explicada de muitos modos.⁹ O minério é, então, misturado com a argila superficial, geralmente vermelha, raramente preta; é facilmente extraível e cedo se esgota. A terceira espécie era chamada “ouro de pedreira” e fornecida por pequenos veios de quartzo ramificando-se através da rocha. Esta, portanto, é a única de mina verdadeira; as demais são de meras lavras.

Na jacutinga, como no quartzo, o ouro é visível e, muitas vezes, livre. O metal precioso, porém, está tão diminuta e mecanicamente disseminado nas formações piritíferas, que parece ser outro metal. Essa é a natureza da mina de Morro Velho e, durante muito tempo, sem a pedra aurífera explorada no Brasil. Minha descrição a respeito será um tanto tediosa. A extração profunda de ouro em piritas de arsênico e outras é, contudo, tão interessante e a dificuldade de separar o minério precioso tão grande, que qualquer informação a respeito, por menor que seja, tem seu valor. A descrição dos minerais será tirada, principalmente, do “Relatório Anual de Ensaio para 1861” de um artigo da autoria de M. Ferdinand Dietzsch, o principal encarregado de redução da Companhia de Morro Velho.

O minério aurífero fornecido por aquela mina é composto de ferro magnético e piritas de arsênico, em uma rocha contingente de quartzo. O peso específico do veio vai de 3,8 a 4,0. Os minerais que o compõem podem ser citados na sucessão seguinte, a respeito de suas propriedades metálicas e seu valor relativo. Deve-se ter em mente que as formações passam de uma a outra quase imperceptivelmente.

1. Piritas de arsênico ou arsenopirita,¹⁰ que não constituem uma larga proporção do mineral, mas é o principal portador de ouro. Alguns exemplares produziram, quando ensaiados, de setenta a cento e cinquenta gramas por tonelada.¹¹ Na maioria das vezes, esse material é misturado com material piritífero ferroso magnético, quando dá de sessenta a setenta gramas de ouro no ensaio, e de dezoito a sessenta gramas na redução. É, habitualmente, um mineral prateado ou cor de aço, tendo brilho metálico, com manchas e pontos disseminados levemente, sendo, quando puro, seu peso específico de 6,20. O mineiro brasileiro chama de antimônio, palavra explicada pelo Dr. Couto como significando piritita de cobre, com ferro e enxofre, cúbica ou hexaédrica, bem cristalizada e colorida como ouro pálido. Na região, a povo diz que “Há muito fogo nela”. Evidentemente, está sujeita, quando juntada a outros corpos, à combustão, como mostra a velha

experiência de se fazer um vulcão artificial, enterrando-se na terra uma pasta composta de limalhas de ferro e enxofre, misturadas com água.

2. Ferro comum (marcial), piritas (FeS_2), marcassita ou “mundic”¹² mais abundante que a nº 1, porém muito inferior, no que diz respeito ao rendimento aurífero. Exemplares quase puros, com leve presença de quartzo, dão quarenta gramas por tonelada; a pedra amarela da “Mina de Quebra Panela Ocidental” dá apenas vinte e uma, e, quando há misturados no quartzo grãos de cristais maiores, a percentagem é ainda menor. A superabundância de piritas de ferro é quase uma antagonista do ouro quanto à preponderância da mistura de quartzo. Um mineiro compara esta última formação ao terreno e a primeira ao adubo. Essa formação é também sujeita à combustão espontânea, quando decomposta em contato com a umidade. O mineral tem o brilho metálico normal e a cor amarela bronzada, e é encontrado em esferas diminutas de metal bem disseminado, em cubos e em massas cristalizadas, tendo cada face mais ou menos 1,5 centímetro de largura. Embora escureça rapidamente, os ignorantes freqüentemente a tomam por ouro, e está espalhada em largos depósitos no Vale do São Francisco e nas províncias de Minas e São Paulo. Meus distintos amigos, Comendador José Vergueiro, de Ibicaba, e Deputado Antônio de Sousa Prado, de São Paulo, mostraram-me exemplares dessa formação. O primeiro encontrou-o em sua propriedade, perto do rio Claro, escolhido para ponto terminal da estrada de Ferro Santos a Jundiá, e o último o trouxe da Caverna de Paranapanema, a cerca de oitenta milhas em linha reta da cidade de São Paulo, na direção oeste-sudoeste.

3. Piritas de ferro magnético¹³ constituem a maior formação de material piritífero, mas, nos ensaios, mostram menor conteúdo de ouro, raramente excedendo 5,5 a 7 gramas por tonelada. Ocorrem nos habituais cristais hexagonais, folheados, algumas vezes maciços e de um belo brilho acobreado.

4. A matriz de quartzo é, na maioria das vezes, branca ou acizentada e, algumas vezes, esfumaçada, negra-azulada e negra. Pura e sem piritas, supunha-se, antigamente, que jamais continha ouro; ultimamente, porém, foram encontrados seis exemplares, ou, dizem alguns, dois ou três exemplares divididos em seis, contendo ouro. O quartzo está, em geral, misturado com piritas da mais elevada qualidade aurífera, e quando forma a parte principal, como no oeste da Bahia e nos terrenos de Champion, o

conjunto apresenta uma porcentagem apreciável. Foi logo notado que o minério freqüentemente é pobre em piritas, mas que o material piritífero produz até 13 gramas por tonelada. Em certos lugares, o quartzo é invadido pelo “capelo”, material quartzoso duro, branco e pobre, que deforma grandemente a rocha continente e apresenta, em cavidades, piritas de ferro espatáceo e piritas de cobre cristalizadas.

5. Ardósia argilosa, algumas vezes clorítica (micácea), em geral talcosa (magnésio e ácido silícico), chamado pelo mineiro inglês de *killas*. É amorfo ou laminada, geralmente com uma cor de chumbo fosco e excessivamente dura; atravessa a rocha continente em certos lugares e penetra no veio, formando protuberâncias, “dentes” ou pequenos ramos, “cavalos” ou grandes massas e “barras” ou paredes divisórias. Grande parte dela não tem piritas auríferas e mesmo as partes mais carregadas raramente produzem mais de 7 a 11 gramas de ouro em ensaio, ou 1,8 a 2,7 gramas na produção. O resultado é pronunciadamente mau quando o *killas* e o quartzo excedem as piritas, médio quando são mais ou menos iguais, e bom quando as piritas predominam.¹⁴ Essa argila é separada tanto quanto possível do minério antes que este último seja levado à trituração e, assim, o corpo em conjunto do material é elevado a um padrão superior ao grosso retirado da mina. Como mostrarão os dados da nota ao fim do capítulo,¹⁵ as quantidades maiores de material sem valor causam grande demora nos “pisos debastadores” e o esmagamento do *killas*, juntamente com as pedras mais ricas, ocasiona grandes perdas do ouro fino livre.

O ouro diariamente tratado nos trabalhos de redução vem de uma íntima mistura desses minerais. As formações mais raras são:

Espato calcário, comumente chamado “espato de pérola”. Esse sistema de carbonato de cálcio é encontrado em romboedros modificados, duros, mas talháveis, em geral brancos e cristalinos, mas, algumas vezes, de um delicado cor-de-rosa, com a aparência de mármore. Vi um exemplar dessa formação aderindo ao veio, em sua transição para *killas*.

Pedra-ferro espática ou carbonato de ferro. Aparece em romboedros obtusos, em faces muitas vezes curvilíneas. Algumas peças, de uma cor amarela suja, ficam eretas e se parecem com escamas de peixes.

Clorita, encontrada em grandes blocos de cor verde acobreada; às vezes, mancha os cristais de rocha adjacentes com uma bela cor esverdeada. Em Morro Velho, contém piritas de ferro, mas não ouro; não é, contudo, o caso no resto da Província de Minas.

Aragonita, apresentada em cristais vesiculares brancos. Encontram-se curiosos exemplares com piritas de ferro magnético aderindo à sua superfície.

Traços de cobre, cristalizado e amorfo, são encontrados, às vezes, no veio e na rocha continente, sem terem sido, contudo, examinados.

A prata, em Minas, como em outros lugares, está, em geral, misturada com o ouro.¹⁶

A mina que os jesuítas exploravam, antigamente, perto de Sorocaba, era, segundo dizem alguns, desse *electrum*; outros acreditam que se tratava de galena altamente argentífera.

O minério de Morro Velho contém prata em combinação química com outras substâncias, e esta não é extraída no local. Informou-se, certa vez, que a prata atingia a proporção de 16,50 do veio. A barra, ou lingote, contém de 19 1/8 a 20 por cento de prata.

SEÇÃO II

O SISTEMA DE MINERAÇÃO BRASILEIRO

Portugal, o término ocidental das conquistas de Roma, permanece, hoje em dia, o mais romano dos países latinos. Seu idioma é o que mais se aproxima da língua da antiga senhora do mundo. Seu povo ainda conserva o vigor e a perseverança, muitas vezes degeneradas para a teimosa obstinação; o turbulento amor à liberdade; o materialismo e o espírito antiartístico; o conservadorismo e o amor à rotina; a superstição e a ânsia de “engrandecimento territorial” que distinguiram os antigos conquistadores do mundo. Mesmo nos dias atuais, o viajante, em Portugal, vê, com espanto, a vida doméstica de Roma, sua poesia e literatura, suas artes e ciências; e essa forma de civilização arcaica estendeu-se mesmo ao Brasil; aqui, apesar de tão longe de seu centro étnico e misturada com uma variedade de elementos discordes, são facilmente reconhecíveis.

O admirável naturalista Plínio, ao nos contar como o “ouro é encontrado”, descreve três maneiras diferentes. A primeira é lavando a areia das águas correntes para o ouro de aluvião; a segunda é abrindo cortes ou procurando-o nos débris das montanhas; e o terceiro método de obter o ouro (“que ultrapassa mesmo o trabalho dos gigantes”) é por meio de galerias escavadas a

uma longa distância. A descrição seguinte da mineração de ouro no Brasil mostra quão pouco mudou o sistema romano, depois do ano 50 da nossa era.

A primeira exploração era simplesmente lavando-se em uma bateia a areia aurífera retirada do leito dos rios, e ainda veremos tal método nos dias de hoje. O segundo método era o da “lavra” ou mineração superficial. O humo era arrancado com a enxada e o barro vermelho ou o cascalho auríferos divididos em quadrados e linhas, em cortes rasos. Os mineradores sempre escolhiam um plano inclinado, e a água de uma nascente era desviada para lá, através de taquaras cortadas pela metade ou troncos ocos de árvores. Esse singelo recurso hidráulico arrastava o ouro livre do canal – o *canalicum* ou “canaliense” de Plínio – para ser detido por meio de capins ou panos; estes eram, depois, lavados em um cocho e o pó era, em seguida, bateado em uma gamela ou carumbé,¹⁷ e assim terminava esse processo primitivo. Um ligeiro melhoramento nesses trabalhos “de rego” era feito pela “canao”, um tanque oblongo de tijolo ou madeira, que facilitava a lavagem do material. No extremo oeste do país, ainda prevalece essa indústria, que desaparecerá com o esgotamento dos depósitos auríferos superficiais, os quais, de certo modo, existem em todas as regiões conhecidas de formação antiga. O efeito de tal mineração foi deixar a terra como uma “*caput mortuum* de teimosa esterilidade”, que só pode ser remediada com o adubo,¹⁸ operação fora das reais possibilidades do Brasil. Outras “minerações” predativas serão mencionadas nas páginas seguintes, à medida que se apresentam, no rio ou na estrada.

Já se aludiu à “cata” ou poço; desses buracos é extraído ouro em grão ou em pepita – *pelagae* e *palacuenae* de Plínio – depois do que supõe-se que o solo já esteja esgotado. Esse sistema, como a lavra, era peculiarmente, atribuição do garimpeiro,¹⁹ o contrabandista e trabalhador por conta própria. O primeiro melhoramento, que exigia maior mão-de-obra e, em especial, trabalho escravo, era o “talho aberto” ou socavão. Alguns desses trabalhos, como, por exemplo, o Carapuchu, em Jaraguá, perto de São Paulo, eram extensivos; não se deu à encosta, contudo, uma rampa suficiente, não se julgou necessário fazer uma escora, e os lados, solapados, ruíram. Assim foram esmagados alguns negros; suas “almas” – muito temidas no Brasil – começaram a aparecer no local, e não tardaram a fazer fugir mesmo os corajosos.

Os mais empreendedores tentaram o “serrilho”, que traduzimos por *shaft* (poço de mina);²⁰ este, contudo, consistia, geralmente, de um plano

inclinado, uma mistura de poço e galeria. O precioso metal era atacado com cargas de pólvora misturada com serragem; os escravos carregavam em baldes ou gamelas o material aurífero para um engenho de água, que movimentava, por exemplo, um par de pilões de ferro, os quais batiam em uma pedra chata e resistente. A operação era executada em um telheiro, sempre colocado, para melhor vigilância, perto da casa do proprietário. Depois que a bateia e a gamela tinham feito o seu serviço, era algumas vezes experimentada uma rude amálgama, como nos primeiros tempos da Califórnia, e o mercúrio desprendido era recuperado espremendo-se bem o couro. A destilação se fazia colocando-se a amálgama em uma panela de cobre aquecida, coberta com folhas verdes. Estas últimas, quando ressecadas, eram retiradas, com os glóbulos sublimados na superfície interna. O mineiro brasileiro, contudo, era sempre descuidado no madeiramento e construção de muros; não levava em consideração a iluminação e a ventilação; Davy e Geordie lhe eram igualmente desconhecidos; ignorava o bombeamento em larga escala e, assim, quando uma mina se inundava, era obrigado a abandoná-la. Por mais rude, todavia, que fosse o seu sistema, veremos que ele foi adotado por todos os melhores mineiros ingleses da atualidade, que se deram por satisfeitos com alguns poucos melhoramentos sem importância.

SEÇÃO III

A MINERAÇÃO DE OURO PELOS INGLESES EM MINAS

A primeira companhia inglesa data de 1824, e era conhecida como o Gongo Soco, ou “Imperial Brazilian Mining Association”. As minerações, pelas quais passaremos dentre em pouco, estavam situadas a 19°58’30” de lat. S. e 48°30’ de long. W.,²¹ a cerca de 48 milhas a noroeste de Ouro Preto, e a 24 milhas a sueste de Morro Velho. Medidas barométricas, executadas pelo engenheiro de minas austríaco, M. Virgil von Helmreinken, acharam cerca de 785 metros “acima do nível do mar no Rio de Janeiro”. Gongo Soco pertencia, então, ao Município de Caeté; hoje pertence ao de Santa Bárbara.

O primeiro proprietário da mina foi a Coronel Manuel da Câmara de Noronha, que nela trabalhou em meados do século passado.²²

Seu filho, Isidoro, que morreu na miséria, vendeu-a, lá para 1808, por 9.000 cruzados ao Comendador e Capitão-mor José Alves da Cunha, português, e a seu sobrinho por afinidade, o Barão de Catas Altas. O primeiro, aproximadamente em 1818, trabalhou no veio verdadeiro, nos flancos do Monte Tijuco, dizendo-se que, antes de 1824, ele extraíra, em um mês, 240 quilos de ouro. O Barão herdou a propriedade, entrou em acordo, mediante dinheiro, com todos os outros que tinham pretensões sobre ela, e pô-la à venda.

Mr. Edward Oxenford, que viajara no Brasil, como mascate, voltou à Inglaterra, advogou a aquisição da mina e foi enviado pela Associação para examinar o lugar, em companhia de Mr. Tregoning, como chefe da mineração. As informações foram favoráveis. O Barão cedeu seus direitos por £70.000 (outros dizem £80.000), e foi obtida a aprovação do Governo Imperial, em 16 de setembro de 1824, com a condição de receber o “quinto” curiosamente elevado, 25 por cento do ouro extraído. Estava-se bem perto do “ano de todas as especulações, 1825”, em que uma das 999 especulações foi a “Potosi, La Paz and Peruvian Mining Association”. O leitor poderá ver nas candentes páginas de Mr. Edmond Temple,²³ de que maneira pouco meritória para a honra nacional terminou aquela “grande et belle entreprise”.

Em 1825, Gongo Soco foi visitada por Caldcleugh, que não pôde entrar na mina, devido à ausência do proprietário. Em março de 1827, o primeiro superintendente, Capitão Lyon, assumiu a direção. Tratava-se do Tenente Lyon,²⁴ da Marinha Britânica, que viajara até o Fezzan, onde Mr. Ritchie, chefe da missão, morreu de ansiedade e febre biliosa, em 20 de novembro de 1819. O Capitão Lyon também comprou as terras de Morro Velho ao seu proprietário, Padre Freitas, e vendeu-as para a “St. John Del Rey Mining Company”. A empresa prosperou. Em dezembro de 1827, o quinto pago em Ouro Preto foi de £20.982. Gongo Soco transformou-se em uma aldeia inglesa nos trópicos, com sua igreja e capelão consagrado pelo Bispo de Londres, e os quarenta empregados do princípio passaram para 180 ingleses, ajudados por 600 trabalhadores livres e negros.²⁵ Mr. Walsh, que visitou o lugar em 1828, apresenta do mesmo uma descrição lisonjeira, e dizia-se que a mina já produzira 370 quilos de ouro.

Em 1830, o Capitão Lyon foi sucedido pelo Coronel Skerrett, que, por judiciosa disciplina militar, implantou na mina uma ordem perfei-

ta; introduziu o excelente sistema de tornar os negros seus próprios feitores. O Coronel Skerrett saiu porque seu salário não foi aumentado de £2.000 para £3.000; a companhia, como tantas vezes acontece, resolveu fazer uma economia de palitos e cometeu uma tolice, perdendo um valioso servidor. A decadência e a queda do estabelecimento seguiram-se logo.

Depois do Coronel Skerrett, veio Mr. George Vincent Duval, em 1840-1842. Nessa ocasião a mina foi visitada pelo Dr. Gardner, que a descreve como uma espessa camada de itacolomita ferruginoso, com uma inclinação de 45° e base em ardósia argilosa, contendo grandes massas de minério de ferro. Sobre o itacolomito repousa um leito de jacutinga aurífera, com cento e dez metros de espessura, e sobre esta vem de novo o itacolomito. Cerca de uma milha e meia ao sul da mina, ele encontrou uma camada de pedra calcária cristalizada e altamente estratificada, apresentando o mesmo ângulo e a mesma direção das outras rochas. O Dr. Gardner visitou sete das nove galerias da mina, separadas umas das outras por uns quinze metros, e viu, assim, de 98 a 126 metros. Essas galerias, furadas na macia jacutinga, tinham cerca de um metro e meio de largura e até dois de altura; estavam solidamente protegidas por escoras de 45 centímetros das mais fortes madeiras brasileiras e, no entanto, os troncos eram quebrados e esmagados pelo peso. O veio principal corria de leste para oeste; havia, contudo, muitas ramificações, que forneciam ouro em punhados – até 50 quilos foram recolhidos em um dia. O minério rico era lavado e esmagado em almofarizes. Era concentrado, primeiro pelo tratamento comum na bateia, depois pela amalgamação; o material mais pobre era levado para a oficina de trituração e depois lavado. O Dr. Gardner achou a maquinaria inferior à de Cocais.

Agora, porém, aparece a verdade do axioma do mineiro: “É melhor um padrão inferior e uma produção elevada, do que um padrão elevado e uma baixa produção”. De 1837 a 1847, o Governo brasileiro, liberalmente, reduziu seu quinto para vinte por cento. A mina de jacutinga é, por excelência, aleatória; ao contrário daquelas cuja matriz está na rocha, ela pode ser riquíssima hoje e nada valer amanhã. As galerias profundas não puderam ter prosseguimento e a despesa com o madeiramento de proteção era enorme. Mr. Hanwoad assumiu, então, a direção, e foi seguido por uma comissão, composta de Mr. John Morgan (senior), Dr. Hood e outros. Esse governo republicano liquidou o assunto, e aprendeu uma valiosa lição. Em 1850, o governo, compassivamente, diminuiu a sua parte para dez por

cento; em 1853, cinco por cento; e, em 1854, os estrangeiros foram colocados em igualdade de condições com os mineradores nacionais, deixando de pagar impostos. O grande capital de giro – a princípio, em verdade, grande demais – tornou-se insuficiente e, entre 1854 e 1856, a Companhia gastou todo o fundo de reserva, que acumulara durante anos. A água invadiu a mina; a matriz foi solapada em suas bases e os trabalhadores morreram afogados – sem culpa de ninguém, a não ser da drenagem. Em 1857, o Comendador Francisco de Paula Santos, a quem os proprietários deviam 150 contos, penhorou os negros, como podia fazer pela lei brasileira, e acabou se tornando dono da mina. Gongo Soco morreu profundamente lamentada; havia se expandido nas minas filiais de Boavista, Bananal ou Água Quente, Socorro, Campestre, Catas Altas, Cata Preta e Inficionado; concorrera para o bem-estar de uma região de um raio de trinta léguas e rendera cerca de £1.500.000.²⁶

Seguiu-se, em abril de 1830, a “St. John del Rey”, sobre cuja origem já falei. Em 1835, foi transferida para Morro Velho, embora conservando o nome que figurava no contrato original da empresa. Uma denominação imprópria, como se vê, algo como “Mina de Exeter em Truro”. Conservo, contudo, o complicado barbarismo que a distingue de outra mina de São João, meramente lembrando que tais expressões híbridas deveriam ser banidas de todos os nossos mapas. Durante os dez anos que se seguiram à sua transferência, a “St. John” fez pouca coisa e, muitas vezes, o pouco que fez foi errado. Em 1845, o tributo que pagava foi baixado de dez para cinco por cento; em 1855, foi feita a redução de um por cento por ano, até a extinção do imposto; e depois de 1859, a empresa foi desembarçada do ônus. Durante aquele ano, a mina começou a render dezoito gramas por tonelada, ao passo que antes rendia cerca de 7 gramas; o leitor logo verá por quê.

Na ordem devida, surgiu a “Cata Branca” (1832-1833), com a Mina de Morro das Almas, no Município de Ouro Preto; a grande Companhia de Cocais (1833-1834), no Município de Santa Bárbara,²⁷ incluindo as filiais de Cuiabá, Caeté e Macaúbas, com a vizinha Brucutu, e a Companhia da Serra da Candonga, no Serro Frio, de vida curta, pois acabou dentro de dois ou três anos. A não ser a de Cocais, que ainda existe, as outras duraram até 1844-1845 e 1850. As falências afetaram a Bolsa de Londres, e a mineração de ouro no Brasil passou a não ser encarada com bons olhos.

Aqui, como nas outras partes da América do Sul, os grandes tesouros prometidos por Montesquieu, Robertson e Humboldt não se concretizavam, ou melhor, concretizavam-se até um certo ponto – e eram desviados.

Depois de 1859, quando a Morro Velho “reabilitou” a especulação no Brasil – acarretando censuras, quando merecia elogios – surgiram outras companhias. Minas teve cinco: a “Este Del Rey”, incluindo as Lavras do Capão e as de Papafarinha, perto de Sabará,²⁸ e de Paciência e São Vicente, perto de Ouro Preto; a Norte del Rey, no Morro de Santa Ana, incluindo a Mina de Maquiné;²⁹ a “London and Brazilian Gold Mining Company (Limited)” em Passagem, perto de Mariana; a Companhia de Roça Grande, no Município de Caeté, e a Santa Bárbara Cumpari³⁰ no município do mesmo nome. Há, uma sexta, a “Montes Áureos Gold Mining Company (Limited)”, em Maranhão, mas sei que ela já está à venda. O capital total dessas empresas é, em geral, calculado em menos de £600.000. Apenas duas, a de Morro Velho e a de Maquiné, já deram lucro; a Mina da Passagem ainda não deu lucro, mas provavelmente dará, e as restantes fracassaram: uma dúzia e meia de prejuízos e dois e meio sucessos.

No Brasil, uma mina de ouro pode começar a trabalhar de maneira bastante econômica. Os proprietários das minas consideradas esgotadas vendem-nas, em geral, barato, e muitos se contentarão com uma satisfatória percentagem nos lucros. A quantia de £46.000 é suficiente para a aquisição de material, inclusive material rodante, e para montar uma série de pilões, digamos 36 cabeças, que, durante doze horas de trabalho, trituram 15 toneladas de minério, através de grades de aberturas suficientes. Presumindo-se a produção média de ouro de dezoito gramas por tonelada, a produção renderia por ano £10.000; a mina poderia ser posta no ponto de desmonte adequado no terceiro ano, quando começaria a dar lucro. Esse fácil esforço de prudência testaria suas vantagens ou desvantagens, sem prejudicar seriamente os acionistas, tantas vezes vitimados no atual sistema descuidado, e sem dar ao país uma imerecida má reputação nos mercados da Europa.

Depois de ler diversos relatórios,³¹ estou em condições de descrever a verdadeira maneira de “se erguer” uma companhia limitada (no que diz respeito aos lucros) inglesa de mineração de ouro, nesta parte da Califórnia brasileira. Um “comissário-chefe”, quase autocríado, um dos “homens que mora no país há vinte anos e fala o seu idioma”, começa por expor ao público

britânico uma sinopse das vantagens que terão os acionistas. Com sua experiência apresentará o seguinte e lisonjeiro canto, em sete capítulos. Os leitores não devem pensar, pela maneira com que trato do assunto, que não estou falando sério. Assim falava o velho Rabelais, quando escreveu: *En ycelle bien cultre gauste trauuerez et doctrine plus absconce*; e ninguém lamenta mais do que eu a desonra que tal charlatanismo acarretou para a reputação dos ingleses no Brasil, para não se falar de outras partes da América do Sul.

1. A mina está situada em região central, perto da capital e de outras grandes cidades – o “astu” aqui é uma simples aldeia na Europa. Se assim não estiver colocada pela Natureza, nada mais fácil do que assim localizá-la, pelo simples processo de subtrair distâncias.

2. As pastagens, o fornecimento de madeira e de combustível, e especialmente a água, são abundantes e da melhor qualidade.

3. O minério, a disposição do veio e a formação e características minerais, em geral, são semelhantes às da “St. John Del Rey”. Também se pode inventar alguma denominação sonora e nomes conhecidos, como “West Del Rey” ou “South Del Rey”. Se se deseja uma comparação desairosa para uma rival, pode ser feita alusão ao fracasso da Gongo Soco, Cocais e Cuiabá.

4. O antigo proprietário brasileiro ganhou uma fortuna, antes que a mina desabasse e os mineiros morressem afogados. O caso será muito diferente, contudo, “com uma companhia inglesa e mineiros da Cornualha”.

5. O veio tem de 3 a 4 metros de largura; é tão raso quanto possível, situado acima de algum vale, de maneira que a facilidade de drenagem por meio de galerias e aberturas “é fora do comum”.

6. As casas residenciais estão em péssimo estado, tornando necessário *quam primum* uma Casa Grande para o Sr. Comissário e despesas semelhantes.

7. Esse magnífico campo para trabalhos de mineração deverá mostrar-se imediatamente lucrativo aos acionistas; trata-se de “uma questão de fatos e algarismos”, um “investimento e não uma especulação”. Finalmente, se as pretensões forem de ordem mais elevada, deve haver jazidas de diamantes e de outros minerais, sobre as quais o expositor “se abstém de falar”.

Assim, será organizada a companhia; dinheiro será gasto, nada será feito e, em tempo oportuno, a dissolução constituirá o *dénouement*. Bem verdadeiro na moderna Minas Gerais é o provérbio espanhol:

“Uma mina de prata traz a miséria, uma mina de ouro traz a ruína”.

Nada mais fácil do que sugerir um pronto e eficiente remédio para esse indesejável estado de coisas. O simples exercício da indução e dedução do entendimento e da experiência mostra a necessidade de se obter um conhecimento preciso antes de se entrar em tais especulações. Não deve haver dificuldade alguma em se encontrar um homem de confiança, suficientemente versado em exploração de minas e em Mineralogia e, para falar linguagem clara, incapaz de aceitar os subornos que, certamente, lhe serão oferecidos. Seu relatório deve ser definitivo, sem a menor consideração pelos comerciantes e homens de negócio locais, que, esperando lucrar com a empresa, logo se mostram dispostos a oferecer valiosíssimas opiniões sobre a nova mina.

Tem-se dito que os ingleses, quando vão à Índia, deixam a consciência no Cabo da Boa Esperança, e esquecem-se de apanhá-la, quando regressam. Não sei onde os europeus guardam aquela incômoda bagagem quando vêm ao Brasil, ou se a recuperam quando *en route* para o lar. É uma verdade melancólica, contudo, que, neste país, a honestidade parece ser o artigo de menor importância nas mercadorias do especulador. Nas minas, como nas estradas de ferro, a causa do fracasso, repito, está, não nos brasileiros, mas em nós. Tem havido o mais grosseiro exagero, tanto na Inglaterra, como no exterior. Os interesses particulares prevaleceram sobre os públicos; em certos casos notórios, foi organizado um verdadeiro sistema de rapina; planos irrealizáveis foram lançados ao mercado; reles especuladores ficaram ricos; a economia foi de todo negligenciada e o dinheiro foi enterrado, como se esperasse que cresceria. O mais lamentável resultado de tudo isso foi a falsa convicção, na Europa, de que a semente do capital não pode ser semeada lucrativamente no Brasil, quando não há país em que, se devidamente cultivada, possa dar melhor colheita.

A Mina de Morro Velho iniciou um novo capítulo na história provincial, provando que, mesmo em circunstâncias adversas, muita coisa pode ser feita, por homens em que a honestidade e a energia se combinam com o conhecimento científico e prático de sua profissão; e quero, terminando esta exposição, manifestar a convicção de que quase matamos a gali-

nha dos ovos de ouro, e que, até que seja mudado o atual procedimento, será melhor deixar o ouro nas entranhas da terra.

Por outro lado, tenho algo a dizer sobre a atitude do Brasil a esse respeito.

“O que lucra o Estado com a mina?”, indagam os instruídos. “Esses estrangeiros levam o ouro de nossa terra” – diz o vulgo que veria sem comoção uma cabana em cima de uma montanha de ouro. O Tenente Moraes³² fala a respeito de sete companhias inglesas, *exploitant au profit de l'Angleterre les richesses incalculables que la Nature a enfouies dans le sol brésilien*. Ele calcula que, entre 1860 e 1863, a Mina de Morro Velho teria enriquecido o Tesouro com *prés un million de francs*.

Em sua política altamente liberal, contudo, o Governo Brasileiro tem toda a razão. Os instruídos e o vulgo, que olham só o dinheiro realmente pago, e que acham que os enormes benefícios indiretos de nada valem, estão de todo errados. Se o Morro Velho não tivesse sido isentado do imposto imperial, assim como outras empresas, elas estariam arruinadas. Os que estão no poder tiveram, felizmente, a coragem de aplicar o *Do ut des*, em oposição à política de “desmancha-prazeres”, que é a dos povos semicivilizados.

O “brasileirismo” no Brasil e americanismo nas repúblicas hispano-americanas jamais são tão mesquinhos como quando se vangloriam de sua pátria, vaidade ainda mais vã do que a de se vangloriar de seu nascimento. O “torrão abençoado” passou à categoria de pilhéria. O Sol, a Lua e as estrelas são objetos do orgulho popular. “Vocês não têm uma Lua igual na França” – ouvi um brasileiro dizer a um francês. “Não – foi a resposta – Temos uma luz noturna muito reduzida, já muito estragada, mas chega para nós”.

Em conseqüência, há uma prodigiosa “potoca” relativa ao magnífico Império, à maravilhosa Terra do Cruzeiro do Sul, com suas poderosas riquezas e esplêndido destino. Qualquer que possa ser o último, as riquezas ainda estão no solo, e a nação é, incontestavelmente, pobre. Os capitalistas não irão, é um truísmo dizer-se, arriscar seu dinheiro em um país longínquo, quando poderiam aplicá-lo em seu próprio país; e os muitos riscos a que se expõem devem elevar sua percentagem de lucros.

Concluo, portanto, que, se o Governo brasileiro ouvir aquele mau conselheiro, a *Voz do Povo*, não irá merecer melhor sorte que a sucedida com as empresas inglesas de mineração e estradas de ferro, no Brasil.

Deixe-me, contudo, repetir que o Governo tem revelado, na questão, uma excepcional sagacidade.

NOTAS DO CAPÍTULO XXI

1. “As minas de ouro, descobertas por homens audaciosos e empreendedores, atraem enxames de aventureiros em busca de riquezas anunciadas com os exageros da esperança e do desejo; uma sociedade formada à sombra de todos os crimes, reduzida a uma aparência de ordem pela lei militar e amolecida pelo sol escaldante e pela indolência efeminada do clima; alguns momentos de esplendor e prodigalidade; uma melancólica decadência e ruínas – tal é a breve história da Província de Goiás; tal é o curso dos acontecimentos em quase todos os países onde há ouro” (St. Hilaire, III i. 308-309).

O sentimentalismo é, “per se”, irrefutável; é, para o senso comum, o que a Metafísica é para a Física. O simpático autor esquece-se, contudo, de que Goiás, um exemplo do interior do Brasil, teria continuado a ser um luxurioso deserto habitado por índios canibais, se as minas de ouro não tivessem atraído os colonos. Não levou em consideração o fato de que o trabalho daqueles homens lançou os fundamentos de uma vasta superestrutura de progresso, dominando a ferocidade da Natureza, e libertando a posteridade da escravidão de meras necessidades animais.

Assim, em nossos dias, a Califórnia tornou-se, graças à mineração de ouro, a grande região vinhateira do Oeste.

2. “Bandeira”, uma tropa sob uma bandeira. A palavra adquiriu uma ampla significação em São Paulo, que, entre 1550 e 1750, enviou para o interior aquelas terríveis expedições, que o exploravam. Southey (i.43) apresenta uma descrição muito deturpada da primeira bandeira. “Martim Afonso realizou uma infrutífera expedição rumo ao sul, no interior, em procura de minas, da qual regressou tendo perdido oitenta europeus”. O grande capitão, que parece nunca ter fracassado, partiu de Cananéia em 26 de setembro de 1531, explorou o rio da Prata e só regressou ao Norte em janeiro de 1532. No *Discours préliminaire* de M. J. B. Eyriès, que prefacia “Jean Mawé”, lemos (pág. xvi): *Ce fut em 1577 que l'on trouva les premières mines de ce métal*. A crença errônea é que o ouro foi encontrado pela primeira vez em Jaraguá, um morro que fica à vista da Cidade de São Paulo.
3. “Os veios auríferos não estão mais sujeitos que os veios metalíferos comuns a se empobrecerem à medida que se tornarem mais profundos” (Mr. J. A. Phillips “Mineração e Metalurgia do Ouro e da Prata” – Cito de uma revista). O mesmo erro, segundo parece, predomina, no que diz respeito aos depósitos estaníferos da Cornualha.
4. “Arte das Minas” (i.11). A teoria predominante no Brasil era de que a argila amarela macia, pouco a pouco, se seca, amadurecendo e se “aurificando”.

5. As falhas e deslocamentos que interceptam os veios metalíferos e os sublevam, e que, conseqüentemente, são de data mais recente, muitas vezes a fazem em ângulo reto.
6. Os veios de quartzo aurífero da costa do Pacífico provaram que as jazidas de minério não estão limitadas à época siluriana, como sustenta Sir Roderick Murchison, mas se estendem, também, à época jurássica. Não encontrei fósseis que pudessem determinar a idade das rochas de Minas.
7. “Cascalho” ou “pedra de cascalho”, e, quando grande, “cascalhão”, é uma espécie de saibro grosseiro, composto de muitas variedades de quartzo, e que se supõe ser a matriz do ouro e do diamante. Tenho a impressão de que corresponde ao *segullo* espanhol e ao *segutilum* de Plínio; os dicionários, contudo, dão a palavra como derivada de *quassus* e *calculus*, tornando-a sinônima de pedregulho e saibro. Suas pedras são sempre redondas e roladas pela água, ao contrário do angular gorgulho, sobre o qual falarei dentro em pouco. Alguns escritores empregam a palavra, talvez corretamente, com grande amplitude. “O cascalho é composto de fragmentos angulosos de quartzo e mineral de ferro argiloso, a que os mineiros chamam “pedra de canga” (José Bonifácio. *Viagem Mineralógica*, pág. 9). Assim, Southey (iii.53) explica que “cascalho” é “um solo fortemente saibroso no qual está embebido o minério” e, em outro lugar (iii.669), um “composto de material terroso e saibro”. Ambas as definições são incorretas. O cascalho pode descansar, quer no núcleo de pedra que está debaixo da formação netuniana, quer sobre argilas comuns na região ou sobre areia solta, chamada “desmonte”. (A respeito do último, o leitor pode ver o Vol. 2, Cap. 8). Há outras divisões do cascalho, como “cascalho de tabuleiro”, encontrado nas margens dos rios e nas montanhas, que é redondo ou angular. O “cascalho que veio do rio” é sempre formado de pedras roladas. O “cascalho corrido” é o que é muito trabalhado pela água, em oposição ao “cascalho virgem”, que tem a forma de pudim.
8. Esta palavra não deve ser confundida com a portuguesa canga, no sentido de jugo. Evidentemente, é mutilação de “acanga”, cabeça em tupi; assim, encontramos lugares chamados “Caia-acanga”, cabeça de macaco, “Tapanhu-acanga”, cabeça de negro, de “tapanhuna” (corruptela vulgar), negro ou negra. John Mawe (ii.24) erroneamente escreve “tapinhoa-canga” e diz: *Canga est le nom de quartz ferrugineux*. Vimos José Bonifácio falar de fragmentos angulosos de quartzo em ferro argiloso. É um termo geral para qualquer pedra com um capeamento de ferro e, por isso, chamado “pedra de capote” em São Paulo. Afirma o Dr. Couto que a expressão é muitas vezes aplicada ao que é, na realidade, cobre ocreoso. Encontramos: em Plínio (xxxiii, 21) uma alusão a essas formações superiores; o ouro encontrado na crosta da superfície é conhecido pelos romanos como *talutium*.
9. Acredito que essa palavra seja corruptela do tupi “copiara”, traduzida pelo dicionário por “alpendre, varanda”; os habitantes do rio São Francisco ainda empregam a palavra, com o sentido de um compartimento coberto de telhas, apoiado em pilares e sem paredes. José Bonifácio (*Viagem* 8) escreve “guapiara” (no que é seguido por Castelnau) e dá seu significado como *cascalho superficial*, que acompanha as irregularidades do terreno. St. Hilaire (I.i.247) observa, com razão: *on designe ce cascalho par le mot de “gupiara”, à cause de la resemblance qu’offrent la forme et la position de sa couche avec les véritables “gupiaras”, petits toits triangulaires qui s’avancent au-dessus du pignon des maisons*; teria dito melhor, ligadas à parede da casa residencial. Em Gardner, encontramos “copiara” corrigido para “copial”, varanda; mas aquele bom naturalista e viajante observador deu pouca atenção à lingua-

gem. Burmeister prefere “grupiara”, corruptela comum em muitas partes do país. Mr. Harry Emanuel (pdg. 56) explica “grupiara” como “um depósito aluvial, cuja superfície mostra que se trata de um leito abandonado de ribeiro ou rio”, ao mesmo tempo que alude à encosta do morro semelhante a um beiral de telhado. Observo que o erudito Sr. J. de Alencar (em *Iracema*, p. 100, e em outras obras) escreve “copiar” e Morais (*Dicionário da Língua Portuguesa*) “gopiar”.

10. De acordo com Berzelius ($\text{FeS}_2 + \text{FeAs}_2$), ou ($\text{FeS}_2 + \text{FeAs}$). As proporções são apresentadas de maneira variada, por ex.:

Ferro.....	36,04%	36,00%
Arsênico.....	42,88%	42,90%
Enxofre.....	21,08%	21,10%
	<u>100,00%</u>	<u>100,00%</u>

11. Os velhos pesos portugueses do ouro, ainda conservados, são:

21/2grãos = 1vintém
 5 vinténs = 1 tostão
 32 vinténs = 1 oitava
 8 oitavas = 1 onça
 8 onças = 1 marco
 2 marcos = 1 libra

O peso habitualmente usado para o ouro é a oitava, que corresponde a 8,6742 da onça inglesa Troy.

Não posso compreender por que as companhias de mineração inglesas no Brasil insistem em mandar grandes contas calculadas em oitavas, e não em onças e libras. Que pode haver de mais ridícula que dados como 8 oitavas (= 1 onça), 16 oitavas, e assim por diante?

A oitava, naturalmente, varia com a qualidade do ouro e taxa do câmbio. A de Morro Velho, com a média de 19 quilates, vale agora (julho de 1867) 3\$454 e a onça 27\$632.

12. Tem-se dito que a “*mundic* é um sinal, no Brasil coma na Cornualha”. Isso é verdade a respeito de muitos minerais, mas não, acredito, com relação ao ouro.
13. A fórmula é ($\text{FeS}_2 + \text{FeS}$) ou ($\text{Fe}_2\text{S}_3 + 5\text{FeS}$), e as proporções variam, por ex.:

Enxofre.....	36,5%	40,4%
Ferro.....	<u>63,5%</u>	<u>59,6%</u>
	100,00	100,00

14. Algumas vezes, porém, os minérios mais ricos não contém mais de 50 por cento de piritas.
15. Cerca de 400 toneladas de material, mais na estiagem chuvosa, menos na estiagem, pagam as despesas diárias da mina; 400 toneladas dão um bom lucro. Durante os meses de março a agosto de 1866, os dados são:

Mineral retirado da mina, total de.....	53,698tons.
Durante o semestre anterior.....	46,629tons.
Durante o semestre terminado em agosto de 1865.....	40,014tons.

Os *killas* rejeitados pela sede, mas submetidos a novo tratamento no Serviço da Praia corresponderam a 22,383 tons, ou 40% da quantidade retirada

Durante o semestre anterior	17.108	36,6%
Durante o sem. até agosto 65	12.117	30,2%

A produção média de ouro por tonelada foi.....	21,423g
Durante o semestre anterior.....	22,693g
Durante o semestre até agosto 65.....	17,518g
A produção média de ouro por tonelada esmagada foi.....	39,619g
Durante o semestre anterior.....	35,817g
Durante o semestre até agosto 65.....	23,158g

16. Em todo minério de ouro há alguma prata, em proporções variáveis: uma décima parte em alguns casos, uma oitava em outros. Plínio, de certo modo, exagera a universalidade, mas erra apenas no grau.
17. A gamela usada na lavagem de ouro é maior que a bateia (explicada no Cap. 12), chata, redonda e sem o buraco no centro. O carumbé ou carumbéia é uma gamela menor. Segundo St. Hilaire, essa é a palavra indígena que significa *écaille de tortue*. Em certas partes do país, o casco do tatu também é usado coma bolsa ou cabaça.
18. Tem-se dito que mesmo nessas terras de consistência semelhante à do tijolo, o café e a cana-de-açúcar e, principalmente, a mandioca e o milho, podem ser cultivados, em covas cheias de uma mistura de terra e adubo. Essas covas são abertas com intervalos de dois metros, têm trinta centímetros de diâmetro e a mesma profundidade, aproximadamente. Não tive a oportunidade de ver um campo de ouro tratado dessa maneira.
19. Às vezes escrita como é pronunciado, grimpeiro. É o *gampusino* espanhol, popularizado por M. Gustave Aimard e pelo Capitão Mayne Reid. O garimpo, lugar onde trabalha o garimpeiro, é, ainda, uma expressão aplicada depreciativamente a qualquer lavra em pequena escala. Garimpeiro corresponde ao nosso *night jossecker*, homens que se aproveitavam da escuridão para minerar, clandestinamente, ouro superficial. Segundo os dicionários, que ignoram “garimpo”, garimpeiro é uma palavra brasileira; Morais sugere que seja uma corruptela de “aripeiro” do “aripar”, recolher pérolas caídas de ostras apodrecidas na praia.
20. *Shaft* é aqui usado quando se trata de poços abertos à superfície, sejam ou não perpendiculares; *sinkings* (perfurações) são escavações para baixo, *levels* (nível, horizontal) são escavações horizontais ou quase horizontais e *risings* (elevações) as que sobem, o *adit* (passagem, galeria) é o principal túnel de drenagem aberto para a superfície, no ponto mais baixo e mais conveniente; os *levels* são, em geral, galerias escavadas nos veios metalíferos e as *crosscuts* (cortes transversais) as galerias escavadas em terreno não-metalífero.

21. As observações foram feitas par Mr. William Jory Henwood, comissário-chefe das minas de ouro de Gongo Soco, Cata Preta, etc. Este cientista ainda vive, segundo acredito. Suas observações foram publicadas na *Phil. Mg.* 1846, xxviii, págs. 364-366 e na London, Edin. and Dub. *Phil. Mag.* e *Journal of Science*, junho de 1848.
22. Mr. Walsh equivoca-se, ao afirmar que um português chamado Bitturcourt, pai de Isidoro, foi o primeiro a minerar nas margens do rio Gongo.
23. *Viagens em Várias Partes do Peru, inclusive um ano de Residência em Potosi*, por Edmund Temple, Cavaleiro da Real e Distinta Ordem de Carlos III. Em 2 vols., Colburn & Bentley, 1830. A narrativa nos faz ter vergonha da Potosi & Mining Association.
24. O Dr. Gardner o chama do “viajante nórdico”.
25. Durante o primeiro ano, quando a maior profundidade era de três braças, os empregados, inclusive quarenta ingleses, eram em número de 450. O número mais elevado foi de 217 europeus, 200 brasileiros e 500 escravos. Quando a mina “quebrou”, havia 14 europeus e 447 escravos.
26. Os dados habitualmente fornecidos mostram um lucro nacional de cerca de £333,180, assim distribuído:

Pago de taxa ao Tesouro.....	£310,777	Tte. Morais
Pago de imp. do exportação.....	22,403	£388,180

Segundo o Tte. Morais, a Companhia extraiu 34.528,098 libras de ouro (20 quilates), tendo tido

Despesas.....	1.013.15
Renda.....	£1.388.416
Lucro.....	£375.163

27. Gardner. Cap. 13. Darei algumas informações no Cap. 41.
28. Cap.41.
29. Cap. 34.
30. Cap. 29.
31. Recomendo, especialmente, o Relatório da “St. John Del Rey Mining Company”, agora apresentado semestralmente à assembléia de acionistas; o sistema é excelente e o relatório contém todas as informações necessárias.
32. *Rapport partiel sur le Haut San Francisco* (Paris, Parent, 1866). Esse oficial calcula que, entre 1860 e 1863 (quatro anos) a Companhia de Morro Velho deveria ter pago ao Tesouro Brasileiro um milhão de francos (400 contos ou £40.000). E ele teria aplicado esse dinheiro em um fantasioso canal entre Rio Preto e a Lagoa do Paranaguá a fim de imitar o Hudson-Champlain.

.....

Capítulo XXII

A VIDA EM MORRO VELHO

A melhor ocasião que consigo, para amadurecer um plano comercial ou planejar uma viagem marítima, é na igreja, enquanto o sacerdote está pregando. Longe dos cuidados e preocupações dos negócios, ouvindo as palavras apaziguadoras do sermão, nada ocorre para perturbar minhas meditações.

Frank Dodge, citado no
Pregador Modelo do Rev. H. Taylor

Espero que as minhas notas, tomadas na Rainha das Minas Gerais não parecerão sem interesse. Elas mostram o que é a vida dos ingleses no coração do Brasil, e fornecerão alguns pormenores sobre um lugar digno de estudo.

O belo local do estabelecimento é uma depressão, de formato irregular, com cerca de três quartos de milha de comprimento e meia milha de largura. O estreito vale termina a oeste em um beco sem saída (Voltaire, nos proíbe de chamá-lo um “*cul de sac*”), formado por uma elevação; os morros que o cercam se elevam de 230 a 300 metros acima do ribeirão. Esse ribeirão, serpenteando para o rumo do nascente, arrasta uma corrente furiosa na estação das chuvas e, na estiagem, durante metade do ano, sua água rasa, carregada de pirita e lodo de arsênico, deve ter um efeito deletério. A terra em torno foi toda desmatada e a vegetação é de mesquinhas proporções; grande parte do húmus foi levada pelo rio das Velhas e o solo freqüentemente bom foi muito empobrecido. A paisagem ainda apresenta a antiga beleza romântica e, nos dias bonitos, o sol e a atmosfera dão a tudo uma tonalidade que é um verdadeiro prazer contemplar.

Para o norte, fica o Morro Velho, quer dizer, o lugar explorado pela primeira vez, tendo ao fundo o majestoso Curral d’el-Rei, situado na direção de um ângulo de 270° com a Casa Grande. Ao nordeste dos poços

atuais, estão as primeiras escavações feitas pelos “antigos” e devidamente aterradas. A cerca de uma milha para leste, e além do Monte Mingu, fica o Morro Novo. Este último tem um veio quartzoso, com inclinação “60° Sul”; dizem que é pobre, mas ainda pode muito bem ser explorado. Em verdade, por quase toda a parte em torno, há minério de ouro; o que resta saber é se a exploração será compensadora. Situado em um espaço pequeno, superlotado, o núcleo da mineração fica na encosta ocidental do vale; ali estão as enormes rodas hidráulicas; os compridos e escuros barracões, com o chão coberto de minério cinzento; casas de máquinas e pequenas construções em forma de quiosque, caiadas de branco, onde ficam os homens encarregados das manobras, que controlam, sentados, a velocidade da tração, com instrumentos manuais. Não há, porém, um forno siderúrgico soprando, de dia, uma fumaça fuliginosa e soltando vivas chamas à noite; as árvores não estão envenenadas e não se sente nos lábios o gosto de produtos químicos. O bater compassado dos pilões não é desagradável aos ouvidos, durante o dia, e, nas horas mortas da noite, o ruído das rodas hidráulicas nos faz lembrar as vagas de outono, indo e vindo na praia de Scheveringen.

As casas se estendem da margem setentrional do ribeirão até as elevações, a uma altitude de cerca de 150 metros; ali está o mais alto bairro negro, “Timbuctoo”, saudosa lembrança do que pode ter sido a terra natal, e aqui moram os negros de Cata Branca. A meio caminho, vêem-se as diversas e sombrias entradas da grande mina e, embaixo, ficam outras instalações: ferraria, oficina de trituração e os escritórios da mina. Daquele lado do ribeirão, a encosta é menos íngreme do que do outro. Uma grande casa caiada de branco é a cozinha dos negros; a parte que fica para o lado do nascente foi destinada ao Padre Petraglia. No alto, e em lugar bem seguro, fica o paiol e, perto, o cemitério, onde três europeus foram enterrados, durante nossa estada de um mês. Uma pequena ponte (Ponte da Casa de Amalgamação) atravessa para a margem meridional, onde está a Casa de Amalgamação; uma ladeira pedregosa leva às cocheiras, bem mais no alto, e, a 20-22 metros da grande elevação, fica a “Casa Grande”. O morro atrás da mesma é ocupado pelo depósito da companhia e, para além, estendendo-se por uma milha, mais ou menos, estão as casas ocupadas pelos funcionários. Os médicos, o almoxarife-auxiliar e o capelão católico, assim como os feitores encarregados da mina têm seus alojamentos na margem setentrional.

Via de regra, as casas são confortáveis, com amplas varandas e outras peças semelhantes, comuns nos trópicos. A situação, porém, é insalubre; o alto Morro Velho em frente, o beco sem saída a oeste e os elevados morros ao norte e ao sul devem impedir a circulação do ar. A localidade, situada na depressão, tem um clima inverso ao de um clima saudável: o sol queima de dia, as noites esfriam de repente e, como se queixam os que viajam nas regiões montanhosas do Brasil, as quatro estações da Europa se sucedem no espaço de vinte e quatro horas. A sede da companhia e as casas dos funcionários podem facilmente ser removidas para um lugar mais alto; por exemplo, a um nível um pouco superior ao do depósito da Companhia. Muitos, sem dúvida, achariam o local excessivamente distante de seu trabalho, mas penso que isso é uma vantagem. Todos aqueles que, durante os primeiros meses de residência, fizeram exercícios regulares, se encontram gozando de saúde. Logo a região tropical se faz sentir; a caminhada diária torna-se um aborrecimento, os nórdicos ficam caseiros e a conseqüência da inércia no Brasil é doença do fígado. É necessária muita coragem moral para um passeio solitário por uma estrada onde cada planta e cada pedra são familiares aos olhos; a alternativa, porém, é sombria: a inevitável moléstia do fígado, a perda de energia, a perda de memória, perda de estabilidade emocional, perda de saúde e mesmo perda de vida. Igualmente difícil é a mudança de vida, que em vão sugeri na Serra Leoa e em Bathurst. Naqueles lazaretos, o homem se contenta em ser deixado só para morrer. Detesta a idéia de mudar de vida, como o passageiro excêntrico detesta toucinho defumado gordo ou o inglês velho um “novo ponto de vista sobre a questão”; propor-lhe uma alteração é uma ofensa pessoal que lhe fazem, e, assim sendo, ele toma ódio de quem a faz.

Morro Velho está situada em situação subtropical, a 19°58'6"7 de lat. S. e aproximadamente a 43°5'1' (Gr.)¹ de long. W. A altitude é da cidade de São Paulo, um pouco mais de 670 metros. A estação seca começa, de acordo com a regra do Hemisfério Sul, em abril e termina em outubro. Durante esse período, o termômetro oscila entre 16,1° e 22,2° e a atmosfera tem de 0,811 a 1.000 de umidade (hig. Mason). A água raramente tem temperatura inferior a 3,9°, mas a geada aparece em tapumes e no capim. A seca queimaria os campos, se não fosse o nevoeiro matinal, que muitas vezes se transforma em neblina, e resfria o corpo. O nevoeiro desaparece, em primeiro lugar nos lugares mais baixos, aquecidos pelo Sol de 9 às 10

horas da manhã.² Vem, então, uma grande e súbita mudança de temperatura. O Dr. Birt, com quem eu travara conhecimento ao passar pela Bahia, verificou, durante os dois primeiros anos de seu trabalho, que a diferença, à sombra, ia de 61,1° a 12,6°. As observações do Dr. Walker deram, durante quatro meses e meio, mínima de 7,7° e a máxima de 26,6°.³

Há, geralmente, chuvas fortes no meio do ano, chamadas chuvas de São João. Os pirlampos aparecem lá pelo fim de julho e desaparecem no princípio de maio. Em agosto há alguns aguaceiros. No princípio de setembro, os roceiros começam a fazer as queimadas nos campos, aparece a grande andorinha sul-americana,⁴ e o sabiá (*Turdus Orpheus*, Lin.), a “kokila” de Golden Land, mas não o “tordo americano”, ameniza a estação chuvosa com seus cantos. “Mais ou menos nessa ocasião”, diz Mr. Henwood, então em Gongo Soco, “o beija-flor cessa seu canto monótono e baixo, que, durante a estação do frio, pode ser ouvido em cada moita dos campos, entre Gongo e Catas Altas”.

As tempestades, aqui chamadas trovoadas,⁵ às vezes acompanhadas de pesadas quedas de granizo, dão começo às chuvas tropicais, que se tornam freqüentes a partir do princípio de novembro. Como é comum no Brasil, o índice pluviométrico varia muito. Durante dez anos, a média foi de 1.700 milímetros; o menor de que se tem memória foi de 1.289, em 1863; a média entre 1864 a 1866 foi de 1.575.⁶

Mais ou menos no fim de janeiro ou princípio de fevereiro, há um período de estiada, semelhante ao “verão de São Martinho” na Inglaterra, chamado veranico; durante uma quinzena, ou três semanas, as chuvas cessam e o Sol brilha em um céu sem nuvens. Viajei pela Província de São Paulo, durante o veranico de 1867; por cima da cabeça, tudo era delicioso; abaixo dos pés, tudo era detestável.

A única parte bonita da casa-grande é o lado de fora.

Seu terreiro é um grande espaço plano com passeios cobertos de bom saibro e tentativas de gramado – um gramado anglo-brasileiro. A orla desse gramado que dá para o norte, e se coloca a cavaleiro do ribeirão, é adornada com laranjeiras, limeiras e uma flor-de-papagaio sempre viçosa. Para leste, ficam aterros, outrora depósitos de lixo, agora verdejantes com cafeeiros e bananeiras. Atrás, em uma depressão profunda, regada por um córrego, fica o jardim. Na parte superior há árvores e flores estrangeiras, aqui vítimas de duas pragas. A formiga da roça, que os velhos portugueses

chamavam de rei do Brasil é uma perfeita “liberal”, que aqui significa ignorante. Prejudica o produto do país, mas liquida o estrangeiro. Uma parasita, a erva-de-passarinho, com seus cachos amarelo-avermelhados, que parecem passas, é ainda mais fatal às árvores. Subindo da raiz, ela abarca o tronco e lança haustórios que penetram na casca da árvore e sugam sua seiva. É difícil matá-la; se cortada, renasce, e a semente é, muitas vezes, depositada nos ramos de cima da árvore, especialmente pelo bem-te-vi.^{7*}

A horta, entregue aos cuidados de Mr. Fitzpatrick, eficiente em tudo, desde matar um carneiro até fazer um ramalhete, produz excelentes repolhos e verduras para saladas. Os rabanetes, contudo, são um tanto duros e fibrosos e as batatas não prosperam. Há anos, Morro Velho conta com uma sociedade de horticultura, com os respectivos presidente, comissão e tesoureiro, que se reúne nas primeiras semanas de fevereiro e agosto, e distribui artigos úteis como prêmios. Mrs. Gordon, que morou na Jamaica, introduziu a “cassareep”, e seu molho de pimenta rivaliza com qualquer caril e é muito melhor do que o “chop” de óleo de coco. Os brasileiros em geral jogam fora o suco da mandioca venenosa, que pode ser aproveitado de tantos modos. Todos os livros antigos têm um capítulo “no qual se mostra como é terrível a água de mandioca” e jamais se esquecem de contar que essa água produz grandes larvas com as quais as boas esposas indígenas e – isso é insinuado “sotto voce” – mesmo as mulheres brancas, costumavam se livrar dos maridos. No entanto, é interessante observar que os selvagens sabiam como evaporar o princípio ácido volátil; ** concentravam o suco com o crumari, cumbari ou cumari, a *Capsicum frutescens*, uma pimenta silvestre e faziam a “cassareep”⁸ que chamavam “tucupi” ou “tucupe”.⁹ Esse tempero ainda é conhecido, segundo fui informado, no interior do Norte do Brasil.

A casa-grande é a velha casa do Padre Antônio Freitas, naturalmente modificada e aumentada. Caldcleugh (ii. 275) falando sobre o velho e seu sobrinho, Padre Joaquim, observa que a mulher do padre era muito bonita, com olhos negros e “bem gorda”.¹⁰

* Isto é, geralmente, o que ocorre com as ervas-de-passarinho: os pássaros se alimentam de frutos; as sementes que estão no interior destes, saem, incólumes, nas fezes dos pássaros, depositadas nos ramos; aí germinam, formam discos que aderem às cascas; do interior desses discos surgem raízes sugadoras – haustórios – que retiram seiva da planta hospedeira, a qual nutre a erva-de-passarinho que assim vai crescendo, como verdadeira parasita, às expensas da hospedeira. (M.G.F.)

** A substância volátil contida no suco da mandioca é o ácido cianídrico, realmente um veneno terrível. Mas com o aquecimento se volatiliza deixando o restante perfeitamente inócuo. (M.G.F.)

O padre, depois de ter o cuidado de colocar D. Silvéria na pequena e bonita Fazenda de Santa Ana, na estrada de Sabará, morreu em Congonhas, mas, na quaresma, ainda visita seu lar mundano, e, sem constrangimento, tira do armário o que quer. “Seu” Pedro, seu escravo de barba grisalha, com a simples fé fetichista dos africanos, põe a carne na mesa e muitas vezes vê o “fantasma” passando, de aposento em aposento. Pessoas sem caridade insinuam que o bom padre foi transferido para uma localidade onde não lhe eram permitidas caminhadas, mas as opiniões continuarão a ser diversas sobre tão importante e controvertido assunto.

A Superintendência, repito, deveria ser mudada. Fica situada perto do ribeirão e é uma das casas mais quentes, mais frias e mais úmidas. O depósito da companhia já foi a casa-grande; pode voltar a ter essa honra. Nada prejudica mais a prosperidade da mina que uma mudança freqüente da sede; e o clima, combinado com as influências peculiares do lugar, exige que se preste o máximo de atenção à saúde. Quando se consegue um homem eficiente, tem-se de tratar de mantê-lo vivo.

A nordeste da Superintendência, e meio escondida pelo mato, fica a “Biblioteca do Posto”, como diríamos na Índia, por fora um pequeno octaedro, caiado de branco e coberto com um telhado. Há 920 volumes, 800 para empréstimos e os restantes para finalidades escolares. O bibliotecário é o capelão, um clérigo licenciado pelo bispo de Londres. Há alguns bons livros de consulta; infelizmente, faltam quase todos de interesse local, como Spix e Martius e o Diário de Lyon. Deveriam ser encontrados e os delinqüentes punidos. A alguns passos da biblioteca, ficam os escritórios da Companhia. Ali, às 9 horas da manhã, realiza-se a reunião dos funcionários. Acho esse sistema pior que um conselho de guerra. Aqui, também, no primeiro sábado de cada mês, é feito o pagamento aos mineiros e demais trabalhadores brasileiros, livres ou não. Os europeus recebem seus salários de dois em dois meses, sendo antes anunciado o dia.

O único passeio em terreno plano que se pode dar em Morro Velho ou em suas proximidades é ao longo do rego dos Cristais. Arriscando muita contração – dolorosa – subimos o morro do Depósito e chegamos à aldeia do Retiro, construída em uma encosta. Ali se erguem, em filas sucessivas, casas de aspecto brasileiro, tendo na frente canteiros de flores e verduras. São as casas dos mineiros ingleses e suas famílias. O aluguel varia de 0\$500 a 1\$500 por mês. Outras casas ficam em Mingu, atrás do hospi-

tal; três famílias (agosto de 1867) moram perto do Portão da Praia, e algumas perto de Congonhas. A Companhia construiu, além de retiro, casas para os mineiros brasileiros e alemães, mas as acomodações residenciais são, geralmente, más, e podem ser melhoradas, sem grandes despesas e com muita vantagem.

Entrando no portão chegamos ao Rego, ao longo de cuja margem Mr. Gordon construiu um bom caminho. Aqui, nas tardes quentes, os jovens ingleses se refrescam tomando banho. A água nasce no morro das Cabeceiras, a cerca de quatro milhas de distância ao longo de seu curso, perto da cadeia que se liga à região do Paraopeba.¹¹

Esta parte da região é elevada. A extremidade sudoeste do morro das Quintas, ou morro dos Ramos, tem 400 a 430 metros de altura acima do ribeira e, para sueste, há um bloco ainda mais alto, o morro do Pires. Antigamente, o regato atravessava Congonhas; foi comprado pelo Capitão Lyon e elevado a um nível suficiente para dominar a mina. É um dos muitos córregos que recebem as águas dos regatos adjacentes. A Ondina é, assim, compelida a mover as enormes rodas hidráulicas, levantar o minério, levá-lo e depositar o refugo da Praia, através dos canais. O processo é dispendioso, estendendo-se por mais de 29 milhas, e as barracas são vítimas constantes de inundações, desabamentos, e o mineiro *parvula... magni formica laboris*. O córrego dos Cristais atravessa em calhas a ravina do Retiro, corre em torno de um morro até um poço receptor, depois atravessa uma das melhores obras do estabelecimento, a profunda garganta chamada “Criminoso”. Sifões invertidos de ferro mergulham na água até o fundo e distribuem 2.000 pés cúbicos por minuto, a cerca de 60 metros acima do Ribeirão, que, finalmente, assegura o escoamento da água.¹²

Voltando do passeio, passamos pela capelinha protestante. Normalmente, ela é bastante freqüentada na época da estiagem, quando a congregação costuma reunir cem almas, embora Tregeagh se queixe de que “perdeu todo o gosto por suas preces”. Os mecânicos sentam-se do lado direito, os mineiros do esquerdo. Verifiquei que os cânticos são, de um modo geral, os mesmos que os das igrejas do interior da Grã-Bretanha, levando-me a pensar: Por que será que as pessoas que não entoam uma cantiga, cantam salmos e hinos? Depois de passar muitos dias sem ouvir uma ladainha inglesa, não podemos deixar de pensar na observação do

oratoriano Dr. Newman, isto é, que “o protestantismo é a mais triste das religiões e que a lembrança do culto anglicano faz a gente tremer”. Sem dúvida, deveria ser melhorado, mas haverá um meio-termo entre o sublime uso da razão e o irracionalismo de Roma?¹³

No domingo seguinte, procurei o Padre Francisco Petraglia, que oficia do outro lado do ribeirão de Boavista. A capela foi licenciada pelo reverendíssimo bispo de Mariana. O primeiro beneficiado foi um português, que, em agosto de 1860, foi sucedido pelo atual, um garibaldino aposentado. Minha esposa ficou muito escandalizada ao ver que faltava a pedra do altar; a igreja, porém, não fora consagrada, e há algo chamado *communier en blanc*. Os ornamentos não são ricos, o ostensório não passa de uma caixa de relógio com raios metálicos e há certa necessidade de “um balde com hissope para aspersão da igreja e para guardar água benta”. O padre não despreza o joio que se mistura ao trigo, e é muito querido por todos, exceto por aqueles que se mostram contrariados diante da imensa superioridade do seu ardor religioso, em comparação com o artigo nacional.

A missa era às 10h30min da manhã, e encontramos uma pequena multidão, cujos componentes eram pretos em sua maioria, reunidos em torno da capela. Alguns brasileiros vieram a cavalo; provavelmente, tinham caminhado duas ou três milhas para pegar os cavalos, dos quais se utilizaram para cobrir um percurso de 200 ou 300 metros, nisto bem parecidos com os “beis” dos mamelucos, incapazes de atravessar a pé mesmo uma rua. Houve um pequeno atraso, resultante da coleta de donativos para as velas e para as necessidades eclesiásticas em geral. Dentro da igreja, defronte do altar-mor, estava uma mesa, com pilhas de moedas de cobre. Na véspera, fora dia de pagamento, e todos aqueles ou aquelas que entravam, ajoelhavam-se, beijavam a estola que lhes era oferecida e faziam o seu donativo. Um sacristão, preto, careca, fiscalizava, com os olhos atentos, todas as moedas recolhidas e, zombando e censurando, corrigia os poucos corajosos que se atreviam a “não emprestar a Deus” ou que emprestavam com excessiva parcimônia. O brincalhão Sr. Antônio Marcos observou que em cada telhado de capela há um buraco pelo qual a “pinga” cai diretamente na algibeira do padre.¹⁴

Terminada aquela cena pouco decorosa, todos entraram, os brancos tomando lugar à frente e os pretos atrás, os homens de pé e as mulheres

sentadas no chão. O velho costume continua no interior; somente nas cidades mais civilizadas do Brasil, as igrejas dispõem de bancos. Todo o mundo vestia trajes domingueiros; a capela estava repleta de tulipas,* com altos estames cor de areia e alguns estigmas escuros. A conduta do “rebanho” era, sob todos os aspectos, exemplar; seus cantos eram mais entoados e havia mais fervor que na igreja rival. O motivo talvez seja que o culto é rápido e o sermão mais rápido ainda; contudo, em matéria de homilias, o bom Mr. Armstrong não precisa de medidor de sermão. O Padre Petraglia inculcou, severamente, a Fé, Esperança e Caridade, e pediu esmolas para um São Sebastião de porcelana branca, que, crivado de setas, ocupava uma mesa próxima: aqueles que não quisessem “abater-se com o pó” eram todos “burros e cachorros”.¹⁵ Era uma linguagem apropriada para modificar a inteligência com o testemunho. Infelizmente, o reverendo havia esquecido o italiano e não aprendera o português – fenômeno comum por estas plagas, e um tanto embaraçoso à compreensão hamítica.

NOTAS DO CAPÍTULO XXII

1. A latitude foi tomada com um círculo refletor pelo Sr. Henrique Dumont. O Dr. Walker, com um simpiessômetro de Adie, encontrou a altitude de 770 metros; Mr. Gordon encontrou 945 e outra observação com simpiessômetro (leitura ao ar 68°, liquor em tubo 59° e termômetro ligado, 72°) deu 1.137 metros. Achei para o primeiro pavimento da Casa dos Hóspedes a altitude de 745 metros. (P. B. 208°, temp. 63°).
2. No Relatório Sanitário do Dr. Walker referente a 1850, lemos que esses neveiros “cobrem mesmo os pontos mais altos das elevações”. Creio que há equívoco a esse respeito.
3. Em março Min. term. 18,3° Max. 26,6° Simp. Adie 27,90 – 28,40po
Em abril Min. term. 9,4° Max. 20° Simp. Adie 28,22 – 28,59po
Em maio Min. term. 7,7° Max. 20° Simp. Adie 28,17 – 28,60po
Em junho Min. term. 9,4° Max. 22,2° Simp. Adie 28,40 – 28,66po
1ª quinz. julho Min. term. 8,3° Max. 21,1° Simp. Adie 28,56 – 28,76po

* Embora o original diga, realmente, tulipas, deveria tratar-se de lírios, ou de outras plantas ornamentais cultivadas no país há mais tempo que as tulipas, de introdução muito mais recente. (M.G.F.)

O afélio ocorre em 2 de julho, na estação mais fria nestas regiões montanhosas do Brasil. Essas temperaturas nos fazem lembrar dos resultados obtidos pelo Dr. Blanc, em Magdala, na Abissínia.

4. A andorinha também é conhecida pelo seu nome tupi, taperá ou majoi. A primeira dessas palavras não deve ser confundida com “taperá”, que o Dicionário traduz por “aldeia velha” ou “sítio abandonado”, e nota que, de acordo com Pison, também significa “andorinha”, o que não é verdadeiro.
5. Essas trovoadas não devem ser confundidas com o “tornado” africano, que, no inglês, veio a significar um fenômeno meteorológico inteiramente diferente.
6. Os dados referentes aos três últimos anos são:
Índ. pluv. em 1864 = 1.549 mm
Índ. pluv. em 1865 = 1.549 mm
Índ. pluv. em 1866 = 1.628 mm
7. Esse divertido galhoifeiro (*Lanius pitangua*), cujo grito parece realmente estar dizendo “bem-te-vi”, é mencionado por todos os viajantes que escreveram sobre o Brasil. O príncipe Max (i. 63) dá-lhe, também, o nome de “tectivi”.
8. Eis a receita para fazer o molho, e será uma boa ação divulgá-la:
Ajuntam-se 4 litros de caldo de carne de vaca salgada, 8 litros de suco de mandioca (venenosa), que deve ser o mais fresco possível. Ferve-se a fogo lento, em uma panela de barro, durante seis a sete horas. No fim de três horas, ajuntam-se 450 gramas de grãos inteiros de pimenta-do-reino uns 220 gramas de pimenta-malagueta, 4 nozes-moscadas raspadas e 50-60 gramas de cravo. Se achar fraco, ajunte pimenta cumari verdadeira, à vontade. Passe em uma peneira fina, engarrafe e arrolhe a garrafa. Esse molho pode ser misturado com carne e legumes, formando um “caldo de pimenta” que deve ser peneirado, dia sim, dia não. A parte perdida é compensada ajuntando-se mais molho (um copo cheio, mais ou menos) e tantas pimentas quantas sejam necessárias. A vasilha deve ser uma terrina de barro poroso.
9. O tucupi ainda é usado no Amazonas, onde ainda sobrevive o índio. Ouvi dizer que os animais que levam muito tempo mastigando podem comer impunemente essa espécie de mandioca, cujo suco venenoso escorre de suas bocas.
10. A gordura, entre a raça latina meridional, inclusive os brasileiros, é sinônimo de beleza. Possivelmente esse gosto seja causado pela mistura de sangue mourisco. Quem se pode esquecer da viúva Zuma de Clapperton, o “tonel ambulante”?
11. O rio Paraopeba corre do outro lado da cadeia de montanhas, cerca de onze léguas a oeste do rio das Velhas e, nesse ponto, os vales dos dois rios são quase paralelos.
12. Extensão do encanamento de inversão do Cristais, 259 metros de poço a poço.
Altura da armadura sobre a superfície da água 27 metros.
Diferença de nível dos lados opostos 8 metros.
Altura dos canos da parte mais baixa à extremidade superior de descarga, cerca de 40 metros.

O primeiro jogo de canos tem diâmetro interno ca. de 4 metros.

O segundo idem

Espessura do ferro na parte superior: 7,5 centímetros

Idem na parte inferior.: 2,5 centímetros.

A pressão da parte mais baixa é de cerca de 20-26 kg por polegada quadrada. Esse aqueduto altamente civilizado foi montado pelo mecânico-chefe, Mr. Rouse.

13. “A forma racional de pensamento deve, necessariamente, ser a última de todas”. M. Cousin, *Cours de 1828*, pág. 28.
14. A palavra “pinga”, derivada do verbo “pingar” é, freqüentemente usada no sentido de “tomar um gole”. A idéia faz lembrar o provérbio basco: “On-gosseac guiçon bat hilic ines seguín eličabarnera, eta esta gueros hautée atera”, “A cobiça, tendo matado um homem, refugiou-se na Igreja, e nunca mais saiu de lá”.
15. O estranho formalismo e “respeitabilidade” dos antigos portugueses não permitia que eles pronunciassem a indelicada palavra “cão”, do mesmo modo que o camponês de Malta, quando se refere à sua esposa, ressalva sempre: “Com licença de V. Sa” Preferiam, pois, falar “cachorro”, corruptela do latim *catulus* e fez o filhote ocupar o lugar do adulto. Assim, também, em todas as línguas neolatinas, adotou-se a palavra cavalo, vindo de *cabalus*, sendeiro, em vez de uma palavra derivada de *equus*.

A mesma *respeitabilidade* se pode observar em nosso inglês *filistino* deste século. Veja-se, por exemplo, a silhueta feminina. A mulher tem peito (*bosom*), mas não seios (*breast*), tem estômago (*stomach*) e baço (*spleen*), mas não ventre (*belly*) nem rins (*kidneys*). Creio que tem pernas, mas não coxas; sem dúvida, tem calcanhares, mas lhe falta a barriga da perna.

.....

Capítulo XXIII

O PASSADO E O PRESENTE DA MINA DA “ST. JOHN DEL REY” MORRO VELHO

O Brasil não tem uma única mina de ouro.
Dicionário de Ure, *sub voce*.

A mina de Morro Velho foi explorada pela primeira vez em 1725, pelo pai do Padre Freitas, que a comprou por 150.000 cruzados, £600 em nossa moeda, mas, naqueles dias, uma importância muito diferente. O Padre vendeu-a, como foi dito, ao Capitão Lyon, e o custo total da propriedade é de £56.434 12s. 7d.

A primeira notícia que temos da mina data de 1825, quando Caldcleugh visitou “as minas de ouro de Congonhas de Sabará”. Ele a descreve como uma imensa “quebrada” ou ravina, explorada quase inteiramente no interior de uma montanha, cuja camada superior, escavada pelos antigos mineiros, era um “débris” de quartzo, ferro e terra vermelha. O veio era uma massa altamente inclinada de ardósia cloritosa aurífera, entrecortada de veias de quartzo, onde se encontrava ouro em piritas ferruginosas e arsenicais. As paredes da mina tinham incrustados cristais brancos aciculares e sulfato de alumínio impuro. O Padre retirava o minério por meio de explosões e, quando faltava a pólvora, usava o método posto em prática por Aníbal, de arrebentar as rochas com água, mas não usava vinagre. O metal era triturado em quatro pilões, que, aos poucos, foram melhorando, e produziam de 90 a 110 gramas de ouro fraco por dia, raras vezes indo além de 19 quilates. O trabalho principal era no veio de “Vinagrado”, assim chamado por causa da cor avermelhada da pedra, e dizia-se que o proprietário extraía dali, em dois

meses, ouro no valor de 24:000\$000. Isso foi feito com 70 escravos, cada trabalhador recebendo 5,5 gramas de ouro por semana.

Gardner, memoravelmente malrecebido por Mr. Goodair, superintendente de Cocais, foi acolhido com amabilidade em Morro Velho por Mr. Crickitt, comissário-chefe em exercício, em substituição a Mr. Herring. O viajante passou ali um mês, em 1840, e deixou uma interessante descrição da mina em seus primeiros tempos. Verificou que o veio aurífero ocorria em uma ardósia argilosa acinzentada e consistia de rocha quartzosa, misturada com carbonato de cálcio, fortemente impregnado de ferro e piritas de cobre e arsênico. O veio, cuja direção era de leste para oeste, tinha cerca de 15 metros de largura, um pouco a leste dos trabalhos de exploração do centro. Ali, ele se dividia em dois ramos, correndo para oeste, ao passo que dois outros, que já tinham sido mais profundamente explorados, dirigiam-se para leste. As ramificações iam-se afastando, pouco a pouco, tomavam uma direção norte-leste e, afinal, corriam paralelas uma a outra, afastadas cerca de 30 metros. A quantidade de minério retirada variava de 1.500 a 1.600 toneladas por mês, e cada tonelada dava um mínimo de 10 a 15 gramas e um máximo de 25. O processo “tirolês Zillerthal” de amalgamação mecânica, por meio de engenhos giratórios, fora experimentado em Gongo Soco, com abolição da bateia. Em Morro Velho, não tivera êxito. O arsênico formava com o ouro uma liga que tornava a operação difícil e o desperdício de mercúrio era considerável. A torrefação e a calcinação do minério também tinham sido abandonadas, pois as fumaças de arsênico se mostraram perigosas e, segundo se dizia, um negro fora envenenado, quando trabalhava com uma areia de refugo.

Os primeiros relatórios da presente Companhia descreviam o corpo principal da massa metálica como ocupando o flanco meridional de uma elevada montanha, cujo contorno ele seguia em linhas paralelas; na extremidade oriental, ele se inclina para o norte e torna-se demasiadamente pequeno para ser interessante a sua exploração. A mina consistia de três serviços adjacentes, no mesmo veio. O situado mais a leste era a “Arsenical”, com 22 metros de profundidade; no centro, ficava a serviço principal, chamado “Baú”,¹ ao passo que, para oeste, também a 22 metros de profundidade, ficava a serviço agora abandonado de “Quebra-Panela”, assim chamado devido à sua superfície irregular.

Mr. Herring estava empenhado em abrir, o mais depressa possível, uma galeria para retirada da água da mina em um nível mais profundo, em aplicar o drenamento e a maquinaria de bombeamento, e em rebaixar o veio e quebrá-lo por meio do trabalho no ponto de desmonte. Seu esforço em impedir que “as coisas continuassem como estão” deu bom resultado. Ele montou, também, “arrastos” ou trituradores,² cada um dos quais trabalhava durante vinte e quatro horas, triturando quatro toneladas de areia de refugo. Com uma média de 27 cabeças de pilões, a produção em dezembro de 1835 foi de cerca de 14 quilos de ouro. Em 1838, foi aberta uma comunicação entre “Baú” e “Quebra-Panela”. Mr. Herring sugeriu que se passasse a chamar o serviço conjunto de “Minas Unidas”, mas os antigos nomes prevaleceram. Em julho de 1838, o velho serviço do Gambá,³ uma ramificação setentrional do veio principal e situado a leste das “Minas Unidas”, foi desobstruído e o de “Vinagrado” foi abandonado. Ao mesmo tempo, foi aberta a “Cachoeira”, a seção mais oriental do grande veio. Logo depois, foi feita uma descoberta importante, isto é, que toda a massa do veio se dirige para baixo em um rumo quase exatamente para leste, e a inclinação a faz avançar cerca de 1,5 metros para cada 2 metros de profundidade, quando escavado.

Em 1847, depois de longo tempo de serviço, Mr. Herring voltou à pátria, e morreu. Morro Velho perdeu todos os seus comissários no verdor dos anos. Ele foi sucedido por Mr. George D. Keogh, ex-secretário da Companhia, homem trabalhador e enérgico, mas sem conhecimentos práticos. Na sua gestão (1846), Mr. Thomas Treloar tornou-se chefe de Mineração e a Companhia mandou para Morro Velho um capelão, o Reverendo Charles Wright, que era bastante sensato para não se preocupar com conversões, mas abriu uma escola para os filhos dos empregados europeus. Em 1855, Mr. Thomas Walker tornou-se superintendente. Homem simpático e honrado, temia a responsabilidade e confiou demasiadamente nos outros; assim, como era de se esperar, sua gestão não constituiu um sucesso. Também ele morreu, e, em 1858, Mr. Gordon tomou o seu lugar. Não foi mais permitida a pesagem do ouro em caráter particular, e caíram em ridículo os boatos no sentido de que três superintendentes tinham sido despedidos e que o quarto estaria na iminência de ser. As perspectivas da mina melhoraram imediatamente, e a consequência foi a distribuição de dividendos.⁴

É fácil dirigir, na Inglaterra, uma mina que vem sendo explorada há anos, talvez há gerações; muito diferente é a caso nestas regiões, em que a peso recai sobre um só. Os diretores de futuras companhias, se quiserem beneficiar os acionistas, e não beneficiar amigos e parentes, devem ter o maior cuidado na escolha de um superintendente, do mesmo modo que o devem ter na escolha de um engenheiro encarregado dos levantamentos. Na mina, o superintendente deverá estar investido dos poderes absolutos de um coronel, que comanda um regimento francês, não inglês, e recebe informações diárias de seus oficiais, em vez de reuni-los para consultá-los; deverá ter autoridade para fazer e desfazer os subalternos, e estar disposto a assumir plena responsabilidade de seus atos. O subalterno pode ter permissão de encaminhar-lhe queixa contra seus superiores, mas, se tais reclamações forem infundadas, deverá ser demitido imediatamente.

É grato constatar as excelentes disposições do Morro Velho entre gente tão deficiente de capacidade de organização e direção como são os ingleses, pelo menos no Brasil. Posso citar, como exemplo, uma certa companhia de estrada de ferro anglo-brasileira, que consistia em quatro reiozinhos distintos. O Sr. Superintendente não podia dar ordens e, assim, não superintendia coisa alguma. O Sr. Engenheiro-Chefe comandava a estrada. O Sr. Mecânico-Chefe era senhor absoluto de alguns vagões e planos inclinados, enquanto o Sr. Gerente de Transportes, que era também, por estranho que pareça, o Sr. Almojarife, governava com poderes tão absolutos quanto os demais chefes, seus colegas. Os brasileiros olhavam, maravilhados. Mr. Gordon, porém, é irlandês, e a “individualidade do indivíduo” é menos rígida, menos tirânica, nessa parte da raça céltica que entre os anglo-bretões.

Vimos que as três grandes minas formam uma única continuação da mesma linha de mineral. A Quebra-Panela é a mais ocidental; perto, fica um serviço pequeno, o Campeão, assim chamado por causa de uma pessoa, nada tendo a ver com a qualidade do terreno; no centro, fica a Baú, dividida em leste e oeste, e, sobre a Baú e no extremo leste, fica a Cachoeira,⁵ também com duas seções. A Baú e a Cachoeira são, de fato, uma só mina. Os primeiros trabalhadores deixaram entre elas uma ampla cunha ou barra de “killas”, mas, depois dos devidos estudos, esse material foi removido, em 1860.

A largura do veio varia de quatro a sessenta pés. A direção-geral dos serviços é de oeste para leste, com deslocamentos para o norte. A inclinação é de 45°, elevando-se ao máximo de 46°30' ou 47°. A orientação é

de sul 82° leste a sul 58° leste. Os planos de clivagem do “killas” são, em alguns lugares, transversais ao veio, em outros, paralelos ao mesmo. Em certas seções das paredes das minas, elas apresentam a orientação norte 36° leste, mas a média é mais oriental. A direção é sul 46° leste e a inclinação em ângulos varia de 43° a 70°. Verificaram-se defeitos nas paredes, que apresentavam escamações e afastamentos nas juntas, mas tais defeitos foram muito exagerados nos primeiros relatórios. A inclinação do veio mineral é de 6° na Baú e 8° na Cachoeira Central. A orientação varia de sul 82° leste a sul 58° leste e a inclinação de 42° a 47°, mas sempre paralela à estria. A parte mais rica do veio ainda é na parte oriental da Baú. Pode haver bom material a sueste e, naquela direção, estão sendo executados, com todo o cuidado, “trabalhos de pesquisa”. Muito se esperava da extremidade ocidental, mas uma galeria ali aberta deu resultados muito fracos.

Durante os seis meses, entre setembro de 1866 e março de 1867,⁶ o lucro líquido das minas exploradas foi de £49.131. Depois de todas as deduções, ficaram disponíveis para o pagamento de dividendos £54.434, e os diretores “tiveram a satisfação” de recomendar o pagamento de £4,5s. por ação, livre de imposto sobre a renda e independente dos 10 por cento habitualmente retidos para a fundo de reserva. Deixei a mina nessa próspera situação. Pouco depois, porém, em 21 de novembro de 1867, irrompeu um incêndio, e, a despeito de todos os esforços, os danos foram consideráveis.

NOTAS DO CAPÍTULO XXIII

1. A expressão “baú”, o *babut* francês, é empregada, no Brasil, a muitas coisas, como, por exemplo, um rochedo quadrado que se eleva acima da água ou um bloco cúbico no alto de uma montanha. Nas minas, é o buraco onde as águas juntam-se, formando um poço, sendo oposto, assim, à “cachoeira”, terreno onde as águas caem e não se juntam. Por isso, muitas minas grandes têm um Baú e uma Cachoeira.
2. No Cap. 26 explico esse maquinismo.
3. Gambá, em francês *sarigue*, é um marsupial brasileiro, que ataca os galinheiros, como as raposas (*Didelphis carnivorus* ou *Azaree*). Aplica-se, depreciativamente, ao negro, assim como a minas.
4. Eis o resumo da produção de ouro da Mina de Morro Velho, nas gestões dos diversos superintendentes. Minha fonte de informação é a melhor possível: os relatórios anuais da Companhia:

	Mr. Herring (1837-1847)
1837	150.113 gramas de ouro
1838	216.852 gramas de ouro
1839	228.937 gramas de ouro
1840	275.792 gramas de ouro
1841	254.408 gramas de ouro
1842	332.579 gramas de ouro
1843	458.412 gramas de ouro
1º -3-1844 a 28-2-1845	
1º -3-1845 a 28-2-1846	
1º -3-1846 a 28-2-1847	
	Mr. Keogh (1847-1855)
1º -3-1847 a 28-2-1848	629.124 gramas de ouro
1º -3-1848 a 28-2-1849	825.267 gramas de ouro
1º -3-1849 a 28-2-1850	969.969 gramas de ouro
1º -3-1850 a 10-3-1851	999.253 gramas de ouro
1º -3-1851 a 10-3-1852	1.162.864 gramas de ouro
11-3-1852 a 10-3-1853	1.268.586 gramas de ouro
11-3-1853 a 10-3-1854	1.336.426 gramas de ouro
11-3-1854 a 11-3-1855	1.306.838 gramas de ouro
	Dr. Walker (1855-1858)
11-3-1855 a 21-3-1856	1.240.867 gramas de ouro*
21-3-1856 a 20-3-1857	1.101.837 gramas de ouro
21-3-1857 a 19-3-1858	936.831 gramas de ouro
	Mr. Gordon (1847-1855)
20-3-1858 a 18-3-1859	1.024.215 gramas de ouro
19-3-1859 a 18-3-1860	1.302.485 gramas de ouro
19-3-1860 a 19-3-1861	1.535.403 gramas de ouro
20-3-1861 a 20-3-1862	1.949.482 gramas de ouro
21-3-1862 a 22-3-1863	1.897.686 gramas de ouro
23-3-1863 a 23-3-1864	1.706.953 gramas de ouro
23-3-1864 a 23-3-1865	888.119 gramas de ouro**
23-3-1865 a 23-3-1866	1.872.318 gramas de ouro

* Em 7 de março, desabaram 170 toneladas da parte superior e da parede meridional da Mina de Baú. Os mineiros escaparam todos.

** Em 13 de fevereiro, houve um desabamento na Mina de Cachoeira Ocidental e, no dia 19 de abril, oito mineiros foram mortos no serviço de Cachoeira.

5. Em julho de 1867

A profundidade vertical da mina de Cachoeira era.....	415 metros
A profundidade do mergulho do veio.....	580 metros
Extensão da escavação (E. e W. do poço).....	145 metros
A largura da escavação variava de 1,80m a 13,5m, média de.....	8,7 metros
A profundidade vertical da Baú era de.....	393 metros
A profundidade do mergulho do veio.....	455 metros
Extensão da escavação (a oeste do poço ou na parte mais baixa da galeria)...	110 metros
A largura da escavação ia de 3,30m a 27m, com a média de.....	13,20 metros

6. Eis os dados referentes ao período compreendido entre 23 de março e 21 de setembro de 1866;

Produção de 9 dias de março	70.382 gramas
Produção de abril	179.464 gramas
Produção de maio	216.788 gramas
Produção de junho	186.744 gramas
Produção de julho	173.580 gramas
Produção de agosto	186.529 gramas
Produção de setembro (21 dias)	114.852 gramas

Total.....		1.128.339 gramas	
	£	s.	d.
O lucro líquido foi	50.566	9	8
Juros sobre dinheiro não empregado	1.570	0	0
Saldo dos lucros indivisos	743	11	4
Total	£52.880	1	20
		20	12
Dedução das despesas de Londres	1.193	16	3
		16	3
Saldo para dividendos	£51.687	4	9
		4	9

Durante o semestre, foram retiradas 7.000 toneladas de minério a mais, em comparação com o semestre anterior, isto é, 53.698 para 46.629, e essa foi a maior quantidade até hoje minerada. Por outro lado, teve 41,6 e a outra apenas 36,6 de “killas” sem valor.

.....

Capítulo XXIV

A VIDA EM MORRO VELHO (Continuação)

*Ipsaque barbaries aliquid praesentit
honesti.*

U

m espetáculo original, digno de uma fotografia, é a revista dos negros, que se realiza de dois em dois domingos. Quando lá estávamos, 1.100 dos 1.452 participaram da “reunião”, em frente da casa-grande. Ambos os sexos vinham descalços, o que, no Brasil, é uma característica dos escravos. As mulheres, tendo à frente um piquete de doze meninas, estavam dispostas em companhias de colunas de seis. Vestiam todas o uniforme domingueiro: saias de algodão branco, com uma fita vermelha estreita à altura do terço inferior; xale de algodão, riscado de azul e branco e um lenço de cores vivas, geralmente escarlate, cobrindo a carapinha. Ao lado direito, perpendicularmente à coluna, são colocadas “as mulheres de boa conduta”. O emblema do primeiro ano é uma larga tira vermelha em torno da bainha da saia branca, substituída por tiras da mesma cor e mais estreitas, uma para cada ano, até o número místico de sete,¹ que dá a liberdade. Vimos dez mulheres e outros tantos homens candidatos à manumissão.

Dispostos atrás das mulheres, os homens vestem camisas brancas, coletes frouxos de lã azul, bonés vermelhos – turcos ou *glengarry* – e calças de algodão. Os “homens de jaqueta”, como são chamados os de “boa conduta” ficam à esquerda, em ângulos retos com o batalhão das amazonas. Usam paletós sem manga de sarja azul, com golas e punhos vermelhos, cintas

brancas, guarda-pós com riscos vermelhos nas costuras e os bonés habituais; cada um traz uma medalha com o selo do Morro Velho, como emblema da próxima liberdade. As crianças em idade de participarem da revista são vestidas de maneira cômoda e decente, formando um grande contraste com os negrinhos que se vêem em torno.

Os escravos respondem à chamada, procedida pelos chefes dos respectivos departamentos. Isso feito, o superintendente, e, seguido do gerente, subgerente dos negros, e de dois médicos, caminham junto às filas dos negros e examinam cuidadosamente cada um. Observei que quase todos os escravos eram nascidos no país; só havia um munjolo,² reconhecido pelas três cicatrizes de sua raça; as outras pessoas “mantidas em serviço” as chamavam de “paga-gente”.

Depois da inspeção, foi colocada uma mesa diante da porta, para pagamento, e as moças e crianças receberam suas quotas de dinheiro e sabão. Os três cobres (0\$120) de antigamente tinham sido elevados para 6 a 8 para os empregados nos pilões e os carregadores de pedra recebiam 12 cobres pela “obrigação”. Por trabalho extraordinário e excesso de tempo de serviço,³ o pagamento pode ser aumentado para 16 a 20 cobres.

Cada um recebe, por semana, meia libra de sabão; o custo desse artigo para a Companhia vai de 300\$000 a 400\$000 por mês, ou de £360 a £400 por semana. Os homens e mulheres casadas recebem o pagamento no escritório. Os homens recebiam antigamente 4 cobres e agora recebem o dobro, e, de acordo com sua atividade, podem ganhar de 8 a 10 patacas, que correspondem cada uma a 8 cobres. A média de prêmios e trabalho extraordinário pagos aos negros vai a 1 :600\$000 por quinzena, ou cerca de £3.840 por ano.

Terminada a revista, ambos os sexos e todas as idades dirigiram-se à igreja. Depois disso, os diligentes iriam cuidar das casas e das hortas, dos porcos e das galinhas; iriam lavar roupa e costurar, ou carregar água, lenha ou capim para vender. Os preguiçosos e dissolutos iriam gozar a santidade do dia à moda africana, deitados ao sol e, se puderem, bebendo e fumando haxixe, como os semi-selvagens de Serra Leoa. A negra, aqui e alhures, é provavelmente amante de berloques e trapos coloridos. Terminada a revista, ela despirá o uniforme regimental e se meterá em um vestido espalhafatoso e um xale colorido, fazendo inveja a todas que a vêem.

Certa vez, os negros mostraram-nos o que no Indústão é chamado “tamasha”, na Espanha e Portugal “folia”, no Egito e Marrocos “fantasiyah” e aqui “congada” ou “congo-ri”. Um grupo de homens, depois de passear através do povoado, chegou até a casa-grande. Estavam vestidos, segundo acreditavam, de acordo com o estilo da “Casa de Água Rosada”,⁴ descendente do grande Manicongo e à qual pertencem os senhores hereditários da terra do Congo. A roupa, porém, apesar de suntuosa, com sedas e cetins coloridos, era pura fantasia, e alguns usavam o canitar ou enfeites de penas na cabeça, e a “arasóia” ou cintura de penas e o tacape dos homens vermelhos. Todos estavam armados com espadas e escudos, exceto o rei, que, em sinal de dignidade, carregava seu cetro: um forte e prestativo bastão. O velho mascarado, de barbas brancas, queixo trêmulo, voz titubeante e modos rabugentos, era inteligentemente representado por um jovem negro de Sabará. À sua direita, estava o capitão de guerra, o primeiro-ministro; À sua esquerda, o jovem príncipe, seu filho e herdeiro, um negrinho muito sem graça. Naturalmente, lá estava o bufão da corte de Daomé, e a graça consistia em dar-lhe bofetões e pontapés, como se ele fosse um de nossos palhaços.

A “peça” era uma representação das cenas que mais deleitam a pacífica e simpática raça negra: arranjos para uma caçada de escravos; a marcha, acompanhada de muita correria e entrecocar de espadas, que todos manejavam como facas de açougueiro; a surpresa, os prisioneiros arrastados, ordens de matar ministros e guerreiros poltrões, envenenamentos e administrações de antídotos – em resumo: a “África selvagem”. Sua Majestade usava livremente o bastão, aproveitando bem o privilégio de poder surrar todo o mundo. As falas eram recitadas em tom monótono, o idioma era hamítico-lusitano e havia uma tentativa de cadência e rima. Matar o inimigo e beber o seu sangue eram os tópicos favoritos, variados com espertas alusões ao superintendente e seus hóspedes. Depois de meia hora, receberam sua gratificação e foram mostrar sua habilidade em outro lugar.

As cerimônias de domingo terminaram com cinco casais trazendo outros tantos pretinhos recém-batizados para receber a recompensa da fertilidade. O pagamento pela propagação é uma boa idéia, por via de regra, a escrava jovem diz: “Para que uma cativa⁵ quer filhas?” Em Morro Velho, ao contrário, as negras desejam ter filhos, porque são temporaria-

mente afastadas do serviço. Infelizmente, quando nasce o segundo bebê, o primeiro é negligenciado, e raramente o médico é chamado, antes que seja tarde demais. Assim, os registros do hospital referentes ao primeiro semestre de 1867 mostram que o índice de mortalidade dos negros foi o dobro do índice de natalidade: em um total de 1.452, nasceram 16 e morreram 32.⁶

Os senhores da “raça occipital” arreganhavam os dentes de alegria – *patulis stant rietibus omnes*. As mães, ostentando maravilhosos colares de ouro, eram conduzidas por uma negra enorme, que parecia ter poderes absolutos sobre seu rebanho trigueiro. Cada matrona recebeu um mil-réis, uma garrafa de vinho e um conselho do superintendente. Quando terminou a cerimônia, o mariola do grupo – é sempre o mais proeminente em tais ocasiões – propôs um “hip, hip, hurra!” a Mr. Gordon, e todos se retiraram, muito satisfeitos da vida.

Há, também, uma revista diária de escravos, no grande salão do “Rancho dos Negros”, que fica iluminado no inverno. O sino toca às cinco horas da manhã, e, meia hora depois, os ajudantes brasileiros, em presença de Mr. Smyth, chamam os nomes, primeiro dos homens, depois das mulheres, e, finalmente, dos recém-chegados, que, sendo algumas vezes de índole rebelde, têm de ser amansados. O almoço é preparado de véspera, e cada trabalhador leva a sua refeição.

Também visitei o hospital, que está a cargo de Mrs. Holman, enfermeira-chefe, e examinei os relatórios, que são encaminhados, mensal e anualmente, aos diretores. O edifício é tão bem situado como qualquer outro, limpo e novo, espaçoso e cômodo; os médicos residem perto. No entanto, os negros, como os “sepoys”, têm aversão ao hospital, e preferem morrer em suas cabanas; em consequência disso, muitos são levados ao hospital quando já se encontram moribundos.⁷ Há uma enfermaria para os brancos, mas os ingleses, habitualmente, preferem ser tratados em casa, e obtêm licença para tratamento de saúde, se se tornar necessário o afastamento do trabalho.

Os relatórios médicos são, penso eu, um tanto otimistas demais, ao afirmarem que a população negra de Morro Velho é, “de um modo geral, saudável”. O Dr. Robert Monach observou, em 1843: “Quando levamos em consideração a constituição dos negros, a contextura modificada (?) de sua pele, executando maior âmbito de funções que os europeus, e

tendo-se em conta as grandes e abruptas mudanças de temperatura a que estão continuamente expostos, em consequência de um clima muito variável,⁸ sua grande falta de cuidado e a natureza de suas acusações, deve-se considerar pequena a mortalidade, circunstância que fornece a melhor prova de que são tomados todos os cuidados para preservar a sua saúde”. Em 1846, foi observada uma “notável circunstância”, isto é, que, das 14 mortes, somente uma foi de negros ingleses de Cata Branca, duas foram dos 244 “negros da Companhia” e 4 dos 141 alugados de brasileiros. Foi sugerido que a desproporção fora motivada pela boa vida, depois da dieta pobre mudada de súbito; e, no entanto, muitos afirmam que os negros melhoram de peso, cor e aspecto depois de alguns meses em Morro Velho. Em 1848, Dr. Birt observou que, “na Inglaterra, a percentagem de óbitos, incluindo-se toda a população, é de menos de 3 por cento; a nossa é de um pouco mais de 2,5 por cento”.⁹ O Dr. Thomas Walker, médico do Exército, que, em 1850, prestou informações sobre as condições sanitárias dos negros de Morro Velho, encontrou-os dizimados pela pneumonia, moléstia insidiosa e muito comum nas regiões montanhosas do Brasil. Lamentou não poder usar com maior liberdade a lanceta, pela qual os negros têm um instintivo terror, e, assim, algumas vezes eles conservam a vida desafiando a ciência.¹⁰

Parece, pela leitura dos relatórios, que, mais ou menos de dez em dez anos, ocorre uma mortalidade anormal, decorrente da “natureza do clima e da situação local, das condições sociais e peculiaridades de constituição dos negros”. As moléstias do cérebro e dos intestinos são muito graves; a disenteria e a pleurisia fazem muitas vítimas, enquanto a pneumonia é, às vezes, epidêmica e muitas vezes latente, e sujeita a se alastrar com rapidez. Dos 90 homens e mulheres hospitalizados, vários sofriam de úlceras malignas nas extremidades, agravadas, talvez, pela água contaminada, que, segundo se diz, provoca gangrena nas feridas. A repugnante boba desconhecida no norte da Europa, a não ser nos hospitais navais, e aqui tão comuns como na Costa da Guiné; o povo tem horror a essa moléstia e afirma que não se pode dizer “tive boba”. O que Caldcleugh chama de “ligações à toa”¹¹ entre os escravos, é coisa energicamente reprimida pelo superintendente e os funcionários dão o exemplo de uma conduta escrupulosamente correta; contudo, em “Serra Leoa” como aqui, a maioria dos casos é de moléstias venéreas e mesmo

as crianças já nascem com a *corona veneris*. Tal é o negro, porém, em toda a parte, fora de seu próprio país, e também onde os europeus estabeleceram colônias.

“Que cena prodigiosa verá então o futuro:

as cadeias, semi-humanas, riscando mar e praia. Parecendo humanas aos poucos filantropos, um grupo monstruoso, horrendo disforme e fétido, machos, todos bestiais, e fêmeas, todas pérfidas. Luxúria, perjúrio e superstição mancham a terra; Tal fortuna, Serra Leoa, fez de ti.

Paraíso dos negros e inferno dos brancos!”

As mulheres grávidas são afastadas do trabalho e encaminhadas ao hospital no quarto mês. Depois do internamento, são liberadas do trabalho pesado e, algumas vezes, só trabalham metade do ano, no departamento de costura. Quem está familiarizado com a situação das *bloomers* de Lancashire, das mulheres da Cornualha que ajudam o desbastamento do minério de estanho e das trabalhadoras rurais inglesas em geral, há de convir que as mães escravas são muito mais bem tratadas nas minas de Morro Velho. As criancinhas, entregues aos cuidados de uma velha, brincam em um amplo telheiro na praça do povoado de Boavista. O negro no Brasil é, porém, um exótico, está fora do seu próprio centro étnico; é difícil mantê-lo vivo, como o próximo quarto de século mostrará, e, quando jovem, exige toda a atenção dos pais.¹² O agricultor brasileiro, que não quer ver diminuir o número de seus escravos, permite que as crianças fiquem com as mães, e que estas fiquem sem trabalhar dois, ou mesmo três anos.

Uma das visitas mais interessantes em Morro Velho é ao departamento de fiação de algodão no armazém da Companhia. As operárias são moças negras e mulatas, muitas delas livres; trabalham por tarefa, e moram e comem a sua custa. Recebem pagamento no fim do mês, à razão de 0\$300 a 0\$400 por libra de fiado, e cada uma faz uma média de 4 a 5 libras por semana. A matéria-prima é, em sua maior parte, procedente das regiões secas que ficam a oeste do Distrito Diamantino e das margens do rio das Velhas, especialmente de Santa Quitéria, no Município de Curvelo. A planta, que os índios chamam de “aminuu” é a de sementes pretas, preferida no antigo Brasil às herbáceas. A penugem é mais facilmente separada pelo simples “arco do Hindustão”, ainda usado, e acredita-se que a fibra é mais forte e pode ser fiada com maior facilidade. Uma arroba de algodão em rama, valendo 0\$200 por quilo, rende, depois de descaroçada, de 3,5 a 4

quilos de fibra limpa, cujo valor é de 0\$400 a 0\$500. Nos últimos três anos, os preços elevaram-se, devido à crescente procura no Rio de Janeiro; e, como as páginas seguintes mostrarão, o Brasil, e especialmente a Província de Minas, com sua genitora, a de São Paulo, tem, em suas terras algodoeiras, uma mina de riqueza, que só exige maquinaria e vias de comunicação.

A semente é removida da penugem por uma “charkha”, um verdadeiro brinquedo, dois pequenos cilindros de madeira lisa e muito dura, com cerca de 30 centímetros de comprimento, da espessura de um cabo de vassoura, ajustados em uma armação diminuta e movidos em direção contrária, por meio de guinchos.¹³ Estes são movidos por duas crianças, enquanto uma terceira coloca o algodão, que passa entre os rolos e sai limpo. Vi, depois, um melhoramento introduzido nessa rude e venerável máquina manual: uma roda hidráulica, manobrada por meio de polias e faixas, com oito jogos de cilindros, cada um dirigido por um escravo, que limpava 48 quilos de algodão por dia. Acrescentando-se um alimentador para introduzir o algodão, um descarregador para removê-lo e um ventilador para transportar a penugem, duas mãos podem fazer o trabalho de oito.

Em coisa alguma as nacionalidades revelam mais suas diferenças e peculiaridades do que nas máquinas de limpar o algodão. O brasileiro e o hindu confiam principalmente nos instrumentos da natureza, e no melhor de todos os instrumentas: os dedos. O inglês inventa mecanismos bons, caros, sólidos, bastante seguros, mas tediosos, lentos demais.

“E a lentidão do verme está em todas elas.”

Os inventos norte-americanos, os populares “moinhos de serra” por exemplo, são baratos, simples, facilmente manejáveis e trabalham com a velocidade de uma estrada de ferro, mas reduzem a fibra a pedaços. Acredito que o velho cilindro do Brasil, com certos melhoramentos, tornar-se-á superior a qualquer outro inventado até hoje.

O Capitão Joaquim Felizardo Ribeiro, cuja fábrica fica a cerca de três milhas de distância, firmou contrato com a Companhia, para fornecer pólvora, mediante pagamento de uma quantia fixa, sendo que a importância de 200 libras por mês corresponde à pólvora gasta em explosões para o desmonte de rochas nas minas. Aquele senhor usa carvão de boa madeira e recebe da Inglaterra, pelo preço do custo, enxofre e salitre da melhor qualidade, preparando o artigo nas proporções exigidas pelo estabelecimento. Um inglês, Mr. Gray, prepara as espoletas de tempo, que são sempre

carregadas com pólvora vinda da Inglaterra. As demais espoletas são feitas pelas negras. Ainda não foi experimentada a nitroglicerina.

No prédio do depósito da Companhia está, também, o teatro que fica sempre repleto, e que merece louvores do moralista, como agente de civilização – de fato o que Salt Lake City quer que ele seja. Mr. Wood, assistente *pro tempore* do Departamento de Redução, e Mr. White, júnior, eram as figuras principais, por ocasião de nossa visita. A “casa” consiste numa sala comprida, com duas filas de bancos; à esquerda, ficam os funcionários; à direita, os mecânicos e mineiros, com suas mulheres, e tendo em frente as crianças. O palco é uma plataforma elevada, em posição oposta à da plataforma para a orquestra, que fica na outra extremidade. Tivemos diversões de todas as espécies: menestréis negros, os “Nerves”, e todas as últimas cançonetas cômicas. Depois das gargalhadas e aplausos que saudavam cada farsa, o autor poderia ter modificado sua velha afirmação:

*Anglica gens,
Optima flens,
Pessima ridens.*

Tal é, leitor, a vida em Morro Velho, no coração do Brasil. Tencionávamos, como disse, passar uma semana lá; tal foi, porém, a cordialidade com que fomos recebidos por nossos patrícios, e tais foram a amabilidade e a hospitalidade, que não pudemos partir antes de um mês.

NOTAS DO CAPÍTULO XXIV

1. O período costumeiro é de dez anos, mas em Morro Velho foi reduzido, humanitariamente.
2. Conhecida raça da parte oriental do Congo. St. Hilaire escreve “monjolo”, fazendo confusão com a máquina.
3. Tecnicamente chamado “fazer horas”.
4. Esse título de “água rosada” adotado pelos negros de raça pura pode parecer invenção gratuita, mas é perfeitamente histórico. Uma interessante descrição da dinastia, com um desenho de “Nicolau, Príncipe do Congo”, foi publicado recentemente por M. Valdez (Vol. II, Cap. 2 de *Seis Anos da Vida de um Viajante na África Ocidental*. Londres; Hurst & Blackett, 1861).
5. “Cativo” e “cativa”, eufemismo por “escravo” e “escrava”, que se opõe a “forro”. Uma expressão igualmente adotada para comprar escravos é “resgatar”, porque, oficialmente,

- supunha-se que os escravos tinham sido salvos de serem assassinados por seus captores hostis.
6. A partir de dezembro de 1866, o Dr. Weir mantém um registro de nascimentos e óbitos de todos os brancos e negros, não sendo incluídos os brasileiros livres que trabalham na empresa. Antes, eram registrados os nascimentos, mas não os óbitos.
 7. Castelnau (i. 184) é de opinião que a taxa de nascimento não compensa a taxa de mortalidade dos escravos no Brasil, e estou de pleno acordo com ele.
 8. A drenagem do Planalto Central africano é, segundo tenho notado, menos regular que a do Brasil. Sob outros aspectos, os climas se parecem muito. Lembrei-me, muitas vezes, de Usagara, na Serra do Mar, e de Unyamwezi, em Minas Gerais e São Paulo.
 9. Para a taxa de mortalidade média, v. Apêndice I, Seção A.
 10. Seu estudo foi publicado no 21º Relatório Anual da Companhia (Londres, R. Clay, Bread-street-hill).
 11. É uma expressão que causa muita confusão aos estrangeiros no Brasil, e que aparece nos nomes de muitas plantas e outras coisas. O sentido literal de “à toa” é “a reboque”; a significação secundária é “sem governo”, e o sentido popular é “mau, sem valor, sem importância, uma coisa à-toa”, convertendo-se, assim, em adjetivo.
 12. Nada pode haver de mais errado que a afirmação de St. Hil. (III, ii, 72 e em outros lugares) no sentido de que, no Brasil, a raça negra *tend à se perfectionner*. Igualmente equivocado estava o erudito e excêntrico Dr. Knox: “De Santo Domingo, ele [o negro] expulsou o celta; de Jamaica, expulsará o saxão; e a expulsão dos lusitanos do Brasil é apenas questão de tempo”. Como nos Estados Unidos, a emancipação aniquilará a raça africana, que, com muito raras exceções, pode viver como escrava recrutada na terra natal, não como livre, nas terras ocupadas por um sangue superior. É impossível não notar a curiosa contradição do Dr. Knox, que ameaça de extinção os anglo-americanos (para não mencionar outros), porque foram afastados do hábitat próprio, e, no entanto, promete um poderoso e produtivo futuro aos africanos, nas mesmas circunstâncias.
 13. Há muitas variedades de roda, e muitas têm apenas um guincho.

.....

Capítulo XXV

NO FUNDO DA MINA

*É anoitecer, aqui, ao meio-dia.
Ao anoitecer já é noite profunda.*

M

r. Gordon tomou todas as providências para uma descida segura. Mrs. Gordon, que jamais se aventurara antes a descer debaixo da terra, consentiu, amavelmente, em acompanhar minha esposa. Ficou combinado que eu e Mr. L'Pool desceríamos primeiro, e aguardaríamos os outros no fundo do poço. Mr. James Estlick, o chefe da mina,¹ nos fez calçar botas pesadas, para proteção dos calcanhares, e usar chapéus de couro duro, para proteger a cabeça contra pedras caídas ou pedaços de argila desprendidos; o resto da *toilette* era constituído pelas “roupas antigas”, para uso das quais meu primo hiberniano definiu Roma como o lugar principal. Uma pequena multidão de operários da superfície nos acompanhou até a boca do plano inclinado de Walker, um buraco quente e desagradável, que leva à mina da Cachoeira. O negrinho Chico lançou um olhar ao poço negro, torceu as mãos e fugiu, gritando que coisa alguma no mundo o faria entrar naquele inferno. Ultimamente, têm-lhe ensinado que ele é um ser responsável, com uma “alma imortal”, e ele estava começando a acreditar em tal coisa, de maneira grosseiramente teórica: aquele não parecia, certamente, um lugar para onde os negros vão.

Mr. John Whittaker, que chegara a Morro Velho justamente a tempo de participar do grupo, e o superintendente acharam *Infra dignitate* descer por outra via que não fosse a pé pela escada.² No entanto, até mesmo

Geordy Stephenson nem sempre despreza a cesta. Os mineiros sobem e descem como gatos, muitos preferindo a escada, porque ali dependem deles mesmos, e não da corrente; o estranho levará quatro horas, e um ou dois dias depois, seus joelhos não o deixarão esquecer-se do acontecimento. Preferi, apesar de todos os falados riscos, o grande balde de ferro, que pesa cerca de uma tonelada e carrega cerca de dezenove quintais ingleses de minério; os ingleses chamam-no de *kibble*, os brasileiros de *çaçamba*.³ Ele se prende a um carro, que corre sobre uma haste de madeira revestida de ferro, descendo em um ângulo de cerca de 46°, e é abaixado e suspenso por uma roda de arrasto, que funciona com força hidráulica. Há dois freios: um na máquina de tração, para deter a avanço de repente, e, para o caso de se partir a corrente, há um travão, no qual, contudo, não se deve confiar. A grande *çaçamba* anda, incansavelmente, de cima para baixo e de baixo para cima, balançando-se, até que os fortes rebites afrouxem, e tudo se arruíne: é fácil de imaginar-se o destino de um homem metido naquele negro abismo, aparentemente sem fundo. Quando a *çaçamba* chega ao fundo do posto de tração onde termina a galeria, molas automáticas a separam de sua linha transportadora: ela, então, desce verticalmente e é carregada de pedra.

Os acidentes têm sido excepcionalmente raros na Grande Mina; poucos mereceram o epitáfio:

Aqui jaz João Ninguém; morreu na mina;
Como morreu, ninguém de fato ensina.

Não houve perdas de vida, entre 1° de julho de 1865 e novembro de 1867. Os desastres provêm, principalmente, da desonestidade na fabricação das correntes, que deveriam durar dois anos, e têm-se rompido depois de seis meses de trabalho. Os elos se afrouxam devido a um defeito de soldagem; o simples atrito com a superfície irregular provoca o desgaste e o resultado é o perigo iminente. A princípio, foram experimentadas cordas de arame, mas não deram bom resultado; o aperfeiçoamento da fabricação e a diferenciação das condições de aplicação tornaram-nas mais seguras agora. Em qualquer circunstância comum, contudo, uma viagem na *çaçamba* não é mais arriscada do que descer os quatro terríveis planos inclinados, aqueles escorregadouros mortais, que fazem os estrangeiros tremer na Estrada de Ferro Santos a São Paulo.

A caçamba ficou suspensa sobre o abismo, e nós nos vimos sentados em um banco de madeira rude, de maneira bastante cômoda. Tínhamos sido avisados pelos mineiros de que não deveríamos olhar para baixo, pois o brilho das fagulhas e pontos luminosos movendo-se na profunda escuridão do abismo provoca tontura e enjôo. Olhamos para baixo, contudo, e nenhum de nós sentiu coisa alguma. Um conselho mais útil foi o de conservar as mãos e a cabeça bem dentro da caçamba, especialmente quando passando pela outra que subia. Só quase chegamos a cair uma vez, esbarrando em um sustentáculo da caçamba. Os que nos seguiram tiveram três de tais colisões, o que os levou a agarrar na corrente, e descrever a experiência como “momentos de terrível ansiedade”. Desceram em uma caçamba com excesso de corrente. Um robusto jovem, Zachariah Williams, um dos “homens de baixo”, acompanhou-nos, descendo pela escada com tanta rapidez quanto o sacolejante veículo que nos conduzia.

Não pude deixar de maravilhar-me com o formidável madeiramento⁴ que os olhos dilatados conseguiam divisar na escuridão: madeira em suportes; madeira em engates e buracos; madeira nas passagens e pontas de apoio; e madeira em plataformas para depositar minério, para fortalecer as paredes e para proteger os mineiros. Todas eram madeiras da mais resistente e melhor qualidade, e dificilmente se poderia conceber como tais madeiras pudessem se incendiar, em uma atmosfera tão úmida. A imunidade das cidades brasileiras resulta principalmente do uso de madeira superior à que usamos. Tinha-se a impressão de estar em uma vasta floresta subterrânea, atingida por terríveis inundações e batida, em todas as direções, por cataratas, na maior confusão. O enorme labirinto, nem seria preciso dizer, não deixa de ter um plano, bem visível quando se olha com mais atenção. O empuxo é terrível; em vários lugares, os maiores troncos dos gigantes das florestas brasileiras tinham sido fendidos ou esmagados. São imediatamente retirados e substituídos por outros. O trabalho não pode, de modo algum, atrasar; tudo tem de estar bem-feito e seguro, e a alvenaria é tão cuidadosamente vigiada como o madeiramento. Depois de algum tempo, um certo ponto torna-se fraco, outro perigoso, e a água penetra, as paredes ficam abaladas e, dentro em pouco, cedem.

O que se vê no fundo da mina explica por que aqueles que não gostam dela ameaçam-na com o esgotamento da madeira para combustível e para a sustentação. Não há, contudo, perigo disso, por enquanto, pois

toda a região do Paraopeba ainda está intacta e no rio das Velhas ainda há grandes reservas, para muitos anos. Passamos por carvoeiras no caminho de Sabará e grandes quantidades são encontradas em Macacos, ao sul dos terrenos de Morro Velho.

Nesta parte do Brasil, a madeira nova, especialmente a de pequeno porte, não dura, se cortada na época das chuvas. Aqui, as árvores são cortadas de maio a agosto, de preferência em junho, e evitando-se, como dizem, “os meses que tenham R”, do mesmo modo que colhemos as ostras nos meses que têm. É fácil perceber-se o motivo disso; na estação do frio, quando a “seca” se firmou, a seiva deixa o tronco e volta ao solo. Menos fácil é explicar a crença generalizada no sentido de que a madeira cortada na lua minguante não é atacada pelos insetos;⁵ até mesmo os índios não derrubam árvores para fazer canoas na lua cheia. Na Inglaterra, sabe-se, nossos antepassados que temiam a calvície não cortavam os cabelos no quarto minguante. A ação lunar, apesar do ceticismo nórdico, é, em toda a zona tropical, uma questão de fé. Poderemos considerá-la, como o mesmerismo, como efeito da eletricidade latente ou como a cega simpatia de alguma força desconhecida, ou, melhor de tudo, como o *επισχη* de De Quincy, ou deixarmos o problema de lado.

O madeiramento faz honra a Mr. John Jackson, encarregado-chefe em exercício. É feito, em geral, por contrato, a tanto por toro de madeira. Os homens que executam a tarefa não recebem pagamento, mas são-lhes fornecidas velas, e cada par tem uma turma de trinta a quarenta negros a sua disposição. Se dão gorjeta aos escravos, é com base no mesmo princípio – ou falta de princípio – que nos faz dar gorjeta a um guarda ferroviário. E aqui, é multado, com muita razão, o branco que espancar um negro.

Fizemos uma boa descida entre essa avenida de madeiras de tamanho monstruoso, e um pouco de estopa inflamada, presa à corrente da caçamba, permitia-nos que víssemos todos os seus aspectos. A viagem durou quinze minutos. No fundo, a caçamba parou, começou a sacudir, como um navio, e descemos perpendicularmente até sermos recebidos por Mr. Andrew, chefe em exercício de escavação, que, naquela noite, seria substituído por Mr. Williams. Como nossos olhos estavam desacostumados com a escuridão, tivemos de fazer muito esforço para aplicá-lo ao sistema de retirada de água, pois estávamos no “poço de esgoto”, que, para coletar as águas, fica um pouco abaixo dos serviços mais profundos. Há duas bombas, uma

na Cachoeira, outra na Baú, cada qual com cinco jogos de mergulhador, que são movidos por energia hidráulica. As hastes da Baú estão a 649 pés e 2 polegadas do centro do pino do tubulador ao meio do pino de prumo de superfície. Uma mangueira, partindo do fundo do poço, é enchida por uma bomba de sucção, que alimenta um poço, situado acima; mais para o alto, o processo é executado por meio de cavilhas de mergulho, até que a água seja levada, através do poço de esgotamento, à superfície. É um decisivo melhoramento, em comparação com a bomba brasileira e o “macacu”, que perpetuava o antigo *hund* ou *hundslauf* dos mineiros de Freyberg.

Logo em seguida, Mrs. Gordon e minha esposa, envergando calças marrons, blusas com cintos, e bonés de mineiro, apareceram embaixo, entusiasmadas com a viagem na caçamba. Os operários fizeram tudo para evitar o alarme, cumprimentavam e conversavam ao passarem e se mostravam tão atenciosos como se estivessem em uma sala de visitas. As senhoras foram recebidas com cumprimentos amistosos e altos vivas. Chegaram, em seguida, Mr. Gordon e Mr. Whitakker, que iria sofrer o que os mineiros peruanos chamam de “macolca”.⁶ Quando nossos olhos tornaram-se quase felinos, lançamos um olhar geral em torno. Mais uma vez, o enorme madeiramento a leste da galeria chamou a atenção de todos.

A mina constituía para mim uma completa novidade, e de todo diferente dos imundos labirintos de caminhos baixos e galerias sufocantes pelos quais eu muitas vezes rastejara, como um réptil ou um quadrúmano. A altura vertical, 380 e os 36 metros de largura, sem paralelo nos anais da mineração, sugeriam uma caverna, uma pedreira enorme, uma gruta gigantesca, levantada da posição horizontal à perpendicular. Olhando-se para leste, onde o veio se detém e curva-se um tanto para o norte, erguia-se, diante de nós, uma subida escura, pontilhada de luzes, que piscavam como vaga-lumes em uma alta barragem; algumas, espalhadas pelos níveis mais baixos, outras fixadas mais alto, com suas lâmpadas de óleo de rícino⁷ enfraquecidas pela distância. O teste habitual, feito com velas acesas, não revelou coisa alguma de anormal na atmosfera; o ar estava livre, a ventilação excelente e o sulfeto de hidrogênio só podia ser encontrado depois de explosões de pólvora. Muito agradáveis aos ouvidos dos acionistas deviam ser as antigas alegres do canteiro ou a conversa alegre do cavouqueiro. Logo, porém, eles se calaram, quando o superintendente fez um breve discurso de apresentação dos visitantes; estes foram saudados com gritos e vivas joviais,

que soavam estranhamente no abismo, nas entranhas da Terra. Sentíamos dor nos pés, e não era para menos. O chão estava úmido, a lama era escorregadia e a locomoção parecia uma subida às Pirâmides, embora o terreno fosse relativamente plano.

Depois, virando para oeste, subimos uma ou duas ladeiras que conduziam da mina da Cachoeira à do Baú; ali corria um pequeno regato que, em poucos dias, teria afogado os antigos.⁸ A água era ligeiramente ferruginosa, talvez pelo contacto com ferramentas; por outro lado, porém, não oxida nem corrói muito os metais. Tomando a temperatura em vários horizontes sucessivos, Mr. Gordon verificou que a água do fundo da mina é mais fria que a da superfície. Cuidadosamente, ele rejeitou os elementos de erro resultantes da temperatura animal, luzes, fogos e a temperatura mais elevada dentro dos poços. Muitas observações o induziram a pôr em dúvida a existência daquele inexplicável, e na verdade inconcebível calor localizado por M. Cordier e outros no centro da Terra.⁹ É sempre um prazer ver as velhas e respeitáveis verdades “respeitadas pelo tempo” de nossa infância esfrangalhadas e atiradas ao vento. É satisfatório aprender que não sabemos tudo acerca da paralaxe do Sol e que temos, mesmo, algo de explorar acerca da Lua. É um deleite desaprender que, a despeito dos ensinamentos dos poços artesianos e dos vulcões, dos terremotos e das fontes térmicas, habitamos uma espécie de casca de ovo terráquea, uma crosta sólida, uma casca de laranja de material mau condutor, uma bomba recheada de material extravagante. O aventureiro balão de ensaio de Mr. Gardner danificou severamente a teoria térmica de Humboldt. Esperamos que Mr. Gordon desmascare aquele pretensioso calor, ajude a consolidar a teoria do sólido esqueleto rochoso e, assim, ilumine outro local escuro para os olhos racionais.¹⁰

À medida que avançávamos, a parte superior da Cachoeira, especialmente perto do poço de esgotamento e da seção central, parecia estar pendente de maneira considerável, com grandes protuberâncias, que provocavam espanto. Há pouco a parte setentrional, suspensa, parecia irregular e pouco sólida ao passo que haviam aparecido “killas” do lado sul; assim o veio contraíra-se e diminuíra, de certo modo. No entanto, a solidez natural do teto necessita de pouco suporte artificial, e mostraram-nos os remanescentes de uma barra ou língua de “killas”, que separava as duas grandes minas, e que foi deixada muito tempo, como uma escora. Para o futuro, a canga e outros materiais sem valor serão deixados na cachoeira, evitando-se,

assim, o trabalho e as despesas de sua remoção, e utilizando-os nas partes das escavações, onde, até hoje, por motivos de segurança, se precisava de muita madeira.

E agora, olhando-se para o oeste, o enorme Palácio das Trevas, difuso em longas perspectivas, apresenta um aspecto tremendo; acima de nós parecia um céu, sem atmosfera. As paredes eram, ou negras como um túmulo, ou refletiam pálidos raios de luz que vinham da lisa superfície da água, ou se quebravam em monstruosas projeções, revelando em parte e escondendo em parte os sombrios recessos das cavernas. Apesar das lâmpadas, a noite nos envolvia e nos apertava, como se pesasse, e as únicas medidas das distâncias eram uma fagulha aqui e ali, cintilando como uma estrela solitária. Perfeitamente dantesca era a depressão entre as enormes paredes da montanha, que davam a impressão constante de que iriam desabar a qualquer momento. Tudo, mesmo o som de uma voz familiar, parecia mudado; os ouvidos eram feridos pela aguda crepitação e pelas pancadas metálicas dos malhos sobre as brocas e pelo barulho destas furando a pedra. Outros sons persistentes, curiosamente complicados pelo eco, eram o cair da água no caminho subterrâneo, o matraquear das pedras de ouro lançadas na caçamba e o ruído das correntes e da própria caçamba. Através desse inferno, gnomos e duendes, figuras seminuas, movimentavam-se na escuridão. Aqui, corpos negros, brilhando com gotas de suor, penduradas em correntes em posições que pareciam amedrontadoras; ali, pulavam, como Leotardo, de lugar a lugar; mais adiante apinhavam-se junto a cordas soltas como trogloditas; além, moviam-se em plataformas, que, só de olhar, poriam tonta uma pessoa nervosa. Essa única visão amplamente nos compensou. Era um lugar

“Onde muito se pensa, e onde pouco se fala”,

mas o efeito permanecerá em nossa retina mental enquanto o nosso cérebro cumprir o seu dever.

No fim de duas horas, saímos daquela catedralesca caverna de paredes de ouro, e fomos conduzidos à superfície, em segurança, como o minério.

NOTAS DO CAPÍTULO XXV

1. O superintendente prefere não ter um chefe geral de mineração, e penso que faz bem. Há quatro chefes, que se revezam todas as semanas, dirigindo o serviço diurno e noturno.
2. Isto é, as escadas para descida e subida e o espaço em torno delas.

3. Não deve ser confundida com a palavra angolana *cacimba*, que significa poço de água, geralmente no leito de um *nullab*, rio seco, muito comum no baixo São Francisco.
4. As madeiras de primeira qualidade são:

Aroeira	Canela Vermelha	Landim
Angelim	Cangerana	Moreira
Braúna parda	Folha-de-bolo	Maçaranduba
Braúna preta	Gonçalo-alves	Peroba vermelha
Bálsamo	Ipê	Liquorana
Capebano	Jacarandá, tãa	Tinta
Sucupira	Jacarandá cabiúna	Tamboril
Cedro	Jatobá	

Entre as de qualidade inferior estão:

Angico	Canela-amarela	Goiabeira
Angá	Canela-preta	Mangue
Bagre	Canela-sassafrás	Óleo-vermelho
Cabuí	Canela-loura	Pinheiro-vermelho
Canafístula	Sucupiruna	Peroba-branca
Coxoá	Açoita-cavalo	Vinhático
Catoá	Camboatá	

O custo de 5 pés cúbicos de 1ª qualidade é de 2\$000; de 2ª é 2\$000

O custo de 50 pés cúbicos de 1ª qualidade é de 60\$000; de 2ª é 45\$000

O custo de 100 pés cúbicos de 1ª qualidade é de 190\$000;

O custo de 70 pés cúbicos de 1ª qualidade é de – de 2ª é de 70\$000

5. “E que cumpre nos minguanter serem derrubadas”. Silva Lisboa, “*Anais*”, iii.153. Tenho o prazer de constatar que a questão da influência lunar tem sido, nos últimos anos, considerada como não resolvida. O Dr. Winslow apresenta argumentos para provar que, no que diz respeito aos efeitos sobre os insanos, muito se pode dizer, pró e contra. No que tange à ação perniciosa sobre as pessoas adormecidas, foi dito que “os raios da Lua contêm luz polarizada, que carboniza, e é, portanto, antagônica aos raios do Sol, que oxigenam”.
6. Uma dor muito pronunciada nos músculos, particularmente da parte anterior da coxa.
7. Nesta mina, todos os serviços de subsolo são iluminados com óleo-de-rícino.
8. “Os antigos” como são chamados os antecessores dos avós ou dos bisavós da geração presente.
9. O aumento gradual do calor varia grandemente, ao que se supõe, de acordo com a natureza da rocha. A diferença de fato é, segundo se afirma, de nada menos de 12 a 35 metros por 1° (Cent.) Podemos admitir a média de 1° F = 5/9 Cent. 23,3 metros (Ansted) a 30 metros (Herschel). Uma milha de profundidade habitualmente representa 117° F = 65°; a duas milhas, a água ferve, a 2.700 metros torna-se vapor, a 3.000 metros o enxofre se

fundirá e a 6.500 metros o chumbo. A 30-40 milhas, qualquer material estará em estado de fusão ou incandescência. Que se dirá, então, de 300-3.000 milhas abaixo da superfície? De acordo com o Tte. Moraes (p. 42) a temperatura de superfície em Morro Velho é de 23,9° e no fundo da mina de 27,22°, e ele observa que, na opinião geral, tal temperatura é muito elevada. A temperatura média anual de Morro Velho é, informa, de 20°65 (Cent.), o que dá

Temp. 7 metros abaixo da superfície.....	20°65
Temp. no fundo da mina.....	27°22
Diferença	<hr/> 6°57

Sendo a profundidade de 264,6 m. (i.e. 271m-6 ou 7) dá 1° a 40,27m de profundidade.

10. Segundo estou informado, Mr. Gordon publicará em breve os resultados de seus trabalhos.

Até lá, teve a bondade de deixar-me usar um extrato, que poderá ser encontrado no apêndice (Seção B). Os dados denotam grande irregularidade, tanto na água como na atmosfera. O antropólogo húngaro, Dr. Julius Schvarcz, atacou, também, segundo creio, o “calor interno” e suplantou a doutrina do fogo central por um argumento inteiramente novo. (*Rev. Antrop.* Julho-outubro, 1867, p. 372). A teoria do esqueleto, com poros e cavidades, contendo fluidos ígneos, está, segundo creio, ganhando terreno.

.....

Capítulo XXVI

O NASCIMENTO DA CRIANÇA

.... *longae*
Ambages, sed summa sequear fastigia rerum.

T

ínhamos visto a pedra sair da mina. Todo o processo, do minério ao lingote, ficaria, agora, a cargo do Departamento de Redução, chefiado por Mr. Dietsch, que emprega cerca de 550 trabalhadores. Iríamos acompanhar este “parto” e assistir ao nascimento da criança.

O embrião é colocado nos vagões da pequena linha ferroviária que liga as minas aos locais de britamento. Estes últimos são em número de quatro, compridos telheiros bem arejados, perfeitamente protegidos contra a chuva. Neles, começa o primeiro processo de pulverização mecânica. Cada local tem um feitor e, sob sua fiscalização, os marreteiros quebram os grandes pedaços de pedras até reduzi-los a pedaços de tamanho muito reduzido. As mulheres, que são quatro para cada homem, quebram, por sua vez, esses pequenos pedaços, reduzindo-os ao tamanho de um macadame médio, com cerca de dez centímetros quadrados, tamanho suficiente para que as pedras passem através dos alimentadores que as deixam nos caixões de trituração. Essas mulheres usam martelos compridos, com cabeças de aço em forma de losango e que pesam 750 gramas. Uma mulher de primeira categoria quebra uma tonelada e meia por dia. Elas facilmente aprendem a separar o minério rico do pobre: este último não tem brilho metálico nem iridescência. Às vezes, um excesso de ardósia e de quartzo acarreta atraso, que é aproveitado para descanso. Cada produtora de lasca deve

encher um ou dois funis de madeira, com 16 pés cúbicos, e, durante os seis dias úteis da semana, vai-se acumulando material para o sétimo. O trabalho dos homens só dura enquanto há luz; os diligentes terminam sua tarefa ao anoitecer de sexta-feira, e podem folgar aos sábados. As mulheres e os novatos são poupados, e podem, habitualmente, se quiserem, parar às duas horas da tarde. A poeira da pedra causa incômodo, que pode ser facilmente remediado com ventiladores.

À primeira vista, 350 trabalhadores empregados em fazer lascas parecem um doloroso desperdício de mão-de-obra. Não é fácil, porém, melhorar esse sistema, que vem de 1767. As estradas, como se viu, não têm condições de permitir a passagem de maquinaria pesada. O emprego de vapor foi rejeitado, porque a água não é abundante no local. O martelo britador a vapor de Bagg foi experimentado, mas falhou. Agora, o superintendente está na iminência de montar um outro dispositivo para economia da mão-de-obra, a máquina de esmagar pedra de Blake,¹ uma parte da qual vimos em uma praça de Barbacena.

Para a pulverização, a pedra reduzida a lascas tem de ser triturada.² O total de material trabalhado é de 200 a 210 toneladas por dia, mais na estação chuvosa, menos na estiagem. Quatorze gramas de ouro por tonelada é compensador, e a média atual, vinte e oito gramas de ouro por tonelada é altamente lucrativa. Por outro lado, fui informado de que, para compensar as despesas (£400), têm de ser retiradas das minas diariamente 300 toneladas de material e, para produzir dividendos, 400. Isso serve para dar boa idéia do trabalho feito.

O minério pobre, como já vimos, vai no trenzinho para a Praia. O material rico, depois de reduzido a lascas, é colocado em uma série de funis de madeira, que, abrindo-se por baixo, descarregam as lascas nos vagões, que passam por um túnel. Esses carros são desviados para a linha das bocas dos martelos de trituração, e descarregam o material em planos inclinados de madeira, formando cada um destes um depósito, que, com a ajuda de um “elevador” central, alimenta todos os martelos por um dia e fração. As bocas são reguladas por alimentadores, com pesados braços atuando como molas. Os martelos, divididos por seções, de três cabeças cada uma, são movidos por uma simples e antiga roda hidráulica,³ e um eixo horizontal, cujos dentes ou ressaltos levantam, de 60 a 78 vezes por minuto, hastes verticais dispostas em fila, como barras de cabrestante, ou os pilões de

uma dona de casa africana. Cada “mão-de-pilão” tem uma “cabeça” de ferro brasileiro, pesando, quando novas, de cinco a seis arrobas; o resto do instrumento dá um peso total de 117 a 144 quilos, e cada cabeça custa de 26\$000 a 27\$000. Depois de três meses, mais ou menos, essas cabeças se desgastam e são transferidas, como as calças curtas do irmão mais velho, para o caçula da Praia. O superintendente importou cabeças de aço da Inglaterra; cada uma custou 106\$300, e não durou o mesmo tempo das “chapas de ferro” comuns, feitas com o minério de Minas.

Os “cofres”, dentro dos quais trabalham os pilões, são caixas retangulares de madeira, cintadas de ferro, para receber uma pancada de 190 quilos, têm de 65 a 75cm de comprimento e 30 a 45cm de largura. Todas são protegidas, na parte da frente e na traseira, por grades de cobre, com 6.000 a 10.000 buracos por polegada quadrada e que se levantam de 50 a 57 centímetros acima do “cofre”, para impedir a passagem da fina poeira. De uma curta distância, pode-se ver a poeira cinzenta e a água erguendo-se em torno da cabeça do pilão. Um cano horizontal, através de um orifício, faz gotejar a água em quantidade suficiente para umedecer as lascas que estão sendo trituradas; uma vez por semana, as grades, que estão sujeitas a ficarem entupidas, devem ser retiradas e lavadas, para se recolher a areia aurífera. Os trabalhadores que movimentam os pilões são divididos em duas turmas, que trabalham de noite e de dia, em semanas alternadas.

Esse sistema de trituração acarreta a perda de ouro livre, que, quando finamente laminado, fica leve demais para mergulhar na água e flutua, saindo com o refugo. Mr. Thos. Treloar, cuja experiência, em Cocais, Gongo Soco e outros lugares, torna sua opinião respeitável, acha que desaparecem de 7 a 8 por cento desse ouro finamente laminado. Sem dúvida, o único remédio é tratá-lo novamente, até que se faça o depósito.

Começa, então, o processo de concentração. O encanamento que alimenta o “cofre” também fornece água suficiente para a lavagem do material triturado e pulverizado pelas bicas de madeira. Esses substitutos dos regos de terra e das canoas são caixas de madeira de 8,5 metros de comprimento, divididas por meio de ressaltos em compartimentos rasos, com 90 centímetros de comprimento por 35 de largura, tendo um ângulo de inclinação de 7,5 centímetros por metro. Cada compartimento é forrado com um couro de boi parcialmente curtido, ou com um pano, quando

falta o couro, que faz o papel dos antigos molhos de capim dos brasileiros. O curtume fica perto da Ponte do Ribeirão, ao norte.

O princípio é o de que o ouro pesado, mas invisível, da areia de ardósia se agarra ao couro, ao passo que as partículas mais leves são lavadas. Os pêlos contrariam o curso da água, mas as pequenas linhas transversais das rugas provocadas pelo tempo e pelo uso na superfície, são de maior importância. Cada tonelada de minério que passa sobre os couros deixa de um terço à metade de um pé cúbico de areia rica, e cada pé cúbico produz uma média de duas onças de ouro.

São mulheres, em sua maioria, que vigiam as bicas e fazem os trabalhos leves de olhar a maquinaria, limpar os couros e regular a água; se se descuidar disso, a areia gruda e o ouro é levado pela água. Os couros são divididos em três partes superiores ou cabeças, três médias e duas caudas. As primeiras, sendo as mais ricas, são lavadas de duas em duas horas, em uma das sete caixas, cujas chaves ficam em poder dos feitores. As grandes caixas dividem-se em três compartimentos; os couros são, primeiro, lavados nos dois compartimentos laterais; dali são levados para a “caixa do banho”, isto é, o espaço do meio; e, finalmente, voltam às bicas. Os couros do meio e da cauda são lavados de quatro em quatro horas, e o último deve voltar às bicas⁴ antes de ficar bastante rico para ser amalgamado com o couro da cabeça.

Então a areia mais fina está pronta para a amalgamação. Contudo, o material mais grosseiro que passa por cima dos couros ainda contém cerca de 30 por cento de ouro. Esse é levado, pelas calhas de alimentação, para um engenhoso aparelho automático, chamado separador ou classificador, adotado há quatro anos, e muito preferível aos antigos “tirantes de concentração”. É um conduto de madeira de 4 metros de comprimento por 82 centímetros de largura, com quatro funis perfurados embaixo; nestes, o material a ser lavado é depositado, pouco a pouco; as partículas mais pesadas se depositam primeiro, onde há mais arestas; a parte mais leve se deposita depois, onde há menos arestas, e o resíduo de lama impalpável corre, através de um conduto em forma de trapézio, para o dreno comum, o ribeirão.

Os quatro túneis descarregam seus conteúdos em círculos de madeira para esmerilhamento, calçados de pedra, com cerca de 2,5 metros de diâmetro. São os arrastos ou trituradores,⁵ protegidos por telheiros.

Uma roda hidráulica movimentada dois braços horizontais, que arrastam por meio de fortes correntes quatro pedras, cada uma das quais pesando uma tonelada; é preferida, para esse fim, a pedra do veio, pois o quartzo não esmerilha bem. Depois de uma completa trituração, a areia passa pelos *strakes* dos arrastros, é coletada em caixas de moagem e ali preparadas para a casa de amalgamação.

Mesmo depois desse segundo processo, contudo, é necessário reduzir ainda mais o refugo, que contém ouro disseminado; até 1855, era lançado no ribeirão; em 1855, começou o serviço da Praia e, em 1858, estava em condições de funcionar. Foi feita uma represa no ribeirão, para proporcionar uma queda de água. A areia dos arrastros passou a ser transportada ao longo da margem direita em um canal com 165 metros de comprimento, 30 centímetros de largura e cerca de 23 centímetros de profundidade. É, então, conduzida por uma calha que atravessava o morro sobre o qual se encontra a casa de Mr. Smyth, e, finalmente, levada, por outras calhas, ao serviço mais baixo. Ali, cai em uma série de linhas de concentração que separam o material grosseiro do fino, sendo liberados por minuto de 60 a 170 pés cúbicos de água com areia. A areia é, então, triturada com uma substância mais pesada para facilitar o esmerilhamento. Antigamente, era empregado o cascalho, que contém quartzo e ferro, areia e depósitos aluviais do ribeirão. Atualmente, são usados quartzo e “killas” em pedaços de duas polegadas de comprimento, tendo-se verificado que o quartzo não piritífero é o melhor.

Nos serviços principais, a rica areia que vimos parcialmente libertada da pedra matriz entra em outra fase. É cuidadosamente umedecida e afastada da atmosfera, em tanques de lavagem, debaixo da água; desse modo, é impedido o esfarinhamento e a pulverização do mercúrio. Este é levado das caixas à câmara de amalgamação em gamelas de madeira; os carregadores são, geralmente, vinte, com um reforço às segundas-feiras. Esse trabalho é todo feito ao ar livre; mas, nos trabalhos posteriores, são empregados os trabalhadores mais jovens e robustos, pois a “lavagem”, sem dúvida alguma, afeta a saúde. Foram sugeridos planos inclinados para o transporte da areia e outros processos econômicos; o superintendente, contudo, muito sensatamente, preocupa-se mais em mostrar um balancete bem equilibrado e mostra-se pouco inclinado a tentar experiências dispendiosas e arriscadas.

A areia é depositada, primeiro, para a medição, em caixas, com capacidade, cada uma, para 16 pés cúbicos. Há 16 dessas caixas, e cada uma delas está ligada a um funil, com seu barril *Freyberg* ou de amalgamação, cuja capacidade é a mesma.⁶ É jogada água sobre a areia, e uma pequena roda faz o barril girar durante meia hora, à razão de 13 a 14 rotações por minuto. O *Freyberg* é, então, aberto; se a pasta está muito úmida, o mercúrio não se mistura bem com a areia; se, ao contrário, a areia estiver muito seca, o mercúrio⁷ ficará excessivamente fino. Quando a massa tem a consistência adequada, são adicionados de 25 a 30 quilos de mercúrio a cada barril, que se espera conter umas 900 gramas de ouro.

Antigamente, o processo do barril continuava durante 48 horas, antes que as partículas liberadas da areia concentrada entrassem em contacto com o mercúrio. Hoje, a média é de 24 a 26 horas; o tempo é mais curto por ocasião do calor e o ouro mais rico exige mais trabalho. Depois de 24 horas, uma amostra do barril é lavada na bateia, para se verificar se ainda há ouro livre. Nas minas brasileiras, a primeira bateada é sempre oferecida a estranhos, para dar sorte.

Quando amalgamada, a mistura lamacenta e parcialmente líquida é descarregada do barril em um conduto receptor colocado logo abaixo, e ali ela se livra da água. O objetivo é, agora, separar, pouco a pouco, o mercúrio e o amálgama do resíduo mineral, da areia e de outras impurezas. A massa é lavada em um lavadouro ou “saxe”, máquina composta de dez condutos, cada um de 42,5 centímetros de comprimento e 42,5, trabalhando alternativamente, em rodas, com um movimento horizontal para a frente e para trás. Cada compartimento é carregado com um leito de mercúrio, de 170 a 230 quilos, formando uma camada de cerca 2,5 centímetros de profundidade. Cinco a sete e meio centímetros, acima do mercúrio, a uma passagem, através da qual a areia residual e a água são expelidas, pelo movimento. O mercúrio livre levanta-se, e pode ser retirado, para ser utilizado, ao passo que o amálgama afunda, devido ao seu peso específico maior. Cada compartimento separa, em oito horas, 16 pés cúbicos.⁸

A quarta separação é a “limpeza”, que consiste em separar o ouro do amálgama; isso é feito três vezes por mês, depois das “divisões”, períodos mais longos ou mais curtos, de dez a doze dias. A parte superior do lavadouro é removida, joga-se água fervendo em cada compartimento,

e, assim, o metal é mais facilmente separado. Então, a superfície do amálgama é coberta com uma camada de areia grossa, de 0,5 a 1 centímetro de espessura. Depois de ter sido retirada água quente, a areia é facilmente retirada e o mercúrio fica limpo. O amálgama é, então, filtrado torcendo-se com força, através de cones de lona do mais resistente linho russo, semelhantes a coadores de café, com fortes armações de ferro; esses coadores são, posteriormente, submetidos a tratamento para recuperação de um pouco de ouro. O mercúrio líquido é, desse modo, forçado a passar para uma vasilha já preparada; o metal é considerado puro, mas um exame minucioso revela a presença de ouro muito fino e muito espalhado. O que fica para trás ainda é impuro, contendo areia mineral. Partes da pasta, pesando de 7 a 7,5 quilos, são esfregadas, em argamassa *Wedgewood*, com água fervendo, que amacia a liga mercurial, e, com sabão da terra, retiram-se as impurezas. Ajunta-se, então, mercúrio, o amálgama líquido é passado de uma panela a outra, ambas aquecidas ao fogo, e removido o resíduo ou escória superficial, que sobe à superfície. A água fervendo e o sabão são aplicados de novo, até que desapareçam as impurezas, e o metal apresente um bilho argentino.

Bolas do amálgama pastoso, pesando de 420 gramas a 1 quilo, são amassadas em feitiço de ovos, e esfregadas, enroladas e batidas em camurça até que deixe de aparecer o metal livre. O resíduo é um sólido, contendo 42 por cento de ouro argentífero⁹ e 57 a 58 por cento de mercúrio, com algumas impurezas, principalmente areia mineral. Depois disso, as bolas, cuidadosamente pesadas, são trabalhadas na retorta, da maneira habitual; a operação fica completa em seis a sete horas.

O ouro, porém, ainda está impuro, contendo ferro e arsênico, e não tem a forma adequada. Será submetido ao quinto tratamento: o metalúrgico.

O precioso minério é derretido, em cadinhos de argila refratária, feitas por M. Payen, de Paris. Cada uma delas recebe cerca de 6 quilos e 200 gramas de liga e 110 gramas de fundente, bórax e bicarbonato de sódio, em iguais proporções. É, depois, colocado em um forno,¹⁰ aquecido com carvão vegetal, e uma chaminé de 8 metros e meio de altura assegura o grau de temperatura necessário. A fusão completa é efetuada em cerca de 45 minutos. O cadinho¹¹ é retirado com uma tenaz e o ouro líquido é derramado, como uma barra de sabão, em um molde oblongo

de ferro fundido, previamente aquecido, para expulsar a umidade, e ligeiramente engordurado.

Assim a criança nasce e vai para o berço.

Nasce, porém, com coifa. A camada superficial é negra, em conseqüência da escória dos sais fundidos, que dissolveram o material impuro que acompanhava o ouro. Essa superfície é martelada, e verifica-se que a barra perdeu, no cadinho e por outras causas, de 20 a 30 gramas e ou 1/2 por cento do peso original. Os lingotes são fundidos três vezes por mês, e 14 por dia é um resultado satisfatório. Cada um pesa cerca de 5.800 gramas e seu valor é de £560.¹²

E, agora, o recém-nascido tem de ir para casa. De dois em dois meses, os lingotes são levados ao escritório da Companhia e pesados pelo encarregado da Redução, em presença do superintendente. São, depois, fechados em sólidas caixinhas de madeira amarela bem dura, o vinhático, contendo cada caixa três barras e sendo seladas com o selo da Companhia. Os pequenos volumes são acondicionados em outras tantas “malas postais”, confiadas à “Tropa do Ouro”. Esta é comandada por Mr. George Morgan Jun., viajante experimentado, por cuja atenção com minha esposa, na ocasião de seu regresso, sou muito grato. Ela não teria hesitado em viajar acompanhada apenas de negros desarmados; em poucos lugares isso poderia ser feito sem perigo, mesmo na civilizada América.

Mr. Morgan anda armado, e é escoltado por dois tropeiros-guardas, que têm permissão de usar pistolas; o resto é de tropeiros que não levam outra arma além de uma faca. Nada seria mais fácil do que atacar e dispersar a pequena escolta; alguns tiros disparados de uma encosta espantariam as mulas e muito ouro poderia ser tomado sem derramamento de sangue. O fato de jamais ter havido uma tentativa em tal sentido é uma prova eloqüente da honestidade do mineiro, especialmente em um país onde a polícia é puramente nominal. Conta-se que, há muitos anos, foi capturado um assaltante, depois de curta, mas bem-sucedida carreira de banditismo; foi mandado para o Rio de Janeiro, segundo se anunciou para julgamento, mas acidentalmente fuzilado no caminho. Sua morte produziu um excelente efeito; se ele tivesse chegado ao Rio, teria escapado, de acordo com o mesmo princípio que leva Grande Alce e Cão Malhado a serem festejados e adulados em Washington, depois de terem escalpelado algumas dúzias de bancos.

Assim acomodada, a criancinha embarca para a Inglaterra. Teria sido muito melhor permanecer no Brasil, onde tal população infantil é muito necessária.

NOTAS DO CAPÍTULO XXVI

1. Os brasileiros a chamam de “comedor de pedra”, por causa de seu braço ou maxila móvel.
2. O minério britado entre março e agosto de 1866 elevou-se a 29.037 toneladas.
Durante os seis meses precedentes, 29.542 toneladas.
Nos seis meses que terminaram em agosto de 1865, 30.268 toneladas.
Em junho de 1967, foram cerca de 6.020 toneladas.
3. O diâmetro das rodas varia de 11,5 a 16,5 metros. Há dez na sede do Morro Velho, a saber: 6 para trituração, uma para pulverização e uma para amalgamação. As de triturações estão em baterias de três cada uma e quatro na Praia. Na sede, há seis jogos (ou 135 cabeças) denominados Addison, Herring, Powles, Lyon, Cotesworth e Susannah. Na Praia, há duas baterias (56 cabeças). Assim, o total é de 191 cabeças, distribuídas em 61 baterias.
A Praia tem duas grandes “rodas prensadas”, cujo centro recebe o impacto da água. A maior, com 10,5 metros de diâmetro, e 3 metros de largura, aciona os martelos pilões Hocking, 32 cabeças e 2 trituradores; a menor, com 8,5 metros por 2 metros, aciona a Illingsworth, com 24 cabeças e 4 arrastos. Os pilões da Praia não são automáticos; o trabalho de alimentação dos funis é feito à mão.
4. São concentrados nas “caixas de retaguarda”, grandes condutos cheios de água, que, quando o fundo é aberto, lavam mais uma vez os couros. As caixas formam pares, ficando uma fechada para lavagem, dos couros, enquanto a outra descarrega a areia.
5. Do verbo “arrastar”. No México, essa rude máquina era usada para amalgamação; aqui só serve para triturar. Há três séries, o Routh, que recebe as lavagens dos pilões de Addison e Herring; é uma pequena construção, a sudoeste do local onde se fazem as lascas. Há, também, os arrastos da serraria, em um prédio separado, que fica mais embaixo, que só trabalham de novo com a areia quando não estão empregados em cortar tábuas. O terceiro é o arrasto de amalgamação, ligado à roda de amalgamação.
6. Uns seis métodos diferentes – panelas de ferro, cubas, etc. – foram experimentados, mas o barril giratório acabou sendo o preferido; os outros davam resultados inferiores, com maior perda de mercúrio.
7. Em 1864, a perda mensal de azougue foi de 18 a 35 quilos. Em 1866, o consumo foi de 545 quilos ou 11 quilos por pé cúbico de areia amalgamada. Em maio de 1867, foram empregados na amalgamação 2.600 quilos, com uma perda de 47,5 quilos ou 2 quilos por pé cúbico. O preço do mercúrio em Morro Velho é de apenas 3\$000 por quilo e fica mais barato jogar fora o material estragado do que tratá-lo com sódio.

8. A areia que sai lavada do último compartimento corre em *strakes* e ali o couro detém as porções extraviadas do amálgama e o *liss*; este último compõe-se de vários óxidos e de mercúrio perolado, finalmente dividido pelo sulfato contido no peróxido de ferro e ácido sulfúrico livre.
9. Há alguns anos, a proporção do metal precioso era apenas de 37 a 62-63.
10. Em 1862, foram construídos, perto da Casa de Amalgamação, um pequeno laboratório e um departamento de ensaios, que dispõem de dois fornos altos de boa solidez, revestidos de chapas de ferro batido, dois fornos de alvenaria, um banho seco, uma câmara de fusão de ouro e uma sala de pesagem separada.
11. Depois de três ou quatro fusões, os cadinhos ficam estragados, e são, então, esmagados e o ouro que se prende nas fendas diminutas e nos finos glóbulos da superfície, da argila é recuperado.
12. O método a seco é usado em ensaios cuidadosamente executados, necessários para se descobrir a “perda no processamento” e o valor do minério tratado durante as divisões. A primeira providência é a “amostragem”, delicada e importante tarefa, injustificadamente negligenciada pelo anticientífico mineiro da Cornualha. Três vezes por dia, com intervalos de quatro horas, 20 polegadas cúbicas de material, retiradas de cada cofre, são colocadas em barris, até que as partículas minerais se depositem. As “separações”, ou espécies dos diferentes veios são examinadas, na câmara de ensaios, depois de cada divisão. A amostra é secada em um banho de areia e é pesada uma carga de duas onças. Esta recebe, então o fundente, 500 gramas de óxido vermelho de chumbo, 56 gramas de bicarbonato de sódio, 28 gramas de bórax, 28 gramas de sal comum e um pouco de carvão vegetal em pó. A fusão é efetuada em um cadinho de barro, com uma pequena haste de ferro, que faz o chumbo permanecer dúctil e o arsênico separar-se do enxofre e ser recolhido no alto. A operação é sempre conferida por uma segunda amostragem. Quando o conteúdo foi liqüidificado no forno de fusão, é jogado derramado em um molde de ferro, onde se separam a escória do fundente e os metalóides e minerais, arsênico, enxofre, ferro, alumínio, silício e outros. Finalmente, são usados o cadinho e a mufla, e o calote do ouro argentífero é a amostra procurada.

.....

Capítulo XXVII

O MINEIRO BRANCO E O MINEIRO PARDO

Jamais existiu uma comunidade florescente e próspera das diferentes raças da família européia em latitude inferior a 36°.

Mr. Crawford, *Transoc.*

Etn., vol. i, parte 2, pág. 364

Pode-se dizer, com segurança, que nenhum país se iguala ao Brasil, como campo para o homem branco. Nos tempos coloniais, o orgulho do povo entregava as filhas aos portugueses pobres, *pedibus qui venerat albis*, mas capazes de provar fidalguia. Nos últimos tempos, caixeiros e mecânicos europeus têm-se casado, em via de regra, nas melhores famílias. Neste mais democrático dos impérios, nesta “monarquia rodeada de instituições republicanas”, nesta “república disfarçada em império”, todos os homens brancos, não todos homens livres, são iguais, social e politicamente. Todos são, para usar o ditado espanhol: “Tão nobres quanto o rei, mas não tão ricos.” A aristocracia da pele é tão forte – a despeito do apotegma governamental: “Todos os homens são iguais” – que coisa alguma pode suprir sua ausência.¹ Todo “branco” é tão bom quanto seu vizinho, pelo mesmo princípio que cada rebento da raça basca tem um título igual da “nobreza”. Isso, natural e inevitavelmente, resulta da presença de uma raça inferior e de uma casta servil. E acontece, assim, que a sociedade só conhece duas divisões, homem livre e escravo, ou, como sinônimos, homem branco² e homem negro. Daí decorre, como acontece nos Estados Unidos, a desnecessária insolência com que o proletário da Europa se deleita em manifestar sua independência. Um marinheiro inglês extraviado, que eu nunca vira, dirigiu-se a mim tratando-me de “companheiro”, etc., etc.

Nas grandes cidades do litoral do Brasil, e, via de regra, essas são as únicas conhecidas pelos estrangeiros, há setores do mercado de trabalho onde floresce a concorrência, e onde, graças ao Partido Liberal, há um acentuado e crescente ciúme dos alienígenas. O mesmo não ocorre no interior e nas pequenas cidades. Em nenhum outro lugar um homem honesto e disposto ao trabalho terá mais oportunidade de prosperar, com um mínimo de dinheiro e de capacidade. Os serviços de um trabalhador habilitado, qualquer que seja sua especialidade ou profissão, serão aproveitados imediatamente, e valorizadíssimos, e haverá sempre procura deles; e será sempre por sua própria culpa se o emprego não conduzir à fortuna, e ao que podemos chamar de posição social. Convencido desse fato, sempre que ouço um estrangeiro se queixar de que fracassou no Brasil, e deblaterar contra seu povo e suas instituições, considero tal fato como prova positiva de que o país tem todo o direito de se queixar dele: que tem “uma telha de menos”, que bebe, que é preguiçoso; que é incorrigivelmente desonesto; ou, afinal, se for caridoso, que é um “homem impossível”. Essa convicção, infelizmente, está longe de ser geral;³ mas minha experiência pessoal, de cerca de três anos, durante os quais estudei todos os aspectos da sociedade, do palácio à cabana, autoriza-me a ter uma opinião independente.

Morro Velho sozinho poderá apresentar muitos exemplos de homens que vieram como simples mineiros e mecânicos e que, pelo trabalho, sobriedade e boa conduta, embora desajustados pela educação e pelo talento, elevaram-se a posições que, em seu velho país, não poderiam ser alcançadas em uma única geração. Alguns saíram para se tornarem superintendentes de companhias de mineração; outros são capitalistas locais e há muitos casos de sucesso em escala menor.

Na grande mina, além dos funcionários, há (junho de 1867) 86 mineiros e 55 trabalhadores mecânicos ingleses; e grande total de brancos, incluindo as famílias, é de 343.⁴ Os contratos são feitos na Inglaterra, habitualmente por seis anos, podendo ser renovados com o consentimento de ambas as partes contratantes. Os salários de mineiros e mecânicos variam de £8 a £10 por mês de 25 dias de trabalho; os operários mais eficientes ganham mais. A passagem para o Brasil, que custa £28 6s., é paga pela Companhia. Durante os três primeiros anos, há aumentos de salário, dependendo da boa conduta do operário, de £1 por mês. Os operários são

estimulados a fazer os contratos, e o “sem progresso não há melhoria” assegura o dobro do trabalho na “conta do proprietário”. Facilmente, eles aplicam suas economias a juros de dez a quatorze por cento; remetem o dinheiro sem despesa para o Rio de Janeiro, e nos bancos há cerca de £3.800 de pequenas economias.

O mineiro está sujeito a uma multa de £50, em caso de má conduta, e é deduzida £1 por mês para o “fundo do penalidade”. São recolhidos mais oito xelins por mês, para a contingência da passagem de volta, que custa £25; quando, contudo, um homem adoece antes de vencido o prazo contratual, a Companhia paga sua viagem de volta, e o pagamento do seu salário é suspenso a partir do dia em que ele deixa a mina. Isso deveria tornar-se obrigatório em todas as empresas inglesas no Brasil, e, assim, evitaríamos a degradação de ver nossos patrícios, depois de demitidos por algum funcionário subalterno, andar ao léu, sem casa, sem amigos, descalço e em mulambos. No meu tempo, não tínhamos permissão de levar da Índia um criado nativo sem antes depositarmos a importância correspondente à sua passagem de volta; se uma lei semelhantemente não for aprovada por nosso Parlamento Imperial, os desamparados trabalhadores britânicos deveriam ser tratados como “marinheiros desamparados”.⁵

Quando os mineiros trazem suas famílias para Morro Velho, não há contrato para as crianças, cujo trabalho pertence, assim, aos pais. O recém-chegado adquire crédito no armazém de Alexander & Cia., e, como já foi dito, o aluguel de casa vai a poucos xelins por ano. O operário em geral conserva seus gostos ingleses, que M. Francatelli e outros ignoram; desdenha as sopas baratas, torce o nariz diante da couve, gosta de pato e peru, vinho do porto e xerez. Quer o melhor de tudo, e em grande quantidade; aspira “passar o melhor possível”, e sua mulher também. No caso de transgredir as ordens, ele é multado pelas pequenas desobediências e demitido pelas mais graves. O total de multas é estabelecido diariamente, na “conferência dos funcionários” e o papel afixado na ponte. Vi uma única multa de £3 3s.; é um verdadeiro ato de humanidade, pois pode salvar o culpado da perda de um excelente emprego.

Aqui, o operário inglês só pode executar de dois terços a três quartos de sua tarefa normal na Europa; executa poucos trabalhos manuais e, dos quatorze ou vinte mineiros que ficam ao mesmo tempo no subsolo, a maior parte é constituída de supervisores, que marcam ou medem o tra-

balho dos negros. O dia é de oito horas e somente de três em três semanas o trabalho é noturno.

De um modo geral, o inglês tem aqui bom aspecto e é toleravelmente saudável, sem, contudo, mostrar a cor e a compleição que tem na pátria. O Brasil é, de longe, o mais saudável dos climas tropicais, pelo menos os que conheço; e muitas pessoas atacadas de enfermidade pulmonar, condenadas à morte pelos médicos da Europa, e que aqui encontraram forças e bem-estar, sem dúvida alguma concordarão comigo. O homem robusto da zona temperada, porém, precisa aclimatar-se e falta-lhe aquela preponderância do temperamento nervoso, que será a parte de seus filhos.

Seria de supor-se que Morro Velho fosse um paraíso para aqueles que deixaram na Inglaterra a dura vida de mineiro. Apesar de estarem os trabalhadores, em sua maioria, satisfeitos, segundo creio, não é da natureza humana, especialmente da natureza britânica, deixar de resmungar, na transição de “pão, cevada e nabo cozido” para carne de vaca e galinha. Há casos de saudade profunda da terra natal; durante a nossa visita à mina, uma mulher definhou e morreu de nostalgia, e estava-se pensando em mandar de volta ao berço natal uma outra que parecia destinada ao mesmo fim. A embriaguez é relativamente rara, pois é difícil encontrar-se aguardente e gim, e o *bouquet* da fatal cachaça afasta grande número de perigo. Sendo, em sua maioria, do mesmo condado, os homens conservam seu sotaque característico e não poucos as suas superstições. A hidroscopia,* por exemplo, atravessou o Atlântico, embora não cresça no Brasil a aveleira, que é usada para tal prática na Cornualha.

Em nenhum outro lugar do Brasil encontrei ingleses tão bem-sucedidos como em Morro Velho; os desventurados alemães e outros, dispersos por todo o Império, deveriam levar o fato em consideração, e preferir uma localidade de 3.000 a dez de 300 almas. A apatia que persegue os anglo-escandinavos nos climas tropicais é aqui substituída por uma energia apenas inferior à que mostram nas condições normais do seu próprio país; sua dipsomania é modificada, se não curada, pela ocupação e sociedade, atividade e disciplina; e, finalmente, de um modo geral, eles se mostram bastante satisfeitos com o exílio, porque estão ganhando dinheiro e podem falar em rever a velha pátria. Naturalmente, se forem pessoas ajuizadas,⁶ seu lar, para o resto da vida, deveria ser o Brasil, e, se forem boas pessoas, trata-

* Hidroscopia é uma técnica outrora muito empregada na determinação de águas subterrâneas. Ainda hoje é utilizada, embora com pequena frequência. (M.G.F.)

rão de trazer para o Brasil tantos amigos quantos possam. O homem que fracassa no Brasil me faz lembrar o “soldado raso de cabelos brancos”: a culpa deve ser de alguém, e, provavelmente, o culpado é ele próprio.

E, agora, falemos sobre o mineiro pardo, ou “raça frontal”.

A princípio, o brasileiro livre mostrou decidida indisposição de trabalhar em Morro Velho; ele jamais conhecera um empregador regular ou um pagamento regular, sem os quais não pode existir o mercado de trabalho. Não gostava de trabalho de brocagem, estando acostumado apenas com os trabalhos irregulares da agricultura, se tivesse energia ou estímulo para tentar mesmo esses. Em 1846, a proporção de sua classe era de 20,23; em 1852 tinha-se elevado para 112,79. Verificou-se logo que uma semana de trabalho significava o salário de uma semana, que o trabalho e a remuneração estavam em relação constante; depois, foram construídas casas para os operários brasileiros nos terrenos da Companhia, e eram encontrados alojamentos a 0\$500 por mês, onde os salários dos operários eram, em média, de 1\$500 por dia. A classe aumentou rapidamente, alcançando o total de 786, isto é, 734 homens e 52 mulheres, que recebiam salários pouco menores; algumas crianças, a despeito das autoridades provinciais, que, em sua cegueira, se opõem a isso, executam trabalhos leves, como o de recolher as ferramentas para serem amoladas. A lista de trabalhadores para junho mostra um grande total de 906 pessoas.⁷ São empregados nos departamentos de mecânica, redução e em outros, e os cavouqueiros são, quase exclusivamente, brasileiros livres. Como seus companheiros brancos, eles podem fazer horas extraordinárias, sendo a jornada de trabalho de oito horas, o que nos faz lembrar dos “quatro oitos”, a reivindicação moderna que substituiu a galinha dominical no *pot-au-feu*:

Oito horas de trabalho e oito de descanso,
Oito para dormir, e oito xelins por dia.

De metade a dois terços dos brasileiros livres fazem um ou dois dias extraordinários por semana. A tarefa consiste em dois buracos por dia, depois do que os trabalhadores são liberados; a profundidade é de quatro palmos, mas isso pode ser modificado pelo chefe de serviço, de acordo com a natureza da rocha. Os operários trabalham aos pares, ajudados por um rapazinho; este último segura a broca, um ferro cujo comprimento

varia de 30 centímetros a 1 metro e 20. O marreteiro manobra o malho com destreza, e os acidentes são raros.

Os trabalhadores livres trabalham com muito mais energia e inteligência do que os escravos. A principal queixa dos empregadores é quanto à sua impontualidade; nos domingos, feriados e dias-santos, que correspondem quase que à terça parte do ano, eles não fazem coisa alguma, a não ser passear pelos arredores, jogar e “caçar” mulheres.⁸ Aumentou muito o alcoolismo entre essa classe, nos últimos anos, e, por muitas razões, o casamento deve ser estimulado.

Não seria de se esperar que os hábitos de vida irregulares e costumes herdados de muitas gerações fossem desaparecer em poucos anos. Uma prova incontestável de progresso nesse sentido é o fato de não se queixarem as minas e as estradas de ferro do Brasil de falta de mão-de-obra.⁹ Além disso, está surgindo uma raça de operários especializados e práticos, e esta assume a trabalho “comodamente”, como os jovens das regiões estaníferas da Cornualha. E a “extraordinária riqueza mineral adormecida do país”, uma vez explorada por seus possuidores, perpetuará e aumentará a classe. Nada falta, agora, a não ser uma Escola de Minas eficiente.

E aqui vemos, distintamente, diante de nós, a extinção da escravatura neste magnífico Império. O negro importado, cativo, proscrito, criminoso vindo da África melhorou muito ao atravessar o mar. A raça superior que o admitiu, contudo, foi por ele altamente prejudicada, sob muitos aspectos, morais assim como físicos, principalmente indispondo-a contra todo o trabalho, e, em destaque, contra o melhor de todos os trabalhos em um país jovem: a agricultura. Onde os negros trabalham, todo trabalho se torna servil, e, em conseqüência, o povo carece do “altivo camponês, orgulho do país”. Assim, nas terras em que ainda persiste a “instituição” moribunda, há uma classe conhecida, na União Sulista, como *mean whites* e, no Brasil, como “vadios” ou “capadócius”. Estou certo de que, na América do Norte, o *mean white* (branco inferior) tem sido, muitas vezes, apresentado inferior ao que é realmente, e que a importância de sua classe tem sido muito exagerada, por partidarismo, mas, por outro lado, não há palavras bastante fortes para caracterizar a família dos vadios. Ele vive, às vezes, à custa dos diligentes, cujos sentimentos humanitários e católicos não seriam capazes de expulsar um vagabundo de sua porta; com muita fre-

qüência, o vadio profissional pode, infelizmente, explorar o trabalho de um, dois ou mais escravos, homens e mulheres. É, assim, um consumidor, não um produtor, e, ao aumentar a população, nela introduz as miríades de males de sangue misturado. Algumas dessas famílias de mulatos degradam a humanidade.¹⁰

Aproxima-se, contudo, bem depressa o dia em que o vadio será obrigado a trabalhar, como os outros homens livres. Já existem, no Brasil, importantes ramos da indústria nos quais os escravos só são utilizados em caso de muita necessidade. Posso citar, como exemplos, a mineração de ouro e diamante, a navegação dos grandes rios do interior e a criação de gado, que de ano para ano se torna mais importante, especialmente para o emigrante europeu. Na fase atual, aventuro-me a afirmar, o negro só é absolutamente necessário à agricultura, e, mesmo assim, seu papel é meramente provisório, até que a imigração européia estabeleça um fluxo permanente e copioso. Os grandes proprietários, alguns donos de 3.000 e 4.000 escravos, horrorizam-se ante a possibilidade de qualquer medida repentina e prematura, que despoe suas imensas plantações de café e cana, tabaco e algodão. Não se sentem seguros ante as notícias que chegam ao Sul dos Estados Unidos, e sua importância lhes assegura a consideração do país. Sua atitude é legítima, mas sua classe, muito inteligente, será a primeira a saudar a chegada de trabalhadores brancos.

O emprego da mão-de-obra livre em larga escala remediará muitos dos males que perduram no Brasil há três séculos. O grande soldado e estadista, Martim Afonso de Sousa, com maravilhosa presciência política, baixou, em 1532, uma ordem no sentido de que “nem mesmo para resgatar¹¹ índios” deveriam homens brancos penetrar no interior, sem expressa permissão de sua parte, ou da parte de seus tenentes, e que tais permissões seriam dadas com o maior cuidado “e somente a pessoas de boa reputação”. Esse embargo foi, injustificadamente, revogado por sua esposa, Dona Ana Pimentel, quando ele se encontrava servindo no Indústão, em 11 de fevereiro de 1544. A conseqüência foi a imediata dispersão dos colonos, que se espalharam pelo país, entre o Atlântico e as encostas dos Andes, do Prata ao Amazonas, aniquilaram os aborígenes, em vez de ensiná-los a trabalhar, e fizeram tantos escravos que muitas casas de São Paulo tinham de 500 a 1.000 cabeças. Os resultados positivos

foram maravilhosas adições à geografia e imensas descobertas de tesouros. Por outro lado, os colonos brancos se dispersaram até um ponto que provocou, como conseqüência, o semibarbarismo, e o sertanejo, que não ouve o estampido de uma arma disparada pelo vizinho mais próximo, deixou inteiramente inexploradas as riquezas das regiões marítimas. Até hoje, a serra do Mar, de onde se avista o oceano, está coberta de florestas virgens; sabe-se que contém grandes depósitos minerais, mas raros são os casos em que uma parte deles foi explorada. Na presente situação do Império, constituiria um grande benefício nacional a centralização em torno de alguns pontos dominantes, e baseada em grandes vias de comunicação, fluviais e ferroviárias.

NOTAS DO CAPÍTULO XXVII

1. Como a raça no Brasil é muito misturada, as alusões a cor, na sociedade em geral, são consideradas de mau gosto. O estrangeiro, contudo, não tarda a notar que as famílias do puro sangue branco são de um orgulho desmedido.
2. “Meu branco” é o tratamento respeitoso empregado pelos índios e africanos.
3. Os estrangeiros estão inclinados, como é bem natural, a exagerar o ciúme do povo e a se queixar de má vontade contra eles. Se esses queixosos, porém, experimentassem qualquer país europeu, iriam verificar, estou convencido, que há mais obstáculos em muitos, e menos em muito poucos, do que no Brasil. Os sindicatos, e outros frutos do excesso da população, naturalmente, são desconhecidos aqui.
4. No Apêndice 1, Seção C, o leitor encontrará um “Sumário Geral da Lista de Empregados”, relativa a junho de 1867.
5. Na minha opinião, mesmo os homens despedidos por má conduta deveriam ser mandados para a Inglaterra à custa da empresa que os empregou. Isso levaria a um maior cuidado na escolha de empregados, exigindo-se a prova de bons antecedentes. Via de regra, o trabalhador inglês “perde a cabeça” durante os seus primeiros meses no Brasil. Liberta-se da distinção de classes, vê-se olhado como igual, e mesmo recebido por aqueles aos quais, na Inglaterra, teria de tirar o chapéu e ceder o caminho. Fica, assim, cheio de si, trata os superiores sem consideração, e antes que aprenda a comportar-se, é despedido, não para morrer de fome – no Brasil, ninguém morre de fome – mas para mendigar, beber e, provavelmente, roubar.
6. Especialmente os ingleses da Cornualha que forem ajuizados o conheçam a crise reinante em seu condado, onde a emigração para terras mais promissoras provocou a diminuição do número de casamentos, o declínio da taxa de natalidade e o aumento da taxa de mortalidade.

7. A proporção pode ser julgada pelos números seguintes:

Oficiais	22
Trabalhadores europeus	143
Brasileiros	906
Negros	1.450
Total	<hr/> 2.521

8. “Caçar” é o termo da gíria brasileira.

9. Sinto-me satisfeito em verificar que Mr. J. J. Aubertin, superintendente da região de São Paulo, depois de uma permanência de oito anos, chegou exatamente à mesma conclusão: “Não podemos, realmente, dizer, em nossa ferrovia, que tenhamos tido agora falta de mão-de-obra; no entanto, quando começamos, havia, sem dúvida, uma indisposição para o trabalho, de um modo geral. Pouco a pouco, contudo, quando cada um foi compreendendo que uma semana de trabalho significa, realmente, dinheiro de uma semana, e que ali havia trabalho, e que também havia ali a constante preocupação de pagar o trabalho com dinheiro, o trabalhador passou a compreender melhor sua verdadeira situação. Um foi dizendo ao outro como era o caso, como a remuneração pelo seu trabalho realmente lhe chegava às mãos no dia do pagamento, e como ele adquiria, de fato, seu pão e sua independência; e, muito em breve, o desinteresse cedeu lugar à boa vontade, e todos vieram aprender a trabalhar e ganhar dinheiro, como seus amigos estavam ganhando”. (p. 5, *Viagem de Onze Dias na Província de São Paulo*, Londres, 1866). Do mesmo modo, na Estrada de Ferro Bahia a São Francisco, houve ocasiões, entre 1858 e 1866, em que estiveram empregados de 3.000 a 4.000 homens, sendo o trabalho livre obrigatório, pelos termos da concessão.

10. Os que acham estas palavras excessivamente severas, devem consultar St. Hil. (III, ii, 242-244). Aquele excelente autor fala baseando-se no testemunho de alto funcionário brasileiro, e, embora tivesse escrito em 1820, o quadro ainda é verdadeiro.

11. Resgatar, isto é, comprar como escravo. Minha citação é da página 70 do *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, do celebrado Fr. Gaspar Madre de Deus.

.....

Capítulo XXVIII

O MINEIRO PRETO REFLEXÕES GERAIS ANTES DE DEIXAR AS MINAS

Do mesmo modo que o índio é morto pelo aproximar da civilização, à qual resiste em vão, o homem negro perece em consequência da cultura, a qual serve como instrumento humilde.

Conde Oscar Reichenbach

Não me demorei em discutir se a raça ou o clima,¹ a religião ou a situação da sociedade, ou todos esses fatores combinados, são os responsáveis pelo tratamento excepcionalmente humano que o escravo recebe no Brasil; posso, contudo, assegurar que, em nenhuma outra terra, nem mesmo nos países orientais, uma “gota tão amarga” contém tão pouco fel. Minha experiência nunca revelou um caso de crueldade praticado contra escravos, e somente ouvi falar de alguns poucos casos de flagelação severa. Por outro lado, ouvi falar de muitas consequências terríveis do excesso de benevolência. Ultimamente, porém, em Araraquara, na Província de São Paulo, um negro, Benedito, teve de ser enforcado pelo bárbaro assassinato de seu senhor; o carrasco negou-se a agir, e o criminoso simplesmente ficou livre da forca, e foi levado para os galés. Muitas vezes encontrei, entre as galés, um escravo vizinho que, desvaído, matou a facadas, sem motivo algum, um negro que não conhecia, e, em presença de muitas testemunhas, bebeu, como um vampiro, o sangue da vítima; preso junto com ele estava um outro assassino, que, por um capricho, matou o velho e indefeso prior do Carmo. É, portanto, com algum pesar e muito espanto, que leio estas linhas, escritas por pena tão bem informada:² “A Virgínia é um paraíso, em comparação com Cuba e o Brasil. Alguns sinais de brandura do senhor, alguns traços de piedade da senhora são suficientes para manter os piores

fazendeiros do sangue inglês livres das barbaridades praticadas diariamente nas cidades espanholas e portuguesas mais ao Sul.” Dos obsoletos relatórios consulares, das descrições de antigos viajantes e de escritos de homens que passavam pelo país, acreditavam em tudo que lhes diziam e, como M. Jacquemont, descreviam, “après une relache de douze jours,” em uma região oito vezes maior que a França, sua capital, sua marinha, seu comércio de cabotagem, sua sociedade, sua condição servil, muitos casos podem, sem dúvida, ser coligidos.³ As relações entre senhor e escravo, porém, foram modificadas pela opinião pública e, essencialmente, pelo progresso da civilização. Atualmente, o negro brasileiro não precisa invejar a liberdade esfomeada dos pobres na maior parte do mundo civilizado.

O escravo tem, no Brasil, por lei não escrita, muitos dos direitos de um homem livre. Pode instruir-se e é estimulado a assim fazer. É regularmente catequizado, e, nas grandes fazendas, há serviços religiosos diários. Sé é ameaçado de morte ou de mutilação, pode defender-se contra seu senhor ou contra qualquer branco, e os senhores e feitores excessivamente enérgicos correm o risco de não morrer na cama. O escravo é legalmente casado e a castidade de sua esposa é defendida contra o senhor. Tem pouco receio de ser separado da família: os instintos humanos e os princípios religiosos do povo se opõem decididamente a esse ato de barbaridade. Tem sempre a possibilidade de tornar-se livre: a manumissão é sustentada como um dever de católico, as comunidades religiosas se sentem envergonhadas de ter escravos, e, sempre que há uma guerra, o africano é comprado e mandado combater ao lado de recrutas brancos. Um velho costume permite comprar a própria liberdade com seu trabalho e aplicar seus bens na manumissão da esposa e dos filhos.

Disponho de pouco espaço para discutir um assunto tão importante e tão vasto como a escravidão no Brasil.⁴ Posso, contudo, afirmar, em resumo, que é difícil encontrar-se, no país, um homem instruído que não deseje, com razão, vê-la abolida, se se puder encontrar um sucedâneo. Todos esperam pelo grande dia da imigração e do trabalho livre. Todos estão, também, conscientes do fato de que dificilmente a escravatura e a imigração poderiam coexistir. O mesmo se dá com os ingleses, que, em todo o Império, exceto nas grandes cidades onde podem alugar criados, compram, vendem e alugam escravos, a despeito da absurda Lei

de Lord Brougham de 1843.⁵ E para bem dos desgraçados de pele oxidada, condenados pela filantropia a morrer aos milhares em Ashanti, Daomé e Benin, para não mencionar uma centena de outros Aceldamas e Gólgotas, espero que o continente negro também seja admitido ao benefício da imigração. Em todas as circunstâncias, o “coolie” negro temporariamente empregado no Brasil tirará vantagem: limitado ao trabalho do campo, não admitido na casa e olhado como um estrangeiro no país, ele irá beneficiar aos outros.

Há alguns anos, quando “a lamentação do negro” ainda perseguia os ouvidos do público, quando o “irmão negro” era um simples lema político e um meio de arrecadar dinheiro, quando o negro do sentimento e da teoria afastara o negro da razão e da prática, e quando a esse respeito, e talvez somente a esse respeito, a arrogante ignorância não permitia que o conhecimento abrisse os lábios, invencionices grosseiramente imprudentes e infames circulavam sobre as empresas de mineração inglesas no Brasil.⁶ O benevolente caluniador que desejava promover seu próprio nome e o empregado demitido que queria vingar-se estimulavam o preconceito popular, e insistiam, suntuosamente, nas “adinâmicas condições” do trabalhador negro e em seu tratamento “cruel e sanguinário” pelos brancos. Essa campanha foi levada a tal ponto, que os diretores da Grande Mina viram-se obrigados a mandam ao Brasil o Dr. Walker, cujo bem redigido relatório esclareceu o assunto. Mesmo atualmente, porém, quando um funcionário é posto na rua por insubordinação ou incapacidade, a primeira ameaça que ele faz é acerca dos “senhores de escravos”.

Passo, agora, a apresentar meu relato acerca do mineiro negro, tal como o encontrei em Morro Velho.

Sem contar 130 filhos de negros alugados, e que não estão contratados, a empresa tem 1.450 cabeças, assim distribuídas:

Negros da Companhia, 254 (109 homens, 93 mulheres e 52 crianças); negros de Cata Branca, 245 (96 homens, 87 mulheres e 62 crianças); negros alugados, mediante contrato, 951.

Nestes números, vemos uma alteração da afirmativa de Saint Hilaire de que “le service des mines ne convient pas aux femmes,”⁷ que poderia ser verdadeira no velho sistema, mas não agora. No Brasil, geralmente, os homens são preferidos nas plantações de cana-de-açúcar, as mu-

lheres nas de café e, como há necessidade delas para serviços domésticos, não é tão fácil alugá-las.

Os “negros da Companhia” consideram-se a aristocracia e olham de cima para baixo para os seus irmãos. Tanto eles como os da Cata Branca são conhecidos pelos números que trazem na roupa; os negros alugados trazem, também, as iniciais M. V. marcadas na camisa. A empresa gasta £1.400 por mês com os contratos; não seria necessário salientar o benefício que isso traz aos grandes proprietários dos arredores. Assim, o Comendador Francisco de Paula Santos aluga um total de 269 negros (inclusive 173 crianças); seu genro, Sr. Dumont 145 (97 adultos e 48 crianças); e a mina de Cocais, ou “National Brazilian Mining Association”, contribui com 142 adultos e 13 crianças.

Os algarismos acima mencionados mostram a média do aluguel;⁸ o vestuário, alimentação e tratamento médico são despesas que ficam por conta da Companhia. Habitualmente, o contrato tem a vigência de três a cinco anos, período durante o qual os escravos não podem ser libertados. Normalmente, o superintendente só emprega homens robustos, que tenham sido aprovados em exame médico, mas aceita casos duvidosos em contratos de um ano. O escravo é segurado, mediante uma dedução de 10\$000 a 20\$000 por ano, durante um período fixado; se morrer antes de expirar o prazo do empréstimo, o proprietário recebe seu dinheiro; há, atualmente, oitenta e nove casos desse tipo. O pagamento só cessa se o negro foge; é feito trimestral ou semestralmente, e os proprietários podem obter um ano de adiantamento, mediante o desconto de dez por cento.

A mão-de-obra é classificada, de acordo com a robustez, em negros de primeira, segunda e terceira categoria. Em 1847, a permissão para fazer horas extraordinárias de trabalho, isto é, mais de nove horas e quarenta e cinco minutos, era concedida aos negros de primeira categoria. Há outra divisão, em negros da superfície e do subsolo. Os primeiros são ferreiros e mecânicos, especialmente carpinteiros e pedreiros, que trabalham das seis da manhã às cinco da tarde, com uma hora e quarenta minutos de intervalos, para as refeições. Os mais velhos e menos robustos são empregados com jardineiros, apanhadores de lenha e cortadores de capim. O dia de trabalho regular em Morro Velho é o seguinte:

5h manhã – alvorada anunciada pelo gongo, e, meia hora depois, a revista.

6h – trabalho.

8h15 – almoço.

9h – trabalho.

12h30 – jantar.

1h15 da tarde – trabalho.

2h da tarde – mudança de guarda. Explosões na mina.

5h30 da tarde – os mecânicos terminam seu trabalho.

8h30 da noite – regresso aos alojamentos. Os escravos preparam sua comida e fazem a ceia em casa.

Sábado é meio feriado, os escravos deixam o trabalho às 2h30 da tarde e se recolhem às 9h da noite.

Os trabalhadores de subsolo são cavouqueiros, limpadores de pontos de desmonte, empurram os vagões, enchem as caçambas de minério e executam os trabalhos de revestimento de madeira; estão divididos em três turmas, que entram na mina às 6 da manhã, às 2 da tarde e às 10 da noite. Aos domingos, as turmas mudam de lugar, de maneira que só de três em três semanas há trabalho noturno. Calcula-se, por alto, que trabalham na mina, ao mesmo tempo, 620 homens, incluindo todos os trabalhadores. Quando o trabalho termina, os trabalhadores dirigem-se ao vestiário, e encontram um banho tépido, a qualquer hora. Vestem, então, as roupas da superfície e deixam a roupa da mina para secar ao ar livre, ou junto da chaminé, se é tempo de chuva. Essa precaução é indispensável, embora muito difícil de ser posta, compulsoriamente, em prática: os mineiros ingleses se esquivam, e os brasileiros livres são os mais descuidados, embora estejam bem cientes do perigo que representam as roupas molhadas.

Os negros moram nas duas povoações situadas a meio caminho entre o vale do ribeirão e o Morro Velho. Assim, ao mesmo tempo que escapam da malária, evitam a fadiga, para ir e voltar do trabalho. Eles começam o dia com café ou chá de congonha. Recebem por semana, além de sal e legumes, 4,5 quilos de farinha de milho, 2 a 3 quilos de feijão; meio quilo de toucinho e 1 quilo de carne verde. A carne da melhor qualidade custa, aqui, 3\$000 por arroba, ou dois “pence” por libra, e os trabalhadores compram, muito barato, cabeças e pés de boi, fígado e outras vísceras dos bois

abatidos para uso da Companhia. Os diligentes plantam hortas e pequenas roças; criam galinhas e porcos, alimentados com farelo, que recebem de graça. Estes animais em parte são comidos e em parte são vendidos, e, com o produto das vendas, os negros compram enfeites e outros artigos semelhantes. A carne-seca e a farinha são distribuídas, quando o médico acha conveniente. As mulheres que amamentam recebem ração aumentada: mais seis décimos de um prato de farinha de milho, um quarto de feijão e 60 gramas de toucinho, e as crianças, quando a debilidade exige, recebem meia ração. Todos os artigos são de boa qualidade, e, se isso não ocorrer, é feita comunicação ao Gerente dos Negros.

A bebida não é fornecida diariamente, nem pode ser introduzida em Morro Velho. Um negro de boa qualidade pode obter um trago de uma onça uma vez por dia, com permissão do feitor-chefe. Cada chefe de departamento tem uma provisão de restilo, que pode distribuir à vontade, e o chefe de mina pode dar um “pingo” aos negros que saem do trabalho molhados. É difícil, contudo, corrigir-se o extremado gosto dos africanos pelas bebidas destiladas, que, naquela atmosfera leve e excitante, prontamente lhes afetam a cabeça e em breve se lhes tornam fatais. O negro também se mostra muito amigo do “pango”, aqui chamado ariri, o conhecido “bhag” *Cannabis sativa* da Índia e da costa ocidental e oriental da África. Mostrar-se-á prontamente disposto a pagar até 1\$000 por um punhado desse veneno.*

Nunca vi negros tão bem vestidos. Os homens têm dois jogos de roupa por ano: camisa e roupas de serviço, de algodão para o calor e de lã para o tempo de frio; os trabalhadores do subsolo recebem, além disso, uma resistente camisa de lã e um chapéu bem forte, para proteção da cabeça. Cada um recebe um cobertor de algodão, renovado todos os anos, e, se a roupa se estragar ou rasgar, o gerente fornece outra. As mulheres trabalham com camisas de tecido de lã e saias de material mais forte; habitualmente, usam lenços em torno do pescoço, cobrindo, assim, o peito, e um ombro, segundo a moda das minas africanas,⁹ fica nu. No inverno xales de tecido vermelho são acrescentados à vestimenta.

O trabalhador escravo é recompensado com presentes de dinheiro; pode sair dos terrenos da companhia, e mesmo ir a Sabará; é pro-

*Trata-se da planta mais conhecida entre nós como maconha, e de ação estupefaciente. (M.G.F.)

movido a lugares de confiança e mais bem pagos; pode tornar-se feitor ou capataz, entre sua própria gente; e, nas revistas, usa tiras e emblemas de bom comportamento, e se candidata à liberdade.¹⁰

Os principais castigos são multas, que os negros, como os hindus, detestam em particular; essas multas, que montam, atualmente, a 400\$000, foram destinadas a fins de caridade e alimentam um pequeno fundo, destinado a socorrer os velhos e os enfermos.

Outras punições são: a proibição de vender porcos, galinhas e verduras; a prisão dentro dos terrenos da Companhia ou em uma cela, com janelas gradeadas, como um xadrez de soldados; os fugitivos são postos a ferro. Antigamente, o gerente e o chefe geral, que exigiam obediência implícita dos 500 operários do departamento do subsolo, podiam ordenar o chibateamento. Esse foi abolido, mas acredito que sem bom resultado. Cada chefe de departamento ainda pode mandar aplicar a palmatória,¹¹ mas tem de anotar e comunicar a imposição do castigo ao superintendente. Apenas este último pode determinar o chibateamento, que é feito com a “taca” brasileira; e tal castigo é reservado para embriaguez contumaz, desobediência de ordens, insubordinação ou roubar um companheiro. A lista de castigos é baixada quinzenalmente, e, em geral, é pequena. Notei, especialmente, a conduta bem educada e respeitadora dos negros de Morro Velho, que, invariavelmente, tiram o chapéu para um branco estranho e estendem a mão, pedindo a bênção. Não são nem imprudentes nem demasiadamente humildes, nem grosseiros, e, na minha opinião, não pode haver melhor prova de que são bem e justamente tratados. Aqui desejo, formalmente, retratar-me de uma opinião que, certa vez, impensadamente, adotei, baseado no pior argumento, a “aceitação geral”. O negro não pode viver em presença do homem civilizado: o Brasil prova que, a não ser que seja recrutado em sua terra nativa, a população negra não é mais viável que os “índios vermelhos”. Sua regra e “manifesto destino” são os de todos os selvagens.¹²

Em poucas palavras: resumindo-se as estatísticas de Morro Velho, vê-se que a empresa está vivendo seus grandes dias. A Companhia já durou mais de trinta e sete anos, e durante os últimos seis, pagou mais de £10.000 de imposto sobre a renda ao Tesouro Britânico. A despesa atual da empresa é, em números redondos, £146.000 por ano, e a receita \$230.000. Como mina, não tem paralelo no Brasil; a escavação alcançou zonas inatingidas por outros serviços e, como se viu, sua

extensão não tem rival. Emprega, diretamente, 2.521 pessoas; indiretamente, o dobro desse número.

Além dos 343 ingleses de Morro Velho, há pelo menos quinhentos de nossos patrícios espalhados pela Província de Minas. Todos carecem de proteção; seus casamentos tem de ser questionados na justiça civil,¹³ uma vez que o consulado mais próximo para registro é o do Rio de Janeiro, e o custo de uma viagem de ida e volta ao litoral não é inferior a £50. Há a mesma dificuldade com relação a testamentos e inventários, especialmente no caso dos funcionários da Companhia e dos médicos ingleses, que vivem em partes remotas da província. Os governos francês, espanhol e português têm vice-cônsules ou agentes consulares em Barbacena e Ouro Preto, embora nenhum deles, a não ser o último, tenha muitos constituintes. Creio que deveríamos seguir esse exemplo.

E, agora, adeus a Morro Velho, lugar onde encontrei, é maravilhoso contar, trabalho executado noite e dia no calor dos trópicos e no coração do Brasil.

NOTAS DO CAPÍTULO XXVIII

1. Um das boas generalizações de Humboldt, entre as muitas más, é que “a facilidade de aclimação parece estar em razão inversa da diferença que existe entre a menor temperatura da zona tórrida e a do país nativo do viajante ou colono que muda de clima”. (*Viagens*, cap. 3). A distância pode ser estendida, em um sentido moral, às raças; os que habitam latitudes vizinhas misturam-se, geralmente, mais intimamente e, quando no exterior, se sentem mais em casa do que aqueles cujos lares são mais longínquos. O senhor de escravo inglês sente-se muito distante do africano; o brasileiro, como seu antepassado, o português, trata-o com muito mais familiaridade, e o resultado foi deplorável.
2. *Nova América*, vol. ii, cap. 31. Como o erudito autor estudou o Código ou Leis Provinciais das ilhas escravistas inglesas? Mesmo em 1815, o Príncipe Max podia dizer dos escravos no Brasil:
 “on les traite généralement assez doucement”.
3. A esse respeito, um dos mais prejudiciais foi o falecido Mr. Charles B. Mansfield; sua vivacidade, seu estilo mordaz e a ampla evidência de boa intenção em todo o mal que ele fez levou o “nobre trabalhador”, como seu editor o chama, a ser muito lido, acreditado e a ter despertado confiança; e isso torna mais graves os seus erros. As durezas e absurdos de um homem pouco viajado, que, depois de uma vida sedentária e de passar um mês no Novo Mundo, teve a audácia de escrever um capítulo (nº 4) intitulado “Brasil:

Crime-Economia Política-Colonização-Escravatura-Comércio”, foram respondidas em um *Ensaio Crítico* pelo Sr. A. D. de Pascual, Rio do Janeiro, Laemmert, 1861. Os milhares que ingeriram o veneno, contudo, como poderão ver ou mesmo ouvir falar do antídoto?

4. O leitor curioso encontrará uma excelente exposição sobre “A Extinção da Escravatura no Brasil”, de um ponto de vista prático, escrita pelo Sr. A. M. Perdigão Malheiro, traduzida pelo meu amigo, Mr. Richard Austin, e publicado na *Revista de Antropologia*, nº 20, de janeiro do 1868. O autor, cujos estudos tornam seus pontos de vista merecedores de todo o respeito, calcula o número de escravos em 1864, entre os extremos do 1.400.000 e 2.500.000. Em 1850, o número era de 4.000.000. Estes algarismos devem, efetivamente, esmorecer o furioso espírito de emancipação. Se, porém, os negros devem ser mortos, então, que sejam libertados imediatamente. As medidas a serem adotadas, presentemente, são a libertação de todos os escravos pertencentes a eclesiásticos, a pesada tributação sobre todos os escravos urbanos e vagabundos; impedir que os grandes proprietários de escravos ocupem cargos importantes no governo e satisfazer a Europa, fixando um prazo definitivo para a solução final do problema. Ultimamente, podemos observar que os Srs. Kidder e Fletcher calcularam que foram emancipados um milhão de escravos no período de quinze anos compreendido entre 1850 e 1866, ao mesmo tempo que a produção do país teve um aumento de 30 por cento.
5. Surpreendeu-me ler no Príncipe Max (i.220) a frieza com que ele se refere ao fato de M. Freyness ter comprado e levado um menino índio. Foi, realmente, uma vileza escravizar um homem livre. “É um fato pasmoso e deplorável, e que está destinado a tornar pessimista nossa opinião sobre a natureza humana, testemunhar a rápida adoção, por parte de europeus que deixam seu país animados dos melhores e mais generosos princípios com relação aos seus semelhantes, de máximas e práticas dos mais desalmados senhores de escravos”. *Notas sobre o Tráfico de Escravos* por W. G. Ouseley, Londres, 1850. É mais filosófico investigar e explicar a causa, do que espantar com os fatos e lamentá-los – simples prova de que não sabemos compreendê-los. De minha parte, sempre que vejo um homem sair da Inglaterra pela primeira vez, imbuído dos habituais princípios superlativos e transcendentais a respeito do emprego de pessoas a seu serviço, espero que surja a reação, e que seus negros cedo se queixem de sua notável e desnecessária crueldade. Por esse motivo, em parte, o senhor de escravos da Carolina do Sul não gosta do capataz ianque.
6. Veja-se a Carta de Introdução a Mr. Thomas Fowell Buxton, sobre os Arrepiantes Horrores da Escravidão Moderna, tal como é praticada pela Associação Imperial Brasileira em suas minas do Gongo Soco. “Tenho pensado algumas vezes”, diz Mr. Trollope, com muita razão, “que não há ser tão venenoso, tão sanguinário, como a filantropo declarado, e que, quando o ardor da filantropia se volta para os negros, então assume a sua forma mais venenosa e mais sanguinária”. Testemunho disso é a multidão, sem dúvida bem-intencionada, que se reuniu para pedir o sangue do Governador Eyre.

7. “Viagem”, III, i. 329. Houve exagero. Ao alugar negros, o superintendente adverte os proprietários que as mulheres devem ser acompanhadas de um número maior de homens, e, assim, verificamos que, dos 951 alugados, 602 são do sexo masculino e 349 do feminino.

8. Aluguel anual de escravos de 1 ^a cat.	Homens.....	220\$000
	Mulheres.....	100\$000
Não pagando em caso de morte ou fuga	Homens.....	230\$000
	Mulheres.....	110\$000
Aluguel anual de escravos de 2 ^a cat.	Homens.....	150\$000
	Mulheres.....	75\$000
Não pagando em caso de morte ou fuga	Homens.....	160\$000
	Mulheres.....	75\$000

9. Expliquei isso no Capítulo 7.

10. Tive permissão de examinar a lista oficial de candidatos negros à manumissão (de acordo com as regras baixadas pelos diretores em janeiro de 1845) e dela tirei os seguintes dados:

Mr. Keogh colocou na Lista de Manumissão:

Em	1848	negros e negras	4	
Em	1849	negros e negras	4	
Em	1851	negros e negras	2	Total 16
Em	1852	negros e negras	2	
Em	1853	negros e negras	2	
Em	1854	negros e negras	2	

Dr. Walter

Em	1855	negros e negras	2	
Em	1856	negros e negras	2	
Em	1857	negros e negras	2	Total 10
Em	1858	negros e negras	4	

Mr. Gordon

Em	1859	negros e negras	10	
Em	1860	negros e negras	16	
Em	1862	negros e negras	5	
Em	1863	negros e negras	5	Total 97
Em	1864	negros e negras	2	
Em	1865	negros e negras	41	
Em	1866	negros e negras	18	

Destes, 6 perderam o benefício por embriaguez, 2 foram mortos na mina e 14 morreram.

11. A primeira “palmatória” que vi no Brasil foi em casa de um inglês. Tem a forma aproximada de um remo, de madeira de lei, preta, com um cabo de cerca de trinta centímetros de comprimento e, na extremidade utilizada, um círculo chato do tamanho de uma ostra grande, cheio de furos. Na mão de um negro, semelhante a um gorila, dificilmente terá o mesmo efeito que o junco que meu velho mestre, Mr. Gilchrist, gostava tanto de aplicar nas palmas das mãos brancas e rosadas de seus alunos.
12. Em consequência do excesso de óbitos sobre os nascimentos, a população negra em todas as Antilhas Britânicas sofre, anualmente, um decréscimo de 4 por 1.000. Em Tobago, o decréscimo é de 16 por 1.000. O Coronel Tulloch observa: “Antes de um século, a raça negra estará quase extinta nas colônias inglesas das Índias Ocidentais” (*Rev. Antrop.*, agosto de 1864, página 169).
13. Uma lei denominada “Lei para legalizar certos casamentos realizados em Morro Velho, no Brasil”, e que será “citada para todos os fins como Lei de Casamentos em Morro Velho, de 1867”, remedia, em parte, o inconveniente, mas alguma espécie de representação consular remediaria de todo.

.....
Capítulo XXIX

VIAGEM PARA ROÇA GRANDE ¹

*País de gentes e prodígios cheio
Da América feliz porção mais rica.
Caramuru, 6, 49*

Mr. Gordon tivera a bondade do oferecer-se para mostrar-me um filão de matéria combustível de substância muito controvertida. Organizou tudo para a viagem: os animais eram dez, o que permitia uma muda para cada um de nós; nosso camarada² era um tal Joaquim Borges; e Miguel, agora um velho conhecido, era ajudado por um robusto negro, negríssimo, João Paraopeba, cujo nome vinha, como o de Lorde Clyde, do rio mais próximo. O superintendente foi acompanhado de seu criado Antônio, muito elegante com sua vistosa libré, das habitualmente usadas em Minas, chapéu alto lustroso e botas até os joelhos, com dobras amarelodourado; um grande copo de prata, venerável artigo de luxo e ostentação, pendia-lhe do ombro, suspenso por uma corrente. Mr. L'poll acompanhava-nos, e a viagem deveria durar onze dias.

No dia 10 de julho de 1867, partimos às 9 da manhã, hora que pode ser chamada de viagem de família naquela estação e, avançando para leste, passamos pelo lugarejo denominado Praia do Bem Será. Consta de seis fileiras de casinholas, com esteios fincados no chão, suportando um telhado sobre uma armação de madeira; muitas vezes, assim, o telhado fica pronto e são colocadas as portas e janelas antes de aparecerem as paredes. Em seguida é que vem a construção das paredes, com uma armação de varas, que é enchida com barro. Essa curiosa forma de construção é cha-

mada de pau-a-pique ou parede de mão. Onde se conhece o adobe, este toma o lugar do pau-a-pique e do barro. Nessas casas moram os cavouqueiros brasileiros livres, que, como certas populações de mineradores mais a leste, ficam carrancudos às vezes e, embora não cheguem a atirar pedras, apupam, com raiva, o estrangeiro que passa.

Atravessamos, em seguida, uma ponte sobre o ribeirão, cujo leito é mais largo, e, por toda a parte, vimos sinais de trabalho: uma peculiar florescência branca, que à noite, segundo dizem, parece fosforescente, cobre os montões de refugo. Estes foram examinados pelo Dr. Walker, que “nada mais encontrou além de sulfato de ferro, que se torna branco, quando privado de sua água de cristalização”. O Dr. Birt, também, informou que se tratava de um “sulfeto de ferro impuro, ou a *the white copperas* (caparrosa-branca) do comércio, como o ácido gálico mostra completamente, transformando-o quando misturado, em tinta”. Mr. Reay, porém, extraiu grande proporção de piritas arseniosas do minério em geral e especialmente do proveniente de Baú. O “material azul” é, de fato, um sublimado de arsênico e, como veremos, os canoieiros afirmam que ele existe ao longo do rio das Velhas. Mais abaixo da Praia, estão os serviços pertencentes aos Srs. Vaz, de Sabará; antigamente, tinham muitas cabeças de pilões trituradores, mas agora estão reduzidos a uma dúzia de alguns poucos arrastros. Eles retiram o refugo de areia da Grande Mina e, segundo se diz, o cascalho das imediações é aurífero. Além destes, há outro serviço brasileiro, chamado “Califórnia”.

Em seguida, galgamos um morro íngreme, do alto do qual há uma bela vista da mina; a terra amarela é muito pobre, exceto em buracos, que são “frios” e inundados. À esquerda fica a serra Herring, que tomou o nome do primeiro superintendente; é uma bela linha ondulada, que rodeia os morros e atinge um nível superior ao do Timbuctu. Voltando-nos para a direita, descemos uma ladeira íngreme, rude e pedregosa, avistando em baixo a bacia do rio das Velhas; o rio não era visível, e a depressão parecia uma vasta caldeira, a cuja fervura faltasse movimento. O Rego dos Raposos³ foi, então, atravessado, e, um pouco além, fica o serviço de trituração do ouro e a residência do Capitão José Gomes de Araújo, uma família que pode ser chamada dos velhos lordes de Raposos. A formação do terreno é de material piritífero e de quartzo parcialmente decomposto; há veios e filões, ambos auríferos, mas nenhum deles foi considerado compensador.

A encosta termina na habitual e abominável calçada; aqui, como em São Paulo, a gente pode saber se está chegando a uma cidade, vila ou arraial, quando verifica que a estrada está se tornando ainda pior. O motivo é evidente: os caminhos são mais trafegados e não são mais conservados. Nas elevações próximas, divisamos, dispersos, alguns cafeeiros e duas plantações de cana-de-açúcar. Na margem esquerda do rio das Velhas, passamos por uma capela em ruínas, um velho serviço de trituração e um casarão abandonado, pertencente aos Araújo. Mais felizes que o Dr. Gardner, que teve de dar uma longa volta, encontramos uma boa ponte de madeira sobre o rápido e sinuoso rio; tem 22 metros de comprimento, 3 de largura e 4,5 de altura, e foi reparada pela última vez em 1864. O grosso de Raposos, ou para dar seu nome inteiro, N. Senhora da Conceição de Raposos do Sabará, ocupa uma pequena depressão, no vale ribeirinho. Consiste, principalmente, de mau calçamento e de uma igreja matriz. Essa igreja se vangloria de ter sido a primeira construída na Província de Minas; foi, outrora, muito rica em prata, da qual algo ainda resta, e deve sua conservação aos cuidados do vigário, José de Araújo da Cunha Alvarenga, cuja memória foi preservada. Há duas capelas filiais, Santa Ana e Santo Antônio, perto de Sabará. O templo é construído com a dura ardósia argilosa comum, juntada não com argamassa, mas com barro, que se dissolve admiravelmente com as chuvas; as duas pequenas torres são de taipa vermelha e cobertas de telhas, como o resto da igreja, mas não são caiadas – sintoma, no Brasil, de excessiva penúria.

Seguimos ao longo do rio, por uma vereda na mata, e galgamos uma forte ladeira, onde a marcha era dificultada por calhaus e pedras soltas, e rica em poeira de ardósia argilosa; se mal deu passagem então, o que seria na época das chuvas? Alcançando a chapada, ou planalto, esporeamos os animais, através da única légua de bom caminho que encontraríamos durante o dia. Passamos por uma fazenda arruinada, com paredes nuas e esburacadas. Era habitada, nos últimos tempos, por D. Rita, viúva de José Joaquim de Freitas Lobo; é, agora, propriedade da Igreja, pertencendo à Irmandade do Santíssimo, de Raposos. Para além dela, fica uma elevação arredondada, e, para o noroeste, o pico maciço de Curral d'el-Rei, coroado por um cruzeiro e, mais a oeste, o monte coberto de mato chamado morro do Pires;⁴ para sul-sudoeste, vê-se nosso conhecido, o Pico de Itabira, ou a “Moça de Pedra”, enquanto diante de nós, para o sul, fica a serra de São Bartolomeu, a muralha oriental do vale do alto rio das Velhas. Ela esconde,

nesse ponto, o curioso cume do Itacolomi, e seu contorno regular mostrava uma linha de horizonte nublada por uma chuvinha fina, que agora cai sobre nós pela primeira vez em Minas Gerais. Talvez sejam as “chuvas de São João”, um tanto atrasadas, e interferindo nos direitos do St. Swithin. As gotas da chuva tornaram-se particularmente bem definidas naquele dia.

As altas serras e as montanhas são todas alcantiladas e se dirigem para o oeste, que é também a orientação dos veios de minério. As pontas e os cones lavados pela chuva são riscados, entalhados, frágios, como os de perto de São João e São José, com tiras de ardósia talcosa, em lâminas, que se projeta, cinzenta, dura e áspera. Tem-se a impressão de se estar vendo o esqueleto da Terra e, em certos lugares, a formação aponta para todas as direções. No cume, observei um traço de cobre, que nos deu a idéia de que estávamos, então, no grande campo descrito pelo Dr. Couto.⁵ Em sua maioria, os lugares elevados fizeram minha mulher dizer que estava, de novo, atravessando as Dunas de Wiltshire. Delicadas ondulações erguiam o terreno, tendo atrás elevações mais atrevidas, confusas e encapeladas seras, formando um crescente irregular de cada lado, que desciam, íngremes, até as pequenas depressões que separavam os montes; e aqui procuramos em vão campinas planas.

A vegetação do campo interrompido era o habitual cerrado, acinzentado e enfezado, queimado e castigado pelo vento. Cada buraco tem seus arvoredos densos, pendendo dos lados e formando um matagal espesso, ao longo de depressão. O estrangeiro não deve tentar penetrar nesses capões.

A beleza malva e amarela da floresta florida devia-se às folhas prateadas das altas imbaúbas, uma das mais interessantes árvores das florestas do Brasil. Acredito que essa cecrópia pertence à formação mas o Dr. Gunning, cuja experiência é longa e respeitável, afirma tê-la visto na mata virgem.* Nestas proximidades, as antigas matas desapareceram, transformadas em combustível para a mina de Morro Velho. Contudo, a contínua alternância do matagal e das clareiras, de campos e de arbustos; o contraste entre o planalto e a planície anã com altos picos e montanhas alcantiladas, a

* Parece que a primeira informação é correta: a imbaúba é característica de formações secundárias. Não cresce na mata virgem, densa e escura, pois é planta que exige muita luz. Somente quando se abre uma clareira nessa floresta é que surge um espaço bem iluminado onde pode medrar a imbaúba. (M.G.F.)

diversidade de colorido e do brilho do sol sorrindo entre as “lágrimas” de São João – aqui, o povo diz que a raposa está se casando, na Inglaterra que o Diabo está batendo em sua mulher – tem um efeito que é o inverso da monotonia.

A árvore-da-preguiça é assim chamada porque aquele animal sobe nela, especialmente à noite, para comer os brotos e as folhas novas, até deixá-la como um esqueleto. Essa morácea é chamada pelos tupis de “umbaúba” ou “umbahuba”, também escrita “ambabam”, “ambaíba”, “imbaíba” e muitas outras formas, mas não “embeaporba”, como faz Mr. Walsh. Mr. Hinchcliff (*Esboços Americanos*, cap. XIII) a chama de “sumambaia”, que designa um *Filix*. Os selvagens fazem diferença entre a *Cecropia palmata* e a *Cecropia peltata*, especificando a última como “ambaitinga”, ou “a branca”, porque suas folhas mais velhas são cobertas por uma lanugem esbranquiçada, freqüentemente voltadas para cima, como se tivessem sido alvejadas, e mancham de branco a copa da árvore. A folhagem nova é conhecida por sua brilhante cor vermelha, que concorre muito para a sua beleza. Os brasileiros também separam duas espécies: a roxa e a branca. A *Cecropia* é bem conhecida na Guiana e nas Antilhas, onde é chamada “coulequin” e “bois de trompette”. Os índios empregam essa madeira e a da gameleira para acender fogo, por fricção. Os negros removem, com facilidade, o miolo do tronco, e usam-no, não para fazer trombetas, mas para fazer tubos, calhas e canos de água. A árvore cresce depressa: em quatro meses, tem a grossura do braço de um homem; quebra facilmente, mas é madeira de verdade, e não um simples tronco condutor de seiva; segundo dizem, serve para fazer carvão vegetal, usado na fabricação de pólvora. O suco da semente é usado como refrigerante, contra a diarreia, a disúria e moléstias semelhantes; nunca ouvi dizer, todavia, que “a flor é altamente apreciada como remédio contra a mordedura de cobra”.

A *C. palmata* tem um tronco cinzento claro, liso, nu, verde quando muito jovem, raramente reto de todo e, em geral, um pouco curvo no alto, alcançando, às vezes, 10 metros de altura. Quase na extremidade, saem, formando um ângulo reto e curvando-se ligeiramente para cima, como os braços de um candelabro, ramos nus até quase as pontas, de onde partem as longas folhas palmadas semelhantes a gigantescas folhas de castanha juntadas aos pecíolos. O solo influencia muito o aspecto da árvore: em certas terras ricas, o tronco parece mais curto, porque a frutificação começa mais

cedo e, nesse caso, os ramos primários são em muito maior número do que os secundários. A grande variedade de aparência é resultante das inflorescências, semelhantes a vagens, que pendem para os pecíolos das folhas novas, e pela folhagem velha, que, quando vai cair, torna-se vermelha e, finalmente, negra. A *C. peltata*, que o povo chama de vermelha, tem mais a aparência de uma árvore e menos a de um arbusto: é erecta, e os galhos, um tanto desajeitados, espalham-se mais amplamente. Sempre tive a *Cecropia* como uma planta característica da capoeira; é, sem dúvida, a rainha do mato.

A boa légua terminou em uma porteira, que levou a nada mais nada menos que a uma vil milha de estrada esburacada e poeirenta. Essa estrada serpenteia desagradavelmente junto de profundas fendas, galerias e buracos, que mostram como a região tem sido esburacada e revirada, e que fazem a gente pensar na possibilidade de uma sepultura involuntária. A superfície do terreno estava coberta de capim-do-campo, e enfeitada por florezinhas muito bonitas do quebra-panela, assim chamada porque seu fogo facilmente faz as painelas racharem. Uma virada para leste nos mostrou Morro Vermelho, na bacia normal. Esse morro, realmente vermelho, e em forma de esfinge, ergue-se a sueste de Morro Velho; um raio destruíra, recentemente, seu cruzeiro. A igreja de duas torres, com suas três janelas escuras e caiação abundante, era uma prova de prosperidade; e, ao descermos, ouvimos o som dos sinos, anunciando-nos que o enérgico pastor estava chamando seu rebanho à “pastagem” espiritual. As casas estão espalhadas entre bananeiras e coqueiros. Chegamos à calçada – “une fois sur la chaussée et le voyage est fini”, pode-se dizer aqui, como na Rússia – e, cerca de meio-dia, entramos no povoado.

O Sr. Francisco Vieira Pinto – popularmente Chico Vieira – nos ofereceu um almoço e informações sobre Morro Vermelho. A data precisa de sua fundação é desconhecida: dificilmente pode ser anterior ao começo do século XVIII. O ouro era encontrado ali naturalmente ligado ao cobre e ao ferro, sendo explorado em vários lugares;⁶ e, desses, oito ainda dão algum resultado. A indústria assumiu importância, e em todas as perturbações e desordens, os turbulentos mineiros participaram, com Caeté e Raposos, contra as autoridades portuguesas e os poderes de fora. A atividade, comparada com o tamanho daqueles lugares, era surpreendente; naqueles dias, porém, os proprietários de terras e de minas tinham não apenas negros, mas multidões de escravos de pele vermelha, que de nada gostavam

mais que de uma briga. Em 1715, Morro Vermelho armou-se e juntou-se, em revolta aberta, a Vila Nova da Rainha (hoje Caeté) e Vila Real (Sabará). Os amotinados negaram-se a pagar o quinto de ouro exigido de cada bateia, e pediram a remissão do tributo anual, que era apenas de 480 quilos do precioso metal. Tiveram, realmente, a insolência de comparecer diante do governador, o “ilustríssimo e excelentíssimo Dom Brás Baltasar da Silveira” e, com a abundante “barbaridade” – para usar sua própria expressão –, gritaram, em seus nobres ouvidos: “Viva a Povo!”⁷

Morro Vermelho é, agora, um mero arraial, um desgarrado acampamento, semelhante a uma feira ou mercado, com uma rua, “o defeito geral das aldeias de Minas”,⁸ constituindo a estrada pela qual têm que passar os viajantes, para baixo e para cima. Tem, no mínimo, 100 casas e no máximo, 180; há dois sobrados, e contei quatro vendas. A população é muita achacada pelo papo e o lugar carece de vias de comunifcação, o que prejudica grandemente sua criação de gado, sua agricultura e sua indústria de fundição de ferro. As carroças só podem alcançar Morro Velho passando por Rio das Pedras, isto é, seguindo dois lados de um triângulo acentuadamente acutangular.

Mr. Gordon só nos permitiu uma hora para o almoço; os dias eram curtos, e a viagem noturna por aquelas montanhas tem de ser muito lenta. Mal tivemos tempo de passar por uma casa baixa, junto da igreja, onde mora o vigário, Padre João de Santo Antônio,⁹ sacerdote que goza de excelente reputação, que não deixa sua cidade e seu rebanho se esquecerem do que vem depois da devoção. Partimos à 1h30min da tarde, seguindo pelo caminho pedregoso, e atravessamos um regato de águas sujas pela lavagem de ouro; como o córrego de Panela, do outro lado do arraial, é afluente do rio das Velhas. Para além dele, a estrada segue, em longa extensão, uma colina em forma de prisma, e, de sua estreita crista, descemos, alcançando logo uma depressão de terra fértil.

Em frente, elevava-se a alta serra de Roça Grande, voltada para o nascente, o que explica a sua baixa temperatura e sua bela vegetação. Aqui, ao contrário do que se dá na região marítima, o noroeste é o vento que traz chuva; o sueste traz tempo seco. Assim, Gongo Soco, na encosta setentrional da cadeia de montanhas, tem uma queda pluvial média do 3.700 milímetros por ano, em comparação com 1.700 em Morro Velho, no flanco meridional. À nossa esquerda e para baixo, ficava a grande fazenda do Alfe-

res Mateus Lopes de Magalhães; a casa, as terras e o gado de boa qualidade mostravam que o velho proprietário português era homem trabalhador e enérgico. Brigas de família, contudo, haviam-no compelido a deixar o lar, e o pomar, cujas uvas e maçãs eram famosas, está em abandono. Para sudoeste, fica uma profunda escavação, a mina de Juca Vieira; o local é o flanco de uma elevação desigual, composta de quartzo, ardósia avermelhada, substância ferruginosa e um solo aurífero, formando piritas. A Companhia Gongo Soco não foi bem-sucedida nessas lavras, que agora estão abandonadas e cheias de água.

Para oeste daquele lugar e vizinha da propriedade de Roça Grande, fica a de Repuxa, com cinco milhas de comprimento por três de largura. Pertence a pequenos proprietários, que a obtiveram por “datas”,¹⁰ ou concessões de terras feitas pelos antigos guardas-mores, e tem sido explorada por uma espécie de sociedade. Em 1864, o superintendente da Companhia de Santa Bárbara, em Pari, recomendou-a a um corretor de Londres, como um “esplêndido campo para mineração” e aconselhou que fosse oferecida para a compra a importância de £40.000. Informou que a rocha consistia de argila e ardósia talcosa, com camadas dirigidas aproximadamente de leste para oeste e inclinação de 40° – 50° sul; o veio é de quartzo branco e amarelo, com ferro e piritas do arsênico; “olhos” ou protuberâncias que dão de 22 a 29 gramas por tonelada; e o aurífero “caco”, que se espera aproveitar para produção de pirita. Nada foi feito ainda; talvez, porém, o projeto esteja apenas dormindo, e não morto.

Descendo uma ladeira, encontramos a terra coberta de capim-melado, cujas compridas glumas fazem lembrar urzes. O morro é acidentado, com pedras roladas capazes do intrigar um árabe. Atravessamos, então, um pequeno córrego, sem ponte, e entramos na propriedade de Roça Grande. Até recentemente, essas terras faziam parte dos bens pertencentes ao espólio do Marquês de Barbacena, nobre brasileiro bem conhecido na Europa. Ao avançarmos, notamos à nossa direita um miserável rego, com uma descarga de cerca de 1.200 litros por minuto, que constitui o único abastecimento de água; o caminho, evidentemente, fora aberto com o calcanhar e a sola dos pés, “simples criação da natureza”, como se diz das estradas da Sibéria. Virando à esquerda, passamos por uma fileira de casinholas baixas, as mais sujas que eu havia visto aquele dia. Em cima da colina próxima, fora iniciada a construção da inevitável casa-grande, mas fomos diretamente para

a sede da empresa, que era provisória e modesta. O chefe de mineração e gerente, Mr. Brokenshar, recebeu-nos e convidou-nos para merendar; recusamos, agradecendo, pois dispúnhamos de pouco tempo.

– Então – retrucou o anfitrião –, terei um jantarzinho aqui. Boa tarde.

Era, evidentemente, da Cornualha e cauteloso, e não quisemos fazer muitas perguntas. O lugar dá a impressão de um fracasso: vimos quatorze brancos, muito desanimados, alguns poucos brasileiros livres e nenhum escravo.

Dali, fomos aos pilões de trituração, e examinamos o material. A mina, que fica no alto da encosta do morro, é constituída antes por uma camada de minério do que por um filão, inclinada para leste e situada no lado norte-noroeste da Roça Grande. A rocha contingente é uma substância de cor rosada, revestida de uma capa muito fina, quase toda de ferro. Através dela, correm veios de quartzo decomposto e facilmente pulverizável, da variedade granulada que se espera conter “caco”. Esse termo cacofônico é aplicado ao quartzo e óxido (outros dizem sulfato) de ferro, e os mineiros afirmam que é uma pedra valiosa. Também vimos quartzo de ferro laminado, contendo um pouco de pirita de ferro, encontrado principalmente no solo marrom aurífero. As melhores substâncias portadoras de ouro da formação são o óxido de ferro avermelhado e o “dente de elefante”, uma chapa de ferro micáceo impuro, de cor escura, que corre paralelamente ao quartzo granulado. Muitas vezes, há uma terceira camada de óxido de ferro marrom e decomposto.

A mina está há muito tempo à venda, por £1.600, sem encontrar comprador. Recentemente, um cavalheiro do Rio de Janeiro dispôs-se a comprá-la por £22.000 (£11.000 em dinheiro e 2.200 ações de £5 cada uma, resgatáveis integralmente) pagos à “Rossa Grande¹¹ Brazilian Gold Mining Company Limited”, sendo o capital de £100.000. Um chefe de mina que conhecia o lugar há vinte e oito anos informou, em 1862, que a estimativa é para 56% por ano, de um capital realizado de £40.000. Segundo o prospecto, a propriedade se estende de ambos os lados da serra do Socorro, e se assim é, ou se assim for, terá um córrego à sua disposição. A formação é de quartzo, óxido de ferro marrom e piritas de arsênico, em um continente de rocha de argila. O ouro existe, como o estanho e o cobre na Inglaterra, onde a ardósia talcosa efetua uma misteriosa conjunção com o

“granito”.¹² O prospecto também informa que se encontrou algum quartzo apresentando ouro visível. Foi dito haver três formações de rocha diferentes, todas auríferas, além da jacutinga, ainda inexploradas. O primeiro veio é de quartzo branco e ferro, o segundo de quartzo amarelo com piritas de arsênico auríferas e ricos “olhos”, e o terceiro compõe-se de “caco”. A direção é leste para oeste e a inclinação, 40° sul.

Infelizmente, os ensaios com material retirado desse veio não dão cerca de 7 gramas por tonelada, o que, em trabalho em grande escala, significa pouco ou nada.

NOTAS DO CAPÍTULO XXIX

1. O itinerário aproximado de Morro Velho a Ouro Preto é o seguinte:

Morro Velho a Raposos	1h45min.	=	5 milhas
Morro Velho a Morro Vermelho	2h40min.	=	9 milhas
Morro Velho a Gongo Soco	3h20min.	=	10 milhas
Morro Velho a Fábrica	1h0min.	=	4 milhas
Fábrica a S. João do Morro	1h0min.	=	4 milhas
Fábrica a Brumado	1h0min.	=	4 milhas
Fábrica a Catas Altas	3h0min.	=	9 milhas
Catas Altas a Água Quente	0h45min.	=	2 milhas
Catas Altas a Fonseca	3h0min.	=	12 milhas
Catas Altas a Inficionado	3h0min.	=	12 milhas
Inficionado a Bento Rodrigues	1h0min.	=	4 milhas
Inficionado a Camargos	2h0min.	=	6 milhas
Inficionado a Morro de Sta. Ana	2h15min.	=	8 milhas
Inficionado a Mariana	0h30min.	=	2 milhas
Mariana a Passagem	0h30min.	=	2 milhas
Passagem a Ouro Preto	1h0min.	=	4 milhas
Ouro Preto a Casa Branca	3h20min.	=	12 milhas
Casa Branca a Rio das Pedras	4h0min.	=	11 milhas
Rio das Pedras a St ^o Antônio	3h15min.	=	9 milhas
St ^o Antônio a M. Velho	1h30min.	=	4 milhas
Total	41h50min.		133milhas

2. Essa expressão, “camarada”, companheiro, é mais aplicada em Portugal a um ordenança. Em certas partes do Brasil, é usada para se dirigir a um amigo; geralmente, é assumida por qualquer homem livre, que concorda em “ajudar”, como se diz na Nova Inglaterra, e não servir. Assim, se é empregado na iluminação da cidade, ele se chamará de “camarada da luz”. O camarada, cujo nome nos faz lembrar a “camaradagem” (comradeship) ou irmandade dos antigos bucaneiros, é um personagem que causa muito embaraço no Brasil.
3. A palavra é escrita, indiferentemente, Raposos ou Rapozos. Via de regra, os portugueses preferem o “s” e os espanhóis o “z”. Assim, o primeiro escreve “casa” e o segundo “caza”. A ortografia, porém, não está fixada, neste como em muitos outros pontos.

O raposo é, freqüentemente, confundido com o cachorro-do-mato, um carnívoro canino cinzento-amarelado, que está espalhado por todo o continente sul-americano. O Príncipe Max (iii. 149) acredita que ele seja o “agourachay” de Azara, a raposa cinzenta do Surinã e provavelmente uma variedade climática da raposa tricolor (*Canis griseoargenteus*) da Pensilvânia.
4. Mr. Gordon verificou, do ponto mais do alto do morro do Pires, que o Itacolomi fica exatamente a sueste.
5. O Dr. Couto penetrou no campo perto de Córregos, a 60 milhas ao norte, e verificou que ele consistia de romboedros cor de cinza, calçando o chão sobre o qual seu cavalo passou, sem mistura de material terroso, não em veios, mas em saliências, em rochedos, em montanhas completas, em cadeias inteiras. É para Minas, diz ele, o que é a prata para o Peru, e muito mais abundante que o ferro, embora em outras partes do mundo tenha a proporção de um décimo dos depósitos ferruginosos.
6. Tudo devidamente nomeado pelo *Almanaque* (1864-1865).
7. A carta do Dom ao Rei, de 16 de junho, de 1715, descrevendo o ultraje, foi reproduzida por extenso no *Almanaque de Minas*, de 1865, págs. 237-240.
8. O motivo disso é que as primeiras casas eram sempre construídas às margens dos cursos de água auríferos, onde começava a lavra de ou exploração de ouro.
9. O irmão do sacerdote chama-se Demétrio Correia de Miranda. Merece um capítulo o assunto dos nomes brasileiros: via de regra, qualquer homem adota o nome que quer, em geral propriedade de alguma grande casa histórica, e muda-o quando deseja. Às vezes, chega a publicar nos jornais a alteração, mas isso é só quando tem negócios. Muitas vezes, dois, e mesmo três irmãos, têm sobrenomes diferentes, deixando de lado uma parte, tomando o sobrenome de solteira da mãe ou o de um tio. A questão, porém, não exigirá a legislação que se tornou necessária na França, relativa ao uso da importante partícula “de”.
10. Essas “datas” têm sido comparadas aos “Tin bounds” da Cornualha. A comparação é válida para as lavras de rio, mas não para as minas.

11. A denominação correta é “Roça”. O nome da propriedade, porém, foi convertido em “Rossa” e assim está escrito no *Almanaque*. Provavelmente, os proprietários recebavam que, na Europa, “Roça” virasse “Roka”.
12. Não vi granito nessas altitudes; provavelmente o arenito duro foi confundido com granito. Assim, alguém no Rio de Janeiro me disse que todos os depósitos auríferos de Minas são graníticos, e neles o ouro tomou o lugar da mica.

.....

Capítulo XXX

VIAGEM PARA GONGO SOCO E FÁBRICA DA ILHA

*Nas alturas cresciam Gigantes vegetais lançando
grandes sombras, Cedro, Pinheiro, Abeto e
palmeiras ramosas.*

Milton

Avasta cortina de nuvens azuladas, majestosamente empurradas para leste, não se desfez antes de três horas da tarde; por sorte, pois o sol que sucedeu fez com que nossas roupas e arreios cheirassem, distintamente, a queimado. Subimos um pedaço de terra vermelha; aqui, a terra vermelha é uma argila grossa, e não, como na Província de São Paulo, material vulcânico degradado. Havia, também, a “terra vermelha de tatu”, muito afetada por aquele animal,¹ e o resto era o massapé² comum, mais ou menos ferruginoso. Em certos lugares, o chão tingido de ocre mostra grandes riscos de esmeril, que não deve ser confundido com o nosso, mas é um pó de ferro magnético, prova da fertilidade do solo, que geralmente acompanha as lavras de ouro e que, segundo dizem, se associa com o irídio ou o osmirídio.³ Estamos, agora, em uma das partes mais úmidas de Minas; apesar de nos encontrarmos em plena época da estiagem, os poços de água ainda entrecortam a superfície lamacenta do caminho.

Alcançando um pequeno trecho plano, corremos ao longo da encosta ocidental de uma serra, e, com muitas voltas indesejáveis, dessas que nos levam ao norte quando estamos viajando para o sul, viramos para leste. Para além da serra do Luís Soares, mudamos de vertente, deixando a bacia do rio das Velhas, ou melhor, do São Francisco, pela do Rio Doce. As terras, outrora propriedade da Companhia do Gongo Soco, pertencem,

agora, ao Comendador Francisco de Paula Santos. A estrada melhora de repente: foi alargada e, em parte, drenada; é o Brasil *versus* Inglaterra, e lamento dizer que a Inglaterra perdeu.

À esquerda, ficava a junção com a estrada real de Caeté⁴ a Gongo Soco; mostraram-nos o local da cidade, na base da serra da Piedade. Senti não termos tempo para visitá-la; a igreja é famosa em toda a província e a localidade produz cerâmica de qualidade superior, de uma argila azul, que, quando queimada, toma uma cor levemente cinzenta. Mas já tínhamos visto, e ainda havíamos de ver, muita igreja e muita cerâmica.

O lado sueste da cadeia é enriquecido pela abundância de chuvas da face ocidental; estávamos penetrando no verdadeiro “mato dentro”, a formação florestal do interior. É a quarta região, ficando a oeste dos campos, da serra do Mar e do Beira-mar; neste paralelo, estende-se a oeste, rumo ao Serro, ou verdadeira formação diamantina, que atinge o fértil vale do São Francisco. Originalmente, a expressão “mato dentro”, que ainda se aplica a muitas localidades, descrevia as seculares florestas que ficavam “dentro” ou no interior das montanhas relvosas e das campinas. Essas matas virgens de há longo tempo foram abatidas, em muitas partes, e sucedidas por uma segunda vegetação de árvores altas, matos enfezados e terras estéreis cobertas de fetos.⁵ Aqui e ali, contudo, permanecem vastas extensões da floresta primitiva.

Mr. Walsh⁶ admite seis regiões ou variedades de superfície, acompanhando a rota que seguiu. São: 1. Beira-mar; 2. Serra acima; 3. Campos; 4. Serras rochosas metalíferas, uma “Arábia rochosa”; 5. O Mato Dentro, que ele descreve como “elevações modestas, cobertas de bosques e vegetação arbustiva, freqüentemente cortados por fetos e sarças”; 6. “Picos eriçados e montanhas cônicas de granito nu”, significando itacolomito granular ou quartzoso.⁷ No vale cisandino do rio Amazonas, Mr. R. Spruce encontrou cinco séries distintas de vegetação, independentes da verdadeira distribuição dos cursos de água e, de certo modo, da constituição climática e geológica da região. São elas: 1. as florestas ribeirinhas, que vivem submersas durante muitos meses do ano; 2. as florestas recentes; 3. as florestas baixas ou brancas (caatingas?), remanescentes de uma vegetação antiga e altamente interessante, que está sendo invadida pela mata mais forte; 4. as florestas virgens ou grandes florestas, que revestem as terras férteis, situadas fora do alcance das inundações; e, finalmente, os

campos ou savanas, regiões de cômoros, clareiras e depressões cobertas de gramíneas e vegetação de cerrado.

Paramos, para admirar a “floresta fechada”, essa pompa e portento da Natureza, essa vegetação completamente desordenada, através da qual o sol dos trópicos lança raros raios de luz dourada, e que conserva a penumbra, mesmo ao meio-dia; vista de cima, a folhagem verde apresenta colinas amarelas, picos rochosos cinzentos e serras azuis, pontilhando o fundo nevoento, enquanto a base é uma sombra impenetrável. A superfície, completamente destituída de drenagem e de reparos, é uma terra solta de floresta, uma camada de húmus macio, esponjoso cor de chocolate, a terra de folhas, troncos e raízes, na qual o caminhante robusto está sujeito a enterrar-se até os joelhos. Depois de caminhar ali, o homem aprende a detestar a idéia de trilhar os caminhos abertos pela Natureza. Essencialmente desnivelado, o terreno é um sistema de sombrios vales em declive e ravinas profundas e abruptas, vestidas de dupla sombra, aqui calçadas de lama, ali cortadas por um frio regato rolando suas águas cristalinas em degraus de pedra e leitos de areia pura, pedrinhas redondas e lajes. Em alguns lugares, a paisagem se modifica com penhascos, em outros com precipícios a pique, de ambos os lados e, ainda em outros, esqueleto pétreo irrompe através da epiderme do chão. As diversas partes revelam um subsolo rico de argila vermelha, envolvendo blocos de granito, gneiss ou diorito,⁸ ou disposto em camadas de argila, que descansa, como na Cordilheira Marítima, em uma base de rocha. Seu clima é, durante o dia, um calor sufocante e úmido, que provoca uma transpiração fria ao menor esforço. Os raios solares raramente atingem e jamais aquecem o solo lamacento, e as copas das árvores privam a terra de chuvas completas. As noites e as manhãs são frias e úmidas; e, durante as tempestades, a eletricidade é excessiva. As febres são freqüentes, e os poucos seres humanos que vivem na “verde mata” constituem uma raça doentia, magra e pálida, curvada e estiolada, como se estivesse acabando de sair da Casa de Correção.

A altitude do Mato Dentro é a da Cordilheira Marítima; o clima é semelhante, e, em consequência, há uma semelhança familiar na vegetação, que é alimentada à farta por carbono abundante, chuva em quantidade e sol tropical. Os sonhos dos séculos III e XII, que, revivendo as hamadriades, restauraram os espíritos humanos das árvores, aqui parecem realizados; tudo que cresce luta e combate pela querida vida, como se dota-

do de paixões animais e energia bestial. Nas clareiras, onde os baluartes de verdura se delineiam, surpreendemo-nos ao notar muitas peculiaridades da floresta equatorial. Os esguios troncos das madeiras de lei plantam-se no solo como mastros: as árvores de madeiras mais leves têm gigantescas raízes fabulares que se elevam de dois a três metros acima da superfície do solo. As paredes das chanfraduras seriam capazes de abrigar uma companhia de soldados; essas raízes, aqui, como na África, podem ser, facilmente, convertidas em pranchas, e os índios, segundo nos ensina um velho missionário, usavam-nas como gongo, para chamar os extraviados, martelando-as com machadinhas. Os troncos ficam brancos de estiolamento, avermelhados com os líquens e musgos ou manchados de uma vegetação de um carmim resplendente.⁹ Levantam-se como uma paliçada contra o fundo de sombras e muitos deles são tão altos que, embora a seta do índio alcance o seu tope, o tiro de uma espingarda de caça não o conseguirá. Esses troncos avançam, sem galhos, antes de se espalharem, o mais alto possível, o que é melhor para a luta pela vida, privando seus vizinhos mais fracos dos bons raios solares, do ar, da luz e do calor. A disposição dos poucos ramos também varia de acordo com o formato e o colorido da folhagem; alguns, os das mirtáceas, por exemplo, são maravilhosamente simétricos; outros, os das malváceas e das euforbiáceas, são pitorescamente irregulares; o resultado é uma bela e maravilhosa complicação. Muitas espécies, ousado aventurar, são desconhecidas. As mirtáceas e leguminosas são as mais numerosas; a aristocracia é representada pelos gêneros *Hymenaea*, *Bauhinia*, pelas figueiras gigantescas, Lauráceas altaneiras e colossais, bignônias, que fornecem as madeiras mais fortes. As mais belas são as acácias, as mimosas, as lasiandras e as esbeltas palmeiras, que se curvam, no alto, em sedosas folhas. O proletariado é representado por outras, cássias carregadas de tufos de flores, helicônias, palmeiras baixas, begônias, agaves, muitas espécies de cactáceas, arundináceas e vários bambus, muitas vezes com 13 metros de altura, desarmados ou terrivelmente espinhosos. Estes formam tufos impenetráveis, que só o peso de um elefante conseguirá romper; o caçador tem de abrir, penosamente, caminho com o facão, e sente-se tão seguro como se estivesse alojado em uma jaula vegetal.

O número, a variedade e a beleza das flores distingue essa floresta brasileira das mais simples, embora ainda belas, das regiões temperadas, Canadá e estados do norte dos Estados Unidos. A superfície geral é um

sistema de maravilhosas cúpulas, cobertas de pontos brilhantes de luz, fulgurando como pedras preciosas vegetais. Estávamos no outono, mas o tempo frio, como na África, assume as funções da nossa primavera, e, assim, a primavera e o outono misturam seus encantos. Algumas árvores ainda estão despidas de folhas, outras se cobrem de folhagem acinzentada ou amarelada, ao passo que outras, ainda, se colorem de matizes róseos e vermelho brilhante. A cor normal é um verde escuro; todas as tonalidades de verde, contudo, aparecem, desde o verde apagado do alho-porro até o verde vivo da esmeralda. Enquanto muitas árvores estão cobertas de frutas, muitas outras estão cobertas de flores, e, nesse ponto, também, se manifesta uma variedade infinita. As flores cor de ouro e de púrpura são as que primeiro atraem a vista; não há falta, contudo, de flores azuis e brancas, róseas e roxas, carmesins e escarlates. Todas elas carregam de perfume a atmosfera úmida e pesada, e, mais uma vez, a variedade se faz sentir, a variedade de cheiros, desde a fragrância da baunilha e do cipó-cravo até o pau-d'álho, que espalha o cheiro que lhe dá o nome por cem metros em torno.

O aspecto mais surpreendente da floresta é, talvez, representado pelas plantas epifíticas, aéreas e parasitas. O fraco envolve o forte, dos pés à cabeça, em eriçadas massas ascensionais e o esconde em pilares de verdura, semelhantes aos ciprestes. Mesmo os mortos são abraçados pelos vivos que os galgam, agarram, abraçam, sufocam, e sobem até o alto, para cultivar de mais perto possível o Sol e o Éter.* Todo tronco alto, magro, cadavérico, esbranquiçado com a idade e chorando tristemente suas glórias passadas, é cingido e coberto de folhas, abafado e coroado com uma planta estranha, que suga, como vampiro, sua seiva, até que essa se mistura com a sua. As menores fendas ou irregularidades no tronco ou as axilas das folhas são imediatamente aproveitadas pelo estranho, que vive à custa da árvore e assiste à sua morte. Cada ramo nu é ocupado por linhas de flores vistosas e folhas viçosas de brilho metálico. Assim, cada venerando ancião da floresta virgem é convertido em uma estufa, um jardim botânico, um pequeno mundo, contando com uma grande variedade de gêneros e espécies, admiráveis na diversidade do aspecto, e vestidas de centenas de cores – e, em verdade, pode-se dizer que, aqui, um simples tronco apresenta formas mais variadas que uma floresta na Europa.

* Esta é, realmente, a palavra usada no original. Deve entender-se que significa espaço ou a atmosfera envolvente. (M.G.F.)

Via de regra, as orquídeas não são tão abundantes nas florestas do interior como nas mais próximas do mar, onde pendem das árvores com tufos de rosas e perpétuas. Os ramos superiores das árvores são mais ricos em cactáceas pendentes e, embaixo, sustentam os fios da bizarra e grisalha barba-de-pau¹⁰ ou *Tillandsia*.* Mais abaixo ainda florescem guirlandas e festões de aráceas, marantáceas e tinhorões, com suculentas folhas cordiformes, verde-escuras. Notável é uma bromeliácea com um cálice vermelho coral e os pontos das folhas passando da cor de chama para o azul arroxeado. Há ramalhetes de flores vermelhas, amarelas e alaranjadas, em espigas e umbelas, ora como o lírio, ora fazendo lembrar o jacinto; apertam-se umas contra as outras, e, algumas vezes, uma espécie enraizará em outra espécie diferente. As trepadeiras são bauínias lenhosas, paulínias e banistérias, misturadas com convôlvulos e ipoméias cobertas de flores azuis, muito parecidas com o nosso convôlvulo comum; a baunilha, cujas vagens aqui alimentam os ratos; a granadilha, cheia de “maçãs”, e uma variedade da esquisita e vistosa flor-da-paixão.** Muitas delas, ampeliáceas, aristolochiáceas, malpigiáceas e outras, são famílias que pertencem a este Novo Mundo, ou nele se desenvolveram melhor, e cada uma delas dividida em muitas espécies. As lianas lenhosas, que se assemelham às parreiras, estendem sobre as matas as hastes de gigantescas folhas planas, dispostas com intervalos, como da hera anã da Inglaterra. Não poucas delas são espinhosas e o povo acredita que seus ferimentos sejam venenosos. Algumas emitem fibras ou filamentos isolados, semelhantes a um sistema de fios de cinquenta pés de comprimento; outras, variando em espessura de um cordão a um braço de homem, arrastam-se atravessando a estrada. Pendem como as enxárcias estendidas ou rompidas de um navio; outros cipós sobem como jibóias monstruosas pelo tronco, até alcançarem uma altura de onde possam, em

* Trata-se da bromeliácea *Tillandsia usneoides*, também conhecida como barba-de-são-pedro ou barba-de-velho. (M.G.F.)

** A flor-da-paixão é o maracujá, cujas flores têm uma organização tal de seus elementos componentes, que permitia a Frei Vicente do Salvador (1627) uma interpretação místico-poética, ao que parece, pela primeira vez. Seu trabalho só foi publicado em 1887, por iniciativa de Capistrano de Abreu. Nele se encontra escrito que a flor do maracujá “além de ser formosa e de várias cores, é misteriosa, começa no mais alto em três folhinhas, que se rematam em globo que representam as três divinas pessoas em uma Divindade, ou (como outros querem) os três cravos com que Cristo foi encravado, e logo abaixo do globo (que é o fruto) outras cinco folhas que se em uma roxa coroa, representando as cinco chagas e coroa de espinhos de Cristo Nosso Redentor”. (M.G.F.)

segurança, lançar suas copas de folhas e flores viçosas. A mais breve descrição de suas variedades ocuparia páginas e páginas. As evoluções que executam parecem não seguir regra alguma, no que diz respeito ao Sol, embora o lado meridional das árvores, como na Europa o lado setentrional, distingua-se, em geral, para um crescimento mais viçoso de musgos e líquens. Nosso velho conhecido, o cipó-matador (*Clusia insignis*, mata-pau), serpenteia como um cabo em torno da árvore que asfixia. Muitas das trepadeiras descem pelos troncos e se enraízam de novo, ou correm ao longo de um rei da floresta abatido e inçam em procura do apoio mais próximo; alcançado este, descem outra vez, e, assim, cobrem a floresta com um cordame maravilhoso em contrastes e complexidades. Mais embaixo nas árvores, ficam pendentes as frondes de fetos delicados, que são plantas tanto terrestres como aéreas, crescendo em cada rochedo e dando vida à pedra. Nos lugares brejosos, vêem-se exemplares do *Equisetum* semelhantes a palmeiras, que facilmente se elevam acima de um homem a cavalo. Os fetos arborescentes¹¹ são descendentes dignos das calamitáceas, feixes de fibras, de cerca de 15 metros de altura; os olhos fixam-se com prazer no tipo “antediluviano”, comparando a delicadeza dos folíolos pendentes e ondulados com a altura e rigidez do tronco; muitas vezes, além disso, armados de ameaçadores espinhos.

Essas florestas virgens apresentam outros perigos, além das febres e sezões. É necessário atravessá-las com cuidado. Muitas vezes, algum velho tronco canhestro, que terminou seus dias de vida, cai, com estrondo terrível, arrastando consigo um pequeno mundo. Onde o terreno é muito “acidentado”, a densa e enorme vegetação dos níveis inferiores adelgaça-se em cima, formando uma fina e espinhenta caatinga ou carrasco, onde os ventos não entram. Durante as prolongadas chuvas tropicais, o abrigo das árvores é de pouco valor; a princípio só chega à terra um fino borrifo, mas, em breve, a água começa a cair em grandes gotas e pequenos jorros. Muitos problemas preocupam seriamente os botânicos; a floração só é encontrada no alto das árvores, e a madeira é tão dura, que se gasta, facilmente, um dia para se abater um exemplar de árvore. O mesmo se dá com as plantas epifíticas, que, levadas de lugar a lugar, pelos ventos e pelas aves, crescem, em sua maior parte, fora do alcance de uma escada.

Glorioso aos raios solares, o mato dentro torna-se fantástico e misterioso quando a lívida luz avermelhada vem das nuvens do poente,

caindo sobre a vigorosa folhagem verde-azeitona. É especialmente interessante quando a tempestade torna mais soturnas as profundidades dos nichos e faz destacar, de chofre, a sua solidão sombria. A floresta é pobre em grandes animais; as espécies maiores são as menos abundantes; como na África Equatorial, o inanimado não admite a presença do animado; devemos, portanto, procurar caça nos lugares em que os limites da floresta encontram os campos cultivados. Por outro lado, a mata é desagradavelmente rica em vidas menores. E, assim como vemos formas vegetais que vão dos criptógamos árticos, aos musgos e líquens que se agarram aos rochedos, que são cobertos de bromélias tropicais e que as palmeiras sombreiam, assim também ouvimos o grasnar do gavião, o grito do galo e o martelar de muitos pica-paus,¹² combinados com o vozerio do papagaio e o do periquito,¹³ e o badalar da cotinga, no alto das árvores. “Ubi aves ibi angeli”, diziam os antigos, e gostamos dos bípedes plumosos, não por si mesmos, embora sejam amáveis “per se”, mas porque a sua presença indica a do homem. Nem nos devemos esquecer, ao noticiarmos as “harmonias naturais” daqueles palácios de verdura, a música dos “sapos cantores” nos brejos, e os concertos de rãs, realizados na água e na grama, na terra e em cada árvore caída. À distância, é um recitativo constante, com baixos trêmulos, interrompidos, às vezes, por uma passagem em “staccato”, que se parece com o grito de uma criança, o ladrido de um cão ou a pancada do malho na bigorna. Mesmo, porém, a lista das vidas menores, das bruxas e borboletas, besouros e abelhas, mosquitos e os abomináveis maribondos, iria nos retardar demasiado – não chegaríamos a Gongo Soco esta noite, ou neste capítulo.

Quando avançávamos devagar, pela aléia sombria, admirando a cena “verde escura” e a luz solar

... dividida em contornos escarlates,
em meio a palmas, fetos, precipícios,

ouvimos uma voz jovial gritar atrás de nós: “Ô de casa!” Viramo-nos, e reconhecemos o diretor da mina de Cuiabá, Mr. James Pennycook Brown, que já nos fora apresentado.

De barba hirsuta e cabeleira branca
Ele avançava, como um meteoro.

Avançou, até nos alcançar. Depois de cordiais cumprimentos, apeamos para caminhar a pé; a estrada, margeando vales profundos e emara-

nhadas ravinas, mostrou-nos muita coisa bela e sublime, mas era por demais lamacenta, íngreme e escorregadia – bem pouco cômoda, em verdade. Em Cantagalo, o mais alto serviço de mineração abaixo da linha divisória das vertentes, entramos na “canga”, aqui uma incrustação de hematita marrom. Esse material cobre o chão, formando saliências que se projetam como beirais de telhados; abaixo dela, fica a pedra argilosa ou jacutinga, com ou sem ouro.

Descendo o morro, avistamos, através da avenida de árvores, Morro Agudo, um pequeno pico, azul pela distância e situado no nordeste. Ali, na paróquia e distrito do São Miguel de Piracicaba, um afluente a dez ou doze léguas do verdadeiro rio Doce, fica a fundição de ferro do M. Monlevade, um colono francês da velha escola. Embora octagenário, ele trabalha mais que qualquer um de seus vizinhos, e fornece à Grande Mina, apesar da distância de oitenta milhas, as cabeças de martelo para os pilões de trituração e outros artigos pesados. Seus escravos são bem alimentados, vestidos e alojados; como forma de pagamento, eles aproveitam o domingo para lavar ouro no córrego e muitas vezes fazem 1\$000 durante o dia; se tiverem de trabalhar dia-santo, recebem uma pequena quantia, a título de indenização.

Ao aproximarmos-nos do sopé do morro, viramos, abruptamente, para uma ladeira à esquerda. À nossa direita, ficava um enorme poço vermelho e amarelo, de onde havia sido retirado o material aurífero. Depois surgiu, do outro lado, a parte alta da mina antigamente famosa. O elevado morro, rasgado e revirado como se tivesse havido um desabamento, mostrava um enorme buraco negro, que dava a impressão de que se jogava carvão lá dentro; e, no fundo, havia um corte como os que se fazem nas estradas de ferro do Brasil. A superfície, ao pôr-do-sol, parece cor de fuligem. Na parte ocidental, fora aberta a galeria Lyon, outrora a mais rica, e Gardner talvez ainda tivesse razão em afirmar que, a cerca de meia milha a leste da boca da mina, o leito aurífero se estreita em um ponto, mas, “para oeste parece inexaurível”.

Seguimos as águas borbulhantes do Córrego do Gongo Soco, até chegarmos ao serviço atual. Tudo é feito em escala muito pequena, limitando-se a remover os suportes que foram deixados, limpar as margens das estradas e retomar, sempre que possível, partes do serviço antigo. Dezoito pilões, um feitor e alguns negros eram todos os sintomas da indústria atual.

A propriedade, que tem uma milha na direção leste a oeste e cerca de meia milha na direção norte a sul, produz hoje, ao que dizem, cerca de dois quilos por ano, e o comendador, segundo se acredita, está disposto a vendê-la por um preço muito moderado.

Os fantasmas do Capitão Lyon e do Coronel Skerrett devem assombrar essa Auburn da “Barbária Ocidental”, outrora tão rica, e hoje tão decadente. É melancólico ver ruínas em uma terra jovem, cabelos grisalhos em uma cabeça juvenil. O enorme depósito pintado de branco, à esquerda do caminho, está fechado, as hortas e jardins foram estragados pelos porcos domésticos, as excelentes estrebarias estão em ruínas, enquanto dos remanescentes das senzalas, pretos cegos e aleijados saíram para receber moedinhas de Mr. Gordon, ao passarmos. A Casa Grande do “Senhor Alto Comissário”, do tamanho de muitos palácios de verão da Europa, está dolorosamente abandonada, e, embora o lugar ainda seja sede de uma capela, a torre da igreja caiu. O portão em arco de pedra, limite oriental dos terrenos da mina, ainda está de pé, mas o vestiário, onde os trabalhadores mudavam a roupa, desapareceu.

Contrastando com toda essa ruína, havia a prodigiosa vitalidade da Natureza. Uma figueira se espalha, verde e viçosa, do meio de uma pedra,¹⁴ que poderia ter sido uma mesa de titãs ou um sarcófago de faraós. Tem uma forma regular, com 20 metros de comprimento por 5 de largura e cerca de 1,5 de altura; é formada de ferro e argila pesadamente laminada. Essa “Pedra do Barão” não poderia ser uma *“sine nomine saxum”*. Outra árvore, uma canela (*Laurus atra*, uma laurácea), teve permissão de permanecer perto da entrada da gruta. O falecido Barão de Catas Altas costumava ali amarrar o cavalo, em seus dias de pobreza, e, quando vendeu a propriedade para os ingleses, exigiu que a árvore fosse poupada.

Descemos, então, o belo vale do córrego do Gongo Soco, que tem cerca de quatro milhas de extensão e metade de largura. À esquerda ou ao norte, fica a serra do Tijuco, coberta de mato espesso, de terreno altamente ferruginoso e aurífero, a mãe do ouro, em verdade. À direita, fica o vale do córrego, e meus amigos mostraram o lugar onde a profunda galeria para drenagem da mina deveria ter sido aberta, ao nível da Casa Grande. O fundo é revestido de mato e moitas de arvoredos; as encostas ondulantes, cobertas de capim, mostram pedras que aparecem à superfície, a oeste; o

alto das elevações é coberto de cerrados e a paisagem está enquadrada em um semicírculo de montanhas.

Outra volta para a esquerda, ao longo da encosta do morro, mostrou-nos o rio Gongo de muitos nomes. Começa como Socorro; torna-se Barra do Caeté, São João do Morro Grande, e finalmente, Santa Bárbara, onde se junta com o grande Piracicaba e deságua no rio Doce, vindo de oeste. Sobre seu vale, vimos as casas espalhadas que formam a povoação de Tabuleiro Grande e, mais ao alto, fica o velho povoado, com a capela do Socorro, que dá nome à depressão. O córrego segue, como um fio de prata, num leito negro de jacutinga degradada. Para além dele, uma estrada branca serpenteia, galgando a montanha, até um pequeno lago no alto, chamado Lagoa das Antas. Essa lagoa, segundo as informações, não tem sangradouro, é rasa junto às margens e profunda no meio; suas antas ou tapíres e seus jacarés não tardaram a ser exterminados pelos mineiros, que se valiam de suas águas para lavar o ouro furtado, mas ainda restam sanguessugas, um tanto menores que as importadas.

Estávamos cansados, depois de nosso longo dia de neblina, chuva, sol e muitas emoções; o frio tornara-se cortante, e minha esposa declarou que estava convencida de que o lugar de pouso não passava de um mito. No entanto, longo como a avenida de choupos da velha estrada francesa das diligências, o caminho avançava, sinuoso, sobre um solo de ferro, na margem esquerda do rio Gongo. Às seis da tarde, chegamos ao nosso destino, a Fábrica da Ilha, pertencente ao Sr. Antônio Marcos; seu genro, Sr. João Pereira da Costa, recebeu-nos com a habitual hospitalidade brasileira, e não perdeu tempo em nos fornecer aquilo de que mais necessitávamos: mesa e cama.

Coligi de Mr. Gordon e outros as seguintes informações acerca de misteriosa jacutinga.¹⁵

O nome, evidentemente, é derivado da conhecidíssima “penélope”¹⁶ chamada jacutinga (*P. Leucoptera*) por causa das manchas brancas no penacho da cabeça e nas asas pretas azuladas. Essa substância de ferro negro, com brilho metálico, brilha ao sol com a mica argentífera; os pedaços grandes muitas vezes se mostram de um marrom escuro avermelhado, mas se reduzem a um pó quase negro. Os materiais constituintes são o xisto de ferro micáceo¹⁷ e o quartzo friável, misturados com ferro es-

pecular, óxido de manganês e fragmentos de talco. Pedacos dessa última substância, de tamanho suficiente para pequenos caixilhos, ocorrem em ardósia argilosa azul. A base rochosa em Cocais é um fino peróxido de ferro micáceo (ferro especular). Essa base jamais foi atingida em Gongo Soco, e não se sabe qual seja o forro interior. Pode ser ferro especular, pois o material oligístico é encontrado em pequenas porções, e foi triturado para retirada de ouro livre.

Grande parte da jacutinga é foliada e forma, sob pressão, cristais oblongos e esferoidais, nunca perfeitos. Mostra grandes diferenças de consistência; algumas vezes, é dura e compacta como a hematita, e, assim, deve ser triturada como o quartzo. Às vezes, apresenta-se porosa e gordurenta, não mais dura que a greda de pisoeiro; pode ser facilmente umedecida e pulverizada, mas é difícil de secar. O ouro é separado pela lavagem, sem dificuldade, e purificado com ácido nítrico. Não vale a pena remover todo o corpo do filão, sendo preferível, portanto, o trabalho em galerias subterrâneas. As linhas e veios podem ser acompanhados com picaretas, não se fazendo mister as explosões. O conteúdo fornece um minério de ferro macio e pulverizável, que exige pouco trabalho para britagem e pulverização, e o “ouro de linha” assim encontrado é de qualidade superior. Muitas vezes, seguindo os filamentos que se irradiam para todas as direções, vindos de um centro comum, os mineiros encontram um núcleo ou pepita de grande tamanho, mas inferior, em qualidade, ao ouro de linha e perdendo mais na fusão. O ouro em Gongo Soco era de 19 a 20 quilates. Alguns descrevem o ouro como amarelo-escuro com paládio, outros dizem que muito tingido pelo ferro e de cor semelhante à do chumbo. Vi algum cor de bronze brilhante e, às vezes, vermelho-pardacento, como cobre trabalhado e não polido.

Evidentemente, Gongo Soco não foi adiante, porque se sabia tudo acerca da jacutinga. Naquela mina, porém, o ouro era livre e o furto era enorme, alguns dizem que até metade por dia. Conta-se de mineiros que saíam aos domingos levando espingardas cheias de minério furtado, e de latas de biscoito que entravam vazias na mina e, às vezes, saíam levando quinze quilos do precioso pó. Há ainda muito tesouro oculto, e, de vez em quando, os que têm sorte encontram pequenas fortunas em potes e garrafas. Explica-se que Gongo Soco significa: “o gongo, ou a campainha, que não toca”. Os brasileiros traduzem por: “Esconderijo dos Ladrões”.

NOTAS DO CAPÍTULO XXX

1. As variedades comuns, mencionadas por Koster e outros, são: o tatu-bola (*Dasytus tricinctus*), cuja carcaça, graças às juntas, permite ao animal enrolar-se, como um porco-espinho; sua carne é muito delicada e comparável à do leitãozinho que ainda mama; o tatu-verdadeiro (*D. novemcinctus*) é uma espécie maior, que não pode enrolar-se; o tatu-peba ou greba (*D. gilvipedes*), que dizem ser antropófago, e o tatu-canastra (*D. gigas*).
2. O agricultor brasileiro, como já disse, tem um nome diferente para cada espécie de vegetação que cobre as vastas terras do país, e, também, distingue, com cuidado, os diferentes tipos de solo.
3. Isso é positivamente afirmado por José Bonifácio (p. 14, *Viagem Mineralógica*).
4. “Caa-eté” ou “caa-reté” significa, literalmente, mato de verdade ou muito mato, aplicando-se, portanto, ou à mata virgem ou ao mato-dentro. Muitos lugares do Brasil têm esse nome, que também é apresentado, no vernáculo, como capão bonito.
“Caeté”, derivado das mesmas raízes, é também uma planta de folhas largas, semelhantes às da alface, com três a cinco palmos de comprimento, que cresce em terras ricas e úmidas. Os índios fazem dessa planta invólucros para suas provisões, como a farinha de guerra, por exemplo; os tropeiros brasileiros torcem as folhas, como um cone de papel de embrulho, e bebem água nesse copo rústico.
De “Caeté”* vem, ainda, o nome do porco selvagem sul-americano, chamado “caetetu”; a última sílaba é “suu” (também escrita “suia” e “sôo”), mudada, por eufonia, para “tu”, e, assim, a palavra quer dizer, literalmente, “caça da mata virgem”.
5. “Toda essa terra se cobre, depois de meia dúzia de plantações, de um feto (*Filix*) a que chamam ‘sambambaia’, ‘o que acontecido desamparam a terra’”, diz o Dr. Couto (p. 80).
6. Vol. ii, p. 229-312.
7. O leitor deve ser advertido de que essas regiões não são, sempre, distintamente marcadas: por exemplo, as serras metalíferas se alternam com o mato-dentro.
8. Nos vales, ravinas ou escavações, essas formações sugerem “o escorregamento de penedos”. Infelizmente, o solo das ravinas e os “tors” (*roches moutonnées*) não são “vestidos de gelo”, ou, pelo menos, ainda não foram observadas superfícies riscadas ou estriadas, polidas ou

* Dicionários modernos como o *Novo Dicionário Aurélio* não grafam dessa maneira tal palavra, mas sim caititu; o *Grande Dicionário Brasileiro Melhoramentos* apresenta as duas grafias, explicando, todavia, o verbete, sob a grafia caititu. (M.G.F.)

com sulcos. O Professor Agassiz, o pai da teoria glacial, observa (*Viagem ao Brasil*, p. 88-89): “Não vi um traço de ação glacial, propriamente dita, se as superfícies polidas e estriadas é que têm de ser consideradas, especialmente, como tal.” Agassiz atribui a ausência de estriação e “espelhos de fricção” à “decomposição anormal da rocha superficial, que indica um novo fator geológico, ainda não discutido em nossas teorias geológicas”. Ele acredita que as chuvas quentes, caindo sobre o solo aquecido, exercem uma ação poderosa para acelerar a decomposição das rochas, e compara-as às torrentes de água quente ferindo, por longos períodos, as pedras aquecidas.

Poucos viajantes brasileiros aceitam essa explicação para a ausência de estrias e polimento. Todos os que aqui residem concordam em dizer que, neste país, a pedra dura usada nas construções, e para outras finalidades subaéreas, sofre notavelmente menos em consequência das alterações atmosféricas do que acontece na Europa. E não é fácil compreender porque a chuva quente, molhando superfícies aquecidas, as afetaria mais poderosamente do que a tremenda força de gelos e degelos alternados das chamadas regiões temperadas. É prematuro, contudo, discutir a questão do “revestimento do gelo” no Brasil; o martelo deve ser usado livremente *in situ*, antes que qualquer teoria possa ter valor.

9. John Mawe levou para a Inglaterra algum desse líquen, e tentou, mas em vão, utilizar a tintura.
10. Também conhecida como barba-de-velho; fiz alusão, a essa planta, no Capítulo 3.
11. Não posso dizer que, no Brasil, os fetos arborescentes tenham um campo limitado; encontrei-os em toda a parte, nos climas úmidos, desde o mar, até a mais de 1.000 metros de altitude.
12. Especialmente o *Anabatis erythrophthalmus*; o *A. atricapillus* e o *A. leucophthalmus*, ave castanho-avermelhada, com um grito característico; é descrita pelo Príncipe Max, iii, 32 e iii, 43.
13. Papagaios são raros nesta região, e a arara, esse lindo ornamento da floresta virgem, foi exterminada.
14. Aqui chamada lapa, que, ordinariamente, designa uma gruta. É nossa “leh” ou “lech”, como ocorre em “Crom-leh”, “pedra amassada” ou “deformada”. Nesta parte de Minas, aplica-se, genericamente, à ardósia argilosa dura.
15. Tenho motivos para acreditar que existam formações de jacutinga no Condado de Habersham e na extremidade nordeste da Geórgia.
16. Essa bela e saborosa ave de caça tem muitas variedades, especialmente o jacu-açu (grande), o excelente jacu-pema, de cor escura, que o Príncipe Max escreve jacupemba (*Penelope Marail*, Lin) e o jacu-caca, o menor de todos. Ferreira diz que jacutinga (branco) é “de cor preta” mas com manchas brancas nas asas e na cabeça.
17. Mr. Walsh aplica a expressão “formação preta” a essa canga, mas os brasileiros não a usam. Também chama a jacutinga de “corpo de formação”, que é uma expressão usada na mineração de diamantes, e não na de ouro.

.....

Capítulo XXXI

VIAGEM A CATAS ALTAS DE MATO DENTRO

*E onde, estulto Velho, onde acharemos
o céu de Niterói? As férteis plagas
Do nosso Paraíba? E as doces águas
Do saudoso carioca...?
Confederação dos Tamoios, Canto IV*

Dormimos confortavelmente na fazendinha. Era a habitação comum do interior, um terreiro usado pelos negros e animais, uma escada de madeira levando à “sala” ou quarto dos hóspedes e, por trás, o gineceu e a cozinha, que são lugares interditos, a “sancta” da Dona. A sala da frente tem uma mesa de madeira, sempre quinze centímetros mais alta do que devia, um banco ou dois para os mais humildes, e uma dúzia de cadeiras com assento e encosto de palhinha; são famosas como estragadoras da roupa e um instrumento de tortura para quem se lembra do divã. As paredes, desprovidas de papel, são enfeitadas com troféus de caça, armas, arreios de cavalo, estampas da Virgem, dos santos, de velhos portugueses ilustres, do Sítio de Arronches, do Napoleão Bonaparte; às vezes, há um espelho e um relógio ianque, alto e magro; e, nos lugares mais atrasados, há um oratório portátil, edição reduzida de um altar, com 60 centímetros de altura, alojando santos padroeiros de tamanho proporcional, estampas, flores e ramalhetes; defendem as pequenas quantias e os poucos valiosos objetos que lhes são confiados pelo dono da casa. No chão sem tapete, há, muitas vezes, um grande pote de barro com água, com uma tampa de madeira, e uma caneca de lata, a fonte dos sedentos. A família dorme na parte de dentro e o quarto dos hóspedes dá para a sala; essas alcovas sem janelas – não havendo necessidade de luz à noite e durante a sesta – são exatamente as que Roma deixou

como herança a suas filhas, Portugal e Espanha. Cada uma tem uma ou duas camas ordinárias¹, forradas com esteira, couro ou tábua, e um colchão recheado de capim ou palha de milho. As roupas de cama são, geralmente, boas, sempre limpas, e as fronhas têm rendas nas extremidades. A sala de jantar fica, muitas vezes, no interior da casa, onde o elemento feminino, ajuntando-se atrás das portas, pode ver o estranho, sem ser visto. Uma das peculiaridades da mesa é a absoluta necessidade de uma toalha; mesmo quando se é servido com um prato de feijão, por um hospedeiro negro, em cima de uma canastra de viagem, ele faz questão de estender uma toalhinha. Outra peculiaridade é a presença do paliteiro, de formato esquisito, que aflige a pouca experiência germânica. O povo do nosso país freqüentemente sai de casa com um profundo desprezo pelo pequeno palito, que considera um modo de limpeza pouco higiênico. Em poucos meses, contudo, descobre que o palito é indispensável nos trópicos, mas, não tendo aprendido a utilizá-lo, de modo algum está habilitado a representar um espetáculo edificante quando se entrega a tal prática. Quando a casa da fazenda é térrea, a sala é um lugar de passagem de carneiros e cabras, porcos e galinhas, todos carregados de parasitas; o mesmo se dava nas cabanas irlandesas da geração passada, e os mais ricos fazendeiros não se incomodam com tal coisa, enquanto os meninos e os negrinhos seminus se deleitam em perseguir os animais domésticos a pedradas.

Em conjunto, falta à fazendinha muitas coisas desejáveis à comodidade do viajante. Há, porém, em sua rudeza, uma espontânea hospitalidade, e, se o dono já viajou ou é um homem instruído, mostrará uma boa vontade e uma solicitude pelo conforto de seu hóspede, que nunca encontrei em outro lugar, a não ser no Brasil.

No dia seguinte, visitamos os fornos da Fábrica. Na margem direita do rio Gongo há um afloramento de arenito, inclinado para oeste e sobrepondo-se à jacutinga, que pode ser facilmente transformada, ou em gusa (ferro fundido) ou em lingote (ferro forjado).² Há uma extraordinária riqueza desse material, que me fez lembrar de Unyamwezi, no interior da África; estende-se pela terra, em uma extensão de léguas, e Martius e St. Hilaire concordam que essa parte de Minas é, como Plínio disse do Elba, inesgotável em suas reservas de ferro. O minério contém aqui de 50 a 84 por cento do metal puro, e o que vimos rende 60 por

cento. Que significaria isso na Inglaterra, que tem de se contentar com 20 a 35 por cento?

O interior do Brasil conserva o processo catalão ou direto de tratamento do minério pela fusão simples, atualmente considerado obsoleto nos países mais antigos. Mesmo os monjolos,^{3*} na África Ocidental, e os selvagens “maravé” na África Oriental aperfeiçoaram o método, ajuntando uma chaminé para a tiragem, uma rude espécie de forno arejado.⁴ Aqui, a forja é um grosseiro banco de alvenaria, tendo 3,5 metros aproximadamente de comprimento por 3 metros de altura, com duas ou três bacias em forma de funil, de 30 centímetros de diâmetro, e abertas no fundo, adiante e atrás. Na retaguarda, ficam as tubeiras ou “tuyères”, os buracos de passagem para saída do vapor provocado pela água fria; um rego, caindo através de um tubo grosseiro, força a entrada do ar no tubo e serve para a drenagem embaixo, de onde passa a mover a forja e o martelo-pilão. Infelizmente, o jato de ar não pode ser controlado. O minério é quebrado em pedaços do tamanho aproximado de uma noz, sem prévio aquecimento ou joeiramento, e misturado na proporção de um terço para dois terços de carvão vegetal, mal medidos, por meio de um cesto; a mistura é colocada nas bacias do forno, que são previamente aquecidas e, de vez em quando, é ajuntado carvão vegetal. À medida que derrete, o ferro desce, e a escória e outras impurezas são retiradas, através dos orifícios frontais opostos às tubeiras. O negro encarregado do fogo atiza-o do alto com uma haste e sabe que o processo de fundição está terminado quando a espessa fumaça e a chama azul se transformam em uma labareda branca muito clara.

A abertura lateral no fundo da bacia do forno, que tinha sido fechada com carvão fino, é, então, limpa, e o operário trabalhando com uma tenaz arranca o “tampo”,⁵ que é, não propriamente resfriado, mas antes refrescado, em uma vasilha cheia de água, contendo uma camada de cinza de carvão; tem, então, a aparência de um amigdalito, constituindo o combustível semiqueimado as “passas do pudim”. A escória é rejeitada, mas não há pudelagem para eliminar o abundante enxofre. Esse mineral desaparecerá sob o efeito do martelo, mostrando como é tenaz o minério; se fosse de qualidade inferior, rachar-se-ia. Além disso, o carvão vegetal, combinando-se com o ferro, produziu uma espécie de aço; se fosse usado, no processo, um carvão sulfuroso, o produto quase não teria valor.

* Aqui a palavra monjolo deve se referir a negros de certa nação (ou casta) africana da região ocidental. (M.G.F.)

A última operação consiste em colocar a massa de ferro quente sob o martelo-pilão, onde recebe a forma de um tijolo. Não foi experimentado qualquer processo de refinamento, além do simples reaquecimento, para retirar as impurezas e aumentar a dureza do ferro; ele é, então, colocado de novo sob o martelo e reduzido à forma desejada. É levado para Morro Velho em barras, para ser utilizado na cabeça dos martelos-pilões. Já contei como dura mais, para tal fim, do que o aço inglês. A rudeza e simplicidade do processo, porém, são suficientes para tão excelentes minérios – uma prova é o aço de Damasco, forjado por rudes hindus nas montanhas de Bombaim. Aqui, um melhoramento evidente e fácil consistiria em construir uma chaminé, ou mesmo um cilindro, sobre as bacias, para aquecer a tiragem. Levaria muito tempo convencer aqueles homens a usar o recém-inventado sistema de eletromagnetos.

Depois de um lauto almoço, descemos o vale do rio, guiado pelo Sr. Costa; estava enfeitado com belos figos, do verde mais refrescante. Do nosso lado esquerdo, ficava um afloramento alto, em forma de torre, de pedra calcária granular, misturada com a “lapa”, uma ardósia argilosa dura. A mina mostrava-se em condição desordenada e não cristalizada; em um certo lugar, um veio horizontal irrompia do corpo principal.⁶ Para além desse ponto de solo grosseiramente ferruginoso, havia um terreno esburacado em procura de ouro, agora esgotado. Atravessando o rio Gongo, seguimos por uma rua de São João do Morro Grande, cuja matriz, recentemente terminada, com suas “pimenteiras” e torres redondo-quadradas, tínhamos avistado de longe. A localidade é relativamente antiga, tendo sido elevada a paróquia por carta régia de 28 de janeiro de 1752. A serra de Cocais, alta, escarpada e coroada de nuvens, limita o lado esquerdo do vale, e em sua encosta fica a pequena mina das Gameleiras, onde trabalham nove martelos-pilões, que pertencem ao Capitão José de Aguiar e Coronel Manuel Tomás e irmão.

É curioso observar-se como o solo, perto do rio, foi removido e esburacado durante os últimos cento e cinquenta anos; a população atual de modo algum poderia ter feito tal coisa. A “hidraulização” em larga escala era mostrada por compridas linhas de calhas correndo ao longo das encostas dos morros, à semelhança das margens do rio e das estradas paralelas do tantas vezes citado *Glen Roy*. Acima deles, minas e escavações, aprofundadas pelas chuvas de muitos verões, foram cortadas nos rochedos vesuvianos e crateras de argila vermelha.

Atravessamos o pequeno povoado de Capim Cheiroso,⁷ cujos espantalhos, sacudidos pelos ventos, com os braços estendidos para assustar as aves, faziam lembrar a Suíça. Para além, fica o povoado de São Francisco, onde se encontram três regatos; perto da junção, há uma capelinha de três janelas e uma ponte de madeira, com um pilar de pedra no meio do córrego. A estrada segue, então, um terreno ribeirinho bastante plano, coberto de canaviais, na margem direita do rio Brumado. Tinha um aspecto de terra natal; o ribeirão sem estar transbordando estava cheio – nestas terras, os ribeirões ou estão cheios demais ou secos demais – e, na outra margem, a giesta erguia-se, sem folhas. Chegando à decadente aldeia de Brumado, vimos, à esquerda, a estrada que leva a Santa Bárbara e a Minas de Pari,⁸ e viramos para a direita, rumo à grande casa do Comendador João Alves de Sousa Coutinho. Aquele cortesão aposentado, favorito do primeiro Imperador, proporcionou-nos uma calorosa acolhida e insistiu conosco para que ficássemos.

Estávamos perto da propriedade da “Santa Bárbara Gold Mining Company (Limited)”, a respeito da qual uma parte do público já ouviu falar, certamente. Foi organizada em 1861, para adquirir uma fazenda chamada Mina de Ouro de Pari ou Veio de Pari, no distrito de Piracicaba, paróquia de Santa Bárbara,⁹ da qual fica distante cerca de seis milhas. Seu proprietário, Coronel João José Carneiro e Miranda, a vinha oferecendo, há muito tempo, por £5.000; a propriedade foi vendida por £12.000, sendo duas terças partes em dinheiro e o restante em ações de £1 cada uma. Além disso, foram gastas £18.000, para pôr a mina em condições de trabalho eficiente e construir um canal de drenagem e um novo local de trituração, com 72 cabeças. Desse modo, foi gasta exatamente metade do capital, £60.000.

O incorporador, que visitou a mina em 1855,¹⁰ elogiou-a muito, em seu relatório. O filão, composto de hornblenda, quartzo e piratas de arsênico, corria de norte para o sul, paralelamente à rocha contendo ardósia argilosa.¹¹ Na superfície, a largura era de cerca de 1 metro, mas abaixo alargava-se para 2 a 4. Foi explorado em cerca de 220 metros, mas o nível era raso, mal chegando a 24 metros, e a única bomba que havia era manual. A produção aurífera era superior a 15 gramas por tonelada. Para reforço, em abril de 1963 foi enviado à Inglaterra um relatório de um ex-explorador da mina de Gongo Soco, que tinha trinta anos de experiência no Brasil; o digno homem assegurava aos acionistas que o antigo proprietário, a despeito do

trabalho “grosseiro, imperfeito, ineficiente e, portanto, dispendioso”, conseguiu uma boa propriedade. O corolário é que era um louco em vendê-la! Além disso, o agente principal, cujo filho também era um dos chefes de mineração, informou que estava obtendo 21 gramas por tonelada; outras informações eram, igualmente, favoráveis, sobretudo quando apresentadas, de maneira espontânea, por aqueles cujos interesses locais, tais como um armazém ou uma loja, naturalmente tingiam tudo de cor-de-rosa.

Por outro lado, os fatos foram bastante desarrazoados para provar que a hornblenda, que predomina sobre as formações de pirita, embora apresentada como sendo fácil de brocar, é uma substância extremamente refratária, tornando muito difícil o serviço dos canteiros e neutralizando as propriedades auríferas do quartzo. Depois de seis anos, o agente afastou-se. Os trabalhos estão, atualmente, entregues a um ex-mecânico, dois mineiros ingleses e a alguns pouquíssimos brasileiros. Os escravos saíram e – *“sic transit gloria Sanctae Barbarie!”* A mina, contudo, pode tornar-se rediviva; em tais assuntos, a palavra “impossível” deve ser riscada do dicionário; e ouvi rumores de que a mina vai erguer-se, mais uma vez.

Depois de chuparmos laranjas e bebermos vinho de laranja, despedimo-nos do comendador, deixando-o com aquele extremamente “*entêté*” Mr. Brown. Uma encruzilhada a oeste da estrada real levou-nos a um curto vale de rio, com uma vista encantadora; atravessamos um ou dois lamaçais e vimo-nos em pleno campo aberto e ensolarado. Sempre volto com prazer a estas chapadas puras e arejadas, especialmente depois do encanto da floresta fechada. Há viajantes que se queixam de sua monotonia, mas isso depende do viajante. Como no deserto arábico, os objetos são poucos, exceto para os que saibam onde encontrá-los e olhá-los. E não há coisa alguma indigna de ser vista nas longas ondulações do terreno, manchados, aqui e ali, pelos frutos amarelos do juazeiro, os matos escuros nos pontos baixos e a descida gradual do fundo até perder-se em um horizonte do azul mais puro.

Aqui levantou-se, pela primeira vez, diante de nós, a Serra da Caraça,¹² mais polidamente chamada de Mãe dos Homens. Tínhamos contornado seu contraforte setentrional sem uma clara perspectiva de seu formato e iríamos quase rodeá-la, antes de regressarmos a Morro Velho. Apesar de ter ficado tanto tempo à vista, nunca cansei de admirá-la, apesar do sábio,

Nil tam mirabile quidquam

Quod no minuant mirarier omnes paulatim.

É um espetáculo espantoso, aquele “Carão”, uma enorme massa de ferro, elevando-se a vários milhares de metros¹³ acima das altas chapadas. Suas feições são grotescamente riscadas e marcadas com faixas de quartzo largas e estreitas,¹⁴ traçadas sobre o escuro itacolomito, e, em certos lugares, há traços verticais da jacutinga negro-azulada, marcando a penetrante crosta de ardósia micácea. Depois da chuva da véspera, o minério fora lavado, fazendo com que as ladeiras e precipícios parecessem prata derretida que estivesse escorrendo pela montanha de ferro abaixo, uma espantosa fusão que não se digna de mostrar um sinal de vegetação e que parece erguer-se desafiando para sempre os elementos. A extremidade do sul, onde a camada é quase perpendicular, assume a aparência de uma cabeça de rinoceronte; não faltam os chifres nasais: as partes mais macias da pedra se desgastaram, deixando uma linha denteada de altos picos, como os “órgãos” da baía do Rio. Olhando-se para lá, como estávamos, do oeste, o pico proclama a sua inacessibilidade; é a parede de ferro que Sikandar do Rum construiu contra Yajuj e Majuj em Darband.

Esse pico do Caraça é o verdadeiro pivô e centro das minas de ouro da parte central de Minas, especialmente das de formação piritífera: aberto o compasso para um raio de 0°30' e traçada a circunferência, o círculo será mais ou menos aurífero. A serra foi examinada, botanicamente, por Spix e Martius, seguidos por St. Hilaire; as chuvas que caíam afastaram Gardner do local. Mr. Gordon subiu ao pico pelo lado meridional e encontrou um caminho perigoso, com pedras roladas redondas sobre ressaltos e ao longo de precipícios; o caminho por Alegria, do lado sueste, é também mau. O melhor caminho é o que parte de Brumado, o que acabáramos de ver, galgando a encosta setentrional. No cimo, há um planalto de cerca de três milhas quadradas, com uma lagoa, que se seca no inverno; em torno da margem dessa lagoa, crescem, perfeitamente, verduras e legumes europeus.

Como é habitual nas montanhas mais importantes de Minas, o Caraça foi, durante muito tempo, um eremitério, onde a vida deve ter sido tão animada quanto a que um faroleiro levava há trinta anos. Em 1771, foi iniciada a construção de uma capela, dedicada a Nossa Sra. Mãe

dos Homens, cujo material veio, segundo dizem, de um raio de cinquenta léguas.¹⁵ Perto, havia um mosteiro, ocupado por uma irmandade de onze frades. As obras foram iniciadas por um certo Irmão Lourenço, que pertencia à casa regicida dos Távora. Seu retrato ainda existe no Colégio, e ele é lembrado como um homem digno. Viveu ali até depois de 1818 e, ao morrer, deixou para o rei o eremitério, que foi transformado em seminário. Logo depois, foi organizada a congregação da Missão de São Vicente de Paula pelo Padre Leandro Rabelo Peixoto de Castro, em virtude da carta régia de 21 de janeiro de 1820. O seminário foi decaindo, até que o atual bispo de Mariana, que ali tinha sido professor, voltou à sede, e encontrou muito poucos alunos. O bispo arrecadou fundos para a construção de uma pequena igreja, e para adquirir uma pedra de altar, que permitisse a consagração do templo; e o excelente prelado pretende, segundo dizem, ser enterrado ali. O ora bem conhecido colégio teológico ocupa uma elevação secundária, na parte noroeste do planalto, e, quando foram construídas as residências, a Igreja para lá enviou os professores. O diretor é o Padre Michel Sipolis, que regressara à França, temporariamente; o vice-diretor é seu irmão, Padre François Sipolis, com o qual iremos nos encontrar freqüentemente, e havia outros eclesiásticos, todos homens de elevado grau de instrução.

O caminho que seguíamos estendeu-se, subindo e descendo, através de morros de argila amarela, cobertos de mato, e dentro em pouco chegamos à estrada real que liga Ouro Preto a Diamantina. Essa via de comunicação, a mais importante da Província, parece, naquelas paragens, uma respeitável estrada real; perto da Cidade de Diamantina, torna-se detestável. À direita, ficava uma fazendola, cujas palmeiras, cafeeiros e bambus, maiores que os comuns, indicavam a presença de um clima mais quente.

Ao nos aproximarmos de um ribeirão atravessado por uma boa ponte, o ribeirão do Betancourt, vimos, à distância, um fenômeno que nos intrigou. De longe, arregalando nossos olhos como outros tantos D. Quixotes, distinguimos, não moinhos de vento, mas uma cavalgada de onze irmãs de caridade, com chapéus em forma de asas de borboleta, montadas em humildes mulas, e viajando, como os Peregrinos de Cantuária, em fila indiana, com a escolta de dois padres. Tinham sido mandadas da sede, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, para fundar uma filial em Diamantina. Paramos e dirigimos palavra às *mes soeurs*; infelizmente, a única irmã bo-

nita, e que, além disso, montava a cavalo bem e usava uma amazona apresentável, seguiu para diante, e não tomou parte na conversa. O Padre François Sipolis, levando sua grande cruz de metal, comandava o destacamento, e reconheceu Mr. Gordon, e as irmãs reconheceram minha mulher; os cumprimentos foram joviais e barulhentos. O padre, ainda jovem, viera para o Brasil criança e talvez estivesse aqui há muito tempo; dificilmente poder-se-ia saber sua nacionalidade. A retaguarda compunha-se de um moço de sotaina, de tez esverdeada, e, segundo parece, dotado de dois jogos de olhos, adiante e atrás: lia diligentemente o breviário, e ao mesmo tempo reparava em tudo e em todos. Assim, o sistema do rei de Daomé, de servidores em duplicata, nem sempre é desprezado pelos civilizados e pela Ordem dos Jesuítas, no tocante à ação de seus “apóstolos”. *Misito illos vinos* ainda é praticado no Brasil. Prometi a mim mesmo encontrar-me com o Padre Sipolis em Diamantina; apertamos a mão e despedimo-nos à *l’aimable*.

Depois de avistarmos por muito tempo as encostas do monte, cobertas de capim, atravessamos um lava-pés,¹⁶ sob a forma de um claro regato correndo sobre um leito de jacutinga negra, que nasce no Caraça e constitui uma das nascentes do rio Doce. Os cascos de nossos animais ressoaram no rude calçamento da silenciosa Catas Altas, chamadas de Mato Dentro,¹⁷ muito embora a mata já tenha sido derrubada de há muito. Mr. Gordon tinha mandado seus homens na frente, e encontramos tudo preparado no Hotel Fluminense e Bom Pasto “Feixado”,¹⁸ mantido pelo Tenente-Coronel João Emery. Filho de ingleses e John Bull no aspecto corpulento, só falava, no entanto, português. Como explicou, o rosto era inglês, mas todo o resto brasileiro. É muito comum, neste Império, que os pais se acostumem a falar, em família, seu português arrezado, e, assim, os filhos, com as feições acentuadas e os rostos sardentos do Norte, se mostrem incapazes de responder a uma pergunta feita na língua de seus antepassados.

Do hotel, podíamos distinguir facilmente as escavações feitas na face oriental do Caraça. A camada superior é constituída por uma argila ocreácea de cerca de 7 metros de profundidade, sobreposta a uma fina ardósia micácea, que descansa sobre ferro magnético compacto, e este último tem sido encontrado em muito maior abundância que o ouro. Nos leitos mais baixos, correm os veios de quartzo ferruginoso, que costumavam ser

rachados com fogo e esmagados, em procura do metal precioso. Notamos três enormes escavações, semelhantes a crateras e dispostas em linha, devidamente flanqueadas por duas Casas Grandes. A que fica mais para leste é a Pitangui,¹⁹ a Lavra do Padre Vieira, que pertence a uma empresa brasileira e na qual corre o lava-pés. Próxima fica a Boavista, a Lavra do Francisco Vieira, irmão do padre, que, ultimamente, vem dando algum lucro, e, mais adiante, fica um velho poço inútil, chamado O Machado. Além desses, são mencionados o Brumadinho, o Bananal e o Durão. Foram muito explorados antes de 1801, e a mineração está, atualmente, muito além das possibilidades financeiras dos habitantes. Todos supunham que tivéssemos ido com a intenção de comprar, e revelaram, com a respiração sustida de um magistrado da polícia de Londres recém-chegado de Roma, as imensas riquezas escondidas nas magras entranhas da montanha.

Enquanto se preparava o jantar, visitamos facilmente a cidade, que data de 1724; depois que as minas acabaram, tornou-se muito pobre, e seus habitantes ganham a vida plantando milho e criando gado. Essas simples e inocentes ocupações geórgicas e bucólicas deviam torná-los felizes; mostram-se, porém, tão abatidos como Meliboeus e Corydon, e, como suas vidas vazias não merecem muito serem vividas, vivem muito e custam a morrer. A única rua, além da matriz, de Nossa Sr^a da Conceição, tem três capelas, Rosário, St^a Quitéria e Bonfim. A colunária matriz, que dá frente para uma praça em subida, bem cuidada, é abundantemente pintada; mesmo a balustrada em torno da torre é uma ilusão destinada a não iludir. O interior é extravagante e curiosamente ornamentado, com velhas colunas retorcidas e, havendo novena em perspectiva, com papel picado e colorido estendendo-se do teto ao soalho. As rótulas²⁰ e sacada do vigário, Padre Francisco Xavier Augusto da França, estavam repletas de senhoras que preparavam a festa. Sua Reverendíssima me disse que ia fazer oitenta anos. Por que será que, depois dos setenta, todo o homem tem de nos dizer, inevitavelmente, quantos anos tem, como se fosse a única pessoa do mundo com aquela idade? O padre referiu-se a um paroquiano que falecera havia pouco tempo, com 119 anos, e calcula que seu curato tem 3.900 almas, das quais apenas 490 são escravos.²¹

NOTAS DO CAPÍTULO XXXI

1. Aqui chamadas “catre”, evidentemente uma corruptela do hindustâni “khatli”.
2. “Parece, contudo, que o carvão aqui sempre escapa no primeiro caso (?), deixando, como diz Mr. Bird, um ferro maleável muito fino, superior a qualquer um jamais visto nos fornos ingleses” Mr. Walsh (ii. 206).
3. V. Cap. 24.
4. Um desenho da forja de marave aparece em *O Muata Cazembe* (p. 38), diário da Expedição Portuguesa de 1831-1832. (Lisboa, Imprensa Nacional, 1854). Não podemos nos surpreender muito com o primitivismo do processo brasileiro. Nos tempos da colônia, o povo estava proibido de fundir sequer 30 gramas de ferro, caminhava em cima do ferro, mas era obrigado a importá-lo de Portugal.
5. Esse tampo de ferro maleável é chamado, geralmente, de bala e, na região, de “lupa”.
6. A esse respeito, Gardner (p. 494) foi enganado por M. Von Helmreichen, que fez a serra ao norte da mina de Gongo Soco dirigir-se de leste para oeste, e ser “de um caráter primitivo, consistindo de granito a massa de seu centro”. Sobre o granito, ele coloca ardósia xistosa e argilosa aflorando a cerca de 45°.
7. O capim-cheiroso é uma ciperácea, *Kyllinga odorata* (Sist.)
8. “Pari”, cuja pronúncia se parece muito com a do francês “Paris”, é uma armadilha para peixe.
9. Santa Bárbara, na parte ocidental das cabeceiras do rio Doce, fica, segundo os relatórios, de 14 a 15 milhas a leste de São João do Morro Grande, a 20 milhas ao nordeste de Gongo Soco, 24 milhas de Cocais e 54 milhas a nordeste de Morro Velho. Segundo St. Hilaire (I.i. 214), que escreve “Percicaba” ou “piracicaba”, as palavras guaranis “pira-ci-caba” parecem significar peixe preto brilhante.
10. Em 1850, o Dr. Walker informou que o filão se parecia com o de Morro Velho; que era explorado no subsolo, mas apenas durante o dia e que o material era britado, passado em arrastos e triturado da maneira habitual.
11. A contracamada, segundo foi dito, ficava a 54° – 55° leste.
12. Caraça é explicado em português como carranca (*tetricus vultus*) de pedra (*Voc. Port. & Latim* do Padre Rafael Bluteau, 10 vols. in-fólio.). A palavra é feminina, mas sempre toma o artigo masculino “O Caraça”, a cara feia. Isso confirma a lenda de que recebeu seu nome de algum negro quilombeiro, o primeiro que viveu naquelas horríveis elevações. Mr. Henwood diz, erroneamente, “o Caraças”. Mr. Walsh (ii. 312) faz pior ainda: “Outra era chamada ‘Serra da Cara’, por causa de sua semelhança com um rosto enorme”. St. Hil. (I.i. 218) observa que a palavra é, ao mesmo tempo,

portuguesa e guarani. Nesta última, “cara” e “haça”, ou “caraçaba”, corrigida para Caraça, significa desfiladeiro.

13. Alguns dizem 900 e mesmo 1.200 metros. St. Hil. (I.i. 285), que subiu ao pico mais alto, calcula a altitude em cerca de 1.800 metros acima do nível do mar.
14. Mr. Halfeld informa-nos que o Caraça contém muriato de sódio na camada de itacolomito.
15. Assim diz Henderson, escrevendo em 1821. Em 1831, St. Hil. (I.i. 220) descreveu o planalto da montanha, que visitara em 1816; também fala em “Frère Lourenço”.
16. Esse nome é dado aos pequenos regatos situados perto de um povoado. Isso faz lembrar a antiga Toscana, onde as camponesas levavam o sapato e as meias nas mãos até a cidade, quando lavavam a lama, e apareciam em público como uma “pessoa respeitável”.
17. Assim se distingue de Catas Altas de Noruega.
18. Em Minas, pronuncia-se “feixado”. A primeira coisa que um viajante sensato faz, ao chegar, é indagar a respeito do pasto e procurá-lo. Se quiser partir cedo, deve sempre pôr os animais em um “pasto fechado”, onde valos ou cercas impeçam a fuga deles.
19. Alguns dizem que ainda mais a leste que a de Pitangui e de Morro de Água Quente fica “Cuiabá”, uma mina que a Companhia de Gongo Soco começou a explorar, quando a mina principal começou a fracassar.
20. As velhas grades de madeira, que formam uma espécie de saliência, fechada, para fora de cada janela e, às vezes, se estende por toda a fachada. Sendo mais práticas mesmo que o “sangah” do Afeganistão, quando se tratava de disparar um tiro, foram proibidas em 1808, quando a Corte de Portugal transferiu-se para o Rio de Janeiro.
21. O *Almanaque* de 1865 supõe que a população escrava não ia além de 488.

.....

Capítulo XXXII

VIAGEM PARA MARIANA

*Torrão que de seu ouro, se nomeava,
Por criar do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito, enfim, baixo e mal prezado.
O nome teve de “Ouro Inficionado”.*
Caramuru, 4,21

A noite foi excepcionalmente fria. Dormimos profundamente, e no dia seguinte, uma inocente sexta-feira, estávamos de pé a uma hora em que a úmida escuridão parecia “quase em disparidade com a manhã”.

Em lugar de irmos para Inficionado pelo caminho direto, no rumo sul-sudeste, iríamos cobrir um triângulo equilátero de doze milhas, para Fonseca, onde havia a questão do combustível, e dali dirigimo-nos ao local onde iríamos dormir, o mais longe possível.

Voltamos à estrada do campo e, depois de duas milhas de subidas e descidas um tanto rudes, chegamos ao povoado de Morro d’Água Quente. Ao atravessarmos o regato, mostraram-nos uma ilha, em que estava enterrado um mineiro inglês. Eles se comprometera a retirar a água da Mina de Água Quente, e montara uma espécie de bomba, com 45 centímetros de diâmetro, feita em casa, com chapas de ferro forjado. Mesmo essa falhou; ele redimiu sua palavra, como o último dos romanos, indo para o Outro Mundo. “Só havia em Minas – disse o satírico Mr. B. – um inglês da Cornualha honesto, e este se enforcou.”

Mr. Gordon tinha alguns negócios a resolver com uma brasileira decente, viúva de um irlandês empregado na Morro Velho – com as outras cinco viúvas, os casos não foram tão facilmente resolvidos. Enquanto isso, dirigimo-nos a uma pequena taverna de propriedade do Sr. Leandro

Francisco Arantes, enérgico jovem, que tem uma concessão para explorar a jazida que íamos ver. A província está bem consciente da necessidade de substituir o carvão vindo pelo mar por carvão brasileiro, e ofereceu o prêmio de £2.000 pela descoberta do combustível. O Sr. Arantes mostrou-nos, com justo orgulho, a medalha de ouro que lhe foi conferida em 1863, quando ele descobriu a duvidosa substância: o anverso mostra a cabeça de Sua Majestade Imperial e no verso está: *Bene meritum premium*. Ele nos narrou suas muitas dificuldades, como procuraram desestimulá-lo de todas as maneiras possíveis, e sua descoberta foi chamada de “raiz de pau”. Assim, na Província de São Paulo, quando, no fim da última geração, alguns inovadores sugeriram o abandono da desvaliosa cultura de cana, para se fazer, a do café, foram ridicularizados como “plantadores de fruta”.

Água Quente tirou seu nome de uma fonte termal, que foi soterrada por um desabamento. Em 1825, Caldcleugh conversou com um velho que se lembrava de ter bebido “água morna”, mas não se lembrava se tal água tinha algum cheiro. Outros relatam que a água quente apareceu uma vez na mina. Como sempre, a povoação decaiu, juntamente com a causa de sua origem: tem 68 casas, a razoável distância uma da outra. O antigo depósito da companhia ainda existe em Bananal, perto de Água Quente, mas não se faz ali qualquer trabalho. Por cima da mina, fica um pico, chamado Morro d’Água Quente, e nosso ponto de destino, Fonseca, fica a sueste dali.

Em companhia do Sr. Arantes, descemos uma ladeira muito íngreme, que nos levou à chapada. O chão aqui ressoa sob os cascos dos animais como se fosse calçado de ferro; em certos lugares, há um som de oco, dando a impressão de que a fina crosta pode ser facilmente escavada e, naquelas paragens, tal é a formação, geralmente. A aparência do mineral lembrou-me a laterita no Malabar e nas Índias Ocidentais, mas aqui é a rica hematita. O Dr. Couto achou que a povoação de Água Quente está construída em cima de imensos depósitos de cobre; lençóis da variedade vermelha, riscadas por minerais cinzentos, formavam um tabuleiro de xadrez de agradável aparência. Para a esquerda, ficava a Serra da Bateia, contraforte meridional da grande Serra do Frio.¹ À direita e inclinando-se para o fundo, com uma aparência excepcionalmente acidentada, eleva-se o Caraça, no qual se vê serpentear o perigoso caminho.

Passando por uma fazendinha, “do Moreira” – que não deve ser confundida com a Freguesia de Paulo Moreira, a 12 léguas de Gongo Soco, um pouco para sueste – encontramos uma bacia separada da contígua por uma estreita elevação; ambas são bonitas depressões de tamanho considerável. No extremo leste, via-se um riozinho sinuoso, o jovem Piracicaba, e em sua margem fica Fonseca, uma capela e casinhas espalhadas, como uma pequena localidade de mineradores. Em torno, a terra parece ressequida e queimada pelo sol: as giestas mortas e os fetos murchos a cobrem, formando manchas de centenas de acres, e sua cor cinzenta acastanhada, triste e escura, obscurece a mais alegre e brilhante paisagem. É o sinal de um solo seco e poroso; a tenra raiz da samambaia² não pode penetrar a dura argila. No Brasil, onde se supõe que o feto nasce nos terrenos esgotados ou cuja vegetação foi queimada muitas vezes, quando ele toma posse do solo, a situação se torna desesperadora. Na Nova Zelândia, o trevo mata o feto, como o rato do homem branco destrói o rato nativo, e a mosca dos europeus expulsa a mosca dos maóris; talvez o mesmo se desse aqui. Atualmente, a única precaução é cortar as plantas antes que se ramifiquem, e deixar que os animais pastem sobre as raízes, como fizemos na Inglaterra. No Brasil, como no Tibete, os camponeses comem os grelos de uma das espécies de samambaia-do-mato; M. Hud compara-os – que imaginação! – aos aspargos.

Descemos a uma ravina, na qual havia um pequeno regato, o córrego de Ogó,³ e cuja abertura estava no rumo norte-noroeste. Aquele era o lugar onde foi encontrado o carvão, acompanhado de saibro de arenito e hematita. A inclinação é de 70°; a direção é oeste-sudoeste, e os planos de clivagem estão tão próximos quanto possível de leste para oeste. A água, como habitualmente, mostra sinais de ferro, e o carbonato de cálcio apareceu na parede oriental, onde gotas escorreram. Encontramos a mesma formação em ponto mais alto, e nosso guia nos disse que havia também carvão no vale do rio Piracicaba e na bacia ocidental pela qual tínhamos viajado. Encontramos, a algumas jardas abaixo do córrego, um regatinho ferruginoso, que, depois de percorrer duas milhas, deságua no Piracicaba. Havia, também, ali, uma rocha quartzosa e pirtífera, que tinha dado ouro. O precioso metal era, contudo, “muito fi-i-i-no”, como explicou nosso companheiro, elevando a voz quase uma oitava, para denotar o superlativo de fineza.⁴

O combustível aparece em pedaços pequenos e camadas partidas, muito misturado com argila e arenito: não encontramos um único bloco. É, em sua maior parte, linhita de transição, ou carvão marrom, conhecido em São Paulo por “tipota”, é visivelmente moderno, com aspecto lenhoso e tem cheiro de madeira ao queimar-se. Outros exemplares retirados da mesma localidade são lisos e negros, como obsidiana ou lacre, de fratura conchóide, altamente inflamável e soltando grande quantidade de fumaça espessa e gás. É, de fato, a nossa hulha gorda, e poderá ser útil, quando são esquecidos o velho revérbero e o querosene. Reconheci a formação, já tendo examinado na fazenda de um certo Dr. Rafael, perto de Caçapava Velha, no vale do rio Paraíba, na Província de São Paulo, uma bacia muito semelhante, cujo linhito recobre a hulha gorda; aqui, contudo, a uma profundidade maior, ocorre o antracito, um verdadeiro diamante negro, que não suja os dedos e queima sem fazer fumaça. Antes de se tentar o aproveitamento daquele material, deve-se, como medida indispensável, procurar saber-se se a formação é suficientemente ampla para ser lucrativa; os trabalhos exploratórios não ficariam, certamente, em mais de £200. Em Minas, não observei em lugar algum os grandes depósitos de xisto sulfuroso ou betuminoso que ocupam os vales do Paraíba do Sul e do alto Tietê, e que, algum dia, abastecerão o país de petróleo. Devem ser procurados mais a leste e, provavelmente, serão encontrados no baixo curso do rio Doce, do Mucuri e do Jequitinhonha ou Belmonte.

Subimos, então, a áspera encosta ocidental da parede da bacia, e encontramos água em toda a parte, mesmo no alto. É uma coisa comum, tanto em Minas como em São Paulo; o estrangeiro surpreende-se, muitas vezes, vendo uma fonte cristalina nascendo no alto de um morro. O único sinal de caça era o frango-do-campo, de plumagem semelhante à do frango-d’água, de pernas curtas e que pode ser confundido com um frango que fugiu do terreiro das galinhas. A seriema corria diante de nós, na estrada, e representava o peru.

Na Fazenda do Moreira, Mr. Gordon despediu-se de nós, por algum tempo; iria voltar a Morro Velho, via Água Quente, enquanto nós tencionávamos dormir em Inficionado. Descemos um comprido morro, passando, perto do córrego do fundo, por uma pequena fundição de ferro, e depois de uma tediosa subida, alcançamos a chapada, que, como a da

manhã, era uma planície de ferro, onde os cascos provocavam um ruído oco, como o de um pote vazio. De longe, avistamos a fumaça sinuosa do povoado e a silhueta negra de Cata Preta, que fora explorada, com pouco resultado, pela Companhia de Gongo Soco e que, agora, pertence ao comendador proprietário da mina. Descemos, depois, para uma estrada funda, um caminho que era um buraco, como as sendas da bela Touraine, que já me foi tão familiar, e logo surgiu aos nossos olhos um rio largo e claro, que atravessamos em uma ponte razoável. Não perdemos tempo em nos transferirmos para a hospedaria do Sr. Francisco Cesário de Macedo, na extremidade meridional da localidade.

À noite, passeamos, para ver a paróquia de Nossa Senhora de Nazaré do Inficionado – do (ouro) infectado. O cognome foi dado porque o metal, a princípio de excelente qualidade, logo começou a apresentar defeito. O Inficionado é, hoje, uma rua mal calçada, ou melhor, um trecho mal calçado de estrada, e a colocação de ferraduras e a venda de milho, por preços elevados, aos ocasionais viajantes, parece ser a indústria principal. Um chafariz seco fica em frente à matriz, e há duas capelas, mas nenhum padre; do outro lado do Piracicaba, um pequeno andaime ainda cerca o cruzeiro negro, que está sendo devidamente montado.

A tez da moda é a pardo-amarelada, e os habitantes mostram uma mistura de raças, com muitos casamentos mistos. Os aleijados e mendigos eram mais numerosos que de costume. Vi dois casos de hidrocefalia, um de cabeça dura, outro de cabeça mole; ambos os portadores arrastavam-se no chão, e tinham esquecido o uso de suas “almas imortais”.* Em Barbacena, a boca fica escancarada; em São João, a língua sai um pouco para fora; aqui, os aldeões riam, em nossa cara, o riso da semi-idiotia, enquanto um deles observou audivelmente, que minha “companheira”⁵ era “uma senhora muito capaz”. O hospedeiro, contudo, era amável e bem educado; nem mesmo murmurou, quando nosso excessivamente cuidadoso companheiro de viagem reclamou contra um erro de alguns níqueis na conta da ração das mulas e, com grande clamor, executou a operação de subtrair.

Cata Preta orgulha-se de um grande filho. Ali nasceu, lá para 1737, Fr. José de Santa Rita Durão; esse ilustre personagem era filho de um enérgico colono português, e morreu, como os poetas costumavam morrer,

* Embora estranha, esta construção traduz fielmente o texto original. (M.G.F.)

em um hospital de Lisboa, em 1784. Durante esses 47 anos, escreveu diversos poemas, o mais conhecido dos quais é *Caramuru*,⁶ um poema épico em decassílabos, com os dez cantos normais. Se não existissem *Os Lusíadas*, essa produção poderia ter-se tornado mundialmente famosa; tal como é, o eco de palavras mais antigas e maiores, cansa os ouvidos dos leitores. Foi conservado até mesmo o recurso de terminar a estrofe com um verso sentencioso. No exórdio, por exemplo:

De um varão em mil casos agitado,
Que as praias decorrendo do Ocidente,
Descobriu o Recôncavo⁷ afamado
Da capital brasílica potente;
De “Filho do Trovão” denominado
Que o peito domar soube à fera gente,
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço herói quem nela é forte.

O poema foi apressadamente completado, e publicado em 1781. O Visconde de Almeida Garrett, ele próprio conhecidíssimo poeta, assim como prosador e crítico, diz a respeito: “Tivesse o poeta se contentado em dizer simplesmente a verdade, e teria escrito belíssimas oitavas, algumas delas sublimes, mesmo.” M. Ferdinand Denis, um dos primeiros historiógrafos da literatura brasileira, opina que se trata de uma “epopéia nacional, que interessa e entusiasma o leitor”, e M. Eugène Garay de Monglave traduziu o poema para o francês. Poderia, penso eu, aparecer em vestimenta inglesa, judiciosamente encurtado, e com as partes prosaicas reduzidas à prosa.

No dia seguinte – um décimo terceiro, deve ser devidamente lembrado – saímos de Inficionado já tarde. A chuva seguia na frente, efeito da serra de Ouro Preto, que tem o hábito de se cobrir com um perpétuo barrete de dormir de pesada umidade. Seguimos a estrada real, ou, como aqui se diz, a “estrada carroçável”, para a cidade de Mariana, e encontramos alguns melhoramentos, tais como regatos dos quais haviam sido retiradas as grandes pedras redondas. Não estávamos, porém, melhor do que os velhos aros de roda, com pinos de ferro protuberantes, que cortam o escorregadio chão de argila e sobrecarregam o carro nos trechos planos. Dentro em pouco, viramos para um atalho, excepcionalmente mau; os nossos animais

pareciam estar subindo e descendo escadas. O material é um arenito quartzoso branco e brilhante, macio e laminado; quebra-se e sofre facilmente a ação do tempo, que provoca saliências e orifícios. A formação é semelhante ao chamado itacolomito, que fornece a Diamantina suas pedras preciosas. Há minas em torno, rudes escavações em areia argilosa, misturada com um saibro ferruginoso grosseiro e fragmentos de rochas xistosas da serra.

Depois de uma hora, apeamos no lugarejo chamado Bento Rodrigues, que fica entre a bifurcação do rio Gualaxo,⁸ um ribeiro vítreo em um leito cor-de-rosa escuro, que contrasta, lindamente, como o viço da verdura em torno. O rio, que corre para leste, mesmo naquela estação tinha uma profundidade que chegava até a cilha dos animais; viam-se as ruínas de uma ponte e uma “pinguela”, que aqui representa a ponte suspensa do Peru, mostrava que, depois das chuvas, aquelas claras águas não podiam ser atravessadas a vau. Outra subida e outra descida conduziram-nos a uma “Garganta do Diabo”, um buraco escuro, de paredes altamente inclinadas e tendo no fundo uma torrente de montanha, atravessada por um simples arco. Mais ou menos ao meio-dia, chegamos a Camargos, pequena aldeia, tendo abaixo um córrego que corre em areias vermelhas, e uma igreja realmente muito grande, erguendo-se em uma elevação, para rezar como um fariseu. Uma venda nos abrigou, a meio caminho; e algumas palavras de civilidade e notícias da guerra renderam laranjas; nossa única despesa pela distração foi de 3 “pence”, preço de uma garrafa de cachaça. O Brasil, como a Rússia e outros países jovens, é um lugar em que a vida é muito barata para os que ali vivem, como dizem os anglo-indianos, “à moda do país”, feijão, charque e cachaça. Por outro lado os artigos importados dobram de preço em comparação com os de Londres, e qualquer artigo fora do comum é caríssimo. Quem acha que não podemos gastar dinheiro aqui ficaria admirado diante do preço da carne de vaca e da cerveja, manteiga fresca e queijo inglês.

Camargos – a esse respeito todas as pequenas cidades e aldeias se parecem muito entre si – planta e cria gado, como suas vizinhas; tem uma pequena exploração de ouro, outrora tão abundante, e pode, também, exportar ferro. Desse distrito vem o chá, que ganhou a medalha de ouro na Grande Exposição de 1862;⁹ mostraram-nos logo as plantações, bastante maltratadas na parte de baixo, mais viçosas na de cima, em frente da Fazenda de Bom Retiro. Eu não via o arbusto desde que saíra da Província de São Paulo, e foi como avistar-me com um velho amigo.

Subindo o morro da Venda de Palha,¹⁰ deleitamo-nos com uma linda vista, abrangendo enorme extensão. Para o norte, sob “um céu de altura maravilhosa”, elevava-se o Pico de Itabira do Mato Dentro, uma simples saliência elevando-se do horizonte plano, e distante, em linha reta, 45 milhas. Para leste, um alto anteparo azul, dificilmente distinguível das nuvens, era a parede do vale do rio Doce. Em frente, erguia-se a maciça serra de Ouro Preto, com uma estrada vermelha, serpenteando como uma fita, por suas encostas verdes.

A partir daquele ponto, tudo era descida. O caminho piorou e a carcaça semidevorada de uma vaca, atravessando a estrada, não dava uma impressão favorável das novas minas. Depois da abrupta descida, vimo-nos em uma região de canga e jacutinga, como a de Gongo Soco. Aos poucos, foi aparecendo diante de nós a povoação de Morro de Santa Ana, mais conhecida por D. Pedro do Norte d’el-Rei, um complicado absurdo. O local é uma encosta de morro desabrigada e sem árvores, virada para leste, fragosa como rochedos a beira-mar, com sua face alta e nua escavada em procura de ouro; um triste contraste com a pitoresca paisagem que caracteriza Morro Velho. No nível superior, aparece, “en profile”, a capela, uma caixa branca, cercada pelos escuros ranchos de barro dos trabalhadores nativos. Embaixo, ficam o hospital, as casas dos funcionários, as moradias brancas dos mineiros ingleses, a Casa Grande, ampla, bem cuidada e bem situada, e a cozinha dos negros, um prédio alto e branco, tosco e nu. Esta última fica em uma pequena elevação, que se ergue do vale do córrego da Canela, em cujo fundo ficam os depósitos, ferraria, carpintaria, serviço de trituração, etc. Também aqui houve grandes trabalhos de mineração e lavagem de ouro, antigamente.

Por sorte, eu mandara à frente Miguel, com a carta de apresentação. O tropeiro encontrou-se conosco antes que chegássemos à casa e lá fomos informados, pela primeira vez, que Mrs. Thomas Treloar, a esposa do superintendente, estava desenganada. Ela passara trinta e três anos no Brasil e tencionara voltar para a Inglaterra em junho. Os “seis meses mais” são, algumas vezes, fatais, no Brasil como no Indústão.

Retiramo-nos, com um sol capaz de torrar um homem da Guiné, para a venda miserável como uma hospedaria de Stíria, e discutimos o caso. O Dr. George Mockett, para o qual também trazíamos cartas, estava tratando de Mrs. Treloar, e seu genro, Mr. Francis S. Symons, gerente da

mina de Passagem, era esperado dentro em pouco. Nada mais nos restava do que viajarmos duas milhas e confiarmo-nos aos cuidados do hospedeiro de Mariana.

Atravessamos a vau, duas vezes, o córrego da Canela e passamos por diversos contrafortes da montanha. Aqui, as casas vão-se tornando mais numerosas, indicando a aproximação de uma cidade, e, de dois em dois, os ranchos têm, na frente, estacas para amarrar cavalos, e à colocação de ferraduras ajunta-se a produção de arreios. Notamos que a estrada já não apresenta o sombrio aspecto de ruínas e aldeias desertas, descrito pelo Dr. Couto, em 1801. Naqueles dias, porém, a população de mineradores, em sua maioria homens de cor, lamentava, saudosa, a exaustão das minas; hoje, aplicou-se a outros trabalhos. Por toda a parte, vimos couros de boi estendidos, à maneira habitual no Brasil, em armações de varas, porque o terreno é muito úmido para que eles pudessem ser estendidos no chão; desse modo, podem ficar bem expostos ao sol e ao vento e ser retirados facilmente, em caso de chuva. Os couros, que, depois de alguns dias de exposição, na estação seca, tornaram-se duros e semelhantes a uma tábua, são usados para cobrir as cargas transportadas pelos burros, durante o dia, e para servir de colchão, durante a noite. Nos lugares muito atrasados, eles constituem o leito, o sofá e o colchão e substituem a palhinha nos assentos e encostos das cadeiras.

Atravessamos, depois, a vau, o Ribeirão do Carmo,¹¹ que separa a cidade propriamente dita de um grande subúrbio, o bairro dos Monsus; mais para cima, o ribeirão é atravessado por uma ponte de madeira, assentada em pilares de pedra, que é usada durante as chuvas. Desse ponto, tem-se uma linda vista da sede eclesiástica, que me fez lembrar a velha e pitoresca Coimbra. As casas, aqui brancas, ali vermelhas, cor-de-rosa e amarelas, sobem em degraus, a partir da margem direita do ribeirão, que os poetas compararam ao Mondego,¹² e parecem se apoiar e se misturar com as viçosas filas e moitas das copadas jabuticabeiras, coqueiros, bananeiras, laranjeiras e arbustos cobertos de flores.

Subindo uma rampa, deixamos à direita o ribeirão do Catete; hortas e jardins crescem, agora, em seu leito, mas uma comprida ponte de pedra prova que nem sempre ele foi seco. Uma rua muito mal calçada nos levou ao Largo da Cadeia, em cujo centro ainda se ergue o pelourinho dos tempos coloniais, o primeiro que vi no Brasil. Mostra os buracos, pelos

quais os criminosos eram amarrados, e tem no alto o globo e a coroa, a espada e a balança, assim como os ganchos de ferro em que eram suspensos os membros dos condenados. A cadeia, que é também a sede do governo municipal, é um prédio esquisito, atarracado, velho, com uma entrada complicada, curiosamente pintada, e alguns soldados pretos estavam de guarda. Em frente, fica a igreja de São Francisco, de aspecto pretensioso; é, provisoriamente, a Sé, pois a catedral está em reparos. À sua direita, está a igreja de Nossa Sra. do Carmo, com as habituais torres redondo-quadradas ou em forma de pimenteiras.

Estávamos, evidentemente, em uma cidade clerical e não comercial: a apatia era a que reina, geralmente, nas cidades catedrais, de Itu, em São Paulo, a Durham de Cantuária, antes da idade das estradas de ferro. Formigões, com os seminaristas, com suas sotainas negras, são chamados galhofeiramente, caminham pelos logradouros e ficam parados, indolentes, perto das lojas. O negociante debruça-se, com os cotovelos no balcão, e olha vagamente a rua, ou medita e fuma, juntamente com um amigo ou amigos, sentados em tamboretas, mais perto da porta. Os negrinhos andam pelas ruas ou provocam porcos e cães vadios, que, segundo parece, constituem a maior parte da população; uma das criaturas, que certamente não ouvira falar em Joana d'Arc gritou "Deus me livre", quando passamos por ela. Pretas velhas erravam, arrastando molambos, e notamos vários homens brancos descalços, espetáculo muito raro no Brasil. Aqui e ali, uma profusão de cabelos lisos, lustrosos e bem engordurados, com uma vistosa flor vermelha do lado esquerdo da cabeça¹³ e um rosto de sangue muito misturado, empenhado em um "sério estudo das cenas da rua", informavam aos olhos práticos que, como era de se esperar em uma terra onde os moços "estão destinados à Igreja" o Anônimo é tão conhecido como os que "vivem em Gondar".

Entrando no Largo da Praça, coberto de relva, chegamos ao Hotel Marianense, a melhor das três hospedarias. O hospedeiro, Sr. Antônio Ferreira, que acumula o Bonifácio com o Fígaro – a sala de recepção, é, na verdade, um salão de barbeiro – começou nos cobrando caro pelo pasto e pelo milho. Estávamos, agora, porém, na estrada real, onde as léguas se tornam melhores, porque menores,¹⁴ e os preços piores, porque maiores. Recebemos uma conta que poderia competir com a do Hotel des Ambassadeurs, de São Petersburgo.

O estabelecimento era a estalagem típica do velho Brasil. Do salão de barbeiro, partia um comprido corredor até o fundo da casa, tão mal assoalhado, que era um perigo a gente cair em um dos buracos do assoalho. Os quartos de dormir, com as paredes limpas de tudo, a não ser de sujeira, tinham um catre, uma cadeira e, às vezes, uma mesa. O corredor levava à sala de jantar, que só se distinguia por um armário, cuja porta de vidro expunha alguma louça, galhetas, temperos, garrafas e potes com mantimentos. O banho levou meia hora para ser aprontado, o jantar duas horas; o tempo é artigo que não tem valor aqui, e pontualidade é sinônimo de impossível. Os negros e negras preferem olhar, cochichar e rir, do que fazer qualquer trabalho, mesmo leve; jamais deixa de haver pelo menos uma criança chorando, para tornar a noite pavorosa; e, geralmente, há dois cães que latem furiosamente e não perdem oportunidade, por menor que seja, de demonstrar a sua vigilância. A comida é a da venda; há “batatas irlandesas”, a “raiz da fome”, porque estamos na cidade; e a luz não vem de lamparinas de óleo de mamona, mas de velas de espermacete, pelas quais temos de pagar caro.

E, no entanto, para essas três malditas hospedarias, há, na cidade, nove igrejas!

NOTAS DO CAPÍTULO XXXII

1. Não deve ser confundida com Serro do Frio, que fica mais ao norte, em torno da cidade do Serro, antiga Vila do Príncipe.
2. Os antigos escritores preferem a menos eufônica “sambambaia” e “sambambaial”. De um desses fetos (*mertensia dichotoma*) são feitos tubos para cachimbos, nos quais se colocam pequenas cabeças de barro preto.
3. Ogó é, segundo informações, um metal amarelo, encontrado na areia e que é usado para falsificar o ouro. Outros dizem que ele flutua na água e que, portanto, provavelmente é mica, agora popularmente chamada malacacheta. St. Hil. (O., i., 341) fala de um “sable brillante appelé Ogó qui se trouva du côté de Sabará”.
4. Esse costume, muito generalizado no Brasil, provavelmente vem dos aborígenes, que expressam o superlativo pela entonação da voz. St. Hil. (III, ii. 62) diz que “ouro fino” denota “la belle qualité de cet or”; pode ter essa significação ou a que foi dada no texto.

5. O brasileiro bem educado refere-se à sua esposa como “minha mulher”. O roceiro a chama de “companheira”. O resto diz “minha senhora”. Assim, na França, os burgueses têm uma “dame” e uma “demoiselle”, mas não “femme” ou “fille”. Nos Estados Unidos, para não se falar da Inglaterra, e os livros de registro dos hotéis abundam em “Mr. A and lady” (Sr. e Sra. Fulano), uma útil deturpação dos fatos, se Mr. A. não está viajando com sua esposa.
6. Um certo Diogo Álvares ou Viana naufragou na Bahia, cujas terras formigavam de selvagens; graças ao uso de seu mosquete, ele adquiriu grande reputação entre eles, como Mr. Coffin na Abissínia. O apelido indígena é, habitualmente, traduzido por “homem de fogo”, significa, exatamente, “enguia elétrica”. O “Filho do Trovão” foi o título dado a Diogo Álvares, que se casou com a “Princesa” Paraguaçu.
7. A expressão Recôncavo é aplicada à magnífica baía de São Salvador (da Bahia).
8. Gualaxo do Norte, chamado por Henderson de Guallacho. O curso de água é assim chamado por causa de uma fazenda próxima e deságua no rio Doce propriamente dito. Já havíamos deixado o vale do Piracicaba.
9. Seu único defeito era o de ter pouco aroma, mas isso vinha do fato de ser novo demais. Além disso, as amostras eram tão escassas que não podiam ser submetidas a uma prova suficiente. O principal plantador de chá da província é, atualmente, o Senador Teixeira de Sousa, de Ouro Preto, proprietário de Bom Retiro ou Fazenda do Tesoureiro.
10. Há, de Camargos a Mariana, uma estrada mais antiga, que corre a leste daquela pela qual viajamos.
11. Este é o rio de Mariana, hoje popularmente conhecido como rio Vermelho. Iremos subir seu vale nas duas jornadas seguintes.
12. Cláudio Manuel da Costa, a respeito do qual falarei ainda, mais adiante, escreveu um poema sobre o ribeirão do Carmo. Quando Apolo raptou a ninfa Eulina, aquele rio amoroso amaldiçoou o deus; este, em vingança, ensinou os homens a ferir suas margens, procurando ouro e pedras preciosas, e a manchá-las de sangue. Afinal, o ribeirão, louco de desespero, fez despencar uma pedra e ficou despedaçado.
O Dr. Henrique César Muzzio, chefe de Secretaria da Presidência de Minas, e depois de São Paulo, ofereceu o original deste poema, “Vila Rica”, a Sua Majestade Imperial. O Dr. Cláudio morreu solteiro, mas deixou sobrinhas; estas tentaram, quando o Brasil se tornou um império, defender seus direitos, e recorreram à autoridade competente, o “procurador dos Feitos da Fazenda”. Infelizmente, os documentos desapareceram, e a causa foi perdida.
13. As casadas usam a flor ao lado direito da cabeça.
14. A légua tem aqui, presumidamente, três milhas geográficas; geralmente quanto mais se afasta da Capital, mais comprida fica.

.....

Capítulo XXXIII

MARIANA

*La race Portugaise s'est emparée en Amerique de la contrée
la plus admirable du monde, et que la Nature semble avoir
pris plaisir à combler de tous ses bienfaits.
Castelnau (Expédition, iii. chap. 33).*

Em 1699, quando o explorador paulista – João Lopes de Lima – descobriu ouro no rio Vermelho, que acabamos de atravessar a vau, os mineiros construíram o Arraial do Carmo. Este tornou-se, em 8 de abril de 1711, a Vila de Albuquerque, sob o governador do mesmo nome, e, ainda naquele ano, foi elevado a “Leal Vila de Nossa Senhora do Carmo”. Documentos públicos¹ garantiram precedência, em todas as procissões e atos públicos à sua Câmara, como a mais antiga edilidade da província. Uma carta régia de D. João V (23 de abril de 1745) elevou-a à categoria de “Cidade Mariana” ou “Marianópolis”, assim batizada em homenagem à princesa austríaca que subiu ao trono de Portugal. Em 1750, só o quinto excedeu de 100 arrobas de ouro por ano. Em 1799, caíra a pouco mais de um terço.² Mas, como observa o Dr. Couto, a mitra mostrara ser a melhor mina.

A mais bela vista da cidade eclesiástica é do lado meridional da elevação onde está sendo – ou melhor não está sendo – construída a igreja de São Pedro. O projeto revela uma tentativa de arte, ao contrário das outras, que cresceram bastante para deixar de ser simples prédios desordenados, sem adquirirem a majestade dos templos. Tem duas naves desiguais, e, ligada à do sul, ou maior, um santuário retangular. A torre, também feita de saibro de arenito, repousando em sólidos alicerces, ainda não foi completada. Os dois sinos pendem do seu devido lugar, e há túmulos que importu-

nam com o sugestivo “Il faut mourir” aqueles que entraram ali para se distrair. A fachada reproduz as chaves e a mitra e o chapéu episcopal. As colunas terminam, exoticamente, em volutas sobre a porta principal, e as janelas laterais não estão no mesmo plano. O corpo do templo está coberto em parte com um telhado de zinco, que, de vez em quando, desaba, e os principais habitantes são as taperás – velozes e ágeis.

Mariana fica abaixo, estendida pelas belas encostas ocidentais e alcançando o fundo do vale por onde serpenteia o rio Vermelho, rumo ao norte. Perto da massa branca das casas, ficam as escavações na terra vermelha, e montões de jacutinga negra são os vestígios da mocidade longínqua. Essa bacia, situada em um contraforte da serra do Itacolomi, que a fecha ao sul, está a 800 metros acima do nível do mar. Nela ocorre a neblina, ou nevoeiro matinal, que muitas vezes se transforma em chuva, mas não tanto como em Ouro Preto; ao nevoeiro sucede o sol, que brilha em um céu sem nuvem até o anoitecer. Informa-se que, durante as chuvas, o frio provoca resfriados graves. Essa afirmação, contudo, deve ser aceita “cum grano”, pois o cravo-equatorial cresce ao ar livre. Oito chafarizes fornecem à cidade uma água levemente ferruginosa e onde há escassez, essa provém do desmatamento excessivo.

Fomos lembrados de que Mariana é sede do Bispado de Minas por um prodigioso badalar de sinos, um “tutti” das torres, tocando o “Angelus”, ao anoitecer, de sábado. No domingo, houve a missa da madrugada, para os muitos esfarrapados que não gostam de mostrar seus molambos em hora mais adiantada; e, logo depois, as irmãs de São Vicente de Paulo, ramo das da Rue du Bac, iniciaram seus cantos habituais. Às 8 horas, havia missa, que começou às 7h30min, e, assim, o estrangeiro estava sujeito a perdê-la. Às 9 horas da manhã, houve missa solene na catedral em exercício, e às 10 e 11, missas solenes em outras igrejas.

Depois do almoço, visitamos a cidade, que conserva o aspecto descrito por Gardner; parece quase deserta. O calçamento é realmente mau – bom apenas para os pedicuros. Há alguns bons sobrados, mas a maior parte das casas é térrea, feitas de adobes e caiadas, com janelas de guilhotina e não poucas com rótulas. Alguns dos chafarizes são antigos e curiosos, enfeitados com delfins esculpidos e pintados, que contrastam vivamente com as modernas estátuas e peças fundidas das “cidades atlânticas” do Brasil.

Procuramos o bispo, Dom Antônio Ferreira Viçoso, no Palácio, um grande e velho casarão, com o chapéu e as armas do bispado na

porta. O venerando sacerdote, que conta 80 anos de idade, ainda era um português, nas feições e na pronúncia; tinha o olhar brilhante e inteligente, e o rosto calmo e intelectual; estava vestido de cor-de-rosa, de acordo com a ordem que prescreve o negro para o padre, o vermelho (exemplo de derramar seu próprio sangue)³ para o cardeal e branco para o Papa. O bispo recebeu-nos muito amavelmente, deu anel a oscular com muita paciência e levou-nos à biblioteca, de obras de teologia em sua maior parte, e enfeitada com fantasiosos medalhões e retratos de filósofos clássicos. Mr. Gaume deveria ter-se regozijado de contemplar a caricatura dos pobres epicuros que cometeram o imperdoável pecado de dizer que os deuses não se preocupam com os assuntos dos mortais, e em vão, portanto, se empregam, para eles, servidores sacerdotais.

O Reverendíssimo é muito conceituado, e muito tem feito pela educação eclesiástica, nesta e em outras províncias. Ele ensinou Filosofia em Évora e Teologia, Matemática e Línguas em Angra dos Reis, onde foi vigário, no Rio de Janeiro e no Caraça. Foi, sucessivamente, diretor do Seminário de Angra, do Caraça e de Campo Belo.⁴ Foi feito bispo por Gregório XVI, em 22 de janeiro de 1844, e sagrado em maio daquele ano pelo bispo do Rio, Crisópolis e Pará. Tomou posse, por procuração, em 28 de abril de 1844, e fez sua entrada solene na cidade em junho. Já ungiu, na catedral de Mariana, dois de seus discípulos do Caraça, como bispos de Pará e Ceará, e, recentemente, esteve em Diamantina para fazer a mesma coisa ao seu diocesano. Mais de uma vez, gastou seis ou sete meses, mesmo na época das chuvas, visitando sua diocese, pregando, confessando e administrando a crisma. Podemos, sem medo de errar, juntar a nossa à prece geral: “Deus conserve seus dias!”

Uma curta relação dos antecessores do bispo não deixa de ser interessante.⁵ Por solicitação de D. João V, Benedito XIV desmembrou a diocese de Mariana da do Rio de Janeiro, pela bula “Candor lucis aeterna”, de 6 de dezembro de 1741.⁶ O primeiro bispo foi D. Frei Manuel da Cruz, de Coimbra, quarto bispo do Maranhão, e amigo e coadjutor do famoso – e infame – Padre Gabriel Malagrida, o “mártir do Diabo”, “in Portug. pro fide occisus”. Depois de nomeado, em 15 de setembro de 1745, D. Fr. Manuel viajou para Minas por terra, naquele tempo uma viagem perigosa, e as chuvas e a doença a prolongaram, alguns dizem que por onze, outros que por quatorze meses e alguns dias.

Ele terminou a matriz, agora catedral; fundou o seminário e lançou a pedra fundamental da igreja de São Francisco, em 1762. Instruído a se opor “com prudência, amor paternal e caridade” às desordens de seu rebanho, provocou muitas queixas, mas o Rei continuou a depositar nele toda a confiança. Morreu em 3 de janeiro de 1764, aos 74 anos, e jaz na catacumba do meio, dentro do coro da catedral.

O segundo bispo foi D. Joaquim Borges de Figueiroa, um padre secular, que se tornou arcebispo da Bahia, antes de ter ido para Mariana. Foi seguido por D. Frei Bartolomeu Manuel Mendes dos Reis, antes bispo residente de Macau; também este não tomou posse, mas participou da sagração de seu sucessor. Seguiram-se três governadores, um dos quais, Inácio Correia de Sá, doutor canônico da catedral, emitiu algumas cartas pastorais singularmente ameaçadoras. “Está em vossas mãos”, dizia ele, “mostrar que os vossos pecados não são a causa de minha partida, ouvindo a palavra de Deus. Se assim fizerdes, então o Senhor não permitirá que partamos... Enviará outro para servi-lo com zelo e caridade”.

O quarto bispo foi D. Frei Domingos da Encarnação Pontével, frade pregador, professor de Teologia e Filosofia e diretor da Ordem Terceira de São Domingos. Foi confirmado por Pio VI, e tomou posse em 25 de janeiro de 1789. Durante seus dias, ocorreu a célebre “Inconfidência”, na qual o mais nobre filho de Mariana, Cláudio Manuel da Costa, de família paulista (nascido em 1729, morto em 1789), sacrificou a vida por sua terra natal. Seu retrato, no Palácio Episcopal de Mariana, traz este dístico:

*Quid praesul noster? Nil est nisi pulvis in una,
Cordibus est nostris vivis et ipse manes.*

Foi sucedido por D. Frei Cipriano de São José, frade menor (franciscano) de Arrábida e literato. Durante sua administração, a família real transferiu-se para o Brasil. Esse bispo morreu em Mariana, em 14 de agosto de 1817, e a 9 de abril de 1820, foi sagrado D. Frei José da Santíssima Trindade, dos Menores Reformados de São Francisco da Bahia. Tendo sido proclamada a independência do país, ele participou das cerimônias de coroação do Imperador, que, com a Imperatriz, D. Amélia, foram seus hóspedes mais tarde. Morreu em 28 de setembro de 1835 e

jaz na catedral, perto do primeiro bispo. O sétimo, D. Carlos Pereira Freire de Moura, não chegou a tomar posse. O oitavo era o que acabáramos de conhecer.

Um sacerdote nos acompanhou do palácio, depois de nos ser dada a bênção episcopal, ao seminário, onde fomos devidamente apresentados ao diretor, Rev. João Batista Carnaglioto, de Turim. O corpo compõe-se do vice-diretor e de sete professores, com outros tantos padres. Cerca de quarenta dos 180 alunos são internos, atualmente. As grandes férias começam em julho e terminam em outubro. O curso de estudos preparatórios dura cinco anos, depois do que os alunos que se destinam à Igreja são mandados para o Caraça e os outros para as várias academias do Império, onde doutores – em Direito, Matemática e Medicina – são fabricados por atacado. Logo que foi fundado, o seminário ficou sob a direção de um jesuíta, Padre José Nogueira. Foi reorganizado pelo bispo atual, e os reitores são, atualmente, bispos do Ceará e de Diamantina; durante alguns meses, o diretor da parte colegial foi D. Pascual Paccini, professor de História Natural do Museu de Palermo, enviado ao Brasil em missão científica. O Dr. José Marcelino Rocha Cabral, ex-diretor do outrora famoso “Despertador” e conhecido escritor, depois de trocar a política pela vida privada, também foi vice-diretor. O reverendíssimo dividiu, então, os alunos em uma classe de maiores e outra de menores, e confiou-as ambas aos padres da missão. Pessoas caridosas doaram à casa negros e propriedades, e suas finanças são dirigidas por administradores, sob a supervisão do superior.

Percorremos o estabelecimento, que é notável pela limpeza e ordem; até a cozinha estava limpa. *Au reste*, havia a habitual fila dupla de camas de ferro com cobertores vermelhos, as canastras de viagem encostadas nas paredes, as mesas compridas nos compridos refeitórios e as compridas salas de aula, com infundáveis filas de carteiras e os mapas imensos e antiquados, que são vistos em todos os lugares semelhantes. Sobre o velho vão de porta estava escrita a data, MDCCLX – 1760, uma berrante antiguidade para o mais jovem dos impérios.

Finalmente, visitamos as irmãs de São Vicente de Paulo. Em 1749, o bom bispo, que era superior da Ordem do Brasil, arrecadou esmolas e trouxe as irmãs para a cidade. A casa recebe do governo seis contos de réis por ano e a lei a obriga a alojar, alimentar e instruir quarenta órfãos,

devidamente escolhidos pelas autoridades. A reverenda Madre, velha e gorda, ativa e azafamada, recebeu-nos cordialmente e, com palavras um tanto surpreendentes, “*Allons premièrement visiter le maître de la maison*”, levou-nos para a capela do convento. Visitamos, em seguida, a escola, que tem 66 internas, meninas e moças até a idade de 20 anos, e até mais. As alunas pagam 180\$000 por ano, não incluindo a lavagem de roupa e pequenos extraordinários. Não aparecem sinais de luxo, e poucos de conforto; por outro lado, tudo estava muito bem arrumado, e não poderia haver maior limpeza. Em seguida, vimos a segunda classe, e o orfanato, com 64 internas. Estas, em tempo oportuno, deverão casar-se com homens capazes, interessados em arranjar esposa. Finalmente, depois de atravessarmos uma boa horta, visitamos os pacientes do hospital,⁷ em número de 42, inclusive quatro homens e seis mulheres – proporção inusitada – loucos. Os doentes estavam ocupados em fazer flores artificiais e rendas para fronhas, naturalmente para serem vendidas, e todos se empenharam em beijar a mão da madre superiora, com grandes demonstrações de respeito e afeição. Depois de comprarmos algumas lembranças, seguimos caminho.

Muitos brasileiros mandam as filhas para esses centros de instrução, porque não podem achar coisa melhor; não gostam, porém, do velho sistema monástico, dificilmente adaptável aos dias modernos. Receiam ver as filhas enterradas vivas, “para maior glória de Deus e das Damas do Sagrado Coração”. Manifestam-se abertamente contra o sistema de espionagem posto em prática em tais lugares e têm outras objeções que, por decência, não podem ser mencionadas. Em via de regra, mesmo na Europa, e especialmente na Inglaterra, o ensino ministrado nos estabelecimentos religiosos está atrasado cinqüenta anos. Depois de seis a oito anos de estudo, a moça sai em um peculiar estado de ignorância e imbuída de certas notáveis superstições e idéias ascéticas,⁸ tais como o desgosto pela sociedade, aspirações à vida religiosa, que, em um país jovem como o Brasil, têm de ser fortemente repelidas, e um “engouement” pelo sofrimento e mortificação já de todo fora de moda. A respeito do colégio que acabávamos de visitar, conta-se que uma de suas alunas orfãs, tendo tido necessidade de assinar o próprio nome, foi incapaz de fazê-lo. De minha parte, acredito que o lugar daquelas excelentes mulheres deve ser no hospital, ou à cabeceira dos doentes, onde seu heroísmo e dedicação merecem

o mais alto respeito. A instrução não é seu forte, e, no entanto, elas fazem questão de ministrá-la, porque, assim, podem moldar os espíritos da geração que está surgindo.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXIII

1. Dados de 17 de junho de 1723 e 21 de fevereiro de 1729.
2. Mais exatamente, 38 arrobas, 12 marcos e 168 gramas.
3. Recentemente, foi solicitada a púrpura cardinalícia para o arcebispo da Bahia, primaz do Brasil. Se essa honra for concedida, ele será o primeiro americano a participar do Sacro Colégio.
4. Pequena localidade situada entre Minas, São Paulo e Goiás.
5. O *Almanaque* para 1865 é responsável por qualquer incorreção relativa aos “Exmos Bispos de Mariana”.
6. Pizarro diz 1746. Acrescenta, também, que o segundo e o terceiro bispos gozaram em Lisboa os emolumentos da diocese. Isso faz lembrar a prática de certos bispos coloniais, que têm escapado à censura, quando a merecem mais que os “bispos bucaneiros”, tão severamente “sovados” nos últimos anos.
7. O número habitual de doentes internados no hospital é de trinta a quarenta por ano. Muitos, contudo, só são internados depois de desenganados. Em 1865-1866, a enfermaria recebeu 40 pacientes, dos quais 17 melhoraram, 13 morreram e os demais tiveram alta, curados.
8. Posso citar um estabelecimento de ensino, um colégio interno religioso, não muito distante de Londres, onde as filhas do século XIX aprendem que, na véspera de Natal, todos os animais se ajoelham para rezar; que a trovada é a voz de Deus – puro fetichismo; e que os preparados opiáceos não devem ser ministrados aos moribundos, cuja “agonia” é a última tentativa à volúpia, ou a última oportunidade de penitência. São três exemplos tirados de trezentos! Minha experiência conclui que, em matéria de fé ou crença – quer dizer, recebendo as afirmações em confiança – todas as nações são aproximadamente iguais, como o desenvolvimento da imaginação, do maravilhoso, permite que sejam. Entre os povos civilizados da Europa é muito fácil observar princípios que, submetidos ao exame da razão, mostram-se idênticos aos que são mantidos pelos selvagens de Bonny River.

.....

Capítulo XXXIV

VIAGEM PARA PASSAGEM E OURO PRETO

*Quand ploon per San Médar
Ploon quarante ghiours pus tard.
(Velho provérbio)*

C hovera no dia de St. Medard e também no de St. Swithin. Não se poderia esperar que os santos meteorológicos, Santa Bibiana, São Mamert, São Pancrácio ou São Servais, servissem, igualmente, a ambos os hemisférios. No dia da festa do santo saxão, fomos visitados por Mr. F. S. Symons, que, a despeito de suas aflições domésticas, insistiu, hospitaleiramente, para que tomássemos posse de sua casa, então vazia, em Passagem. Saímos de Mariana naquela mesma manhã, galgamos a colina em que está situada a igreja de São Pedro e descemos a encosta oriental, por uma boa estrada, reparada recentemente pelo Governo Provincial. A região tem aquela beleza monótona, primitiva e selvagem, como Atala ou Iracema, da qual os nossos olhos estavam se cansando. Nossa admiração pelo inanimado já vinha se exaurindo; a beleza selvagem, a magnificiência da floresta virgem, a graça uniforme da segunda vegetação, começavam a nos enfadar; estávamos cansados da grande montanha, do pitoresco morro e mesmo dos prados docemente ondulados. A verdade era que sentíamos falta de humanidade; para falar com franqueza, precisávamos de um pouco de feiúra, para descansar de tanta beleza. Antropos e suas obras são, para a Terra que é sua, o mesmo que a vida é para o corpo; sem eles, a Natureza torna-se um cadáver ou um corpo desmaiado. Não foi só a “Inconstância do homem” que fez Castelnau, em todo este esplêndido cenário, antegozar as tempestades de

gelo dos Andes e o sobressalto causado pelos áridos desertos e pelos precipícios, próprios apenas para o condor. Não posso deixar de reconhecer que o verde é a mais monótona das cores, e que, em um clima quente e úmido, seu efeito é uma depressão peculiar. No deserto de rocha e argila, há uma vitalidade e uma vivacidade do cérebro que nunca experimentei na Índia ou Zanzibar.

Não tardamos a passar por um prédio de bom aspecto, o hospital da mina. Depois de cerca de duas milhas, viramos para a esquerda e entramos nos terrenos da Casa Grande. Essa casa de campo pertencia a um proprietário e acionista da mina de Passagem. De longe, tem um bom aspecto, mas, examinada com mais atenção, revela que sua construção não é das mais primorosas. Uma bela nascente corre do rochedo em frente e, para além, fica uma passagem, uma espécie de “brêche de Roland”, onde, em 1699, os dois grupos paulistas de bandeirantes, chefiados por Manuel Garcia, que descobriu ouro no braço do Ribeirão do Campo, e João Lopes de Lima, fundador de Mariana, se encontraram, inesperadamente.

Passamos três dias na sede da “Anglo-Brazilian Gold Mining Company (Limited)”. Mr. Symons vinha a cavalo de Morro de Santa Ana, sempre que possível, e tivemos todos os motivos de gratidão pela proverbial hospitalidade do britânico da Cornualha. Nossa primeira visita foi a “D. Pedro Norte d’el-Rei”, pela estrada agora familiar, e, subindo o vale do córrego da Canela, rumo ao qual se inclinam tanto o morro de Santa Ana como o morro de Maquiné. O primeiro destes já não é explorado; o ouro livre em quartzo e as piritas auríferas não são compensadores. O terreno, contudo, está entrecortado de galerias e degraus, tornando perigoso o afastamento do caminho. A face da montanha está coberta por uma camada de “canga” com cerca de um metro e meio de espessura; mas a rocha continente do quartzo é ardósia micácea de ferro. Dirigimo-nos, portanto, ao outro morro, onde as calhas alimentares carregavam água e as rodas rangiam alegremente na floresta, que nos sombreava, de muito alto. O Buraco de Maquiné é o centro dos três serviços de mineração bem conhecidos; a oeste dele fica o Buraco do Tambor, a leste o Matador¹ e a oeste o Mato das Cobras. Em torno, ficam diversas minas: de Bawden, de Cornelius (nova), de Benício, de Honório, de Branco e as Minas da Sociedade, um serviço muito antigo.

O Buraco de Maquiné, que fica em um contraforte da montanha principal, ao norte do morro de Santa Ana, é drenado por um regato que desemboca no córrego da Canela. A ravina estreita mostra, na mesma montanha, seis diferentes depósitos de jacutinga, ferro, mica, ardósia argilosa, quartzo decomposto e ouro; o filão corre de leste para oeste, a inclinação é para leste² e a contracamada é setentrional. Entre os leitões, há camadas de capa, ou ardósia de ferro dura, com inclinação de 5° a 6°. A quarta ravina é a parte mais alta onde a exploração foi iniciada; verificou-se que a terceira, logo abaixo dela, está “viva”, com traços de ouro, e a segunda (ou terceira a partir do alto) variando em tamanho de 15 centímetros a três metros e meio aproximadamente, é a que, depois de pacientes e perseverantes trabalhos, tem dado tão compensadores resultados.

Percorremos a montanha a cavalo, acompanhados por Mr. McRogers, chefe geral de mineração, e vimos o terreno baixo para o qual correrão as três profundas galerias de drenagem, Mr. Thomas Treloar adquiriu muita experiência com seu emprego anterior, em Gongo Soco. À boca da mina, juntou-se a nós Mr. Hosken, outro chefe de mineração; a regra aqui é que um homem deve ficar de fora. O ouro da jacutinga³ é solto e, ao contrário do da pirita, exige todo o cuidado para prevenir seu furto; a esse respeito, é tão perigoso quanto o diamante, e, apesar de todas as precauções, os negros, sem dúvida, encontram meio de apanhá-lo e furtá-lo.

Entramos na terceira (a partir do alto) ou plano de Hilleke, a principal das seis que foi adquirida, por compra ou concessão. A direção geral era com inclinação norte 51° leste e foram nela encontrados quatro “shoots” ou linhas de ouro. O interior estava literalmente revestido de paredes de madeira, peças de revestimento no alto e escoras, com ripas de troncos inteiros ou divididos de candeia e, às vezes, com tábuas, para impedir os lados de ceder. Os jogos de madeiramento em ponto algum estavam a mais de seis pés de distância. Nos níveis principais, ou artérias, era empregada madeira de primeira classe; nos pontos de desmonte, a madeira ordinária era suficiente e, quando o veio era retirado, as paredes podiam se juntar. Dirigidos pelo chefe de mineração, visitamos os cortes transversais dirigidos para o norte para comunicação com o filão, passagens laterais e níveis menores, que podiam se chamar níveis, mas eram exatamente o contrário. Quando o filão é encontrado, eles são estendidos e usados para a retirada do minério quebrado. Vários níveis tinham sido abertos e abandonados, à

medida que o serviço penetrava abaixo deles. Os principais são, atualmente, o de Hilcke e o de Alice, que cortam o filão, o primeiro a cerca de 105 metros e o segundo a 280. De um modo geral, nosso passeio foi fácil e mesmo agradável; a mina era excepcionalmente seca e não se via qualquer parede saliente, que representasse um risco à segurança. Observei um único escapamento de gás – um ruído em um lado da mina e percebemos o gás escapando; tentamos acendê-lo, mas não conseguimos; e somente em um lugar as chamas das luzes se tornaram azuis. Isso é uma prova da boa ventilação das escavações. As “subidas”, ou comunicações entre um nível e outro, são feitas para descer o minério quebrado no ponto de desmonte e por conveniência do arejamento. As galerias de ventilação são especialmente necessárias quando se trata da jacutinga, o pior dos minerais, no que se refere ao aquecimento, que se torna insuportável. Em algum lugar, a umidade e a impureza têm apagado as lâmpadas e expulsado os mineiros, isso é raro, contudo.

Depois de sairmos do subterrâneo, vimos uma parte do rico material lavado por mulheres, etiquetado, fechado em caixas e encaminhado aos locais de tributação. Recentemente (1867) foi encontrada uma pepita contendo 1843 gramas de ouro puro e medindo 45 por 20 centímetros. O veio comum produz 36 gramas por tonelada, e são manipuladas por mês cerca de 1.800 toneladas. O minério rico dá 2.880 gramas por tonelada; doze caixas, ou meia tonelada, têm produzido 6.840 gramas de ouro. É uma maravilha. Por outro lado, as linhas de ouro na volúvel jacutinga atingem fissuras e, freqüentemente, desaparecem. Levamos, como lembranças, pequenos mas lindos exemplares de pepitas – não em detrimento dos acionistas.

Cavalgando de novo nossos animais, passamos por um novo prédio, o “vestiário”, onde ficarão as roupas que possam conter ouro. Depois de visitarmos os doze pilões-martelos onde a dura jacutinga é quebrada e esmagada, descemos para a parte mais baixa do serviço, onde o minério rico é pulverizado. Depois de pulverizado, ele é colocado em um tacho, uma grande vasilha de cobre, e lavado mais uma vez. Dalí, finalmente, é levado para a Casa Grande e acondicionado para a viagem.

Uma assembléia-geral dos acionistas da Companhia, realizada em 23 de julho de 1862, aprovou a compra da mina de Morro de Santa Ana e mandou Mr. Thomas Treloar dirigi-la, com instruções de se pôr em contacto com os agentes, Moore & Co., do Rio de Janeiro, tendo os traba-

lhos começado em 1863.⁴ Santa Ana revelou-se um fracasso, sendo o quartzo pobre e incerto. O superintendente informara que “do lado de Maquiné, temos mais terreno do que possibilidade de mineração”, mas a verdade era o contrário. Um mineiro experiente encarregou-se de retirar da mina desprezada 7.200 gramas por dia, e foi-lhe prometida uma quantia tentadora em caso de sucesso, com a advertência: “sem ouro, não haverá remuneração”. Fala-se muito a respeito de tesouros ali enterrados. Conta a tradição que um português enterrou grande quantidade de ouro e voltou para sua terra, tencionando desenterrá-lo, quando regressasse ao Brasil, do que foi impedido pela morte. Afirma-se que os “antigos” encontraram, perto da entrada da matagosa ravina, 230 gramas de ouro, depois de uma irrupção de água, que correu para o córrego. Assim guiado e dirigido, Mr. Treloar explorou o rio e atacou o filão. Maquiné foi uma resolução tardia, mas merecem os maiores elogios a energia e perseverança com que foi explorada. Atualmente, são empregados 350 trabalhadores, brancos e negros, e é um dos dois únicos sucessos alcançados pela mineração inglesa no Brasil.

De acordo com informações de Mr. Treloar, a mina de Morro de Santa Ana era tão valiosa que, em 1762, o Governo honrou-a com uma lei especial. Pagando ao Tesouro cinco por cento do ouro extraído, qualquer súdito de Portugal poderia abrir uma galeria no filão e reclamar o terreno da superfície na extensão de 5,5 metros, em vez de recebê-lo por data, que correspondia a cerca de 198 metros. A montanha tornou-se, assim, propriedade de centenas de pessoas. Santa Ana ficou tão populosa quanto Mariana; escavações profundas eram feitas, com total ignorância; a ventilação era negligenciada; o trabalho manual em um pilão era o único meio conhecido para quebrar e pulverizar o minério. A produção caiu e, em breve, a maior parte tornou-se propriedade de alguns poucos, dos quais a companhia comprou a mina. O Buraco de Maquiné, também, teve vários proprietários, até cair nas mãos de um certo Padre Pires.

Visitamos, ainda, a mineração de propriedade da Companhia de Passagem, que fica à direita da estrada real para Ouro Preto. O local é um estreito vale fluvial, cercado por morros baixos e arredondados e serras altas; a drenagem é feita pelo rio Mariana, ali uma torrente de montanha, correndo de norte para leste, entre altos barrancos. Essa formação de rocha aurífera tem sido explorada há cerca de um século. Caldcleugh descreveu-a, em 1826. Ali encontrou manganês botrióide, com cristais octaedros de ferro magné-

tico em uma rocha ferro-micácea;⁵ os veios metalíferos, que variavam de 15 centímetros a quase 1 metro de espessura, eram de quartzo turmalinoso, arseniato de cobalto e piritas, ferro e arsênico, o último chamado de “chumbo” pelos mineiros. As camadas inferiores eram de ardósia micácea escura, que, mais acima, mudava de cor e se misturava com o simples cristal de rocha. Sob a direção do Barão von Eschwege, a companhia tinha um capital de 20.000 cruzados e empregava três feitores e 38 negros; naturalmente, mal pagava as despesas. O rico material era conduzido em gamelas a um serviço de trituração com nove pilões, e o pó mais grosseiro era posteriormente reduzido a uma pasta mais leve, entre duas chapas de ferro horizontais acionadas hidráulicamente – um processo mais científico, convém salientar, do que o usado atualmente. Foram abertas, a formão e por meio de explosões, passagens de 3,3 metros de comprimento na ardósia micácea; as bombas, contudo, não puderam esgotar a água. O capitão Pena, então superintendente, propôs que se fizesse a drenagem da mina por meio de uma galeria profunda, através da qual a pedra pudesse ser retirada; isso foi deixado aos cuidados da atual companhia. Em 1840, Gardner informava que o Arraial de Passagem fora construído para a mineração de ouro por gente, que, depois a abandonara, e dedicara-se a plantar, para abastecimento da capital. A partir de então, a mina tem pertencido a vários homens. Uma companhia, cujo cérebro era o Comendador Paula Santos, explorou o terreno de Fundão e abriu, com pouco proveito, porém, as galerias de Vieira e Rasgão.

A “Anglo-Brazilian Gold-Mining Company (Limited)” foi fundada em janeiro de 1865, com um capital de £100.000, metade subscrito no ato, e as ações estão agora com uma valorização de 3/8, sinal favorável. Li o 3º Relatório, de 31 de março de 1866, e achei-o muito satisfatório, prometendo um brilhante futuro. Os trabalhos estão apenas começando; tudo é feito em pequena escala, e especulação não paga dividendos. Trata-se contudo de um negócio “promissor”, que ainda pode ter muito êxito, e não hesito em considerá-lo como um meio sucesso, mesmo agora.

Pusemo-nos à disposição de Mr. Martin, chefe principal de mineração, que, em primeiro lugar, mostrou-nos o plano. Há uma larga extensão de terreno aurífero. Todas as escavações são na margem direita do córrego, que se eleva 6 metros, na época das chuvas. O ponto mais ao sul é o Fundão, cuja superfície é um brejo, que se estende até uma lagoazinha na parte mais baixa do vale ribeirinho; informou-se, certa vez, ser ele o mais

rico e fica-lhe próxima a “Galeria de Foster”. Seguem-se os terrenos auríferos Mineralógico e Paredão, cada um com sua mina, e, para o nordeste, ou descendo o córrego, não foi fixado limite para o filão. O filão principal pôde ser assinalado e se estende durante milhas.

Envergando um correto “uniforme subterrâneo”, e cada um com uma lanterna e um bastão, entramos na galeria principal ou “de Dawson” ou melhor, um plano inclinado, que leva à Mina Grande, que tem três outras para a extração das pedras: de Haymen, de Hanson e de Foster. Para o norte ficam, sucessivamente, a mina do Buraco Seco, a mina do Barril, com a galeria de escoamento do mesmo nome, e a mina do Gongo. Uma seção transversal da profunda galeria de escoamento mostra uma superfície de húmus e jacutinga, sobre uma base de argila e carvão férreo. O vão sustenta a ardósia micácea e ferruginosa e a parede de baixo é ardósia talcosa, arenito e “killas” de rocha azul e rosada, cujo quartzo, ora macio, ora duro,⁶ se interpõe, às vezes, entre os veios. A inclinação do vão é sul-leste 17°30' e muitas vezes mais rasa (15°) e os veios correm, aproximadamente, nordeste e sudoeste. A parede superior do veio principal (ardósia micácea de ferro) foi alcançada pelos antigos serviços, alguns dos quais foram atingidos pela inundação; tem sido retirada grande quantidade de lama, terreno abatido e materiais estranhos. Assim, o sistema de abertura das minas limitou-se, até agora, à escavação de galerias na parede inferior, através de serviços destruídos dos antigos proprietários, a fim de encontrar o filão. Tem sido retirada grande quantidade de material improdutivo. Diz-se que o filão e seu material têm 12 metros de espessura, quer dizer cerca de 5 metros do veio principal; uma parede inferior de “killas”, com aproximadamente 1 metro e meio, de alto a baixo, e, finalmente, 5 metros de canoa, corpo curto ou rico. O rendimento por tonelada é de onze a quinze gramas de ouro de 23 quilates, que vale £3 12s. por 28 gramas.

Encontramos os 180 metros íngremes e escuros, mas secos e confortáveis de túnel bem protegido com vigas e troncos de pau-candeia, sempre que o teto exigia proteção. Afinal, chegamos a uma caverna abobadada, a 77 metros de profundidade. Achava-se iluminada com tochas, e os mineiros, todos escravos, dirigidos por feitores brancos, estavam cobertos de suor, e entoavam, alegremente, seus cantos e coros selvagens, acompanhando o compasso com o bater dos malhos e das brocas. A escuridão, o pálido clarão das luzes, a falta de ar, o cheiro peculiar de enxofre e os cantos selvagens, com as paredes pendentes como o rochedo de Sísifo e a espada de

Dâmocles, tudo sugeria uma espécie de inferno material de Swendenborgian e o negrinho Chico balbuciou, quando perguntada a sua opinião:

– Parece o Inferno!

Descemos, então, o fundo escoadouro, a quase 5 metros abaixo da canoa, ou veio rico, e dirigido para a margem direita do córrego. A pedra é arrastada até a boca da galeria e içada; depois, um plano inclinado de madeira, que desce quase perpendicularmente, a leva aos locais de britagem e trituração. A matriz é, evidentemente, composta de piritas de arsênico auríferas, muito semelhantes às de Morro Velho; o ouro raramente é visto no quartzo, e, às vezes, é encontrado “caco negro”. A pedra aproveitável recolhida está na proporção de 60 por cento. Dezenove europeus, inclusive o superintendente,⁷ constituem o elemento branco; os outros devem ir de 380 a 400, homens e mulheres. O recrutamento para a Guerra do Paraguai, tão perto da capital, prejudicou muito o abastecimento de madeira, assim como a arregimentação de mão-de-obra. Cerca de cinquenta homens trabalham no subsolo ao mesmo tempo; cada um tem uma tarefa de quatro a seis palmos, com pagamento extra para o trabalho extraordinário, e cada cavouqueiro produz meia tonelada por dia, com um total de sessenta a setenta toneladas diárias. A pedra retirada varia de 1.600 a 1.800 toneladas por dia, e a produção é de 3.000 toneladas para cima.

Chegando à superfície, tiramos nossos cachimbos e examinamos os serviços superiores. Há dois cabrestantes para içar o material, movidos por mulas, os quais servem a quatro planos inclinados, que vão do fundo da mina até os locais onde o material é britado. Há quarenta e dois martelos-pilões, dos quais trinta são novos; são divididos em superiores e inferiores, e o material é transportado até eles em gamelas, que as mulheres carregam na cabeça; depois da terceira trituração, deixa-se escorrer a lama. Ainda não foram introduzidos os arrastos e a amalgamação. A areia triturada, quando bastante fina, é lavada na bateia e o ouro é guardado em caixas trancadas. O material mais grosseiro, antes de ser substituído nos trituradores superiores, é esmagado nas pranchas prensoras, na “câmara de lavagem”.

A Casa Grande era muito confortável e agradável, com seu piano e livros em quantidade, para não se falar das boas bebidas. Tínhamos despedido e os animais já estavam selados, em frente à porta, quando Mr. Symons apareceu, convidando-nos para o enterro de sua sogra. Às três horas da tarde, reunimo-nos na capelinha arruinada que domina o estreito

vale do rio Vermelho. Depois de passar muitos anos sem ouvir os serviços religiosos da Igreja da Inglaterra, fiquei impressionado com a frieza e insensibilidade do rito, a ausência de consolo aos vivos e a necessidade de reconfortar os mortos, se os “espíritas” falam a verdade. E o que poderia haver de adequado na “Lição tomada do 15º Capítulo da primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios”, com seu tom argumentativo e sua ininteligível alusão de ser “batizado para os mortos?”⁸ Muito melhor é o curto “ofício” usado na parte ocidental mais antiga do cristianismo. Os ingleses da Cornualha pareciam dispostos a acrescentar um pouco de vida à cerimônia. Quando terminou a leitura, cantaram, com voz fanhosa, um hino comprido, que lhes deu, espero, algum conforto espiritual.

A tarde já estava muito avançada quando partimos para Ouro Preto, que fica distante apenas uma légua curta. Toda a extensão é mais ou menos habitada. Lemos que, em 1801, era cheia de pequenos povoados e ranchos de mineiros nas elevações, perto da água. O caminho era, então, uma boa calçada, com uma alameda de árvores, que estavam, contudo, começando a faltar. Hoje, a situação mudou para pior; o caminho é uma espécie de soccalco. Para a direita, há uma confusão de colinas de argila vermelha, cobertas de vegetação baixa; à esquerda, profundo e invisível em seu leito rochoso, corre o rio Vermelho ou Mariana. A estrada é uma subida disfarçada e regular de areia vermelha e terra preta, ora lamacenta, ora poeirenta. Finas camadas de ardósia ferro-micácea brilham, como se polvilhadas de prata, e dizem que ocorrem aqui irrupções de cianita azul claro. A direção geral é oeste, com um pouco de desvio para o sul.⁹

Achamos Passagem, onde moram diversos mineiros ingleses, uma pequena aldeia de bom aspecto. Um compatriota, que, de trabalhador, tornou-se capitalista, tem aqui uma grande casa. Vivemos a pequena distância dele, durante três dias. Quando o conhecemos, ele nos convidou para nos hospedarmos em sua casa, mas não teve energia suficiente para sustentar o convite. Em três semanas, talvez fosse bem-sucedido. Dizem que as primeiras palavras que o estrangeiro aprende no Brasil são: “paciência”, “espere um pouco” e “amanhã”. Devo acrescentar que alguns estrangeiros aprendem a lição melhor do que os mestres. Os homens que vivem longo tempo nos trópicos muitas vezes caem em um hábito de vida nervoso e solitário; de fato, a dificuldade é impedir que isso aconteça. O Sr. Domingo Martens, de Whydah, deixou uma valiosa baixela de prata durante anos no cais, por-

que não quis ou não pôde ordenar a um soldado de seu numeroso exército de escravos que o fizesse. Conheci um viajante que ficou três anos no interior da África, sempre querendo e tencionando partir, mas sem a energia de fazê-lo. Meu excelente amigo, o Tenente-Coronel Hamerton, de Zanzibar, todas as noites resolvia arrumar as malas no dia seguinte cedo, até que, incapaz de fazer tal coisa, morreu.

Mais ou menos na metade do caminho, avistamos um santuário branco, a igreja do Alto da Cruz, que, ao crepúsculo, parecia um Frankenstein, ameaçador e gigantesco, deitado de costas, com as duas pernas para o ar. Outra milha de caminho mostrou-nos à direita o Chafariz de Água Férrea, cujo velho frontão e longa inscrição certificavam as virtudes de sua água ferruginosa. Perto da entrada, o caminho fora aberto na rocha viva; à direita, para o norte, havia uma pedreira de pedra de cantaria branca, bastante grande para abastecer a Província, e escavada por serviços de mineração de ouro há muito abandonados, e agora servindo aos pobres como chiqueiros; à esquerda, um parapeito protegia os caminhantes, para que não caíssem no grande valo escuro que, correndo de oeste para leste, drena as águas das duas cadeias paralelas, a serra do Itacolomi, ao sul, e sua vizinha, do outro lado, a serra de Ouro Preto. Ambas foram furadas e esburacadas à procura de veios e ninhos de quartzo aurífero.

A situação de Ouro Preto, cujo “mal augurado e mal escolhido nome” foi pateticamente observado por Mr. Walsh, logo se me revelou diferente de todas as outras capitais que eu vira.¹⁰ Estamos acostumados a encontrar símbolos raciais e caráter nacional plenamente desenvolvidos nos centros políticos e administrativos chamados metrópoles, e aqui verificamos que a velha Vila Rica não é menos sugestiva que Washington das longas distâncias. Não passa de uma grande aldeia, uma espécie de “aldeota”; uma única rua, construída à moda de Minas, ao longo da estrada real e perto da água necessária à lavagem do ouro. Parece-se, assim, como uma cidade provinciana, como existem muitas em Minas, iguais em população e superiores em importância. Também ali, como naquelas localidades do interior, a vida é algo

“Mais dormente que a erva...
Que nas margens do Lete se enraíza.”

A falta de terreno plano faz com que as casas brancas que se agarram aos rochedos, cujos ângulos salientes fazem frente ao córrego, su-

bam e desçam, ocupando cortes feitos nos contrafortes da elevação principal, que caem perpendiculares. Aqui, elas se espalham pelas alturas, ali desaparecem nas sombras abaixo de nós. Falta à perspectiva toda a graça e grandeza de uma cidade. É, no entanto, singular, cheio de surpresas e, de certo modo, romântico e pitoresco, plenamente mineiro.

Nós e nosso seguidor encontramos abrigo em casa do Comendador Paula Santos, Hospedeiro e Recebedor-Geral dos ingleses em Ouro Preto, como fora José Peixoto de Sousa, na última geração. Ele se encontrava no Rio de Janeiro, mas seu irmão, Dr. José Marçal dos Santos, fez as honras da Cidade do Ouro.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXIV

1. A mina do Matador foi explorada outrora; hoje pertence à companhia e, oportunamente, receberá atenção. Foi feito um corte transversal, na seção chamada Tambor; encontrou-se jacutinga, que não era aurífera, porém.
2. A inclinação oriental da linha de ouro é, em média, de 20° a 26°. Uma das linhas foi explorada na extensão de 330 metros a contar do afloramento.
3. A jacutinga é macia, e consiste, principalmente, de ferro micáceo, quartzo friável, areia e argila, em rocha continente de minério de ferro ardosiado.
4. Começou com 230 trabalhadores, a saber, 12 europeus, 65 brasileiros livres, 123 negros e 30 negras. Em 1867, o lucro da companhia elevou-se a £51.944 (ao câmbio médio).
5. Perto de Mariana, o verdadeiro itacolomito muitas vezes se transforma em micaxisto, e as “phyllas satiné” contêm granadas. Há, também, uma certa quantidade de uma pedra curiosamente flexível, erroneamente chamada itacolomito.
6. Localmente chamado congelada, quer dizer, quartzo, feldspato e outras rochas duras.
7. Mr. Furst, funcionário da companhia, faleceu, recentemente, de tifo; seu corpo se tornou, segundo dizem, “amarelo como um guinéu”.
8. São Paulo, I Coríntios, v. 29. Entre os maronitas (150 d.C.), que eram, em parte, maniqueus, o rito era literalmente cumprido. Quando um homem morria, um dos membros da seita sentava-se em seu caixão, e outro lhe perguntava se queria batizar-se e ele respondia afirmativamente, sendo, então, batizado. Os cafrigianos, que seguiram o bravo Montanus (170 d.C.), também batizavam seus mortos; e em vão os ortodoxos alegavam que tal ato era uma tolice e uma inutilidade, uma vez que era válido uma pessoa ser batizada em lugar de um

judeu ou de um grego, e efetuar a sua conversão, sem a aquiescência do convertido. Modernamente, a ótica renasceu. Veja-se o *Livro das Doutrinas e Compromissos (da Igreja de Jesus Cristo dos Santos-do-Último Dia, selecionados das Revelações de Deus, pelo Presidente, Joseph Smith)*, nos títulos: “Batismo para os Mortos, só aceitável no Templo”; “Batismo para os Mortos, Natureza do”, “também fiz alusão ao rito em “Cidade dos Santos”, cap. ix, p. 471.

9. O mapa de Burmeister coloca Mariana a leste de Ouro Preto, o que não é verdade. Na última edição de Mr. A. Keith Johnston (Stanford, Charing Cross), Mariana fica colocada a sul-sudeste de Ouro Preto, o que ainda é pior.
10. As capitais provinciais do Brasil têm, em média, 20.000; algumas, Maceió e Aracaju, por exemplo, muito menos; outras, como Pernambuco e Bahia, muito mais.

.....
Capítulo XXXV

VILA RICA, HOJE OURO PRETO (Lado Oeste)

“Difficiles terrae, collesque maligni”
Geórgicas

A seguinte descrição topográfica da cidade foi publicada nos *Anais de Medicina* de 1848, por um dos ilustres filhos de Ouro Preto, Dr. Eugênio Celso Nogueira. Nada mais justo do que deixá-lo descrever sua terra:

“A capital de Minas está situada na serra de Ouro Preto, a 24°24’6” de lat. S. e 0°16’5” de long. W. (do Pão-de-Açúcar no Rio de Janeiro). Quatro morros, contrafortes da mesma cadeia, constituem a base, e a irregularidade do local torna tarefa difícil uma descrição exata da cidade. Dos morros, alguns avançam, outros recuam, deixando entre si profundas gargantas. Os que são muito abruptos para que neles se possa construir, são cobertos por uma vegetação raquítica e acidentados em consequência de escavações, provocadas pela ação do tempo ou pelos trabalhos do homem. As casas são construídas em grupos desiguais, raramente ocupando o mesmo plano; daí a irregularidade, que se estende mesmo aos níveis das ruas. A maior parte delas tem um andar superior, exceto nos subúrbios, onde predominam as casas térreas. No centro da cidade, quase todas apresentam vidraças e tetos forrados com esteiras de taquara nos subúrbios, as casas são baixas e pequenas, algumas delas carecendo, mesmo, de assoalho.

“Dos quatro morros, o mais importante é o da Praça, que se eleva a 3.207 metros acima do nível do mar; o bairro de Ouro Preto, o

mais baixo, tem 3.126, e o pico do Itacolomi 3.346 metros. A cidade goza de poucos dias claros e serenos; durante todo o ano, especialmente à época das chuvas, o céu está encoberto, e as nuvens parecem ter feito sua morada nos cimos da montanha.”

Isso foi escrito em 1843; dizem que, de então para cá, o clima melhorou. De qualquer maneira, a altitude, os acidentes do terreno e a sua situação peculiar tornam a cidade sujeita a variações diárias extremas e a grande incerteza. Ora é o sol da Itália, ora os nevoeiros da Inglaterra. O clima é claramente subtropical, e as raças nórdicas têm de se aclimatar antes de prosperarem. É frio, contudo; as frutas tropicais não são boas; o abacaxi dificilmente amadurece, ao passo que as maçãs e marmelos dão bem. A temperatura é mais quente às duas horas da tarde e mais fria depois de meia-noite; variações médias são de 58° a 84° C à sombra; a última temperatura é rara, mas acredito que a história é diferente, no caso das temperaturas extremas. A evaporação é excessiva, resultado da baixa pressão atmosférica,¹ ao passo que a vizinhança das montanhas expõe a cidade às fortes correntes aéreas vindas do Atlântico; por isso, é um dos lugares mais úmidos das regiões montanhosas do Brasil. É difícil impedir que a roupa embolore, a não ser que seja guardada em caixas hermeticamente fechadas. A respeito da salubridade do clima, as opiniões divergem muito. Entre dois amigos brasileiros, de há muito aqui residentes, um elogia muito o clima, dizendo que não existem moléstias endêmicas, ao passo que o outro afirma ser um clima perigoso, especialmente nas mudanças de estação, em abril e novembro, e fecundo, durante todo o ano, em bócio e tísica pulmonar.

O mapa que acompanha o livro de M. Gerber, apesar e seus defeitos,² nos permitiu caminharmos na cidade, iniciando a vida em nosso lar provisório.

A casa do comendador fica enterrada entre os morros, na parte mais baixa de uma rua comprida, e está em boa posição central. A leste dela, fica a bem construída e parapeitada “Ponte dos Contos”, feita de pedra, que atravessa o córrego do mesmo nome. O pequeno curso de água tem a direção norte-sul, até se juntar ao rio principal, que ouvíamos correr abaixo de nós, como se transpusesse uma represa. O leito do córrego é, na estação da seca, um horto, com moitas repletas de morangueiros e uma nobre mirtácea, a jabuticabeira, sob a qual as “ranae palustres” entoam o seu coro. A casa é

bem cuidada, com janelas emolduradas e telhado com cornija, e a sacada enfeitada com bustos e uma linda parreira.

Nosso primeiro passeio foi pela Rua São José, logradouro que se dirige para oeste e noroeste, por meio de muitos altos e baixos. O lugar é clássico. Perto de onde estávamos, fica a pequena casa de três janelas onde morou o infeliz alferes de cavalaria³ Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes. Não se trata de um simples apelido. O patriota era, de fato, um arrancador de dentes. Vários de seus parentes ainda vivem em Lagoa Dourada e conservam seu estojo, um equipamento dos mais primitivos. Ele executava as extrações “com sutil ligeireza” e aprendeu consigo mesmo a fazer dentes artificiais. Aquela casa nos traz à lembrança o tempo de um movimento popular, do qual esta grande e heróica Província tem razão se sentir orgulhosa, por ser ele ligado diretamente à Independência do Brasil.

É evidente o caráter democrático da insurreição que o governo chamou de Conjuração ou Levante de Minas, e que hoje é conhecido popularmente como Inconfidência⁴ e tornou-se tão “sagrado” como nossa Grande Rebelião. Os conspiradores, quando presos, fizeram, é verdade, protestos de lealdade, mas seus intentos falam por si mesmos. Tinham resolvido proclamar a independência e a liberdade e se propunham a abolir os odiados “quintos” e outras extorsões reais; cancelar todas as dívidas da Coroa; abrir o proibido Distrito Diamantino e fundar uma universidade em Vila Rica e uma capital em São João d’el-Rei. Tinham escolhido uma bandeira e as armas, um triângulo supostamente representando a Santíssima Trindade, cujo mistério era a principal devoção de Tiradentes; a divisa era “*Libertas quae sera tamen*” e o símbolo um índio quebrando as correntes.⁵

Evidentemente, a intenção dos Inconfidentes, em sua “embriônica tentativa”, era estabelecer uma república em Minas e nas capitâncias vizinhas. Isso aconteceu em 1788, meia geração depois que a Lei do Porto de Boston, o Plano da Fome e as Caixas de Chá levaram à guerra do Rei e provocaram uma tempestade que abalou o velho sistema colonial do mundo. O grande Cromwell ensinara os anglo-americanos, e estes, por sua vez, ajudados pelos enciclopedistas e pelos “filósofos”, haviam inoculado na França as sublimes idéias de liberdade e independência. Dali, o espírito de emancipação passou, como uma faísca elétrica, ao Brasil, onde a “analogia de situação”, foi, sem demora, reconhecida. O Império, devo observar, fundou-se sozinho e não deveu sua existência, como afirma uma observação superficial,

a Napoleão I. Naquele tempo, o governador e capitão-general de Minas era o Visconde de Barbacena,⁶ e deve-se reconhecer que, embora fosse um homem cúvido, corrupto e inescrupuloso, seu vigor e energia contrastavam com teimosia ineficaz e a incapacidade de Burgoyne e Cornwallis. A circular relativa à arrecadação de impostos que dirigiu a várias câmaras solucionou a questão que se prendia ao gravame que os conspiradores se preparavam para explorar. Mas seu superior, o Vice-Rei do “Estado do Brasil”, que sucedeu, no Rio de Janeiro, a D. Luís de Vasconcelos e Sousa, era o “estúpido e taciturno” D. José de Castro, Conde de Resende, a “vergonha da nobreza portuguesa”.

Os cabeças da rebelião patriótica eram trinta e dois; tal, pelo menos, foi o número dos enviados ao Rio de Janeiro, a fim de serem julgados. Havia pelo menos mil suspeitos, a flor da terra, sacerdotes (cinco dos quais foram condenados) assim como leigos, todos amigos, se não parentes.⁷ Podemos imaginar o horror que se apossou do povo, quando o movimento falhou. Os mais destacados foram: o protomártir Tiradentes, da conspiração; Cláudio Manuel da Costa, o cérebro; o poeta Tomás Antônio Gonzaga, do qual falarei mais, dentro em pouco, e os condenados à morte. Estes últimos foram: 1. Francisco de Paula Freire de Andrade, da família Bobadela, tenente-coronel do Corpo de Cavalaria de Ouro Preto (Cavalaria Viva), homem de alta posição social e caráter muito interessante. 2. Seu cunhado, José Alves Maciel, maçom e primeiro confidente de Tiradentes, e que viajara pelos Estados Unidos e Europa;⁸ seu confessor descreve-o como São Paulo, persuadindo os outros, e como Santo Agostinho, dirigindo a Deus suas verdadeiras confissões. 3. Inácio José de Alvarenga Peixoto, ex-ouvidor de Sabará e coronel do 1º Corpo Auxiliar da Campanha do Rio Verde. 4. O venerando Domingos de Abreu Vieira,⁹ tenente-coronel dos Auxiliares de Minas Novas, que já completara 70 anos. 5 e 6. José de Resende Costa, pai e filho. 7. Dr. Cláudio Manuel da Costa, Procurador da Coroa e comentador de Adam Smith, Comissário de Costumes e Pai da Economia Política. 8. Tenente-coronel (Cavalaria Auxiliar) Francisco Antônio de Oliveira Lopes. 9. Luís Vaz de Toledo (Piza). 10. Domingos Vidal de Barbosa, médico ou cirurgião. 11. Salvador Carvalho Gurgel do Amaral; e, finalmente, 12. Tiradentes. Eles se reuniam, diz o processo, em Vila Rica, nas casas de Francisco de Paula e do Dr. Cláudio, e a sentença determinou que fossem arrasados e salgados os lugares de seus “infames conventículos”.¹⁰

Estavam, revelou-se, dispostos a iniciar o movimento com a senha “Hoje é o dia do batizado”; outros dizem: “Tal dia é o batizado”. O tenente-coronel deveria dominar a situação com as suas tropas, Alvarenga, Oliveira e Toledo, com seus escravos e partidários, levantar as cidades vizinhas, ao passo que Tiradentes avançaria, com vivas à liberdade, para ir buscar a cabeça do governador, em sua casa de campo, perto de Cachoeira, onde aquele dignitário se divertia cultivando a terra.¹¹ Finalmente, Portugal deveria ser oficialmente informado de que Minas Gerais se tornara uma república independente.

Segundo Southey, que, não tendo ouvido a outra parte, escreve com evidente parcialidade a favor de Portugal, os conspiradores “agiram como loucos”. Alguns parecem ter desempenhado o seu papel sem entusiasmo, outros se mostraram demasiadamente abertos e confiantes, uns poucos pensavam que dizer era a mesma coisa que fazer e muitos tinham a tentativa como “hipotética”, não considerando o povo maduro para a liberdade. Foi, de fato, um “rude tirocínio”, e, por outro lado, “foi uma grande empresa, e tudo tem que ter um começo”, O poeta Gonzaga¹² referiu-se a Tiradentes como um pobre-diabo, apto a tornar-se Júpiter ou Netuno para ser o chefe de tal rebelião. Um homem que estava sendo submetido a julgamento chamou-o de comédia; o cronista franciscano, mais adequadamente, designou-o como tragédia. A vingança e a traição grassaram, como nas fileiras do Fenianismo. O arquideltor foi o coronel (de auxiliares) Joaquim Silvério dos Reis Lairia Genes, um dos conspiradores, que revelou o plano, verbalmente, ao governador.¹³ Ele devia 20.000 cruzados ao Tesouro, e esperava, com sua traição, obter o perdão da dívida. Os documentos destinados a serem encaminhados ao vice-rei traziam as assinaturas do Mestre-de-Campo Inácio Correia Pamplona e tenente-coronel Basílio de Brito Malheiro. Este miserável solicitou, com preço do sangue, uma pensão e condecorações. Foi elogiado no processo, como vassalo leal e católico, e deixado morrer de miséria no Pará, para onde foi escorraçado pela indignação pública.

Os acusados foram detidos em 23 de maio de 1790, presos separadamente, e mandados, em conjunto, para o Rio de Janeiro. Ali ficaram presos, é curioso contar, no mesmo prédio onde, não muitos anos depois, alguns deles se sentaram como membros da Assembléia Nacional. Sua prisão durou até ser pronunciada a sentença, em 18 de abril de 1792. O Dr. Cláudio Manuel da Costa, o “Amigo Glauceste” de Gonzaga, tachado de traidor pelo governador, retrucou, referindo-se à absorção de Portugal

pela Espanha: “Traidor foi vosso avô, que vendeu sua pátria!” Foi removido da prisão para um quartinho abobadado, debaixo da escada da “Casa dos Contos”. A guarda permanente foi mudada, e ele foi assassinado pelos soldados.¹⁴ Espalhou-se a informação de que se enforcara, depois de ter aberto uma veia com a fivela de seu calção, para escrever, com sangue, um dístico na parede, pois também ele era poeta.¹⁵ É fictícia a história de que seu corpo teria sido exposto em uma forca mais alta do que as habituais, no Campo de São Domingos; o cadáver foi, imediatamente, enterrado em campo não consagrado, o quintal do quartel da guarnição. Mas o vigário Vidal, da família Meneses, cuja irmã era avó do atual Senador Teixeira de Sousa, de Ouro Preto, não acreditando na versão do suicídio, exumou o corpo e, com a ajuda de dois escravos, Agostinho e um outro, enterrou-o na terceira catacumba do coro principal da matriz de Ouro Preto.¹⁶

Onze dos conspiradores, inclusive Gonzaga, receberam sentenças de morte. Sete dos chefes foram condenados a ser enforcados no Campo da Lampadosa e decapitados e esquartejados, com exposição das cabeças; seus bens foram confiscados e, de acordo com o bárbaro costume da época, seus descendentes declarados infames. Quatro outros, Salvador Carneiro do Amaral Gurgel, José de Resende Costa, pai e filho,¹⁷ e o Dr. Domingos Vidal Barbosa, foram condenados a ser enforcados em uma forca mais alta que a usual, como seus amigos, decapitados, em exposição, mas com perda dos bens e infâmia dos descendentes. A sentença lhes foi lida na noite de 19 de abril de 1792. Cinco foram degregados pelo resto da vida para presídios ou guarnições de Angola, perdendo metade dos bens e ameaçados de morte, se voltassem. Os demais foram banidos temporariamente, e dois falsos acusadores foram açoitados. Nenhum podia queixar-se do seu destino. Conheciam a lei; a maior parte deles era de funcionários do governo; tinham arriscado tudo em um lance, e perdido o jogo.

Diz-se, porém, que as provas eram legalmente fracas e, conseqüentemente, que a sentença foi iníqua. Naqueles dias os vice-reis eram onipotentes, e os juízes, também, aterrorizados com o exemplo da França, apreciavam e julgavam os processos com severidade draconiana. É curioso observar que o *Jeffries* do julgamento foi o Desembargador Antônio Diniz da Cruz e Silva, poeta ainda popular cujas odes pindáricas e poema heróico-cômico *O Hissope* tornaram-se clássicos.¹⁸ Mas a Rainha D. Maria I, a primeira cabeça coroada destinada a visitar o Novo Mundo, foi clemente:

comutou em degredo perpétuo todas as sentenças capitais das Ordenações Filipinas, exceto a de Tiradentes; e, assim, das onze cabeças, só uma caiu. Pensa-se, habitualmente, que ele foi um mero instrumento de homens mais cultos, punidos *in terrorem*. A tradição é outra. Tiradentes era o verdadeiro tipo do sangue mineiro, de presença simpática e temperamento sanguíneo-bilioso. Estudou em escolas militares da França,¹⁹ e ali amadureceu o projeto de uma Pan-América, acrescentando Minas à lista de repúblicas encabeçadas pelos Estados Unidos. Morreu quando contava apenas 45 anos de idade, enérgico e muito “frenético”. Durante os cinco anos depois de seu regresso, foi cinco vezes, a cavalo, e não a pé, como contam, de Ouro Preto ao Rio de Janeiro, no interesse de seu projeto. Nesse lugar, foi detido.

Durante o julgamento, apesar de ter deixado uma esposa e uma filha pequena, nada negara; não acusou ninguém; e, afinal, morreu, tal como os mártires políticos em geral, como um herói.

O lugar escolhido para a execução de Tiradentes, que não ousou chamar de desventurado, foi um lugar abandonado, na parte oeste do Rio de Janeiro, o Campo dos Ciganos, onde eram enterrados os ciganos e os negros recém-importados (negros novos). Seis corpos de infantaria e duas “companhias” de cavalaria, além de tropas auxiliares, uma força armada bem grande para uma cidade de 50.000 habitantes, cercou o cadafalso, que fora erguido exatamente no ponto em que os coches funerários hoje fazem ponto, para serem alugados. Uma multidão enchia a planície e se amontoava nas fraldas do morro de Santo Antônio. O filho do Conde de Resende (D. Luís de Castro Benedito), montado em um cavalo arreado de prata, comandou as tropas. Enquanto se realizava um *Te Deum* em homenagem a Sua Majestade, na igreja do Carmo, e pronunciavam-se sermões exaltando a lealdade, a Irmandade de Santa Casa da Misericórdia, como era então costume, arrecadava esmolas que deveriam ser gastas em missas para o repouso da alma da vítima. A importância arrecadada foi de uma “dobra”; o Sr. Pascual diz cinco “dobras”, cada uma correspondendo a 12\$400 réis fortes ou 100\$000 de hoje, o que demonstra as simpatias da multidão. O heróico dentista, calmo e grave, foi levado, envergando a túnica dos condenados, da prisão (atual Câmara dos Deputados), pela Rua da Cadeia, hoje Rua da Assembléia, e Rua do Piolho, acompanhado por dois padres e guardado por 100 baionetas.²⁰ Continuou sua adoração da Trindade e da Encarnação até chegar ao cadafalso. Ali, ofereceu ao carrasco seu relógio de

ouro. Suas últimas palavras, depois de repetir, com o confessor, o Credo e Anatanásio, foram: “Cumprida a minha palavra, morro pela LIBERDADE”. A gloriosa confissão foi abafada por um rufar de tambores e soar de cornetas. Às 11 horas, foi enforcado até a morte, decapitado e esquartejado, por um carrasco negro e seus ajudantes. Sua cabeça e membros foram salgados. A primeira, que os poetas ainda cantam como a “Cabeça do Mártir”, foi enviada, em um barril, e já decomposta, com uma escolta de dragões, a Ouro Preto, e colocada em um poste alto, que havia, então, na esquina da Rua Direita com a praça principal. As janelas foram enfeitadas e todos os cidadãos obrigados a comparecer e dar vivas à Rainha. Conta-se que um irmão de Tiradentes, um padre²¹ escondeu-se para não assistir ao espetáculo, mas foi obrigado a ficar, a força, e a viver como os outros. Os braços foram mandados para Paraíba e para Barbacena, e as pernas pregadas em postes altos na estrada de Minas, no sítio de Varginha e na Freguesia de Cebolas,²² “onde o criminoso semeara as sementes da revolução e cometera suas abomináveis práticas”. Como Tiradentes morava em casa alugada, o valor do imóvel foi assegurado, mas não pago, ao proprietário; a casa tinha de ser arrasada e atirada ao rio, e o local arado e salgado, “para que nunca mais em tal lugar se possa construir”; o interesse, porém, preservou-a. Um Padrão²³ – ou coluna de pedra – de infâmia foi erguido, e ficou de pé até 1821, quando os cidadãos, entusiasmados com a Nova Constituição, reuniram-se e demoliram o ultrajante marco. No futuro, será erguido um mausoléu naquele lugar. Presentemente, os brasileiros pensam pouco em suas glórias nacionais; até mesmo a Colina de Ipiranga não tem um monumento que a distinga de outras colinas.

Assim, tragicamente, e com sangue, terminou a “comédia”, no mesmo ano que assistiu à decapitação do Bourbon, “filho de São Luís”; e mal se passara uma geração, a Árvore da Liberdade e da Independência, regada pelo sangue do republicano Tiradentes, cresceu e espalhou seus ramos sobre o país. Vinte e nove anos depois da selvagem cena acima descrita, a sinistra planície da execução tornou-se o Rocio, hoje chamada Praça da Constituição, e, à vista do lugar onde se plantara a forca ergue-se a estátua do primeiro Imperador Constitucional do Brasil, o Homem do Ipiranga.

A Rua de São José, além de alargar-se onde o Promártir morreu, tem um bom e moderno macadame; contrasta com o resto da cidade, onde os cruéis pedregulhos são semelhantes aos nossos calçamentos com as

pedras de carvão; a gente parece estar “pisando em ovos”. Essa artéria principal da parte ocidental, o Bairro de Ouro Preto, apresenta os habituais estilos de casa, lojas e armazéns. As paredes se elevam, como se fossem feitas de papelão, retas a partir do chão, e, em algumas delas, a barra colorida embaixo, com 70 a 90 centímetros de altura, parece um lambril externo. Nos telhados, uma fila de telhas é disposta em posição convexa, dominando a vizinha, côncava, e as beiradas são presas com cimento;²⁴ barrotes que saem da parede suportam uma tábua horizontal, sobre a qual fica o beiral do telhado, proeminente, para proteção dos alicerces; a parte mais baixa é revestida de tábuas e caiada, e, se a casa pertence a um janota, ou dândi, o beiral do telhado é pintado, embaixo, de vermelho. Não há calhas para desviar a água das chuvas, que se despejam, prazerosamente, no chapéu ou guarda-chuva dos transeuntes. Os letreiros existem, as tabuletas são raras e canhestras, e as lojas ainda conservam as despreziosas vitrininhas que são penduradas durante o dia e retiradas à noite. Como todas as casas comerciais ficam ao rés-do-chão, os alfaiates, sapateiros e demais artesãos trabalham sentados à porta ou junto das janelas, tão baixas que se parecem portas, e empregam metade do tempo conversando com algum amigo que passa. São comuns as lojas de ingleses e há, como é hábito nessas cidades abastecedoras, um pequeno comércio retalhista que vende tudo que é necessário ao tropeiro ou ao sertanejo. Pouco observei da decadência que Mr. Walsh assinala em 1829 e que fez com que os viajantes afirmassem que Vila Rica tornara-se Vila Pobre. Depois dos paralelogramos retângulos, tão ofensivos aos olhos deformados do viajante europeu,²⁵ que caracterizam as novas localidades do Brasil, Ouro Preto apresenta tanta curvatura malfeita e tanta estreiteza quanto se poderia desejar. Haverá todas as pitorescas dificuldades para a construção da rede de esgotos e de gás – um preço um tanto alto para pagar tanta curvatura.

Entre os estrangeiros estabelecidos na cidade, encontramos um inglês, Mr. Saul Spiers, e sua família. Ele comercia com jóias e artigos congêneres, e aqui vimos exemplares do topázio de Minas, do qual os velhos autores, a começar por John Mawe, deixaram descrições tão cuidadosas. Há três variedades comuns dessa pedra tão rica em jaças; a cor de vinho, a amarela cor de palha brilhante e uma quase branca; sob a influência da “moda” e de uma ampla falsificação, o topázio cedo se desmoralizou nos mercados da Europa, e já não se vende ou sequer é usado, a não ser pelos fabricantes de relógios. Procuramos couros de onça e de lobo, mas, nas cidades maiores,

eles são raros e muito caros. Também ficamos conhecendo o Sr. David Morethzsohn, um alemão que foi condômino das terras onde agora se encontra a Mina de Morro Velho; é, atualmente, delegado do consulado francês do Rio de Janeiro. Mais adiante, fica o melhor hotel da cidade, o das Quatro Nações, de propriedade de um francês.

Saindo da rua principal, um comprido braço para a esquerda, ou sul, leva-a à depressão onde está construída a igreja de Nossa Senhora do Pilar, matriz do bairro. O material de construção desse velho e primitivo templo em estilo missionário é constituído por pedra caiada e barro, com pilastras de arenito cinzento amarelado e capitéis pintados com cor de chocolate. A entrada principal, que dá para o poente, é um tanto arqueada para a frente,²⁶ e adornada com duas colunas em estilo jônico-mineiro, listrada no centro e repousando em um zero arquetônico. O vidro só aparece na fachada, um pedaço de pano defende a clarabóia e as torres estão meio acabadas. As únicas partes dignas de admiração são as portas de madeira de lei, e estas estão precisadas de lavagem e pintura.

Minha mulher, que entrou na matriz, descreve-a como sendo de forma oval; em torno da parte superior, há uma galeria que se abre para o corpo por meio de quatro arcos de cada lado, e uma para o coro sobre a porta. O teto é de madeira trabalhada e dourada, pintada com afrescos; uma caixa curiosa, fazendo lembrar Punch e Judy, e pendurada perto do coro, entre o Céu e a Terra, contém o órgão. Há dois bonitos púlpitos, e quatro lâmpadas de prata pendem diante dos seis altares laterais; estes últimos são do gosto antigo, tendo esculpidos anjos e outras figuras grotescas.²⁷ Um brasão bem entalhado na pedra fica perto do teto, sobre a grade do santuário. Este, um conjunto de madeira esculpida e dourada, tem quatro tribunas; entre seus afrescos há a Última Ceia no teto, e velas de cera estão acesas em grandes castiçais de prata, diante do Santíssimo Sacramento. O altar-mor tem um trono para o Santíssimo, acima do qual fica, nas ocasiões ordinárias, uma imagem da padroeira, Nossa Sra. do Pilar, sobre cuja cabeça uma coroa é sustentada por dois anjos; é devidamente amparada por São Pedro e São Francisco de Bórgia.

Ao sul da matriz, rodeado pelas casas de beirais salientes, fica o Campo de Manejo, ou de parada, uma espécie de praia ou margem de rio, na junção do córrego de Ouro Preto com o do Funil, que vem de sudoeste e tem a honra de ser considerado como a nascente do grande rio Doce. Os dois

formam o ribeirão do Carmo, rio Vermelho ou rio Mariana. O Funil corre por um valo profundo e escuro, evidentemente drenando as águas de uma velha lagoa, que agora parece ser um simples alargamento do leito arenoso. Esse lugar foi, outrora, imensamente rico; no princípio deste século, 12.000 escravos aqui trabalhavam, e a mineração sustentava uma população de 30.000 almas. Mesmo no tempo de Gardner, o “faiscador” seminu podia ganhar um xelim por dia, bateando a areia e o cascalho, depois de retirar as pedras maiores; agora, tem de “mergulhar” como um pato, mas nada encontrará.²⁸

Para além do Campo do Manejo, dirigindo-se ao norte, chega-se à igreja do Rosário de Ouro Preto,²⁹ como as demais igrejas, é construída sobre uma plataforma que nivela o terreno inclinado. O corpo é dividido em duas naves; o pórtico com robustos pilares é defendido por uma grade de madeira pintada de vermelho, e o espaço em frente apresenta uma pia e uma cruz de pedra. Mais para leste, uma colina é encimada pela igreja de São José; tem uma única torre central, um relógio parado nas 4h37min, um montão de areia na entrada e um velho tomando conta. Dali, por uma comprida e mal calçada ladeira, vai-se à igreja de São Francisco de Paula, na qual um homem e um menino – fazem lembrar Trafalgar Square – estão colocando uma fachada nova. Não há um panorama geral de Ouro Preto, enterrada entre as grandes cadeias paralelas de montanhas; temos de vê-la pouco a pouco, e aqui se tem uma bela perspectiva do Bairro Ocidental, limitada pela capela de duas torres do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, no lugar chamado “As Cabeças”.

Indo mais para o norte, atravessamos um pequeno regato, pelo “Pontilhão do Xavier”, um simples arco; há uma boa pedreira de pedra de cantaria na ravina. Mais para leste, fica um prédio pintado de ocre amarelo, o quartel da Polícia, que tem um efetivo de 600 homens, agora combatendo no Paraguai, como voluntários. Seu lugar está sendo ocupado por uma nova leva, cujos efetivos não vão, agora, a mais de 220. São conhecidos pelas túnicas azuis e listras vermelhas, ao passo que para a Guarda Nacional são brancas ou de outra cor. Sendo capital, Ouro Preto tem sua pequena tropa de escravos galés, que são vistos na ruas, trabalhando no calçamento, sob a direção de um mestre-pedreiro. Não mendigam, como o “galeotto” toscano, mas cada homem precisa de um guarda e, além de fumar e mandriar, fazem muito pouca coisa, em todo o Brasil. Essa penalidade, reinventada no tempo de Carlos VII e tomada de bom-tom por Louis le Grand, precisa de amplas modificações.

Para completar o circuito do bairro de Ouro Preto, deixamos à direita um pequeno templo de uma só torre, Nossa Senhora das Mercês (de Ouro Preto), cuja fachada apresenta uma figura dourada e a inscrição *Ego Mater Pulchrae Dilectionis*. Para o sul, fica o cemitério da irmandade, abundante em ervas daninhas. As outras ordens terceiras da capital são as de São Francisco de Assis, de São Francisco de Paula e de Nossa Senhora do Carmo. Estamos, agora, atrás do Palácio, na parte mais alta da cidade, e descemos para a mais baixa, por uma longa rampa de pedra que se dirige para o oeste. O único prédio digno de menção aqui é o “Quartel da Guarnição Fixa”, nome mal-aplicado, pois a guarnição foi para a guerra; a parte de fora é pintada de amarelo, e, no interior, há um pátio fundo, pior que o hospital de Scutari, em seus piores dias.

Fisicamente, Ouro Preto não é digna da vasta província que comanda; mesmo em São Paulo, não passaria de uma cidade de segunda categoria. A aldeia de mineração, asfixiada e superdesenvolvida, tem de 6.000 a 10.000 almas,³⁰ é em 1.500 casas. Durante seus dias de apogeu, entre 1723 e 1753, o censo deu 2.400 casas e 30.000 habitantes, dois terços dos quais eram escravos; em 1800, a população já havia caído para 19.000 a 20.000 habitantes. Em 1865, os brancos eram seis para um negro, agora são sete para um, e tudo mostra que o clima não é favorável ao africano.

Entre as muitas desvantagens, podemos observar que as carruagens não podem ser usadas, e que mesmo andar a cavalo não é seguro na cidade; não há espaço para se estender a cidade, as ruas são estreitas demais para carros urbanos e a região não é apropriada ao cavalo de ferro. Aqui tivemos as visões e sons de uma capital, o belo sexo vestindo *toilettes* francesas,

“Gents corps, jolis, parés très richement”.

Oficiais, homens uniformizados, civis e militares, ordenanças galopando a cavalo, sinos, sentinelas, sons de cometas e música eclesiástica e militar, enquanto, talvez ouvindo a banda, estão paradas algumas negras velhas, vestindo sobretudo masculinos, com cartolas estragadas orgulhosamente presas por um lenço sujo. Dificilmente se poderia dizer que a literatura floresce, quando os ouro-pretanos não dispõem de uma única livraria.³¹ O falecido “Abbé” e enérgico presidente, Conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, reformou os estabelecimentos de ensino e criou cinco “externatos”. Tínhamos visitado um deles, em São João d’el-Rei; os outros ficam

em Ouro Preto, Campanha, Sabará e Minas Novas. Isso foi de incalculável benefício. A iluminação é má, pior que a de São Paulo; cada lâmpada deveria ser igual a seis, e não a três velas de estearina, e muitos dos postes estão caídos. As terras em torno da cidade são improdutivas, as montanhas auríferas só podem ser exploradas por companhias e a cidade não é rica. Em Ouro Preto não vi uma única moeda de ouro, e, se não fossem suas pequenas indústrias, a cidade se pareceria com a nossa miserável colônia de Costa do Ouro. Ela vive pelo suor de outras frentes, por sua profissão de capital e pelo dinheiro que o governo gasta com seus funcionários, o que faz a província queixar-se da “empregocracia”. Ficando no caminho entre a metrópole imperial e o Distrito Diamantino, o pequeno comércio tem certa atividade, mas não é provável que isso dure muito tempo. Quanto mais cedo for encontrado novo lugar para a capital, tanto melhor, mas não é fácil, como eu disse, encontrar-se um ponto central adequado a tal fim.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXV

1. O Dr. Franklin da Silva Massena, formado em engenharia em Roma, calcula a pressão atmosférica do corpo humano em 3,76 arrobas, menos que a pressão a beira-mar no Brasil. A temperatura média anual de Ouro Preto é, geralmente, dada como 19,9 (Cent.).
2. A Planta Topográfica de Ouro Preto é em escala muito pequena; não são dados os nomes das ruas, nem as linhas das montanhas devidamente traçadas.
3. Nascido em 1757. Os documentos oficiais o chamam de ex-alferes das tropas de cavalaria paga da Capitania de Minas. O vulgo supõe que ele era alferes ou tenente de artilharia. Foi preso no dia 10 de maio de 1789, e posto à disposição do vice-rei, na ilha das Cobras.
4. Uma expressão de opróbrio, adotada como um desafio. St. Hil. (I. i., 202) a chama de “*prétendue conspiration*” e afirma: “*on ne découvrit aucune preuve*”. Sua descrição do movimento é mais fraca que a de Southey.
5. Não um “Gênio”, como se diz vulgarmente. No MS., “Gênio” e “Índio” podem ser facilmente confundidos. A divisa virgiliana tem sido muito maltratada. Southey dá “*Libertas quae sera tamen*”. O Sr. Norberto “*Libertas quae sera tamen*”. O Sr. A. D. de Pascual (p. 60) escreve: “*Libertas quae sera tamen*”. Este último publicou em 1868 (Rio de Janeiro, Tip. do Imperial Instituto Artístico) uma brochura intitulada “Um Episódio da História Pátria. As quatro derradeiras noites dos Inconfidentes de Minas Gerais (1792)”. O autor afirma ter-se baseado em um manuscrito de um franciscano do convento de

Santo Antônio, que foi mandado com dez outros, na noite do dia 18 e nas seguintes, para consolar os onze condenados à morte. Os jesuítas introduziram o costume de assegurar que um ministro religioso estivesse presente, quando era lida uma sentença condenando à pena capital, e, quando foram expulsos, o encargo passou aos franciscanos. O Sr. Pascual informa ao público, em uma “Advertência”, que sua idéia original era a de escrever um drama; sem dúvida, ao escrever história, ele conservou a forma dramática.

6. D. Luís Antônio de Mendonça Furtado. O nome é assim dado nos MSS. Os livros preferem, habitualmente, Furtado de Mendonça. O povo acreditava que ele fora mandado para a cobrança dos quintos atrasados, que montavam a 22.400 libras de ouro. Em 11 de julho de 1788, ele sucedeu a Luís da Cunha de Meneses. Este último, que foi satirizado nas “Cartas Chilenas”, tinha algumas suspeitas das idéias republicanas então freqüentes em Minas, mas, tendo muitos amigos ali, contentou-se, quando voltou a Portugal, de relatar o caso, de um modo geral; dragões e outras tropas foram então enviados à colônia desafeiçoada.
7. O *Almanaque* (1865, pág. 51) dá o número dos inconfidentes como sendo de vinte e quatro; destes, vinte e um foram condenados. M. Ribeyrolles publicou uma notícia do julgamento, em português e francês. O Dr. Melo Morais (*Brasil Histórico*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1864 e números seguintes) publicou todo o processo de Tiradentes. Os documentos originais foram, segundo se diz, mantidos durante muito anos costurados em um saco de couro, nos arquivos da Secretaria de Estado dos Negócios Interiores. Acredito, contudo, que se trate de um equívoco; o Visconde de Barbacena levou para a Europa todos os documentos que o comprometiam; muitos permaneceram, mesmo, na Secretaria de Ouro Preto e diversos foram publicados.
8. Existe, segundo me disseram, um despacho, entre os que foram mandados de Paris por Thomas Jefferson a Washington, informando que se encontrara, em Passy, com dois enviados da colônia brasileira, um dos quais, dizem, era José Alves Maciel. Segundo o General J. L. de Abreu e Lima (*Compêndio de História do Brasil*, cap. 5, § 6) Maciel era, provavelmente, a pessoa mencionada por Jefferson, quando escreveu de Marselha, em 4 de maio de 1787, a John Jay. Um extrato da carta foi publicado na *Revista Trimestral do Instituto Histórico* (vol. III, pág. 209). Varnhagen (II. 270) menciona o fato de Jefferson ter-se encontrado em Nîmes com um ardoroso jovem brasileiro, José Joaquim da Maia, cujo pai era maçom, no Rio de Janeiro. J. A. Maciel escapou melhor que seus amigos, porque era filho de um capitão-mor e estava em bons termos com o capitão-general.
9. Sinto-me feliz, aqui, por poder registrar um caso de afeição e gratidão de um negro. Um escravo de nome desconhecido, pertencente a esse oficial, induziu as autoridades, a força de pedir, a conceder-lhe permissão para acompanhar seu senhor na prisão e no exílio na África. O Sr. Pascual chama-o de “diamante negro” e de “fiel, nobre e virtuoso escravo”.
10. O “arrasamento” não se consumou, porque se achou mais lucrativo confiscar-se a propriedade. Uma porta e o quarto ocupado por Tiradentes foram destruídos.
11. Os conspiradores declararam que queriam prendê-lo e deportá-lo, e não assassiná-lo. Isso parece provável; mas, com um *tête-montée* como Tiradentes, é difícil evitar-se excessos ou

prever o que irá acontecer. Em tais circunstâncias, os homens, em geral, agem levados pelo instinto de que o único meio de se livrar de um inimigo é tirar-lhe a vida. O Visconde de Barbacena era tão impopular, que, quando visitava Ouro Preto, era obrigado a tomar medidas especiais de precaução. Um aposento do atual palácio foi dividido por ele em dezoito quartos diferentes, e ninguém sabia onde ele ficava ou dormia.

12. *Liras*, II, 7-9. Acredita-se, geralmente, contudo, que Gonzaga usou as palavras “pobre, sem respeito e louco” apenas para salvar seu amigo. O confessor de Santo Antônio descreve-o como “entusiasmado como um *quaker* e aventureiro como um Quixote”.
13. As autoridades não estão de acordo se isso foi feito verbalmente ou por escrito.
14. Uma parteira, tia Mônica, passou, para atender a um chamado profissional, pela casa, logo depois do assassinato, e viu dois dos soldados arrastando o corpo do Dr. Cláudio, que era um homem robusto, facilmente reconhecível. A família Bobadela tentou em vão salvá-lo.
15. Ele era entusiasta de Anacreonte e Malherbe (*et Rose elle a vecu*, etc.). Entre os bens confiscados de Gonzaga, havia exemplares desses autores, trazendo o nome de Cláudio Manuel. Sua poesia está bem caracterizada no *Plutarco Brasileiro*, i, 225-252. O Santo Ofício não apreciava a linguagem de seus escritos em prosa, e só permitiu a publicação de poucos deles. Nunca se soube qual era o dístico em que mostrou a paixão predominante até a morte.
16. Aconteceu ter morrido um soldado, na ocasião, e, segundo algumas autoridades, o poeta foi enterrado no chão consagrado, na suposição de que se tratava do defunto “praça”.
17. Proprietário do sítio de Varginha, onde um dos braços do mártir foi pregado. Os descendentes de Resende Costa, na África, reivindicaram a restituição do imóvel, alegando a ilegalidade da sentença, mas não foram bem-sucedidos.
18. Ferdinand Denis, Cap. xxvi. O *Hissope* tem sido comparado ao *Lutrin* e o poeta foi chamado o Píndaro de Portugal. Seus assessores, na ocasião, foram: o Acusador, Antônio Gomes Ribeiro, e o Chanceler, Sebastião Xavier de Vasconcelos.
19. A tradição é falsa; ele nunca saiu do Brasil.
20. Segundo o Sr. Pascual, o juiz-de-fora ia a cavalo, adiante do condenado.
21. Tiradentes tinha dois irmãos padres.
22. Este lugar fica na estrada de Minas a Paraíba do Sul. Pertence, atualmente, ao Deputado Sr. Martinho Campos.
23. A palavra é corruptela de “Pedrão”. Nos tempos heróicos das descobertas portuguesas, essas colunas eram plantadas pelos aventureiros, que, de tal modo, tomavam posse do solo para a Coroa, e, assim, Camões nos conta que a armada de Vasco da Gama estava abastecida delas. De acordo com o Sr. Pascual, que está, parece-me, equivocado, a cabeça foi colocada em uma gaiola de ferro e está exposta sobre o Padrão. Ele relata, também, que o irmão de Tiradentes, às duas horas da madrugada de 20 de maio de 1793, colocou dentro da caixa uma pedra, com a inscrição simbólica: “30 .. ‘Emvunah’”.

24. Estilo chinês. Assim, que aos Klaus de Bornéu (*Vida nas Florestas do Extremo Oriente*, por Spenser St. John, Londres, Smith & Elder, 1862, Vol. I, p. 263) cortam seus bambus pela metade e dispõem as canas lado a lado, com as concavidades para cima, a fim de apanhar a chuva; em seguida, uma fila é colocada convexamente, para cobrir as outras e impedir que a água respingue. É uma sugestão aos viajantes, onde o bambu seja abundante.
25. Confesso admirar acima de tudo uma rua perfeitamente reta, com uma protuberância ou depressão vertical, especialmente quando há um desnível que permita vê-la. Não se pode presumir que o homem tenha nascido gostando de ruas tortas e praças irregulares.
26. Aqui chamada “forma oitavada”.
27. À direita estão:
 - nº 1. Nosso Senhor dos Passos e Nossa Sra. das Dores; São João Batista e Santa Rita.
 - nº 2. Santa Ana e a Virgem; São José com o Menino Deus e São Joaquim.
 - nº 3. Um grande Crucifixo; São Miguel; São Francisco de Paula e São Boaventura, por cujo mistério tenho um respeito que toca às raízes da adoração.À esquerda estão:
 - nº 1. Nossa Senhora da Conceição; o Anjo-da-Guarda, com Santa Isabel e o Menino Deus, todos juntos, e São Sebastião.
 - nº 2. Nossa Senhora da Terra; Santa Úrsula, Rainha das gloriosas Onze Mil; São Francisco de Assis e São Domingos.
 - nº 3. Santo Antônio e o Menino Deus; São Vicente de Ferreira e São Gonçalo.
28. Faísca de ouro, que originalmente significava uma fagulha, hoje significa uma partícula achatada de ouro; é o contrário de “pisca de ouro”, um grão de ouro menor que a canjica, que, por sua vez, é menor que a pepita. O mineiro, nesse tipo de serviço, é chamado faiscador, e seu trabalho é feito, na maioria das vezes, embaixo da água; daí se dizer: mergulhar.
29. No outro bairro, há outra Nossa Senhora do Rosário, chamada do Alto. A igreja era, antigamente, muito rica em prata, que agora desapareceu. Conta-se que os mineiros negros, que em sua maioria são devotos da Santa, tinham permissão de seus senhores, na festa de sua padroeira, que se realiza todos os anos, em outubro, de encher a carapinha de ouro em pó e lavá-la depois, na pia de água benta. Quando 12.000 a 14.000 homens fizeram isso, o “Velocino de Ouro” deixará de ser lenda.
30. Eu preferiria o número de 8.000. Por outro lado, há uma considerável população flutuante, e, em determinadas ocasiões, pode chegar a 10.000.
31. Em 1840, a Assembléia Provincial criou um colégio preparatório, com cadeiras de Latim, Francês, Inglês, Filosofia, Matemáticas e Farmácia. O Jardim Botânico, que, sob os governadores-gerais, espalhou, outrora, 20.000 libras de chá pela região, foi arrendado a um particular, por 200\$000 por ano. A população gosta muito de música, mas isso acontece em todo o Brasil.

.....

Capítulo XXXVI

CONTINUAÇÃO DE OURO PRETO (Lado Leste)

*Tu formosa Marília, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão em que nasceste.
Gonzaga, Lira xxix*

Do outro lado da ponte e bem distante dela, onde a cidade tem o aspecto de um pedaço de Abbeville, fica a Casa dos Contos,¹ hoje o Tesouro. Foi construída, como foi a casa do comendador, por um certo João Rodrigues de Macedo, cidadão muito rico e muito importante, que vivia no esplendor e com prodigalidade. Como aconteceu a muitos outros, arruinou-se com o contrato para a cobrança dos dízimos, que foram confiados, por um breve do Papa, ao Rei de Portugal, como Grão-Mestre da Ordem de Cristo; e suas dívidas fizeram com que os seus bens fossem cair em poder do governo. Morreu quase louco e na miséria. O prédio é maciço, com barras de esteatita, pesadas sacadas e um mirador ou mirante no telhado. Embaixo, à direita, fica a coletoria, onde são cobrados os impostos provinciais sobre exportações; à esquerda, a filial do Banco do Brasil,² cujo Presidente é o Dr. Marçal, e, atrás, os correios. *En passant*, mostraram-nos o lugar da morte do Dr. Cláudio Manuel. No andar superior, fica o Tesouro-Geral ou Imperial, com todo o seu complicado pessoal, inspetor, chefes de seção, primeiros, segundos e terceiros escriturários, praticantes e outros; meia dúzia faz o serviço de um – sem incluir a “vadiagem”.

Depois, subimos a Rua dos Contos, uma ladeira reta que segue rumo ao sudeste, passando, à esquerda, por um chafariz, um dos treze ou quatorze da cidade. Tem uma inscrição curiosa:

*Is quae potato cole gens pleno ore Senatu
Securi uti sitis a am(sic) facit ille sitis.*

A água é melhor que o latim. À direita, há um prédio de aspecto alegre, a Mesa das Rendas, transformada, recentemente, em Tesouro Provincial, com uma infinidade de funcionários, que, de pena atrás da orelha, como a ave-secretária, trabalham arduamente na estatística de quem passa na rua.

A Rua Direita, que faz uma volta forte para o nascente, é uma ladeira íngreme e escorregadia, com passeios estreitos. No alto, fica a Praça,³ que não precisa nome, por ser a única. É um longo paralelogramo, inclinado no centro, que apresenta um monumento aos Mártires da Independência, construído recentemente, por subscrição. É de aspecto um tanto desagradável, fazendo lembrar o pelourinho dos velhos tempos⁴ faz-lhe falta a figura da liberdade, poesia ou do índio, do Brasil, ou de um outro belo ídolo, pois, por pior que seja uma coluna sustentando uma estátua, uma coluna que não sustenta coisa alguma é ainda pior.⁵ Para o norte, fica o Palácio do Governo, cuja construção foi terminada pelo Brigadeiro de Artilharia José Fernandes Pinto, mencionado no *Uraguai*; o artilheiro cientista foi também o arquiteto do Palácio do Vice-Rei, hoje Palácio Imperial do Rio de Janeiro. Essa sede do governo, antigamente acomodada na Intendência do Ouro, fica na parte mais baixa; a fachada parece um *chateau-fort*, uma cortina anã liga dois bastões diminutos do tempo de Vauban e seus canhões usados para dominar a cidade excessivamente tumultuosa. A habitual rampa de pedra, muito comprida, conduz à entrada, que ostenta as armas imperiais e um gigantesco “auriverde pendão”. Ali fomos convocados, no salão de recepção, entre onze da manhã e uma da tarde, pelo idoso vice-presidente e presidente em exercício, Dr. Elias Pinto Carvalho, um “liberal histórico”, que corresponde ao nosso *old Whig*, nascido em Curvelo e ultimamente juiz de direito de Sabará. Fomos recebidos em uma grande e bela sala, com o inevitável sofá e a dupla fila de cadeiras em perpendicular; havia pouca coisa a anotar, a não ser o surpreendente tamanho das enormes escarradeiras de meio alqueire de medida. Sua Excelência prometeu facilitar minha viagem, e realmente, tomou o trabalho de escrever uma longa lista de cartas de apresentação, delicadeza que eu não podia esperar e pela qual aqui expresseo o meu sincero agradecimento. No Palácio, também fiquei conhecendo o Dr. H. C. Muzzio, cujo nome já foi mencionado nestas páginas. Ele

é profundamente versado em poesia e principalmente na história da Inconfidência; a ele, meus leitores devem a primeira descrição minuciosa e correta daquele grande acontecimento histórico publicada na Inglaterra.

Visitamos, em seguida, o Paço da Assembléia Legislativa Provincial, a nordeste da praça. O salão é grande e bem conservado, com poltronas para o presidente e os dois secretários, de frente do habitual semicírculo dos assentos dos deputados; as acomodações para o público são muito limitadas, precaução aconselhável, onde as discussões costumam provocar excitação. Ao sul do Paço, fica um prédio modesto, a Câmara Municipal. O lado sul da praça é ocupado por um belo e sólido prédio antigo, a prisão;⁶ dizem os mineiros que, em Ouro Preto, só há duas coisas boas: a cadeia e a água; alegava-se que era a melhor cadeia do Brasil; talvez fosse, mas, agora, não pode se comparar com a bem construída Casa de Correção. No local, há um chafariz com uma comprida inscrição, e uma dupla escadaria conduz à entrada, com sentinelas, flanqueada por janelas gradeadas. O primeiro e o segundo pavimentos têm colunas jônicas, com enormes e pesadas volutas, e ao redor do telhado há uma maciça balaustrada de pedra, com uma estátua da Justiça e outras virtudes de cada lado; também não foi esquecido o pára-raios. Os presos são 454 homens e 12 mulheres, uma diferença notável. Visitamos, no andar superior, a enfermaria e as salas destinadas aos recrutas dispostos a desertar; o sistema de esgotos foi um tanto melhorado, mas ainda há algo a fazer, no que diz respeito à limpeza. Os presos mostram-se mais diligentes que habitualmente, e o diretor da prisão, Sr. Joaquim Pinto Rosa, judiciosamente providencia para que todos eles executem algum trabalho manual. Ele subiu conosco a escada em caracol da alta torre do relógio, central, e, de cima, avistamos uma curiosa paisagem.

O formato da Cidade do Ouro, ou melhor, da parte que avistamos, é o de uma enorme serpente, cuja volta maior fica na praça, que é também a extremidade noroeste. As extremidades se estendem por duas boas milhas, com convoluções elevadas, como as cobras apresentam nos livros antigos. O local é o contraforte mais baixo da serra de São Sebastião, cujas águas são drenadas pelo Funil, em sua brecha; essa serra faz parte da cadeia de montanhas de Ouro Preto, que se estende por duas léguas, de leste a oeste.⁷ O arruamento, tanto da parte superior como da inferior da cidade, é muito emaranhado, e os velhos logradouros, meras “voltas” e “rodeios”, mostram quanto eram valiosos, outrora, os terrenos para construção. Vêem-

se quinze igrejas,⁸ a maior parte elevada em pontos isolados e destacados, e ostentando, assim, um aspecto de veneranda suntuosidade. As casas, penduradas perto da pitoresca ravina, tão perto quanto possível da velha depressão da mina, tem, necessariamente, um lado mais alto do que o outro. A policromia produz o melhor efeito: há todas as variedades de cores, mesmo as imperiais – ouro e verde – e uma casa apresenta uma imitação de alvenaria de tijolo: branca, vermelha e amarela.

Todo o panorama é montanhoso e “aurífero”, remexido e revirado pelo mineiro. Logo ao sul, ergue-se o morro do Cruzeiro, com a respectiva cruz, e ali fica a estrada real para o Rio de Janeiro. A vista mais bela está a alguns passos para o sul, onde avistamos no horizonte, elevando-se acima do paredão das montanhas, o Itacolomi, a “Pedra e o Indiozinho”.⁹ Um alto e negro bloco monolítico projeta sua forma regular contra o céu, curvando-se em um ângulo de 45°. Ao seu lado, fica um bloco relativamente pequeno, que os homens vermelhos, pitorescos em sua linguagem não escrita, compararam a uma criança, de pé ao lado da mãe. Talvez o nome faça alusão a alguma esquecida metamorfose de fábula indígena e, talvez, também, tenha sido idéia de algum poeta mineiro. As encostas que culminam nesse pico são, ora nuas, ora cobertas de capim; altas araucárias mostram a severidade do frio e, se só existir no céu uma nuvem, estará, sem dúvida, junto do Itacolomi.

No fundo da depressão ao pé da montanha, e tendo atrás árvores frondosas, há um prédio sem beleza, comprido, baixo, coberto de telha e caiado de branco, muito parecido com uma confortável casa de fazenda. Ali morou e morreu Marília, cujo nome profano era D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, a heroína local, Beatriz, Laura ou Natércia, e que, por pouco, escapou de ser a Heloísa de Minas.¹⁰ Era sobrinha do Tenente-Coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão, ajudante-de-ordens do governador. Os livros nos dizem que era “descendente de uma das principais famílias da terra”¹¹ mas isso é negado por alguns ouro-pretanos. Nascida em 1765, aos quinze anos foi prometida pelo tio, um zeloso realista, ao poeta Gonzaga, então com 44 anos, e há uma lenda no sentido de que a sua beleza apressou o trágico desfecho da Inconfidência. Um certo Coronel Montenegro,¹² quando *jawáb'd*, como dizem os anglo-indianos, censurou-a por ter preferido, a “um nobre de fortuna e posição”, um pobre “homem que escrevia livros”. Ela, em um impulso juvenil, retrucou que preferia a

inteligência a dinheiro e Montenegro. Este denunciou a conspiração, por uma carta, ao Visconde de Barbacena, que, ao lê-la, empalideceu, colocou a embaixo da mesa e saiu da sala. Encontrava-se presente, por acaso, seu primo, o Frei Lourenço, o eremita do Caraça: a missiva caiu no chão, e o frade, ao apanhá-la, leu-a de relance. Saindo, procurou apressadamente os amigos, contou-lhes a traição e aconselhou-os a fugir. Eles, contudo, resolveram antecipar o movimento e, saindo armados pelas ruas, tentaram dar o grito de liberdade. O governador, que, sendo amigo de muitos dos acusados, estava disposto a se afastar de seu cargo, foi, assim, obrigado a agir.¹³ Essa versão não consta de qualquer das volumosas notícias que se escreveram sobre a Inconfidência, mas me foi contada, em Minas, por toda a parte, mesmo nas margens do rio São Francisco.

Infelizmente para o romance, Heloísa foi infidelíssima a Abelardo, como Abelardo foi infiel a Heloísa.¹⁴ Os amantes que “morte não poderia separar” e cujos protestos de constância escritos foram inúmeros, separaram-se depois da descoberta da rebelião; isso é facilmente explicável: entre os inconfidentes, falara-se sobre a necessidade de remover-se a cabeça do enérgico ajudante-de-ordens. Os dois tiveram, contudo, licença de se despedirem para sempre – e a cena foi dolorosa, segundo dizem. E ambos fizeram o diabo, depois disso. Um certo Dr. Queiroga, Ouvidor de Ouro Preto, teve a honra de suplantar o poeta Gonzaga, mas não com ternura legalizada. Dele, D. Maria Dirceu, como era chamada, teve três filhos: Dr. (M. A.) Anacleto Teixeira de Queiroga; D. Maria Joaquina e D. Dorotéia, todos de olhos azuis e cabelos louros. Em Ouro Preto ela é hoje, talvez, mais conhecida como a mãe do Dr. Queiroga. Nos últimos anos, viveu reclusa, só saindo de casa para ir à igreja, e morreu (1853), com a idade de oitenta anos. Em seu leito de morte, disse ao confessor: “Ele foi separado de mim quando eu tinha 17 anos.” Os que a conheceram bem descrevem-na como sendo de baixa estatura e conservando, apesar da idade, feições delicadas e “uma boca risonha e breve”, e dizem que seus olhos eram azuis e que os cabelos, tornados brancos, tinham sido meio-louros. Seu amante, curioso é dizer, fez suas madeixas quatro vezes “tingidas do azeviche da noite” e em quatro outras “cachos de ouro”, e o autor da edição favorita das *Liras* o defende, como só os amigos podem defender.¹⁵

Da Praça, descemos a Rua do Ouvidor para o sueste, e, em uma esquina onde se encontram quatro ruas, em frente à Rua dos Paulistas,

notamos que a histórica casa de Cláudio Manuel ainda não possui uma placa comemorativa. Talvez os ouropretanos pensem, como os gregos que **Ανδρῶν ἐπιφανῶν πᾶτα γῆ τάφος*. Bem pensado, ela mereceria uma citação de Plutarco: “*Vita dignissimus est, qui que morte sua patriae salutem quaerit*”. É uma pequena casa de esquina, com cinco janelas, amarela, com sacadas verdes. Na entrada, há uma saleta diminuta; no andar de cima, um pequeno quarto quadrado de paredes caiadas, o escritório de Vasconcelos,¹⁶ e um outro aposento, muito semelhante, com antiquados bancos de tijolo, que dá para um terraço ou varanda. Aqui os inconfidentes se reuniam, para discutir suas poesias, seus projetos, suas aspirações políticas; e dali se tem uma vista ininterrupta da casa de D. Maria, no fundo.

A casa tornou-se famosa por suas relações com a “Revolução dos Três Poetas”, como o movimento ainda é chamado pelo povo. São eles Gonzaga, Cláudio Manuel e o Coronel José Inácio de Alvarenga Peixoto,¹⁷ homem de nobre caráter, filósofo e poeta de “descomedida imaginação”, mas, talvez, o menos altamente situado no Parnaso Português dos dias presentes. Houve dois outros mais ou menos comprometidos no caso, Manuel Inácio da Silva Alvarenga¹⁸ e Dr. Domingos Vidal Barbosa, que foi degradado para a África Ocidental, onde morreu, em 1793. Esse celebrado quinteto pode ser chamado os chefes da Escola Mineira.

Naquela casa, Gonzaga, a figura central do grupo de poetas, costumava passar o tempo bordando as vestes nupciais de D. Maria e as suas próprias.¹⁹ Foram encontradas, recentemente, algumas de suas cartas, encomendando novelos de seda a vários comerciantes. Gonzaga nasceu no Porto, em agosto de 1744 e foi batizado em 2 de setembro. O Brasil o reclama, pois seu pai era um funcionário brasileiro, e ele próprio considerava a colônia como sua terra.

Por deixar os pátrios lares
Não me pesa o sentimento.²⁰

E conta que sua juventude foi passada em São Salvador da Bahia
Pintam que os mares sulco da Bahia
Onde passei a flor da minha idade.²¹

Estudou direito em Coimbra, foi juiz em Beja e outras cidades de Portugal e, finalmente, tornou-se ouvidor em Vila Rica, naqueles dias uma personalidade mais importante que do que o presidente hoje. Seu

próximo casamento atrasou-o por dois ou três anos, e ele protelou a partida mesmo depois de ter sido nomeado desembargador do Tribunal da Bahia, demora essa que depôs muito contra ele. A crença geral é que o governo local, cujo consentimento à união era necessário, hesitou em conceder licença, porque não desejava que a influência do poeta se fizesse sentir em Minas. Corre em Ouro Preto a lenda, e acredito que seja verdadeira, de que um vulto embaçado o advertiu, na noite de 17 de maio de 1789, de que a tempestade se aproximava; Gonzaga não deu atenção ao aviso; na noite de 22, jantou em sua casa na Rua do Ouvidor,²² com os amigos e, no dia seguinte, todos estavam presos.

Gonzaga²³ foi mandado, com os outros acusados, para o Rio de Janeiro. Seus amigos foram postos na prisão situada onde é hoje a Câmara dos Deputados; ele foi metido em uma masmorra da ilha das Cobras, e depois nas casas da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Durante 1.095 dias de solidão, procurou descansar o espírito escrevendo nas paredes da masmorra, com carvão, cotos de velas ou tochas e um espinho de laranjeira. Foi submetido a quatro severos interrogatórios²⁴ e queixou-se amargamente do virulento ódio de um inimigo particular, Basílio de Brito, hoje desconhecido que jurara “levá-lo às portas da morte”. As provas contra ele eram muito conflitantes e quase todas presuntivas. Em certas ocasiões, davam-lhe esperanças, e ele chegou a pensar que o seu casamento se realizaria. Informara-se que ele elaborara um código de leis para a República; por outro lado, ele afirmava ter brigado com Tiradentes, e os conspiradores parecem tê-lo considerado como um estranho. A sentença contra ele, finalmente conhecida em 18 de abril de 1792, salienta o fato de ser ele “um homem de luzes e talentos” e, sem dúvida, sua reputação o perdeu. Pela ousadia de ser um espírito eminente e culto, foi degredado para Pedra de Angoche, na África Ocidental; depois da execução de Tiradentes, a pena foi comutada em deportação por dez anos para o clima mortal de Moçambique, com aplicação de pena capital, em caso de regresso. A voz do povo, cujos instintos são verdadeiros nesses assuntos, fez-lhe justiça, e o nome favorito do movimento é, hoje, “Inconfidência de Gonzaga”.

Em 23 de maio de 1792, no terceiro aniversário de sua prisão, o infeliz poeta deixou para sempre, no navio *Nossa Senhora da Conceição Princesa de Portugal*, as praias de seu amado Brasil. No pestífero Moçambique, sua vida foi miserável, tentou em vão exercer a advocacia e

perdeu o dom da poesia.²⁵ Esqueceu-se de “Marília bela”, ou, talvez baseado no princípio de que “saudade de mulher só mulher mata”, seis meses depois de desembarcar, casou-se com uma rica mulata, que o tratara quando atacado de febre. D. Juliana de Sousa Mascarenhas contava 19 anos de idade, assinou o contrato de casamento com uma cruz e tinha o costume de espancar o marido. Este se tornou quase insano, e morreu em 1807,²⁶ aos 63 anos de idade: foi enterrado na Catedral de Moçambique, e escreveu seu próprio epitáfio nas “Liras”:

Pôr-me-ão no sepulcro
 A honrosa inscrição:
 – “Se teve delito,
 Só foi a paixão,
 Que a todos faz réus”.²⁷

O “Proscrito da África” é descrito como uma espécie de “Tommy Moore”, um homem baixo e robusto, de cabelos louros, olhos azuis vivos e penetrantes e uma fisionomia simpática e inteligente; seus modos, ao mesmo tempo francos e corteses, conquistavam todos. Era um janota, deleitando-se em usar camisas de batista, rendas e lenços bordados; deixou cerca de quarenta casacos, uns cor de pêssego, outros verde-papagaio – um guarda-roupa bem sugestivo. O retrato que acompanhou a edição favorita de sua obra foi “arrancado das profundezas da autoconsciência” pelo artista, Sr. J. M. Mafra. Mostra o poeta exatamente como ele não era, alto, magro, com 24 e não 48 anos, compridos e anelados cabelos negros, feições regulares e melancólicas e impecáveis botas até os joelhos – na cadeia.

Gonzaga ainda é um poeta popular no Brasil, e, entre os latinos, ele pode emparelhar-se com Metastásio. Muitas de suas líricas são notavelmente operísticas; quem não se lembra do italiano de

São estes os sítios?
 São estes, mas eu
 O mesmo não sou.

Almeida Garrett lamenta seu “erro fatal” de não dedicar-se a assuntos nacionais: contudo, suas pastorais, como a sua política, estão destinadas a ter vida longa. Sua mão pode, sem dúvida alguma, ser rastreada

nas *Cartas Chilenas*,²⁸ alguns juízes acham que o toque do mestre ali não se encontra, outros opinam que sim. Em prosa, ele deixou alguns estudos jurídicos, especialmente sobre a usura e a educação, que ainda permanecem em MSS.

Em poesia, Gonzaga é sempre, como se chamou, “O bom Dirceu”. Notável pela graça e ingenuidade, seu erotismo não tem o mais leve traço de grosseria: é sentimental, marcado por uma discreta tinta de melancolia, que, naturalmente, se tornou mais sombria na prisão. Como acontece com todos os melhores poetas portugueses, seu estilo é correto, e sua linguagem estudadamente simples e, ao mesmo tempo, rica. Reconhecendo a fatal facilidade de rima em sua língua materna, ele se limita, por meio de regras restritivas, a consonâncias graves e agudas, rejeitando as primeiras, em suas obras mais bem elaboradas. As *Liras* como as produções da Escola Mineira em geral, dificilmente podem ser bem traduzidas em versos para outro idioma.²⁹

O último morador importante da casa foi o Senador Bernardo Pereira de Vasconcelos,³⁰ cujo pai, Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, a havia comprado muito barato, quando os herdeiros perderam seus documentos. Esse “Franklin” ou “Adams” do Brasil nasceu em Ouro Preto e morreu paralítico no Rio de Janeiro, deixando uma história, que é a da liberdade de seu jovem país. Não se tendo casado, legou a casa à sua irmã, D. Dioga, da qual se conta uma coisa horrível: casou-se, mais tarde, com um francês, ainda vivo. O imóvel passou, então, às mãos de seu atual proprietário, Sr. Jerônimo Maximiniano Nogueira Penido. À direita, está a Casa do Mercado, com muares amarrados diante de um grande telheiro, de paredes amarelas. Em frente, ficava o Pelourinho, que, há cerca de trinta anos, foi demolido por alguns jovens, por pândega. Para o sul do pequeno largo, fica a igreja de São Francisco de Assis. O exterior é bonito, mas a fachada saliente apresenta duas colunas jônicas desgraciosamente convertidas em pilastras. Na entrada, há esculturas de esteatita pelo indefectível Aleijadinho, mostrando a visão do Padroeiro e, acima, uma cruz sepulcral. As portas amarelas são de madeira de lei, com as habituais saliências em alto-relevo. O interior tem os seis altares laterais de praxe, uma profusão de quadros pendurados nas paredes caiadas; um balcão para o coro, de madeira, um tanto excêntrico; um grande afresco no teto, de Santa Maria cercada pelos anjos, e a Trindade com figuras em tamanho natural de madeira pin-

tada. Os púlpitos, na entrada da sacristia, são de pedra-sabão, bem cortada e fazendo lembrar o famoso “Braço de Aprendiz”.

Mais para baixo, a sudeste, fica a igreja de Nossa Senhora das Mercês dos Perdões, assim chamada para distingui-la da outra igreja das Mercês: é um prédio de uma só torre, ainda por acabar externamente. A nordeste, fica a igreja Nossa Senhora da Conceição, a matriz da paróquia oriental, chamada “de Antônio Dias”, nome do famoso taubateense, que ali se fixou em 1699, e do qual, tudo mais, a não ser o nome, foi esquecido. Essa igreja foi, antigamente, a mais rica do lugar, mas agora não passa de um comprido prédio caiado de branco e dourado, mas mesquinho e arrebicado. Aqui, em 11 de fevereiro de 1853, foram sepultados³¹ os restos mortais da “Marília formosa” – Rosa Mundi, não Rosa Munda, cuja história fui obrigado a despir de todo o romanesco. A sudoeste, fica a igreja de Nossa Senhora das Dores, e mais distante, para leste, fica o Alto da Cruz, já mencionado.

Voltando à Praça Pública, visitamos, a oeste, a maior igreja da “Imperial Cidade de Ouro Preto”, a de Nossa Senhora do Carmo. Apoiando-se em alta e sólida plataforma, é, pelo lado de fora, um templo muito grande, com uma fachada acastanhada, adornada, na entrada, com querubins e flores de esteatita azul, entalhadas no arenito amarelo-acinzentado. As duas torres são do tipo redondo-quadrado, com pilastras onde deveriam estar os cantos. O templo tem janelas de vidro, aqui sinal de opulência; o interior só se destaca pelos vistosos pendentives carmesins e dourados; e o balcão do coro é sustentado por duas colunas e um par de pilastras em formato de gigantescas balaustradas, uma espécie de estilo “barrigudo”, que bem mereceria ser chamado de “Ordem da Panturilha”. As pequenas catacumbas da irmandade ficam ao sul, e são afastadas. A capital da Província do Ouro e do Diamante ainda não dispõe de um cemitério público e seus filhos ainda têm de ser enterrados nas igrejas.

É algo muito primitivo para 1867.

Na rua, ao norte do Carmo, está o teatro, conhecido pela sua pintura amarela; vangloria-se de ser o mais antigo do Império. A casa pertencia a um certo Coronel João de Sousa Lisboa, também vítima do dízimo real; ele foi declarado insolvente, mas dizem que não houve saldo negativo com a venda da propriedade. O teatro foi reparado, recentemente, à custa da Província, e é, em geral, ocupado por amadores, que representam sempre corretamente, às vezes muito bem. O atencioso empresário, um portu-

guês, levou-nos para visitar o estabelecimento, enquanto a companhia estava ensaiando. O interior é no estilo democrático dos Estados Unidos, aqui geralmente adotado; todas as fileiras de poltronas são abertas, e o único camarote é o do presidente da Província, que fica em frente ao palco. Prefiro muito essa disposição ao exclusivismo europeu de galerias e frisas; a perspectiva é mais agradável e a ventilação é melhor, o que é uma grande coisa; além disso, a civilização aqui não exige o “trajo a rigor” para fazer a “seleção”, e o feitio do nosso casaco não determinará se somos importantes ou não.

Afastado do teatro, para o sul, fica o velho Tyburn, o morro da Forca.³² Foi demolido, com uma despesa, dizem, de dez contos de réis (£1.000), para uma tencionada Exposição Industrial, que redundou em completo fiasco. O morro merecia ser visitado, por causa da vista. Dali, caímos na Rua de Santa Quitéria, execrável pela sua rampa e abominável pelo seu calçamento, e dali à Rua dos Contos, de onde havíamos partido.

Durante a nossa curta estada em Ouro Preto, o ligeiro contacto com sua sociedade deixou-nos muitas impressões agradáveis, e custa-nos a compreender aqueles viajantes que se queixam de que “não é o estilo das coisas a que estão acostumados”. Comparecemos a um sarau musical, com muitas modinhas, oferecido pela amável família do ex-secretário do governo, José Rodrigues Duarte, que mais tarde encontrei em Rio das Velhas; também travei conhecimento com o Sr. Antônio de Assis Martins da Secretaria do Governo, e diretor do *Almanaque* de Minas. Apesar de conservador, era ajudado pelas autoridades liberais, e, em verdade, tais obras merecem apoio, não só local, como geral. Representam a consequência dessas sociedades históricas, sempre crescentes na União Norte-Americana, e provam ao Velho Mundo que o Novo, embora olhando para o Futuro, não se esqueceu do Passado. Em tempos vindouros, o historiador deles obterá valiosíssima ajuda.

O sentimento partidário é muito vivo em Ouro Preto, como era entre nós, quando os meninos de calças curtas perguntavam: “És a favor de Pitt ou de Fox?” E aqui vão algumas palavras sobre esse importantíssimo assunto no Brasil. Os europeus e estrangeiros, que, interessados em se enriquecer o mais depressa possível, detestam qualquer agitação suscetível de interferir no mercado monetário, são muito severos com referência à “árida e acre política” do país.³³ Não se lembram de que a exaltação partidária é uma fase pela qual têm de passar todas as sociedades e governos jovens,

como a juventude do indivíduo. *Um peuple nouveau, positif par conséquence* tem de prover suas necessidades materiais, estabelecer a ordem civil e proteger a vida e a propriedade; será arrastado a guerras, e poderão ocorrer outras calamidades; o tempo de folga será gasto, não na Ciência e na Filosofia, objetivos mais altos de sua vida posterior, mas nas funções religiosas e no ajustamento de suas questões políticas. E, na verdade, estes são os dois mais nobres exercícios do jovem pensamento humano, abrangendo, assim, todos os interesses entre o Céu e a Terra: *Um die Erde mit dem Himmel zu verbinden*. Nem poderia ser de outro modo: a mais completa característica de um povo jovem é a de penetrar nos “problemas da Nação”, problemas que as comunidades mais antigas, verificando ser a maquinaria complexa demais para uma compreensão geral, de boa vontade entregam aos estudiosos profissionais. Sem dúvida, essa louvável curiosidade muitas vezes degenera em partidarismo violento e pessoal, mas ninguém pode censurar o que é útil, por estar sujeito ao abuso.

Encontrei no Brasil outro sintoma de forte e saudável vitalidade nacional. O povo leva a cabo uma guerra implacável; não tem idéia do estado de “Descansa e sê grato”. Equilibra o “Seja o que for, é bom” pela equação “Seja o que for, é mau”. Não é, no entanto, nem otimista nem pessimista. Faz pouca idéia da “finalidade”, como nos nova-iorquinos. Os brasileiros movem e removem as coisas tranqüilamente, e não as deixarão, boas ou más, sozinhas. Não são, todavia, felizmente,

Homens de duradouras esperanças
E que não cuidam do que há de vir.

Se, por desgraça, o infanticídio prevalecesse entre eles – é tão raro quanto na Irlanda – encontrariam algum meio de combatê-lo. Estão dispostos a educar os filhos, ao contrário das terras em que os médicos políticos deixam os pacientes morrer, enquanto brigam, discutindo o meio de salvá-los – que medicamento deve ou não deve ser aplicado. Eles emanciparão suas mulheres³⁴ e as converterão em “pessoas”. Lutarão contra o pauperismo e estudarão os meios de fazer com que as massas populares alcancem os elevados padrões de vida da Prússia e da Bélgica. Assimilarão seu exército ao da França, e não conservarão um “simulacro de exército”, ou um “exército de desertores”. Modelarão sua marinha pela dos Estados Unidos, e não “monitores” – e assim por diante.

Há tudo de esperar de uma raça disposta a progredir rumo a tão alto ideal. Nos últimos anos, tornou-se moda, na Inglaterra, para os muito não-pensantes, ridicularizar as “idéias”,³⁵ eu perguntaria, no entanto: que palavra descreveria melhor a supressão do tráfico de escravos e sua expressão, a Esquadra Sentimental ou Esquadra do Ataúde? O que, a não ser uma idéia, consiste em mandar milhares de missionários distribuir o “pão da vida” aos pagãos da Ásia, África e Austrália, enquanto as crianças do seu Reino morrem de fome? Baseados no mesmo princípio, alguns argutos observadores descobriram que Napoleão Bonaparte sempre falou em glória, e Arthur Wesley usava, invariavelmente, a palavra dever. Nenhuma verdadeira medida para diferenciar a estatura mental entre o Exilado de Santa Helena e o dono de “Apsley House” pode ser imaginado. O dever foi, imediatamente, entronizado, se não deificado; é inglês, real, sólido, prático (e muitos julgam rotineiro), ao passo que a glória era francesa, romântica, instável, petulante. O efeito foi exagerar os males involuntários que Bacon³⁶ e Locke levaram a doutrinas extremadas transmitidas, com todo o imenso serviço que prestaram à nossa cultura nacional. Daí a fatia de verdade que há no tantas vezes repetido “uma nação de lojistas”, que ainda se faz sentir um pouco demais. A visão unilateral da vida leva os olhos a dizer à mão: “Não preciso de ti.” E, pior ainda, pode ser posta demasiadamente baixo pelo pensamento que leva o homem a satisfazer-se com um desiderato moderado tangível e que ordena o espírito a ir para longe. O que é a Glória, realmente, se devidamente compreendida, senão o Dever com nobreza cumprido e com honra reconhecido pelo mundo? Não é certo que o templo do Idealismo só pode ser alcançado pela sólida estrada da realidade?

NOTAS DO CAPÍTULO XXXVI

1. Nome dado pelo povo, quando o ouro era guardado ali.
2. “Caixa Filial do Banco do Brasil”. O capital era, no começo, e ainda é, de 100:000\$000 (quer dizer £10.000) em notas do Banco do Brasil. Gostaria de fornecer outros pormenores; infelizmente, o Tesoureiro prometeu-me dá-los, sem falta, mas não cumpriu a promessa.

3. Ou Praça Pública. Há cinco largos, que são *places*, no sentido inglês, e não francês, meros alargamentos de ruas. Destas últimas, contam-se trinta e cinco.
4. A tradição diz que a cabeça do heróico dentista foi colocada ali, o que é um erro.
5. O Dr. Muzzio informou-me que seria colocado ali o índio quebrando as correntes, que deveria aparecer na bandeira.
6. A antiga Bastilha ficava no meio da praça. Dela não resta vestígio.
7. A substância é ardósia micácea e quartzosa, apoiada em ardósia micácea, com argila xistosa nos intervalos. Alguns viajantes falam em uma base de *gneiss*, mas não a vi.
8. Há, atualmente, uma excessiva economia de padres em Ouro Preto, só sendo permitido uma terça parte para cada igreja. Em 1866, o Padre França, capelão da polícia, que também atendia à prisão, foi demitido. Informa ele que seu salário anual de 1:400\$000 lhe era pago para celebrar uma missa por quinzena. Caldclough fala em doze igrejas.
9. O nome nos faz lembrar da *Cow and Calf* (Vaca e Bezerro) em Ben Rhydding, que, diga-se de passagem, não tem direito ao “Ben”. O inglês, porém, é muito mais banal, em comparação com o congêneres dos índios.
10. As primeiras duas partes das *Pastorais* (*Amores e Saudades*) de Gonzaga são intituladas “Dirceu de Marília”, e “atribuídas”, assim, à dama. São, porém, as respostas às outras três partes “Marília de Dirceu”, um eco das mesmas, e acredita-se, geralmente, que são obra do editor, uma indigna mistificação. D. Maria provavelmente nunca escreveu um verso, e talvez nem uma linha de prosa em sua vida. Marília é, sem sombra de dúvida, Amaryllis, e, assim, o conhecido latinista brasileiro, Dr. Antônio de Castro Lopes, traduziu por

*Rusticus haud, Amaryllis, ego nec sole, geluque
Torridis, alterius qui servem armenta, bubulcus*

os primeiros versos da lira:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado.

11. O mesmo é afirmado pelo Visconde de Barbacena, em 23 de maio de 1789. Além disso, o brasão da família é bem conhecido.
12. O leitor não deve esquecer-se de que tudo isso é mera tradição local. Registro-a, devido à sua vasta difusão entre o povo.
13. Isso, certamente, não aparece na correspondência secreta do Visconde de Barbacena com o Vice-Rei D. Luís de Vasconcelos e com a Corte de Lisboa. O cronista franciscano, antes de aludir ao caso, curiosamente defende Barbacena, afirmando que “ele jamais foi culpado de extorsão e governou Minas como Calígula governou Roma”.
14. Isto é, perder seu direito a ser chamada de Heloísa. O jovem e saudoso autor, A. P. Lopes de Mendonça (*Memórias da Literatura Contemporânea*, p. 375) é injustamente severo

para com a infeliz Marília, não porque tenha sido infiel, mas porque viveu até os 84 (80) anos. “Aquele homem – diz o poeta – aquele coração apaixonado, aquele austero republicano [?], aquela vítima ilustre, aquele mártir do amor e de sua terra natal, viveu durante quinze anos de exílio em Moçambique, longe dela, longe da noiva a quem dedicava todos os suspiros de sua lira, todas as lágrimas, todos os tormentos de seu infortúnio, enquanto ela continuava a viver, descuidada e indiferente. Nunca pensou em ir consolá-lo, de ir viver com ele, de ir morrer com ele. Oh mulheres! Oh mulheres!” Além do mais, desconfia que ela usava creme para a pele.

15. *Marília de Dirceu*, Liras de Tomás Antônio Gonzaga, precedidas de uma notícia bibliográfica, e do Juízo Crítico dos Autores Estrangeiros e Nacionais, e das Liras escritas em resposta às suas, e acompanhadas de Documentos Históricos. Por J. Norberto de Sousa Silva. Dois volumes, 8 vo. Garnier, Paris e Rio de Janeiro, 1862. Essa edição severamente criticada pelo escrupuloso e paciente Dr. Melo Moraes (*Corografia do Brasil*, tomo iv, p. 612, de 1862), que acusa o editor dos acréscimos antes mencionados e muitas correções indevidas e emendas conjecturais.

No que diz respeito à importante questão da cor dos cabelos de Marília, o Sr. Norberto observa, certamente não em louvor do poeta, que “louro” rima com “ouro” e “tesouro”, mencionando o sarcasmo espanhol:

*Fuerza del consonante, a lo que obligas
Que haces, que sean blancas las hormigas.*

O MS. original não foi (como se diz geralmente) queimado por D. Maria; uma cópia do mesmo foi oferecido por sua família ao Dr. José Vieira Couto de Magalhães, atual presidente de Mato Grosso.

16. Mr. Walsh, ii. 214.
17. O pastoral Alceu de Cláudio Manuel, que o chamou de primo. Nascido no Rio de Janeiro, em 1748, ele estudou em Coimbra e serviu à Coroa, como magistrado em Sintra. Depois, regressou à pátria, em 1776, tornando-se ouvidor da Comarca de Rio das Mortes. Preferiu, contudo, viver no interior e escrever versos, que eram muito apreciados pelo amável e liberal vice-rei, o Marquês de Lavradio. Com mulher e quatro filhos, honrosamente sacrificou a felicidade doméstica ao apelo de seu país e de seus amigos. A 18 de abril de 1792 foi condenado à morte, que, em 2 de maio, foi comutada para degredo, com confisco de seus bens e declaração de infâmia de seus descendentes até a segunda geração. Chegou a Ambaca, em Angola, profundamente abatido, de cabelos brancos quando contava apenas 44 anos de idade, e ali morreu prematuramente, em 1793. Uma ode dedicada a D. Maria I, outra a Pombal e uma terceira à Universidade de Coimbra são admiradas pela musicalidade, facilidade de rima e beleza de muitos trechos. Estão destinadas a serem citadas por muito tempo nos cursos de literatura e crestomatias. *O Parnaso Brasileiro* (vol. i. 3 22-339) apresenta copiosos extratos de suas composições.

18. Ele foi mencionado no Capítulo ii.

19. Aqui um lenço
 Eu te bordava.

Parte I, “Amores”, Lira 10. As palavras aludem às ocupações do poeta, mas o autor-editor as coloca na boca de Marília.

20. Vol. ii. Parte 3, Lira 3.

21. Vol. ii. Parte 2, Lira 7.

22. À esquerda de quem desce. Era a antiga residência dos ouvidores, e agora uma repartição policial.

23. Spix e Martius o chamaram, erroneamente, Ouvidor de “São João d’el-Rei”.

24. Esses interrogatórios estão datados de 17 de novembro de 1789; 3 de fevereiro de 1790 e 1 e 4 de agosto de 1791.

25. Tudo que escreveu estava repleto de nostalgia e revelava a decadência de sua inteligência.

26. Não em 1809, como dizem os Srs. Wolf e Lopes de Mendonça.

27. *Liras*, Vol. ii. Parte 2, 17.

28. Por exemplo, nos seguintes versos (“Epístola a Critilo”, pág. 25):

“Nem sempre as águias de outras águias nascem,
Nem sempre de leões leões se geram:
Quantas vezes as pombas e os cordeiros
São partos de leões, das águias partos.”

Já aludi a essa sátira, que será lida, enquanto existirem governadores arrogantes e homens tolos ocupando cargos elevados. Tem o mistério e muito do gênio de Junius. Cláudio Manuel e Inácio José de Alvarenga Peixoto são também suspeitos de terem colaborado na feitura das *Cartas* (Introdução às *Cartas Chilenas*, por Luís Francisco da Veiga. Laemmert, Rio de Janeiro, 1863). Varnhagen (*Épicos Brasileiros*, p. 401) sugere que o autor possa ser Domingos Barbosa Caldas, que foi banido para a Nova Colônia. É costume depreciar essas cartas, mas ninguém poderá dizer a respeito do autor:

Pouca coisa ensinou à humanidade,
E nada, desse pouco, era verdade.

O Dr. Muzzio, que, como disse, é um dedicado estudioso da poesia, acredita que as *Cartas* tenham sido escritas pela Escola de Minas, e que revelam a mão de Gonzaga.

29. MM. de Montglave e Chalas, muito sensatamente, preferiram a prosa. Os Srs. Ruscalla, D. Enrique Vedra e Iffland apresentaram-nas em italiano, espanhol e alemão (M. Ferdinand Denis, *Resumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*, cap. 5., p. 568, e Ferdinand Wolf, *Le Brésil Littéraire*, cap. 7, p. 66). Dos três principais poetas brasileiros, nenhum ainda chegou a um país que lê milhares de versos iguais a estes:

“Tem o Poeta Real algo a dizer
Sobre o trabalho e sobre as ferrovias;
Nós conquistamos a Bitola Larga,
Espero que o comércio intensifique.
(*The Royal Poet has a few words to say
About working men and the railway;
We have now got the great Bread Gauge,
I hope it will increase our trade.*)

30. Não deve ser confundido com José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, primeiro presidente de Minas, e feito Visconde de Caeté; este último foi um daqueles que, em 9 de janeiro de 1822, conseguiu de D. Pedro I a exclamação tornada famosa na história brasileira: “O Fico”. B. P. de Vasconcelos e sua irmã eram popularmente conhecidos como Júpiter e Juno.
31. Segundo me disseram, é a terceira catacumba do lado da Epístola, uma espécie de túmulo de família. Ultimamente, quando foi aberta, encontrou-se uma caveira, que se apresentou como sendo a de D. Maria; mas é evidente que não era a caveira de uma octogenária.
32. O pelourinho destinava-se ao chibateamento, exposição de membros e castigos menores.
33. A deleitosa operação chamada pelos pais de “falar-te sobre os teus defeitos”, em lugar algum é suportada com mais boa vontade do que no Brasil. Nada há que um estrangeiro não possa dizer, contanto que mostre boa vontade, e não a simples vontade de censurar.
34. Em uma ocasião em que o bom senso exige a emancipação política das mulheres na Inglaterra, é curioso ler um velho livro, *Viagens de Mirza Abu Taleb Khan* (1799-1803; Longmans, 1814), mostrando a superior liberdade do sexo entre as raças muçulmanas. Ele refuta muito bem a idéia que prevalece vulgarmente de que a esposa asiática é uma escrava, e prova que ela tem, em comparação com sua irmã européia, imensas vantagens, na direção dos filhos, bens e criados, e na liberdade real, a despeito da aparente reclusão, que, nas mulheres modestas, é sempre voluntária.
35. Naturalmente, isso não se aplica aos que raciocinam. “As rebeliões não são jamais realmente invencíveis, até que se tornem rebeliões por uma idéia”, diz Mr. J. S. Stuart Mill, com toda a razão.
36. Assim, um conhecido escritor da atualidade nos informa, sentenciosamente, que o método de Bacon é “o único meio de se buscar o conhecimento”.

.....

Capítulo XXXVII

O PICO DO ITACOLOMI

*Pelos íngremes trilhos tortuosos
Da Serra altiva, que os cabeços ergue
Calvos, arrepiados.*
Joaquim Norberto de Sousa e Silva

A noite do último dia mostrou-se nebulosa e pesados vapores subiam das terras baixas, ajuntando-se sobre o pico. Todos julgavam que era sinal de frio, talvez de neve. Eu augurei, e coberto de razão, que era sinal de chuva. Pesados aguaceiros caíram, intervaladamente, durante a madrugada, e a manhã estava encoberta. Deveríamos ser guiados pelo Sr. José da Costa Lana, empregado do comendador. Ele opinava que os caminhos de argila ou ruas de pedras estariam escorregadiços e que as nuvens que encobriam o cume iriam esconder a vista. Resolvemos, contudo, arriscar, e, cerca de oito horas da manhã, vimo-nos na estrada de Mariana.

Logo depois, viramos para o sul e, rumando para o nascente, alcançamos a capelinha do Padre (João de) Faria (Fialho), outro antigo colono; um belo cruzeiro de pedra encontra-se diante dela. Na depressão, fica a “Mina do Padre Faria”, agora entupida com detritos. Data da primeira Idade do Ouro de Minas: os “antigos” abriram galerias no duro filão, e a situação, em uma encosta de morro, permitia-lhes fazer o escoamento da água sem grande necessidade de bomba; Mr. S. Ollivant, de Ouro Preto, propõe-se a explorá-la de novo, por meio de uma companhia. Os principais veios auríferos inclinam-se para o norte e os ramos laterais formam ziguezagues em todas as direções. O material é “carvoeira” ou jacutinga, pedra mulata, um feldspato contendo ouro, algumas vezes visível e outras não, e volumosas

linhas de piritas de arsênico. O precioso metal também é encontrado em panelas, em cavidades chamadas formigueiros. O ensaio deu de 23 a 23,3 quilates e a perda no tratamento foi de 15%.

Virando para a direita, atravessamos uma elevação de terreno e entramos no vale do Funil; sobre a corrente, que segue por um valo escuro, há uma ponte muito bamba, com uma grade baixíssima. Fica ali uma pequena cascata, que talvez mereça o seu nome romântico de cachoeira de Sintra.¹ Depois de uma longa volta para leste, viramos para oeste, e começamos uma séria ascensão, que logo nos mostrou um punhado de casas brancas, nas quais reconheci Passagem. Mariana e seus belos arredores estão escondidos por um morro, mas com um avanço de um quarto de milha para a esquerda, podemos vê-los, de cima para baixo. Uma estrada em subida parte da cidade episcopal, mas é delineada como uma espécie de desfiladeiro, e muitos dos cidadãos nunca ouviram falar nela.

Naquelas alturas, passamos por alguns indivíduos armados de garruchas, movendo-se furtivamente no mato; é muito provável que estivessem se esquivando do oficial encarregado do recrutamento. No Brasil, onde as ligas são muitas e os homens são poucos, o povo segue prontamente o preceito de Montesquieu: “Se te acusarem de ter roubado as torres de Notre-Dame, trata de fugir.” Aqui *miserum est deprensus*, não apenas por esse pecado, mas por todos os delitos. Havia dois lugares que não passavam de ressaltos do rochedo, com pedras soltas, subindo os quais as mulas tinham de pular como cabras. A vegetação ia-se tornando mais escassa, à medida que subíamos, e o terreno estava coberto da diminuta sumará e outras bromeliáceas, que podem ser comparadas com a árvore-do-viajante* em várias regiões. A planta plenamente desenvolvida guarda um pouco de água, entre o tronco e a base das folhas. Quando fresca, essa água é pura, saudável e livre de gosto vegetal, mas não é um “nectar”. Depois de algum tempo de estiagem, o líquido torna-se turvo, um ligeiro mofo negro se ajunta nele e insetos mortos e sapinhos vivos, especialmente os de uma pequena rã verde (*Kyla luteola*), tornam indispensável que a água seja filtrada.

* Chama-se árvore-do-viajante a *Ravenda madagascariensis*, estendendo-se o nome a outras espécies do gênero. Trata-se de planta da família das musáceas, à qual pertencem as bananeiras. Nas amplas bainhas das folhas acumula-se muita água que pode ser retirada por um furo feito com canivete ou qualquer outro objeto pontudo. Essa água mitiga a sede do viajante, donde se obteve o nome vulgar da planta. (M.G.F.)

O mato em torno dá a impressão de que é o do carrapato; mas estamos, felizmente, acima dele.

Depois de uma hora de viagem chegamos à última e mais alta nascente, e ali os dois negros que carregavam o cesto das provisões disseram que iriam nos esperar, e que já estávamos perto da “Pedra”. A proposta foi logo rejeitada. O pico do Itacolomi elevava-se bem em frente de nós, ora como um espectro muito alto no meio da névoa cinzenta, ora completamente envolto nas nuvens, para depois mostrar-se distintamente. Parecia uma edição em diamante da serra do Caraça e, na verdade, o material é o mesmo. Também faz lembrar o “Pilot Knob”, em Missouri, onde 235 metros de ferro especular estão empilhados em “massas de todos os tamanhos, do ovo de pomba a uma igreja de tamanho médio”. Tanto a mãe como o filho parecem mudar de forma, quando vistos a uma distância de cem metros. Um trecho de mata intransponível interpunha-se, porém, entre nós e nosso objetivo, e esses gigantes sempre parecem estar muito mais perto do que estão na verdade. Assim, fizemos os negros seguir adiante.

Muitos lugares no Brasil são chamados Itacolomi. Há dois outros em Minas: um a oeste de Itambé, também chamado “Sete Pecados Mortais”, por causa dos seus sete picos, e outro na margem direita do São Francisco superior, ao sul de Paranaguá; há um terceiro e um quarto, ao noroeste do Maranhão. A palavra é traduzida corretamente como “Pedra e Menino”. Mr. Walsh traduz erroneamente por “criança de pedra”, e o mesmo faz o Sr. Norberto de Sousa Silva, que dá a significação de “Itacolomi” como sendo “Mancebo de Pedra”.² É também escrito Itacolumi e, mais corretamente, Itacolumin.³

Esse pico dá o nome a uma rocha, ou melhor, a três espécies muito diferentes de rochas. Os antigos escritores chamavam de “itacolomito” a um arenito branco ou amarelo, flexível como um pedaço de guta-percha, considerado como uma “grande curiosidade geológica” pela nossa imprensa. É encontrado na Geórgia e na Carolina do Norte e se parece muito com o do Himalaia inferior, no qual finas camadas de matéria granular silicosa são associadas com pequenas chapas de talco. A “pedra elástica” foi descrita, há dois séculos e meio, pelo Padre Anchieta. O Dr. Charles Wethrill (*Revista Americana de Ciência e Arte*) observa que a opinião predominante, no sentido de que a elasticidade da pedra resulta da presença da mica, é errônea, e

que, se uma fina chapa desse arenito for sujeita a exame ao microscópio, será constatado que a flexibilidade depende de diminutas articulações, onde se encadeiam os grãos de areia. Nos meus exemplares, a pedra contém muita mica amarelo-clara e, quando o material friável se esfarela, as duas principais partes componentes imediatamente se separam. Perto de São Tomé das Letras, a que já se fez referência, existe uma boa pedreira dessa variedade elástica. Nas partes mais profundas, a camada se adelgaça e, pouco a pouco, transforma-se em lajes naturais do mais fino quartzito, quartzo estratificado, naturalmente perdendo a sua elasticidade.

A pedra flexível não é a matriz do diamante e do topázio, embora esteja, às vezes, associada a eles. O itacolomito diamantino é, como se verá dentro em pouco, uma rocha dura talcosa, de quartzo distintamente laminado, branco, vermelho ou amarelo, granulado, com pontos de mica finamente disseminados; pode ser estratificado, ou não. Em Minas, a denominação de itacolomito é, geralmente, dada ao saibro de arenito refratário e a uma fina rocha cristalina evidentemente afetada pelo calor elevado. É interessante observar que o Pico do Itacolomi não consiste de nenhuma delas, e, no entanto, seu nome foi dado a todas três.⁴

A última dessas formações, o saibro de quartzo laminado e arenito, forma, com o itabirito, quase toda a Região Montanhosa nesta parte do Brasil. Há muita confusão, causada pelo tríplice uso da palavra. É assim que o Sr. Halfeld⁵ toma como itacolomito o “talco xistoso”, xisto de quartzo, micaxisto-quartzoso, “gelenk-quartz” e “elasticher sandstein”. Nos livros de estudo, cada autor o interpreta à sua própria maneira. Seria preferível limitar-se, como faz Gardner (Cap. 13) “a uma dura ardósia de ferro”.

Deixando a fonte, viramos para oeste, passando pelo Capão dos Ingleses, que me fez lembrar de certa estância do Tenerife. Não tenho notícia de que qualquer dos viajantes que escreveram sobre suas viagens tenha escalado o morro, mas muitos homens silenciosos o fizeram. No que diz respeito àquele Capão, é um bom lugar para um povoado: o hidropata que *müss gebirge haben* encontrará aqui, na estação seca, e ar mais claro e a água mais pura. Nossa manobra seguinte foi perder o caminho, em trilhos que se ramificam em todas as direções, e dirigimo-nos excessivamente para oeste, rumo à aldeia de Itatiaia, que brilhava, muito branca, na elevação em que está situada. Afinal, depois de uma rude luta

com rochedos e escorregadouros, fizemos uma volta para o sul da “Pedra” e, depois de três horas de cavalgada, estávamos em cima dela. O sinuoso caminho deve ter de seis a sete milhas, e, em linha reta, a distância não pode ter mais de três, pois ouvimos os relógios de Ouro Preto dando horas.

Depois de muita luta com o vento forte, fiz a medição obtendo 1.933,8 metros.⁶ o que mostra que o ponto culminante dessa parte do Brasil ainda é, como na África Oriental, a Cordilheira Marítima.⁷ Tratamos, então, de examinar a singular formação e o minério de ferro desviou a tal ponto a agulha da bússola, que esta não merecia muita confiança. A base é uma serra curta, uma expansão longitudinal, uma vértebra da serra do Espinhaço ou serra Grande, que se estende do sul para o norte. O material é jacutinga, xisto macio micáceo e ferruginoso, “itacolomito” propriamente dito ou ardósia de ferro dura e ardósia micácea quartzosa, com uma inclinação de 65°. A “Ita” eleva-se no lado ocidental de uma massa em forma de cunha, alcantilada para o lado oeste: é um dos muitos picos e “órgãos” que, das elevações mais baixas, são vistos eriçados sobre essa parte da cadeia, e é cercado por enormes blocos e penedos, de todas as formas e tamanhos. A se julgar pelos olhos, fica de 130 a 200 metros abaixo do ponto mais alto do elevação-mãe, que, vista do oeste, tem uma forma tabular; assim, a maior altitude acima do nível do mar seria 2.130 metros. A “Pedra” é um núcleo da mais dura ardósia de ferro, negra e lisa como uma peça de metal fundido, e a superfície apresenta juntas, mas não estratificação, ao passo que os flancos foram transformados, pela ação do tempo e pelos ventos, em estrias verticais e inclinadas. Antigamente, ela podia ser galgada por uma corrente presa ao cume; essa ajuda hoje desapareceu, e apenas uma mosca ou um lagarto conseguiriam andar naquele metal polido.

Tratamos, então, de examinar o “Columi”. Visto de Ouro Preto, ele parece quase encostado na pedra “mãe”, intervindo apenas uma encosta suave. Verificamos que os dois estão separados por uma profunda brecha de húmus solto, rochedos salientes e vegetação decomposta, e que o caminho é embaraçado por árvores e arbustos, moitas espinhosas e lianas, que agarram as pernas como se fossem armadilhas para gente. Descendo a leste, paramos diante de uma massa escura da mesma formação metálica e de aspecto semelhante ao da parte superior; o formato era o de uma caveira

de gorila, parecida mas cerca de três vezes maior, com a *Bosistow Logan Stone*. Escorregando por alguns rochedos, encontramos embaixo, na base oriental, uma cruz e uma caverna, outrora habitada por um eremita. Recentemente, foi encontrada uma caveira nesse refúgio de trogloditas, que o guia negro chamou de “Sarão”;⁸ e sem dúvida, a gruta deve ter servido de abrigo a muito negro fugido.

Regressando, depois de uma difícil escalada, ao lugar do almoço, verificamos que os dois negros, que tinham sido deixados para tomar conta das provisões, haviam aproveitado bem o tempo: estavam inteiramente bêbedos. Purgaram o pecado não chegando à casa antes de meia-noite, e, como chegaram, sem olhos de gato, ainda é um mistério para mim. As últimas nuvens tinham sido agora desfeitas pelo sol do meio-dia, e a elevada coluna resplandecia e ofuscava sob seus férvidos raios, como uma barra de ferro especular. Um pouco a nordeste,⁹ está a cidade de Ouro Preto, estendida rijamente sobre o duro colo de São Sebastião, com os pés mergulhados na margem do córrego que lhe fica ao sul. Atrás, fica a linha marrom do morro de Santa Ana, frágil, com sua capela arruinada; um pouco para noroeste, estende-se, azul, a serra do Caraça e, ao norte, a serra da Piedade,¹⁰ como um montão de nuvens, fechando o horizonte. Para sudoeste, os paredões alcantilados de São José d’el-Rei nos ferem os olhos, e o resto é uma superfície acidentada de morros arredondados, que se vão tornando menos elevados, à medida que se aproximam dos limites da bacia em cujo centro estávamos.

A descida foi muito mais agradável que a subida, o que nem sempre acontece nas viagens a cavalo no Brasil. As belezas de uma perspectiva encantadora estavam diante de nós, e pudemos gozar, assim, o “incansável e inesgotável prazer que a face da Natureza sempre nos proporciona sob novos e variados aspectos”. Nos níveis mais baixos, a fumaça se levanta, dia e noite, mostrando que os capins estão sendo queimados; as queimadas, contudo, são proibidas por posturas e multadas, por causa das aves, especialmente a ótima caça, a codorna, que está nidificando.¹¹ Essa idéia sensata precisa ser posta em prática além dos limites da jurisdição municipal. A tarde foi magnífica, e regressamos muito antes do pôr-do-sol, deliciados com a excursão, e gratos ao nosso guia, Sr. Lana, que transformara o esforço em tão grande prazer.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXVII

1. Um amigo disse ao historiador Southey que os arredores da cidade de São Paulo se pareciam com Sintra. A comparação teria sido mais exata se feita com as vizinhanças do Itacolomi.
2. O alto cume
Do Itacolomi, gentil mancebo,
Que o Índio converteu em pedra viva,
("A Cabeça do Mártir")
3. É curioso observar que o Sr. B. J. da Silva Guimarães (p. 408, *Poesias*, Rio de Janeiro, Garnier, 1865) diz que "Itacolomi" foi uma denominação que substituiu "Itamonte", usada pelo poeta Cláudio Manuel. Yves D'Evreux transforma curumim em "Kounomy"; talvez, contudo, os sons dificilmente se pudessem distinguir. Ele dá as idades do homem: –1. *Peitan*, criancinha do colo; 2. *Kounomy-miry*, criança; 3. *Kounomy*, adolescente; 4. – *Kounomy Ouassou*, homem; 5. *Ava (Aba)*, homem de meia-idade; 6. *Thouyauae*, velho. St. Hil. (III, ii. 261) dá *curumim*, jovem, no dialeto dos índios da Aldeia do Rio das Pedras, e o Dicionário Tupi traduz *curimim* por menino. O indígena foi mudado para *l* pelos colonos, que também alteram a terminação. Encontrei uma distinta nasalização labial semelhante ao do *dewanagari*, parecida como *i* francês pronunciado pelo nariz, como na palavra portuguesa "jardim". As línguas ibéricas se orgulham de pronunciar todas as letras, e é lamentável ver uma palavra escrita como não deve ser falada.
4. Que se me permita, com referência ao termo "itacolomito", citar o que disse M. Boubée, coberto de razão, acerca dos grupos da formação de transição conhecidos como siluriano e cambriano: "Não posso compreender a necessidade de ir se procurar em um canto da Inglaterra o tipo de divisões e uma classificação de tão importante natureza, que se encontra plenamente desenvolvida na Normandia e na Bretanha, nas Covennes, Ardennes e nos Pirineus em geral, etc." Pode-se acrescentar que é uma tolice empregar-se a expressão "devoniano", em vez de "antigo arenito vermelho", para um sistema que se estende, não só pelo norte da Europa, como em toda a América do Norte. "Itacolomito", em suas três significações, pertence ao globo, e não a Minas Gerais, à qual, mas não pela qual, foi limitado.
5. *Relatório*, p. 78. Poderia ter sido denominado, mais corretamente, itacolomito flexível, itacolomito granular ou quartzoso e itacolomito cristalino.
6. A estimativa habitual é de cerca de 1.700 metros, Mr. Gerber dá 1.760 metros e o último mapa de Mr. Keith Johnston, 1.897 metros. Minhas observações, em um nível correspondente ao alto da Pedra, deram 1.933 metros acima do nível do mar ou 820 metros acima de Ouro Preto. Na Gruta do Eremita, abaixo do "Papudo", obtive 1.681 metros acima do nível do mar e 252 metros abaixo da "Ita".
7. Há cerca de meio século, foi observado que a serra dos Órgãos, onde mesmo pequenas geleiras são encontradas, poderia, como as Montanhas do Sant'Angelo, na Baía de Nápoles, fornecer gelo aos fluminenses, que o importam a preço elevado.

8. Queria dizer “saão”. A caveira me foi prometida, por meu intermédio, à Sociedade de Antropologia de Londres. Não me foi enviada, mas ainda está em tempo. O endereço da Sociedade é Nº 4, St. Martin’s Place, London, W. C.
9. O mapa de Mr. Garber coloca o pico e sudoeste. Tomei os ângulos de direção, mas verifiquei sua inutilidade para traçar os mapas.
10. Mr. Gordon fez uma observação do lado oriental da base do pico, de onde a ponta ocidental da serra da Piedade fica ao norte.
11. St. Hil. (III, ii. 203) desconfia que a codorna é a *Tinamus brevipes* de Pohl e a perdiz (yanambu ou inaambu) é a *T. rufescens*. Ambas as palavras vêm de Portugal e são aplicadas a aves do Novo Mundo, muitas vezes de espécie e até gênero diferentes. O mesmo aconteceu com faisão (*pheasant*), perdiz (*partridge*) e codorniz (*quail*) na América do Norte e Índia Britânica.

Outra espécie comum do *Tinamus* é o jaó (*Tinamus noctivagus*), descrita pelo Príncipe Max. Uma espécie é o macuco (*Tinamus brasiliensis*).

.....

Capítulo XXXVIII

O MINEIRO

*Die Klaren Regionen
Wo die Reinen Formen wohnen.
Schiller*

Antes de deixar a Imperial Cidade, que é o tipo moderno da velha Minas, parece aconselhável apresentar um esboço de seu habitante, o mineiro, que, como seu antepassado, o paulista, ainda é o homem típico do Brasil.¹

SEÇÃO I O MINEIRO DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO

Os primeiros colonos de Portugal fixaram-se em São Paulo, na primeira metade do século XVI. Como aconteceu com os refugiados da Inglaterra, a arrogância do velho país os apresentou como metros plebeus.² O preciso e cuidadoso santista, Fr. Gaspar da Madre de Deus, achou, portanto, conveniente investigar a origem dos colonizadores de Santos, atualmente o porto de São Paulo, e provou que eles pertenciam a ilustres famílias de Portugal e da Itália.

O sangue era, de fato, muito ilustre; trouxe consigo uma vaidade quase insana, vulgarmente chamada orgulho do nascimento, e o resultado imediato foi a deterioração da raça. As mulheres brancas raramente eram trazidas para um país que se encontrava em um crônico estado de guerra feroz, e os colonos, em geral desdenhavam casar-se com as filhas dos peles-vermelhas. Como nos Estados Unidos, porém, as uniões com o sangue livre, embora bárbaro,³ jamais foram amaldiçoadas e, com o correr dos tempos, algumas famílias passaram a se vangloriar de descender de “princesas indígenas”.

Quando, contudo, a agricultura começou a ser posta em prática em escala apreciável, foi importado o africano, e avançou em ritmo acelerado a mistura servil, que, em todos os tempos e em todos os lugares, foi uma desonra para as raças brancas, que, nesse ponto, obedecem a um infalível instinto. Posso mencionar o caso de uma cidade de Minas, onde, entre três mil, ou, incluindo os arredores, cinco mil almas, há apenas duas famílias de puro sangue europeu. No litoral, os colonos encontraram oportunidade de casar as filhas com homens vindos do Velho Mundo, e o mais baixo dos “mendigos de alto nascimento” era preferido aos mais ricos e mais poderosos dos nativos. No interior, todavia, o mulatismo tornou-se um mal necessário. Em conseqüência, mesmo nos dias de hoje, há uma estranha aversão pelo casamento, que, em país tão jovem, forçosamente espanta o observador. Os homens não gostam de “casar para sempre” e a humana lei latina, que facilita o reconhecimento dos filhos ilegítimos, priva o matrimônio de um atrativo especial.

Os moralistas brasileiros de há muito vêm combatendo o mal e chegaram a propor que os empregos públicos sejam recusados aos que vivem abertamente em estado de concubinato. Já se foram, porém, os dias das leis suntuárias e domésticas, e os homens já não respeitam os governantes que não conseguem separar a vida privada da vida pública de seus governados.

Bem cedo, a caçada de índios para serem escravizados foi seguida de uma nova atividade: a mineração de ouro. Antes do fim do século que presenciou o estabelecimento das primeiras colônias portuguesas, multidões dirigiram-se para o extremo oeste, e, assim, muito do nobre sangue paulista se tornou mineiro. A “turbulenta riqueza de metais” executou seu trabalho habitual; uma horda de nômades, um *colluvies gentium*, desdobrou toda a desordem e todo o banditismo que presenciamos em nossos dias na Califórnia, São Francisco e Carson City. Como foi dito a respeito dos índios, os imigrantes não tinham “F. L. nem R.”, – Fé, Lei ou Regra – e a divisa da multidão que avançava parece ter sido

Quem dinheiro tiver,
Fará o que quiser.

Como não estou escrevendo a história de Minas, um simples esboço de acontecimentos que particularizam sua capital mostrará o espírito da raça.

Pouco depois da “Guerra dos Emboabas”, a aldeia de Antônio Dias foi elevada, por ato de 8 de junho de 1711, a município, e mereceu o nome de Vila Rica. Entre 1700 e 1713, o quinto real de ouro era arrecadado por bateia; em 1714, porém, D. Brás Baltasar Silveira, em seu proveito, estabeleceu os quintos de capitação e as repartições arrecadadoras, registros ou contagens. Estas últimas facilitaram a arrecadação, recebendo impostos sobre todas as importações. Em 1718, foram desmembradas dos quintos e arrendadas. Em 1719, quando D. Pedro de Almeida, Conde de Açumar, governador e capitão-general de Minas, propôs, em lugar do imposto de capitação, estabelecer fundições e casas da moeda, ocorreram sérios distúrbios. Em Ouro Podre, a localidade mais rica perto de Ouro Preto, cerca de dois mil homens pegaram em armas e, lá pela meia-noite de 28 de junho, arrasaram os alicerces do edifício que estava sendo construído e tentaram massacrar o ouvidor-geral da comarca, Martinho Vieira, que fugiu, deixando ser saqueada sua casa. No dia 2 de julho, os amotinados obrigaram a Câmara Municipal a se colocar na vanguarda e marcharam para a “Leal Vila de Nossa Senhora do Carmo”, hoje Mariana, impondo ao governador suas quinze condições.⁴ Alguns dos artigos assinados pelas partes conflitantes são extremados. As autoridades eram acusadas de “fazer mais milagres do que Santa Luzia”, lesando o povo, e o n° 11 dizia: “Eles [os insurgentes] declararam que as Companhias de Dragões devem ser alimentadas à sua própria custa, e não às expensas do público.”

Assim, os amotinados obtiveram seu perdão, que, como é natural, foi considerado, oficialmente, nulo. Os cabeças voltaram a Vila Rica e, no orgulho do sucesso, dividiram os despojos da guerra. O Mestre-de-Campo Pascoal da Silva Guimarães fez várias nomeações; seu filho, D. Manuel Mosqueira da Rosa, elegeu-se ouvidor, e Sebastião da Veiga Cabral tornou-se presidente de uma organização independente, tendo aconselhado, amistosamente, o governador a refugiar-se em São Paulo.

O Conde de Açumar, porém, estava, agora, preparado para uma reação enérgica. Mandou uma Companhia de Dragões de Vila Rica prender Cabral, e enviou-o para o Rio de Janeiro. A 15 de julho, pôs as mãos no resto dos “poderosos”, com “muitos outros cúmplices, cuja multidão o fez esquecer seus nomes”; entre ela, porém, se encontravam Frei Vicente Botelho, Frei Francisco de Monte Alverne, João Ferreira Diniz e Filipe dos Santos. O último destes foram enviado a Cachoeira do Campo, para levantar

o povo, descrito pelo governador, em seu estilo pomposo, como “vil cana-lha”. Foi escolhido como exemplo para atemorizar os prisioneiros e feito em pedaços por quatro cavalos bravos, nas ruas de Vila Rica. Pascoal, o chefe da rebelião, foi mandado para Lisboa, onde moveu uma ação contra o governador, e morreu antes de provar sua inocência. Os restantes, “que tinham sido cegados pelo Demônio”, foram presos e seus bens queimados, sem nenhuma forma de processo, no morro de Ouro Podre, que, desde então, tomou o nome de Morro da Queimada.

Logo depois desses acontecimentos, Minas Gerais foi desmembrada da Capitania de São Paulo, e Vila Rica tornou-se sua capital. Em 18 de agosto de 1721, recebeu seu primeiro governador e capitão-general, D. Lourenço de Almeida, que estabeleceu as fundições e casas de moeda, que, sem demora, acarretaram a falsificação. Em 1730, foi organizada, no Rio de Janeiro, uma sociedade para defraudar o quinto, e um certo Inácio de Sousa Ferreira e Manuel Francisco, um homem de rara habilidade mecânica, foram mandados para procurar uma localização adequada. Escolheram uma “secular e amedrontadora” floresta no sopé da Grande Serra,⁵ perto do lugar agora chamado São Caetano da Moeda. O caso chegou aos ouvidos do vice-rei, que ordenou ao governador de Minas que abrisse inquérito, o que foi feito imediatamente. A casa foi cercada por homens armados, os chefes presos e, em 1731, Manuel Francisco levado ao cadafalso. A justiça foi feita com tal severidade, e os cúmplices tão numerosos, que foram mandados desembargadores do Rio de Janeiro, a fim de processar as autoridades, que tinham agido com excesso de zelo. Em 1735 (Pizarro) a “Casa da Moeda” de Vila Rica foi abolida, e, a partir de então, somente circulou o ouro em pó.

Esse acontecimento, combinado com o imenso aumento do contrabando, tornou ineficientes as fundições de ouro e casa da moeda. A 20 de março de 1734, uma junta do povo, acompanhada de delegados dos corpos municipais, avistou-se com o segundo governador, D. André de Melo Castro, conde das Galveias, e foi estabelecida a composição anual de 100 arrobas, ou 3.200 libras de ouro. Haviam terminado, porém, os áureos dias da “picareta e bateia”. No sexto ano, foi imposta a capitação, o comércio pesadamente onerado e o ouro quotado a 1\$500 por 3,5 gramas. Essas medidas provocaram o maior descontentamento e, afinal, em carta régia de 3 de dezembro de 1750, D. José restabeleceu as casas de fundição e aceitou como quinto cem arrobas de ouro.

Em Portugal, porém, os “pater familias” estavam muito acostumados a tomar emprestado, aproveitando-se de qualquer pretexto, dos ricos e infelizes mineiros de além-mar. Foram criados impostos destinados à reconstrução de Lisboa, depois do terremoto de 1755. Esses impostos foram mantidos, pela carta régia de 4 de janeiro de 1796, quando o Palácio de Ajuda foi destruído por um incêndio. Os dízimos eram arrecadados com tal rigor, que os que os arrendavam ficaram, quase sem exceção, aruinados. Os pedágios cobrados nas balsas eram enviados ao Tesouro de Portugal, que recebia também as taxas pagas por todos que ocupavam um cargo, ou melhor, pela venda de cargos por parte do Governo. O imposto sobre o sal tornara-se um ônus pesado. Não eram esquecidos os papéis selados, e um “subsídio literário” forçado foi imposto pelo Rei, a fim de custear o ensino provincial, que jamais foi ministrado. E, a partir de 1711, grandes subsídios, donativos e empréstimos – todos voluntários, mas sob pena das galés – eram exigidos, para as despesas especiais da corte de Portugal. Tal era o sistema colonial naqueles dias, e nenhum país da Europa pode censurar o vizinho de conduta pior que a sua própria. O fim inevitável era empurrar os povos para a independência.⁶

A memorável “Inconfidência” foi, como se viu, o primeiro golpe vibrado. A liberdade, ficou sangrando e exausta, durante certo tempo; mas dezesseis anos depois da tragédia, D. Maria e D. João desembarcaram na Bahia, e a colônia logo se tornou metrópole. Quando cemeçou o movimento constitucional, os ouro-pretanos se sublevaram e escolheram para seu chefe e Tenente-Coronel José Maria Pinto Peixoto. O último governador e capitão-general, D. Manuel de Portugal e Castro, fechou as portas do Palácio, mas as portas foram arrombadas e o canhão retirado para dominar as ruas. Na manhã seguinte (21 de setembro de 1821), o povo encheu a Praça, dando vivas à Constituição e pediu à Câmara Municipal que elegeisse um governo provisório, que, imediatamente, entrou no exercício de suas funções, tendo à frente D. Manuel, muito contra a sua vontade. Em maio de 1822, foi instalado um segundo governo provisório; a agitação política continuou, e o povo não queria reconhecer e futuro fundador do Império, como seu governante provisório, ou Príncipe Regente. D. Pedro, com sua habitual virilidade e coragem, sozinho e depois de uma divertida cena no lugar chamado Chiqueiro, entrou na cidade, antes de sua escolta, em 9 de abril de 1822; foi recompensado com uma entusiástica recepção.⁷ Em 30 de

janeiro de 1823, foi criada a Comarca de Ouro Preto, e Vila Rica retomou seu antigo nome, que jamais fora esquecido pelo povo. O primeiro presidente da Província de Minas Gerais, José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, tomou posse do cargo em 29 de fevereiro de 1824.

Nove anos depois desse acontecimento, houve uma agitação em Ouro Preto, facilmente dominada, porém. Em 1842, os distúrbios foram de natureza bem mais séria e assumiram uma forma vizinha da secessão. Depois daquele tempo, o mineiro tem estado tranqüilo. O passado, porém, deve servir de advertência aos estadistas, no sentido de que uma raça tão ativa⁸ não deve ter motivos de queixa, se se espera que ela fique tranqüila e satisfeita. Seu único descontentamento, atualmente, se prende à falta de comunicações postais e telegráficas, estradas, ferrovias – como se viu, não tem ainda um quilômetro de estrada de ferro – e navegação fluvial. Com esses melhoramentos, Minas pode esperar um grande glorioso futuro.

SEÇÃO II O HOMEM FÍSICO

Apresentarei aqui algumas observações sobre a antropologia descritiva de Minas Gerais.

Antes de passar um mês no Brasil, o estrangeiro começa a distinguir o nativo do europeu. O brasileiro⁹ tem a mesma relação física com seu antepassado, o português, que tem o americano da União com o britânico. Durante os três e meio últimos séculos, o europeu do Novo Mundo adquiriu um temperamento mais nervoso; tornou-se mais leve no peso – o peso médio máximo do sexo masculino geralmente presumido no Brasil é de quatro arrobas e mais resistente e ágil do que forte e robusto. Por isso, os brasileiros chamam-se, de pé-de-cabra,¹⁰ em oposição aos portugueses, que são pé-de-chumbo. O último também é prontamente reconhecido pela grossura do nariz, *noscitur a naso*, como o velho inglês da sangüínea e linfática diátese na Nova Inglaterra. Aqui, o temperamento nervoso acusa-se no formato fino, arqueado e bem acentuado do nariz, com as narinas convolutas e as asas fortemente marcadas e a alta “ponte” que dá ao perfil romano ao mesmo tempo energia e finura.

Os antigos antropólogos comparativistas, do grande monogenista Hipócrates a Buffon, Prichard e Buckle,¹¹ tinham como grande diferenciador de nação para nação o “clima”, isto é, o agregado de todas as circunstâncias físicas externas, pertencentes a cada localidade, em sua relação com a natureza orgânica. E a primeira escola moderna, a dos monogenistas ortodoxos, afirmava, ousadamente, que as cútis preta e branca – pois a questão não ia, então, além da pele – eram meras modificações uma da outra, produzida, pelos complicados fatores que evocaram. Esse palpável absurdo foi rejeitado pelos verdadeiros estudiosos, quase logo depois de ter sido sugerido. Atualmente, os anatomistas e fisiologistas, indo para o extremo oposto, por toda a parte encontram a fixidez do tipo com a raça, e somente raça, na história. “A raça é tudo”, diz o Dr. Knox.

Aventuro-me a dizer que a verdade fica entre os dois e que ambas as escolas generalizaram sem base suficiente *si l'anthropologie est encore si obscure, c'est peut-être qu'on a beaucoup trop raisonné sur cette science et trop peu observé*. Assim disse Auguste de Saint-Hilaire, em 1819, e a frase ainda merece ser escrita em letras maiúsculas.

A notável aproximação dos iberobrasileiros e dos anglo-americanos da União, dois povos saídos de dois centros étnicos tão distintos e tão diferentes, dificilmente poderá ser explicada, a não ser como resultado de causas locais, que assimilaram o adventício ao tipo autóctone, chamado homem vermelho;¹² daí, por exemplo, a beleza, a pequenez e a delicadeza das extremidades, que é, muitas vezes, excessiva, degenerando em feminilidade; nos portugueses e nos ingleses, as mãos e os pés são grandes, carnudos e ossudos, evidentemente feitos para um uso pesado. Daí, também, a chamada “cara de machadinha”, comum aos cidadãos do Império e da República, a testa larga e proeminente, as faces compridas e finas, chatas ou côncavas, as feições em geral mais acentuadamente marcadas e o queixo saliente, maciço e muitas vezes fendido, o mento quadrangular, essa notável peculiaridade do sangue indígena.¹³ Em ambos, também o cabelo se modificou, sem sombra de dúvida: perdeu a “onda” caucasiana ou ariana e tornou-se liso, reto, lustroso e muito espesso. As suíças são, muitas vezes, ralas e, assim, os pêlos faciais se reduzem ao cavanhaque, que, diz M. Maurice Sand, *donnerait l'air vulgaire a Jupiter lui-même*.¹⁴

Tenho como um fato indiscutível essa modificação de forma e aproximação com o tipo indígena, e não tenho para ela outra explicação, a não ser o efeito do clima, que, no Indústão, cria o temperamento linfático e, em Utah, o nervoso.¹⁵ Essa crença no “crioulismo” pode ser herética e, se assim for, quanto mais cedo manifestada e desacreditada, tanto melhor.¹⁶ Mas os exemplos geralmente citados para provar a permanência absoluta da raça, como os parsis na Índia e os judeus em Aden – para citar alguns dos muitos – não tocam ao âmago da questão. Essas tribos deslocaram-se em uma área reduzida: afastaram-se pouco em latitude e menos ainda em longitude. Minhas observações vêm do Novo Mundo, onde, com exceção daqueles que passaram sobre o mar Ártico gelado, através do estreito de Behring, todos os mamíferos são especificamente diferentes dos do chamado Velho Mundo. Em semelhantes condições, o crioulismo foi observado por viajantes que visitaram a Austrália.

O mineiro – no sentido do homem cujos antepassados, ou, pelo menos os pais, nasceram na região – é facilmente reconhecido, mesmo entre os brasileiros, e suas peculiaridades não podem ser explicadas “pela bazófia e pelo culto do dólar”. É um tipo alto, magro, ossudo, que, quando exagerado, representa nosso popular D. Quixote esguio e macilento. Não há necessidade do “batismo intelectual”, da inervação, vulgarmente chamado “sangue”. O arcabouço é musculoso e bem adequado à atividade; é reto como o do basco, e não semelhante ao do sargento instrutor e mesmo os trabalhadores não costumam curvá-lo, como nossos camponeses de ombros abaulados. O pescoço é comprido e a laringe proeminente; ao tórax freqüentemente falta espessura. Os quadris e a pelve são, em geral, estreitos; as juntas, punhos e calcanhars,¹⁷ finos, e as pernas, como acontece muitas vezes entre as raças latinas, não são proporcionais aos braços na força. A obesidade é rara, como é entre os verdadeiros persas; ocasionalmente aparece em homens de idade avançada e é considerada como diabetes *nullo curabilis*. O português, baixo, quadrado e robusto, ossudo e muscular, não é raro, contudo. Entre os filhos de pais ingleses, vi sete magros, de temperamento nervoso, e dois do tipo de John Bull.

Muitas das mulheres têm formas cheias e arredondadas, que chegam aos extremos mais tarde, tornando-as gordas, por vezes excessivamente. Não poucas possuem aquela beleza frágil, graciosa e delicada, que todos os estrangeiros notam nas cidades da União. A falta de trabalho fora

de casa e de exercícios mostra seu efeito no Brasil, do mesmo modo que nos Estados Unidos. A robusta *Frau* alemã que desembarca no Rio de Janeiro parece três mulheres americanas ajuntadas em uma só. Os viajantes gostam de relembrar como viram com pena moças e mulheres empregadas nos trabalhos do campo, e o sentimento, creio, é geral. Esquecem-se, porém, que, com moderação, não pode haver trabalho mais saudável, nem melhor calculado para desenvolver as formas, ou para produzir uma prole robusta e sã. Podem transferir o sentimento para as mulheres que trabalham em fábricas ou oficinas.

A tez do mineiro é de um pardo escuro morno, raramente corado nas faces, e muitas vezes perturbada pela secreção de bÍlis, ou pela obstrução dos condutos, ou pelo excesso de ácido coléico no sistema, tingindo os vasos sangüíneos cutâneos. É, na realidade, a cor do português do Algarve, onde o mouro viveu durante tanto tempo. Toda a variedade de coloração, todavia, é encontrada, desde a clara dos europeus do sul até a pigmentação escura do mulato. Aqui todos os homens, especialmente os homens livres, que não são negros, são brancos; e, muitas vezes, uma pessoa é oficialmente branca, mas na realidade, quase negra. É diretamente oposto ao sistema dos Estados Unidos, onde todos os homens que têm alguma mistura no sangue são negros.

O crânio é geralmente dolicocéfalo e mais coronal que basilar; raramente encontramos um crânio maciço na base da região do cerebelo; os lados são um tanto chatos, e a cabeça construtiva é tão rara quanto o talento para a arquitetura ou a mecânica. O crânio forma antes a “cabeça de coco” que a cabeça de touro ou em forma de bala. As cores dos cabelos têm todos os matizes, desde o castanho até o preto azulado; o ruivo é raro; quando louro e ondulado, ou crespo e encaracolado, geralmente indica mistura de sangue; raramente os cabelos caem e só encanecem muito tarde – outra peculiaridade dos aborígines.¹⁸ Entre nós, o temperamento nervoso é mais conhecido pelo cabelo sedoso e fino; aqui, temos o mesmo acompanhado por um “topete”. Ouvi ingleses no Brasil afirmar que seu cabelo tinha-se tornado mais grosso do que era na Inglaterra;¹⁹ do mesmo modo, na Abissínia, os turcos me queixavam de que seus filhos, embora nascidos de mães européias, mostravam sinais incipientes de cabelos torcidos, o que atribuíram à secura do clima. Embora o cabelo no Brasil seja um verdadeiro ornamento para as mulheres, poucas vezes cresce até um tamanho proporcional à sua quantidade. Os olhos profundos são corretos e bem

abertos; quando não estão colocados horizontalmente, há uma suspeita de sangue indígena; a íris é castanha escura ou preta, e a córnea de um branco azulado claro, não escura como nos negros. As sobrancelhas raramente são muito arqueadas e, às vezes, parecem ser arqueadas para baixo; a parte superior da região orbital se projeta bem para a frente. A boca é um tanto do formato de “acento circunflexo”, e os finos lábios ascéticos são puxados nos cantos, como na Nova Inglaterra e as pessoas que sofrem de asma na Inglaterra. Os dentes, de um branco morto, são em geral fracos; requerem muito cuidado, e, assim o dentista é um personagem importante.²⁰ Jovens de vinte e cinco anos perdem, às vezes, os incisivos superiores, um curioso contraste de bocas velhas e a cabeleira jovem.

A expressão da fisionomia do mineiro é mais séria do que a do europeu.²¹ Caminhando, a postura do labrego é trocada pelos passos leves do tupi. Por isso, é um apreciador de exercícios físicos, e os fazendeiros se deliciam com caçadas, que duram de uma semana a dois meses. O instinto nômade ainda está muito forte nele, e mostra-se sempre disposto a viajar; é curioso observar que os viajantes censuram esse hábito e citam o velho provérbio sobre a pedra que rola. Todos andam a cavalo desde a infância, e, como os homens da selva nórdicos, preferem a perna escancarada, só com a ponta do dedo no estribo; dizem que evita o cansaço de uma longa viagem; além disso, como se assentam apenas equilibrados, podem se livrar do animal, quando este cai. Nossas selas de caça e os requintados estribos dos mongóis lhes seriam ambos insuportáveis. Deve-se observar que todas as raças puramente eqüestres andam a cavalo, ou como se estivessem agachadas, ou como se estivessem em pé; e igualmente detestam o que chamamos *juste milieu*. Como a fratura é quase desconhecida quando a perna está estendida em todo o seu comprimento, acho que se deve atribuir esse acidente, tão comum entre os nossos cavalarianos, ao fato de andarem com cinto tão apertado e carregando um peso desnecessário.²² Como os beduínos e os aborígenes do Brasil, o mineiro tem capacidade de trabalhar muito comendo muito pouco, mas compensará plenamente um jejum prolongado. Independente e confiante em si, ele mergulha na floresta e desdenha acompanhar os outros e limita-se a seguir o curso dos rios.

A raça é longeva, como está provado por muitos casos comprovados de pessoas que chegaram aos cem anos. Das doenças endêmicas, as mais comuns são a lepra e o bócio.

A lepra é aqui chamada morfêia, e os morféticos não são, de modo algum, tão comuns em Minas como São Paulo, onde a doença não poupa idade, sexo ou posição. No entanto, as raças são afins, o clima é semelhante e a alimentação a mesma. Aqui, a lepra é relativamente rara nas classes mais elevadas, e, como na Índia e na África, nunca vi um europeu afetado pela enfermidade, ou por sua modificação, a elefantíase. A várias causas atribui-se a origem dessa praga, outrora comum entre nós.²³ Alguns acham que vem do *morbuns gallicum*, outros da alimentação, especialmente do excesso de carne de porco; no Malabar, por exemplo, supõe-se que ataca as pessoas que misturam peixe com leite, considerados como os alimentos que mais produzem a bÍlis. Todos concordam que é hereditária. A moléstia começa com a descoloração para o pardo da pele branca e termina com a maceração dos membros, a necrose dos ossos e a morte. Todas as drogas foram experimentadas para deter o seu progresso, até mesmo a mordedura de cobra. Em certos estágios, é altamente contagiosa, e as pessoas atacadas habitualmente se separam de suas famílias. A lepra no Brasil constitui um perigo, ativo e passivo. Convém lembrar que, na França, ela é conhecida como a *ladre*. Não resta dúvida de que nesta Província, como na de São Paulo, são de grande necessidade os leprosários.

Se Minas tem menos leprosos, é mais afetada pelo bócio do que sua vizinha. A moléstia, chamada, em Portugal, bócio e papeira, chama-se, no Brasil, simplesmente papo, e o paciente papudo. A afirmação de Plínio (ii. 37) *Guttur homini tan tum et suibus intumescit, aquarum quae petantur plerumque vitio* não é válida aqui. Caldcleugh (ii. 258) viu cabras papudas em Vila Rica. Mr. Walsh (ii. 63) diz que a enfermidade ataca não só os homens, mas também o gado, e que as vacas são muito sujeitas a ela. Vi um cão com um papo incipiente, e ouvi dizer que ele dá nas galinhas. O povo, habitualmente, o atribui à água; por exemplo: os rios Jacaré e do Macuco são tidos como causadores da doença, pela “aglutinação de matérias vegetais”. Castelnau observa que esse crescimento mórbido da glândula tireóide é comum nas regiões do “itacolomito”, mas que não se estende, como na Europa, às grandes altitudes. Dificilmente ela será explicada pelo ar limitado, pela deficiência de pressão atmosférica²⁴ ou pelo fato de se carregar pesos na cabeça. Acredita-se que seja hereditário. Os índios eram muito atacados pelo papo e, na regiões montanhosa de Minas tão comum, que se diz, pilhericamente, que moça sem papo não arranja casamento.

Começa cedo, em ambos os sexos; Os adolescentes apresentam os rudimentos de duas ou três protuberâncias que, com o correr do tempo, tomaram o aspecto de bexigas cheias de até, amarradas no pescoço. Não curável por meio de operações cirúrgicas e a única cura, de acordo com o povo, é o sal, especialmente sob a forma de banhos de mar, que, dizem, absorve a inchaço. No rio das Velhas, quase geral; interessante observar, no entanto que, no alto São Francisco, depois da juntar dos dois rios, raríssimo. Faltam, na primeira dessas regiões, os terrenos salinos, o que parece confirmar a idéia vulgar. No Brasil, jamais observei o cretinismo que acompanha o bócio, confirmando as observações de M. Koeberle, que considera as duas moléstias como condições mórbidas distintas. Mr. Walsh, contudo, menciona um caso.²⁵

A fecundidade é, neste Império, a norma, tanto no reino animal, como no vegetal. Se a colonização não fosse uma necessidade imediata, a raça humana iria cedo povoar, com uma população relativamente homogênea, as vastas regiões que aguardam habitantes. A Província de São Paulo, segundo se calcula, dobrou o número de seus habitantes em trinta anos, sem a ajuda de imigrantes.²⁶ As moças se casam, como faziam nossas avós, aos 14 anos e têm filhos até tarde. As uniões entre septuagenários e jovens de 15 são comuns,²⁷ e o resultado é uma esposa da mesma idade que seus netos por afinidade. Os casamentos consanguíneos, como de tios com sobrinhas, não são raros; e, para vergonha da Igreja Católica, ela ainda concede dispensa para que se cometa o incesto, em troca de uma espórtula. Os resultados não são tão terríveis como na Inglaterra, e especialmente na Nova Inglaterra; não se pode esquecer, no entanto, de que, no Brasil, a flor da população se encontra sempre nos lugares que os estrangeiros mais visitaram.

A mineira, em suas canções de ninar, atribui um motivo patriótico à necessidade da criancinha dormir:

“Acalanta-te, ó menino,
Dorme já para crescer,
Que o Brasil precisa filhos –
Independência ou morrer!”

Como suas irmãs da Nova Inglaterra e da Irlanda, ela mostra mais amor à prole do que mero e superficial carinho; e sua dieta é limitada, como a da sueca;²⁸ de acordo com a regra de que as ricas aristocracias decres-

cem, ao passo que as comunidades pobres se multiplicam, aquela pode ser, em parte, uma das causas de sua excepcional fertilidade. Ouvi falar de casos, aparentemente bem autenticados, de fecundidade excessiva.²⁹ A mineira é uma excelente mãe, quando a superstição não prejudica a natureza; mas as criancinhas, “anjinho” ou “inocente”, morrem sem ser lamentadas, porque sua futura felicidade é certa. Os meninos são o que chamamos “mimados” (*petted*) ou “enfans terribles”; são jovens cavalheiros e damas depois dos três anos; em troca, conservam, durante toda a vida, o maior respeito e afeição pela mãe, beijando-lhe a mão e pedindo-lhe a bênção todas as manhãs e todas as noites. Em país algum, os pais se sacrificam tanto pelos filhos; conheço um pai que estudou álgebra a fim de escrever uma carta algébrica para o filho. E em lugar algum os filhos são mais gratos; uma lição para aquele odioso ser: “o pai enérgico da Europa”. É inteiramente desconhecido o costume de “dirigir os inocentes”. Como em todos os países novos, a “infância” cresce quase selvagem, e prefere infinitamente a fazenda à cidade; é assim que, nos Estados Unidos, o viajante logo observa a mansidão dos cavalos e a selvageria das crianças.³⁰

A indumentária dos adultos e das crianças de mais de dez anos é puramente européia. O mineiro pôs de lado os pitorescos trajos ibéricos, que eram usados no primeiro quartel deste século, o “sombbrero” espanhol, com plumas e abas largas, a capa curta e bordada a ouro e as calças largas, com um fio de seda cor-de-rosa aparecendo na bainha. Os arreios de prata estão se tornando obsoletos e, embora tenham sido conservadas as esporas de rosetas muito grandes, elas são, em sua maior parte, feitas na Inglaterra. As roupas matinais são desconhecidas em todo o cerimonioso Império: os brasileiros vestem-se de escuro até pela manhã. Um senhor de respeito jamais aparece na rua, mesmo ao amanhecer, sem o chapéu alto, casaco preto, colete e um guarda-pó branco ou preto, bengala ou guarda-chuva. Os viajantes têm de seguir esse costume semibárbaro e vestir a roupa de cerimônia atrás de uma moita de árvores, antes de entrar em uma casa. Em viagem, o mineiro se permite usar um chapéu chile ou panamá, e botas enormes, geralmente de couro semicurtido, onde guarda os chinelos e outros objetos. A roupa de baixo, em geral de algodão, é escrupulosamente limpa;³¹ predomina o hábito de engomá-las e azulá-las com o anil. O pobre imita o rico, mas suas roupas são, freqüentemente, feitas em casa. O alfaiate “in partibus” cobra o dobro do que Stultz cobra.

A única relíquia dos costumes nacionais mantida pela mineira só se vê quando ela vai à missa. É a mantilha de fino pano preto, cetim ou lã preta, debruada com renda de fabricação caseira, e que lhe cai sobre os olhos; embora aprovada por S. S. o Papa, não está rigorosamente em moda nas cidades, grandes e pequenas. Já aludi à frequência dos banhos.³² As mulheres se deliciam com flores e perfumes; e nos lugares mais atrasados, vasos de manjeriões, cravos, gerânios, lavandas e ervas-doces são postos em prateleiras colocadas no alto, para ficarem fora do alcance dos porcos e das galinhas. Têm acentuada predileção pelos diamantes e vestidos caros: uma vista de olhos na conta da modista francesa no Brasil mostra a necessidade de se restringir tal gosto. Nos bailes públicos, a lei suntuária proclama: “Pede-se às damas o obséquio de se apresentarem com a maior simplicidade”; e, algumas vezes, até o uso de luvas é reprovado.

SEÇÃO III O HOMEM MORAL

Talvez a apreciação mais generalizada sobre o assunto possa ser oferecida pela seguinte lista oficial de crimes, que foram julgados pelos jurados da Província, em um período de dez anos.³³

O documento fala por si mesmo. Limitar-me-ei a observar que os crimes contra a propriedade são 204, em comparação com 3.299 contra pessoas, de um total de 4.705, e que, para três casos de furto, ocorreram 1.186 homicídios. No entanto, as leis brasileiras, ao contrário das nossas, protegem muito mais a vida e a integridade física do que a propriedade. Aqui, levantar uma bengala, ou mesmo usar linguagem insultuosa, é considerado crime, e o crime é severamente punido. Os estrangeiros costumam dizer que, no Brasil, é melhor matar um homem do que feri-lo. É um crime atirar em um ladrão que está assaltando nossa casa. Na Inglaterra, a lei se coloca, grotesca e escandalosamente, no extremo oposto, e a tendência natural foi estimular o vício nacional, a brutalidade e o espírito de desordem.³⁴ O indivíduo que espanca a mulher e o desordeiro profissional, depois de quase assassinar uma pessoa inofensiva, podem estar certos de que em parte alguma do vasto mundo seriam tratados com tanta benevolência e

consideração. Por outro lado, embora possam achatar narizes e quebrar costelas a troco de £5 de multa ou uma semana de prisão, não podem tocar em um relógio ou um alfinete de gravata alheios, pois, do contrário, a majestade da lei lançará sobre eles a força do seu peso terrível.

CRIMES PÚBLICOS	Soma Total	25	24	20	40	30	19	14	24	37	31	264	
	Destruição ou dano de bens públicos	...	1	1	2	1	1	6	
	Moeda Falsa	1	1	1	3
	Peculato	1	...	1	1	1	1	2	...	7	
	Perjúrio	2	3	4	2	3	...	1	3	3	3	22	
	Falsidade	1	3	1	2	3	3	3	3	3	3	2	24
	Incontinência de conduta	1	1	2
	Omissão ou negligência no cumprimento de dever	3	...	2	6	1	1	...	1	1	1	2	17
	Excesso ou abuso de autoridade	1	3	...	1	...	3	4	2	...	14
	Corrupção	1	1
	Prevaricação	1	1	1	1	4
	Desacato	1	10	...	2	1	1	14
	Fuga e convivência em fugas de presos	12	...	4	13	14	8	4	9	11	14	...	89
	Resistência	3	6	6	6	6	5	2	4	8	2	...	48
	Insurreição	1	...	1
	Sedição	1	1	...	2
	Contra o livre exercício de direitos políticos	3	...	2	1	...	6
	Ano em que os crimes foram cometidos	1855	1856	1857	1858	1859	1860	1861	1862	1863	1864	Total	Soma

CRIMES PRIVADOS

Soma Total																			296												
Roubo																			14	12	9	18	35	22	22	15	6	4	4	17	4.132
Ferimentos leves																			9	6	14	9	15	10	5	6	8	4	4		
Falsidade fraudulenta e outros crimes contra a propr.																			5	6	3	5	14	9	9	8	7	8	12	8	82
Furto																			14	9	8	43	24	28	7	8	12	8	161		
Adulterio																			1	2	3		
Poligamia																			...	1	1	2	5		
Calúnia e injúria																			...	1	5	14	...	9	2	59		
Estupro																			1	1	1	...	2	3	5	2	2	...	12		
Sedução																			1	1	2	...	5	3	2	2	2	...	25		
Arrombamento																			1	4	1	2	3	3	5	15		
Ameaças																			16	14	26	28	37	24	8	4	170		
Ferimentos graves																			139	163	163	240	266	225	85	153	150	170	1.754		
Infanticídio																			1	1	3		
Tentativa de homicídio																			15	24	36	45	44	42	36	58	40	46	386		
Homicídio																			80	101	108	164	163	117	80	119	135	119	1.186		
Contra a liberdade privada																			...	3	6	8	5	4	1	4	2	5	38		
Anos em que os crimes foram praticados																			1855	1856	1857	1858	1859	1860	1861	1862	1863	1864	Soma Total		

CRIMES POLÍTICOS

Anos em que os crimes foram cometidos	Ofensas à religião, moral e bons costumes	Fabricação e uso de instrumentos de roubo	Reuniões ilegais	Vagabundagem	Porte de armas proibidas	Abuso de imprensa	Motim	Soma Total
1855	2	..	43	45
1856	2	2	45	..	1	50
1857	4	3	35	..	4	46
1858	3	1	3	..	41	1	1	50
1859	2	..	52	54
1860	44	1	..	45
1861	2	2
1862	2	..	4	6
1863	1	..	7	8
1864	3	3
Total	3	1	16	5	276	2	6	309

Total geral – 1855, 366; 1856, 421; 1857, 449; 1858, 668; 1859, 714; 1860, 567; 1861, 272; 1862, 410; 1863, 421; 1864, 417; soma total, 4.705.

Secretaria da Polícia de Minas, 1 de agosto de 1866

ANTONIO XAVIER DA SILVA JUNIOR,
Secretário em Exercício

Por que motivo, então, em Minas – posso dizer, no Brasil em geral – há tão pouca segurança pela vida, que é tão zelosamente protegida?

Entre os ricos, os homicídios derivam de três causas: terras, questões políticas e “negócios do coração” – um motivo apenas secundariamente mencionado – especialmente quando está em jogo a honra da família, e somente um tiro ou uma facada poderão resolver o caso. Os pobres matam uns aos outros por causa de brigas por questões de terras, perdas no jogo, amor e bebida; a cachaçada termina sempre em derramamento de sangue. Via de regra, todos os homens andam armados: com revólveres e punhais, que são usados ocultamente nas cidades; no interior, ninguém anda, a pé ou a cavalo, sem uma garrucha e todos trazem uma faca na cintura. O derramamento de sangue é encarado sem muito horror; praticamente, não há aquela preocupação e aquele respeito pela vida humana que caracterizam os antigos países da Europa. O afetuoso diminutivo “facadinha” significa um esfaqueamento e uma “mortezinha” é um assassinato, geralmente à traição. A impossibilidade moral de aplicar a pena última – de tirar o criminoso da lista dos vivos – a facilidade de fugir da cadeia e o pouco receio dos trabalhos forçados entre os escravos, são fatores que estimulam a vingança. Em sua maior parte, os criminosos são gente sem instrução; e, para que as prisões sejam fechadas, devem ser abertas e mantidas abertas as escolas e, nesta fase da civilização, a igreja paroquial. Lembremos, com M. Quetelet (*Sur l'Homme*, ii. 325): *c'est la société qui prepare le crime, le coupable n'est que l'instrument qui l'exécute*. “Lá vai meu infortunado ego! – exclamou o bom Fénelon, ao ver um ladrão levado para a forca.

Alguns dos assassínios são escandalosos. Lemos, por exemplo, que, na Cidade de Lavras, tendo A. B. brigado com C. D., feriu-o cinco vezes, assassinou o guarda municipal E. F., matou G. H. e feriu gravemente I. K., que estava em companhia da autoridade policial. Em 1866, um certo M. D., casado com a neta do Barão de R. V., um homem inofensivo, muito considerado, matou-o em praça pública da Freguesia de São Gonçalo da Campanha. No mesmo ano o Dr. A. B., viajando a cavalo, com três amigos, nas vizinhanças de Filadélfia, foi assassinado a tiros, de emboscada, por C. B., que imediatamente montou a cavalo e fugiu. Quando cheguei à Cachoeira de Paulo Afonso, os moradores comentavam um assassinato que ocorrera um mês e meio antes. Nesse caso, havia o habitual negro e mais de

uma mulher. A Senhora Isidora Maria da Conceição preferia o Senhor Ferino (Zeferino) da Cruz a seu esposo legal, Senhor José Teles de Meneses, e os dois resolveram afastá-lo do caminho. Ferino censegiu o apoio e a ajuda de sua própria esposa, Senhora Mariana Teles de Barros, dizendo-lhe que a futura vítima a caluniara. “Ele tem que morrer!”, exclamou a dama ludibriada. A Clitenebra brasileira escondeu as armas do marido, e o grupo matou a vítima com muitas facadas, cortou-lhe a língua e as orelhas, escalpelou-a tão bem como os moicanos o fariam e jogou o corpo no rio São Francisco. Foi encontrado quinze dias depois, aparentemente conservado, segundo dizem, com muita probabilidade já tendo em mente um pequeno milagre. Perguntei o motivo da mutilação. “Para judiarem”, foi a resposta. Aqui, judeu ainda é sinônimo de diabo.³⁵ Os criminosos estão presos em Jeremoabo, na Província da Bahia, a cerca de 25 léguas de Porto das Piranhas, em uma cadeia do interior, de onde é muito fácil fugir; além disso, há muita testemunha perjura à sua disposição. Será convocado um júri, e *transit in rem judicatam* provavelmente resolverá o assunto.

Por outro lado, a proporção de crimes com a população é diminuta e, como já se viu, a obediência à lei, ou melhor, o caráter pacato, embora altivo, do mineiro, pode ser avaliado pela situação de sua polícia. Com tal e tão pequena força repressiva, a maior parte dos países europeus tornar-se-ia inabitável. Em 1866, na Inglaterra, com uma população de 20.000.000 de habitantes, foram submetidos a julgamento 19.188 criminosos, até julho, e 27.190 foram presos por delitos sérios. Nenhum lugar é mais seguro para estrangeiros que não se metam em política, amores ou demandas judiciais. O furto é desconhecido, onde não há estrangeiros fixados; quando, pela primeira vez, descí a ribeira de Iguape, em 1866, minhas canastras eram deixadas abertas. Em 1867, depois de uma pequena imigração anglo-americana, a população tornou-se adepta da arte de furtar e roubar, e todas as precauções tinham de ser tomadas, mesmo contra os homens livres. Entre as tribos tupis, a apropriação de bens alheios era desconhecida e, no interior de Minas, tal prática ainda se limita aos escravos. Yves D’Evreux informa que “mondaraom”, ou ladrão, era o pior insulto que se podia dirigir a um índio, e que as índias preferiam ser chamadas *patakere* (meretriz) do que *menondere*.

A freqüência da embriaguez surpreendeu-me. St. Hilaire diz que, no seu tempo, era difícil ver-se um homem embriagado. Gardner afirma que, ao desembarcar em Liverpool, viu, em poucos dias, mais ébrios do que

vira entre os brasileiros, brancos e negros, durante cinco anos de viagem. O Príncipe Max queixa-se do vício, em diversas ocasiões,³⁶ mas estava viajando entre os infelizes colonos de Marema, na costa oriental.

Minha experiência é a seguinte. Nas cidades do Atlântico, a sobriedade é a regra, especialmente entre as pessoas instruídas,³⁷ e o clima dificilmente permite que o abuso de estimulantes dure muito. No interior, porém, a dieta vegetal, a facilidade de se encontrar bebida barata e forte, a falta de estímulo e o exemplo de exilados, que encontram na garrafa seu melhor amigo, tornou as classes inferiores, como as regidas pela “Lei de Bebidas Alcoólicas de Maine,” uma raça de grandes bebedores.

Velhos me disseram que, em sua juventude, quando se queria dizer que um homem era “um perdido” se dizia: “ele bebe”. A dipsomania das raças nórdicas provocava muitas pilhérias, que agora, infelizmente, perderam a razão de ser. “Um inglês bêbado, que pleonasma!” diziam eles. “Tem sua baeta inglesa” era equivalente, na África Portuguesa, a “falar inglês,” significando: “Está bêbado.” O mineiro já não pode vangloriar-se dessa agradável superioridade moral. É difícil contratar trabalhadores, livres ou escravos, que não se excedam habitualmente na bebida, e, se o “patrão” dá o exemplo, a indulgência ultrapassará todos os limites. O tropeiro e o barqueiro começam o dia com um gole “para espantar e diabo.”³⁸ Há um segundo “mata-bicho”,³⁹ que, como diz a velha pilhéria, não há jeito de morrer. Depois de quebrar o jejum, às sete ou oito da manhã, um terceiro, com os homens sóbrios, segue o jantar, de meio-dia às duas horas, e, muitas vezes, a noite é passada pelos amigos com uma viola e um garrafão de cachaça. Em pequenos povoados, depois de um dia feriado, vi cinco ou seis homens estendidos na estrada, e muitas vezes fui advertido no sentido de não fazer a tripulação de uma canoa atravessar corredeiras em manhã seguinte a uma noitada. Como os orientais, poucos homens aqui bebem moderadamente; os que bebem, bebem muito, e os que evitam o vício são inteiramente abstêmios. O consumo de bebidas espirituosas excede, acredito, ao da Escócia. Os brasileiros, que ficam escandalizados com a quantidade consumida, afirmam que a cachaça é usada em banhos. O governo deveria publicar as estatísticas relativas ao assunto, o que seria fácil, pois, em sua maior parte, as destilarias são tributadas, e a cachaça paga um imposto, quando entra nas cidades e vilas. Os

antropólogos lembrar-se-ão das imensas quantidades de uísque bebidas nos Estados Unidos, e é curioso observar que os aborígenes do Brasil eram muito inclinados à embriaguez. De Lery, o pitoresco capelão de Villegaignon diz (*Voyage*, 130-132): *Qu'il ne soit permis de dire ariere Alemans, Flamans, Lansquenets, Suisses et tous qui faites carbons et profession de boire, par de çà; car tout ainsi que vous-mêmes, après avoir entendu comme nos Amériquains s'en acquittent, confesserez que vous n'y entendez rien au prix d'eux, aussi faut-il que vous leur cédiz en cet endroit.*

O mineiro, como o paulista, é um homem religioso, mas um católico displicente. O catolicismo está aqui muito afastado de seu centro legítimo, e sofreu algumas mudanças notáveis. Ao mesmo tempo, o mineiro tem, como o paulista, um certo horror de todo aquele que não é católico. É mais supersticioso que fanático, mas todos nós sabemos como um pode transformar-se facilmente no outro. A tendência à perseguição não é forte, embora eu tenha lido o discurso de um deputado provincial propondo que fosse morto um padre que se convertera ou se pervertera ao “protestantismo”. É rara, hoje, a construção de uma igreja – saudável sinal dos tempos.⁴⁰ Muitos homens de instrução elevada, se não o vulgo, advogam o casamento de padres, e o Regente Feijó escreveu um panfleto sobre o assunto, que foi traduzido por um missionário norte-americano, Mr. Kidder. Os paroquianos não se mostram muito escandalizados com o vigário que toma uma esposa e vive bem com ela. O clima não favorece a castidade; a raça, especialmente quando o sangue é misturado, é um material inflamável, e o que os escravos falam e fazem não concorre para que as jovens conservem a inocência. Não preciso dizer que o celibato clerical é mera questão disciplinar, conservado porque é, ou se supõe ser, favorável ao espírito do cristianismo e porque, sem dúvida alguma, é altamente vantajoso para a Igreja. Por outro lado, a dignidade superior da virgindade ou esterilidade, quer obrigada quer voluntária, é uma idéia em franco desacordo com a razão e o senso comum, especialmente em um país jovem, onde a poligamia é moralmente justificável, uma vez que os seus males são mais do que contrabalançados pelos seus benefícios.

Em Minas e no Brasil, de um modo geral, onde o *sabbath* é mantido mais rigorosamente do que na França e no sul da Europa, não encontramos o abuso de festas, dias-santos e dias de padroeiros, que, em certas partes do Velho Mundo, inutilizam metade do mês. Também a prática

de jejum não acarreta excessos. Não há freqüência abusiva ao confessionário, senão pelo devoto profissional, e raramente ouvimos falar de um homem que recorra ao padre a respeito de todos os assuntos, triviais ou importantes, seculares ou espirituais.⁴¹ Em poucas palavras: o povo está maduro para reformas religiosas. Dessas, a principal seria um *irréligieux edit...qui autorise tous les cultes*, todos os credos teriam permissão de construir, para o seu culto, templos e não casas. O casamento civil é permitido por lei, um grande progresso em comparação com certos dos “nebulosos” hispano-argentinos, que, nos últimos meses, se amotinaram contra a inovação. Os casamentos entre brasileiros e estrangeiros, porém, precisam ficar livres de certos obstáculos, como o da obrigatoriedade da cerimônia ser realizada pelo credo de Roma.⁴² Quando a Igreja cede, o Estado não pode ficar atrás. Algum dia, o cidadão imigrante será admitido a exercer os mais altos cargos do governo do qual voluntariamente se tornou súdito; atualmente, ele pode ser senador, mas não deputado, quer dizer, coronel, mas não capitão. O Brasil fará bem em olhar o exemplo dos Estados Unidos, que se elevaram à sua atual situação de prosperidade graças a uma completa e ilimitada tolerância, e não porque estejam mais perto da Europa e gozem de um bom clima ou sejam um país rico, ou possam doar grandes porções de terras. Todas essas vantagens, e em maior extensão, creio que podem ser encontradas no Império. Este, porém, jamais se abrirá de todo para o mundo, enquanto a completa igualdade em assuntos civis e religiosos não eliminar todos os obstáculos que se interpõem no caminho do progresso. Deve haver, acredito, certas modificações na Constituição brasileira, antes que a nação deixe de ser o que o judicioso francês chamou de *un peuple prospectus*.

A mineira vive no sistema de semi-reclusão, que atravessou o Atlântico, vindo da Ibéria; esse sistema foi reforçado pelo domínio do Islã, que, por seu lado, emprestou algum afrouxamento do exemplo cristão. *Femme file et ne commande pas*. Apenas nas famílias mais instruídas, a dona da casa e as filhas se assentam à mesa com um estranho; entre as mais ignorantes, as mulheres se vestem em casa com muito descuido para que possam participar da recepção aos visitantes sem mudar inteiramente de roupa. Esse estado de coisas fez-me lembrar muito dos cristãos da Síria, que não trocaram seu velho sistema pela liberdade, ou, como dizem eles, pela licença da Europa. Os homens protegem suas mulheres de duas maneiras: ou como os orientais, afastando-as da tentação; ou como fizemos, expondo-as livremente, mas com a luz da publicidade voltada inteira-

mente sobre elas. Na Europa, convém acrescentar, há pequenas diferenças no tratamento. Na França e na Itália, de fato entre as raças latinas em geral, as moças não devem se afastar de junto das mães; podem sair com o irmão, que é considerado ineficiente como *chaperon*; uma vez casadas, porém, cessa a vigilância.⁴³ Na Inglaterra, a proteção materna é muito frouxa, e os namoros antes do casamento não são considerados ofensivos à sociedade; assim, aquelas que entram no “estado sagrado” podem ter tudo, menos um espírito virginal. No Canadá, a liberdade é levada ao excesso, quase tanto, talvez, como nos Estados Unidos, mas, nestes, as mulheres são acompanhadas pelo revólver e pela faca.

Como nos países tropicais de um modo geral, a “idade ingrata”, de pernas compridas e grandes extremidades, que precede imediatamente a *beauté du diable*, é desconhecida em Minas. As moças nunca são tão bonitas como entre os 13 e os 16 anos, quando são mocinhas. Do mesmo modo, não há aquele tipo de rapazes desajeitado e aquela horrível mudança de voz, que, ao que parece, é peculiar aos países temperados.

Acredito ser a família em Minas, como no Brasil em geral, excepcionalmente pura, e que, a esse respeito, muitos estrangeiros cometem uma grande injustiça com o povo. Seria divertido, se não provocasse indignação, ouvir um estrangeiro, depois de alguns meses de residência, e mal capaz de falar uma frase em português, suprir, gravemente, sua falta de experiência pelo poder da fantasia, e citar a injuriosa sentença, que parece ter corrido de pólo a pólo: “Pássaros sem canto, flores sem perfume, homens sem honra e mulheres sem virtude.” As cidades maiores se equiparam, em sua maioria, e em todo o mundo, no que diz respeito à moralidade; uma nação deve ser julgada pela vida em suas aldeias e em seus campos. Ali, é quase impossível a desonestidade, as oportunidades raramente se apresentam, e “chumbo na cabeça” ou “faca no coração” seriam, certamente, o destino do chamado “sedutor”. Como nos Estados Unidos, e não na Ibéria, o castigo no Brasil cai sobre quem não deveria cair, o amante e não a esposa. Isso está de acordo com o sentimento na Inglaterra, e, na verdade, na maior parte das nações nórdicas. Nossa Corte de Divórcio, se estivesse julgando o caso de Putifar *versus* Madame Putifar e José, não permitiria ao último dizer uma pequena parte sequer da verdade; ele seria, se fosse bastante insensato para tentar defender-se, chamado

de indivíduo desumano e desprezível pelo juiz e execrado em toda a Inglaterra.⁴⁴

Posso citar, a respeito da mineira, o que disse a Condessa Paula von Kollonitz⁴⁵ da esposa mexicana: “O baluarte de parentes pelo qual a jovem esposa é cercada serve, em grande parte, para protegê-la; independente disso, porém, acho-a quase sempre retraída e recatada, chegando mesmo ao puritanismo, quando os estranhos se mostram audaciosos. Seus casamentos são realmente domésticos e felizes; os cônjuges são sempre vistos juntos e o marido costuma oferecer presentes à mulher, o que é considerado como uma prova especial de afeição.” Posso acrescentar que a conduta exemplar das brasileiras que se casaram com ingleses fala, altamente, em favor de seu sexo, em geral.

O holandês Bernard de Mandeville, cujos planos para diminuir a imoralidade – no sentido limitado da palavra – eram tão adiantados em relação à sua época, que, por sua causa, teve de comparecer perante o Grande Júri de Middlesex, em 1723, afirmou, para escândalo de todas as “pessoas respeitáveis”, que a classe das heteras é numerosa ou não em proporção direta com a pureza das famílias. Os lugares mais licenciosos da Europa são aqueles onde os prostíbulos são poucos e freqüentados somente por estrangeiros.⁴⁶ Desapareceu hoje a extrema disseminação da prostituição profissional nas cidades do interior do Brasil, tal como era descrita pelos viajantes, antes de 1820, e que deu origem ao provérbio: “Mulher e cachaça, em toda a parte se acha.” No entanto, nas “casas suspeitas” freqüentadas aos domingos e feriados pelos “fregueses,” há três ou quatro filhas de Jerusalém, cada uma fazendo £150 por ano, o que, na Inglaterra, equivale a £500; o dinheiro vem dos filhos dos fazendeiros, que, na Europa, o aplicariam com uma quiromante ou uma cartomante, o que seria pior. E, como Catão sabia, há uma grande diferença entre a vida pública e a vida particular.

Uma justiça poética, com relação ao hebreu, é feita ao brasileiro na Europa, que gosta de chamá-lo de “judeu da América do Sul”, e o mesmo se tem dito a respeito dos habitantes da Nova Inglaterra. Ambas as raças são essencialmente “sagazes,” e a “sagacidade”, deve ser observado, está caminhando rapidamente para o leste;⁴⁷ ambas produzem excelentes homens de negócio e muitos fizeram colossais fortunas em poucos anos. O “pobre rico”, que vive como um mendigo e empresta dinheiro a 15 e a 24 por cento, não é

desconhecido; via de regra, contudo, o dinheiro é livremente gasto e pouco se nota do apego à pecúnia da avara cobiça, aqui atribuída ao português, entre nós aos hebreus. A maior homenagem é prestada ao comércio; metade dos titulares do país foi ou é constituída de comerciantes, direta ou indiretamente; a casa de um fazendeiro que não se completa sem um armazém no andar térreo, e não encontrei um fazendeiro que não estivesse disposto a vender sua propriedade, no todo ou em parte, com ou sem os escravos.

St. Hilaire, que se tornou quase mineiro, sentiu a falta de cordialidade quando saiu de Minas.⁴⁸ Minha experiência foi contrária. O paulista, embora reservado, sente-se mais à vontade com os estrangeiros do que seu primo; este último pode ser descrito como acanhado. Há um penoso desdobrar de cerimônias, que nos fazem lembrar a antiquada meticulosidade do Minho e Douro. Ambas as províncias são igualmente hospitaleiras, ambas não gostam da reserva excessiva e ambos preferem os modos dos franceses aos dos ingleses – como eram diferentes há um terço de século. Na estrada, porém, o paulista tira o chapéu, dá um bom dia cordial e responde de boa vontade a todas as perguntas. O mineiro nos olha bem antes de tirar o chapéu, muitas vezes sua mão fica suspensa entre a sela e a cabeça, imaginando, infantilmente, se o estranho irá, ou não, corresponder ao cumprimento. Algumas vezes olhavam para mim de maneira hostil, as mulheres “fechavam a cara” e os homens davam uma resposta ríspida, que cortava toda a esperança de intercâmbio. Isso, contudo, foi infelicidade minha. A Guerra do Paraguai faz com que a população do interior considere todo estranho como um agente do governo, ou uma pessoa que está viajando levada por sinistros propósitos. Em certo lugar, tornei-me Chefe de Polícia, um funcionário que, normalmente, não aparece senão quando alguém é “procurado” e recorre, mesmo, a um inocente refúgio no mato. No rio São Francisco, vi-me transformado no Presidente López, e jamais fui menos que um “funcionário de recrutamento”, personagem tão popular quanto o aferidor de tonéis em Ayrshire, no tempo em que Robert Burns poetava, ou o meirinho em Connemara, quando governada por Martin de Galway. Além disso, com o crescente número de visitantes ou colonos europeus, o mineiro não aprendeu a respeitá-los, e tal fato não pode causar admiração. A familiaridade com tais homens – apresso-me a dizer que há muitas exceções notáveis – só pode gerar o desprezo.

Minas produziu os dois pais da poesia épica brasileira, e seus filhos distinguiram-se nas artes e nas armas em todo o Império. Os conhecimentos intelectuais do mineiro limitaram-se, principalmente, às humanidades. A ciência moderna não pode ser adquirida na Província, a mecânica é desconhecida, mas as letras e humanidades estão abertas a todos. Como os neolatinos em geral, os mineiros facilmente aprendem os dialetos cognatos, e sua compreensão lesta, mas um tanto confusa, lhes permite familiarizarem-se com os vários ramos introdutórios da matemática. Têm um acentuado sotaque, que, em princípio, não é facilmente entendido. O paulista fala com a boca desnecessariamente aberta; é o dórico, o dialeto nórdico do Brasil. O mineiro fecha os lábios e come as palavras até impedi-las de chegar aos ouvidos do estrangeiro: é *Lancashire versus Northumberland*. Isso, sem dúvida, vem dos velhos tempos, quando havia grande mistura de sangue indígena. St. Hilaire (III, ii, 107) considera tal coisa uma característica dos peles-vermelhas. “*Comme les diverses nations indiennes que j’avais vues jusqu’alors, les Cayapós parlent du gosier et de la bouche fermée.*” A observação é confirmada por todos os viajantes daqueles tempos. O Príncipe Max (iii, 166) diz, a respeito dos camaçãs ou meniãs: “*Ils coupent brusquement la fin des mots, parlent bas et la bouche à moitié ouverte.*”

Não me sinto inclinado a estender este capítulo, extraindo das estatísticas oficiais dados sobre os estabelecimentos de ensino e sobre o número de alunos. No Brasil, tais pormenores mostram-se melhores no papel do que na realidade. A questão, porém, não é negligenciada e os “teóricos” não a consideram indigna de sua elevada atenção. A escola é “o misterioso laboratório onde o homem e a criança preparam o futuro.” Além disso, pode-se afirmar, sem exagero, que todos os filhos de pobres, exceto nos lugares remotos, estão aptos a conseguir instrução primária, que as três matérias elementares são geralmente estudadas e que os incapazes de ler e escrever não são tantos aqui como na Inglaterra e na França.⁴⁹ Além disso, a total ignorância ainda encontrada nas classes mais baixas da Europa, a absoluta falta de conhecimentos, aqui se limita aos idiotas. Algumas províncias, como a do Paraná, mostraram sua sabedoria, obrigando as crianças a freqüentar as escolas; e acredito que isso se estenda, em breve, a todo o Império. Presentemente, a culpa é mais dos adultos que dos jovens, e os pais ainda não tiveram tempo de aprender o que significa a instrução.

Como os livros e revistas ainda são raros e caros, o jornal é o mais importante alimento literário em toda Minas. Em qualquer loja ou armazém, desde o nascer do dia, seu dono ou seus caixeiros podem ser vistos perdendo o tempo – como dizem os estrangeiros – com a leitura dos periódicos. Como o cidadão dos Estados Unidos, o brasileiro acha amplo deleite em um copo de água, que aqui não é gelada, um cigarro, às vezes fumo para mascar, e um jornal. Atrevo-me a observar uma notável semelhança entre a mais elevada forma da sociedade europeia e a do Império e da República Ocidental. Que membro da alta sociedade, especialmente a parisiense, jamais leu alguma coisa, a não ser um jornal ou revista? Quem, na alta roda de Londres, jamais teve tempo de virar uma página, a não ser de diários, semanários ou revistas mensais? Em quantas casas de campo não se encontram os livros, em cima das mesas ou nas estantes, sem serem tocados, a não ser pelo espanador?

O motivo disso é que o jornal representa o progresso, é a literatura do futuro. Como Lamartine informou às Câmaras francesas, a imprensa, antes do fim do século, abrangerá todo o pensamento humano e transformar-se-á na palavra do homem. Quando o jornalismo, graças à maquinaria, se estender infinitamente e apresentar, todos os dias, aos olhos do público, todas as questões, tratadas da maneira mais completa, o *in-oitavo* tomará a forma de um grande jornal. Como um velho ex-diretor de jornal, não posso concordar com M. Emile de Girardin: “antes um dia de governo do que dez anos de jornalismo” –, e convém salientar que ele não realizou suas aspirações.

A glória especial do século XIX é que ele resgatou o ensino, a instrução, a ilustração dos sábios profissionais, e da elite dos “Dez Mil do Alto”, e lançou-as, como um evangelho, à humanidade. E isso caracterizará para sempre a nossa era. Assim, no começo da vida religiosa do homem, o Legislador dos hebreus tomou dos sacerdotes egípcios, que a haviam escondido na profunda obscuridade da fé e da prática, a idéia de um único Deus, que não foi e não será perdida pelo espírito humano.

No fim da última geração, Gardner encontrou em Ouro Preto duas tipografias e quatro jornais de tamanho pequeno; dois deles eram ministeriais e os “restantes” eram da oposição, ambos eram inteiramente políticos. Atualmente, o aumento das comunicações com a metrópole reduziu as tipografias a uma só, a “Tipografia do Minas Gerais”,⁵⁰ os jornais são dois, o que

também indica e apaziguamento da agitação popular. O *Constitucional* é conservador; aparece uma vez por semana, e seus diretores são o Dr. Camilo da Cunha Figueiredo e o Dr. Benjamin Rodrigues Pereira. O *Diário de Minas* (iniciado em 1º de janeiro de 1868) é diário, como o nome indica, dirigido por um liberal, Dr. João Francisco de Paula Castro, cujo partido se encontra há longo tempo no poder. É do estilo habitual dos jornais brasileiros de interior, uma simples folha, com quatro colunas de 20 x 37,5 centímetros. Há um artigo de fundo, que, como acontece com a *Eatanswill Gazette*, esmaga a oposição e o partido rival. As notícias e correspondência da Europa e das outras províncias do Império têm de aguardar a chegada do correio; quando a Assembléia Legislativa está reunida, a Parte Oficial transcreve, adequadamente, os discursos e, em geral, traz informações sobre os preços correntes. Como está com o poder, e, provavelmente, bem subsidiado, o jornal pode se dar ao luxo de ser mais calmo e comedido que o conservador. Aqui, como em qualquer outro lugar, a linguagem do jornal é a expressão da sociedade. Ameaças, alusões a escândalos e linguagem violenta não são coisas desconhecidas do jornalismo brasileiro; em geral, porém, são reprovadas, e não tardam a ter o destino do *Satirist*; e mesmo agora sua linguagem é mais elevada do que a que encontramos em um artigo irlandês sobre algum assunto de interesse passageiro. Nunca vi coisa alguma comparável ao *Bombay Times*, dirigido pelo Dr. Beust, ou a uma certa revista londrina, que se dedicou, durante sua curta vida, aos assuntos orientais.

Para um viajante, a parte mais característica de um jornal talvez seja a de anúncios. Pega, por exemplo, o *Constitucional* e vê uma “mudança de nome”, alguém que troca de nome simplesmente para evitar confusão. A.B.C.D. de E. publica um agradecimento geral àqueles que o receberam hospitaleiramente durante sua última viagem – gesto muito simpático. Os parentes e amigos do falecido Sr. Fulano de Tal são convidados a assistir a uma missa solene pelo descanso de sua alma, e não deverão faltar; o convite tem em cima o desenho de uma sepultura, trazendo a inscrição “morte” sobre a qual se debruça uma viúva, de chapéu, tendo ao lado um órfão, sentado no chão, muito desconsolado. “Fugido” em letras maiúsculas, 50\$000 com todos os algarismos e a figura de um antropóide com uma trouxa no ombro e uma vara na mão, mostram que um escravo fugiu e está sendo procurado. Uma casa de papelão e duas árvores não parecidas com vegetais denotam uma chácara, um sítio ou uma

casa residencial à venda. O grosso das duas páginas, porém, é ocupado com os anúncios de remédios patenteados. A salsaparrilha de Bristol disfarça-se, modestamente, sob os títulos de “a Marcha do Aleijado” e a “Batalha da Vida”. A quina de Laroche e as pílulas de Blanchard desdenham tais recursos. E a Grã-Bretanha pode ser adequadamente representada por unguento e *pildoras* (espanhol) ou pílulas (português) de Holloway, estendendo-se pelo menos por duas colunas.

Finalmente o “A pedido” significa o *communiqué*. A correspondência, em geral, é mandada sem assinatura ou assinada por um nome suposto ou real, conhecido como “testa-de-ferro”; apresenta censuras à consideração do público. Emprega a linguagem mais violenta, se não a única violenta, do jornal.

NOTAS DO CAPÍTULO XXXVIII

1. O espaço só me permitirá tocar no assunto muito ligeiramente; além disso, foram feitas, nestes volumes, muitas notas antropológicas, sempre que o assunto as sugere.
2. Tanto os paulistas como os portugueses podem sorrir, agora, com os chistes do velho comediógrafo Garção:

Parece-me que estou entre paulistas,
Que, arrotando congonha, me aturdiam
Co' a fabulosa ilustre descendência
De seus claros avós, que de cá foram
Em jaleco e ceroulas.

3. Os índios costumavam chamar os negros de “macacos da Terra”.
4. A carta do Conde de Açumar, descrevendo o “horroroso motim”, foi publicada no *Almanaque* de 1865 (pp. 101-104) e as condições que ele aceitou no *Almanaque* de 1854 (pp. 56). Southey (iii. 38, 158-161) traduziu o relatório do Conde quase literalmente, e encarou, assim, a questão de modo unilateral.
5. Em conseqüência, a serra tomou o nome de serra da Moeda. Correm lendas sobre tesouros escondidos no lugar onde havia a fundição. Outros estabelecimentos para falsificar moeda foram montados em Catas Altas de Mato Dentro e em outros lugares. As moedas cunhadas eram tão puras quanto as da Casa da Moeda, mas tinham esquecido de pagar e quinto real.
6. O Visconde de Barbacena havia baixado as últimas ordens para o subsídio voluntário relativo ao Palácio da Ajuda, em uma ocasião em que o atraso dos quintos montava a 700

arrobas, ou 22.400 libras de ouro, o que correspondia a toda a circulação da Província. No julgamento de Gonzaga, ficou provado que ele aconselhara o intendente a cobrar, não só os quintos de um ano, mas todos os atrasados. Ele alegou que assim fizera com o intuito de convencer o governo que a medida era impossível e, assim, obter a remissão da dívida. Os juízes, porém, foram de opinião que seu objetivo era o de aumentar a irritação do povo e muito especialmente porque o impetuoso Tiradentes já agitara o problema com uma intenção que não se dignara de negar.

7. A segunda visita não foi tão afortunada, e logo depois, o Imperador abdicou.
8. Nesse ponto parecem-se com os bascos, dos quais o celebrado Gonzalo Fernández de Córdova costumava dizer que era preferível domar leões que governá-los.
9. O brasileiro, oposto ao português, ou filho do Reino, depreciativamente chamado portuga, pé-de-chumbo, bicudo, marinho, galego, etc.
10. Um termo depreciativo, inventado pelos inimigos da independência do Brasil e aceito, com a significação alterada, pelo povo.
11. Que, além disso, (i. 567) fala da “caprichosa peculiaridade da raça”.
12. Tenho a satisfação de observar que Eschwege nega a cor de cobre das raças americanas como uma regra geral. Os índios nascem com uma tez amarelo-esbranquiçada e tornam-se mais escuros à medida que a pele é queimada pelo sol.
13. A palavra “índio” (*indian*), como adverte Mr. Charnock, significa, propriamente, uma pessoa nascida no vale do Indo. Que pode, porém, o infeliz antropólogo fazer nestes dias, em que ainda são usadas, na falta de melhores, expressões como turiano, semita, hamita e jafético?
14. Cito M. Sand sem concordar com ele. O cavanhaque não só é original, como também característico. Todas as tribos de índios se limitam a uns ralos pêlos perto da boca, que não vão além de três polegadas de comprimento. Há apenas um clã, que os portugueses chamam de “barbados”, por causa de suas longas barbas. O mesmo se observa no interior da África.
15. Também o “temperamento” é um sistema puramente empírico, que deixará de ser levado em consideração, quando tiver sido suficientemente estudada a química do sangue, da qual ele é o efeito. O assunto é demasiadamente amplo para uma nota marginal, mas penso que pode ser mostrado que os luso-brasileiros, assim como os anglo-americanos, foram modificados moral e fisicamente pelo clima e assimilados, em caráter geral, aos aborígenes.

O alto desenvolvimento da diátese nervosa pode ser atribuído à notável facilidade com que o mesmerismo ou magnetismo animal age tanto no Império como na República. Um clínico de São Paulo verificou que três de nove estudantes eram sujeitos a tal influência. São citados casos extraordinários. Em Maceió, na Província de Alagoas, há uma moça, sobrinha do Barão de J..., que, dizem, é capaz, pelo poder de volição, de dar a um copo de água o cheiro e, de certo modo, a aparência de qualquer bebida: leite, vinho ou licor; além disso, já produziu as bebidas em camadas distintas, cada uma conservando sua

peculiaridade. Uma comissão de seis médicos assistiu às experiências, além de um prestidigitador profissional, que se confessou incapaz de compreender, embora muitas vezes já tivesse executado o truque, como eram feitas as trocas. Mr. Spenser St. John conta um caso semelhante (ii. 262), de uma mulher de Bornéu, que cozinhava ovos simplesmente respirando em cima deles.

É tarde demais, agora, para ignorar questões tão importantes como as da introversão, leitura de pensamento e clarividência médica. A maioria dos homens, que nunca testemunhou os fenômenos, naturalmente não acredita neles. Não, porém, aquele que procura compreender as causas das coisas; este achará que deve investigar a verdade até o máximo e modificar suas teorias de acordo com os fatos, e não os fatos de acordo com as teorias.

16. “Os negros nascidos nos Estados Unidos, e cujos pais também ali nasceram, diferem, na cor e nas formas, de seus irmãos nascidos e criados na África”. (*América do Norte*, por A. Trollope, Capítulo 5). Superficialmente, nós todos observamos tal coisa. E o valor da observação é maior porque o autor não sustenta qualquer teoria, e, segundo parece, não é antropólogo. *Sous l’influence du contact de la race blanche* (diz M. Liais, *L’Espace Céleste*, p. 217) *et surtout par l’effect du mélange qui tend à s’opérer, il se forme une race de noirs beaucoup plus intelligente que celle des nègres d’Afrique.*
17. Segundo o Príncipe Max, i. 209-210, as mulheres da costa, puris, usam cipós ou cascas de árvores em torno dos punhos e tornozelos, *pour les rendre plus minces.*
18. O mesmo é observado quanto ao negro, tanto no Brasil como em sua terra.
19. Alguns atribuem o melhoramento ao uso de xoxó ou chochó, o óleo extraído do coco da palmeira dendê (*Elaeis guinnensis*, cujo pericarpo produz o azeite que se vende no comércio). Os cocos são pilados em um almofariz e esmagados entre duas pedras, até ficarem reduzidos a uma massa muito fina, que é, depois, batida em uma tigela com água quente, ficando o óleo na superfície. Os brasileiros, antes de usá-lo, colocam o xoxó em outra terrina com água fria e deixam-no exposto ao sereno por oito ou dez noites, mudando a água todos os dias. Fico surpreendido ao verificar que esse artigo, tão usado na África e tão apreciado nos trópicos, não tenha chegado à Inglaterra, onde a gordura de carneiro ainda predomina.
20. Em uma cidade de 15.000 habitantes, vi três dentistas em uma única rua. Como na Europa, os melhores dentistas são os procedentes dos Estados Unidos; é doloroso comparar a seu material leve e duradouro, o grosseiro trabalho de nossos práticos do interior e, às vezes, mesmo dos de Londres.
21. Isso é também uma peculiaridade dos índios, todos os viajantes mencionam a gravidade da fisionomia do homem vermelho, e alguns comentam a expressão “carrancuda” adquirida pelos habitantes dos Estados Unidos.
22. Tomei emprestado um “truque” que pode ser adotado com vantagem por nossos soldados. Quando se quer que o animal fique quieto, o cavaleiro passa a rédea por cima de sua cabeça e deixa-a cair no chão. Os cavalos e as mulas facilmente aprendem a obedecer ao sinal.

23. Em 1101, Matilde, mulher de Henrique I, fundou a Casa de Lázaro, hoje St. Giles. No século XIII, a França contava, segundo o Dr. Sprengel, com dois mil leprosários. Talvez os leprosários pudessem ser chamados hoje por outro nome. A respeito da incidência da terrível moléstia em São Paulo, voltarei ao assunto, quando tratar daquela província.
24. Não posso afirmar tal coisa positivamente; há alguns argumentos a favor do ponto de vista de que a pequena pressão atmosférica é uma das causas.
25. Outra enfermidade que merece ser mencionada é a forma virulenta da psora chamada sarna. Quando mal tratada e generalizada, as conseqüências são sempre perigosas e muitas vezes fatais. A cura é sempre difícil, e não poderá ser erradicada sem muito mais trabalho e perseverança que os atualmente encontrados. Em muitas partes do Brasil, é tão comum como no rio Congo, onde os portugueses dizem que nenhum estrangeiro dela escapa.
26. O Sr. Cândido Mendes de Almeida dá a população total do Brasil em 1866 como sendo de 11.030.000 almas e a de Minas Gerais, 1.500.000. O Senador Pompeu, a maior autoridade no assunto, no Brasil, apresenta a seguinte estimativa da população para 1866:

	Escravos	Homens livres	Selvagens
Município da Corte	320.000	100.000	
Amazonas	69.000	1.000	140.000
Pará	290.000	30.000	
Maranhão	320.000	65.000	
Piauí	210.000	22.000	5.000
Ceará	525.000	25.000	
Rio Grande do Norte	210.000	20.000	
Paraíba	250.000	30.000	
Pernambuco	1.000.000	250.000	
Alagoas	250.000	50.000	
Sergipe	220.000	55.000	
Bahia	1.100.000	300.000	8.000
Espírito Santo	50.000	15.000	
Rio de Janeiro	750.000	300.000	
São Paulo	750.000	85.000	
Paraná	80.000	10.000	8.000
Santa Catarina	125.000	15.000	
São Pedro	340.000	80.000	
Minas	1.150.000	300.000	
Goiás	135.000	15.000	15.000
Mato Grosso	40.000	6.000	24.000
Totais	8.174.000	1.774.000	200.000

Grande Total

10.148.000

27. O marido trata, então, a esposa de “minha filha”, algo de horrível para ouvidos asiáticos. A esposa raramente chama o esposo de “marido”. Em geral, prefere uma paráfrase, como “compadre” ou “primo”.
28. Na Escócia nascem, por ano, 100 crianças de 348 mulheres, em comparação com 386 na Inglaterra.
29. Não, contudo, a que foi mencionada por Mr. Walsh, nascida de uma brincadeira feita com ele por meu amigo, o Visconde de B...
30. O mesmo se dá com os tupis. Entre os “Dyak” de Bornéu, “ele é um diabo” é o maior elogio que se pode fazer a uma criança. Também esse é o caso entre os cafres: quanto mais insuportável é o menino, mais seu pai se mostra orgulhoso. O Professor Dabney (*Vida de Jackson*, p. 15) alude ao “relaxamento dos laços paternos, que habitualmente prevalece nos países novos”; deveria acrescentar: entre os povos não civilizados, em oposição aos semicivilizados.
31. Nesse ponto, diametralmente opostos aos galeses, que são descritos como “escrupulosamente limpos em tudo, menos em suas pessoas”.
32. Via de regra, o índio brasileiro toma banho todos os dias ao amanhecer, e todas as vezes que quer se refrescar.
33. Muitos desses crimes, não se deve esquecer, são cometidos pela população servil, que, excitada pela esperada emancipação, está se tornando muito inclinada a atos de violência. “Os ingleses vêm nos libertar em breve”, ouvi negros dizer, conversando no chafariz. *On trouve chez les nègres beaucoup de dispositions et de persévérance pour s'intruire dans les arts et dans les sciences: ils ont même produit des personnages distingués.* Assim diz o Príncipe Max (i. 113-114), citando Blumenbach, *Beytrage zur Naturgeschichte* (vol. i, p. 94). Devo advertir o leitor contra essas vagas afirmações, que não oferecem provas. Nos dias em que aqueles autores escreveram, o mulato era confundido com o negro; além do mais, as raças nobres africanas, isto é, aquelas misturadas com sangue semita e alteradas, no decorrer de longo tempo, pelas ligações com a Europa meridional não eram distinguidas do puro africano.
34. Não faz muito tempo, o viajante era advertido contra o ciúme na Itália, o ridículo na França e as “classes inferiores” na Inglaterra. Em 1866, a França teve apenas uma sexta parte dos crimes que foram submetidos ao júri na Inglaterra.
35. Assim, ainda se diz freqüentemente: “Judiou-nos.” A palavra “judeu” é usada aqui em um sentido que se tornou obsoleto na Europa. Se eu tivesse de escolher uma raça, não haveria outra a que eu gostaria mais de pertencer do que a judia – naturalmente da família branca.
36. Vol. ii. p. 364. *Le séjour de Vila-dos-Ilhéus ne convenait pas aux Brésiliens que j'avais pris pour m'accompagner dans les forêts; ils étaient tous grands buveurs d'eau de vie, et avaient occasionné plusieurs scènes désagréables.* Vol. iii. 148. *La fainéantise et un penchant immodéré pour les boissons fortes sont les traits distinctifs du caractère de ces hommes (a classe dos vadios).* Ainda:

Nous avons été souvent incommodés par les ivrognes, et nous avons eu quelquefois beaucoup de peine à nous débarrasser de ces hommes, que nous gênaient singulièrement.

37. É só nesse sentido que posso compreender Castelnau (i. 132), *L'ivrognerie est presque inconnu au Brésil.*
38. O demônio é muito invocado com *Diawl* no País de Gales.
39. A expressão “matar o bicho” é conhecida em todas as colônias portuguesas. Sua origem é assim explicada: No princípio do século XVIII, apareceu na Espanha uma moléstia que causou muitas vítimas. Os médicos a consideravam “misteriosa”, até que um certo Dr. Gustavo García, um velho médico que deixara de clinicar, procedeu à autópsia dos mortos e encontrou, no intestino, um pequeno verme, ainda vivo. Aplicou-lhe álcool, que o matou imediatamente; os médicos trataram, então, de tirar suas conclusões, e receitaram para cada paciente um *petit verre*. De Madri, o hábito e a expressão passaram a Portugal, e, de lá, ao mundo português. O Sr. Mendes de Faria, de quem foi tomada a informação, observa: “Uns matam o bicho de manhã, outros ao jantar, muitos à noite, e maior parte enquanto lhes tinir um real na algibeira.”
40. Já aludi mais de uma vez a esse importante assunto; citarei aqui meu saudoso amigo, Mr. H. T. Buckle, *História da Civilização*, 2^a ed., ii, 174, com cuja esclarecida opinião concordo plenamente.
- “É certo que, na Idade Média, havia, relativamente à população, mais igrejas do que há agora, por serem as classes espirituais muito mais numerosas, o espírito de proselitismo muito mais vivo, e muito mais forte a determinação de se impedir que deduções puramente científicas interferissem nas éticas”.
- A isso eu acrescentaria que há países onde ainda persiste a grosseira superstição medieval de que, depois de assassinar um homem ou espoliar uma família, a melhor coisa a fazer é gastar parte do dinheiro construindo uma igreja e gratificando um padre. Esse é ainda um dos “ídolos” a serem derrubados: presunções teológicas e hipóteses metafísicas.
41. Reservo para outro volume considerações sobre a situação atual do clero secular no Brasil. De modo geral, ele é grosseira e injustamente depreciado pelos estrangeiros, especialmente pelos católicos ingleses, que, em geral, são ultramontanos. Minha experiência pessoal ensinou-me que os padres brasileiros são muito melhores do que eu esperava, pelo que lera e ouvira; são bem mais instruídos que seu rebanho e, se não são “esclarecidos”, são bem menos fanáticos que os sacerdotes estrangeiros, que estão vindo aos exames para o Brasil; e todos, mesmo os inimigos, reconhecem sua amabilidade e hospitalidade. Sinto-me feliz em ter minha opinião confirmada pelo testemunho de tão bom observador quanto é M. Liais (*L'Espace Céleste*, p. 220). *Il faut, au restes, reconnaître que dans ce pays le clergé Catholique a des opinions plus libérales et moins ultramontaines qu'en France. On l'a, en général, calomnié. J'ai eu occasion, à Olinda surtout, de voir souvent des prêtres très recommandables sous tous les rapports.*
42. Acham muitos que, sem uma Igreja Nacional influente, dificilmente pode se esperar que dure um império ou uma república. Isso é certo, acredito, na forma aristocrática de imperialismo; na forma democrática, quando a república se mascara de realeza, tal coisa se

mostra um solecismo, um anacronismo. Antes de 1836, a Constituição da Carolina do Norte declarava que “nenhuma pessoa que nega a existência de Deus ou a verdade da religião protestante (que será isso?) poderá ocupar cargo ou lugar de confiança ou remunerado”. O Brasil, portanto, ainda está mais atrasado do que a Carolina do Norte estava há trinta anos.

43. Não irei, aqui, repetir as absurdas e abomináveis calúnias contra a sociedade francesa espalhadas no começo deste século.
44. “Residi em pequenas cidades do interior, onde os costumes e o padrão geral de moralidade eram tão puros quanto são em lugares semelhantes da Inglaterra”. *Um Naturalista no Amazonas* (vol. i, p. 43).
45. *A Corte do México*, Sanders, Otley & Co.
46. Em Hiderabad, no Sindh, a violação dos rígidos costumes muçulmanos foi seguida por um dilúvio de devassidão. Lembro-me de que as dançarinas, em um patético memorial dirigido a Sr. Charles Napier, queixavam-se de que as mulheres casadas estavam “arrancando o pão de suas bocas”. Sabemos imediatamente o que é Nova Iorque lendo, no Censo de 1865, que os solteiros são 423.121, as prostitutas profissionais conhecidas da polícia, 3.000, e o número total de mulheres que vivem da prostituição, pública e privadamente, 25.000. Aqui temos uma poliandria de pelo menos 17 homens para uma mulher. Uma das mais depravadas cidades que já conheci tinha 200.000 habitantes e dois pequenos prostíbulos.
47. Seria muito interessante um estudo acerca do efeito que a Anglo-América está exercendo sobre o espírito inglês, para o bem e para o mal; o bem, sem dúvida alguma, predomina.
48. No vol. II, i. Capítulo 2 e outros.
49. Em toda a Inglaterra, em 1840, apenas 58 por cento das pessoas podiam assinar seu nome nos registros do casamento. Em 1851, a população elevou-se a 62% e em 1864, a 72%. Que se pode esperar, quando o Estado dedica à educação a miserável importância de £636.806 por ano, quase igual à que gastou com a Esquadra Sentimental ou a África Ocidental? Na França, grosso modo, uma terça parte da população não sabe ler e escrever, e há 55 dos 89 departamentos em que o número de analfabetos vai de 30 a 75 por cento. Em 1855, a proporção geral era de 39,92%. Em 1864, a percentagem de homens analfabetos era de 27,88, a de mulheres, 41,45, e a média geral, 34,66%. Dos casos criminais julgados em Minas em 1865, 5% dos criminosos eram bem instruídos, 136 sabiam ler e 187 eram analfabetos; total, 328. Em 1867, os respectivos números, para 290 criminosos, foram: 1,116 e 173.
Fico surpreendido ao ver o falecido Dr. Knox afirmar: “Verificamos, pelos mais recentes viajantes, que a ignorância dos chamados (?) brasileiros é algo de espantoso”. (“Inquéritos e Observações Etnológicas”, *Rev. de Antropologia*, agosto do 1863, pág. 252).
50. Nela há um “corcunda” (ultraconservador), chamado Luís Maria da Silva Pinto, que, tendo 86 ou 87 anos, se lembra dos acontecimentos de 1789. Sempre fala com muito

respeito da clemência real para com os autores da independência do Brasil. Já me referi à predisposição de Southey em favor de um país que converteu o Brasil em um estabelecimento agrícola e minerador. É curioso observar que um general brasileiro, J. I. de Abreu Lima (*Compêndio*, Cap. 5, s. 6), se refere desdenhosamente ao grande movimento da Inconfidência. “Assim se malogrou o insensato projeto de uma sociedade que mantinha no próprio seio o gérmen de sua destruição”.

.....

Capítulo XXXIX

REGRESSO A MORRO VELHO

*O mormaço causava agudas dores de cabeça,
Porque o clima não é do ameno campo
Do aurífero país chamado Minas.
José Joaquim Correia de Almeida*

Tínhamos dedicado o maior tempo possível à interessante capital, e estávamos ansiosos para chegar ao rio São Francisco antes de começarem as chuvas. Nosso regresso a Morro Velho compreenderia apenas um percurso de doze léguas, mas, como a região era nova, foram destinados dois dias para a viagem. Saímos de Ouro Preto pelo Caminho da Cachoeira, e, depois de passarmos pela igreja do “Senhor Bom Jesus de Matosinhos”, atingimos o campo aberto. O dia estava pesado, com um calor abafado,¹ e uma espessa névoa azulada abrandava o rude perfil da cadeia de Itacolomi. A partir daquele ponto, a serra começa a desaparecer e, dentro em pouco, o romântico pico parecia um fragmento de nevoeiro oblíquo, que se apoiava em uma nuvem comprida, azul e leve.

Depois de duas horas, chegamos ao Rancho de José Henriques, um pequeno povoado, onde o caminho se bifurca para Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo, cujo nome já foi mencionado. Seguimos pela direita, ou para leste, e trocamos o vale do rio Doce pelo do rio das Velhas. Esbarrancados maiores que os habituais pontilhavam as encostas da elevação divisora das águas e atravessamos uma estreita passagem natural entre as escancaradas escavações feitas pelas águas, e cujos lados estavam coloridos pelas habituais tintas cor do arco-íris, enquanto um mato espesso cobria o chão. Dalí, o caminho desce até uma pequena nascente do rio das

Velhas. A água era lamacenta, devido a lavagens de ouro mais acima e corria em um leito de argila e areia cor-de-rosa, pontilhado de quartzo branco – um riachinho bem caprichoso.

Avistamos de longe o Arraial de Santo Antônio da Casa Branca e sua igreja muito alva, em cima de um morro; levamos, porém, duas horas para lá chegarmos, e pudemos, então, descansar durante meia hora, em uma espécie de rancho. Diz o Dr. Couto que essa localidade florescia antes de 1801, mas que uma igreja de pedra foi tudo que rendeu sua produção de ouro. A indústria é, agora, representada pela agricultura e pela criação de gado. Foram mencionados aqui dois casos de longevidade: um lavrador, ou pequeno proprietário, ainda robusto, embora com 100 anos de idade, e uma mulher, dez anos mais velha do que ele, Genoveva Pereira Bastos, parteira, experimentada na profissão – seus trinetos e tetranetos iam a 120.

Depois de passarmos pela velha capela, alcançamos um terreno montanhoso, de solo muito pobre, com uma estrada que não era boa nem má. Logo depois, atravessamos duas pontes contíguas sobre as verdadeiras cabeceiras do rio das Velhas. O regato lamacento e de leito profundo, com quarenta pés de largura, torvelinhava furioso em torno de um pedaço de terra, no qual havia uma casa. Ele serve do escoadouro das águas do estreito vale formado pela serra do Capanema,² serra de Ouro Preto, ao sul, e serra de São Bartolomeu, a leste.

Dali, subimos um morro comprido, e encontramos nuvens pesadas, vindas de noroeste. O forte calor estava sendo aliviado pelo vento frio, e a chuva começou, com uma sucessão de tempestades que continuaram durante trinta e seis horas, ininterruptamente, tornando o barro escorregadio como sebo. À direita, e abaixo de nós, ficava a pequena aldeia de São Vicente, com sua igreja de duas torres, algumas residências de mineiros e a “Casa Grande”, de tamanho notável, mostrando que uma companhia inglesa andou enterrando seu dinheiro por aqui. Podia-se ver, entre os grossos pingos da chuva, uma nascente de água, caindo, muito branca, da montanha verde.

O morro do São Vicente pertencia a D^z Rosa, viúva de um mecânico inglês. Em 1864, quando as minerações de Sabará fracassaram, aquelas terras foram compradas pela “East Del Rey Company”, por £36.000. Desse total, duas prestações do £14.000 e £17.000 foram saldadas. Algumas das ações não foram pagas e os acionistas não foram registrados.

A inclinação do veio é de 28° e a orientação é de leste para oeste. O filão corre, aqui e ali, entre cristal e quartzo, e este último apresenta ouro solto, algumas vezes parcialmente cristalizado, e oferece belos exemplares para colecionadores. O metal é encontrado em “olhos”, ou melhor, em “chaminés”, que correm em diagonal, através da formação. Foi explorado primeiro pelo sistema de corte aberto e depois por galerias. A pedra é britada e triturada, não sendo usada a amalgamação.

A situação atual é de descabro. As obras de superfície têm sido pesadas, ao passo que a maquinaria e outros equipamentos para o subsolo foram leves, e a inclinação da mina impediu o funcionamento de bombas. Um banqueiro filantropo de Falmouth, “um grande homem contrário à escravatura”, resolveu espantar e beneficiar o mundo, mostrando os grandes resultados do trabalho livre dos negros. Isso me faz lembrar do mercador que, para curar os marinheiros de sua superstição, mandou construir um navio chamado *Sexta-feira*, que naufragou. O empreendimento, como era de se esperar, foi um fiasco, e o empreendedor, desgostoso com o seu projeto, logo dispôs de suas ações. Informa-se que está sendo organizada uma nova companhia na Inglaterra e que São Vicente será experimentado de novo. O pequeno filão poderá compensar, se for explorado devidamente, quer dizer, do ponto de vista científico e econômico.

Cavalgamos com a chuva batendo forte em nossos rostos e, quando a noite se aproximava, entramos, depois de uma longa descida, no arraialzinho chamado Rio das Pedras. A única rua mostra, a leste, a igreja do Rosário e, a oeste, a capela de Nossa Senhora da Conceição, semiconstruída. Há, também, duas capelas menores; na verdade, as igrejas são quase tão numerosas, e excedendo-as em cubagem, quanto as casas residenciais – um belo espetáculo para os padres e lamentável para o economista.

Tínhamos mandado na frente nosso camarada, Joaquim Borges, encomendar jantar e camas; foi uma sorte. Na porta da liliptiana hospedaria, avistamos um cidadão idoso de fraque preto, e encontramos um grupo de imigrantes sulistas andando em procura de terra. O chefe era um homem do Mississipi, acompanhado por duas filhas e um genro, dois companheiros do mesmo estado e um georgiano, que ia voltar para o Rio da Prata, a despeito de índios, gaúchos e outras pequenas dificuldades. A maioria desses estrangeiros estava acostumada com as planícies da Flórida e das margens do rio Yazoo. Nenhum deles vinha dos estados centrais onde se

plantam cereais e algodão, presentemente talvez a indústria mais importante e, sem dúvida, a mais segura, no Brasil.

Eu já havia encontrado vários grupos desses refugiados, e estes não seriam minha última experiência. A primeira impressão de nossos primos transatlânticos – falando-se apenas dos agricultores e classes pouco instruídas – é típica e desagradável. Neles, a contundente individualidade do britânico revela-se muito mais forte ainda. Suas idéias sobre as coisas e pessoas são rígidas como se tivessem sido moldadas em ferro; nunca aprenderam, mas se mostram dispostas a ensinar tudo.³ Cada um deles pensa tão-só e exclusivamente em si mesmo, desde os menores e mais simples atos da vida, como entrar em uma sala ou assentar-se à mesa, até as importantes questões de comprar um terreno ou encontrar uma casa. Todos têm os olhos fixados na maior oportunidade; tudo que se faça visando subir é justificável, contanto que tenha sucesso; e não existem laços, a não ser de sangue, que impeçam o grupo de se desfazer de pronto. Não há amabilidade entre eles; os estranhos são sempre suspeitos, e preferem prejudicá-los a correr o risco de serem prejudicados. Nada parece satisfazê-los; tudo que é feito, poderia ter sido feito “um pouco melhor”. Pelo modo que falam, tem-se a impressão de que queriam que o porco assado aparecesse correndo em frente deles e, ainda assim, reclamariam, porque o porco não estava assado ao seu gosto.

Esta não é, sem dúvida, uma descrição lisonjeira dos pioneiros que encabeçam esse grande movimento anglo-americano para o Brasil. No entanto, logo verificamos que esses homens são aqueles de que o Império precisa, para ensinar conhecimentos mecânicos práticos, estabelecer comunicações e trazer à sua população o fermento da energia nórdica. Criados em uma região subtropical, temperados pelas febres e acostumados a tratar com os negros, acharão no interior do Brasil uma edição melhorada de seus velhos lares. Nada se diz contra os alemães neste país, a não ser que gostam de constituir, nas fazendas, como fazem tantas vezes nos Estados Unidos, um “imperium in imperio”; além disso, suas idéias políticas costumam ser extremadas. O francês, como o português, de acordo com a velha observação, vem vazio e volta cheio. O inglês, exceto sob a disciplina de Morro Velho, enfraquece e bebe. No que diz respeito ao trabalho braçal, é inferior ao negro. O escocês prefere as grandes cidades. O irlandês tem-se mostrado, até agora, intratável, mas com os anglo-americanos, que sabem tão bem

dirigi-lo, ele poderá tornar-se um elemento valioso, na força e na capacidade do trabalho, para o país.

É impossível não se admirar a coragem e confiança desses peregrinos. Tudo era novo e estranho para eles, viam o que não entendiam, ouviam o que não podiam compreender – e tudo isso lhes era de todo indiferente. Cavalgavam suas lamentáveis cavalgadas; viajavam de noite; dormiam no mato repleto de escravos fugidos e de “tigres”, e eram levados pelos negros às casas das fazendas, que tomavam por hotéis – de fato eles se tornaram um objeto de admiração. Um velho, com o pé na sepultura, desacompanhado de um criado, montando um cavalo parecido com os corcéis de Azincourt, carregando uma mala de viagem e um embrulho de provisões, mas sem um cobertor sequer, partiu para descer o rio São Francisco, atravessar as cabeceiras do Tocantins e descer por aquele rio até o Amazonas. Estava errando pelo Brasil há um ano; não sabia falar uma única frase em português, e, provavelmente, nunca aprendeu a falar. Como o marinheiro britânico, ele instintivamente chegou à conclusão de que aqueles que não podem compreender o inglês bem falado compreenderão melhor o inglês mal falado: “Me no sabby, me no carey, me no drink coffee, café, me no drink wine, vinho.” Isso, ajudado pela presença de uma poderosa moeda, destina-se a tornar compreensivo o espírito mais obtuso. Sua descrição do encontro no mato com um moço que falava inglês tem seu lado cômico. O jovem parou seu cavalo, olhou para o ancião solitário vestido com uma espécie de capote de inverno, examinou-o dos pés à cabeça: as calças amarrotadas, as ceroulas que apareciam na barriga, as botas sujas e já furadas. Logo, porém, recuperou a presença de espírito, e perguntou:

- Quem é o senhor?
- Acho – retrucou o velho – que isso não lhe interessa.
- Para onde está indo?
- Acho que o senhor não tem nada com isso.
- O que está fazendo, então?
- Olhe, moço, o melhor é o senhor ir para lá, que eu vou para cá.

E assim se separaram.

Esse velho ofereceu-se para acompanhar-me, mas não pude concordar. Fome e sede, cansaço e vigília, tudo é suportável, mas não os maçantes.

*Garrulus hunc quando consument unque; loquens
Si sapiat, vitet –*

Aquele venerando egoísta teve a candura de dizer que queria a minha companhia para que eu lhe servisse de intérprete. De cinco em cinco minutos, interrompia a conversa, para falar: “Diga-lhe isso assim assim” ou “Pergunte-lhe isso”. Queria que eu vendesse seu cavalo, ameaçando soltá-lo, se não encontrasse o preço desejado, “barganhá-lo” por uma canoa. “Male salsus”, eu o traduzia literalmente, e era interessante observar a expressão fisionômica do brasileiro, contendo a custo uma gargalhada, que a boa educação proibia. Com a idade do 62 anos, aquele homem parecia ter-se esquecido de qualquer idéia de gratidão, e tenho a impressão de que preferia morrer a dizer uma amabilidade.

A emigração de sulistas será, de certo modo, uma seleção natural dos Estados Unidos, do mesmo modo que a população daquele país é uma seleção de espécies procedentes da Europa. O que quero dizer é que os velhos, os doentes e os fracos de corpo ou de espírito ficarão em casa; os jovens, os corajosos e os aventureiros, mesmo os descontentes, criminosos e malfeitores, saem para procurar fortuna, e a encontram.

A população do Brasil, cuja extensão territorial é igual à dos Estados Unidos, e cujos recursos naturais são muito maiores, é pouco superior à da República em 1820, cerca de dez milhões de habitantes, inclusive negros e “peles-vermelhas”. Mais ou menos naquele tempo, começou o movimento de deslocamento ao sul e oeste do vale do Mississípi, que tão extraordinariamente aumentou a imigração européia. Os recém-vindos encontraram alguns miseráveis povoados, formados por cabanas ocupadas por algumas centenas de mestiços, mulatos, franceses e espanhóis, com os selvagens à porta. Tal, por exemplo, era o caso de Saint-Louis, em Missouri. Em menos de meio século, transformou-se em vasta e rica cidade, tendo diante de si magnífico futuro. Muitos dos primeiros imigrantes voltaram do vale do Mississípi, desgostosos com a vida selvagem, querendo o conforto e apreensivos com a vizinhança dos índios e das febres. Os homens decididos, porém, ali permaneceram e, antes de 1860, haviam atraído uma população suficiente para um império.

E assim acontecerá com o Brasil. Somente assim, ele poderá desempenhar um papel de destaque no grande drama do Progresso Humano.

No dia seguinte, partimos cedo, desafiando a chuva e o vento. Ao meio-dia, chegamos a Morro Velho, onde o mais cordial acolhimento nos aguardava. Quase nos sentimentos bastante sentimentais para recitar os versos piegas:

Lar! Palavra tão pequena,
Que tanta coisa contém!
Glória tão grande e serena,
Que em tão pouco cabe bem!

NOTAS DO CAPÍTULO XXXIX

1. Aqui chamado mormaço.
2. Há também um arraial com esse nome, derivado de uma velha família brasileira. Na lista dos inconfidentes, aparece um certo Manuel da Costa Capanema; era sapateiro, e foi absolvido.
3. Um deles, ao que parece o mais instruído, tinha ouvido falar de Aníbal, e do vinagre com que os Alpes foram cindidos. Eu o ouvi recomendando o sistema a um português, e não posso me esquecer da cara desse último, depois da experiência. Nesta parte do mundo, o vinagre é quase tão caro quanto o vinho.

.....

Capítulo XL

VIAGEM PARA SABARÁ

*Kennst du Land wo die citronem blühen
Im dunken Laub die Gold-Orangen glühen?*

Goethe

Depois de outra agradável quinzena em Morro Velho, preparei-me para seguir para Sabará. Mr. L'Pool já havia escrito seu livro, e estava – “Deo gratis” – en route” para a costa. Com um sentimento de apego semelhante ao do gato, despedi-me da Casa Grande, onde encontrara um lar inglês, na região montanhosa do Brasil. Meus excelentes compatriotas, todavia, acompanharam-me, para aliviar o choque da partida. O dia era terça-feira, o tempo chuvoso – ambas as coisas auspiciosas – e eu estava disposto a tornar-me pioneiro de um grande movimento nacional.

Atravessamos o Ribeirão e galgamos a elevação setentrional, o Morro Velho, pela Estrada da Mina, passando por paisagens agora familiares; abaixamos a cabeça para o curso da bomba, lançamos um olhar ao moinho. M. Muller, que é o encarregado, tem grande orgulho de sua superioridade sobre todos os outros da Província, com uma única exceção. À esquerda, ficavam as povoações de Boavista e Timbuctu, buracos quadrados de formato muito semelhante aos “T’hembe” de Unyamwezi, e facilmente transformáveis em postos fortificados, cujas paredes baixas e brancas e pesados telhados poderiam dar trabalho. O interior é dividido em pátios. Os casados têm casas separadas; os solteiros são divididos em grupos de quinze ou vinte, de acordo com o tamanho dos alojamentos, e o lugar destinado às mulheres se chama – presumo que pela absoluta ausência da disciplina monástica – o “Convento”. Essas aldeias ficam sob a vigilância de

quatro capatazes negros, que estão vigilantes tanto de dia quanto de noite; têm de fazer muito esforço para manter um certo asseio, e alguns dos escravos são, incorrigivelmente, porcos. Tudo é uma África Central perfeita nos alojamentos; nos fogões, o fogo está aceso ao meio-dia, e cada porta tem seus degraus de pedras altas e irregulares, nos quais os moradores se sentam, para fumar e tomar sol.

Virando para a esquerda, seguimos o Caminho de Smyth, que contorna o morro, de um modo civilizado. Para oeste, e a cerca de duas milhas de distância, fica um Centro de Convalescença, Campo Alegre, um rancho para seis negros, construído por eles mesmos. Não há sinal de “campo”, mas o terreno montanhoso produz, em abundância, café, legumes e lenha. Para além, vimos a estrada do Paraopeba, serpenteando pela montanha e, na nossa frente, eleva-se o morro de Curral d’el-Rei.

O “Curral” é extremidade meridional de uma cadeia que divide o Paraopeba e o curso superior do São Francisco do curso do rio das Velhas. Sua direção geral é norte-noroeste e se estende por cerca de 3^o, ou 180 milhas; seus diversos nomes, começando do sul da cadeia, são: serra do Salto, serra do Sela Ginete e serra do Espírito Santo. Para além da confluência dos rios São Francisco e das Velhas, ela se prolonga, na serra do Jenipapo e serra do Itacolomi, depois do que se encontra com a serra da Mata da Corda, que vem de sudoeste.

Serra do Curral é curiosamente desagregada em rochedo e proeminências¹ do habitual formato vulcânico, cobertos de verdura. É um Proteu, que aqui se parece com uma pirâmide regular, ali com uma cunha e acolá apresenta uma corcova. Ficou visível durante muitas milhas, e a avistaríamos mesmo do rio. Parece-me ser ela o limite setentrional da região montanhosa metalífera, especialmente no que se refere às grandes formações piritíferas, e, para além dela, começam os terrenos mais planos e mais cultiváveis, especialmente os grandes campos de pedra calcária. Uma cavalgada até a cruz, a duas milhas para o norte dali, e distante cinco ou seis pela estrada, apresenta uma vista que é embelezada pela amplitude. O solo é pobre, mas a imensa quantidade de chuva conservada pelo frio pico permite que ele seja toleravelmente revestido de vegetação. Para o sul, nada mais vimos do que morros e depressões, sugerindo a velha comparação de um mar agitado subitamente transformado em terra; aqui, nada há de plano, a

não ser o horizonte. Abaixo de nós, ficam os tanques e calhas do Bananal, e uma fazenda, onde um lençol de água é confundido com uma casa. Mais perto, fica o Taquaril, uma mina de ouro abandonada, agora em processo de “reabilitação”. Fica muito alta, e imagino que devam ser enormes as despesas para o abastecimento de água. Logo abaixo da cruz, fica o Mocambo,² um bom pedaço de terra. Para o norte, os altos e baixos são os de um oceano mais tranqüilo, e o vale verdejante e mais regular de Curral d’el-Rei mostra um pequeno arraial de agricultores e criadores de gado, que conta com 359 fogos. Ali está uma das sete igrejas que podem ser avistadas, se o dia estiver claro; as outras são: São Sebastião, Fidalgo, Contagem, Capela Nova, Matosinhos e Jaguará, às quais alguns acrescentam uma oitava: a de Santa Luzia.

É difícil construir estradas carroçáveis naquele sobe-e-desce de argila dura. Mesmo as mulas não acham fácil caminhar, e a velocidade é de três milhas por hora. Rodamos uma encosta da montanha e avistamos, pela primeira vez, Sabará, distante mais de oito milhas. Esta é uma das mais amenas e encantadoras perspectivas que tantas vezes surgem diante dos olhos dos viajantes no Brasil e constituem um alívio, depois da uniformidade e monotonia que a solidão e a Natureza, desamparadas pela Arte, afixam à sua magnificência. Como a maioria desses lugares, Sabará é mais bonita vista de longe, quando a irregularidade aumenta a beleza. A grande mancha das casas, de um branco lácteo, com telhados vermelhos, tendo grandes quintais, jardins e pomares, com o verde carregado das laranjeiras e jabuticabeiras e o verde mais claro das bananeiras, estende-se pela margem inclinada de uma espécie de “doab” ou “rincón”, onde dois rios formam um ângulo. Seu fundo majestoso é a celebrada serra da Piedade,³ um bloco enorme, geralmente coroadado por nuvens espessas. Para leste, esse paredão riscado de pedra eriça-se em órgãos e agulhas, e não podemos deixar de notar sua semelhança com as serras metalíferas de São João e São José. Tínhamos de gozar por alguns dias sua imponente presença; ela começou chorando, despejando sobre nós as lágrimas em um pesado aguaceiro; do mesmo modo, os aborígenes brasileiros derramam lágrimas, quando se encontram com um amigo.

O terreno, de argila amarela dura, é pobrementemente revestido; como de costume, porém as depressões são cobertas de mato, e dariam bem o algodão. Há amplos “débris” de piçarra,⁴ nome que se dá, em todo o Brasil, a formações muito diferentes, argila amarela laminada ou limonita, rocha

decomposta e “killas” imperfeitas. As árvores das elevações são o usual cerrado de barbatimão, goiaba-do-mato e folha-larga, e as plantas menores são o sapé alto (*Saccharum sapa*) e os fetos. A congonha cresce em grande quantidade, mas, perto da estrada, foi arrancada pelos tropeiros. As roças, aqui chamadas fazendas de fogões,⁵ mostram um pouco de cana-de-açúcar, de má qualidade. O gado, segundo se diz, é vítima de plantas venenosas, principalmente rubiáceas,⁶ que aparecem em crescimento secundário, e são chamadas de erva-de-rato. Os tropeiros afirmam que, quando a ferragem é escassa, muitos dos seus animais morrem depois de comerem tais plantas, e eles têm, contra elas, vários símplices em que confiam. Acredito, contudo, que muitas vezes as mortes ocorrem em conseqüência da mudança do pasto; além disso, ninguém foi capaz do me mostrar a tal erva-de-rato.*

Virando para um trilho à esquerda da estrada, chegamos até junto dos carvoeiros, que estavam trabalhando para o Morro Velho. Aqui, mas não em todos os lugares, eles abandonaram o velho poço, substituindo-o pelo montão de madeira, rodeado de paucandéias (*Lychnophora*, Mart.), com cerca de quatro pés de altura, e rebocados com capim e barro. O sistema é muito grosseiro, e muito carbono desaparece com o oxigênio e o hidrogênio. Logo depois, chegamos ao vale do córrego do Rapa-Unha, escoadouro das águas da face sul da serra do Cural. Esse nome é uma das muitas denominações semelhantes, como “Farinha Podre”, “Rapa-Queijo”, “Papa-Farinha”, “Galinha-Choca” e “Passa-Três”, este porque, provavelmente, tal número de viajantes atravessou o rio pela primeira vez. Fazem lembrar a nomenclatura do “Far West” mais ao norte, e da romântica Austrália. Logo depois, viramos para a direita, e entramos em terras particulares, a fazenda do André Gomes; o chão estava coberto de laranjas, e a flor amarela-vermelhada do feijão guandu (*Cajanus indicus*) contrastava vivamente com os cafeeiros na primavera, formando compridas linhas brancas e vermelhas, como se tivesse caído neve durante a noite, dispostas ao longo dos brotos e destacando-se no verde metálico da folhagem. A fazenda pertence a um ilustre liberal, Monsenhor José Augusto Pereira da Silva, vigário da Vara,⁷ que vem, na hierarquia eclesiástica, logo depois do bispo, e que é presidente da Câmara Municipal de Sabará, enfim: a pessoa mais importante do lugar.

Estando ausente o sacerdote, dirigimo-nos à Praia, no rio das Velhas. Este, de correnteza rápida, tem as águas sujas pela lavagem de ouro,

* Há realmente, erva-de-rato, venenosa; pertence ao gênero *Psychotria* das rubiáceas. (M.G.F.)

e estas são pouco saudáveis em consequência do mineral; o leito é profundamente escavado, e é *frequente* em voltas bruscas e bancos de areia. O rio é atravessado por uma corrente, e um embarcadouro de madeira, junto de um plano inclinado, mostra onde são descarregados, do barco do Sr. Dumont, os enormes troncos de árvores destinados à mina do Morro Velho. Para cima desse “Porto Dumont”, porém, o rio não é navegável. Até Raposos, o vale mostra restos de escórias e montões de cascalho que foram grosseiramente lavados nas “canoas” dos “antigos”.

Meia hora de viagem, descendo o leito do rio, levou-nos a Santo Antônio do Arraial Novo, que foi transformado de capela curada em paróquia, e anexado a Raposos, por D. Frei Antônio de Guadalupe, o muito lembrado bispo do Rio de Janeiro, em 1736. É, portanto, um dos mais antigos da província, mas pouco lhe resta da antiga glória. A ponte de pedra (Ponte Velha) desapareceu; a capelinha de barro está quase arruinada e sem pintura e, embora haja restos de paredes ao longo da estrada, alguns ranchos espalhados bastam para abrigar a população. Há uma venda, com o habitual mastro do São João, o que fez o nosso amigo, Sr. Antônio Marcos, observar que aquele santo tornara-se aqui padroeiro dos ladrões e professor do verbo “surrupiar”.⁸

Em pouco chegamos a uma boa fazenda, onde tivemos outra surpresa, a segunda daquele dia. Sabará nos aparecia de novo, e, dessa vez, o cenário era a Suíça. No primeiro plano, um terreno nivelado e verde, com uma única e majestosa árvore; o rio afasta-se, para a direita, fazendo uma curva graciosa, expondo a encosta na qual está situada a cidade, cujas muitas torres contam o orgulho e a piedade da antiga população. Atrás, a enorme serra da Piedade se curva, para encontrar a do Curral; e, nos morros mais próximos, lâminas negras de jacutinga mostram que ainda há fundição de ferro na terra. No alto, à direita, eleva-se, aspecto tão comum em Minas, o alto cruzeiro, fronteiro à capelinha à qual são feitas peregrinações. Esse morro da Cruz está a 2.800 pés, ou, mais exatamente, 858 metros acima do nível do mar.

Entramos na cidade pela ponte habitual das províncias brasileiras: muito comprida, muito baixa e muito velha. A largura total do leito do rio é de 108 metros, mas a margem esquerda está atravancada, na curva do rio, por um grande e sempre crescente banco de areia, onde o furioso ribeirão de Sabará desemboca no rio das Velhas, formando um ângulo agudo.⁹

Aqui, a cerca de metade da largura da ponte à montante, o leito tem 44 e não 108 metros e há um pegão que começou a ser construído que poderia ser prolongado para aprofundar o canal. As despesas estão orçadas em 4 £8.000, mas, presentemente, há certa dificuldade, decorrente do que é chamado de falta de verba. Como de hábito, a ponte será feita de aroeira, árvore que cresce em grande quantidade rio abaixo; um caibro de dez por dez polegadas, que aumenta consideravelmente o peso, sem nada aumentar da solidez da construção, parece ser um idéia que se encasquetou na cabeça dos brasileiros. A Província de Minas só tem uma ponte suspensa, com cabos de 6,25 centímetros; foi construída sobre o rio Paraíba do Sul, em Sapucaia, por um engenheiro francês, M. Astier. Perto de Morro Velho, é fácil conseguir-se sempre bom arame, e, na São Paulo Railway, o cabo é de 7,5 a 9,1 centímetros, e calculado para resistir a um empuxo de 22 a 30 toneladas para uma queda de 65 metros. Evidentemente, a ponte pênsil consitui uma grande economia, até agora negligenciada.

A pitoresca cidade é a habitual povoação de mineradores, comprida e estreita. Passou da taipa à pedra e à argamassa. Dentro em pouco será de mármore. Estende-se por cerca de uma milha, de leste para oeste, com vários rodeios e desvios. É toda calçada, e o calçamento não é pior que o de costume. É dividida na parte velha, ou oriental, chamada Igreja Grande, e em outra parte, chamada Barra. As duas têm seis praças, vinte e duas ruas e nove travessas. Há um teatro tolerável, onde amadores divertem o público. Além de muitos particulares, há quatro chafarizes públicos, que fornecem água puríssima – uma necessidade aqui. A situação da cidade acarreta um clima excepcionalmente quente; de fato, Sabará e Morro Velho apresentam as temperaturas mais tropicais de Minas.¹⁰ Muitas das casas são pintadas, umas de vermelho, outras de cor-de-rosa, com janelas verdes, etc. A Rua Direita tem algumas boas lojas e armazéns, onde homens de chapéu de couro, como os matutos de Pernambuco, reúnem-se para comprar artigos secos e molhados, destinados ao interior. Além do comércio, há as indústrias locais de calcinação e fabricação de grosseiros ornamentos de ouro. A cal vem de uma pedreira que fica a um oitavo de milha abaixo da ponte, começo de formações calcárias que se estendem até o rio São Francisco. O falecido Coronel Vaz foi quem primeiro chamou a atenção para tal pedreira, que pertence à família Rangel.¹¹ Por enquanto, só tem sido retirada a camada superficial, e as despesas com a abertura da pedreira irão a cerca de £4200.

Tudo indica, porém, que a exploração será amplamente compensadora. As camadas inferiores são compostas de um mármore cinzento-amarelado, não muito sólido, mas cuja qualidade provavelmente irá melhorar, quando se explorarem as camadas mais profundas. O ouro dá emprego a muitas pessoas, que fazem grosseiros anéis, broches, etc. O metal, contudo, não é, de modo algum, tão puro quanto o de Diamantina.

Encontramos acomodação tolerável na Rua das Bananeiras, em casa de D. Maria dos Prazeres, e fomos ver a cidade. Nossa primeira visita foi ao Largo da Cadeia, ou do Rosário. No centro da praça, sobre quatro degraus de pedra, fica o velho pelourinho, com ervas daninhas crescendo no alto.

– Era melhor ser um chafariz – observou nosso cicerone, Major Cândido José de Araújo Brochado, a despeito de sua acentuada tendência conservadora.

Ao norte, em uma elevação, fica a igreja do Rosário, uma grande carcaça de pedra, inacabada. A oeste, a casa de três pavimentos de um aristocrata local, o Barão de Sabará, dotada de um pára-raios, coisa muito rara por aqui. Sua rival, o palacete do Barão de Catas Altas, na Rua Direta, custou £2.000 e agora está alugada a 3\$000 por mês, o que corresponde, ao câmbio atual, a £7 por ano. Ao sul, fica um prédio pretensioso e antigo, de pedra-sabão embaixo e adobe em cima, tendo na frente uma sacada, apoiada em quatro colunas de madeira. O sino e as armas imperiais em cima mostram que se trata da Municipalidade; as feias janelas gradeadas embaixo mostram que se trata da cadeia. Já tínhamos visto as melhores prisões da província, em Ouro Preto e São João, e há uma terceira em Campanha; as demais podem ser avaliadas pelo fato de ter havido, em 1863-64, nada menos de 42 fugas. Por outro lado, os presos pobres são aqui, como em todo o Brasil, sustentados pelo poder público, e não deixados, como em Goa e Madeira, na dependência da caridade privada.

Abaixo da praça, passamos pela bonita casa do Desembargador José Lopes da Silva Viana, que morreu há cerca de dois anos. Era doutor em direito civil pela Universidade de Coimbra e sua fama fez com que ele fosse convidado para ser advogado de três “companhias de ouro”. Em uma elevação atrás, vê-se a igreja do Carmo, tendo em sua frente os carneiros, separados do templo;¹² a fachada é ornamentada com esteatita esculpida pelo Aleijadinho. Ao norte, está a matriz de Nossa Senhora da Conceição. Antigamente, era recoberta de ouro, bateado no rio, tendo sido trazidos de

portugal os instrumentos necessários. Perto, fica a igreja das Mercês, pequena e despreziosa. Os outros templos são: o de São Francisco, negro e inacabado; a igreja de Santa Rita, na Rua Direita; a de Nossa Senhora do Ó, e o Hospital e Convento de São Francisco de Assis, em uma elevação ao norte. Até recentemente, alguns Irmãos da Terra Santa estiveram estabelecidos aqui, em seu Hospício da Terra Santa, e, durante os últimos dez anos, drenaram da Província £20.000, em benefício de Jerusalém, governada pelos turcos.¹³

Do Carmo, tem-se uma ampla vista do Ribeirão de Sabará, que, mais acima, toma o nome de Macaúbas.¹⁴ É uma torrente violenta depois das chuvas, inundando o vale e arrastando as pontes, que se reduzem, portanto, a pinguelas – simples tábuas ou troncos de árvores. Presentemente, o ribeirão raso não oferece perigo, e suas águas correm no leito arenoso, recoberto de cascalho, outrora aurífero. Os terrenos elevados de ambos os lados são áridos, produzindo pouca coisa; além do ribeirão, fica a inevitável Casa Grande, ampla, branca e fechada. A “Mina Emily” é uma elevação vermelha de forma irregular, esburacada e escavada em procura de ouro, enquanto a “Mina do Capão” fica escondida pelo sopé de um morro. As casas da rua-estrada têm grandes quintais, que se estendem até o ribeirão, embaixo. Virando-se à esquerda, fica o rude caminho para a antiga Intendência, pela qual passou o ouro, um grande prédio, com janelas protegidas por grades de madeira, esquisitas, salientes e velhas. Dentro, os tetos mostram as quatro partes do globo, sendo desconhecida a quinta divisão. A casa foi, recentemente, adquirida pelo Sr. Francisco de Paula Rocha, professor de latim, que a transformou em escola.

Sabará, nos velhos MSS e livros “Saberá” ou, com seu nome completo, “Saberá buçu” – Sabará, a Grande – tirou seu nome de um cacique que vivia perto do rio. Grandes riquezas foram extraídas de poços profundos abertos nos leitos de ambos os rios, que, segundo dizem, ainda não estão esgotados, e do cascalho ferruginoso das margens. O minério foi explorado pela primeira vez de 1699 a 1700, pelo grande bandeirante paulista, Bartolomeu Bueno da Silva, o “Diabo Velho”. Em 1707, Fr. Francisco de Meneses e um amigo conhecido por Conrado, haviam arrendado a cobrança dos impostos pagos sobre a carne verde, e seu monopólio foi combatido pelo partido dos paulistas, chefiado por “Júlio César” e por D. Francisco de Rondon. Estes últimos foram persuadidos a guardar suas armas no depósito

público, e depois atacados quando indefesos. Isso acarretou o movimento que tornou ditador temporário o famoso e formidável “caudilho”¹⁵ Manuel Viana. O Governador Albuquerque, depois de apaziguar a disputa, expulsou de Minas o belicoso frade, e o rei assinou, em 19 de junho de 1711, a famosa carta régia proibindo todos os sacerdotes, com exceção dos missionários, de entrar na província.

Em 1711, a localidade mereceu a honra de ser elevada a município, como “Vila Real” (de Sabará) e, em 1714, tornou-se cabeça, ou sede, de uma comarca. Minas tinha, a princípio, quatro dessas imensas subdivisões de uma imensa capitania, cada uma delas de superfície quase igual à da Inglaterra propriamente dita. Como as outras sedes de comarcas, Vila Rica, São João d’el-Rei e Vila do Príncipe, Sabará teve sua “Casa de Fundição” de ouro, que só foi abolida em 1719-20. Em 1788, de acordo com Henderson, a cidade tinha 7.656 habitantes, alojados em 850 casas. Esse autor relata o interessante caso de um padre, que lhe foi contado pelo ouvidor. Uma freira chamada Harmônica, começou a viver sem comer, e os bons padres trataram de arrecadar fundos, para construir uma casa e criar um convento sob a invocação de Santa Harmônica. O juiz, tendo motivos para acreditar que a reverendíssima morreria de fome, declarou que os padres seriam responsáveis por sua vida, e o resultado foi que ela voltou a comer, como um cristão qualquer. O caso nos faz lembrar o do sangue de São Januário, que se liquidificou de tão boa vontade, quando Murat venceu sua relutância com um pelotão de infantaria. Em 1801, o Dr. Couto atribuiu à localidade uma população de cerca de 4.000 almas; essa se elevava a 9.347¹⁶ em 1819. Por alvará, datado de 17 de março de 1823, a vila recebeu o título de “Fidelíssima” e, em 1833, quando houve perturbação da ordem na capital, os sabarenses marcharam contra Ouro Preto. Em 11 de agosto de 1842, os realistas não conseguiram conquistar a elevação chamada Cabeça de Boi, que estava ocupada pelos batalhões de Santa Quitéria e Santa Luzia. No dia seguinte, três colunas de insurgentes atacaram a cidade; a de Alvarenga, pela estrada de Raposos a Arraial Velho; a de Galvão, pelo trilho do Rapa-Queijo, e a de Lemos, pelo de Papa-Farinha. O guerrilheiro Zeferino assaltou a Ponte de Mãe-Domingos, sobre o Ribeirão Sabará, e, depois de doze horas de encarniçados combates, os imperialistas foram expulsos para Caeté e Congonhas. Essa foi a “Vitória de Sabará”, a que se seguiu, poucos dias depois, a esmagadora derrota de Santa Luzia.

Calcula-se que o Município de Sabará tenha, atualmente, uma população de 30.000 almas. A cidade depende, principalmente, de Morro Velho, e, como é comum, nem executa seus próprios melhoramentos, nem permite que outros os façam em seu lugar. Por exemplo; a “St. John Del Rey Company” ofereceu-se para reparar as três léguas da acidentada e perigosa estrada que liga a cidade à de Santa Luzia; a municipalidade, porém, receando a perda de certos impostos, preferiu deixar o caminho em todo o seu horror e vergonha. O sentimento bárbaro chamado “desconfiança”¹⁷ ainda floresce, como se está vendo. Uma apatia mortal domina a cidade, apesar de suas oito igrejas; tem-se a impressão de que ela morre todas as noites e só recupera metade da vida pela manhã. Mostra mais vadios, especialmente perto da “Ponte do Convento” – uma vadiagem muito apreciada no Brasil, nos lugares onde se vêem lavadeiras, pretas e pardas –, do que o visitante de Londres verá durante os seis primeiros dias da semana; e, se se perguntar a algum deles: “Por que não arranjo trabalho”, isto é, porque não tenho coisa melhor para fazer.

Esse grande centro de mineração de ouro adquiriu, subitamente, riqueza e importância, no começo do século passado. Seus tesouros estavam quase esgotados em 1825, e inteiramente esgotados em 1846. Ultimamente, algumas minas de ingleses, a respeito das quais voltarei a falar, asseguram uma ressurreição parcial. O futuro é ainda incerto, porém. Entre Sabará e a Capital do Império, como mostrou M. Liais, há apenas 192 milhas, em linha reta.¹⁸ Além disso, o meridiano é quase o mesmo. A navegação do rio das Velhas, que está começando, a porá em comunicação com o rio São Francisco, e ela deverá tornar-se, com o correr do tempo, uma nova St. Louis, de Missouri. Descrevi com cuidado sua situação de decadência, e os viajantes da próxima geração irão ler com interesse minha descrição, por mais longa e um tanto tediosa que possa ser.

Em Sabará, fiz meus preparativos para descer o rio das Velhas, e caí nas mãos de um negociante português, residente na Rua do Fogo, nº 28, chamado Manuel Pereira de Melo Viana, e conhecido popularmente por “Piaba”.¹⁹ Infelizmente, ele estivera na Inglaterra; falava nosso idioma e, assim, podia explorar os desamparados anglo-americanos que lhe caíam nas garras. Traduzi sua despropositada conta,²⁰ que termina com: “Meu trabalho grátis”, o que me fez lembrar do “Nada se cobra pelo choro” do velório irlandês. Dando-a à publicidade, outros poderão lucrar. O povo sempre

desconfia de expedições governamentais, quando Tio Sam brasileiro paga tudo, como nos muito satirizados relatórios dos Estados Unidos. Não pode acreditar que uma pessoa viaje à sua própria custa, em vez de onerar o “Império” ou a “Província”. Como será possível, se nunca se viu ninguém fazer tal coisa? Tenho, porém, justo direito à recriminação, porque, além de sua conta exorbitante, o Piaba me mandou, para descer um rio semelhante ao Mississipi, uma canoa com uma rachadura que o barro de Sabará dificilmente conseguiu tampar.

NOTAS DO CAPÍTULO XL

1. Serrote é a denominação brasileira desses acidentes.
2. Essa palavra significa um esconderijo de criminosos e negros fugidos. Constâncio a considera sinônimo de quilombo. Koster alude ao mocambo, 2, xix.
3. É interessante observar que M. Gerber (Mapa, 1862) colocou a serra da Piedade a sudoeste, em lugar de a nordeste de Morro Velho, e deixou um espaço vazio ao norte de Cuiabá.
O mapa de M. Burmeisster a apresenta corretamente.
4. Piçarrão, quando em massas ou flocos maiores. St. Hil (III, ii, 267) prefere “pissarão” a “pisarão”. O Dr. Couto escreve piçarra (p. 38), traduzindo-a por talco negro e definindo-a (p. 105) como um material talcoso, duro ou macio, em folhas ou lâminas.
5. Ou simplesmente fogões, como: “Tem bons fogões para plantar”.
6. St. Hill III, i, 176, refere-se à *Rúbia noxia*, e menciona essas ervas-do-mato em vários lugares.
7. Um sacerdote com certos poderes judiciais, no que se refere ao casamento e outras questões relacionadas com a Igreja.
8. Uma facécia vinda do velho Padre Vieira, que fez certo de seus concidadãos conjugar o verbo rápio.
9. O Dr. Couto diz que o rio das Velhas corre no vale do ribeirão de Sabará, mas o contrário é que ocorre, distintamente. Os dois rios se encontraram um pouco acima da ponte e se lançam contra um morro, parecendo rompê-lo e atravessá-lo.
10. O Sr. E. José de Moraes verificou que a temperatura diurna média de Sabará, entre 13 e 23 de março de 1862, foi de 24°,78 (C) e a altitude 700 metros. Em Jaguará, a 646 metros de altitude, a temperatura média, entre 18 e 29 de abril, foi de 23°,33 (C). Em Traíras (570 metros) a temperatura do ar foi de 22°49 e a da água de 20°47, entre 12 e 31 de maio.

11. O atual proprietário é o Sr. José Severiano Coutinho Rangel. Segundo algumas autoridades, a pedra calcária é encontrada até muito acima, no rio das Velhas.
12. O sistema de carneiros no Brasil faz lembrar os “camucis” ou “camucins”, grandes vasos de barro, em que eram enterrados os chefes dos selvagens.
13. Relatório de 1865, p. 39. Esses missionários são, em sua maior parte, italianos e, segundo nos disseram, independentes do Colégio de Propagação da Fé.
14. Da palmeira macaúba, uma variedade (espinhosa?) do coqueiro (*C. butyracea*); os negros dizem “bocaúba” e, em outras províncias, “macaíba”. O Dr. Couto escreve “mocaúva”, e o *Sistema* comete um erro na acentuação: “macaubá”. Segundo St. Hil, a palmeira se parece com a *Acrocomia sclerocarpa* de Martius, mas não é a mesma.
15. Um chefe ou capitão de guerrilha.
16. Como de costume, é difícil saber-se se os dados se referem à cidade, ou ao município.
17. O brasileiro pouco instruído é muito “desconfiado”, como o homem do interior, mais ao norte da América.
18. Mais exatamente: 3°12'39". M. Liais dá a verdadeira latitude de Sabará como S. 19°53'51" 7 (Niemeyer 19°54'15" e Gerber 19°53'20") e a longitude 0. Do Rio de Janeiro 1°13'48" 6 (Gerber 0°35'20" e Wagner 0°36'20"). O seguinte quadro mostra a posição das três cidades que precisam de ligação; elas ocupam quase o mesmo arco do grande círculo da esfera terrestre:

	Latitude S	Longitude
Rio de Janeiro	22°53'51"	0°0'0"
Barbacena	21°13'9"	0°49'45"
Sabará	19°53'51"7	1°13'49"

19. Um dos salmonídeos descritos por Gardner tem 5 a 7,5 centímetros de comprimento e é um peixinho muito vivo. Serve de isca para o mandim e outros peixes vorazes, e é comida pelas crianças.
20. “Ilmo. Sr... deve a Manuel Pereira de Melo Viana

Duas canoas novas (velhíssimas)	200\$000 (valem metade)
Seu reboque rio acima	33\$000 (vieram de poucas léguas abaixo a cidade)
Dois carpinteiros (6 dias cada um)	26\$400 (o dobro do habitual)
Tábuas.....	48\$993
Pano para o toldo.....	26\$400
Colchão.....	9\$000
Pregos, serrote, etc.....	67\$586
Total.....	143\$579
Meu trabalho grátis (A.) M. P. de M. Viana”.	

.....

Capítulo XLI

VIAGEM A CUIABÁ

*Verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da bateia.
Liras de Gonzaga*

Concluirei este volume com uma excursão de Sabará a Cuiabá, que fiz em companhia do Mr. Gordon, em 4 e 5 de julho de 1867.

Partimos em direção ao nascente e logo atravessamos o avermelhado Ribeirão de Sabará por uma comprida ponte, a “Ponte Pequena” ou de “João Velho”, cujo corrimão é tão baixo que a maldita mula dava demonstrações de querer pulá-lo. Subimos pelo liliputiano vale do ribeirão, e logo adiante passamos por uma casa com uma bela varanda, no alto de um morro à nossa direita. Foi uma construção dispendiosa e inútil, sede da “East Del Rey Mining Company Limited”, fundada em 1861, cujo custo, segundo dizem, foi de £2.000 a £2.500. Uma entusiástica descrição do “imenso tamanho do veio” chegou à Inglaterra, e o público foi informado de que “os filões são, sob todos os aspectos, semelhantes, em formação e caráter, aos da afamada Mina de Morro Velho; as facilidades de trabalho são, contudo, muito maiores, e as despesas necessárias para pô-la em condições lucrativas serão relativamente pequenas”. A propriedade consiste em dois terrenos; primeiro é o de “Papa-Farinha”, depois chamado “Emily”, com três milhas de comprimento por uma e meia de largura, cujo afloramento, segundo se anunciou, fica a 100 ou 135 metros acima do Ribeirão Sabará, que corre 220 metros para o norte. O outro terreno é o “Capão”, a cerca de meia milha a sudoeste do “Emily”, sendo a intenção explorar os dois conjuntamente.

Ambos os terrenos foram cedidos à Companhia pelo prazo de cinquenta anos; a aquisição de todas as instalações de mineração, casas, máquinas de trituração e rodas, foi efetuada por £2.500; e tinha de ser pago ao proprietário o foro de três por cento sobre o ouro. Esse proprietário, que morava em Minas Gerais e agora mora na França, comprou os dois terrenos quando era diretor-gerente da Companhia de Cocais, por £1.200 e, embora tenha empregado para a sua exploração grandes turmas de negros, as minas jamais produziram ouro suficiente para compensar sequer as despesas da exploração. Além do mais, £10.000 deveriam ser pagas ao referido concessionário quando os acionistas tivessem recebido £10.000 de dividendos; e uma terceira e final prestação de £10.000 seria igualmente paga, quando tivessem sido divididas entre os acionistas £20.000. Nestas circunstâncias, foi incorporada à companhia, com um capital de 30.000 ações de £3 cada uma.

Quando foram iniciados os trabalhos, porém, o filão, que se dizia ter 8 metros de largura, mostrou-se irregular; seria muito melhor se não tivesse sido tocado. As piritas eram raras, sendo a formação uma linha interrompida de ferro e manganês, quartzo e ardósia argilosa, em uma rocha continente de “killas”. Foi aberta uma galeria no Capão, e diversos níveis experimentais para cortar o filão foram escavados na encosta do morro do “Emily”. Um pequeno jogo de martelos-pilões, agora removido, foi montado, e mesmo este não entrou em funcionamento. As contas apresentadas mostram uma despesa de £36.000 em Sabará, e os bons acionistas tiveram a satisfação de saber que seus empregados estão muito bem instalados em uma Casa Grande. A “East Del Rey” largou tudo para a “São Vicente”; esta espera, agora, apenas um novo nome, novos acionistas o novo capital.

Aqui, o pequeno ribeirão Macaúbas recebe as águas da face setentrional das montanhas de Caeté e da encosta meridional da serra da Piedade. Essa enorme crista ergue-se à nossa esquerda, com proeminências e serrotes, blocos e contorções de tortuosa ardósia micácea, apoiando-se em carvão-ferro avermelhado, óxido em sua maior parte, e extremamente abundante; aqui está, de fato, o contraforte setentrional da cadeia cujo contraforte meridional tínhamos visto em Itabira do Campo. A vegetação forma um revestimento de capim fino e um mato baixo e acinzentado. A melhor subida é por leste, via Caeté; a encosta ocidental tem um caminho, mas muito íngreme e perigoso. No alto, a duas léguas e um quarto de Sabará, eleva-se uma capelinha branca, a brilhar como uma pérola ao sol; notada de

muito longe, será muito útil aos agrimensores. A Piedade, como o Caraça e o Itacolomi, iniciou a vida civilizada com seu eremita; logo a cela transformou-se em uma igreja, e, posteriormente, D. João VI presenteou-a com uma fazenda contígua, como propriedade alodial *in perpetuum*. Muitos peregrinos ainda a visitam, e oferecem velas a essa “capela livre, privilegiada e manumissa”. Há divergência acerca da altitude do cume da serra. Spix e Martius dão 1.800 metros acima do nível do mar, 800 abaixo do que Gardner atribuiu à serra dos Órgãos ou Cordilheira Marítima. Os Srs. Liais e Halfeld divergem a respeito das altitudes comparativas da Piedade e do Itacolomi. Mr. Gordon fez observações tanto na Piedade como em Sabará, mas parece que seus instrumentos estavam desajustados.¹

Segundo se diz, essa montanha reflete fortemente o som, o que, de acordo com alguns autores, é sinal de que está “repleta de mineral”. Os antigos acreditavam que rochedos consagrados emitiam ruídos significativos e proféticos; nós, ingleses, podemos lembrar do “Kenidjack” ou “Menir do Grito”, na Cornualha, e vários outros, em torno dos quais correm lendas populares. Os brasileiros mencionam muitos casos aparentemente autênticos de “bramidos” subterrâneos, que relacionam com a Mãe do Ouro. Indubitavelmente, confundem os ruídos subterrâneos com os sons superficiais de uma tempestade, o uivo do vento e a resposta abafada das frias pedras cinzentas; o ruído dos ramos das árvores e a queda de blocos decompostos e descamados, ouvidos de dentro de casa, fazem os moradores exclamar: “Como rosnam! Como gritam!” e fazem-nos tremer de medo. Lembramo-nos do “Scharcher” ou “roncadores”, dos dois blocos de granito do Barenberg, onde a superstição popular coloca o centro da Terra. Humboldt menciona os trovões subterrâneos, acompanhados de apreciáveis abalos, chamados os “Bramidos de Guanaxuato”. Estes, contudo, são claramente vulcânicos, mas em muitas partes do Brasil, parecem ser ouvidos na formação de pedra calcária e arenito. Pessoalmente, não testemunhei o fenômeno, mas a massa de informações pesa, sem dúvida, em prol de sua existência.

Atravessamos e tornamos a atravessar, muitas vezes, a vau, o pequeno regato da montanha, de areias douradas e águas piscosas. Em certos pontos, há nele pequenos açudes ou currais, de construção muito precária, dupla e, algumas vezes, tríplice. Em outras partes, há represas muito malfeitas, formando rudes calhas; devem ser arrastadas por todas as inundações.

Aqui e ali, o regato era detido por estacas cravadas no fundo de cascalho; sobre elas, eram empilhados pedaços de pau e pedras, para diminuir a velocidade da corrente e facilitar o depósito do ouro. Vimos um único faisgador; tinha a aparência de um gorila apanhado no mato e olhou-nos como se fôssemos outros tantos Du Chaillus. Seus instrumentos eram o carumbé, ou gamela para o cascalho mais grosso, a bateia, para o cascalho mais fino, e um “almocafre”, que aqui se pronuncia “almocorf”.² Este último é uma enxada de ferro com a qual o cascalho é remexido, e pode ter quatro formatos: o cônico arredondado, o quadrado, o losangular e o triangular. Onde há muita água, emprega-se o monjolo³ na exploração do ouro; trata-se de uma calha em forma de trapézio, feita de varas e barro, com a extremidade elevada em um ângulo de 35°, cerca de 1 metro ou pouco mais acima do nível do córrego. O cascalho aurífero é lançado na parte superior e faz-se comer a água, ao mesmo tempo que um pedaço de couro, colocado na extremidade mais baixa e mais estreita, detém as lâminas achatadas dos diminutos grãos, que têm um peso específico sete vezes superior ao da pedra.⁴

O vale do rio ia-se fechando, à medida que avançávamos, e ficando mais pitoresco; felizmente, para nós, o céu estava nublado; nessas depressões, o calor é excessivo, especialmente no princípio da estação quente, agosto e setembro. Dentro em pouco, atravessamos a aldeia de Pompeu, muitas vezes mencionada pelos viajantes: uma capela em ruínas e paredes caídas são tudo que resta do seu antigo esplendor. Caldcleugh encontrou na margem direita do regato uma formação de ardósia de clorito, com planos de clivagem atravessados, quase em ângulos retos, por veios de quartzo largos, distintos e bem visíveis, muitas vezes auríferos. A parte superior do solo mostrava uma camada regular de fragmentos de quartzo; grande parte desse já foi, hoje, removido. Para além do Pompeu, à esquerda, ainda se ergue a velha Casa Grande da Companhia de Cuiabá, construída por Mr. Edward Oxenford.

Depois de atravessarmos o ribeirão seis vezes, avistamos um beco sem saída, antes da celebrada “Ferradura”. Esta é uma rude gruta rochosa no contraforte meridional da serra da Piedade, que fica bom no alto, e que é, para os depósitos de Cuiabá, o que é a serra para os de São José e a serra do Curral para Morro Velho. Erguendo-se a cerca de 70 metros de altura, surgiram certas “chaminés” que nos anunciavam que estávamos próximos de nosso destino. Há alguns pobres ranchos dispersos e, mais adiante,

uma forja, que produz facas e ferraduras; a velha proprietária da mina aboliu todo o luxo e usa um paletó de homem sobre uma camisa esfarrapada. No fim da sexta milha⁵ de uma estrada difícil, passamos por alguns martelos-pilões e três arrastros, com os demais equipamentos que os acompanham, e apeamos em uma casa térrea, para sermos recebidos por Mr. Brown, com uma cordialidade bem escocesa.

Depois da “Bisnaga”, como é chamada no lugar, fomos visitar os serviços de Cuiabá.⁶ A subida foi dura, pelo segmento oriental da “Ferradura”, que, segundo se diz, tem seis filões diversos, correndo de leste para oeste. A parte inferior da formação é, de longe, a mais rica, e pertence à família Vaz, que, através de um grosseiro trabalho manual, produz cinco oitavas de mineral por tonelada. A parte da companhia, situada mais acima, é sabidamente pobre, e, para o norte, os filões são muito alterados. À medida que avançávamos, podíamos ver a ardósia argilosa inclinando-se de oeste para leste, e as montanhas aparentemente para oeste; não se sabe como os estratos sustentam a formação mineral.

Passamos pelo “Serrote”, serviços a meio caminho, numa elevação que corre mais ou menos de norte para o sul, e que os mineiros chamam de “abandonados”. À esquerda e mais no alto, estava a pequena povoação mineira de Cuiabá. Entramos na Galeria de Terra Vermelha, a mineração mais alta, e com cerca de 90 metros de comprimento; não havendo meios de ventilação, a fumaça das últimas explosões enchia a galeria. Não pude ver qualquer possibilidade de drenagem, e cheguei à conclusão de que a água impediria novos trabalhos de abertura e perfuração. O teto parecia sólido, mas escavações prolongadas exigirão em breve o revestimento de madeira. A formação é a mesma que a de Morro Velho: quartzo e piritas, mas estas últimas não estão igualmente disseminadas e as sucatas são ricas, ao passo que o volume aproveitável é pobre. A pirita é, segundo parece, de cobre, podendo conter prata com arsênico. Os brasileiros têm diversos nomes para chamar a rocha, “pedra de campo”, blocos de quartzo; “olho-de-porco”, um quartzo azul com piritas de ferro e ouro solto;⁷ “caco” quartzo macio, granular, contendo o precioso metal em olhos, e a “lapa”, a “killas” habitual. Têm sido retiradas até 33 gramas em três toneladas de pedra. O emprego de explosões tem de ser considerável, mas, como o material é mais quebradiço que o de Morro Velho, é mais fácil de britar e triturar. O trabalho de amalgamação ainda não é usado.

Na metade do caminho, fica a galeria rasa de escoamento, que tem quinze anos de idade e cerca de 240 metros de comprimento: foi dirigida para encontrar o “Serrote” e assegurar o escoamento das águas da mina acima daquela região. Encontramos uma linha férrea em miniatura e primitiva, cujos trilhos de madeira, onde mais expostos ao atrito, têm projeções de finas chapas metálicas.⁸ Em seguida, visitamos o ponto mais baixo, o “Nível de Vivian”, aliás “Mina do Cedro”, com trinta braças de comprimento. Essa galeria servirá para a drenagem, em um ponto mais baixo, do Serrote e da Fonte Grande, que lhe fica vizinha, à esquerda. A linha era de argila macia e muito úmida; sua direção para oeste parece correr sob a ravina e o córrego da Fonte Grande, que ficam à nossa direita, e dali passar, em linha reta, sob uma massa imprestável de “killas”. Uma dúzia mais ou menos de homens preparando para manter a linha do trenzinho em um caminho recentemente aberto, que chega até o local de britagem que fica 15 metros abaixo das galerias, e está 66 metros acima do local de trituração.

Tínhamos cumprido um bom dia de trabalho, e estávamos dispostos a receber nosso quinhão de descanso. A casa não é uma Casa Grande, mas de modo algum menos hospitaleira, e Mrs. Gordon não se esquecera, também, de preparar-nos um grande cesto de provisões. A tarde, já se aproximando do fim, estava deliciosa: fresca e clara. Nosso amável anfitrião, Mr. Brown, mora no Brasil há sete ou oito anos. Veio como tesoureiro e gerente, sob as ordens do Tribunal do Lorde Chanceler, da Companhia de Cocais, que, de acordo com o requerido pelos acionistas, estava em regime de intervenção. Era necessário “realizar” e regularizar a situação sem exigir nova contribuição dos acionistas, que não se acham registrados. Mr. Brown conservou toda a sua energia; orgulha-se de sua casa ter a única impressora particular da Província e sugere a formação de uma companhia com um capital de £100.000, dividido em 20.000 ações. A propriedade, uma península entre os rios Macaúbas e Gaia, tem sete milhas de comprimento por duas ou três de largura, e conta com boa provisão de água e madeira. Os seis filões têm sido um tanto mal explorados, embora antigamente tenham trabalhado, ao mesmo tempo, cerca do cem martelos-pilões, e produzem de 7,5 a 57 gramas por tonelada, sendo a areia triturada simplesmente peneirada. O terreno pertence, atualmente, a muitos pequenos proprietários brasileiros, e apenas uma perto deles, nem grande nem valiosa,

faz parte do patrimônio da Companhia do Cocais. Por outro lado, apenas um mineiro inglês e quarenta ou cinquenta nativos são empregados; e a mineração – do mesmo modo que a agricultura, as corridas ou os balões – não lucrativa em pequena escala.

Mais algumas palavras, a respeito da Companhia de Cocais, aliás “National Brazilian Mining Association” – mesmo os estrangeiros aqui ficam gostando dos nomes sonoros. O pequeno arraial de Nossa Senhora dos Cocais⁹ fica à margem do rio Una, na mesma cadeia de montanhas de Gongo Soco, que está situada a cerca de oito milhas para sudoeste; é um lugar frio e úmido, mas saudável, a 1.130 metros acima do nível do mar, distante 32 milhas de Sabará e 50 de Ouro Preto. O Dr. Couto, que a visitou em 1801, informa que o ribeiro, outrora rico, tinha sido inteiramente explorado, “todo lavado”, e que os mineiros tinham galgado os morros para encontrar lavras melhores; acrescenta ter encontrado, nas elevações, montões de refugos de cobre cinzento e vermelho. Ainda reside ali o “Presidente intruso”, José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, que assumiu o governo de Minas em 1842, e é hoje Barão de Cocais e comandante da Guarda Nacional.¹⁰

O filão é constituído de jacutinga. Há ali um xisto micáceo de ferro ou ardósia, com inclinação de cerca de 30° para oeste, estriado, pintalgado do branco e preto, era macio e friável, ora duro e transformando-se em arenito ferruginoso. As paredes do filão geralmente são de ardósia argilosa azul e a parede inferior compõe-se de fino ferro micáceo especular, em grandes lajes, polidas como espelhos. Os melhores ramos são toleravelmente ricos. Há três camadas, ou duas segundo alguns, de formação piritíferas, na parte da propriedade que contém minerais; essas camadas têm inclinação do oeste para leste e a contracamada fica a cerca do 40° sul.

Em 1830, o Sr. Ferdinand Halfeld fez o levantamento das terras, que pertenciam a diversos brasileiros, dos quais o principal era o Barão de Cocais. Três anos depois, foram arrendadas, pelo prazo de cinquenta anos, à Companhia, e o arrendamento ainda tem, portanto, cerca de dezesseis anos de vigência. O comissário-chefe, Mr. Macdonald, e o chefe da mina, Mr. Treloar, iniciaram o trabalho em junho de 1834. Sob a direção de Mr. Roscoe, Mr. Goodair (um inglês nascido em Portugal), do falecido Henry Oxenford, Senior e do Dr. Gunning – que veio para o Brasil como “missionário médico”! –, a mina rendeu cerca de £100.000, mas jamais

conseguiu compensar as despesas. Quando Gardner visitou Cocais, o custo total ia a £200.000. A galeria principal tinha cinqüenta braças de profundidade e os trabalhadores eram trinta brasileiros livres, trinta mineiros ingleses e 300 “negros da Companhia”. Gardner admirou a notável igreja e as casas, com ricos jardins, afirmando que a aldeia era a mais bela que vira em Minas. Em 1850, o Dr. Walker achou a água tão profunda que a mina se tornara inexplorável. Em 1851, houve uma “corrida”: as paredes se ajuntaram, e o madeiramento esmagado arrastou a engrenagem da bomba, paralisou a maquinaria e encheu a galeria de fragmentos de rochas. Mr. William Treloar pôs fim às atividades. O arrendamento não expirado da empresa pode facilmente ser revigorado, mas a taxa sobre os direitos de exploração tem de ser reduzida de 10 para 4%, para que a exploração possa dar lucro.

* * * * *

Em Sabará, concluímos 500 milhas de viagem por terra através da parte mais rica e mais conhecida de Minas Gerais. Aqui, contudo, termina a parte do excursionista, um roteiro que, como já disse antes, formará, em breve, uma seção do “Grand Tour” do século XIX. O que virá em seguida não é propriamente uma viagem de recreio descendo o Tâmisia ou subindo o Reno: haverá muito sol, muita chuva e ventos furiosos a serem enfrentados; apresenta-se diante de nós bastante esforço, privações e cansaço, com o risco suficiente para dar animação à narrativa; e, finalmente, temos pela frente cerca de 1.300 milhas a serem cobertas com a mais desconjuntada das embarcações, tapada com barro de Sabará.

NOTAS DO CAPÍTULO XLI

1. No cume, o aneróide do Pelissier deu: P. B. 26, 24, temp. 77° = 1.160 metros. Na ponte de Sabará, no nível do rio, P. B. 29,32, temp. 78° = 190 metros M. Liais, contudo, achou para esse último lugar 695 metros aproximadamente 200 mais baixo do que o morro da Cruz, e estes algarismos estão, evidentemente, corretos. M. Buriel (*L'Empire du Brésil*) apresenta o seguinte quadro do altitudes:

Itambé	1.816 metros acima do nível do mar
Piedade	1.774 metros acima do nível do mar
Itacolumi	1.754 metros acima do nível do mar
Itabira	1.590 metros acima do nível do mar

2. Nos dicionários, encontramos “almocafre” e “almocafó”, que Morais explica: “Sacho com bico ou ponta, usado na mineração.” A palavra é, provavelmente, a arábica “Mikhraf”, instrumento para colher. A forma mais comum é o arco elíptico.
3. Muitos monjolos são vistos no rio das Velhas, cuja população ainda acredita na canjica, ou pepitas de ouro; depois de 1801, contudo, foram encontradas pouquíssimas delas.
4. St. Hilaire (III, ii. 143) chama esse grosseiro aparelho de “cuiacá”, provavelmente uma expressão peculiar a Goiás; ele não apresenta o couro, e, assim, desperdiça o ouro.
5. O Dr. Gardner diz duas léguas (presumo que geográficas) de Sabará. O prospecto da “East Del Rey Company” tornou aquele último lugar distante da “St. John Del Rey” sete milhas. Eu diria nove, com um total de quinze até Cuiabá.
6. O fruto da curcubitácea, em forma de garrafa, é chamada cabaça (a “calabash” em inglês); “cuiá” é uma parte da cabeça usada pelos Índios como caçarola ou copo, e “abá” significa “o lugar de”. O nome da capital da Província de Mato Grosso em geral é escrito “Cuyabá” e o da mina, “Cuiabá”.
7. Vi alguns magníficos exemplares dessa rocha procedentes de um lugar próximo da cidade de São Paulo.
8. No Brasil, onde as madeiras, duras como muitos metais, são abundantes e baratas, é estranho que essas ferrovias em miniatura não tenham sido geralmente adotadas para outros serviços.
9. Não visitei Cocais. Cocal, palavra encontrada no rio São Francisco, é uma plantação de coco (*Cocculus indicus*, que Morais também chama de mata-piolho e diz ser usado para narcotizar os peixes). St. Hil. (I. i. 444) sugere que possa ser o plural de “cocão”, *une sorte de bois du Brésil que l'on emploie dans les charpentes*. O plural de “cocão”, porém, é “cocões”, e não “cocais”.
10. Ele não é rico, tendo dividido entre os filhos quase todos os seus bens, exceto a casa em que reside. Seu irmão, Coronel Felício José Pinto Coelho da Cunha, foi o primeiro marido da falecida Marquesa de Santos, célebre por sua beleza.

.....

Índice Onomástico

A

Abreu, Capistrano de – 360
Adams – 437
Adão – 218
Afonso, Martim – 265
Agassiz, Luís – 25
Agostinho – 182
Aguiar, José de – 372
Aimard, M. Gustave – 268
Albuquerque (governador) – 507
Albuquerque, Antônio Vieira de Sá – 46
Acióli (coronel) – 37
Alejadinho – 161, 437
Alencar, José de – 236
Alexander – 323
Ali, Mirza Moliamed – 162
Almeida, Joaquim de – 150, 171
Almeida, José Joaquim Correia de – 491
Almeida, Pedro de – 184, 457
Alvarenga, Araújo da Cunha – 345
Alvarenga, Batista Inácio de – 156
Alvarenga, Manuel Inácio da Silva – 434
Amaral – 148
Amaral, Salvador Carvalho Gurgel do – 416, 418
Ambrósio – 182
Amós – 221
Andrada, Martim Francisco Ribeiro de – 37
Andrade, Antônia Carolina de Campos – 157
Andrade, Francisco de Paula Freire de – 416
Andrew – 244, 304
Antônio (guia) – 130, 136
Antônio, João de Santo – 343, 350
Arautes, Leandro Francisco – 382
Araújo, José de Sousa Azevedo Pizarro – 36
Arzão, Antônio Rodrigues – 151
Assumpção, Miguel de – 190
Astier – 504
Aubertin, Mr. J. J. – 329
Austin, Richard – 339
Azevedo, José Antônio de – 203
Azevedo, Moreira de – 164

B

B. – 381
Bacon – 441
Baependi – 155
Baracho, Gonçalo de Freitas – 151
Barão de Cartas Altas – 258, 505
Barão de Sabará – 505
Barbacena, Visconde de – 433
Barbosa, Domingos Vidal de – 416, 418, 434
Barbosa, Júlio Horta – 186
Barléu, Gaspar – 24
Baro, Rouloux – 24
Barros, Mariana Teles de – 473
Baruc – 221
Bastos Júnior, Aureliano Cândido Tavares – 46
Bastos, Genoveva Pereira – 492
Bates, Henry Walter – 25, 26, 145, 236
Batre – 139
Bel – 191
Belus – 191
Benedita, Maria – 175
Benedito XIV – 395
Benedito, Luís de Castro – 419
Bentley – 269
Bertrand, Arthur – 34
Berzelius – 267
Biard, M. – 24
Biffin – 161
Birt – 295, 343
Bitturcourt – 269
Blanchard – 483
Bonaparte, Napoleão – 369, 441
Bonpland – 24
Borges, Joaquim – 343, 493
Brigham – 152
Brito, Basílio de – 435
Brochado, Cândido José de Araújo – 505
Brokenshar – 351
Brougham, Lord – 333
Brown – 374, 515, 516
Buckle – 461
Bueno, Bartolomeu – 225

522 *Richard Burton*

Buffon – 461
Bull, John – 46, 462
Burmeister – 24, 211, 193, 142, 228, 235
Burns, Robert – 479
Burton, Isabel – 20
Burton, Richard F. – 13, 14, 15, 18, 19
Buxton, Thomas Fowell – 339

C

Cabral, J. E. S. – 37
Cabral, José Marcelino Rocha – 397
Cabral, Sebastião da Veiga – 457
Caetano, Batista – 156
Caldcleugh – 219, 283, 295
Campos, Carlos Carneiro de – 157
Cardoso, Antônio José – 209
Carlos III – 269
Carlos VII – 423
Carnaglioto, João Batista – 397
Carvalho, Antônio de Albuquerque Coelho de – 148
Carvalho, Elias Pinto – 430
Casal, Manuel Aires – 36
Castelnau, Francis de – 24, 35, 299
Castilho – 47
Castro, André de Melo – 458
Castro, João Francisco de Paula – 482
Castro, José de – 416
Castro, Leandro Rabelo Peixoto de (padre) – 218, 376
Castro, Lucas Antônio Monteiro de – 224
Castro, Manuel de Portugal – 459
César, Júlio – 506
César – 177
Chandless, William – 25
Charles – 338
Chaves, Cipriano Rodrigues – 199
Chaves, Francisco de – 250
Chaves, João Lopes Teixeira – 206
Chico – 46, 206
Cipriano – 396
Cliffe – 232
Clyde, Lorde – 343
Cocking, Henry D. – 244
Codman, John – 25
Colburn – 269

Colenso – 191
Conceição, Isadora Maria da – 473
Conrado – 506
Copsey – 141
Copsy – 150, 156, 157, 179, 181, 186, 200, 201
Coriolano, Francisco – 243
Costa, Antônio José da – 214
Costa, Cláudio Manuel da – 396, 416, 434
Costa, Dr. Cláudio Manuel da – 416, 429
Costa, João Antônio Ferreira da – 157
Costa, João Pereira da – 365
Costa, José de Resende – 416, 418
Costesworth – 230, 231
Coutinho, Bento Amaral – 147
Coutinho, João Alves de Sousa – 24, 373
Couto – 133, 200, 209, 237, 239, 492, 507
Couto – 248, 251, 346, 353, 382, 388, 393
Couto, José Vieira – 24, 37
Crawford – 321
Cromwell – 415
Cruz, Zeferino da – 473
Cunha, João Rodrigues da – 218
Cunha, José Alves da – 258
Cunha, José Feliciano Pinto Coelho da – 517
Cyries, J. B. B. – 34

D

D. Dioga – 437
D. Fernando – 153
D. João V – 148, 151, 184, 393, 395, 459
D. Maria I – 418, 459
D. Pedro II – 38, 164, 218
D. Amélia (imperatriz) – 396
D'Abbeville – 24
D'Evreux, Yves – 24, 473
Daniel – 221
Dantas, Manuel Pinto de Sousa – 46
Daomé – 182
Dapper – 24
D'Arc, Joana – 390
Dart – 234
Davy – 257
De Lery – 475
Denis, M. Ferdinand – 386
Dias, Antônio – 438, 457
Dias, Gonçalves – 38

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho 523

Dic – 187
Dietsch – 311, 252
Dirceu – 437
Dodge, Frank – 271
Dozy – 191
Drummond, Antônio de Meneses – 37
Duarte, José Rodrigues – 438
Dumont, Henrique – 279, 334, 503
Dundee – 187
Dunn – 25
Durão, José de Santa Rita – 208, 385
Duval, Richard J. – 157
Duval, Charles – 184, 187
Duval, George Vincent – 157, 259

E

Emanuel, Harry – 267
Emery, João – 377
Eschwege, von (barão) – 24, 406
Estlick, James – 301
Eva – 218
Evans – 218
Ewbank, Thomas – 25
Expilly, M. – 24
Ezequiel – 221

F

Faria, José de – 175
Feijó – 475
Ferrão, João Carlos Xavier da Silva – 432
Ferreira, Alexandre Rodrigues – 23
Ferreira, Antônio – 390
Ferreira, Cristovão José – 172
Ferreira, Inácio de Sousa – 458
Ferreira, Jesuíno José – 171
Ferri, Mário – 16
Figueiredo, Camilo da Cunha – 482
Figueiroa, Joaquim Borges de – 396
Filipe dos Santos – 457
Findlay, Alexander – 36
Fitzpatrick – 275
Fletcher – 25
Fonseca, Francisco Ferreira da – 202
França, Manuel – 233
Fracatelli, M. – 323
Francisco de Monte Alverne – 457

Francisco, Manuel – 458
Frank – 46
Franklin – 437
Freitas, Antônio (padre) – 258, 275, 283
Freyness – 339

G

Galway, Martin de – 479
Gama, José Basílio da – 185
Garcia, Manuel – 402
Gardner – 25, 152, 203, 259, 284, 306, 345,
375, 394, 406, 423, 450, 473, 518
Garrett, Almeida – 436
Gaspar da Madre de Deus – 455
Gaston – 25
Gato, Manuel de Borba – 147, 151
Gaume – 395
Gehrcke – 244
Genes, Joaquim Silvério dos Reis Laira – 417
Geordier – 257, 306
Gerardin, Emile de – 481
Gerber – 142, 187, 193, 235, 240
Gibbon – 25
Gilchrist, Mr. – 341
Goethe – 499
Gomes, André – 502
Gomes, João da Silva Pereira – 171
Gonzaga, Thomás Antônio – 416, 417, 432,
433, 434, 435, 511
Goodair – 517
Gordon – 275, 294, 301, 305, 306, 340, 343,
349, 353, 364, 365, 375, 377, 381, 384,
511, 513, 516
Gordon, J. N. – 129, 235, 245
Grand, Louis le – 423
Gray – 297
Gregório VII – 182, 219
Guadalupe, Antônio de (frei) – 503
Guimarães, Joaquim da Silva – 38
Guimarães, Pascoal da Silva – 457
Gunning – 346, 517

H

Habacuc – 221
Hadfield – 25
Halfeld, Ferdinand – 450, 513, 517

524 *Richard Burton*

Halfeld, Henrique Guilherme Fernando –
38, 39

Hamerton – 410

Hanwood – 259

Harmônica – 507

Hayden, Thos – 197

Helmreinchen – 257

Henderson, James – 35

Henriques, José – 491

Henwood, William Jory – 269

Herdon – 146

Hernden – 25

Herring – 285

Hil, St. – 131, 143, 153, 211, 220, 228, 329

Hinchcliff – 347

Hipócrates – 461

Hosius – 149

Hosken – 403

Humboldt – 24, 261, 306, 513

Hunt, George Lenon – 46

I

Inocência IV – 219

Isaías – 221

Isidoro – 258, 269

J

Jackson, John – 304

Jacquemont, M. – 332

Jacques, João – 164

Jardim, David Ricardo – 16

Jeremias – 221

Jerônimo – 182

Jesus, Manuel de – 158

João de Faria – 447

João Ferreira Diniz – 457

Joaquim – 275

Joel – 221

Johnson – 240

Jonas – 221

Jorge I – 140

Judas – 215

Julius – 309

Jun, Chas Herring – 173

Jussieu, M. M. – 35

Justiniano, Francisco – 175

K

Kenidjack – 513

Keogh – 285, 340

Kidder – 25, 475

Kitchener – 243

Knox – 299, 461

Koerbele, M. – 466

Kollonitz, Paula von (condessa) – 478

Koster – 25, 32, 145

Krapi – 204

L

L' Pool – 128, 234, 301, 499

La Condamine – 24

Lacerda – 24

Lamartine – 481

Lana, José da Costa – 447, 452

Lancastro, Fernando Martins Mascarenhas de
– 148

Land, George F. – 51

Langsdorff – 24

Lavradio, Marquês de – 133

Lee – 150, 161, 167, 180

Lehmann – 252

Leme, Fernão Dias Pais – 151

Liais, M. – 24, 39, 198, 513

Lima, João Lopes de – 402, 393

Lisboa, João de Sousa – 438

Lobo, José Joaquim de Freitas – 345

Lobo, Pedro – 250

Locke – 441

Lopes, Francisco Antônio de Oliveira – 416,
417

Lopez – 479

Lorena, Bernardo José de – 24

Lourenço, Frei – 433

Luccok, John – 25, 218, 220, 221

Lund – 25

Lyon – 258, 277, 283

M

M' Intyre – 245

Macdonald – 517

Macedo, Francisco Cesário de – 384, 385

Macedo, João Rodrigues – 429

Machado, Francisco de Paula – 175

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho 525

- Machado, Policena Tertuliano de Oliveira – 157
Maciel, José Alves – 416
Mafra, M. J. – 436
Magalhães, Custódio de Almeida – 150
Magalhães, Mateus Lopes de – 350
Malagrida, Gabriel – 395
Malheiro, Basílio de Brito – 417
Mandeville, Bernard de – 478
Mansfield, B. – 338
Marçal – 429
Marcgraff – 24, 152
Marcos, Antônio – 278, 365, 503
Marília – 432, 433, 434, 436, 438
Marinho, Joaquim Saldanha – 424
Marinho, José Antônio – 37
Martens, Domingo – 409
Martin – 406
Martins, Antônio de Assis – 37, 438
Martius – 203, 513
Mascarenhas, Juliana de Sousa – 436
Matthew – 246
Mawe, John – 25, 421
Max – 34, 141, 142, 146, 153, 480
McRogers – 403
Meireles – 135, 137
Meneses, Francisco de – 506
Meneses, José Teles de – 473
Merryman – 140
Metastásio – 436
Miguel – 130, 343, 388
Militão – 227
Millet, J. C. R. – 37
Milton – 152
Milward – 181, 182, 184, 187
Miranda, Demétrio Correia de – 353
Miranda, João José Carneiro e – 373
Mockett, George – 388
Monach, Robert – 294
Monglave, M. Eugène Garay de – 386
Montaigne – 24
Montanus, Arnoldus – 24
Montenegro – 433
Montesquieu – 448
Moore, Tommy – 436
Morais – 309
Morais, José de – 38
Morgan, George – 246, 285, 318
Morgan, John – 259
Mornay, A. F. – 229, 230
Morren – 175
Morrit – 54
Morsing, Chas A. – 197
Moshesh – 231
Moura, Carlos Pereira Freire de – 397
Mtesa – 211
Muller – 499
Murat – 507
Murchison, Roderick Sir – 266
Muzzio, H. C. – 430
- N**
- Nahum – 221
Napoleão I – 416
Natterer – 24
Neilgherry – 246
Neuhof, G. – 24
Neuwied, Maximiliano de Wied (príncipe) – 24
Nóbrega – 148
Nogueira, Eugênio Celso – 413
Nogueira, José – 397
Noronha, Manuel da Câmara – 257
- O**
- Obadias – 221
Oliveira, Henrique Veloso de – 38
Oliveira, Martins e T. – 37
Ollivant – 447
Oseas – 221
Ouseley, W. G. – 339
Oxford, Edward – 258
Oxford, Henry – 517
- P**
- Paccini, Pascual – 397
Palmireno, Alcindo – 157
Pamplona, Inácio Correia – 417
Pascual – 339
Payen, M. – 317
Peixoto, Inácio José Alvarenga – 416, 417, 434
Peixoto, José Maria Pinto – 459

526 *Richard Burton*

Pen – 232
Pena – 406
Penido, Jerônimo Maximiliano Nogueira – 437
Pereira, Joaquim Francisco de Assis – 171
Pereira, José Clemente – 237
Pereira, Rodrigues Benjamin – 482
Perth – 187
Pimentel – 171
Pimentel, Ana – 327
Pimentel, Aureliano Pereira Correia – 171
Pinto, Francisco Vieira – 348
Pinto, José Fernandes – 430
Pinto, Silva – 239, 243,
Pio VI – 396
Pires – 405
Pires, José Francisco – 137, 224
Plínio – 255
Pohl – 24
Pol – 232
Poll, L' – 301, 343
Pontevel, Domingos da Encarnação – 396
Prado, Antônio de Sousa – 253
Prático – 232
Prazeres, Maria dos – 505
Prichard – 461
Príncipe Max – 474
Putifar – 477

Q

Queiroga – 433

R

Rabelais – 262
Rafael – 384
Reay – 344
Reichennbach, Oscar – 331
Reid, Mayne – 268
Reis, Bartolomeu Manuel Mendes dos – 396
Renault – 132, 135
Resende – 419
Ribeiro, Joaquim Felizardo – 297
Ribeiro, Miguel – 148
Rita – 345
Ritchie – 258
Robertson – 261
Robinson, John P. – 232
Rocha, Antônio Marcos da – 244
Rocha, Francisco de Paula – 506
Rodrigues, José Antônio – 154, 155, 161, 164
Rondon, Francisco de – 506
Rosa – 492
Rosa Mundi – 438
Rosa, Joaquim Pinto – 431
Rosa, Manoel Mosqueira da – 457
Roscoe – 517
Rouse – 281
Rousseau, J. J. – 158

S

Sá, Artur de – 148
Sá, Inácio Correia de – 396
Saint-Hilaire, Auguste – 24, 34, 36, 45, 203,
211, 243, 249, 268, 333, 461, 473, 479,
480
Sand, Maurice – 461
Santa Luzia – 457
Santo Agostinho – 416
Santos, Francisco de Paula – 260, 334, 356,
406, 411
São Carlos, Francisco de – 171
São Januário – 507
São Paulo – 416
Sassuhy, Pizarro – 211
Schiller – 445
Schuch – 24
Sebastião – 175
Silva Júnior, Antônio Xavier da – 471
Silva, Antônio Diniz da Cruz e – 418
Silva, Bartolomeu Bueno da – 151, 506
Silva, Cândido José da – 170
Silva, J. M. Pereira – 164
Silva, Joaquim Norberto de Sousa e – 447
Silva, José Augusto Pereira da – 502
Silva, José Bonifácio de Andrada e – 24, 37
Silva, Norberto de Sousa – 449
Silveira, Brás Baltasar – 349, 457
Sipolis, François – 376, 377
Sipolis, Michel – 376
Skerrett – 258, 259
Smyth, James – 245, 294, 315
Soares, Domingos – 237
Soares, Luís – 355

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho 527

Sousa, José Peixoto de – 411
Sousa, Luís de Vasconcelos e – 416
Sousa, Martim Afonso de – 250, 327
Southey, Robert – 35
Speke – 211
Spiers, Saul – 421
Spix – 203, 211, 513
Spruce, R. – 25, 356
Staden, Hans – 24
Stanley – 17
Stephenson, Geordy – 302
Stephenson, Robert – 231
Such – 172, 173
Sussuhy, Martius – 211
Symons, Francis S. – 388, 402, 408

T

Taylor, E. B. – 228
Taylor, J.W. – 250
Teixeira (bacharel) – 138
Teixeira, José – 227
Terling – 28
Tiradentes (ver Joaquim José da Silva Xavier)
Toledo, Luís Vaz de – 416, 417
Tomás, Manuel – 372
Tourinho, Sebastião Fernandes – 151
Tre – 232
Tregoning – 258
Treloar, Thomas – 388, 403, 404, 405
Treloar, Thos – 313
Treloar, William – 517, 518
Trindade, José da Santíssima – 396

U

Ulhoa, Antônio de – 211

V

Valério, Rodrigues – 225
Varnhagen – 24, 35, 152
Vasconcelos, Bernardo Pereira de – 437
Vasconcelos, Diogo Pereira Ribeiro de – 437
Vasconcelos, José Teixeira da Fonseca – 460
Vaz – 344, 504
Veiga, Bernardo Jacinto da – 37
Vergueiro, José – 253

Viana, José Lopes da Silva – 505
Viana, Manuel Joaquim de Castro – 157
Viana, Manuel Nunes – 147
Viana, Manuel Pereira de Melo – 507, 508
Vicente Botelho – 457
Viçoso, Antônio Ferreira – 394
Vidal – 418
Vieira – 175
Vieira, Chico – 348
Vieira, Domingos de Abreu – 416
Vieira, José Inocêncio de Morais – 39
Vieira, Juca – 350
Vieira, Martinho – 457
Villeneuve – 37
Visconde de Barbacena – 416

W

Walker – 240
Walker, Thomas (Dr.) – 240, 285, 295, 333, 343, 518
Wallace, A. R. – 145
Wallace, A. P. – 25
Walsh – 25, 36, 141, 142, 151, 153, 156, 172, 186, 198, 210, 211, 221, 249, 269, 347, 421, 449, 466
Weddell – 235
Weir – 245, 299
Wesley, Arthur – 441
Westminster – 159
Wethrill, Charles – 449
Whittaker, John – 197, 199, 202, 210, 301, 305
Williams, Charles H. – 143, 145, 152
Williams, Zachariah – 303, 304
Winslow – 308
Witham – 28
Wood – 25, 298
Wright, Charles – 285
Write – 298

X

Xavier, Joaquim José da Silva – 415, 416, 417, 419, 435

Z

Zeferino – 507

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, de Richard Burton, foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel Vergê Areia 85g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em dezembro de 2001, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.